

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

6



1996
OEIRAS

**ESTUDOS
ARQUEOLÓGICOS
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

PREFÁCIO

Quando Oeiras se prepara, de forma pensada e cada vez mais amadurecida, para entrar no século XXI com vitalidade e qualidade acrescidas, torna-se necessário meditar sobre o passado desta região que é a nossa, aproveitando do seu estudo todos os ensinamentos úteis e necessários à construção da sociedade do futuro.

Em Oeiras, das profundezas do tempo, emergem indícios de como antigos desenvolvimentos desarmónicos, que hoje diríamos “não sustentados”, terão conduzido ao colapso de recuadas comunidades humanas. Com efeito, durante os inícios do quarto milénio a.C., assistiu-se à construção do imponente povoado fortificado de Leceia, testemunho de sociedade cada vez mais complexa e numerosa. O modelo de desenvolvimento adoptado, ainda que inconscientemente, exigindo a captação de recursos naturais muito para além daqueles que seria viável obter na época, esteve na origem da decadência e desaparecimento das sucessivas gerações que o habitaram, que assim viram chegar ao fim a sua própria existência.

Eis como o modo como pensamos e repensamos o nosso próprio relacionamento com o meio em que vivemos, traçando, em cada momento, os contornos dessa difícil mas vital coexistência, se pode, num ápice, transpor para um passado, velho de mais de quarenta e cinco séculos, tornado subitamente actual.

São contributos inovadores como este para a compreensão da realidade presente que justificam, entre outros, a razão do volume 6 da série “Estudos Arqueológicos de Oeiras” que, iniciada em 1991, se destina a dar público conhecimento da investigação arqueológica desenvolvida no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Os dezanove artigos que o integram evidenciam o vigor e empenho ímpares com que o Prof. Doutor João Luís Cardoso tem conduzido e levado à prática, de modo exemplar, os grandes princípios que estiveram na origem, em 1988, e por minha iniciativa, do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.


O notável contributo que esta Unidade Orgânica da Câmara a que presido tem prestado para o conhecimento do mais longínquo passado oeirense e, de modo mais geral, da vasta região onde o território concelhio, naturalmente, se insere, avalia-se facilmente pela obra feita, de tal modo é evidente o contraste relativamente à situação anterior.

O papel deste Centro de Estudos Arqueológicos, que se quer vivo, criativo e actuante, encontra-se bem espelhado, desde o mais rigoroso estudo de campo ou de gabinete, até à participação em grandes iniciativas promovidas pelo Município, corporizando a importante vertente de divulgação do Património Arqueológico, a par das numerosas palestras e visitas guiadas que fazem parte da sua acção do dia a dia. Foi o caso, logo em 1989, da sua representação na I Feira do Desenvolvimento do Concelho de Oeiras até à colaboração, neste final de 1996, na Exposição “Preparar Oeiras para o século XXI”, integrada no I Fórum da Sustentabilidade de Oeiras, numa clara afirmação de energia, iniciativa e vontade de concretização, afinal os grandes desígnios que, desde sempre, nortearam a minha acção como Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

A qualidade do trabalho desenvolvido pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso justificou a distinção que a Câmara Municipal de Oeiras lhe prestou ao conferir-lhe, no ano transacto, a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, distinção que foi, neste ano de 1996, reafirmada por altas instâncias académicas nacionais: à entrega do Prémio Professor Carlos Teixeira, da Academia das Ciências de Lisboa, a obra de sua autoria editada por esta Câmara Municipal, seguiu-se a sua eleição como Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História, para a qual contribuiu, certamente, os estudos que, no âmbito do Centro de Estudos Arqueológicos vem efectuando em prol da inventariação, investigação e divulgação do Património Arqueológico oeirense.

Por tudo o que foi dito, é com viva satisfação que promovo a edição deste volume, agradecendo, também em nome da Câmara Municipal a que presido, a todos os ilustres autores que nele foram chamados a colaborar.

O Presidente



ISALTINO DE MORAIS

APRESENTAÇÃO

Se hoje festejamos o lançamento do sexto volume dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras” é porque, num já longínquo dia de Agosto de 1986 houve alguém que decidiu avaliar “in loco” os resultados de umas então quase ignotas escavações arqueológicas, ainda no começo, que vinham sendo realizadas no concelho de Oeiras, alguém para cuja Presidência da Câmara havia sido recentemente eleito: refiro-me, obviamente, ao Dr. Isaltino de Moraes e ao povoado pré-histórico de Leceia. Perante a importância, científica e patrimonial, do que vinha sendo posto a descoberto, tornou-se evidente, aos olhos do autarca, quase de imediato convertido à “causa arqueológica”, depois dos primeiros momentos de algum cepticismo, as elevadas responsabilidades das autarquias na investigação, valorização e aproveitamento do Património Arqueológico existente nos territórios por elas administrados, manancial que, no nosso País, se encontra, salvo honrosas excepções, por aproveitar, e carecido, na larga maioria dos casos, de medidas urgentes, efectivas e duradouras de salvaguarda.

O decisivo impulso que, desde então, as escavações em Leceia conheceram, mercê dos apoios disponibilizados pela autarquia e também pelo IPPC/IPPAR, corporizam, exemplarmente, uma colaboração inter-institucional bem sucedida, conducente, primeiro, à definitiva protecção jurídico-legal da área de interesse arqueológico (previa-se uma urbanização para o local em 1983) e, depois, à sua investigação científica adequada, acompanhada pela recuperação das estruturas arqueológicas postas a descoberto, no quadro do pleno usufruto do espaço arqueológico, objectivo que culminará com a construção no local do Museu Municipal de Arqueologia, cujo projecto foi confiado a técnicos da Autarquia.

Os milhares de artefactos recolhidos naquela e em outras estações arqueológicas do concelho, o êxito verificado na sua adequada e credível divulgação, desde as palestras a alunos das escolas do concelho, até exposições arqueológicas de índole regional ou nacional, passando por comunicações a numerosas reuniões científicas, pela publicação de artigos em revistas de nomeada, algumas internacionais e, mesmo, pela edição de monografias, dando conta atempada dos resultados entretanto obtidos, justificaram a criação de um serviço destinado a assegurar a indispensável continuidade de tais acções que, tendo a sua origem no terreno, se projectavam por laboratórios, escolas, Museus, Universidades. Foi assim que nasceu, em 1988, o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, por proposta do Dr. Isaltino de Moraes, ao tempo um dos primeiros a ser organizado a nível autárquico. Desta forma, atingia a Arqueologia, na Câmara de Oeiras, o nível de área técnico-científica com estatuto próprio, distanciando-se do esforço individual solitário, tantas vezes incompreendido, ou, pior ainda, confundido apenas como passatempo ou actividade de ar livre, a “Arqueologia-promenade”, mais ou menos diletante. Claro que tem de haver paixão; evidentemente que é indispensável a pertinácia militante, quando os gabinetes de trabalho alcatifados se encontram substituídos por descampados poeirentos ou pela humidade das grutas. Mas, não nos iludamos: por detrás da dedicação pessoal, a Arqueologia exige uma sólida formação técnico-científica, cujas bases só a Universidade pode oferecer, por forma a ser praticada de maneira credível e consequente... a única via, aliás, susceptível de, a nível nacional, alicerçar o estatuto de maioria já alcançado em Oeiras.

Tal objectivo estará, em boa parte, nas mãos daqueles que, nas estruturas da Administração Local ou Regional, demonstrarem, na prática, a importância do seu trabalho, e as vantagens mútuas decorrentes do estabelecimento de relações profissionais com técnicos de diversa formação, sem preconceitos desusados. Como arqueólogo municipal e também como professor universitário, e docente convidado dos Mestrados de Arqueologia das Faculdades de Letras de Lisboa e do Porto e da pós-graduação em Arqueologia da Universidade Autónoma de Lisboa, verifico estarmos no caminho certo. Ciente desta realidade, e porque a protecção e valorização do património arqueológico passa, não apenas pela sua investigação mas, sobretudo, pela apresentação pública dos resultados obtidos, por iniciativa do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras foi criada uma revista especializada, os “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, destinada à publicação dos trabalhos que viessem a ser preparados no âmbito das actividades do Centro de Estudos Arqueológicos. Assumia-se, desta forma, a Câmara Municipal de Oeiras, não apenas como estrutura destinada a dar resposta às necessidades mais objectivas dos seus Municípios, mas ainda, como importante agente motivador e formador, como bem documentam os cinco volumes publicados desde 1991. De facto, o estilo que uma dada Autarquia adquire depende, mais do que da legislação em vigor, das convicções, capacidades e sensibilidades dos eleitos, asserção obviamente válida na abordagem da questão em apreço.

É assim que, naturalmente, depois do lançamento da Carta Arquelógica do concelho de Oeiras (o quarto número da série) e da edição do primeiro volume especial, constituindo extensa e bem documentada monografia sobre as escavações realizadas em Leceia, seguiu-se, o quinto e, agora, o sexto volume dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”. O seu conteúdo expressa a procura de novas vias para a investigação arqueológica tendo-se, para o efeito, recorrido à colaboração de especialistas de diversas áreas científicas, cujas vantagens seria supérfluo enaltecer.

Do Neolítico antigo à Idade Contemporânea, passando pelo Calcolítico, Idades do Bronze e do Ferro, Período Romano e Alta Idade Média, este volume constitui vasto repositório de estudos, centrados em materiais recolhidos em Leceia, verdadeiro “ex-libris” oeirense e arqueossítio de primeira grandeza no contexto peninsular, escavado quase na íntegra, no decurso dos últimos treze anos, acompanhados por numerosos outros contributos da pré-história e arqueologia oeirense, sem esquecer o interesse da publicação de textos mais teóricos, exemplarmente representados, neste volume, por artigo de inegável actualidade.

Porém, as actuais fronteiras administrativas eram desconhecidas das gerações pretéritas que ocuparam, de há centenas de milhares de anos, esta região privilegiada, ribeirinha ao Tejo e ao Oceano. Assim se explica a inclusão de estudos de área geográfica mais vasta, correspondendo aos actuais concelhos de Mafra, Sintra, Torres Vedras, Rio Maior e Loures, afirmando-se os “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, na penúria do programa editorial arqueológico nacional, como publicação especializada de índole regional. Os dezanove artigos que integram este volume, documentam tal opção, colocando a Câmara Municipal de Oeiras entre aquelas que, no País, mais consequentemente têm promovido um programa editorial nesta área, cujo alcance não se esgota na viabilização de novas e mais fortes relações dos municípios com o seu concelho, para se projectar a nível nacional e internacional.

É, pois, com satisfação pessoal que vos apresento este volume, doravante à disposição de todos, agradecendo àqueles que, com o seu trabalho, o enriqueceram e, muito em especial ao Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Isaltino de Morais, pelo inequívoco apoio que nos tem dispensado ao longo destes últimos onze anos, agradecimento que cumpre estender a todos os senhores vereadores. Tais apoios, consubstanciam-se em obra feita; este volume é, apenas, a mais recente expressão de tal evidência. Estou certo que o interesse que lhe será dispensado, desde o aluno do ensino básico ou secundário, a quem foi distribuído um trabalho sobre a pré-história oeirense, até ao mais especializado arqueólogo, passando ainda pelo investigador local, justificará largamente o esforço dispendido na sua concretização.

JOÃO LUÍS CARDOSO

ÍNDICE

	Pág.
PREFÁCIO	3
APRESENTAÇÃO	5
J. L. CARDOSO, J. R. CARREIRA & O. DA VEIGA FERREIRA Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa	9
J. L. CARDOSO Materiais arqueológicos inéditos do povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras)	27
J. L. CARDOSO, J. SOARES & C. TAVARES DA SILVA A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988	47
J. L. CARDOSO Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado de Leceia (Oeiras)	91
J. L. CARDOSO Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado	107
J. L. CARDOSO, M. TELLES ANTUNES & P. MEIN Pequenos mamíferos do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	121
J. L. CARDOSO, M. LEITÃO, O. DA VEIGA FERREIRA, C. T. NORTH, J. NORTON, J. MEDEIROS & P. FIALHO DE SOUSA O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra)	135
J. L. CARDOSO, O. DA VEIGA FERREIRA & J. R. CARREIRA O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior)	195
M. KUNST As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa	257
J. L. CARDOSO, J. NORTON & J. R. CARREIRA A ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras)	287

ÍNDICE (continuação)

	Pág.
J. R. CARREIRA, J. L. CARDOSO & F. PEIXOTO LOPES A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras).....	301
J. L. CARDOSO & J. R. CARREIRA Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra	317
J. L. CARDOSO & J. R. CARREIRA Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras)	341
J. L. CARDOSO & G. CARDOSO O povoado de Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras)	351
J. L. CARDOSO O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo.....	361
M. VARELA GOMES, J. L. CARDOSO & M. C. ANDRÉ O mosaico romano de Oeiras: estudo iconográfico, integração funcional e cronologia.....	367
J. L. CARDOSO & J. R. CARREIRA A necrópole tardo-romana e alto-medieval de Oeiras	407
J. L. CARDOSO O complexo fabril de produção de cal de Paço de Arcos. Resultados das escavações arqueológicas realizadas em um dos seus fornos	419
LUÍS RAPOSO Entre sossegos e angústias: a natureza das periodizações arqueológicas	431
Entrega do Prémio Professor Carlos Teixeira, da Academia das Ciências de Lisboa	445
Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Relatório das actividades desenvolvidas em 1996	447

NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DO NEOLÍTICO ANTIGO DA REGIÃO DE LISBOA ⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾, Júlio Roque Carreira⁽³⁾ & O. da Veiga Ferreira⁽⁴⁾

1 - INTRODUÇÃO

No decurso da revisão de espólios arqueológicos da região de Lisboa, identificaram-se em duas estações pré-históricas do concelho de Loures - o povoado das Salemas e a gruta do Correio-Mor - materiais cuja tipologia os remete para o Neolítico antigo evolucionado. Trata-se, exceptuando duas peças líticas, de materiais cerâmicos, essencialmente com decorações incisas; o quase desconhecimento, até ao presente, na região, de materiais deste tipo, esteve na origem do presente estudo.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

2.1 - Pedreira das Salemas (Loures)

Trata-se de plataforma somital rochosa, dominando de um lado o profundo vale da ribeira de Loures e, do outro, vasta encosta com pendor suave para o vale do Tejo, situado a Sul. A sua superfície, constituída por bancadas de calcários duros do Cretácico (Cenomaniano superior) encontra-se interrompida por fendas de origem cársica, formando por vezes algares, observados na frente da pedreira actualmente existente no local, recentemente reativada, em consequência da extracção de pedra para a construção da auto-estrada adjacente. As coordenadas são: 38° 52' 38" lat. N; 9° 11' 58" long. W de Greenwich (Fig. 1).

A exploração da pedreira esteve na origem da descoberta da estação. Com efeito, as cavidades cársicas encontravam-se superiormente colmatadas por terras argilo-humosas, castanho-avermelhadas a anegradas, com abundantes materiais neolíticos e calcolíticos, além de numerosos restos osteológicos. Os materiais arqueológicos foram sendo recolhidos no decurso de sucessivas visitas ao local, por G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, aquando da exploração da pedreira, nas décadas de 1950 e 1960, tendo sido já objecto de diversas publicações. A primeira, de CASTRO &

⁽¹⁾ *Coordenação do primeiro signatário.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽³⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar. 1500 Lisboa.*

⁽⁴⁾ *Instituto Geológico e Mineiro. Rua da Academia das Ciências, 19, 2.º. 1200 Lisboa.*

FERREIRA (1959), refere-se ao estudo de grande vaso de corpo parabolóide e de colo cilíndrico estrangulado, atribuído por SPINDLER (1976) ao Neolítico final. Anos volvidos sobre este estudo, os mesmos autores apresentam sumariamente o conjunto dos materiais arqueológicos recolhidos, reproduzindo fotograficamente algumas peças agora estudadas (FERREIRA & CASTRO, 1967). Uma datação pelo radiocarbono efectuada por iniciativa de um de nós (J. L. C.), sobre ossos longos humanos, deu o seguinte resultado (CARDOSO & EISENMANN, 1989):

ICEN - 351 - 6020 (\pm) 120 BP.

o qual, depois de calibrado pela curva de STUIVER & PEARSON (*Radiocarbon*, 35(1), 1993, p. 1 - 23), indica intersecção em 4916 cal AC e os seguintes intervalos:

- para 1 sigma: 5060 - 4780 cal AC;
- para 2 sigma: 5230 - 4670 cal AC (informação da A. Monge Soares, que se agradece).

Tal resultado sugere que, naquela época, o local teria sido também aproveitado como necrópole, provavelmente constituída por pequenas sepulturas individuais a céu aberto, aproveitando as reentrâncias da superfície carsificada das bancadas calcárias. A ser assim, trata-se da primeira vez que tal situação é identificada em Portugal.

2.2 - Gruta do Correio-Mor (Loures)

Trata-se de cavidade cársica destruída pela lavra de pedra de calcários cretácicos, igualmente do Cenomaniano superior. As coordenadas são as seguintes: 38° 49' 44" lat. N; 9° 10' 50" long. W de Greenwich (Fig. 1).

Os materiais agora apresentados foram recolhidos em intervenção de emergência realizada em 1974, sobretudo nas terras desmontadas pela progressão da pedra, que seccionou longitudinalmente a gruta. Não possuem, conseqüentemente, indicações estratigráficas, as quais se resumem a pequeno corte transversal executado no que subsistia do enchimento primitivo (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1980/81; FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 138); tal corte permitiu identificar uma sucessão cultural do Mustierense (nível 6) à Idade do Bronze (nível 1). O Neolítico corresponde ao nível 5 do referido corte. A ele se pode reportar uma importante acumulação de carvões e cinzas, resultante de prolongadas combustões efectuadas em área circunscrita do interior da gruta, talvez de carácter habitacional, atendendo à escassez de restos humanos exumados na cavidade.

Datação pelo radiocarbono efectuada em amostra colhida na parte mediana do referido enchimento, forneceu o seguinte resultado:

ICEN - 1099 - 6350 (\pm) 60 BP,

data que, depois de calibrada fazendo uso da curva de STUIVER & PEARSON (*Radiocarbon*, 35 (1), 1993, p. 1 - 23) corresponde a intersecção em 5274 cal AC e aos intervalos, para 2 sigma, de:

5431 - 5393 cal AC; 5388 - 5215 cal AC; 5158 - 5146 cal AC,

todos eles integráveis na segunda metade do sexto milénio AC, período a que pertencerão os materiais arqueológicos agora estudados, o que é corroborado pela respectiva tipologia.

3 - OS MATERIAIS

3.1 - Pedreira das Salemas

Foram seleccionados, de entre os numerosos artefactos líticos conservados nas colecções do Instituto Geológico e Mineiro, duas peças que se enquadram na ocupação neolítica do local: trata-se de um crescente (Fig. 2, nº. 1) e de uma ponta de flecha transversal (Fig. 2, nº. 2), ambas de sílex. Artefactos análogos a esta última, considerados como características do Neolítico, encontram-se entre outros, documentados em pintura de esteio da Orca dos Juncais, Viseu (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 120) e na oficina de talhe de sílex de época neolítica de Barotas, Leceia (CARDOSO & COSTA, 1992, Est. 1, nº. 2).

As cerâmicas cuja tipologia é atribuível ao Neolítico antigo repartem-se por três formas: os vasos em forma de saco, representados por dois fragmentos com pegas de perfuração horizontal (Fig. 3, nº. 2 e 4); uma taça hemisférica

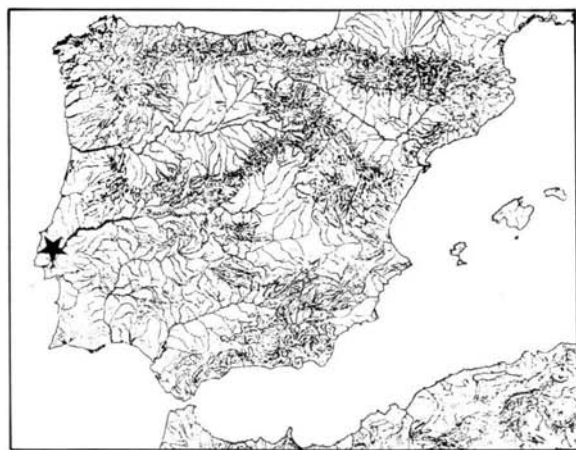


Fig. 1 – Em cima: localização das grutas do Correio-Mor e do povoado das Salemas na Península Ibérica. Em baixo: implantação do povoado das Salemas (1) e da gruta do Correio-Mor (2) na topografia regional.

(Fig. 3, nº. 1) e um esférico de bordo espessado internamente (Fig. 3, nº. 3). Há ainda a referir diversos fragmentos pertencentes a recipientes de forma indeterminada, representados na Fig. 2; as paredes são, frequentemente, espessas, o que é compatível com vasos de armazenamento, de boca pequena.

As técnicas e motivos decorativos justificam os seguintes comentários:

- três fragmentos (Fig. 2, nº. 4 e 8; Fig. 3, nº. 1) apresentam impressões feitas individualmente, por meio de punção arrastado incidindo obliquamente à superfície; nos dois primeiros +fragmentos, tais impressões são tão próximas que configuram linhas incisivas, facto que as identifica com a chamada técnica “boquique”. Têm paralelos em peças do Neolítico da Estremadura e do Sul de Portugal, do concheiro do Cabeço do Pez, Torrão (SANTOS *et al.*, 1974, Est. 4, nº. 7), das grutas naturais estremenhas da Casa da Moura, Peninche e das Bocas, Rio Maior e do povoado do Outeiro da Assenta, Óbidos (CARREIRA, 1994). Exemplos com decoração de “boquique” foram reportados, na Alta Estremadura, ao Neolítico antigo (CARVALHO & ZILHÃO, 1994) e ao Neolítico médio (ZILHÃO & CARVALHO, 1996). No exemplar restante, as impressões produzidas são mais espaçadas, não se sobrepondo, por via da regra. Esta técnica decorativa poderá estar também representada na gruta do Caldeirão em cerâmicas atribuídas por ZILHÃO (1996) ao Neolítico antigo. Porém, os desenhos publicados (Fig. 6.6, nº. 2 e 6.11, nº. 2 e 3, entre outros) não possibilitam melhor apreciação.

- dois fragmentos mostram-se decorados por impressões individuais, em duas linhas imediatamente abaixo do bordo; num dos casos, tais impressões possuem contorno sub-triangular alongado (Fig. 3, nº. 3); no outro, são de configuração sub-elíptica (Fig. 3, nº. 4). Esta técnica, e tais por motivos, são muito abundantes em numerosas estações do Neolítico antigo do território português;

- a terceira técnica respeita à execução de linhas incisivas, organizadas em diversos motivos, avultando as faixas radiais preenchidas interiormente (Fig. 2, nº. 6) e as incisões largas e horizontais, interrompidas por elementos de prensão (Fig. 3, nº. 2). O primeiro motivo encontra paralelos em exemplares da gruta da Furninha, Peninche (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 2, nº. 2) e do nível neolítico do povoado de altura de Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. I, nº. 28 e 29). O segundo motivo, menos expressivo, tem equivalente na gruta da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 45, nº. 3). Ambos os motivos têm estreitos paralelos em diversos fragmentos neolíticos do Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994, Est. 12 e 13).

- cordões em relevo - trata-se de decoração plástica, associada a curtas incisões ou impressões que, em três casos, golpeiam o cordão (Fig. 2, nº. 3, 5 e 7) e em outro o marginam, superior e inferiormente (Fig. 3, nº. 4).

Esta temática decorativa encontra expressão frequente em conjuntos cerâmicos do nosso território, do Neolítico antigo ao Neolítico final.

As pastas deste conjunto cerâmico apresentam-se de dureza média a elevada e em geral finas a médias, embora o exemplar de paredes mais espessas (Fig. 2, nº. 7) mostre grãos grosseiros. Entre os e.n.p. abundam grãos de quartzo sub-rolados, excepcionalmente bem rolados, e de feldspatos. Dois fragmentos (Fig. 2, nº. 6 e 7) mostram grãos de minerais ferromagnesianos, sugerindo produções locais ou regionais, a partir de barros resultantes da alteração de rochas basálticas, existentes na zona.

No concernente aos acabamentos superficiais, em geral erodidos, o fragmento da Fig. 3, nº. 3 conserva, parcialmente, restos de almagre avermelhado, na face externa. A tradição de revestir os vasos a almagre, é especialmente importante no Neolítico médio ou final; contudo, encontra-se presente em épocas anteriores, como se documenta em diversas estratigrafias da Andaluzia, datadas pelo radiocarbono. Acresce que, por se tratar de revestimento superficial, é frequente o seu desaparecimento, daí resultando a sua provável sub-representação nos registos arqueológicos.

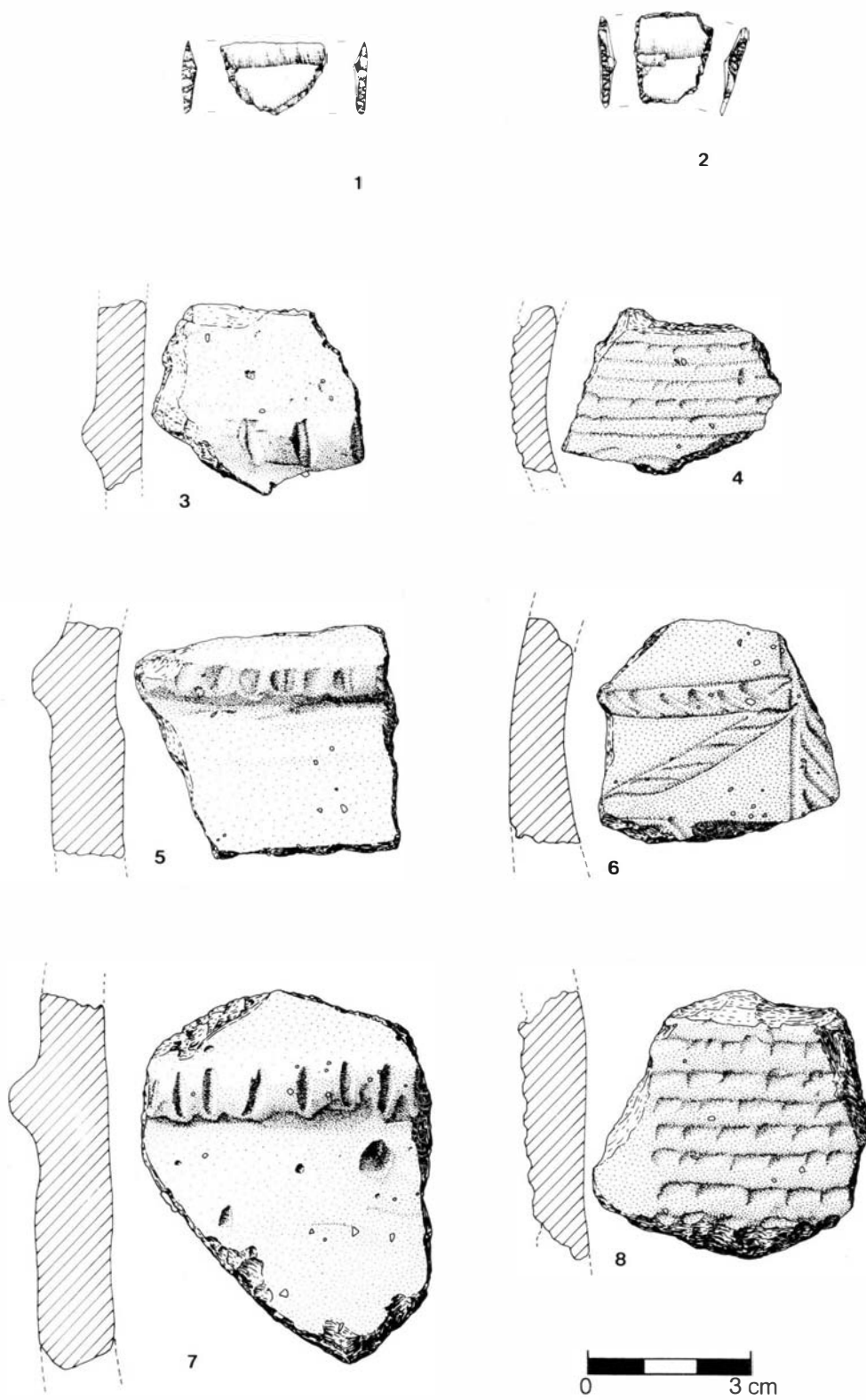


Fig. 2 – Povoado de Salemas. Indústrias microlíticas e cerâmicas neolíticas.

3.2 - Gruta do Correio-Mor

Os materiais cerâmicos agora estudados foram isolados, por critérios tipológicos, considerando a ausência de elementos estratigráficos, dos que representam épocas mais tardias da ocupação da cavidade: o Calcolítico inicial, o Calcolítico final, e as Idades do Bronze e do Ferro. Saliente-se desde já a ausência de cerâmicas características do Neolítico final estremenho com as quais algumas das agora estudadas poderiam encontrar-se associadas. Considerando tal ausência, é-se levado a admitir a integração do conjunto das cerâmicas incisas e impressas em apreço em fase cultural anterior: Tal conclusão é, aliás, comprovada pela datação absoluta obtida, compatível com o Neolítico antigo, não excluindo que alguns pertençam ao Neolítico médio, como sugere a respectiva decoração e forma.

Vasos globulosos de colo cilindróide

Representados por um exemplar de grandes dimensões, conservando uma pega irregular, onde convergem dois cordões plásticos (Fig. 4, nº. 1). Os paralelos mais próximos - exemplares lisos na área correspondente ao fragmento em causa e com pegas e cordões análogos - provêm de Santiago do Cacém (VASCONCELLOS, 1915, Est. 6, nº. 40), e do Cartaxo (FERREIRA, 1970, Fig. 5), ambos recolhidos em contextos desconhecidos mas inquestionavelmente integráveis no Neolítico antigo. Diversos fragmentos de vasos idênticos e igualmente decorados com cordões lisos horizontais provêm da gruta do Carvalhal, Turquel (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 28); os referidos autores integram-nos, também, no Neolítico antigo. De entre os exemplares decorados, avulta o vaso de Casével, Condeixa-a-Nova (PESSOA, 1983), igualmente provido de cordões entre elementos de prensão, interrompidos por impressões verticais. Conhecem-se outros exemplares, lisos e decorados, com formato idêntico, porém desprovidos de cordões; no grupo dos exemplares lisos, menciona-se o segundo vaso de Santiago do Cacém (SANTOS, 1985, Fig. 36); quanto aos vasos ornamentados por diversas técnicas e motivos decorativos, são numerosos os exemplares inventariados no território português.

Dois fragmentos, correspondentes à zona do colo, encontram-se decorados pela técnica de “boquique”. Evidenciam recorte mais característico que os exemplares já referidos do povoado das Salemas. Num caso, trata-se de linhas paralelas, obtidas por impressões largas e contínuas (Fig. 7, nº. 3). No outro, a decoração apresenta maior barroquismo, sendo constituída por linhas obtidas por finas impressões sub-triangulares alongadas (Fig. 7, nº. 6). É importante confirmar a presença da técnica de “boquique” no Neolítico antigo do ocidente peninsular, excluída a hipótese de tais fragmentos serem da Idade do Bronze, pelas restantes características que evidenciam.

A aparente associação desta técnica a vasos de colo cilindróide terá o seu paralelo mais próximo no vaso do Neolítico antigo de Casével (PESSOA, 1983, Fig. 3). Com efeito, a ilustração fornecida parece sugerir a presença de “boquique” sob a forma de linhas oblíquas no preenchimento de motivos triangulares situados no colo e sobre as asas.

Refiram-se, ainda, os fragmentos de grandes recipientes (“vasos de provisões”), munidos de elementos de prensão tronco-cónicos (Fig. 4, nº. 2).

Vasos em forma de saco ou de corpo parabolóide

Trata-se de recipientes em regra decorados por motivos incisos, organizados em faixas de folículos horizontais, dispostos em espigas mais ou menos regulares (decoração “em espiga” ou “falsa folha de acácia”). Tal padrão decorativo é muito frequente neste tipo de recipientes e, de modo geral, abundante no Neolítico antigo evolucionado ou de tradição antiga da Estremadura e Sul de Portugal (Fig. 5, nº. 1 e 2; Fig. 6, nº. 2; Fig. 7, nº. 4 e 7), podendo atingir o Neolítico final (SILVA & SOARES, 1986, Fig. 43, nº. 17 a 19; CARREIRA & CARDOSO, 1994). Dois fragmentos possuem pegas bem pronunciadas, apresentando-se lisos na parte conservada (Fig. 6, nº. 1; Fig. 8, nº. 3).

Esféricos

Representados por três exemplares, todos com decoração incisa; dois exibem decoração fina (Fig. 6, nº. 3; Fig. 9, nº. 5), constituída por traços oblíquos, num dos casos acompanhados por outros, muito curtos e verticais, sobre o lábio (Fig. 6, nº. 3). No terceiro (Fig. 9, nº. 6), a decoração limita-se a uma depressão larga e pouco profunda, paralela ao bordo e situada logo abaixo dele. É considerada característica da Fase Comporta I, representada no sítio

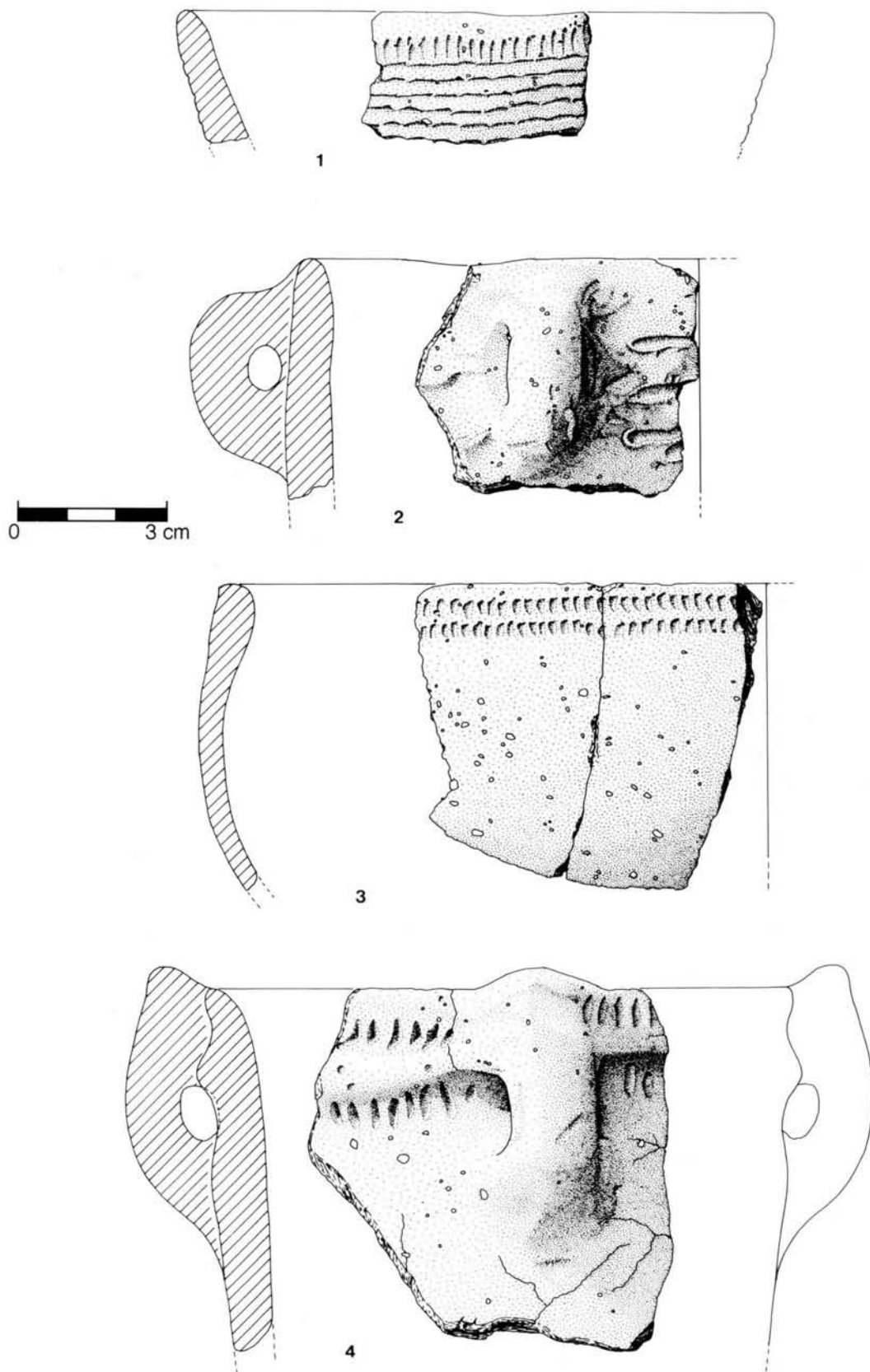


Fig. 3 – Povoado de Salemas. Cerâmicas neolíticas.

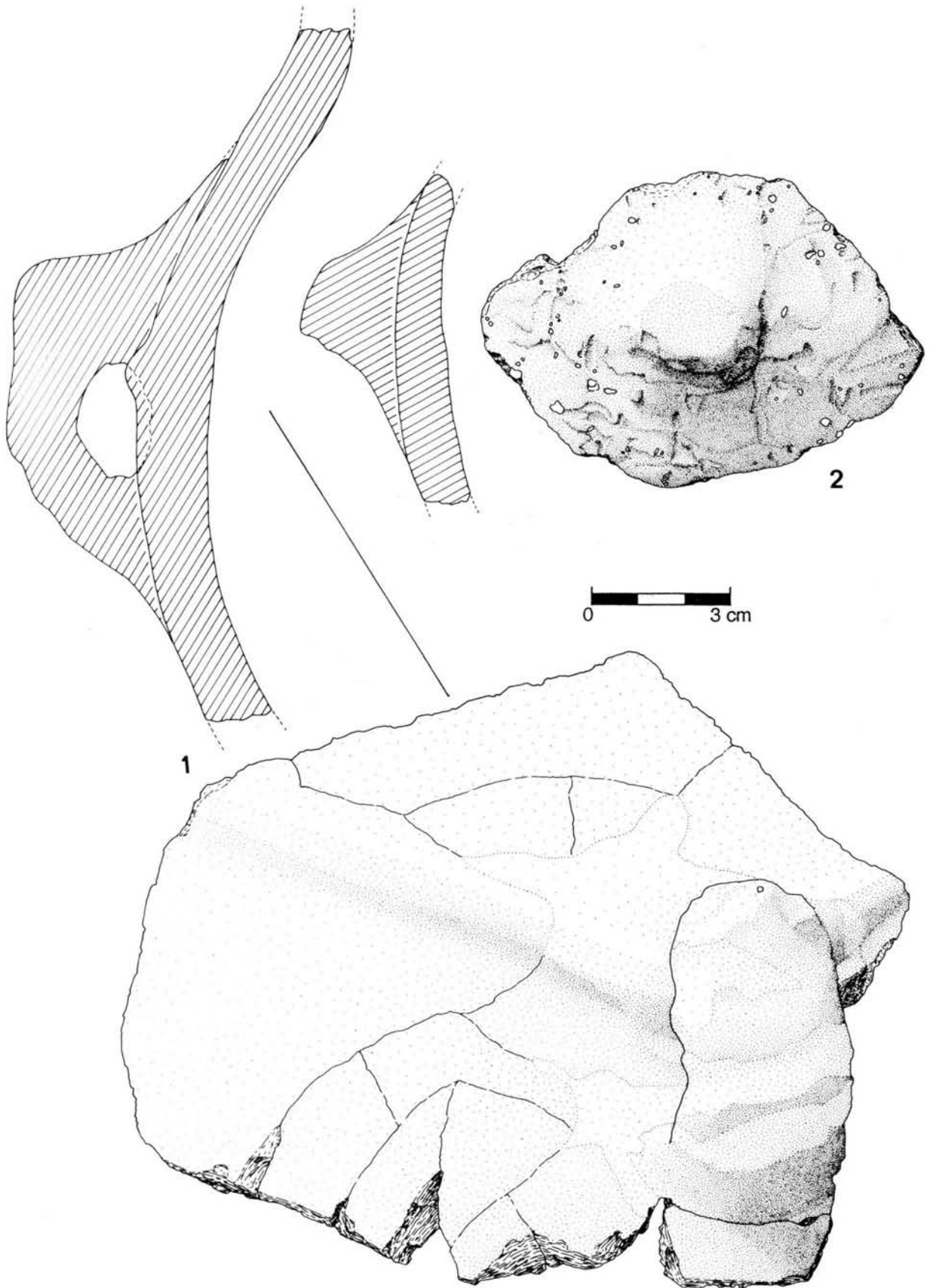


Fig. 4 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

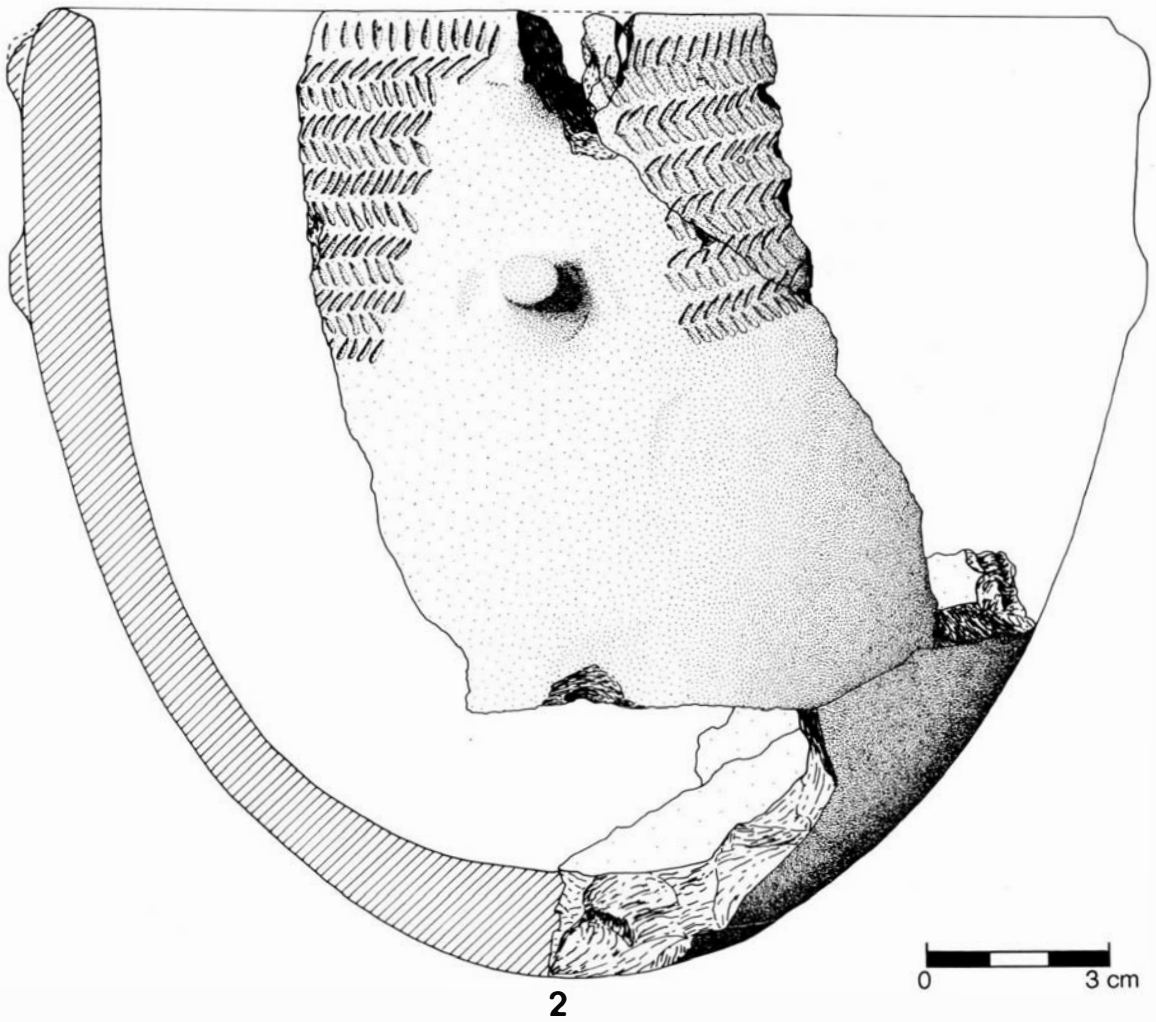
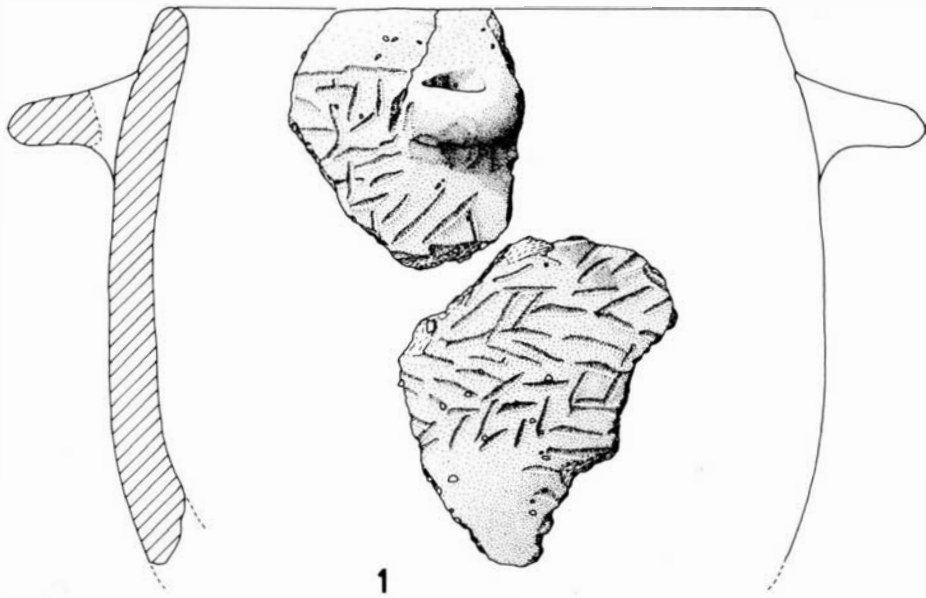


Fig. 5 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

do Pontal, datado pelo radiocarbono de CSIC - 648 - 4930 ± 50 BP (SILVA *et al.*, 1986). A calibração desta data, a dois sigma, conduziu ao intervalo de 3909 - 3640 cal AC (SOARES, 1993), o qual situa a ocupação do sítio no Neolítico médio. A mesma atribuição cultural foi apresentada para exemplares da Alta Estremadura (ZILHÃO & CARVALHO, 1996, Fig. 3, nº. 7 a 10). Contudo, esta decoração ocorre, no sul do País, desde o Neolítico antigo evolucionado, no povoado aberto da Salema, Sines, onde se exumaram numerosos exemplares, tanto de esféricos como de taças (SOARES & SILVA, 1979, Fig. 24), também conhecidos em outras estações da região de Sines, como Vale Vistoso e nos níveis superiores de Vale Pincel I.

Taças

Representadas por três exemplares incisos (Fig. 6, nº. 4 e 5; Fig. 8, nº. 2). As decorações correspondem em dois casos a faixas horizontais, imediatamente abaixo do bordo, preenchidas interiormente ora por linhas em zigue-zague verticais ora por linhas oblíquas. O terceiro exemplar (Fig. 6, nº. 5) ostenta decoração mais barroca, mas muito irregular, essencialmente constituída por faixas ondulantes, preenchidas interiormente, partindo de linha horizontal situada abaixo do bordo. Trata-se de motivo peculiar, e pouco frequente; os paralelos mais próximos correspondem a um fragmento neolítico da gruta da Furninha, Peniche (DELGADO, 1884, Pl. 13, nº. 109) e a outros, exumados no povoado do Neolítico antigo de S. Pedro de Canaferim, no recinto do Castelo dos Mouros, Sintra, em exposição no Museu Regional de Sintra (observados em Março de 1996).

Vasos de corpo cilindróide a tronco-cónico

Grupo representado por exemplares de bordo simples (Fig. 8, nº.1; Fig. 9, nº. 3 e 4) ou de tendência extrovertida (Fig. 8, nº. 4 e 5). Presente a técnica incisa, em quatro exemplares, correspondendo a linhas oblíquas (Fig. 8, nº. 4), sub-verticais (Fig. 8, nº. 5) ou horizontais (Fig. 8, nº. 1; Fig. 9, nº. 3). Os dois últimos ostentam motivos complementares, representados por linhas incisivas onduladas irregulares (Fig. 8, nº. 5), idênticas às do exemplar da Fig. 6, nº. 5 ou por impressões punctiformes enquadrando superior e inferiormente idênticas linhas horizontais (Fig. 9, nº. 3). A associação destas duas técnicas e dos motivos decorativos respectivos verifica-se em exemplares do Calcolítico inicial da Estremadura, em Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 115, nº. 6), em taças caneladas que diferem do presente fragmento tanto no tamanho, como na forma e características da pasta (muito mais depurada). Terá paralelos nas cerâmicas do Neolítico médio da Ramalha, Almada (inf. pessoal de C. Tavares da Silva, a quem se agradece), bem como na camada C da gruta do Cadaval, Tomar (OOSTERBEEK, 1995, Pl. 81). Este último paralelo, datado pelo radiocarbono entre 4200 e 3800 BP (*idem*, p. 117) é particularmente próximo do exemplar da Fig. 9, nº. 3, sugerindo a existência de relações Norte-Sul, entre a Baixa Estremadura e o Alto Ribatejo, no decurso do Neolítico médio. Por seu turno, os exemplares da Fig. 8, nº. 4 e 5, antes referidos, têm paralelos naquela mesma gruta e camada (*idem*, Pl. 79), reforçando as aludidas relações entre as duas regiões.

Formas indeterminadas

Trata-se de fragmentos que, pela sua pequenez, não permitem identificação segura da forma. Todos ostentam decorações incisivas, por vezes associadas a motivos impressos (Fig. 7, nº. 1). Apenas um fragmento é decorado por impressões unguiformes opostas (Fig. 7, nº. 5), motivo com larga diacronia; sendo essencialmente de época neolítica (SANTOS *et al.*, 1974, Est. 1, nº. 4), atingiu o Calcolítico pleno ou mesmo o Calcolítico final (CARDOSO *et al.*, 1993; ARNAUD, 1993); avultam os fragmentos do abrigo Grande das Bocas, atribuídos ao Neolítico de tradição antiga, pela semelhança das pastas e cozaduras (CARREIRA, 1994). De facto, a maioria dos fragmentos em apreço tem paralelos em conjuntos do Neolítico antigo. É o caso da decoração de faixas paralelas preenchidas interiormente por impressões oblíquas sub-ovulares (Fig. 7, nº. 8); um dos raros paralelos provém do povoado do Alto das Bocas (*idem*, Est. 37, nº. 1). Com efeito, em geral, o preenchimento interior é feito por curtos traços incisivos e não, como se observa no exemplar em causa, por impressões. Outro paralelo provém da camada inferior de Olelas (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 4, nº. 12), onde as bandas horizontais se encontram sobrepostas por friso de triângulos, igualmente preenchidos interiormente por impressões, evocando exemplares da gruta da Furninha, muito embora nestes os referidos preenchimentos tenham sido obtidos pela técnica incisa (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 2, nº. 2 e 7).

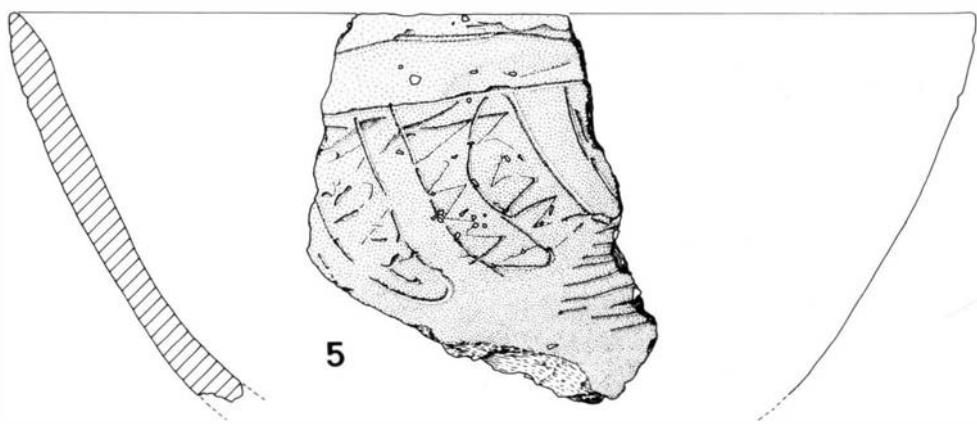
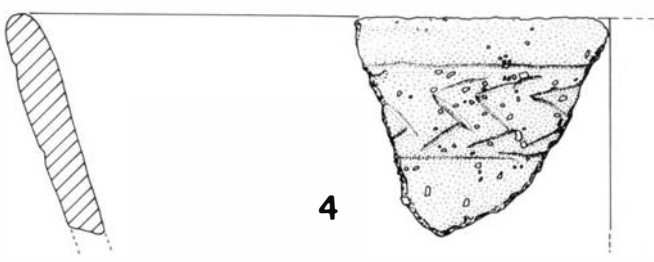
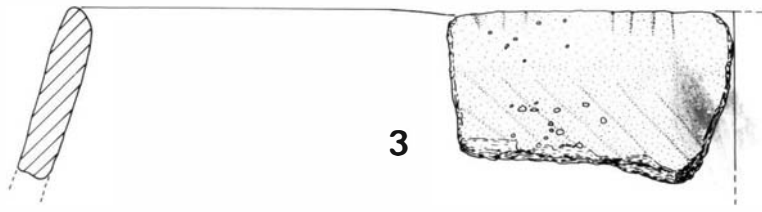
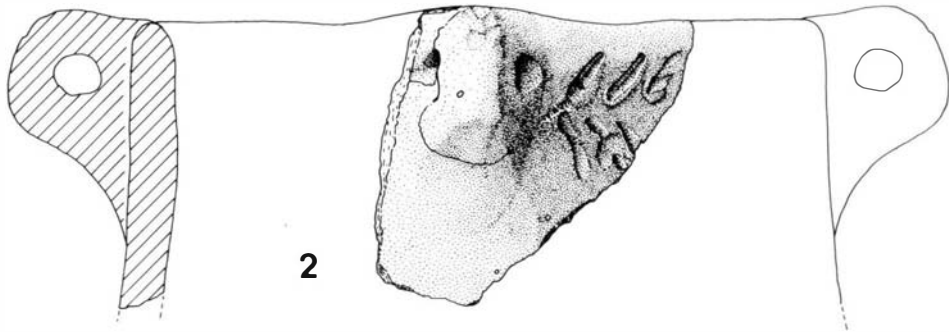
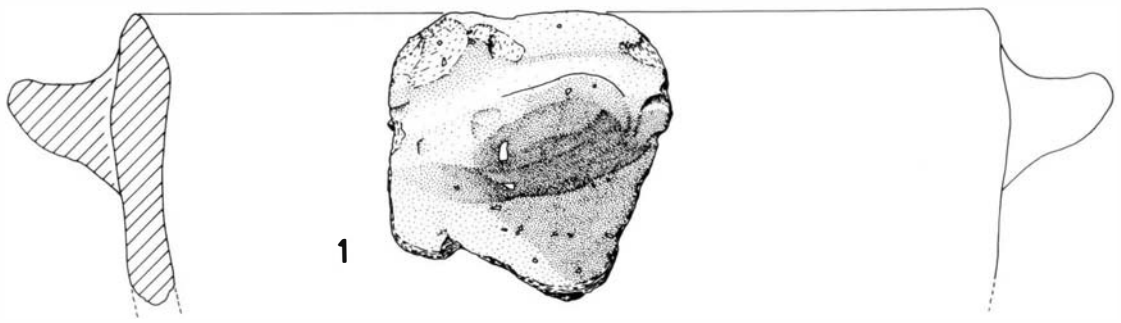


Fig. 6 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

As incisões em espiga são frequentes (Fig. 7, nº. 4 e 7), pertencendo provavelmente, como as anteriores, a vasos em forma de saco.

O fragmento de bordo espessado e extrovertido, decorado por curtas incisões na frente externa do lábio (Fig. 7, nº. 11), exhibe analogia com fragmento do Neolítico antigo do Vale Pincel 1, Sines (SOARES & SILVA, 1979, Fig. 13, nº. 4), diferindo dos característicos exemplares de bordos denteados do Neolítico final da Estremadura.

Dois fragmentos (Fig. 9, nº. 1 e 2), provavelmente pertencentes ao fundo de um mesmo vaso em forma de saco ou de corpo parabolóide, ostentam uma decoração de grinaldas feitas segundo técnica peculiar: num fragmento (Fig. 9, nº. 1), a grinalda foi obtida por combinação de traços incisivos, em geral curtos, enquanto no outro exemplar uma fina linha incisa e curvilínea serviu de guia a múltiplas incisões curtas, produzidas de ambos lados (Fig. 9, nº. 2). Desconhecemos paralelos nas estações neolíticas portuguesas para esta técnica decorativa, apesar dela ser conhecida em diversos contextos neolíticos peninsulares.

As pastas apresentam-se em geral algo friáveis, sendo muito grosseiras nos exemplares de maiores dimensões, onde avultam grãos de grandes dimensões, de quartzo, sub-rolados. Ocorrem, na maior parte dos casos, grãos de feldspato, frequentemente alterados pela cozedura.

Pastas compactas e finas são muito raras ou inexistentes; mesmo os exemplares de paredes mais finas possuem grandes grãos quartzosos, disfarçados por acabamento superficial cuidado (incluindo engobe). São muito raros os fragmentos com minerais ferromagnesianos. As colorações superficiais do lado externo são predominantemente castanho-avermelhadas, sendo tendencialmente mais escuras do lado interno e no núcleo.

4 - DISCUSSÃO

Este capítulo pode subdividir-se na discussão dos seguintes aspectos:

- funcionalidade das estações;
- cronologia;
- integração cultural.

No que respeita à funcionalidade, as duas estações assumem características muito diversas; nas Salemas, os materiais cerâmicos indicam um povoado de altura, do Neolítico epicardial ou Neolítico antigo evolucionado, situado no rebordo da extensa plataforma calcária, dominando o vale da ribeira de Loures e a várzea situada a jusante. A presença de ossos humanos no local sugere enterramentos em fossa, na zona do habitat ou nas suas imediações.

A gruta do Correio-Mor implanta-se também no rebordo de relevo calcário, igualmente dominante da várzea de Loures, situada a oriente. A ocupação do Neolítico antigo da cavidade corresponderá, predominantemente, a actividades de carácter doméstico. Com efeito, além do espólio antropológico, faltam os objectos de adorno e outros materiais votivos que usualmente ocorrem em grutas com ocupações do Neolítico antigo utilizadas com necrópoles, como a gruta do Caldeirão ou a do Almonda (ZILHÃO, 1992). A existência de importante depósito de cinzas e carvões, relacionado com a prática do fogo, reforça o carácter doméstico da referida ocupação.

Quanto à cronologia, apesar de não se poder seguramente relacionar as duas datas de radiocarbono obtidas com os materiais cerâmicos agora estudados, ambas são compatíveis com a tipologia da maioria destes. Assim, a data obtida para ossos longos humanos das Salemas, cerca de 6000 BP integra-se no Neolítico antigo evolucionado, ou Neolítico epicardial, fase cultural onde, sem dificuldade, se podem – com raras excepções – inserir as cerâmicas incisivas e impressas apresentadas.

A data obtida para a parte média do enchimento de cinzas e carvões identificado na gruta do Correio-Mor, cerca de 6300 BP situa a respectiva ocupação em momento precoce da referida fase cultural, imediatamente posterior à fase cardial que, para GUILAINE & FERREIRA (1970) e ZILHÃO (1992), representa o início do Neolítico na Estremadura. Com efeito, dos materiais cerâmicos exumados na gruta do Correio-Mor estão excluídos fragmentos com decoração cardial, ao contrário do anteriormente admitido (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 139).

No respeitante ao território português, tem-se discutido muito a anterioridade ou não das cerâmicas cardiais

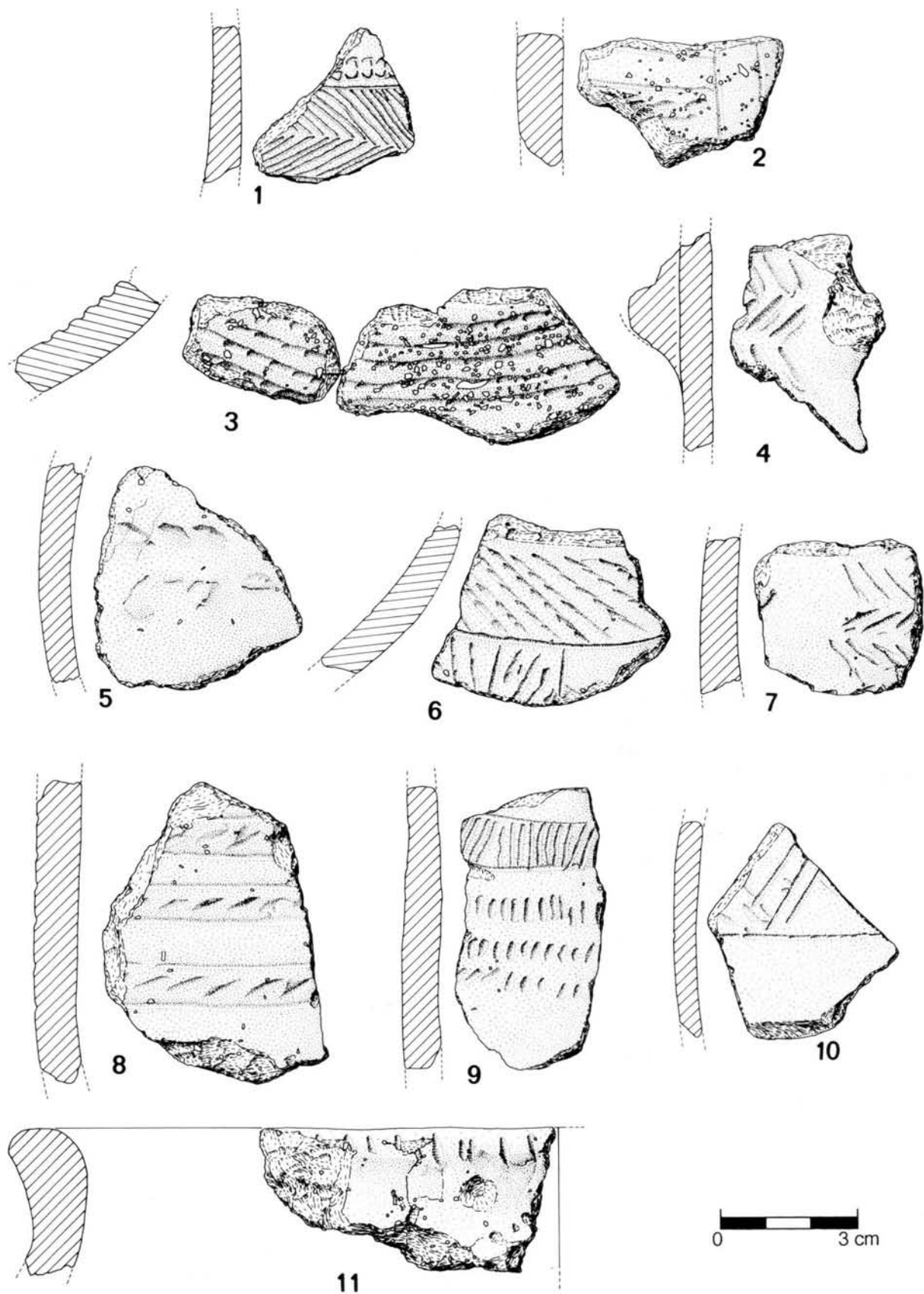


Fig. 7 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

fase as decoradas por outras técnicas. Porém, a questão só poderá ser cabalmente apreciada à luz de contextos estratigrafados e de datações absolutas de melhor qualidade e em maior número das actualmente disponíveis. De momento, a aceitarmos as datas obtidas na gruta do Caldeirão para o horizonte NA2 como correspondentes ao conjunto cardial atribuído àquele horizonte, verifica-se que são estatisticamente idênticas à do Correio-Mor, onde faltam, como vimos, as decorações cardiais. A mesma conclusão é extensível a conjuntos doutras regiões do País. Para a região em apreço, salientam-se as duas datas de radiocarbono recentemente obtidas no povoado de altura do Neolítico antigo de S. Pedro de Canaferrim, Sintra, estatisticamente idênticas (SIMÕES, 1995):

ICEN - 1152 - 6070 ± 60 BP (= 5200 - 4830 cal AC, para 2 σ);

ICEN - 1151 - 6020 ± 60 BP (= 5060 - 4780 cal AC, para 2 σ);

Tais datas levaram a Autora a concluir que "... a presença/ausência de cerâmicas impressas com *Cerastoderma edule* não deverá ser sistematicamente utilizada como indicador cronológico, fazendo avançar na diacronia todos os conjuntos em que não se encontrem representadas". Com efeito, as datas correspondentes a tal conjunto serão coevas de algumas datas correlacionadas com o contexto cardial da gruta do Caldeirão, o qual é integrável em época avançada no conjunto daquelas cerâmicas (tenha-se em vista a data Sac - 1321 (já corrigida pelo efeito de reservatório) - 6550 ± 70 BP, da estação com cerâmicas cardiais de Cabranosa, Sagres, mais antiga do que qualquer das obtidas naquela gruta), recentemente obtida por iniciativa de um de nós (J. L. C.). Deste modo, é lícito aceitar que a estação neolítica de S. Pedro pertence a fase do Neolítico antigo, quando as cerâmicas cardiais ainda eram produzidas noutros locais. Tal conclusão é reforçada pela data obtida no Correio-Mor, estação de onde estão ausentes cerâmicas cardiais.

As estações de Salemas e da gruta do Correio-Mor testemunham a presença de comunidades que, no Neolítico antigo, se fixaram no rebordo de plataformas calcárias, em locais de onde visualmente poderiam dominar a fértil várzea de Loures.

No quadro de uma crescente economia agro-pastoril, tais locais poderiam corresponder à expansão de grupos humanos que, em determinada época do ano desenvolveriam actividades especializadas relacionadas com a pastorícia. Assim, enquanto a gruta do Correio-Mor poderia ser usada tão-somente como abrigo de pastores, as Salemas constituiria local de estacionamento a quem, da planície, quisesse atingir as terras altas que a circundam, podendo, deste modo, corresponder a povoado a partir do qual, à semelhança do observado na zona do Arrife "... era possível realizar a exploração de dois territórios de potencialidades distintas mas complementares" (agrícolas nas terras baixas, pastoris na serra) (ZILHÃO & CARVALHO, 1996, p. 667) e, portanto possuir carácter permanente.

Esta estratégia de ocupação tem equivalente em outros contextos naturais idênticos da Estremadura: um deles pode encontrar-se no Alto das Bocas, Rio Maior onde, de ambos os lados de uma profunda garganta se dispõem duas elevações, ambas com importantes testemunhos de ocupação do Neolítico antigo, de onde se domina a vasta bacia de Rio Maior.

Mais próximo da área em apreço situa-se o povoado de São Pedro de Canaferrim, Sintra, intramuros do Castelo dos Mouros, cuja ocupação do Neolítico antigo, em sítio notoriamente de altura, se quadra bem no contexto interpretativo atrás referido: Segundo SIMÕES (1995), tratava-se de uma ocupação estival intensa, relacionada com o pastoreio de ovinos e caprinos, subsistindo a respectiva comunidade da exploração dos recursos da serra, incluindo a caça.

5 - CONCLUSÕES

1 - Neste trabalho estudam-se dois conjuntos, essencialmente cerâmicos, recolhidos em dois sítios do concelho de Loures, distanciados cerca de 5 km, o povoado da Pedreira das Salemas e a gruta do Correio-Mor; relativamente à natureza das ocupações é de salientar, nas Salemas, a presença de ossos humanos nos anfractuosidades da antiga superfície calcária; tal situação configura a existência de enterramentos junto da área habitada, em fosso, situação que até ao presente ainda não tinha sido registada no território português, embora se conheçam numerosos paralelos extra-peninsulares. No concernente à gruta do Correio-Mor, a sua atribuição a recinto funerário fica prejudicada pela escassez de restos

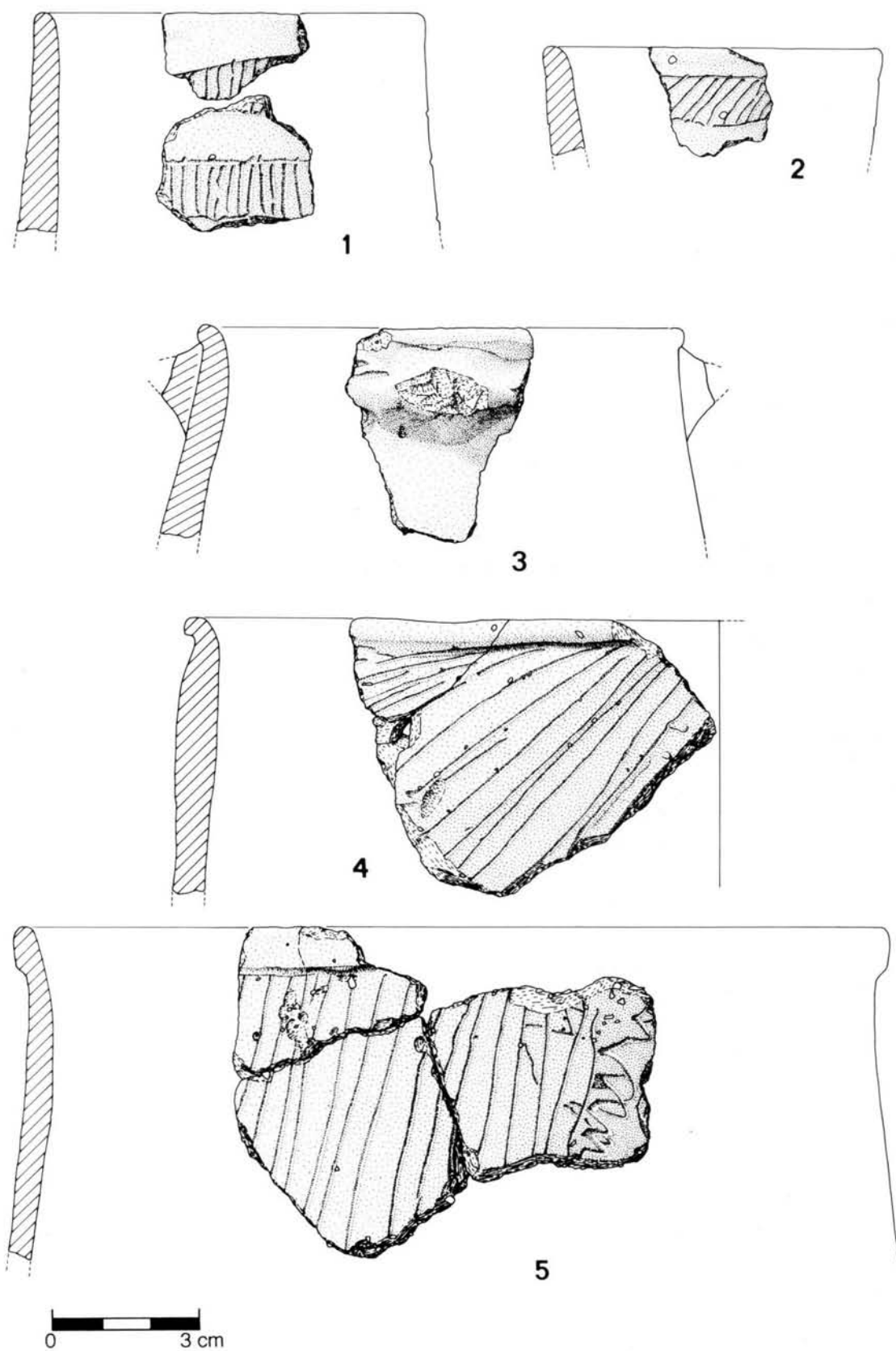


Fig. 8 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

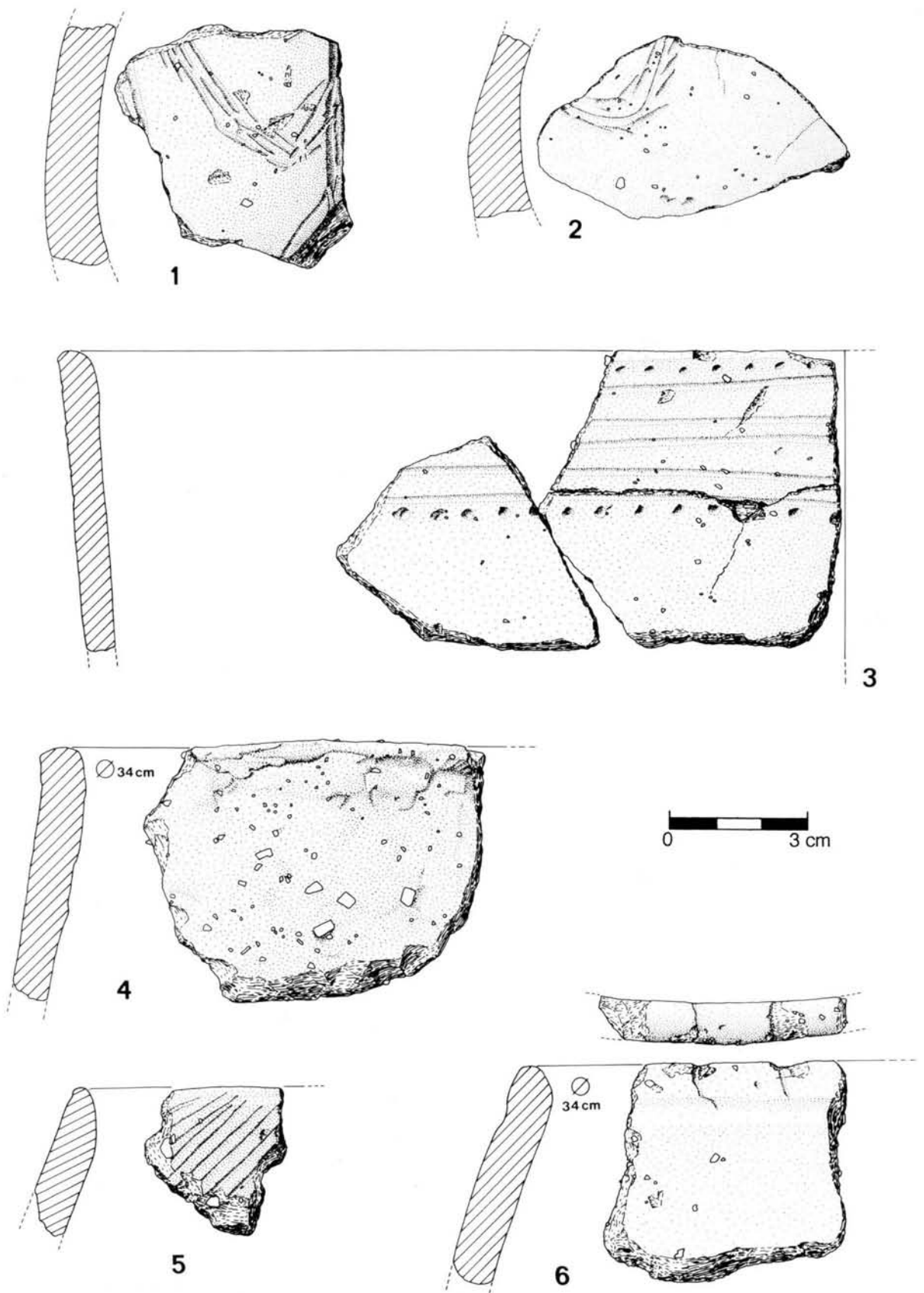


Fig. 9 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

humanos – que aliás poderão pertencer a outras épocas – bem como de elementos de adorno ou oferendas votivas coevas. Além disso, a existência de um importante cinzeiro, no interior da gruta, datado pelo radiocarbono do Neolítico antigo, parece reforçar o carácter doméstico da presença humana;

2 - As datações disponíveis para ambos os locais mostram a sua ocupação durante o Neolítico antigo. Tais datações são compatíveis com a tipologia dos materiais cerâmicos estudados;

3 - Com efeito, as cerâmicas incisas e impressas estudadas podem considerar-se, por critérios tipológicos, anteriores ao Neolítico final. Tal conclusão é, sobretudo, legítima para o caso da gruta do Correio-Mor, onde se desconhecem materiais típicos desta fase cultural, tendo em consideração a abundância noutras estações próximas, de cerâmicas dela características, designadamente vasos de bordo denteado e a taça carenada. A ausência de cerâmicas cardiais, em ambos os sítios, terá explicações diferentes. Com efeito, o povoado de Salemas teria sido ocupado em época em que aquelas cerâmicas já não se produziam, enquanto que a data obtida na gruta do Correio-Mor é estatisticamente idêntica às datas da gruta do Caldeirão que foram correlacionadas com vasos cardiais (horizonte NA2);

4 - Aceitando que se trate, na maioria, de materiais do Neolítico antigo evolucionado, cuja grande variabilidade decorativa sugere conjuntos iniciais muito mais numerosos, é de destacar a implantação topográfica dos respectivos locais. Trata-se de sítios de altura e de grande visibilidade, contrariando a tradicional perspectiva que faz corresponder as implantações domésticas daquela época exclusivamente a sítios baixos, na adjacência de várzeas ou de linhas de água;

5 - Alguns fragmentos integram, por critérios comparativos, o Neolítico médio; as decorações, muito mais pobres e esquemáticas, corroboram o pressuposto do declínio da tradição decorativa que, no chamado Neolítico antigo evolucionado, conheceu momento de franco florescimento e barroquismo.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, p. 41-60.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. (1992) - Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.

CARDOSO, J. L. & EISENMANN, V. (1989) - *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal. *Palaeovertebrata*, 19 (2), p. 47-72.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1993) - Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan*, II Série, 2, p. 35-38.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 195-256.

CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144.

CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1994) - Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.

CARVALHO, A. M. F. & ZILHÃO, J. (1994) - O povoado neolítico do Laranjal de Cabeça das Pias (Vale da Serra, Torres Novas). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 53-68.

- CASTRO, L. de Albuquerque e & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Vaso de tipo neolítico do Alto da Toupeira-Lousa. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 109-110.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peninche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques. Compte-Rendu de la neuvième session* (Lisbonne, 1880), p. 207-277.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em “falsa folha de acácia”. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 1, p. 227-237.
- FERREIRA, O. da Veiga & CASTRO, L. de Albuquerque e (1967) – O povoado neo-eneolítico das Salemas (Ponte de Lousa). *Revista de Guimarães*, 77 (1/2), p. 39-45.
- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) – *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mem Martins.
- GUILAINE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bull. Soc. Préhistorique Française*, 67 (1), p. 304-322.
- OOSTERBEEK, L. (1995) – *Echos from the East; the western network*. University College. Londres.
- PESSOA, M. (1983) – Vaso neolítico de Casével. *Arqueologia*, 7, p. 16-23.
- SANTOS, M. Farinha dos (1985) – Pré-história de Portugal. 2ª edição. *Verbo*. Lisboa.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-128.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S. & REIS, C. A. S. (1986) – **Neolítico da Comporta**: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14, p. 59-82.
- SIMÕES, T. (1995) – O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). **Comunicação apresentada ao (I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica** (Gavá-Bellaterra, 1995). No prelo.
- SOARES, A. M. Monge (1993) – Datações absolutas para os IV e III milénios AC: uma análise crítica. Conferência apresentada ao 1º *Simpósio “Transformação e Mudança”* (Cascais, 1993). Faculdade de Letras de Lisboa/Câmara Municipal de Cascais (em publicação).
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1979) – Alguns aspectos do Neolítico antigo do Alentejo litoral. *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 3, p. 9-52.
- SPINDLER, K. (1976) – Die Neolitische Parede - gruppe in Mittelportugal. *Madridrer Mitteilungen*, 17, p. 21-75.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1915) – *História do Museu Etnológico Português* (1893-1914). Imprensa Nacional. Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; PENALVA, C. & FERREIRA, O. da Veiga (1980/81) – Paleo-anthropologie du Würm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 7-28.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo*. *Trabalhos de Arqueologia*, 6. Departamento de Arqueologia/IPPAR. Lisboa.
- ZILHÃO, J. & CARVALHO, A. M. F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica* (Gavá-Bellaterra, 1995). *Rubricatum*, 1(2), p. 659-671.

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS INÉDITOS DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE CARNAXIDE (OEIRAS)

João Luís Cardoso ⁽¹⁾

1 - ANTECEDENTES

A região adjacente da povoação de Carnaxide é de há muito conhecida na bibliografia arqueológica. Com efeito, VASCONCELLOS (1895, 1896) demonstrou a estreita relação existente entre o culto mariano, ainda hoje celebrado em imponente templo situado na margem direita do rio Jamor e o interesse arqueológico da gruta sobre a qual foi construído, a mesma que, em 1822, forneceu materiais arqueológicos que estiveram na origem o referido culto (CARDOSO, 1995). Tal gruta integra um conjunto de diversas cavidades naturais, utilizadas como necrópole no Neolítico e no Calcolítico, de pequenas dimensões, abertas nos calcários duros do Cretácico inferior, que por vezes constituem cornija, marginando o vale do rio Jamor, especialmente ao longo da sua margem esquerda. Alguns dos materiais exumados em tais cavidades, conservados no Museu Nacional de Arqueologia, foram objecto de publicação recente (CARDOSO, 1995).

O povoado pré-histórico de Carnaxide encontra-se, em parte, defendido naturalmente por uma dessas cornijas calcárias, limitando-o do lado sul-ocidental. Trata-se de uma encosta suave, com pendor para SW, sobre o rio Jamor, configurando implantação topográfica de características semelhantes às do povoado pré-histórico de Leceia, situado 2,5 Km para WNW, em linha recta (Fig. 2).

As suas coordenadas geodésicas Gauss são as seguintes: R 028 958 (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, Folha 430 - Oeiras, Lisboa, 1970).

As principais recolhas de materiais arqueológicos na zona do povoado pré-histórico devem-se a Abílio Roseira, na década de 1920 e inícios da seguinte. Com efeito, algumas peças agora estudadas e conservadas no Museu Nacional de Arqueologia, por ele colhidas, conservam a lápiz datas que confirmam tal afirmação: Maio/1926 (1 ex.); 14/8/1926 (3 ex.); 7/9/1926 (4 ex.); 5/10/1928 (6 ex.); 16/12/1928 (1 ex.); 30/6/1929 (1 ex.); 20/8/1931 (1 ex.); 25/8/1931 (4 ex.); Set. 1931 (5 ex.); 16/9/1932 (3 ex.).

Conclui-se, pois, que as colheitas de Abílio Roseira se terão distribuído sobretudo nos verões dos anos de 1926 a 1932. Os abundantes e importantes materiais então obtidos mantiveram-se inéditos, o mesmo se verificando quanto à estação, exceptuando-se pequena notícia, relativa a uma conferência por ele apresentada no Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, onde se afirma: "No Vale do Jamor (Senhora da Rocha) descobriu um castro calcolítico de grande riqueza" (ROSEIRA, 1953, p. 301). Porém, não foi Abílio Roseira o primeiro a dar conta da existência do

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.



Fig. 1 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Vista parcial da sondagem executada em 1990. Foto de J. L. Cardoso.

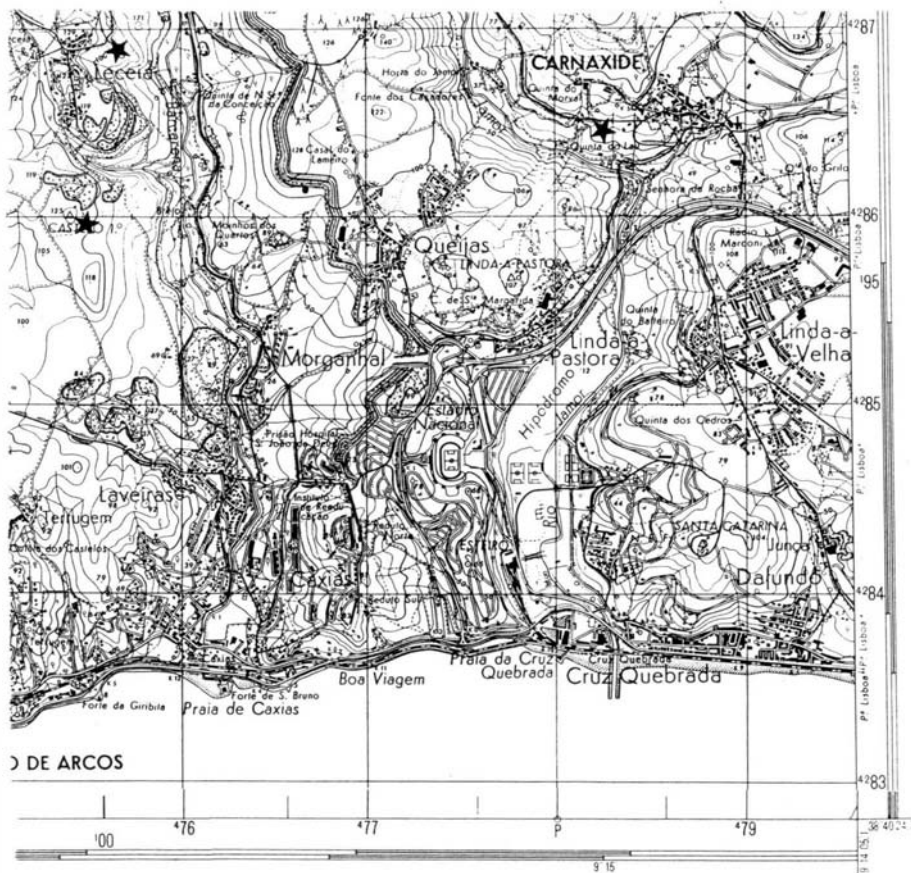


Fig. 2 – Extracto da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha 430, Oeiras, S.C.E., 1970). À direita, o povoado pré-histórico de Carnaxide; à esquerda, os povoados pré-históricos de Leceia e do Monte de Castelo.

povoado pré-histórico. Com efeito, as primeiras recolhas foram efectuadas por Carlos Ribeiro (f. 1882), director da então Comissão dos Trabalhos Geológicos, Instituição onde se conservam os materiais arqueológicos resultantes dessas pioneiras explorações. Foram dados a conhecer por ZBYSZEWSKI *et al.* (1959). Na referida publicação, um dos autores (O. da Veiga Ferreira) declara ter retomado "... com a colaboração do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, as escavações que deram espólio, quer dentro de algumas grutas e abrigos, quer no próprio povoado" (p. 114). Porém, os resultados respectivos jamais foram publicados. No final da década de 1950, dois outros investigadores interessam-se pela exploração do povoado pré-histórico, ali tendo executado sondagens em diversos locais (ANDRADE & GOMES, 1959). Esta foi a derradeira publicação dedicada à estação arqueológica; na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993), corresponde-lhe o número 94.

Em 1990 procedemos a uma sondagem localizada em estreita faixa de terrenos em zona periférica do povoado, junto à escarpa que o margina (Fig. 1). Os resultados obtidos confirmaram que a área de maior interesse arqueológico se encontra sob espessa cobertura de aterros, ali depositados nos finais da década de 1970 pelo proprietário do terreno, tornando inacessíveis os depósitos arqueológicos. Com efeito, as prospecções realizadas por nós próprios, e por Guilherme Cardoso, desde 1972, e ainda por elementos do Centro Cultural Roque Gameiro, da Amadora, antes da deposição dos referidos aterros, eram concludentes quanto ao real interesse arqueológico do sítio, reforçando as conclusões obtidas por ANDRADE & GOMES (1959), que indicam a distribuição espacial dos materiais recolhidos à superfície, bem como a localização das sondagens que realizaram. Afigurando-se de momento impossíveis novas explorações, impunha-se o estudo e publicação da importante colecção recolhida por Abílio Roseira, cujos materiais se mantinham, ao contrário das recolhas de Carlos Ribeiro e das promovidas por G. M. Andrade e J. J. F. Gomes, totalmente inéditos. Dá-se, deste modo, seguimento ao estudo desta estação arqueológica, que pretendemos retomar no terreno logo que possível. Ao conjunto conservado no Museu Nacional de Arqueologia, juntaram-se alguns materiais resultantes das colheitas realizadas sob a égide do Centro Cultural Roque Gameiro (Amadora), entretanto incorporados nas colecções do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

2 - OS MATERIAIS

Todos os materiais estudados pertencem às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, salvo os casos assinalados em contrário.

2.1 - Pedra polida

2.1.1 - *Machados*

Identificaram-se três machados (Fig. 3, nº. 2, 3 e 5). O primeiro exhibe secção oval achatada e é de anfibolito; trata-se de tipo que ocorre preferencialmente no Neolítico final de Leceia; o segundo, também de anfibolito, e de secção rectangular, corresponde ao tipo mais abundante no Calcolítico da região, embora seja conhecido anteriormente. Tem a particularidade de o gume ser oblíquo, facto que estará relacionado com o ângulo entre o corpo do machado e o cabo, a menos que a obliquidade fosse intencional, de modo a facilitar o corte. Tal característica foi por nós observada em muitos outros exemplares líticos, mas em nenhum metálico coevo daqueles, o que permite considerar como mais provável a primeira hipótese. De salientar, ainda, a existência de grande machado incompleto totalmente polido (Fig. 3, nº. 5), de secção oval e de dolerito, exemplar raro nos contextos pré-históricos estremenhos; pela tipologia integra-se no Neolítico final.

2.1.2 - *Escopros*

Um fragmento proximal de artefacto espesso e alongado de anfibolito (Fig. 3, nº. 1) poderia pertencer a um escopro.

2.1.3 - *Cunha ou formão*

Trata-se da extremidade de artefacto ou de anfibolito de rocha xisto-siliciosa de grão fino que, pela robustez e pela presença de um gume estreito e cortante (Fig. 3, nº. 4) poderia pertencer a cunha ou formão, a menos que correspondesse à extremidade anterior de uma “picareta de mão”, idêntica a exemplar de Leceia (CARDOSO, 1981, Est. 1, nº. 3).

2.1.4 - *Enxós*

Trata-se do grupo mais numeroso de artefactos de pedra polida; pertencem-lhe cinco exemplares (Fig. 4, nº. 1 a 5). O último foi recolhido por elementos do Centro Cultural Roque Gameiro em 1979. São de anfibolito, de médias e pequenas dimensões, exibindo, em geral, secção rectangular achatada; apresentam polimento na quase totalidade da superfície.

2.2 - *Pedra lascada*

Tratando-se de colheitas superficiais, não se julgou pertinente a apresentação exaustiva de todos os materiais, nem, tão-pouco, a distribuição percentual correspondente a cada um dos tipos identificados. Limitámo-nos, por isso, a salientar os traços mais característicos do conjunto lítico com base nos tipos mais frequentes que o constituem. Todos os artefactos são de sílex, de origem local. Predominam as colorações branco-acinzentadas, características dos nódulos inclusos nos calcários do Cenomaniano superior, aflorantes na área do povoado pré-histórico. No conjunto dos picos e raspadeiras espessas de Carnaxide reside um dos maiores interesses do espólio arqueológico dado agora a conhecer.

2.2.1 - *Picos*

Trata-se de um dos principais tipos de artefactos. Correspondem a peças estreitas e alongadas, sempre muito espessas, de formato triédrico ou prismático. As duas faces laterais apresentam-se invariavelmente trabalhadas por negativos verticais e imbricados (em “gradin”), formando gumes espessos, por vezes massacrados. A extremidade proximal destas peças apresenta-se ocupada por superfície plana, vertical correspondente, nalguns casos, ao plano de percussão da lasca original, cuja superfície de separação se conserva, frequentemente, em parte ou na totalidade do reverso. A extremidade distal das peças em apreço termina em bico espesso, com formato de pirâmide triangular; em alguns exemplares esta extremidade exhibe uso, denunciado por ténue boleamento das arestas. O anverso apresenta-se fortemente convexo; em alguns casos, é percorrido por uma crista longitudinal central mais ou menos sinuosa. O reverso corresponde ao plano de separação da lasca; por vezes, encontra-se ocupado por levantamentos sub-horizontais cobridores, a partir de ambos os bordos laterais. Treze das peças mais características reproduzem-se na Fig. 5, nº. 1 a 8 e na Fig. 6, nº. 1, 3 a 6. Alguns pequenos exemplares, morfológicamente idênticos aos de maiores dimensões, ostentam cuidadosos retoques sub-verticais, afeiçoando bordo abatido (Fig. 5, nº. 1).

2.2.2 - *Raspadeiras*

Trata-se do conjunto lítico mais importante identificado na estação, podendo ser decomposto nos seguintes grupos artefactuais:

2.2.2.1 - *Raspadeiras sobre lâminas ou lascas laminares espessas*

A técnica de obtenção deste tipo é idêntica à utilizada para a produção dos picos descritos anteriormente, com a diferença de, neste caso, a extremidade útil corresponder a uma frente de raspadeira. A espessura do suporte confere aspecto carenado às peças em causa. Reconheceram-se duas variantes: as raspadeiras “estreitas” e as raspadeiras com a extremidade mais larga, de contorno circular ou ogival. À primeira, pertencem os exemplares da Fig. 7, nº. 2, 4, 5

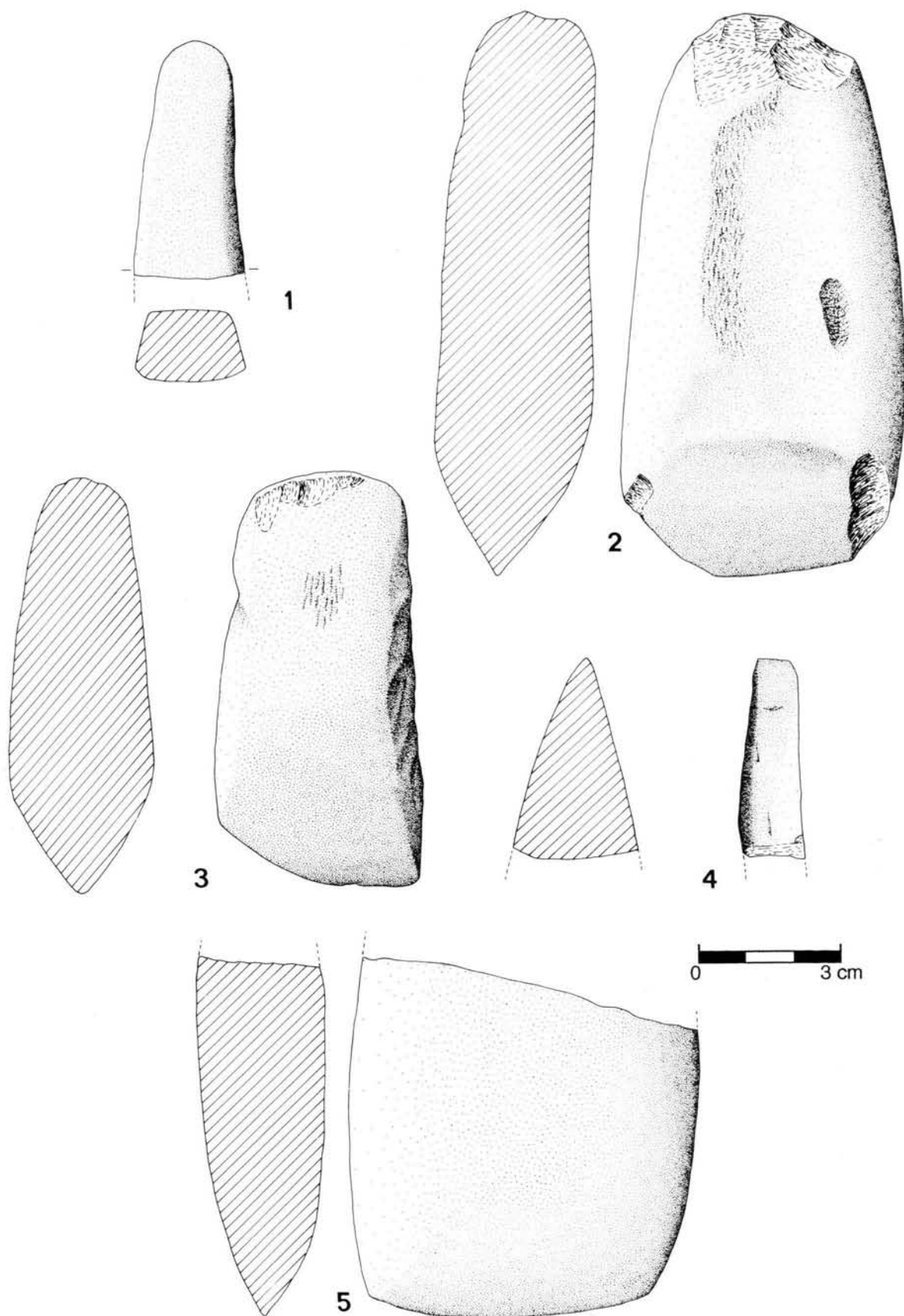


Fig. 3 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra polida.

e 9 e da Fig. 8, nº. 2, 3, 6 e 9; à segunda, os exemplares da Fig. 7, nº. 3, 5 a 8 e 10 e da Fig. 8, nº. 14. Por vezes o alargamento terminal é acentuado por duplo ombro, existente sobre ambos os bordos laterais.

2.2.2.2 - Raspadeiras sobre lâminas ou lascas laminares planas

Difere do grupo anterior pela menor espessura do suporte; este tipo não ostenta levantamentos laterais imbricados e subverticais, nem a típica carena terminal, que caracteriza os artefactos do grupo anterior. Porém, tal como naquele, é possível identificar exemplares estreitos, com frente de raspadeira de contorno sub-circular, convexo ou ogival e exemplares com a referida frente alargada, a que pertencem, respectivamente, os reproduzidos nas Fig. 8, nº. 7, 8, 10 a 12 e Fig. 9, nº. 9 e os da Fig. 8, nº. 13 e Fig. 9, nº. 11.

2.2.2.3 - Raspadeiras espessas sobre lasca

Um exemplar carenado, retocado por levantamentos subverticais nos bordos laterais e na base (Fig. 8, nº. 1), regularizando o contorno original da lasca.

2.2.2.4 - Raspadeiras sobre lasca com duplo entalhe lateral

Um exemplar, finamente retocado, com frente ampla de raspadeira (Fig. 9, nº. 2).

2.2.2.5 - Raspadeiras em leque, sobre lasca

Um exemplar com retoques semi-abruptos (Fig. 9, nº. 5).

2.2.2.6 - Raspadeiras sub-circulares, sobre lasca

Dois exemplares (Fig. 9, nº. 1 e 6).

2.2.2.7 - Raspadeiras unguiformes

Dois exemplares, um dele incompleto (Fig. 9, nº. 4 e 7).

2.2.2.8 - Raspadeiras sobre lascas irregulares

Três exemplares (Fig. 8, nº. 16; Fig. 9, nº. 8 e 12).

Além dos grupos referidos, há ainda fragmentos de raspadeiras, de que algumas se representam nas Fig. 9, nº. 3 e 10, provavelmente pertencentes ao conjunto descrito em 2.2.2.2.

2.2.3 - Pontas

Um exemplar sobre lasca com retoque marginal contínuo em ambos os bordos laterais, afeiçoados em raspador duplo convexo e convergente para ambas as extremidades, das quais a distal poderia ter sido utilizada como ponta (Fig. 8, nº. 15).

2.2.4 - Pontas de seta

Um exemplar de base triangular, característico dos inventários do Neolítico final estremenho (Fig. 6, nº. 2).

2.2.5 - Elementos de foice sobre lamela

Um exemplar, incompleto, com um dos bordos denticulado e com brilho, especialmente no reverso. O bordo oposto apresenta fino retoque marginal (Fig. 8, nº. 4). São muitos raros os elementos de foice deste tipo nos inventários pré-históricos da Estremadura. O exemplar em apreço deverá ser integrado no Neolítico ou no Calcolítico, atendendo a que, na Idade do Bronze, os seus homólogos são, exclusivamente, sobre lasca.

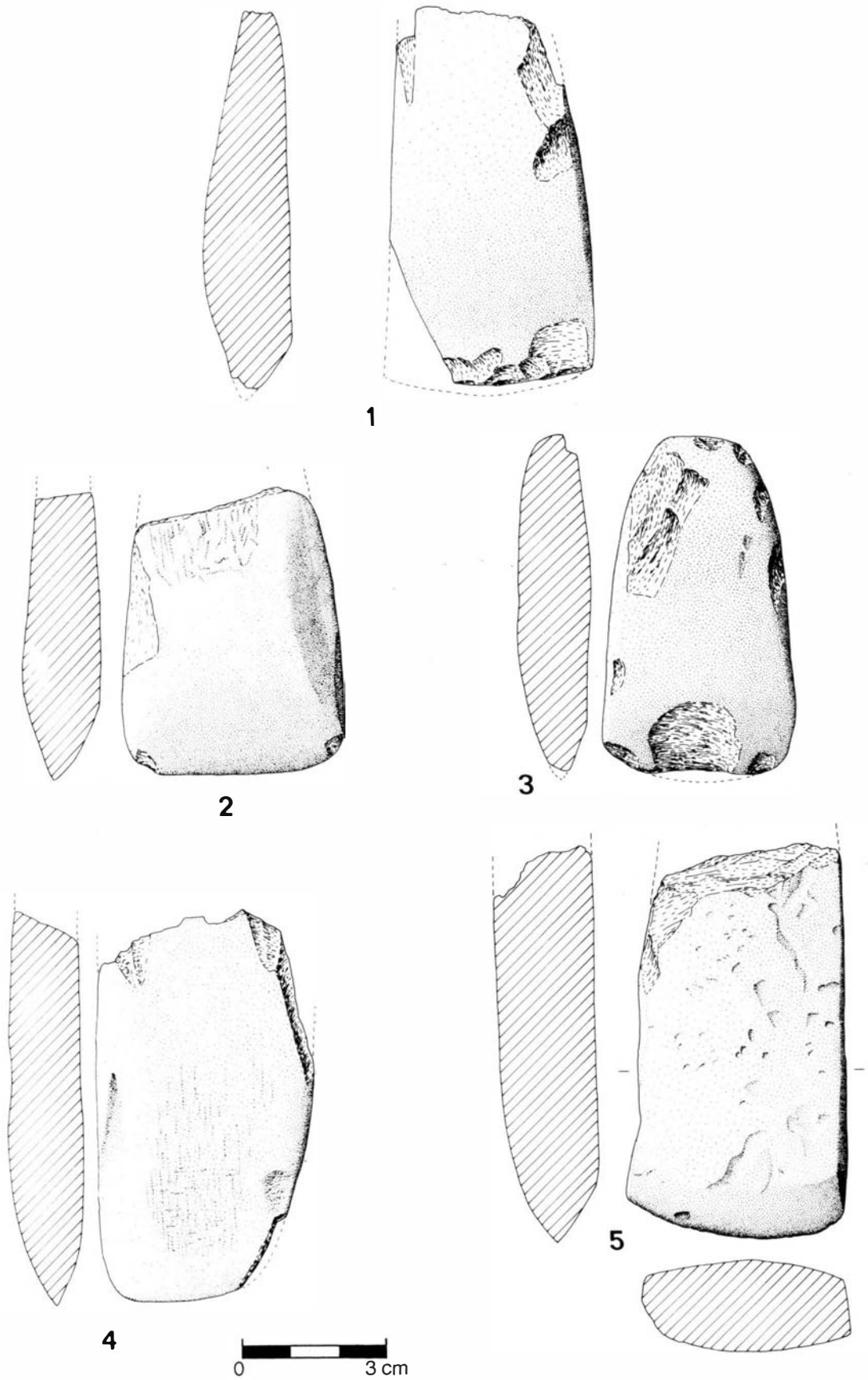


Fig. 4 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra polida.

2.2.6 - Elementos de foice sobre lasca

Um exemplar profundamente serrilhado em um dos lados maiores, apresentando o oposto retoque abrupto, de regularização, destinado a facilitar o encabamento da peça (Fig. 8, nº. 5). Trata-se de tipo muito frequente no Bronze Final da região (CARDOSO *et al.*, 1980/81; CARDOSO *et al.*, 1986), sendo conhecido, embora vestigialmente, em épocas anteriores. A ausência de materiais cerâmicos da Idade do Bronze na estação sugere a hipótese de ser artefacto mais antigo, provavelmente de época campaniforme.

2.2.7 - Peças ovais ou sub-rectangulares de retoque cobridor

Quatro exemplares de retoque cobridor, dos quais apenas um (Fig. 9, nº. 16) ostenta trabalho bifacial completo. Os três restantes mostram apenas uma das faces trabalhada, apresentando a outra pequenos retoques marginais descontínuos (Fig. 9, nº. 13 a 15). O brilho que três destas peças ostentam nas superfícies de lascagem sugere prévio aquecimento do sílex, de modo a facilitar o trabalho; tal brilho não se observa nos picos ou na maioria das raspadeiras (é excepção o exemplar da Fig. 9, nº. 7). Este grupo de artefactos que, entre outros, desempenhou funções como elementos de foice (daí a expressiva, embora incorrecta, designação de “foicinhas”, adoptada por A. do Paço) tem sido tradicionalmente reportado ao Calcolítico da Estremadura. Porém, o achado, no povoado pré-histórico de Leceia, de diversos exemplares na camada correspondente ao Neolítico final (CARDOSO *et al.*, 1996), vem demonstrar a existência destas peças em épocas anteriores ao Calcolítico, ao contrário do que até ao presente era admitido.

2.2.8 - Núcleos de lamelas

Um exemplar de tendência piramidal, para a obtenção de lamelas (Fig. 7, nº. 1). O brilho intenso corrobora, tal como em algumas das peças anteriores, o uso do calor no trabalho de debitage.

2.3- Cerâmica

Os fragmentos cerâmicos agora estudados distribuem-se por duas fases culturais bem definidas e muito distintas: o Neolítico final e o Calcolítico final (campaniforme). Todos os exemplares estudados resultaram de colheitas efectuadas pelo Centro Cultural Roque Gameiro, exceptuando-se o representado na Fig. 11, nº. 5, pertencente às colecções do Museu Nacional de Arqueologia.

2.3.1 - Neolítico final

Pertencem a esta fase cultural diversos fragmentos com a característica decoração denteada sobre o lábio (Fig. 10, nº. 4, 5, 7 e 9), idênticos a outros exumados na camada 4 de Leceia, do Neolítico final, datada entre 3510 e 2900 cal AC para um conjunto de oito datas de radiocarbono, correspondente 95% da probabilidade (SOARES & CARDOSO, 1995). Acompanham este conjunto outras temáticas decorativas, como os mamilos sobre o bordo (Fig. 10, nº. 6), os cordões em relevo interrompidos por incisões (Fig. 10, nº. 8), bem como cerâmicas lisas, de onde se destacam as taças carenadas, de que alguns exemplares se representaram em publicação anterior (CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig. 35, nº. 7 a 9). Certos fragmentos com decorações incisivas, formando espinhados (Fig. 10, nº. 1 e 3), ou constituindo bandas preenchidas interiormente (Fig. 11, nº. 2), ou ainda impressas (Fig. 10, nº. 2), poderão integrar-se em uma etapa cultural anterior, o Neolítico antigo evolucionado, ou de tradição antiga, designação que preferimos, considerando a sobrevivência desta técnicas e temáticas decorativas até ao início do Neolítico final da região (CARREIRA & CARDOSO, 1992, 1994). Nesta medida, tais fragmentos poderiam considerar-se também do Neolítico final; a falta de indicações estratigráficas impede, porém, maiores certezas.

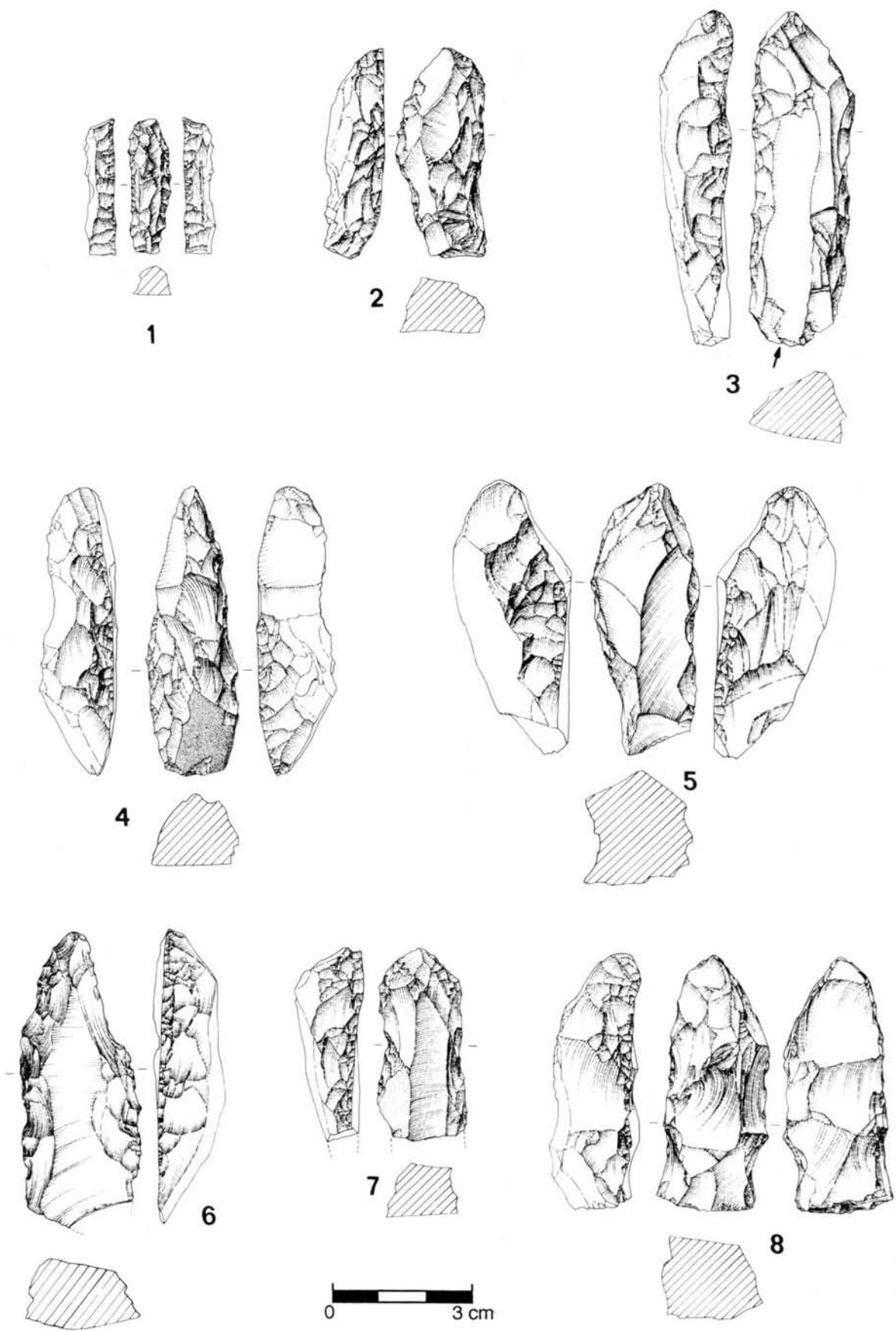


Fig. 5 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

2.3.2 - *Calcolítico final*

Este grupo encontra-se exclusivamente representado por materiais decorados campaniformes. Estão presentes as taças hemisféricas com decoração pontilhada, em padrão de linhas alternadamente rectilíneas e em zig-zag (Fig. 11, nº. 1), frequente em taças tipo Estoril (HARRISON, 1977); a fragmentos de taças são, ainda, de reportar os exemplares da Fig. 11, nº. 2 a 4, o primeiro dos quais inciso, pertence a um fundo; dois bordos, igualmente incisos, são de taças tipo Palmela (Fig. 11, nº. 5 e 6). O fragmento de suporte de lareira (Fig. 11, nº. 7) apresenta-se bem conservado e com superfície alisada e regularizada; excluindo-se a sua integração no Neolítico final e sendo pouco importante a ocupação do local no Calcolítico inicial e pleno, resta a possibilidade de este artefacto, de carácter funcional, pertencer ao Calcolítico final (CARDOSO & FERREIRA, 1990; CARDOSO, 1992), hipótese que não é de rejeitar no estado actual dos conhecimentos.

3 - COMPARAÇÕES, CRONOLOGIA E CONCLUSÕES

No conjunto ora estudado, as indústrias líticas correspondem ao grupo de maior interesse. Com efeito, é peculiar a técnica de lascamento evidenciada pelos picos e pelas raspadeiras espessas, artefactos para os quais escasseiam os paralelos. Trata-se de uma indústria local, conforme é indicado não só pela abundância e coerência tipológica dos respectivos produtos, mas também pela natureza da matéria-prima: o sílex branco-acinzentado em nódulos, inclusos nos calcários do Cenomaniano superior aflorante ao longo do vale do rio Jamor. Os picos, por vezes com indícios de utilização na extremidade distal, por boleamento, sugerem o seu uso como furador ou buril, usados por compressão e não por percussão. Exemplares idênticos, outrora ali recolhidos por C. Ribeiro, foram anteriormente aproximados dos “picos campinhienses” (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1959, Fig. 1, nº. 7 e 9). ANDRADE & GOMES (1959, p. 141 e Est. XVI) declaram, a propósito dos exemplares homólogos por eles recolhidos, o seguinte: “Aparecem ainda algumas peças grosseiras, muito espessas, de secção e formas variáveis (Est. XVI), sobre as quais nada sabemos dizer. Ignoramos se em estações próximas foram encontrados objectos com as mesmas características”.

Creemos que a reavaliação desta interessante questão mereceria, por si só, a apresentação deste estudo. Quanto à função dos picos, parece questão que se poderá considerar ultrapassada – afastada, entretanto, a hipótese de constituírem esboços de preparação de artefactos mais elaborados – facto que o massacramento dos bordos laterais e os vestígios de uso observados na extremidade distal contradizem: seriam peças compósitas, para furar, riscar e raspar. As pequenas dimensões não possibilitariam outras funções como a de cavar, atribuídas aos verdadeiros picos campinhienses. No que concerne à época, consideramos que há elementos suficientes para levantar a indeterminação resultante da natureza superficial das recolhas.

Verifica-se que a técnica de talhe é idêntica à das raspadeiras sobre lâminas espessas; a única diferença reside no facto de, nas raspadeiras, o bico da extremidade funcional se encontrar substituído por uma frente cortante. Deste modo, ambos os tipos de artefactos em apreço integram uma mesma indústria, com expressão crono – cultural específica, que importa caracterizar.

Os paralelos da Estremadura portuguesa são muito escassos. ANDRADE & GOMES (1959, p. 139) citam exemplares das grutas de Alcobaça e outros da gruta da Casa da Moura. Quanto aos de Alcobaça, os reproduzidos por NATIVIDADE (1899/1903, Est. X, nº. 55 a 57) não se afiguram semelhantes às raspadeiras de Carnaxide sobre lâminas espessas e muito menos aos picos. Também na Casa da Moura não há testemunho da existência de raspadeiras ou de picos com tais características (informação pessoal de J. R. Carreira, que se agradece). É nas estações designadas por “Monsanto”, onde avulta o sítio de Santana, junto da ribeira do vale de Alcântara, em Lisboa, que se encontram os paralelos mais próximos para as indústrias em apreço; com efeito, abundam ali, não apenas picos, mas também as raspadeiras sobre lâminas espessas. A cronologia de tais indústrias, de recolhas superficiais ou desprovidas de indicações estratigráficas, mantém-se indefinida; trata-se, provavelmente, de materiais de várias épocas, com nítida dominância dos neolíticos como H. Breuil já indicara em 1918 (BREUIL, 1918, p. 35, 36). O referido pré-historiador, revendo em 1942 os mesmos materiais notou que nalguns se observava “une vague saveur campignienne” (*in* OLLIVIER, 1946), observação

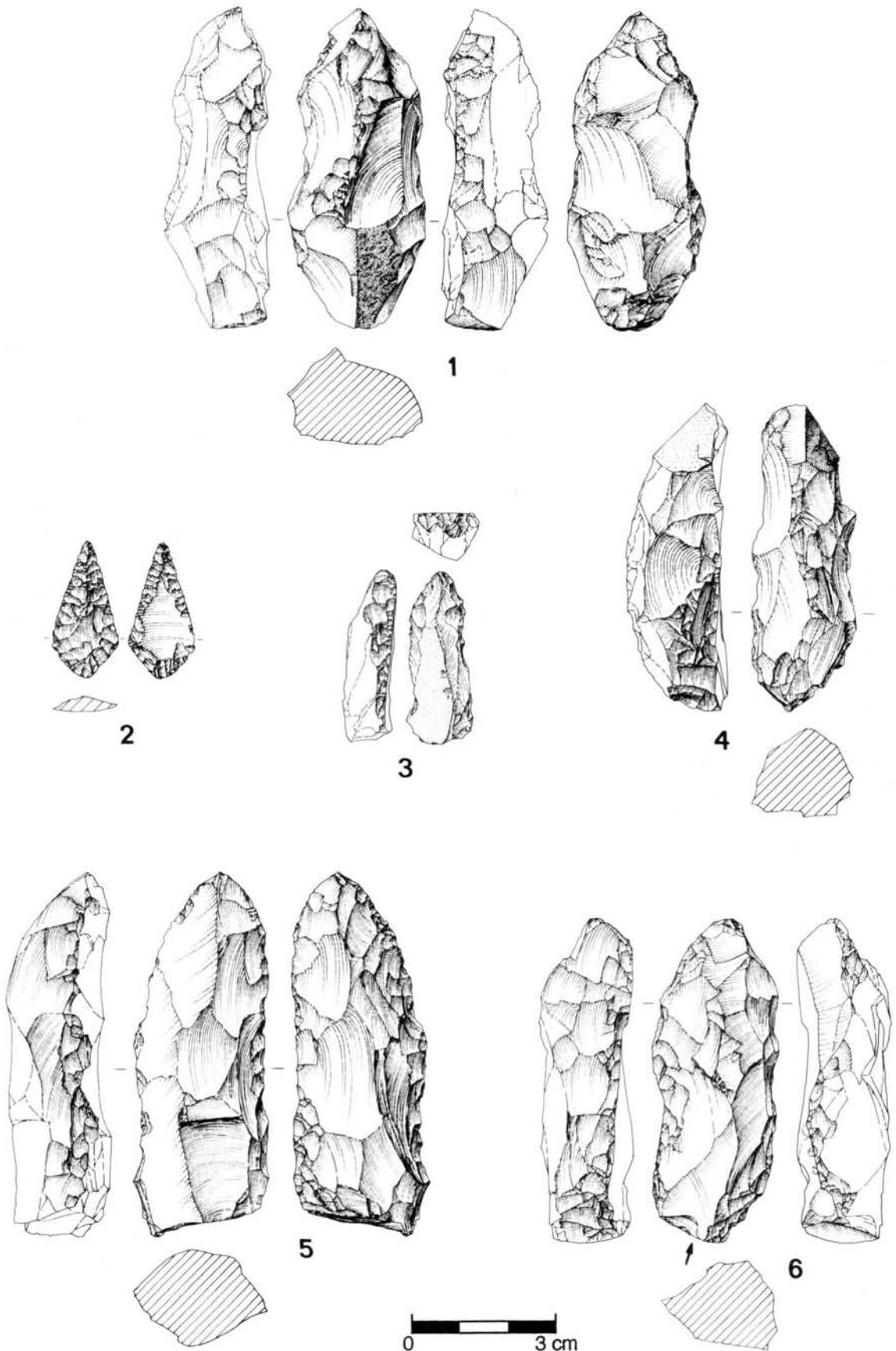


Fig. 6 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.



Fig. 7 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

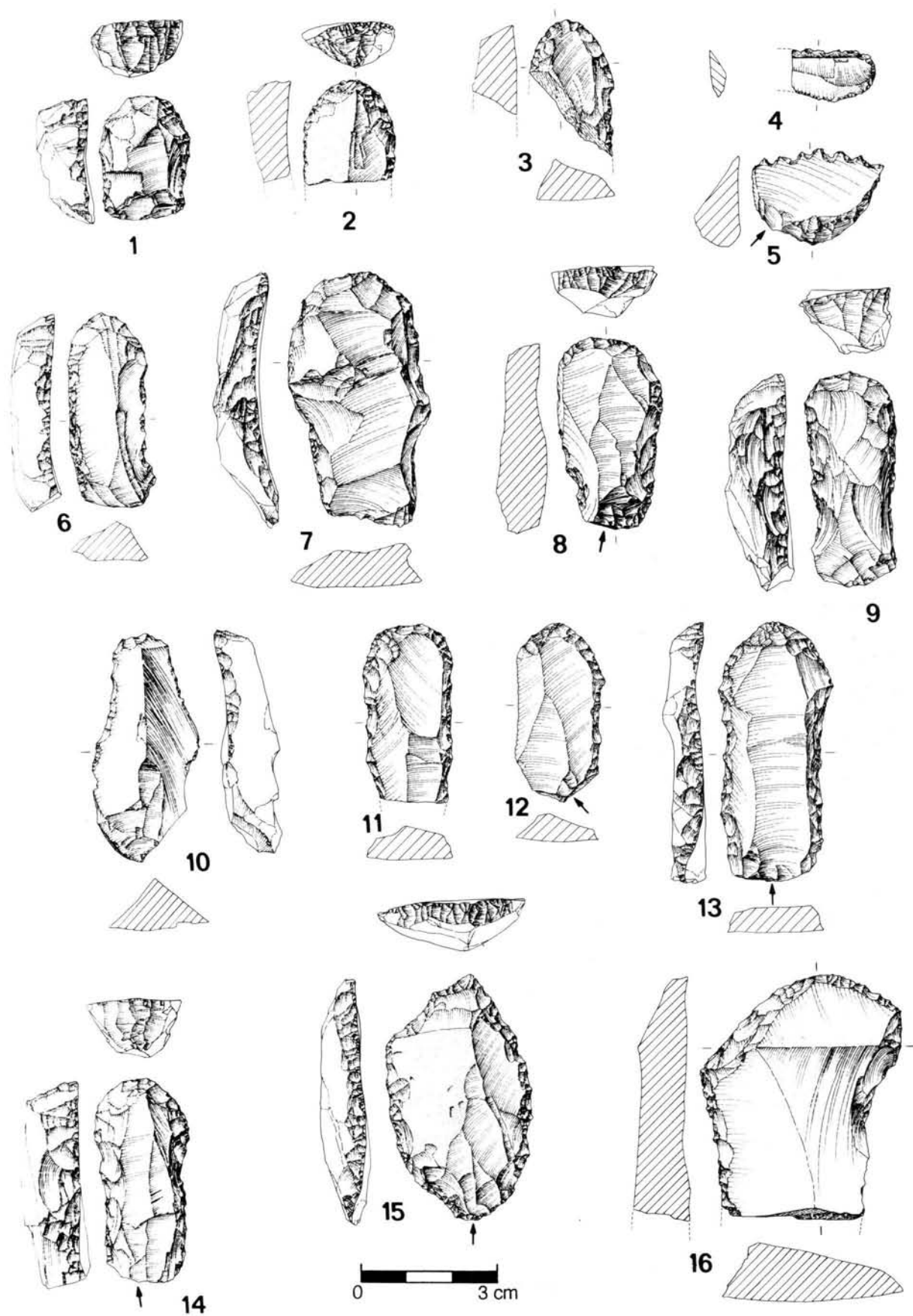


Fig. 8 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

que concorda com a referência por ZBYSZEWSKI *et al.*, (1959) quanto à existência em Carnaxide de formas evocativas dos picos campinhenses. Importa discutir tais afirmações. É incontestável que alguns dos picos reproduzidos neste estudo correspondem às características morfológicas – apesar do seu pequeno tamanho – de exemplares campinhenses – já OLLIVIER (1946) tinha salientado a semelhança, dentro do paleolítico da Amadora, de peças que se inscrevem no conjunto das indústrias campinhenses. Faltam, porém, quase totalmente, em Carnaxide, um dos tipos mais característicos daquelas indústrias: os “tranchets” artefactos sempre presentes nos conjuntos industriais em apreço (NOUGIER, 1950). Não há, pois razão para considerarmos em Carnaxide a presença de tal fácies industrial, aliás de distribuição geográfica distinta a nível europeu; cremos, contudo, que as indústrias de Monsanto e de Carnaxide possam constituir um seu pálido reflexo meridional, favorecido por condições naturais particularmente propícias, designadamente a abundância matéria prima de boa qualidade; tal disponibilidade viabilizaria o talhe de artefactos nucleares mais “pesados”, por oposição às indústrias de pedra lascada de tendência laminar e microlítica, dominante no Neolítico final da região.

Uma raspadeira exumada em Leceia na camada do Neolítico final, igualmente sobre lâmina e de tendência carenada (CARDOSO, 1989, Fig. 98, n.º 15), idêntica a exemplares de Carnaxide constitui um indicador crono-cultural de maior interesse que os materiais de Monsanto, por ser o único exemplar para o qual se conhecem condições estratigráficas precisas.

Os restantes tipos de raspadeiras, sobre lâminas ou lascas planas já anteriormente identificadas (ANDRADE & GOMES, 1959, p. 139) não contribuem para o esclarecimento da questão em apreço: raspadeiras sub-circulares, ou unguiformes, foram recolhidas em Leceia na camada Neolítico final nas calcolíticas.

Conclusão idêntica é extensível ao espólio cerâmico: tanto nas recolhas de ANDRADE & GOMES (1959) como nas que, ulteriormente, ali foram efectuadas, se obtiveram exemplares lisos e decorados, característicos do Neolítico final e do Calcolítico inicial, pleno e final. Porém, é desigual a importância da ocupação local no decurso das referidas fases culturais: os achados apontam para uma maior presença humana no Neolítico final e no Calcolítico final (campaniforme), conclusão que, aliás, os materiais cerâmicos ora estudados reforçam. Excluindo-se o uso, no Calcolítico final (campaniforme), da larga maioria dos restantes artefactos líticos recolhidos como as pontas de seta de base triangular ou convexa, micrólitos, furadores, etc., verifica-se que, também por esta via, se chega à conclusão destas indústrias líticas peculiares, onde avultam os picos e as raspadeiras espessas, se integrem, preferencialmente, no Neolítico final.

Qual a explicação para a ocorrência em Carnaxide, de forma tão nítida, desta rara indústria, no Neolítico final? Cremos que a resposta residirá no âmbito de actividades específicas, a que se entregariam os ocupantes do povoado. Os picos, além de furadores, poderiam ser usados como retocadores, correspondendo, neste caso a estação de Carnaxide a um povoado-oficina. Porém, se esta hipótese se adequa bem a Santana, já no respeitante à estação em apreço faltam os resíduos de talhe, os esboços e os núcleos susceptíveis de a apoiar. Considerando a raridade das raspadeiras espessas e a ausência total de picos no povoado pré-histórico de Leceia, designadamente na camada coeva da sua provável utilização em Carnaxide, e tendo em atenção a escassa distância que separa os dois locais (como atrás se disse, apenas 2,5 Km em linha recta), é-se levado a concluir que tais diferenças são, necessariamente, reflexo de actividades diferentes e forçosamente mais especializadas em Carnaxide, sem que, no estado actual dos nossos conhecimentos, estas possam ser melhor especificadas.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Francisco Alves, director do Museu Nacional de Arqueologia, pelas facilidades concedidas no estudo do espólio ali conservado. À Associação de Arqueologia da Amadora, que deliberou oferecer ao Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras os espólios arqueológicos de diversas estações da área oeirense, entre os quais se integram alguns dos materiais de Carnaxide agora estudados.

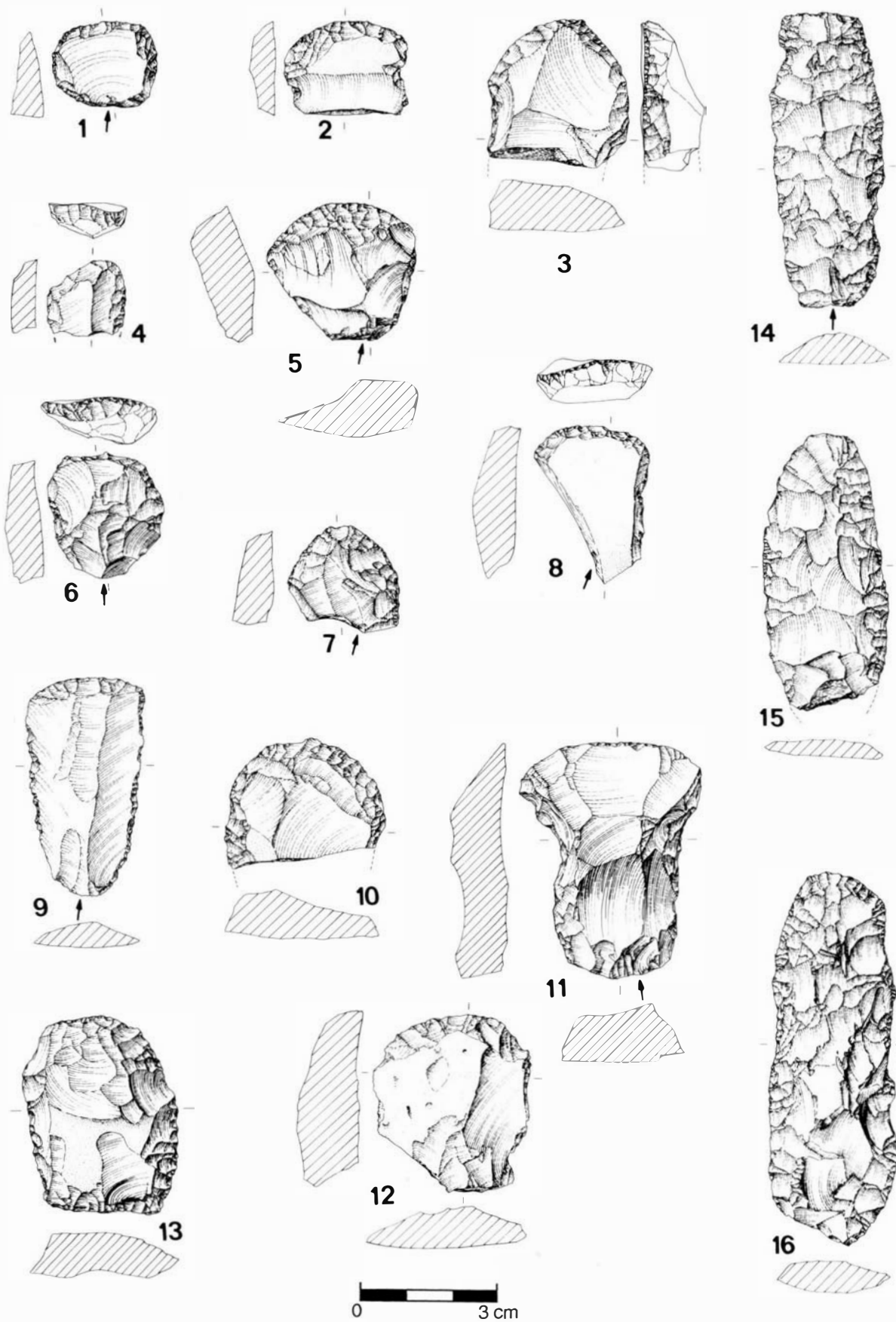


Fig. 9 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

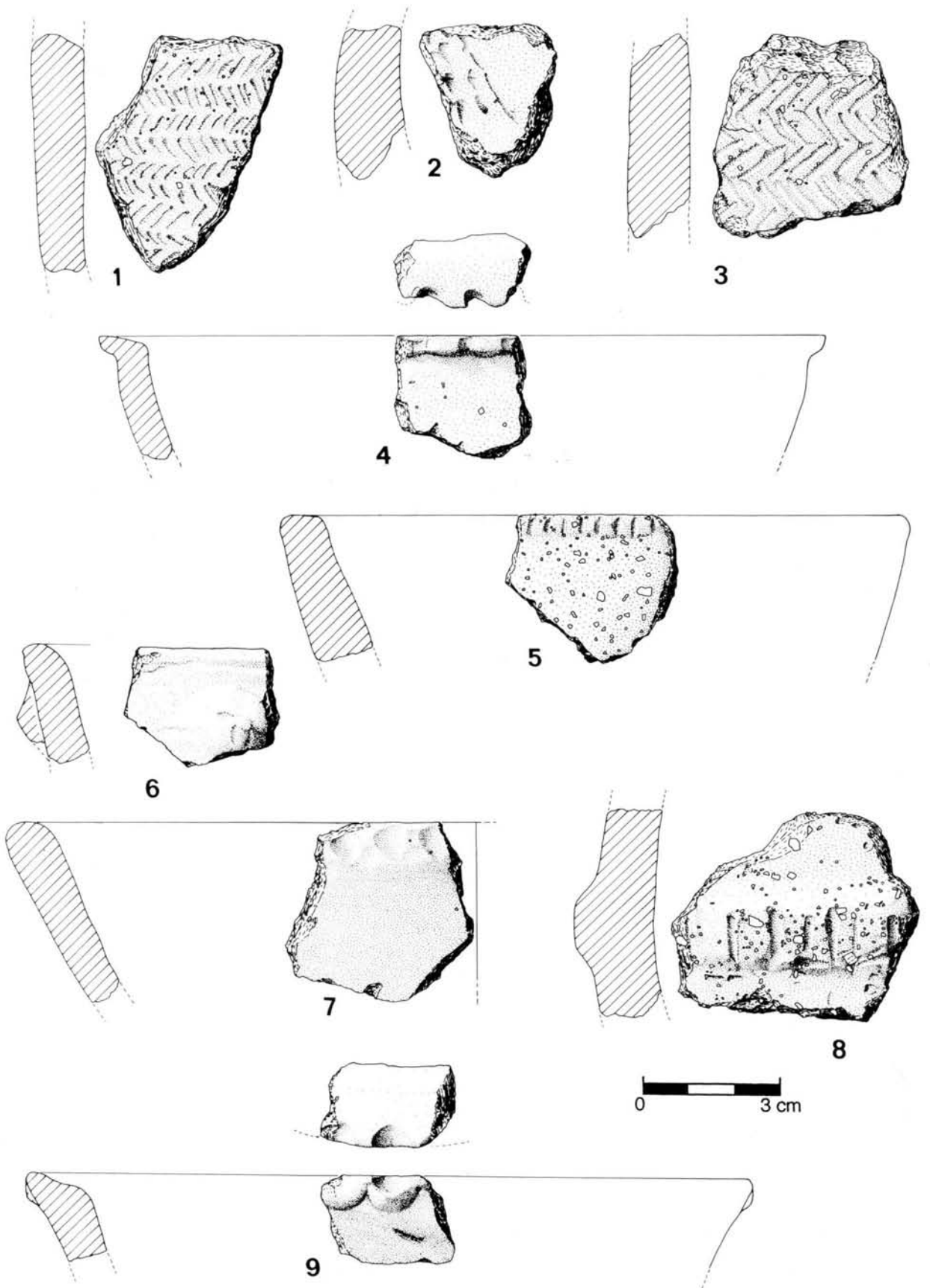


Fig. 10 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Indústria cerâmica.

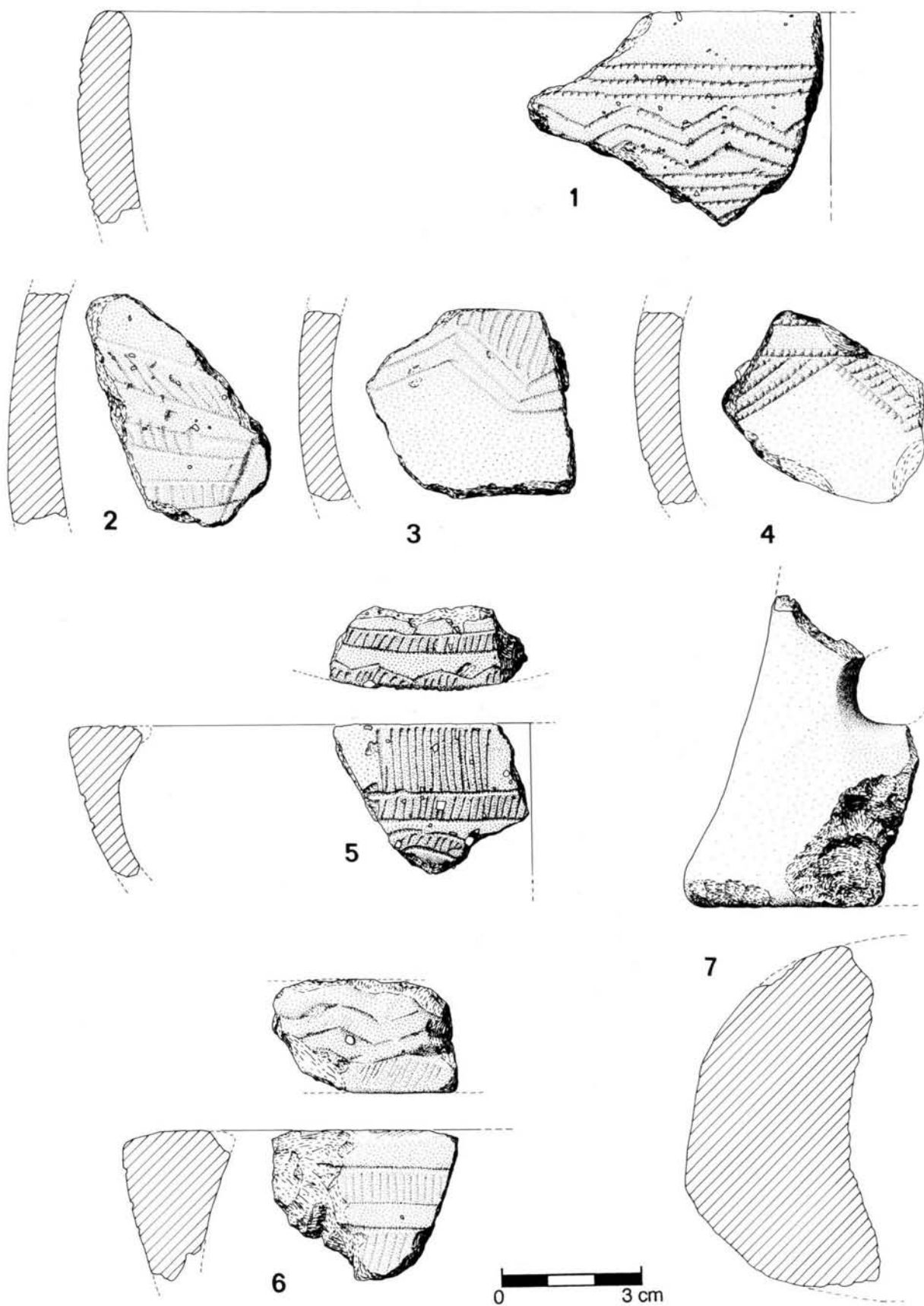


Fig. 11 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Indústria cerâmica.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, G. M. & GOMES, J. J. Fernandes (1959) - Estudo da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 137-146.

BREUIL, H. (1918) - Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*, 27-28, p. 34-39.

CARDOSO, J. L. (1981) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2ª. Parte. *Revista de Guimarães*, 90, p. 190-235.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1992) - Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*, Série II, 1, p. 23-26.

CARDOSO, J. L. (1995) - Leceia 1983-1993. *Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - Carta Arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, p. 1-126.

CARDOSO, J. L. & FERREIRA, O. da Veiga (1990) - Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia* (Assembleia Distrital de Lisboa), 1, p. 5-12.

CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) - Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-138.

CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) - A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*, 2ª. Série, 15, p. 13-18.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) - A ocupação neolítica do povoado pré-histórico de Leceia. Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 47-89.

CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1992) - Testemunhos de ocupação neolítica na serra de Monsanto. *Al-Madan*, Série II, 1, p. 15-18.

CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1994) - Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.

HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research - Peabody Museum. Harvard University, Bulletin 35. Cambridge, Massachusetts.

NATIVIDADE, M. Vieira (1899/1903) - Grutas de Alcobça. *Portugalia*, 1, p. 433-474.

NOUGIER, L.-R. (1950) - *Les Civilisations Campigniennes en Europe Occidentale*. Édouard Privat. Toulouse.

OLLIVIER, J. (1945) - Une industrie d'aspect campignien parmi le paléolithique d'Amadora. *Bulletin des Études Portugaises*, 10 (1), p. 204-213.

- ROSEIRA, A. (1953) - Escavações em Leceia e no Vale do Jamor. *O Arqueólogo Português*, Série II, 2, p. 201.
- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1895) - Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 182-191.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1896) - Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 241-243.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) - Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 41 (2), p. 114-120.

A OCUPAÇÃO NEOLÍTICA DE LECEIA (OEIRAS). MATERIAIS RECOLHIDOS EM 1987 E 1988

João Luís Cardoso⁽¹⁾, Joaquina Soares⁽²⁾ & Carlos Tavares da Silva⁽³⁾

1 - INTRODUÇÃO

Desde a quarta campanha de escavações realizada no povoado pré-histórico de Leceia (1986) que ficou definitivamente comprovada a existência de uma ocupação neolítica no local, consubstanciada por uma camada directamente assente no substrato geológico, imediatamente sob a sucessão calcolítica, representada pelas três fases culturais identificadas na Estremadura: o Calcolítico inicial, o Calcolítico pleno e o Calcolítico final (período representado pelas cerâmicas campaniformes). Leceia passou a constituir, deste modo, o povoado pré-histórico da Estremadura com a mais completa sucessão cultural conservada, com expressão estratigráfica (CARDOSO *et al.*, 1987; CARDOSO, 1989, 1994, 1995).

Neste trabalho serão estudados os materiais correspondentes à primeira fase de ocupação, exumados em 1987, em estrutura habitacional arrasada, subjacente às fundações da segunda linha defensiva, esta última datada da base do Calcolítico inicial – a *Estrutura R* – e em 1988, em estrutura igualmente muito mal conservada – a *Estrutura QQ* – representada por um muro rectilíneo, de finalidade desconhecida (Fig. 1). Nos anos ulteriores, a camada neolítica foi atingida em diversos locais da área que, progressivamente, veio a ser escavada, configurando a existência, no Neolítico final, de um vasto povoado aberto que teria ocupado boa parte da extensa plataforma calcária, dominando todo o vale da ribeira de Barcarena até à sua confluência com o Tejo, 4 Km a jusante. O grande volume de materiais ulteriormente exumados nesta camada, justifica estudo a ser concretizado logo que possível, o qual poderá precisar algumas das conclusões obtidas dos materiais dos dois *loci* agora estudados.

2 - ESTRATIGRAFIA E CRONOLOGIA ABSOLUTA

Em Leceia, sempre que a escavação atinge o substrato geológico, ocorre, directamente assente sobre ele, camada com abundantes materiais neolíticos. Tal situação leva a concluir que a comunidade neolítica se instalou indiferenciadamente sobre uma vasta superfície rochosa (representada por calcários recifais sub-cristalinos do Cretácico

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽²⁾ Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

⁽³⁾ Director do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrital de Setúbal.

inferior, Cenomaniano superior) que ora se apresenta mais ou menos profundamente recortada por efeito de fenómenos de dissolução química de natureza cársica, ora se desenvolve em vastas bancadas tabulares, ligeiramente inclinadas por acções tectónicas. Em um ou outro lugar ocorrem, excepcionalmente, níveis argilosos avermelhados ou amarelados, resultantes quer de tufos e cinzas vulcânicas que teriam coberto, no final do Cretácico, toda a região, quer da própria alteração química dos calcários, com formação de depósitos argilosos residuais (“terra rossa”). Os dois locais agora estudados caracterizavam-se pelos seguintes aspectos:

Estrutura R

Esta unidade habitacional, escavada em 1987, encontrava-se representada por dois troços de muros rectilíneos, bem como por uma lareira de contorno circular, aproveitando uma “cuvette” do substrato geológico (Fig. 2). De tal estrutura de combustão teria provindo volumoso depósito de cinzas, acumulado na sua adjacência. Nele se recolheram numerosos artefactos líticos e cerâmicos, adiante estudados. No conjunto, a espessura da camada correspondente à construção e utilização da estrutura não ultrapassava 0,20 m; assentando directamente no substrato geológico, localmente constituído por calcários apinhoados do Cenomaniano superior, a referida camada encontra-se sobreposta por outra, mais terrosa e acastanhada, com cerca de 0,15 m de espessura, incluindo blocos dispersos, de pequenas dimensões (Fig. 3). Trata-se de depósito com numerosos materiais arqueológicos resultantes de remobilização, por certo de curta distância, considerando que a referida zona ocupa a parte mais alta da plataforma rochosa. A acumulação deste depósito - que serviu, por sua vez, de fundação à *Muralha O*, integrada na segunda linha defensiva, edificada logo nos alvares do Calcolítico inicial - resultou do abandono do local, entre o final do Neolítico e o começo do Calcolítico. Tal lapso temporal pôde ser determinado, em Leceia, mercê da realização de um número significativo de datações absolutas pelo radiocarbono para aquelas duas fases culturais (QUADRO I). A sua duração terá sido de 30 a 150 anos. Porém, sendo os valores extremos dificilmente aceitáveis, o que a análise estatística permite afirmar é que tal período de abandono deverá corresponder a algumas dezenas de anos (SOARES & CARDOSO, 1995, p. 275). Com efeito, a fundação da segunda linha defensiva do dispositivo fortificado, edificado logo no início do Calcolítico inicial, constituída por embasamento de grandes blocos (Fig. 3), assenta directamente na camada de abandono atrás referida.

Estrutura QQ

A *Estrutura QQ*, escavada em 1988, encontra-se representada por pequeno segmento de muro rectilíneo constituído por uma fiada de pedras, tal como os dois que integram a *Estrutura R*. Tal muro funda-se em camada argilosa avermelhada (“terra rossa”), depósito residual que preenche as irregularidades dos afloramentos calcários, localmente com intensa carsificação (Fig. 4). O depósito correlativo da construção/utilização desta estrutura, de coloração acastanhada, desenvolvia-se lateralmente. A acumulação de tal depósito deverá ter-se, porém, prolongado para além a época de utilização da estrutura em causa. Assim o indica a respectiva potência, de cerca de 0,50 m, que ultrapassa largamente a altura actual da construção referida. Trata-se, pois, de depósito essencialmente coluvionar. Com efeito, tal situação era favorecida pela topografia do local, correspondendo a zona deprimida da estação, favorável à concentração de detritos provenientes das áreas mais altas do antigo povoado. A ocorrência de fenómeno era especialmente importante em épocas de maior erosão, decorrente do abandono da estação no decurso das escassas dezenas de anos entre o Neolítico final e o início da ocupação do Calcolítico, marcado pela construção, de uma só vez e em curto espaço de tempo, de uma poderosa e complexa fortificação. Como se disse, tal situação encontrava-se ilustrada, no caso da *Estrutura R*, pela sobreposição da *Muralha O*, integrada na segunda das três linhas defensivas identificadas no arqueossítio. No caso da *Estrutura QQ*, a situação é idêntica. Com efeito, o depósito acumulado no decurso do período de abandono da estação, encontra-se sobreposto por enchimento amarelo-esbranquiçado, argilo-margoso, embalando blocos de calcário de pequenas a médias dimensões: é evidente, na Fig. 4 o contraste cromático oferecido entre este enchimento e a camada subjacente. Trata-se de acumulação artificial, funcionando como embasamento da *Muralha O*, no seu prolongamento para ocidente desde o local anteriormente considerado (Fig. 1). Na zona em apreço, a construção de tal embasamento, com o objectivo de conferir maior estabilidade à muralha sobre ele edificada, justificava-se, atendendo ao importante declive que aquela ali tinha de vencer, ao contrário do verificado na zona da *Estrutura R* onde o terreno se apresentava aplanado, dispensando tais cuidados construtivos. Em conclusão, a sucessão estratigráfica observada nos dois locais pode ser descrita do seguinte modo:

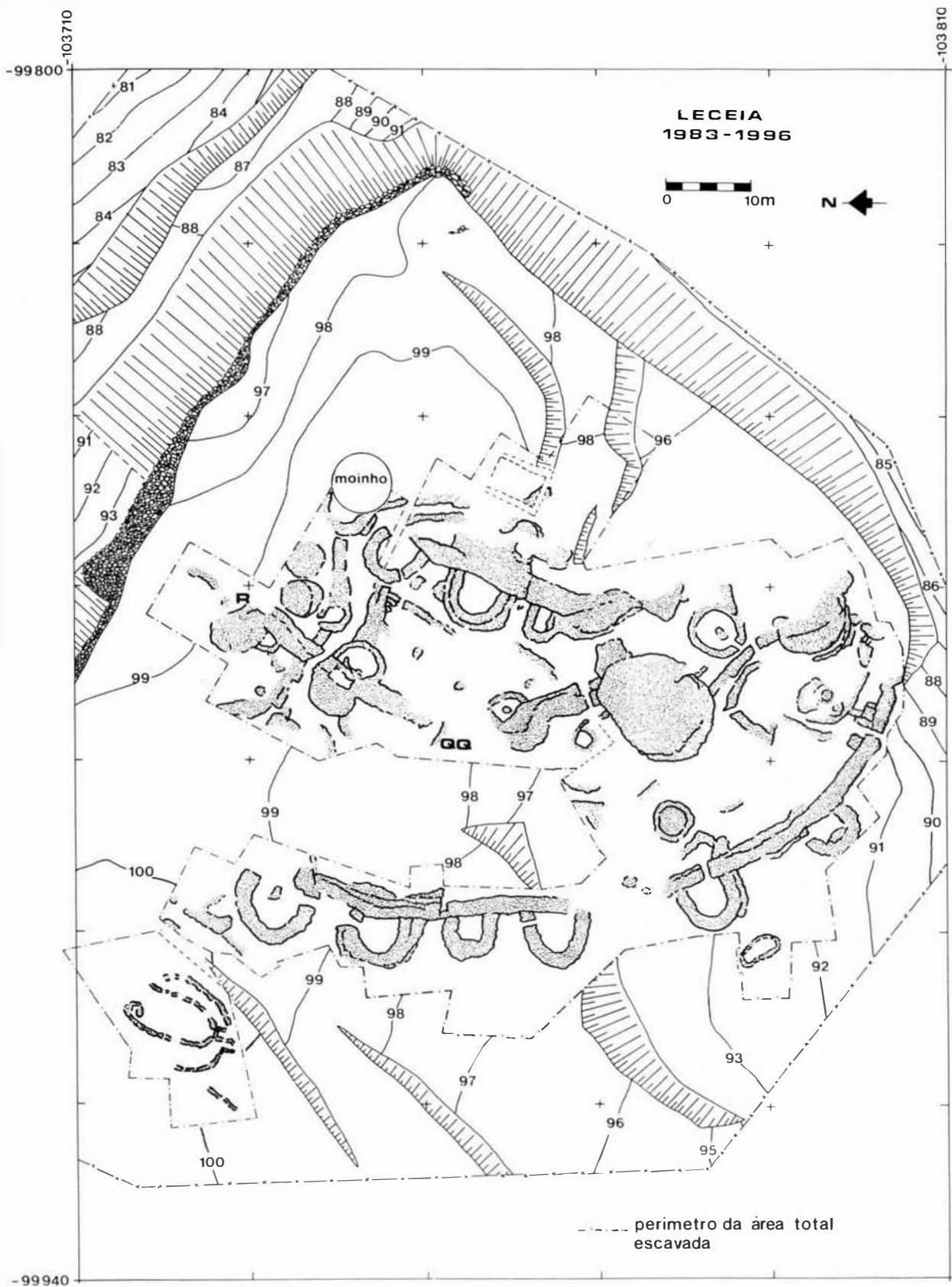


Fig. 1 – Leceia. Localização na área escavada da *Estrutura R* e da *Estrutura QQ*.

C.5 – substrato geológico, constituído por calcários recifais por vezes fortemente carsificados do Cenomaniano superior, ou por depósitos de “terra rossa” deles resultantes;

C.4 – camada terrosa, coeva ou posterior à construção e utilização de estruturas mal caracterizadas de carácter habitacional, correspondendo a remobilização e acumulação de materiais oriundos de locais mais ou menos próximos. Tal acumulação coincidiu com período de abandono da estação, entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial. A sua espessura varia entre 0,20 m, junto da *Estrutura R*, e mais de 0,50 m, nas imediações da *Estrutura QQ*;

C.3 – camada correspondente à construção da *Muralha O*, corporizando, em ambos os locais considerados, a segunda linha defensiva, dos alvores do Calcolítico inicial.

Todos os materiais estudados provêm da Camada 4; encontram-se, assim, convenientemente identificados, tanto quanto à sua cronologia como à respectiva integração cultural.

Com efeito, o estudo estatístico de sete datas de radiocarbono, das quais quatro pertencem aos dois sítios em apreço, veio provar que, para um intervalo de confiança de 95%, a correspondente ocupação se pode situar entre 3510 e 2900 cal AC. Assim, Leceia pode considerar-se, presentemente, a estação melhor datada do nosso território (SOARES & CARDOSO, 1995) tanto no que ao Neolítico final diz respeito, como no concernente às ulteriores ocupações calcolíticas ali verificadas, para as quais se dispõe de mais de uma trintena de datas de radiocarbono (QUADRO I).

3 - ESTUDO DOS MATERIAIS

3.1 - Indústria de pedra lascada

3.1.1 - *Matérias-primas*

Dos 263 artefactos líticos analisados, 99,2% são de sílex; os restantes 0,8% correspondem a uma lasca residual de calcedónia e a um resíduo de quartzo leitoso. Distribuição petrográfica idêntica foi observada na indústria em pedra lascada da C.3, do Calcolítico inicial (CARDOSO *et al.*, 1983/84). De registar o aparecimento de xisto jaspóide, embora em pequena percentagem (0,4%), sob a forma de pontas de seta, na C.2, pertencente ao Calcolítico pleno, facto que sugere uma maior abertura da rede de trocas, alargada então Alentejo.

A disponibilidade local e regional de sílex⁽¹⁾ não impediu a obtenção de sílex exógeno, proveniente da região de Rio Maior (a cerca de 100 km a Norte), destinado à manufactura das peças ovais com retoço bifacial invasor/cobridor (“foicinhas”), inovação tecnológica do final do Neolítico que irá expandir-se no Calcolítico inicial. O padrão de uso da matéria-prima exógena não é, pois, aleatório, relativamente à tipologia dos artefactos.

A admitida abundância e a aparente ubiquidade do sílex na região terão de ser relativizadas não só em termos da qualidade exigida, mas também no que concerne às condições (técnicas) e custos de exploração, que estamos ainda longe de poder avaliar. A preocupação com a conservação dos artefactos, a identificação de técnicas de rejuvenescimento e de reutilização e o estado de exaustão atingido, com frequência, por núcleos e utensílios, aconselham a valorizar o interesse económico do sílex, mesmo no contexto da Baixa Estremadura.

Na tentativa de segmentar a monótona imagem oferecida pela matéria-prima, foi possível identificar cinco variedades cromáticas principais de sílex a que correspondem, também genericamente, diferenças de qualidade (textura) e distintos padrões de selecção. Os dois grupos pior individualizados correspondem aos do sílex cinzento-acastanhado

⁽¹⁾ Atenda-se à localização de Leceia sobre um afloramento de calcários do Cretácico (Cenomaniano superior) e à recente identificação de uma jazida (Barotas), apenas a 650 m onde poderá ter sido desenvolvida a actividade de exploração de sílex (CARDOSO & COSTA, 1992).

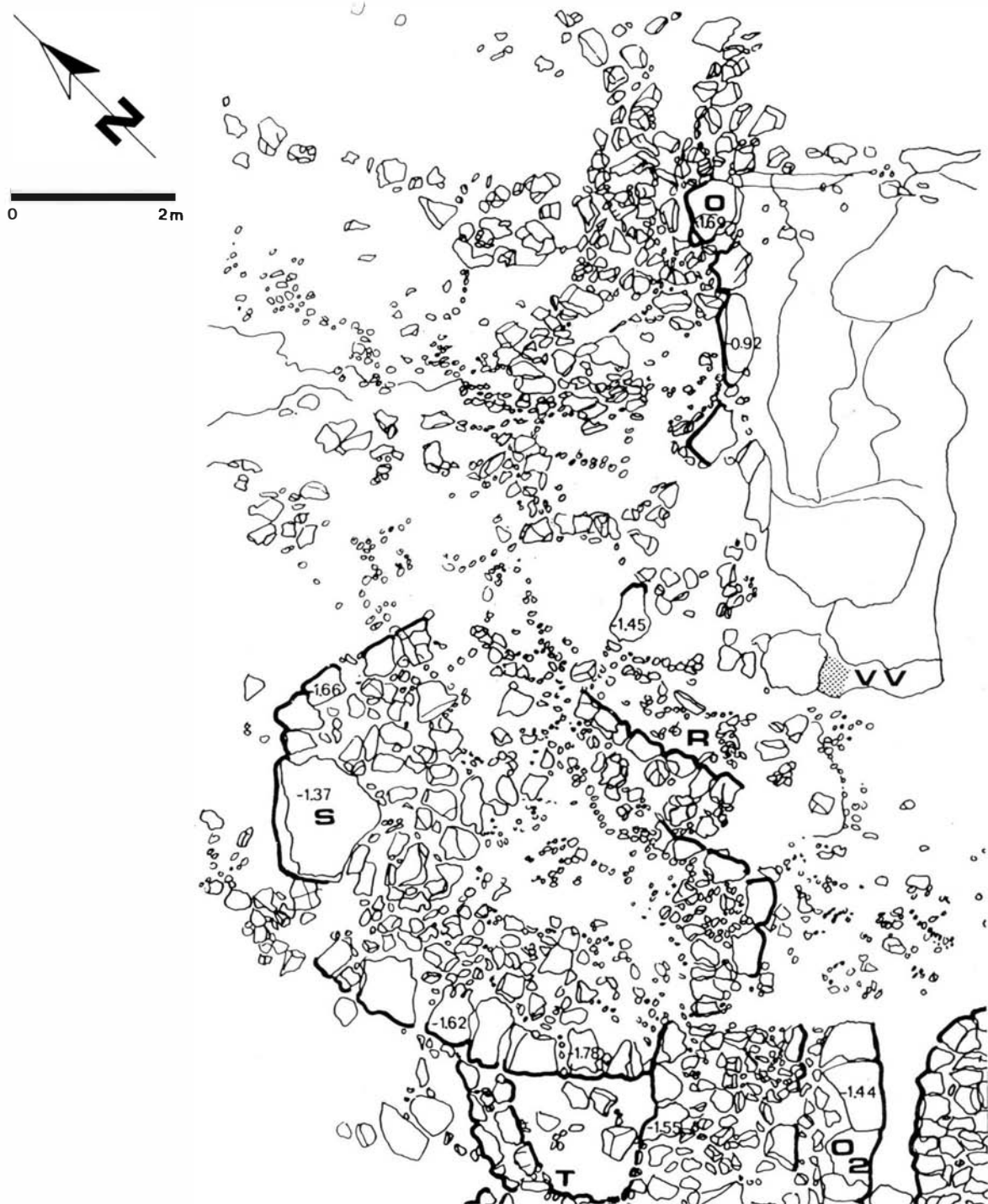


Fig. 2 – Leceia. Implantação em pormenor da *Estrutura R*, sob a segunda linha defensiva, do Calcolítico inicial, localmente representada pela *Muralha O* e pelo *Bastião S*, arrasados. Observa-se também a *Lareia VV*, provavelmente relacionada com a *Estrutura R*.

QUADRO I – Datações absolutas pelo ^{14}C para o Neolítico final (Camada 4), o Calcolítico inicial (Camada 3) e o Calcolítico pleno (Camada 2) do povoado pré-histórico de Leceia (*In* CARDOSO & SOARES, 1996)

Ref. Laboratório	Tipo de amostra	$\delta^{13}\text{C}$ ‰	^{14}C (BP)	Data calibrada (cal BC)	
				1 σ	2 σ
CAMADA 4					
ICEN-827	carvão	-24,08	7930±60	7000-6620	7030-6560
ICEN-738	osso	-19,77	4630±45	3497-3351	3509-3147
ICEN-1160	“	-21,81	4630±60	3500-3350	3620-3110
ICEN-312	carvão	-20,22	4530±100	3370-3040	3610-2910
ICEN-313	“	-22,02	4520±130	3490-2930	3630-2880
ICEN-316	“	-23,39	4520±70	3350-3050	3490-2920
ICEN-1161	osso	-20,00	4440±50	3293-2927	3337-2917
ICEN-1159	“	-21,35	4430±50	3261-2925	3333-2915
ICEN-1158	“	-21,45	4320±60	3020-2880	3090-2710
CAMADA 3					
ICEN-674	carvão	-24,56	4370±60	3080-2910	3290-2880
ICEN-1173	osso	-20,50	4170±50	2878-2621	2888-2581
ICEN-91	“	-20,00	4130±60	2870-2580	2880-2490
ICEN-673	carvão	-24,95	4130±100	2880-2500	2920-2460
ICEN-675	“	-25,42	4100±90	2870-2490	2890-2410
ICEN-1175	osso	-19,85	4090±80	2870-2490	2880-2460
ICEN-1176	“	-20,02	4090±60	2860-2500	2880-2460
ICEN-1177	“	-21,12	4050±50	2615-2485	2860-2461
ICEN-1174	“	-21,20	3980±50	2563-2457	2587-2335
CAMADA 2					
ICEN-89	osso	-19,91	4200±70	2890-2630	2920-2580
ICEN-92	carvão	-24,56	4120±80	2870-2500	2890-2460
ICEN-1212	osso	-21,02	4110±70	2870-2500	2880-2470
Ly-4205	carvão	-	4030±120	2860-2410	2890-2200
ICEN-1220	osso	-20,05	4030±70	2620-2460	2870-2250
ICEN-1217	“	-22,64	4020±80	2620-2460	2870-2310
ICEN-95	<i>Venus</i> sp.	+1,34	3990±70	2580-2410	2850-2290
ICEN-102	<i>Patella</i> sp.	+1,68	3970±70	2570-2360	2840-2210
ICEN-1213	osso	-23,21	3970±70	2570-2360	2840-2210
ICEN-737	“	-19,56	3920±70	2470-2290	2580-2150
ICEN-1218	“	-23,37	3910±60	2470-2280	2570-2150
ICEN-1211	“	-25,05	3900±80	2470-2210	2580-2140
ICEN-1215	“	-20,90	3900±70	2470-2280	2570-2140
ICEN-1216	“	-21,22	3880±80	2460-2200	2570-2050
ICEN-1214	“	-26,21	3840±110	2460-2060	2580-1950
ICEN-314	carvão	-25,74	3770±130	2450-1980	2560-1780
ICEN-315	“	-21,91	3730±170	2450-1890	2580-1680
ICEN-1219	osso	-21,05	3660±50	2130-1940	2180-1890

NOTA: estes resultados encontram-se já corrigidos para efeito de reservatório oceânico. A idade aparente das conchas marinhas da costa portuguesa, durante a maior parte do Calcolítico, apresenta o valor de 380 ± 30 anos ^{14}C (SOARES, 1993).



Fig. 3 – Leceia. Corte executado na *Muralha O*, assente em camada terrosa acastanhada com materiais do Neolítico final. Em primeiro plano, vista parcial da *Estrutura R*, pertencente a esta fase cultural. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 4 – Leceia. Corte executado na *Muralha O*. Observa-se o seu embasamento, constituído por argila compacta esbranquiçada, na C.4, vermelho-acastanhada, com materiais do Neolítico final. Em primeiro plano, a *Estrutura QQ*, pertencente a esta fase cultural, entre afloramentos calcários carsificados. Foto de J. L. Cardoso.

e cinzento-esverdeado, os quais poderão atribuir-se somente a “variações laterais” do grupo de sílex cinzento. As classes consideradas já haviam sido identificadas na indústria das C.3 e C.2 (CARDOSO *et al.*, 1983/84).

- Sílex da gama dos cinzentos (matiz N da carta Munsell). Qualidade, regra geral, medíocre; opaco; sob a forma de nódulos com ganga calcária. Disponível local e regionalmente. No cômputo global da indústria, detém uma contribuição de *ca.* 25%. Predominam os tons médios (17%) e claros 22(7%). Incluímos neste grupo o sílex branco e negro. Este último é muito escasso (1,3%); encontra-se presente apenas em utensílios e apresenta qualidade superior à da média do grupo. Cerca de 25% dos núcleos, 23% dos produtos de debitagem e 27% dos utensílios retocados foram manufacturados neste sílex.

- Sílex cinzento-acastanhado (Munsell 5YR/1). A qualidade média do sílex deste grupo não se afasta muito da do anterior. Disponível na região. Detém *ca.* 12% da totalidade dos artefactos, com domínio dos tons claros (6%) e dos médios (5%). Cerca de 35% dos núcleos, 11% dos produtos de debitagem e 8% dos utensílios retocados pertencem a este grupo.

- Sílex castanho-amarelado (Munsell 10YR e 5YR). Possui qualidade em geral superior à dos grupos anteriores; translúcido, com ganga calcária. Disponível na região. Foi a variedade mais utilizada (40% dos artefactos). Predominam (22%) os tons claros (10YR 8/2 a 10YR 6/2, 10YR 6/4), podendo associar-se ao branco, cinzentos claros e médios e castanho amarelado escuro (10YR 3/2). Os tons médios correspondem a 11% (10YR 5/2, 10YR 5/4, 10YR 5/6) e os restantes 7% são dominados pelas cores 10YR 4/2, 10YR 3/2 e 10YR 4/4. Cerca de 10% dos núcleos, 38% dos produtos de debitagem e 46% dos utensílios retocados foram produzidos neste sílex.

- Sílex cinzento-esverdeado (Munsell 5Y). De qualidade semelhante à do sílex cinzento-acastanhado. Existe na região e foi utilizado em *ca.* 11% dos artefactos. Predominam os tons médios com 8% (5Y 5/1 e 5Y 4/1) podendo o matiz principal associar-se a cinzentos claros e médios, cinzento rosado (5YR 8/1) e acastanhados (5YR 4/1). 25% dos núcleos, 11% dos produtos de debitagem e 8% dos utensílios retocados foram produzidos neste sílex.

- Sílex da gama dos vermelhos (Munsell 5R, 10R, 5RP). Em geral, de boa qualidade. Proveniente da região de Rio Maior. A sua contribuição para o conjunto da indústria lítica foi de 12%. Predominam, com 6%, os tons médios (5R 5/2, 10R 5/2, 10R 4/2, 10R 4/4, 5RP 4/2), podendo os matizes principais associar-se a cinzento médio; as tonalidades claras (5R 6/2, 10R 6/2, 10R 7/2, 5RP 7/2, 5RP 6/2) estão presentes com 5%. Cerca de 5% dos núcleos, 17% dos produtos de debitagem e 11% dos utensílios retocados foram manufacturados neste sílex.

3.1.2 - Distribuição espacial da indústria lítica

Os artefactos líticos distribuem-se quase equitativamente pelas duas áreas em apreço. O estudo da cerâmica dessas áreas revelou a existência de dois conjuntos distintos, podendo os mesmos corresponder a diferentes momentos do Neolítico final. Esta constatação reforçou a necessidade de procedermos a um primeiro tratamento, espacialmente diferenciado, da indústria lítica, dirigido à detecção de distintas estruturas funcionais e/ou de diferentes estádios cronológicos (QUADROS II, III, IV) embora, à partida, fossem flagrantes as semelhanças entre ambas as amostras, nomeadamente em termos tecnológicos. A *Estrutura QQ* revela ligeiras vantagens relativamente à *Estrutura R* no que concerne aos subprodutos de talhe (Δ 3,9%) e aos núcleos (Δ 1,6%). Pelo contrário, a *Estrutura R* mostra uma maior frequência dos utensílios retocados, ultrapassando o valor detido na amostra da *Estrutura QQ* em 6,5% (QUADRO II, Fig. 5). Estes dados apontam no sentido da existência de alguma diferenciação funcional, sugerida igualmente pelos valores obtidos para indicadores da actividade de talhe (lat), de aproveitamento e de intensidade de uso da matéria-prima (lamp e liu). Na *Estrutura QQ* encontra-se melhor representada a actividade de talhe (QUADRO III), sendo, conseqüentemente, mais fraco o índice de aproveitamento de matérias-primas. Na *Estrutura R* regista-se um valor mais elevado do índice de intensidade de uso da matéria-prima (QUADRO III).

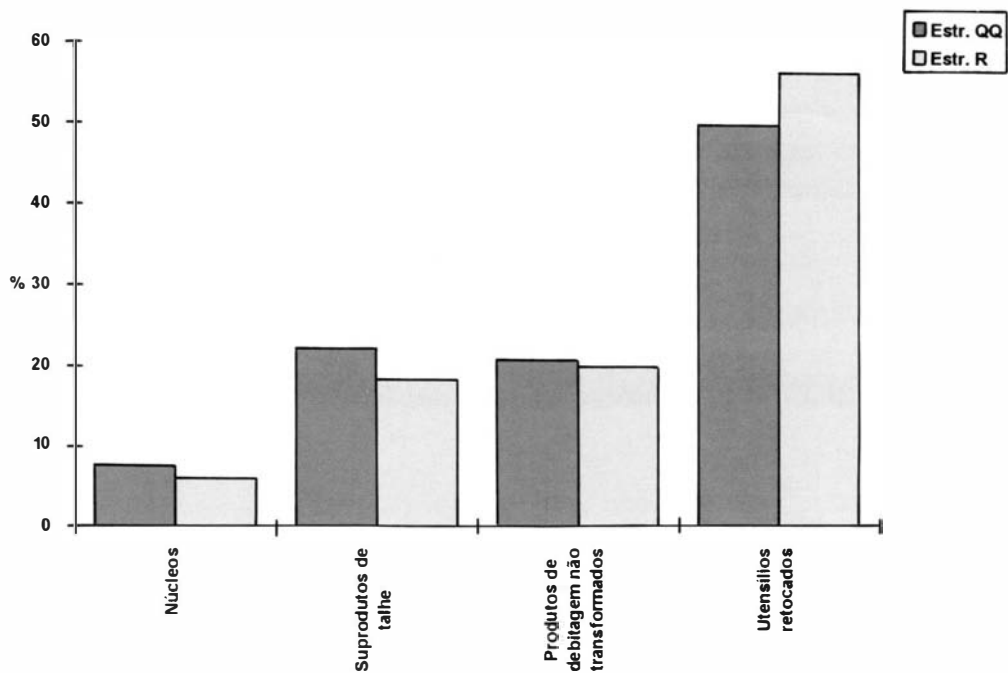


Fig. 5 – Frequências relativas das principais grupos de artefactos de pedra lascada das *Estruturas QQ* e *R* da C.4 de Leceia.

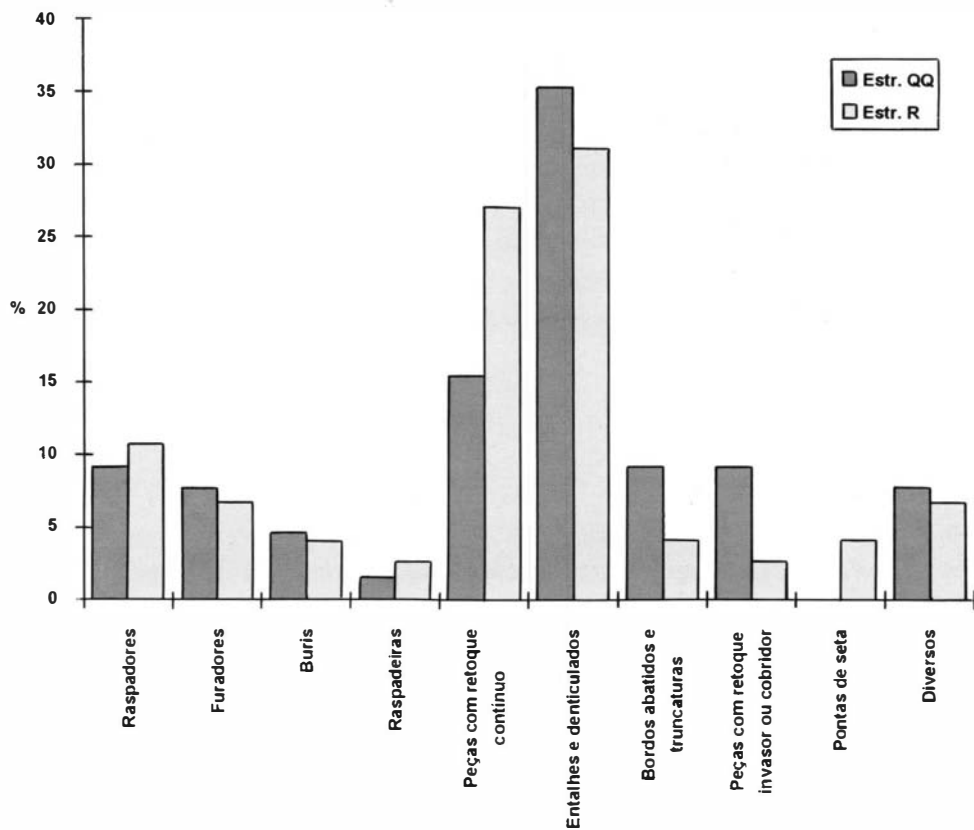


Fig. 6 – Frequências relativas dos grupos tipológicos dos utensílios líticos retocados das *Estruturas QQ* e *R* da C.4 de Leceia.

QUADRO II - Distribuição espacial dos principais grupos de artefactos de pedra lascada da C.4

	<i>Estrutura QQ</i>	<i>Estrutura R</i>	Total
Núcleos	10 (7,6 %)	8 (6,0 %)	18 (6,8%)
Subprodutos de talhe (Resíduos + Lascas < 20mm + PN*)	29 (22,1 %)	24 (18,2 %)	53 (20,2%)
Produtos de debitação não transformados	27 (20,6 %)	26 (19,7 %)	53 (20,2%)
Utensílios retocados	66 (49,6 %)	74 (56,1 %)	139 (52,8%)
Total	131 (100 %)	132 (100 %)	263 (100%)

* PN = produtos de preparação de núcleos.

QUADRO III - Indicadores tecno-económicos para a C.4

	<i>Estrutura QQ</i>	<i>Estrutura R</i>
lat	50,4	43,9
lamp	71,0	75,8
liu	50,4	56,1

lat - índice de actividade de talhe = Núcleos + Subprodutos de talhe + Produtos de debitação x 100/Total de artefactos.

lamp - índice de aproveitamento de matérias-primas = Produtos de debitação + Utensílios retocados x 100/Total de artefactos.

liu - índice de intensidade de uso da matéria-prima = Utensílios retocados x 100/Total de artefactos.

No que respeita aos utensílios retocados, o grupo artefactual mais sensível em termos cronológicos, a pequena dimensão das amostras não aconselha exercícios de inferência estatística (QUADRO IV, Fig. 6). Registe-se, contudo, que as principais diferenças quantitativas se verificam nas peças com retoque contínuo ($\Delta 11,6\%$), peças com retoque invasor/cobridor ($\Delta 6,5\%$), abruptos ($\Delta 5,1\%$) e pontas de seta ($\Delta 4,1\%$).

A diferença observada entre as duas amostras quanto ao primeiro grupo é imputável aos utensílios sobre lâmina, claramente maioritários na *Estrutura R*. As lâminas com retoque contínuo regular estão mesmo ausentes da *Estrutura QQ*. O grupo dos abruptos, mais enraizado na tradição neolítica, encontra-se melhor representado na *Estrutura QQ*. Pelo contrário, as pontas de seta, utensílios inovadores por excelência, não estão presentes na amostra desta estrutura. A diferença registada no que respeita ao grupo das peças com retoque invasor/cobridor anula-se se nos centrarmos no tipo de utensílio mais característico daquele grupo: a peça oval com retoque invasor/cobridor (foicinha). Pelo exposto, a ideia da existência de ligeiro desfasamento cronológico entre os dois sectores, sugerida pelo estudo dos materiais cerâmicos, não é contrariada, sem ser confirmada, pelo da indústria lítica.

Deste modo, na caracterização tecno-morfológica e a fim de obtermos uma amostra minimamente representativa da indústria lítica do Neolítico final estremenho, optámos pela agregação dos dois conjuntos.

3.1.3 - Análise tecno-morfológica

3.1.3.1 - Núcleos

Os núcleos correspondem a 6,8% da totalidade dos artefactos de pedra lascada recolhida na C. 4. Representados por 18 exemplares, com 434, 66 g e um total de 150 extracções, revelaram um índice de utilização ($IU > 1 < 3$) (FERREIRA *et al.*, 1983) muito elevado, de acordo com as classes propostas. Atenda-se igualmente ao facto de 50% dos núcleos terem sido abandonados em estágios de redução avançados da cadeia operatória (núcleos bipolares com planos de percussão perpendiculares e multipolares) e de apenas um exemplar se encontrar em início de exploração. A superfície dos núcleos afectada pelas extracções varia entre 50% e 100%, estando na última situação *ca.* de 55% dos exemplares. Dez peças (55%) não possuem cortex; em 6 exemplares, o córtex ocupa entre 10 e 50% da superfície total e em 2 casos não ultrapassa os 10%. O núcleo de maiores dimensões possui 51x44x37 mm e o menor 18x19x16 mm. As dimensões médias são: 26,1x30,8x21,8 mm e os respectivos coeficientes de variação, 0,35; 0,29; e 0,37.

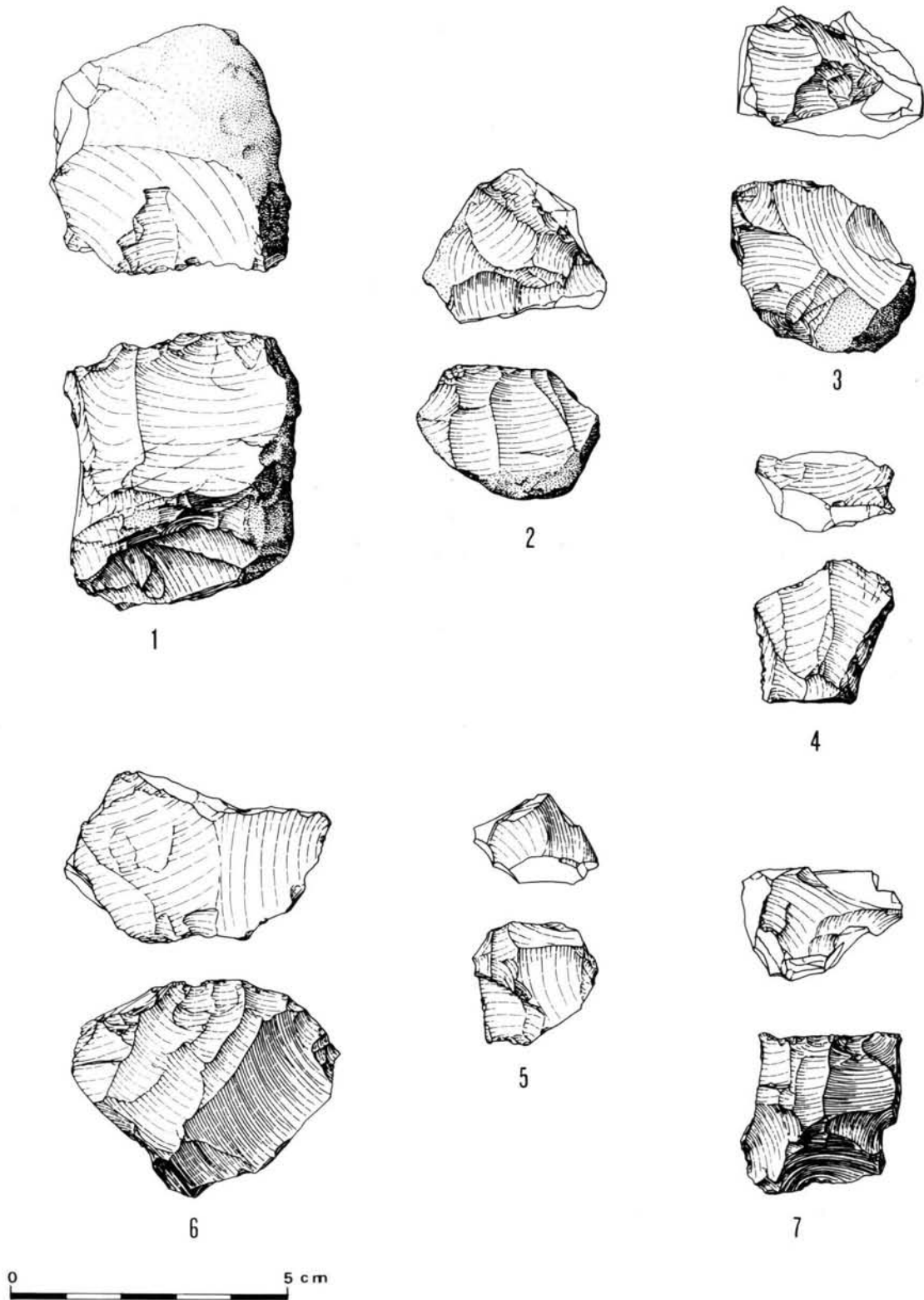


Fig. 7 – Núcleos. 1 - atípico; 2-5 - irregulares; 6 - piramidal; 7 - sub-piramidal. *Estrutura* QQ n.ºs 1, 3, 4, 5, 7. *Estrutura* R n.ºs 2 e 4.

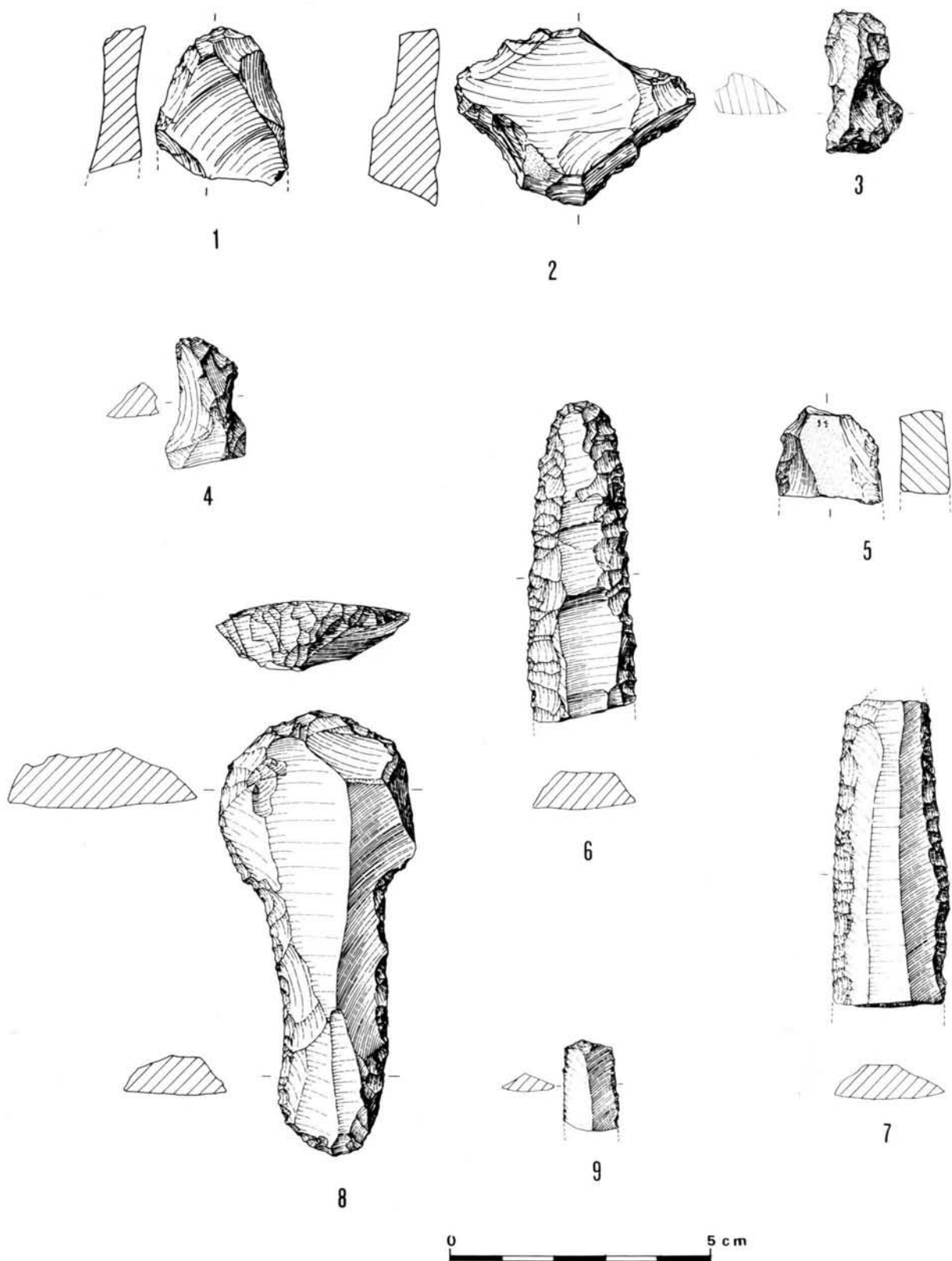


Fig. 8 – Raspadores. 1 - raspador simples sobre lasca; 2 - raspador denticulado sobre lasca; 3 e 4 - raspadores sobre lasca com entalhe; 5-7 - raspadores sobre lâmina retocada; 8 - raspador duplo sobre lâmina retocada; 9 raspador sobre lamela. *Estrutura QQ* n.ºs 2, 3, 4, 9. *Estrutura R* n.ºs 1, 5, 8.

QUADRO IV. Lista tipológica dos utensílios líticos retocados da C.4

	<i>Estrutura QQ</i>	<i>Estrutura R</i>	Total
Raspador (“grattoir”) duplo nucleiforme	1		1
Raspador denticulado sobre lasca	1		1
Raspador simples sobre lasca	1	1	2
Raspador ogival sobre lasca com entalhe	1		1
Raspador de ombro		1	1
Raspador unguiforme		2	2
Raspador de frente alargada sobre lasca laminar	1		1
Raspador sobre lâmina retocada		3	3
Raspador duplo sobre lâmina retocada		1	1
Raspador sobre lamela retocada	1		1
Subtotal	6 (9,2 %)	8 (10,8 %)	14 (10,1 %)
Furador espesso com entalhe(s) sobre lasca	3		3
Furador fino com entalhe(s) sobre lasca	1	1	2
Furador fino com bordos rectilíneos sobre lasca	1		1
Furador espesso com bordos rectilíneos sobre lâmina retocada		3	3
Furador fino sobre lâmina		1	1
Subtotal	5 (7,7 %)	5 (6,7 %)	10 (7,2 %)
Buril simples lateral sobre fractura	1	2	3
Buril simples lateral sobre bordo retocado	1		1
Buril diedro	1		1
Buril plano sobre fractura		1	1
Subtotal	3 (4,6 %)	3 (4,1 %)	6 (4,3 %)
Raspadeira (“racloir”) dupla sobre lasca espessa	1	1	2
Raspadeira transversal sobre lasca		1	1
Subtotal	1 (1,5 %)	2 (2,7 %)	3 (2,1 %)
Lasca com retoque contínuo, marginal, irregular	5	5	10
Lâmina com retoque contínuo regular		5	5
Lâmina com retoque contínuo, marginal, irregular	3	9	12
Lamela com retoque contínuo, marginal, irregular	2	1	3
Subtotal	10 (15,4 %)	20 (27,0 %)	30 (21,6 %)
Entalhe (“encoche”) clactonense sobre lasca	2	3	5
Entalhe retocado sobre lasca	7		7
Entalhe retocado sobre lâmina	1	2	3
Entalhe retocado sobre lamela	1		1
Denticulado sobre núcleo		1	1
Denticulado sobre lasca	10	14	24
Denticulado sobre lâmina	2	2	4
Denticulado sobre lamela		1	1
Subtotal	23 (35,4 %)	23 (31,1 %)	46 (33,1 %)
Bordo abatido sobre lasca	4	2	6
Bordo abatido duplo sobre lasca	1		1
Bordo abatido duplo sobre lâmina	1		1
Truncatura rectilínea sobre lâmina		1	1
Subtotal	6 (9,2 %)	3 (4,1 %)	9 (6,5 %)
Lasca com retoque invasor	2		2
Peça oval com retoque invasor ou cobridor (“foicinha”)	2	2	4

Os valores do quociente extracções/planos de percussão não mostram uma distribuição unimodal. As situações de 3 e 4 extracções por plano de percussão correspondem a cerca de metade das ocorrências.

Os planos de percussão conservados mostram-se maioritariamente facetados/diedros (50%). Em 32% dos casos são lisos e em 18% corticais. No que concerne ao tipo de extracções, predominam as lascas com 91,6%, cabendo às

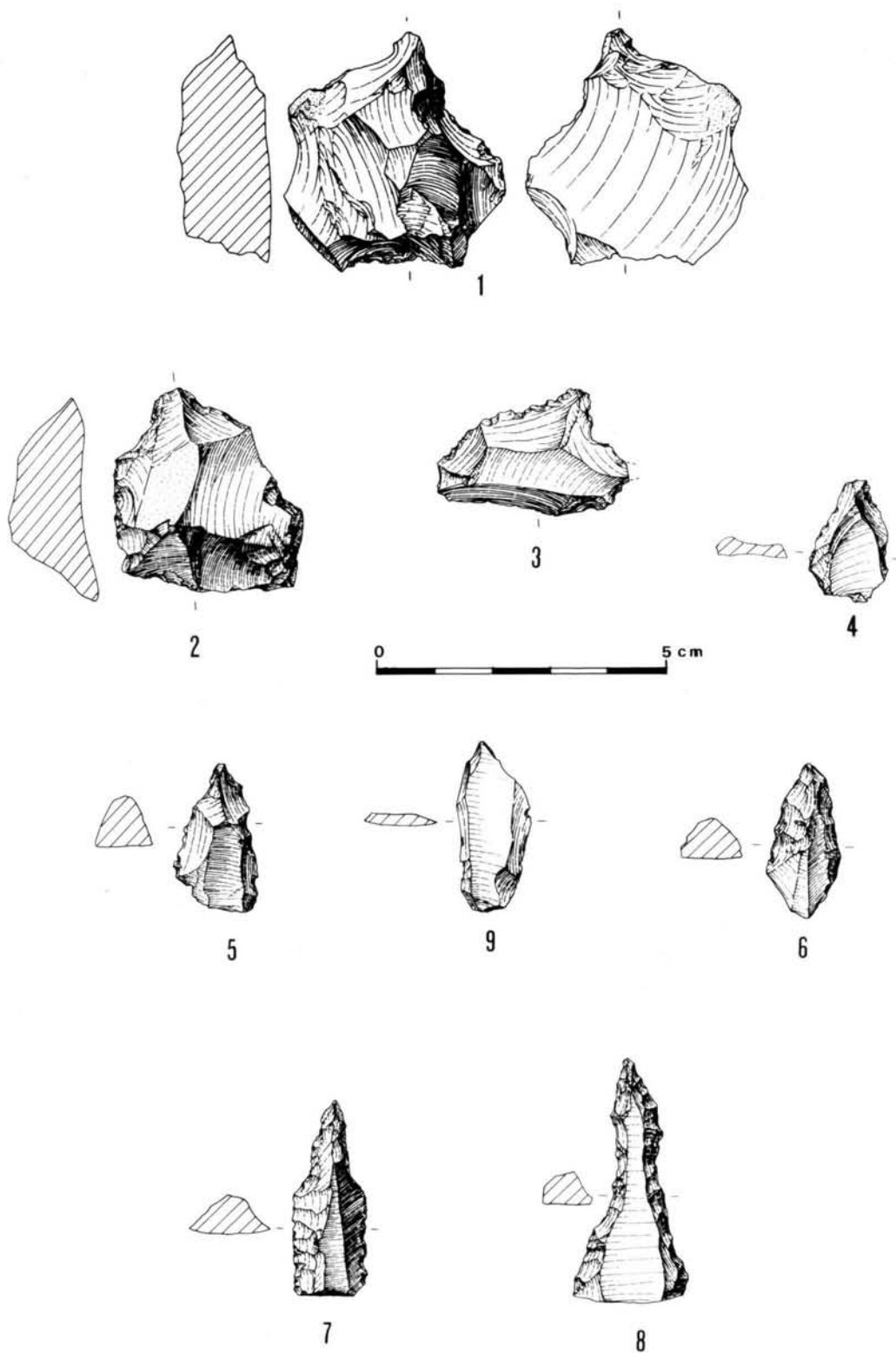


Fig. 9 – Furadores. 1-3 - furadores espessos, com entalhes, sobre lasca; 4 - furador fino, com entalhe, sobre lasca; 5 - furador fino, com bordos rectilíneos, sobre lasca; 6-8 - furadores espessos, com bordos rectilíneos, sobre lâmina retocada; 9 - furador fino sobre lâmina. *Estrutura QQ* n.ºs 1, 3, 5. *Estrutura R* n.ºs 4, 6, 9.

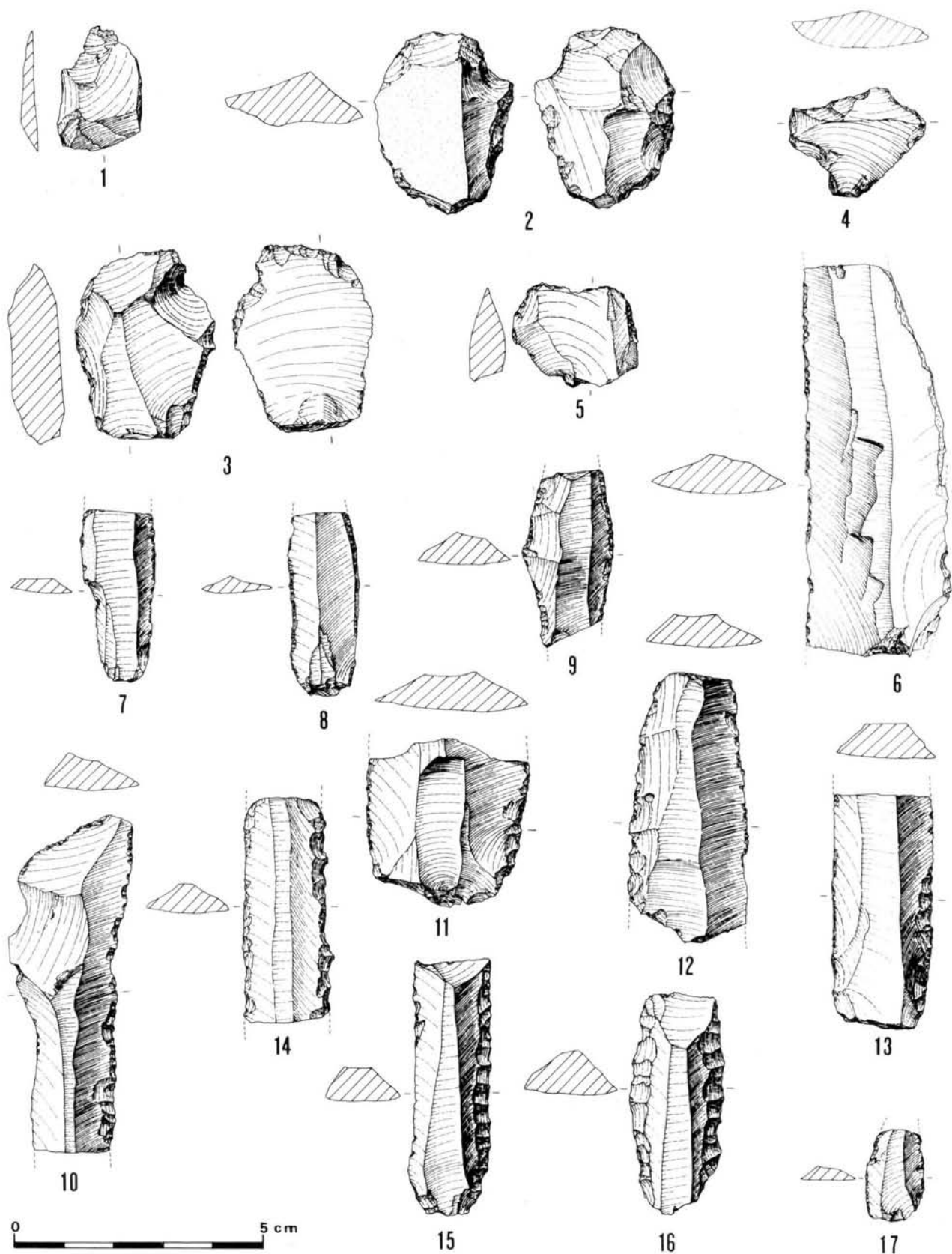


Fig. 10 – 1 - buril plano sobre fractura; 2 e 3 - raspadeiras duplas; 4 - raspadeira transversal, com gume parcialmente destruído; 5 - lasca com retoque contínuo marginal, irregular; 6-16 - lâminas com retoque contínuo marginal; 17 - lamela com retoque contínuo marginal. *Estrutura QQ* n.ºs 2, 3, 5, 7, 13, 14. *Estrutura R* n.ºs 1, 4, 6, 8, 12, 15, 17.

lamelas os restantes 8,4%. Dominam os núcleos irregulares, atípicos e fragmentos (16 exemplares). Apenas 2 exemplares apresentam formas regulares: piramidal e sub-piramidal (Fig. 7)⁽¹⁾.

3.1.3.2 - Subprodutos de talhe

Consideram-se subprodutos de talhe as peças resultantes da preparação de núcleos e da manufactura de instrumentos líticos que não foram utilizadas como suporte de instrumentos. Subdividimo-las em três categorias: resíduos, produtos de preparação e acondicionamento de núcleos (PAN) e pequenas lascas inferiores a 20mm, pelo facto de, neste período, não serem, em geral, utilizadas como suportes de utensílios formais. Os resíduos constituem a categoria melhor representada, com 36 exemplares, dos quais 21 provieram da *Estrutura QQ*. Correspondem a 13,6% dos artefactos e a 67,9% dos subprodutos de talhe. Nas restantes 17 peças apenas se identificaram duas lascas corticais de 1ª. extracção. Teriam as fases iniciais da actividade de talhe decorrido em área especializada? Por hipótese, nas imediações da(s) pedreira(s) de sílex?

Em termos globais, os subprodutos de talhe detêm 20,2% dos artefactos em pedra lascada e apresentam uma distribuição ligeiramente favorável à *Estrutura QQ*.

3.1.3.3 - Produtos de debitagem

Os produtos de debitagem (PD) distribuem-se de forma bastante equilibrada pelos dois sectores da jazida considerados e a sua frequência é idêntica à dos subprodutos de talhe (20,2%). As lascas, com 39 exemplares, detêm 73,6% dos PD; as lâminas estão presentes com 8 exemplares e as lamelas com 6. Os suportes laminares, nitidamente minoritários, melhoram a sua participação relativa, face às lascas, se desagregarmos destas as lascas laminares (7 peças). O estado de fragmentação das lâminas reduz consideravelmente o seu volume de informação. Apenas um exemplar se encontra completo, com 93x19x6 mm. A largura varia entre 29 mm e 13 mm e a espessura, entre 9 mm e 4 mm. A secção transversal mais comum é trapezoidal. Em 5 exemplares foram registadas alterações nos bordos cuja atribuição a uso voluntário ou a acidentes involuntários, mesmo pós-deposicionais, fica em aberto.

À semelhança das lâminas, também as lamelas possuem somente um exemplar completo, com 30x10x7 mm. A largura varia entre 12 mm e 5 mm e a espessura, entre 7 mm e 2 mm.

As lascas estão representadas por 21 exemplares completos, 10 fragmentos proximais, 3 mesiais, 2 distais e 3 laterais. As dimensões médias são: 29,4 (CV = 0,27) mm x 22,7 (CV = 0,34) mm x 6,8 (CV = 0,48) mm. A peça de maiores dimensões mede 51x43x14 mm. Ausentes pois exemplares de grandes dimensões. O padrão de extracções do anverso mais comum (23 exs.; 59%) é multifacetado irregular. O somatório das lascas com secção transversal sub-trapezoidal e secção sub-triangular, as quais ocorrem em partes iguais, corresponde a ca. 72% da amostra. O talão mostra-se diedro/facetado em 14 exs., liso em 10 e reduzido, igualmente em 10. O bolbo de percussão encontra-se bem marcado em 24 peças; difuso em 8 e parcialmente eliminado em 2.

3.1.3.4 - Utensílios retocados

Os índices de transformação dos produtos de debitagem pela técnica do retoque fornecem uma imagem de clara preferência pelas lascas (68,3% dos utensílios retocados); as lâminas detêm 24,5%; os restantes 7,2% são constituídos por suportes diversos (lamelas, núcleos, indeterminados). A proporção lascas/lâminas, de ca. 3:1 é inferior à obtida no grupo dos produtos de debitagem: ca. 5:1. Assim, a actividade de debitagem documentada na C.4 (*Estruturas QQ e R*) estaria em desacordo com a estrutura tipométrica dos utensílios retocados. Poderíamos então construir um cenário de segmentação da actividade de produção de artefactos líticos com dissociação espacial (intra e ou supra-habitat) de uma ou mais fases daquela actividade. A explicação para a diferença observada na relação lascas/lâminas entre os produtos

⁽¹⁾ Seguiu-se a tipologia dos núcleos proposta por SOARES & SILVA (1976/77).

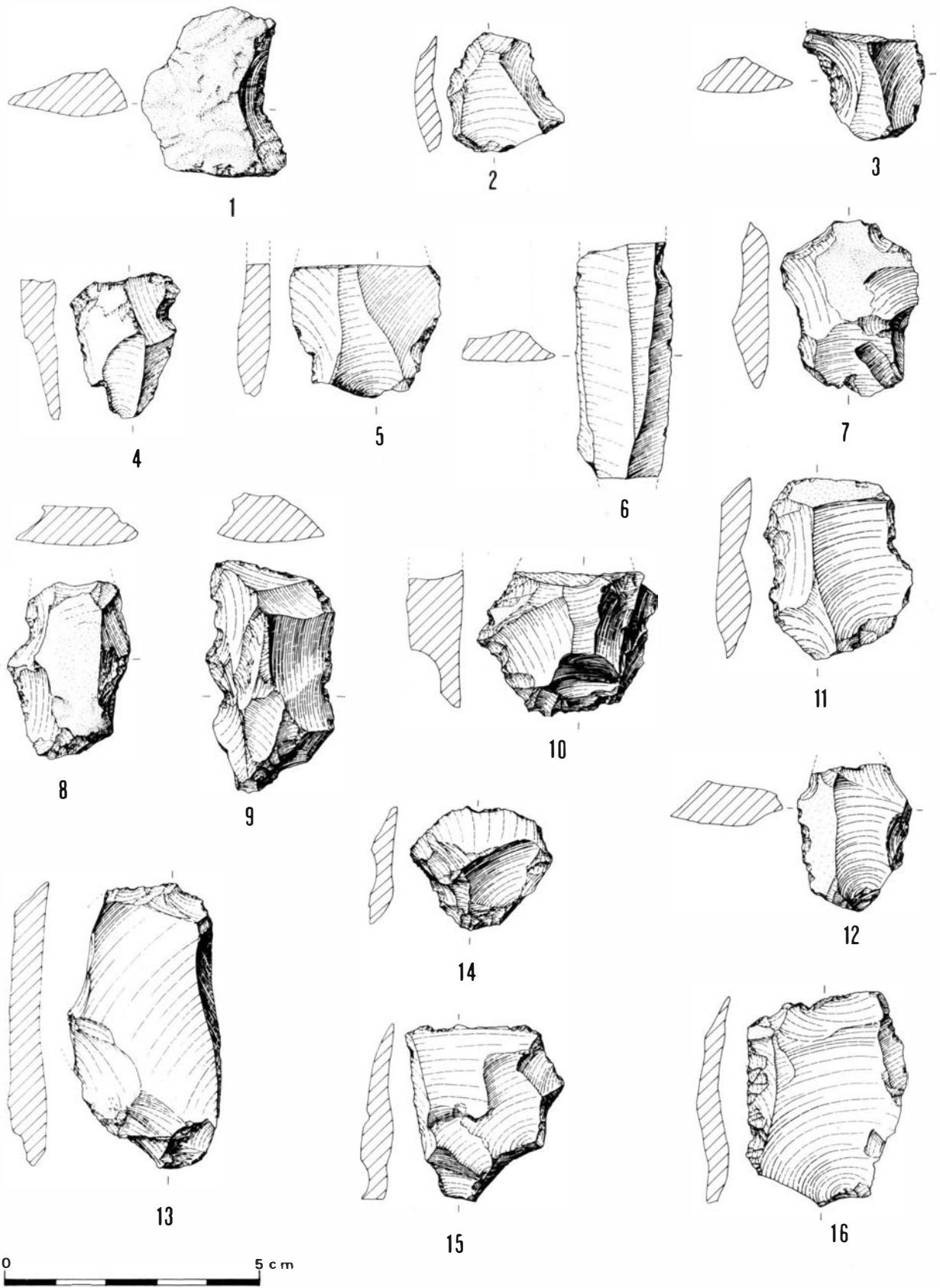


Fig. 11 – 1-6 - entalhes; 7-16 - denticulados sobre lasca (n.ºs 14, 15 e 16 correspondem a microdenticulados). *Estrutura* QQ n.ºs 2, 4, 8, 10, 12, 14, 16. *Estrutura* R n.ºs 1, 3, 5, 7, 11, 13, 15.

de debitagem e os utensílios retocados, pode ser, por outro lado, procurada nos critérios utilizados para diferenciar os subprodutos de talhe dos produtos de debitagem, nomeadamente no que se refere às pequenas lascas, critérios que teriam inflacionado o número de lascas no grupo dos produtos de debitagem. Para se obter, neste grupo, uma proporção lascas/lâminas idêntica à observada nos utensílios retocados seria necessário englobar nas pequenas lascas residuais dos subprodutos de talhe os exemplares < 30 mm.

A tipologia dos utensílios retocados segue conceitos e taxonomia apresentados em outros trabalhos (SOARES & SILVA, 1975; CARDOSO *et al.*, 1983/84). Registe-se a diversidade morfológica no interior de cada grupo tipológico e alguma dificuldade em integrar uma ou outra peça em um tipo bem padronizado. De um modo geral, os utensílios foram abandonados após uso intenso, sofrendo rejuvenescimentos do(s) gume(s) pré-existente(s) e ou activação de novos bordos brutos. Em utensílios com retoque concentrado, como raspadores, o ângulo do gume atinge, em *ca.* 65% da amostra, valor superior a 80°, ou seja, a maioria das peças aproxima-se do limiar de esgotamento do instrumento (*ca.* 95°). Detectou-se o recurso ao retoque plano inverso como forma de reabilitar as frentes de raspador (redução do ângulo do gume). Em utensílios com retoque extensivo, como os denticulados, o ângulo do gume é $\geq 45^\circ$ em *ca.* 70%. Técnicas de rejuvenescimento foram mesmo aplicadas a utensílios fragmentados. Outras expressões do intenso uso e modificação dos suportes podem ser lidas no número e extensão linear dos gumes e na diversidade funcional de distintos gumes do mesmo instrumento: furadores sobre lascas ou lâminas retocadas, raspadores sobre lâminas de bordos laterais retocados que atingiram o ângulo de esgotamento próprio dos gumes de retoque extensivo, *ca.* 60° a 70°.

A tipologia tradicional, assente no conceito de modelo padronizado, tem de ser equilibrada com o estudo dos padrões de uso e de rejeição dos utensílios para melhor se compreender o dinamismo morfológico destes instrumentos. Atenda-se às lâminas com retoque contínuo marginal (Fig. 10): as formas atingidas resultaram de diferentes estágios de utilização que vão desde a fase de gume(s) afectado(s) somente por retoques de uso, à de gume(s) exausto(s), transformado(s) por retoque regular, de oblíquo a semi-abrupto. As categorias tipológicas onde os protótipos de partida teriam jogado papel de relevo nas formas atingidas correspondem a utensílios muito especializados que, na C.4 de Leceia, são também os instrumentos inovadores: peças com retoque invasor/cobridor (“foicinhas”) e pontas de seta (Fig. 12). As primeiras detêm 5,8% dos utensílios retocados e irão, no Calcolítico inicial, absorver 20,3% da utensilagem retocada. As pontas de seta, apenas com 2,1%, tendem a substituir os geométricos, aliás ausentes na presente amostra. Os grupos tipológicos com maior número de efectivos são os entalhes e denticulados (33,1%), grupo internamente desequilibrado a favor dos denticulados sobre lasca (17,3% da utensilagem retocada) e as peças com retoque contínuo não abrupto (21,6%), em que dominam as lâminas. Os utensílios menos especializados absorvem, assim, mais de metade dos instrumentos em pedra lascada. Importa ainda sublinhar a significativa presença de raspadores (10,1%) e de furadores (7,2%).

A análise tipológica dos artefactos retocados proporciona-nos a imagem de um *habitat* permanente onde ocorreria um amplo leque de actividades domésticas, pouco especializadas, necessárias à reprodução social.

3.1.4 - Conclusões

O estudo da indústria lítica de pedra lascada da Camada 4 de Leceia, incidiu sobre a sua estrutura tecnológica, evitando polarização pelos utensílios retocados e aflorou alguns aspectos organizativos que se relacionam com a obtenção da matéria-prima, padrões de uso e manutenção dos artefactos. A contextualização da amostra estudada no quadro do Neolítico final da Estremadura e a sua referência a fases subsequentes do percurso evolutivo da indústria lítica que acompanha o processo de calcolitização, serão igualmente abordados.

No que concerne à matéria-prima constatou-se uma quase exclusividade do sílex (dos 263 artefactos apenas duas peças não são de sílex: calcedónia e quartzo leitoso) facto a que certamente não é alheia a localização de Leceia em região onde é abundante esta matéria-prima. No entanto, a aparente monotonia ostentada pela matéria-prima oculta distintas variedades de desigual qualidade de que destacamos o sílex local e o exógeno (proveniente da região de Rio Maior). Este último, utilizado exclusivamente na manufactura das peças com retoque invasor/cobridor, é um bom indicador da extensão geográfica dos contactos empreendidos pela população do Neolítico final de Leceia.

A distribuição espacial da indústria lítica pelos dois sectores escavados não foi conclusiva em termos de diferenciação funcional e/ou cronológica. Embora as diferenças registadas apontassem no sentido de uma melhor representação da actividade de talhe na *Estrutura QQ* e da presença de uma indústria mais evolucionada na *Estrutura R*,

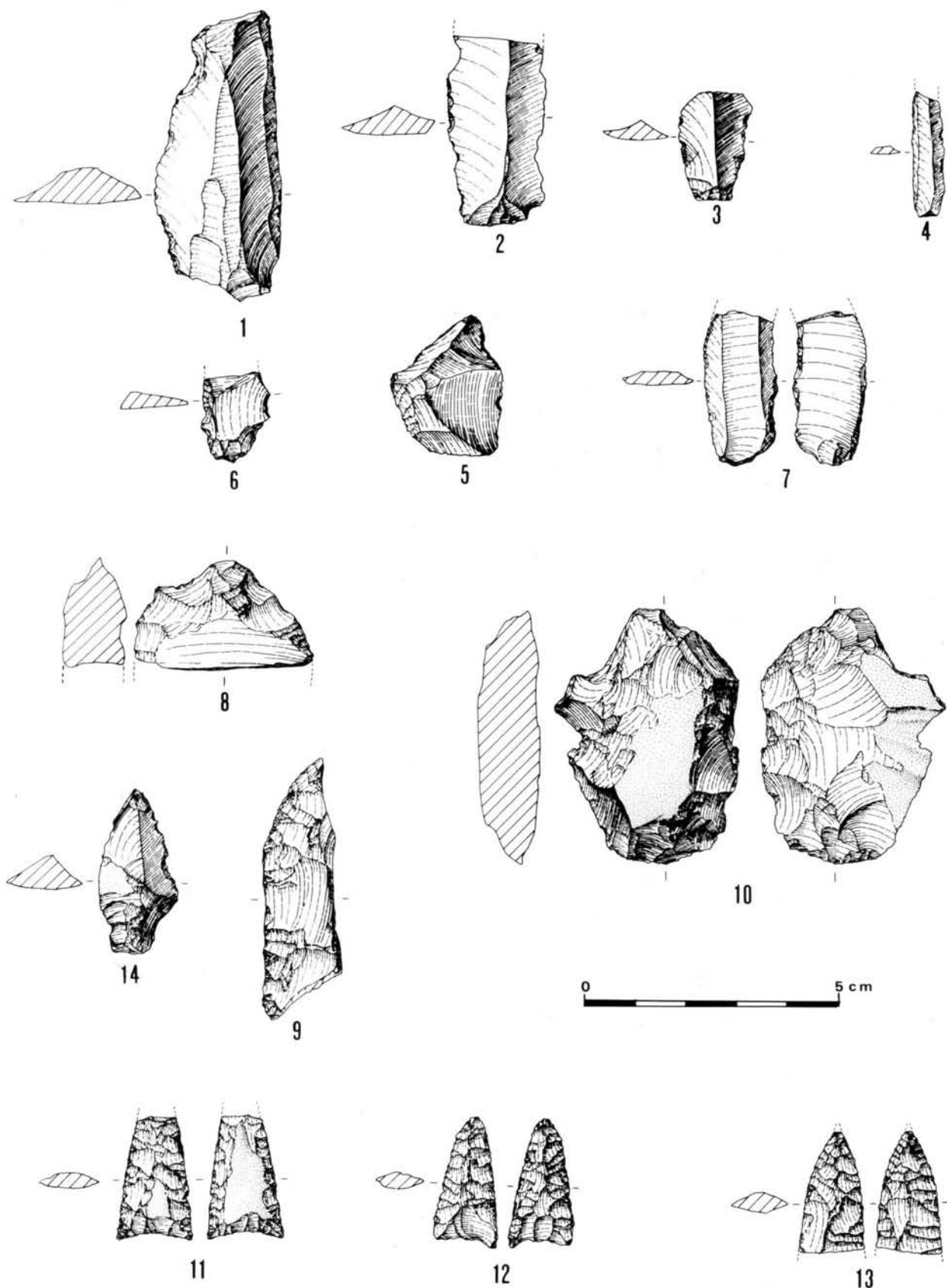


Fig. 12 – 1-3 - denticulados sobre lâmina; 4 - denticulado (microdenticulado) sobre lamela; 5 e 6 - bordos abatidos sobre lasca; 7 - bordo abatido duplo sobre lâmina; 8 e 9 - fragmentos de peças com retoque invasor/cobridor; 10 - peça oval com retoque invasor, “foicinha” que parece ter sido abandonada durante a fase de manufatura; 11 - ponta de seta de base côncava e bordos rectilíneos; 12 - ponta de seta de base côncava e bordos convexos; 13 - fragmento de ponta de seta (mitriforme?); 14 - ponta atípica (Diversos). *Estrutura QQ* n.ºs 2, 3, 5, 7, 9. *Estrutura R* n.ºs 1, 4, 6, 8, 10, 11-14.

as amostras comparadas eram demasiado pequenas para validar aquelas tendências. Acresce ainda, o facto da amostra da *Estrutura QQ* resultar da acumulação de materiais oriundos de outros locais do povoado não sendo, por isso, homogénea.

A análise dos subprodutos de talhe e dos produtos de debitação oferece-nos a imagem de uma indústria essencialmente sobre lascas, com ausência de macro-utilização, elevados índices de aproveitamento da matéria-prima e em que a organização da actividade de talhe se poderia encontrar segmentada com dissociação espacial de algumas das fases produtivas. Esta hipótese aconselha a procura de jazidas especializadas na exploração e tratamento primário das matérias-primas. O sítio das Barotas poderá ser melhor compreendido neste contexto (CARDOSO & COSTA, 1992).

A utilidade retocada da Camada 4 (QUADRO IV), dominada pelos grupos tipológicos menos especializados, apresenta uma razoável representação de raspadores e de furadores e, embora pouco numerosos, possui já tipos que temos vindo a considerar característicos do Calcolítico inicial e pleno: “foichinhas” e pontas de seta de base côncava (com retoque cobridor). Esta constatação reforça a ideia do processo de calcolitização ter sido iniciado pelas populações autóctones, do Neolítico Final. Poucos são, no entanto, os sítios estudados pertencentes a este período, estando por conhecer a sua diacronia e variabilidades funcionais e regionais. Atenda-se, a título de exemplo, ao povoado do Alto de S. Francisco (SILVA & SOARES, 1986, p. 71), de cuja indústria lítica estão ausentes “foichinhas” e pontas de seta, ou à câmara ocidental do monumento da Praia das Maças (Leisner *et al.*, 1969, Pl. C), onde importa salientar a ausência da ponta de seta de base côncava em contexto particularmente rico em pontas de seta (de base triangular e pedunculada).

Comparando os artefactos retocados da C.4 de Leceia com os das C.3 e C.2 (CARDOSO *et al.*, 1983/84), respectivamente do Calcolítico inicial e pleno (Figs. 13, 14 e 15), verifica-se que aqueles se distanciam mais dos da C.3 que dos da C.2 (QUADRO V). Segundo o teste não paramétrico de Mann-Whitney-Wilcoxon, para $p > 0,05$, as C.4 e C.2 não apresentam diferença significativa enquanto as C.4 e C.3 são significativamente diferentes. Para essas diferenças contribui decisivamente o comportamento do grupo das peças com retoque contínuo marginal, dos entalhes e denticulados e das peças com retoque invasor/cobridor. Assim, e voltando à observação da Fig. 14, a indústria da C.4 evolui para a da C.3 quase sem alterações no respeitante aos grupos tipológicos tradicionais, do fundo comum; a estrutura funcional sofre alguma transformação, reflectida na redução das frequências das peças com retoque contínuo marginal e dos entalhes e denticulados; os grupos tipológicos inovadores, em especial o das peças com retoque invasor/cobridor, registam acréscimos significativos. Curiosamente, as utilidades retocadas das C.4 e C.2 não apresentam, como já foi dito, diferenças estatisticamente significativas. Poderemos então, em uma perspectiva dinâmica, a partir das três amostras, traçar, em termos gerais, a curva do ciclo de desenvolvimento da indústria lítica do Calcolítico da Estremadura portuguesa, em cujo ramo ascendente colocaríamos a C.4 de Leceia; no ponto culminante, a C.3 e no ramo descendente, a C.2. Os troços preenchidos pela nossa informação relativos às fases de emergência (C.4) e de declínio (C.2), embora de sentido contrário, mostram alguma simetria. Com efeito, a C.2 aproxima-se da C.4 no que concerne ao grupo das peças com retoque invasor/cobridor (já em retrocesso) e mostra também uma estrutura funcional menos especializada que a da C.3.

3.2 - Indústria de pedra polida

3.2.1 - “Enxós”

Uma pequena “enxó” provém da *Estrutura R*. Apresenta-se talhada em anfiboloxisto ou cloritoxisto muito fino, sendo quase totalmente polida, com excepção de pequena área do talão (Fig. 16, nº. 3). Como já foi observado por um de nós em exemplares de maiores dimensões (CARDOSO, 1989, p. 104; CARDOSO, 1994, Fig. 106), a parte cortante da peça encontra-se substituída por estreita superfície plana e polida. O cuidado dispendido com a sua preparação, contradiz a hipótese de se tratar de reaproveitamento de enxó; nos estudos referidos, defendemos para tais peças – que, à semelhança do exemplar em apreço, possuem a extremidade útil de secção transversal dissimétrica, sendo por isso lícito admitir que o seu manuseio se fizesse à maneira das enxós – utilização como martelos para trabalhos de precisão. A sua semelhança com exemplares expostos no Museu de Saint-Germain-en-Laye, considerados para trabalho do metal, levou então a considerar aquela hipótese, tanto mais que provinham da Camada 2, do Calcolítico pleno, época em que a manufactura de peças de cobre se iniciou em Leceia, tendo-se rapidamente generalizado. A ocorrência de este exemplar

QUADRO V. Lista tipológica dos utensílios líticos retocados das C. 2, 3, 4.

	C.2	C.3	C.4
Raspador ("grattoir") duplo nucleiforme			1
Raspador carenado estreito	2	2	
Raspador carenado e denticulado	1		
Raspador denticulado sobre lasca	1	1	1
Raspador simples sobre lasca	4	10	2
Raspador ogival sobre lasca com entalhe			1
Raspador de ombro		1	1
Raspador sobre lasca com duplo ombro	1		
Raspador unguiiforme	1		2
Raspador subcircular sobre lasca	2		
Raspador de frente alargada sobre lasca laminar			1
Raspador sobre lâmina ou lasca laminar		2	
Raspador sobre lâmina retocada			3
Raspador duplo sobre lâmina retocada			1
Raspador sobre lamela			1
Furador espesso com entalhe sobre núcleo	1	16 (11.6%)	14 (10.1%)
Furador espesso com entalhe(s) sobre lasca		1	3
Furador fino com entalhe(s) sobre lasca			2
Furador espesso com bordos rectilíneos sobre lasca	2	6	
Furador fino com bordos rectilíneos sobre lasca			1
Furador espesso com bordos rectilíneos sobre lâmina retocado			3
Furador fino sobre lâmina			1
Furador espesso com bordos rectilíneos sobre lâmina retocado		3 (2.1%)	1
Buril simples lateral sobre fractura	7	4	3
Buril lateral sobre fractura com retoque de paragem	1		
Buril simples lateral sobre bordo retocado		1	1
Buril diedro			1
Buril plano sobre fractura	1	1	1
Buril de bisel poligonal sobre fractura	3	12 (8.3%)	2
Raspadeira ("racloir") sobre núcleo		1	
Raspadeira lateral sobre lasca	1		
Raspadeira transversal sobre lasca	1		1
Raspadeira dupla sobre lasca		2 (1.4%)	1 (0.7%)
Lasca com retoque contínuo, marginal	16	9	10
Lâmina com retoque contínuo marginal	5	1	17
Lâmina com retoque contínuo, marginal	1	22 (15.2%)	11 (8.0%)
Entalhe ("encoche") sobre lasca		2	3
Entalhe sobre lasca	14	10	12
Entalhe sobre lâmina	3		
Entalhe sobre lâmina retocado		1	3
Entalhe sobre lamela	1	1	1
Denticulado sobre núcleo			1
Denticulado sobre lasca	13	11	24
Denticulado sobre lâmina	1		4
Denticulado sobre lamela	2	34 (23.4%)	27 (19.6%)
Bordo abatido sobre lasca	2	2	6
Bordo abatido duplo sobre lasca	2	2	1
Bordo abatido duplo sobre lâmina	1	2	1
Truncatura rectilínea sobre lasca	1		
Truncatura rectilínea sobre lâmina	1		1
Truncatura rectilínea sobre lamela	1	8 (5.5%)	6 (4.3%)
Triângulo rectângulo		1	
Trapézio simétrico		1	
Rectângulo		1	3 (2.1%)
Lasca com retoque invasor	5	1	2
Peça oval com retoque invasor ou cobridor ("foicinha")	9	27	4
Fragmento de peça com retoque invasor ou cobridor			2
Lâmina com retoque invasor	1	15 (10.3%)	28 (20.3%)
Ponta de seta de base recta e bordos rectilíneos	2		
Ponta de seta de base recta e bordos convexos	1		
Ponta de seta de base côncava e bordos rectilíneos	3	2	1
Ponta de seta de base côncava e bordos assimétricos	1		
Ponta de seta de base côncava e bordos convexos			1
Ponta de seta mitriforme	1	4	
Fragmento de ponta de seta de tipo indeterminado		8 (5.5%)	7 (5.0%)
Diversos	29	29 (20.0%)	23 (16.7%)
TOTAL		145 (100%)	138 (100%)

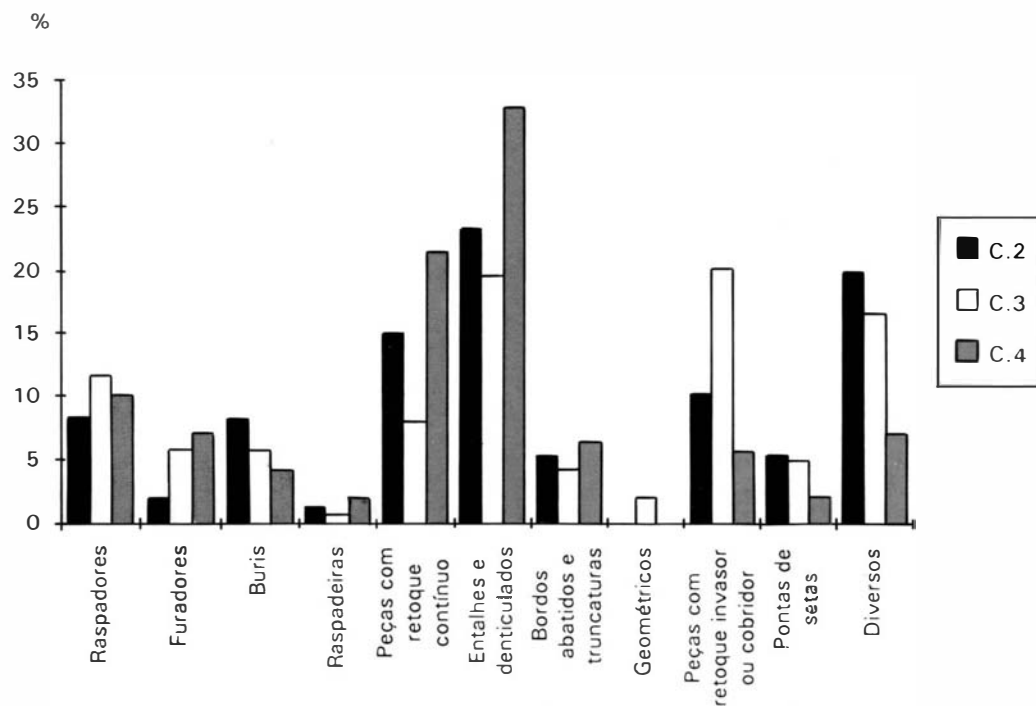


Fig. 13 – Leceia. Grupos tipológicos dos utensílios retocados das C 2, 3 e 4.

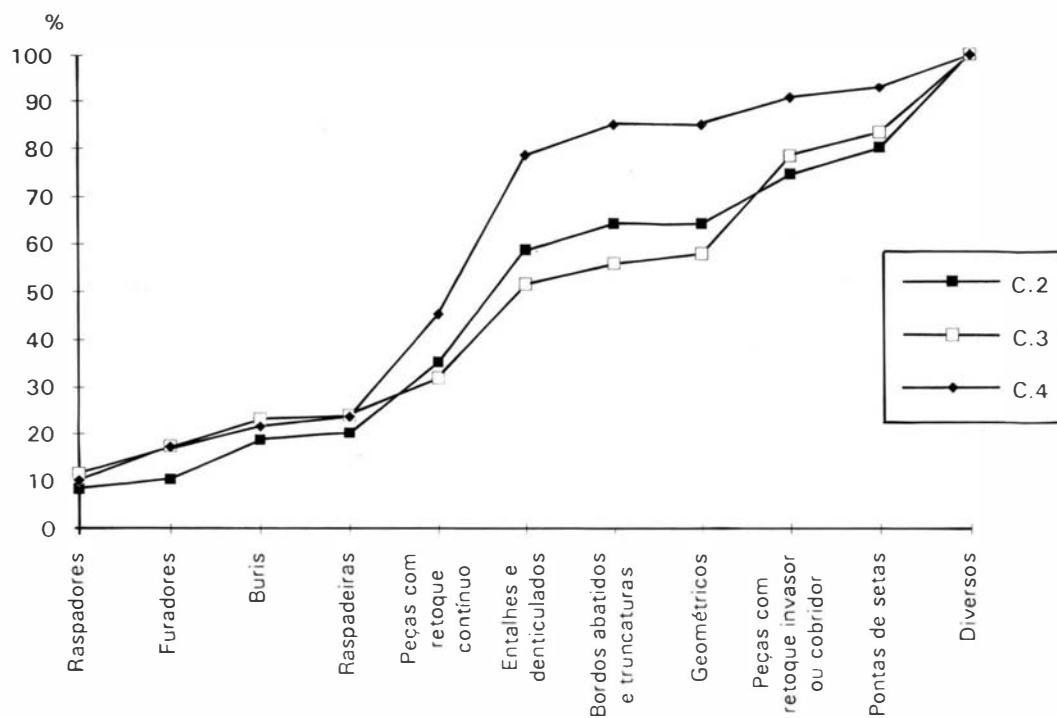
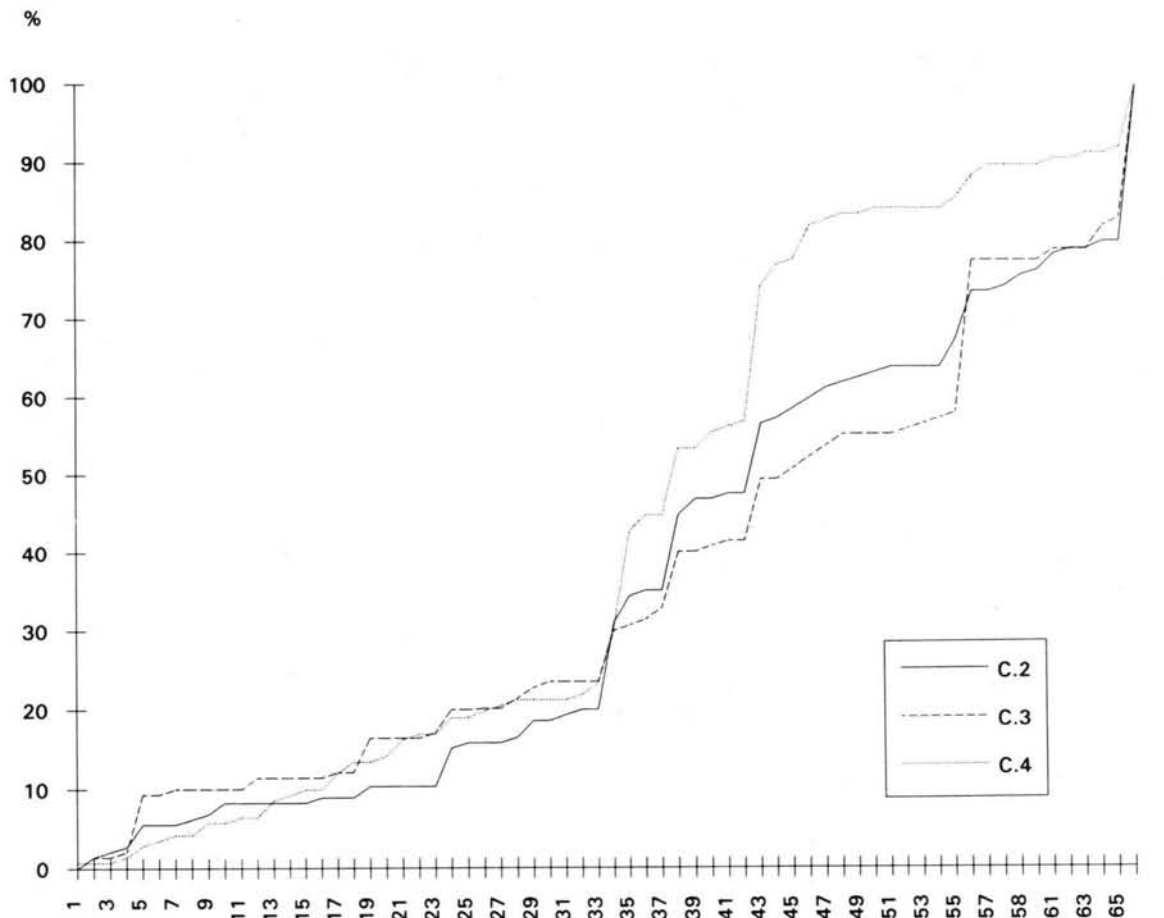


Fig. 14 – Leceia. Frequências acumuladas dos grupos tipológicos dos utensílios líticos retocados das C 2, 3 e 4.



	C.2	C.3	C.4				
1	0		0,7	34	31	30	30,5
2	1,4	1,4	0,7	35	34,4	30,7	42,7
3	2,1	1,4	0,7	36		35,1	44,8
4	2,7	2,1	1,4	37	35,1	32,9	44,8
5	5,5	9,3	2,8	38	44,8	40,1	53,4
6	5,5	9,3	3,5	39	46,9	40,1	53,4
7	5,5	10	4,2	40	46,9	40,8	55,5
8	6,1	10	4,2	41	47,6	41,5	56,2
9	6,8	10	5,7	42	47,6	41,5	56,9
10	8,2	10	5,7	43	56,8	49,4	74,2
11	8,2	10	6,4	44	57,3	49,4	77
12	8,2	11,4	6,4	45		58,6	77,7
13	8,2	11,4	8,5	46	59,9	52,3	82
14	8,2	11,4	9,2	47	61,2	53,7	82,8
15	8,2		9,2	48	61,9	55,2	83,5
16	8,9	11,4	9,9	49	62,5	55,2	83,5
17	8,9	12,1	12	50	63,2	55,2	84,2
18	8,9	12,1	13,4	51		63,9	84,2
19	10,3	16,4	13,4	52	63,9	55,9	84,2
20	10,3	16,4	14,1	53	63,9	56,6	84,2
21	10,3	16,4	16,2	54		57,3	84,2
22	10,3	16,4	16,9	55	67,4	58	85,6
23		10,3	17,1	56	73,6	77,6	88,4
24	15,1	20	19	57	73,6	77,6	89,8
25	15,8	20	19	58	74,3	75,7	89,8
26	15,8	20,1	19,8	58		77,6	89,8
27	15,8	20,1	20,5	60	76,3	77,6	89,8
28	16,5	21,4	21,2	61	78,4	79	90,6
29		18,6	22,8	62	79,1	79	90,6
30	18,6	23,5	21,2	63	79,1	79	91,3
31	19,3	23,5	21,2	64	80	82	91,3
32	20	23,5	21,9	65	80	83	92
33		20	23,3	66		100	100
				67		100	100

Fig. 15 – Leceia. Frequências acumuladas dos tipos dos utensílios líticos retocados das C.2, C.3 e C.4.

leva a reconsiderar aquela utilização; acresce que se trata de exemplar muito menor que os anteriores. Nas Figs. 17 e 18 apresentam-se microfotografias da parte activa e superfície lateral de um dos lados, observando-se, apenas, estrias de polimento, paralelas ao bordo distal (útil) do artefacto.

3.2.2 - Artefactos indeterminados

Na *Estrutura R* recolheu-se a extremidade proximal (talão) de artefacto de anfiboloxisto de pedra polida, pertencente provavelmente a machado, dada a sua espessura (Fig. 16, nº. 3).

3.2.3 - Diversos

Nesta rubrica incluem-se um fragmento de mó, de granito de Sintra, reutilizado na construção de um dos muros rectilíneos da *Estrutura R*, bem como um percutor de sílex, globuloso (Fig. 16, nº. 10).

3.3 - Indústria óssea

Da *Estrutura R* provêm cinco furadores. Reconheceram-se os seguintes tipos:

- furadores sobre esquirolas ósseas totalmente afeioadas por polimento, obtidos por seccionamento longitudinal de ossos longos inclassificáveis - três exemplares (Fig. 16, nº. 1, 5 e 9);

- furadores sobre tibia de *Capra/Ovis*, obtidos por seccionamento oblíquo da diáfise - um exemplar (Fig. 16, nº. 4);

- furadores obtidos por polimento com adelgaçamento da diáfise de cúbito de *Capra/Ovis* - um exemplar (Fig. 16, nº. 7).

Todos estes tipos são frequentes em contextos neolíticos e calcolíticos estremenhos. Os primeiros três exemplares poderiam designar-se por “sovelas”.

3.4 - Objectos de adorno

Representados por fragmento de pulseira ou bracelete sobre valva de *Glycymeris* sp., correspondendo ao bordo paleal, com polimento em toda a superfície, o qual deixa, porém, adivinhar os dentes da charneira da valva (Fig. 16, nº. 2). A ocorrência de braceletes executados em conchas deste lamelibrânquio é característica de numerosas necrópoles do Neolítico final estremenho, onde faziam parte da indumentária mortuária; a sua ocorrência em povoados da mesma região é, porém, excepcional.

3.5 - Cerâmica

A cerâmica restringe-se a fragmentos de recipientes. Na sua análise, seguimos de perto os critérios adoptados anteriormente (CARDOSO *et al.*, 1983/84), a fim de permitir comparação entre o material agora estudado, e o proveniente das C.3 e C.2, respectivamente do Calcolítico inicial e pleno, objecto daquela publicação.

As cerâmicas obtidas na *Estrutura R* foram estudadas separadamente das da *Estrutura QQ*, pois, como atrás se disse, embora integrem a C.4, provêm de duas áreas muito distintas do povoado (Fig. 1).

3.5.1 - Pasta

Foram identificados, por exame macroscópico, os mesmos grupos texturais estabelecidos para os níveis calcolíticos:

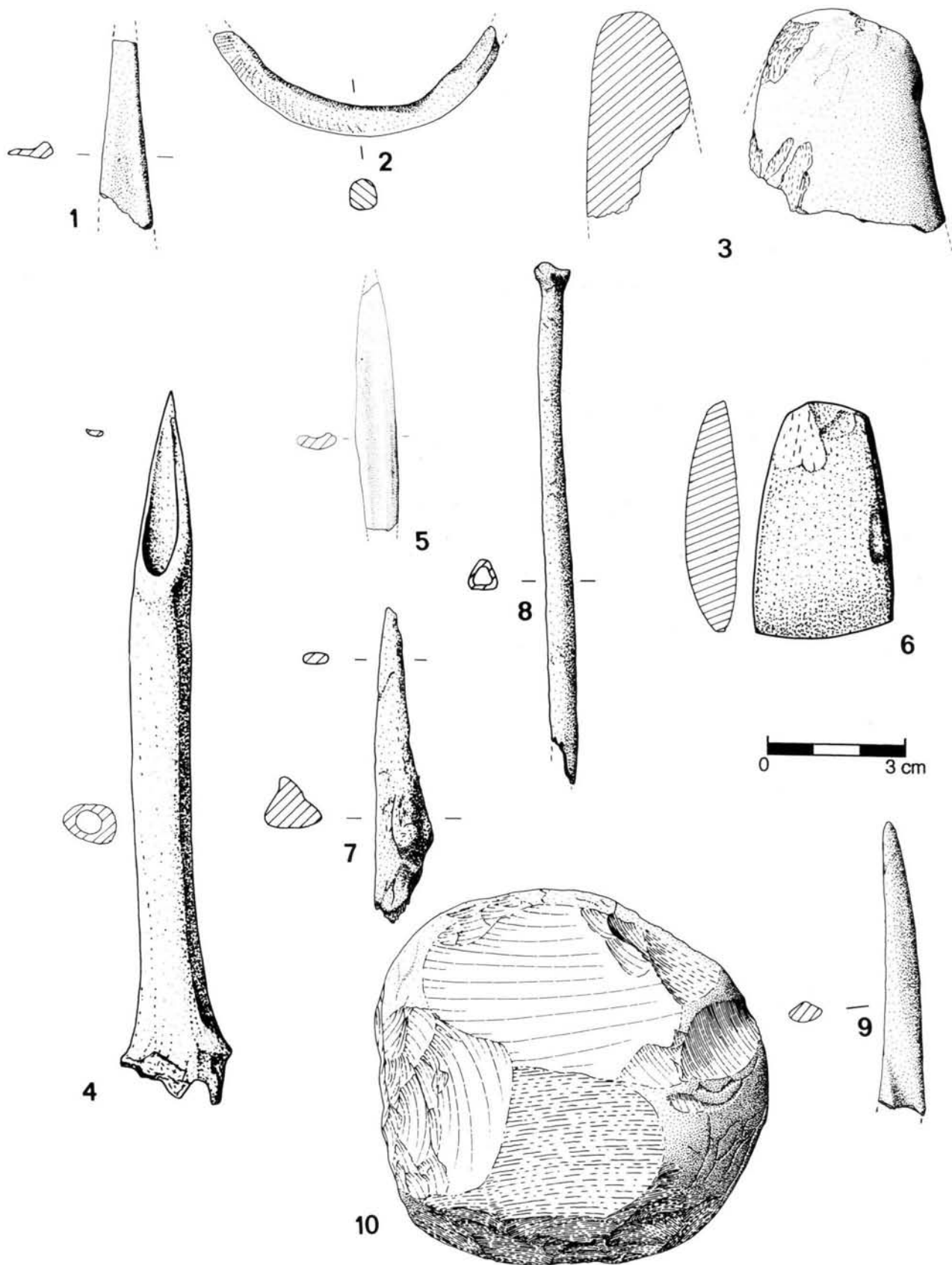


Fig. 16 – Indústria de pedra polida - 6 - “enxó” de anfiboloxisto de grão muito fino (*Estrutura R*); 3 - fragmento indeterminável, de machado ou enxó (*Estrutura R*). Indústria óssea - 1, 4, 5, 7 e 9 - furadores (1, 4, 5 e 9, *Estrutura R*; 7 - *Estrutura QQ*); Objectos de adorno - 2 - fragmento de pulseira ou bracelete de concha de *G. glycymeris* (*Estrutura R*). Diversos - 10 - Percutor de sílex (*Estrutura R*); Ecofactos - 8 - rádio de *Sula bassana*, incompleto (*Estrutura R*).

1 - Pasta muito fina. Com raros elementos não plásticos (e.n.p.) visíveis a olho nu; compacta. 2 exs. (2.1%) na *Estrutura QQ*; ausente na *Estrutura R*.

2 - Pasta fina. Abundantes e.n.p. inferiores a 0,5 mm; raros superiores a 0,5 mm; em geral compacta. 11 exs. (11.7%) na *Estrutura QQ* e 8 exs. (2.3%) na *Estrutura R*.

3 - Pasta grosseira. Abundantes e.n.p. entre 0,5 e 1 mm; raros superiores a 1 mm; compacta a semi-compacta. 62 exs. (66.0%) na *Estrutura QQ* e 211 exs. (59.8%) na *Estrutura R*.

4 - Pasta muito grosseira. Abundantes e.n.p. superiores a 1 mm; em geral pouco compacta. 19 exs. (20.2%) na *Estrutura QQ* e 134 exs. (37,9%) na *Estrutura R*.

QUADRO VI - Distribuição estratigráfica dos grupos de pasta (entre parêntesis, as frequências relativas)

Camada	Pasta				Total
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	
C.A - Estr. QQ	2 (2.1)	11 (11.7)	62 (66.0)	19 (20.2)	94 (100.0)
C.A - Estr. R	-	8 (2.3)	211 (59.8)	134 (37.9)	353 (100.0)
C.3	4 (1.3)	36 (12.0)	222 (73.7)	39 (13.0)	301 (100.0)
C.2	5 (1.3)	38 (10.3)	181 (49.1)	145 (39.3)	369 (100.0)

Nas pastas cerâmicas da C.4 (*Estrutura QQ* e *Estrutura R*), tal como nas camadas do Calcolítico (C.3 e C.2), predominam as do Grupo 3 (grosseira) e estão quase ausentes as do Grupo 1 (muito fina). As diferenças mais significativas notam-se no âmbito dos grupos de pasta 2 (fina) e 4 (muito grosseira). Com efeito, as pastas do Grupo 2 estão representadas por 11.7% na C.4 - *Estrutura QQ* contra apenas 2.3% na C.4 - *Estrutura R* e as do Grupo 4 por 20.2% contra 37.9%, respectivamente. Em termos gerais, podemos dizer que a cerâmica da *Estrutura R* é mais grosseira que a da *Estrutura QQ*, notando-se este aspecto principalmente entre os pratos, as taças carenadas e as taças em calote de bordo introvertido (próximas, morfologicamente, e talvez também funcionalmente, das taças de carena muito alta): são as formas onde a pasta muito grosseira se encontra pior representada.

Na C.3 (Calcolítico inicial) a cerâmica torna-se menos grosseira e, na C.2 (Calcolítico pleno), acentua-se de novo a degradação na qualidade da pasta.

3.5.2 - Cor

Estão presentes os sete grupos de cor das superfícies e do núcleo identificados na análise da cerâmica dos níveis calcolíticos (CARDOSO *et al.*, 1983-84, p. 55-56):

1 - Superfícies e núcleo avermelhados/acastanhados, com manchas acinzentadas (cozedura irregular em ambiente predominantemente oxidante): 24 exs. (25.6%) na *Estrutura QQ* e 90 exs. (25.5%) na *Estrutura R*.

2 - Superfícies e núcleo acinzentados ou negros, por vezes com manchas acastanhadas (cozedura irregular em ambiente predominantemente redutor): 28 exs. (29.8%) na *Estrutura QQ* e 79 exs. (22.4%) na *Estrutura R*.

3.1 - Superfície externa e zona exterior do núcleo avermelhada/acastanhada; superfície interna e zona superficial interna do núcleo acinzentada/negra (cozedura redutora - oxidante): 10 exs. (10.6%) na *Estrutura QQ* e 38 exs. (10.8%) na *Estrutura R*.

3.2 - Superfície externa e zona superficial externa da fractura acinzentada/negra; superfície interna e zona superficial interna da fractura avermelhada/acastanhada (cozedura oxidante - redutora): 5 exs. (5.6%) na *Estrutura QQ* e 31 exs. (8.8%) na *Estrutura R*.

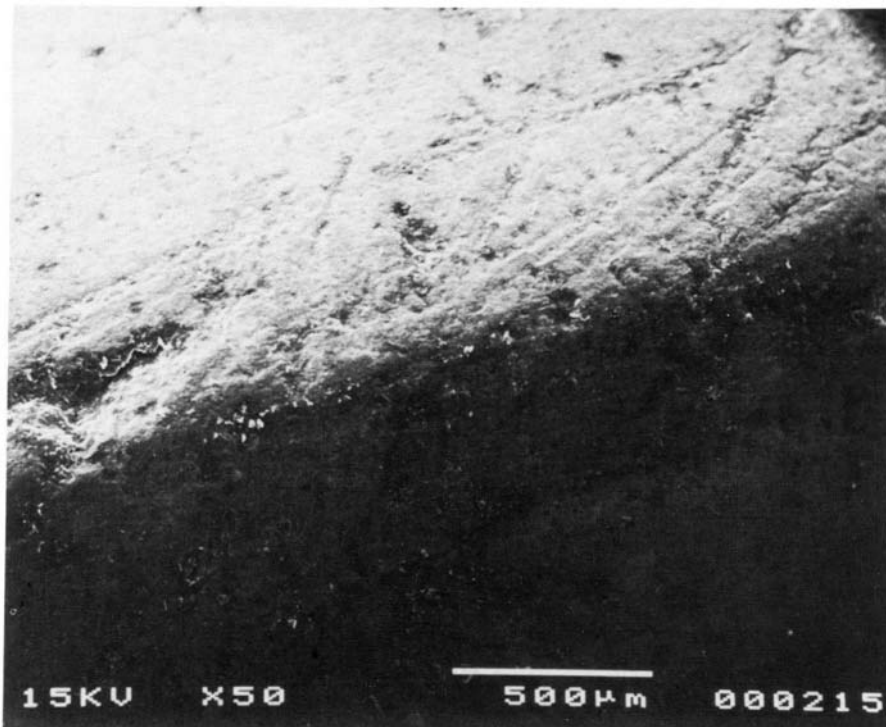


Fig. 17 – Leceia. Microfotografia ao Microscópio Electrónico de Varrimento (MEV) do sector da parte activa da pequena “enxó” da Fig. nº. 6, em primeiro plano; em segundo plano, separada por carena, observa-se a superfície da face mais bombeada da peça, com estrias de uso ou polimento. Foto de J. Pais (Centro de Estudos Geológicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa).

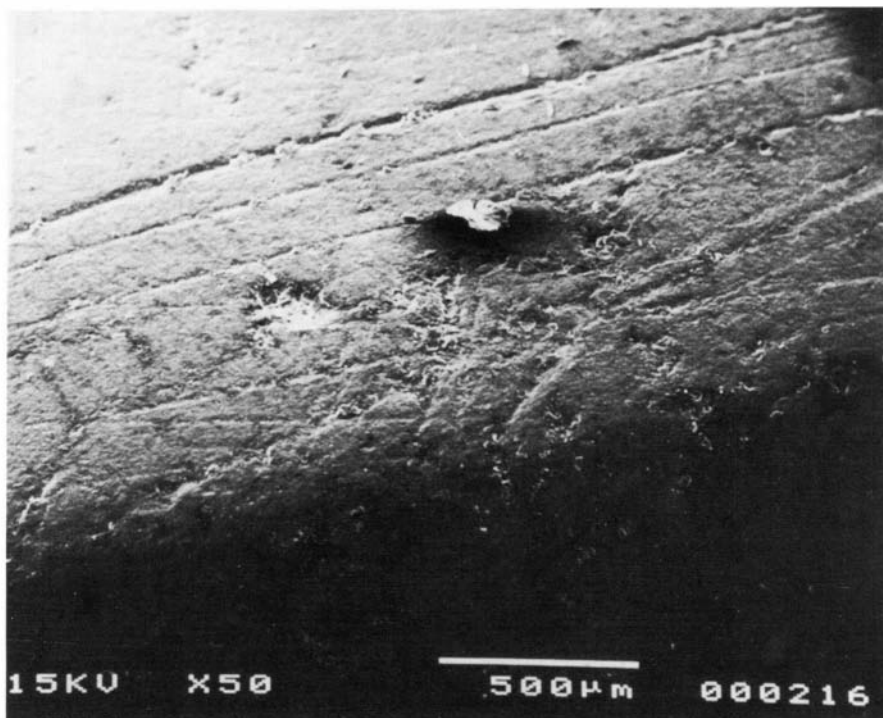


Fig. 18 – Leceia. Outro aspecto do artefacto da Fig. anterior, observando-se a face activa e a face mais bombeada da peça, com estrias de utilização ou de polimento. Foto do mesmo autor.

3.3 – Superfícies e zonas superficiais da fractura avermelhadas/acastanhadas; fractura com zona nuclear acinzentada/negra (cozedura redutora com fase final, ou de arrefecimento, oxidante): 17 exs. (18.1%) na *Estrutura QQ* e 45 exs. (12.7%) na *Estrutura R*.

3.4 – Superfícies e zonas superficiais da fractura acinzentadas/negras e zona nuclear da fractura avermelhada/acastanhada (cozedura oxidante e fase final ou de arrefecimento redutora): 6 exs. (6.4%) na *Estrutura QQ* e 59 exs. (16.7%) na *Estrutura R*.

3.5 – Superfícies e zonas superficiais da fractura acinzentadas/negras e fractura com zona nuclear negra entre zonas avermelhadas/acastanhadas (cozedura redutora com fase final oxidante e arrefecimento redutor): 4 exs. (4.2%) na *Estrutura QQ* e 11 exs. (3.1%) na *Estrutura R*.

QUADRO VII – Distribuição estratigráfica dos grupos de cor (entre parêntesis, as frequências relativas)

Cor	Cor							Total
	1	2	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	
C.4 - <i>Estr: QQ</i>	24(25.6)	28(29.8)	10(10.6)	5(5.6)	17(18.1)	6(6.4)	4(4.2)	94(100.0)
<i>Estr: R</i>	90(25.5)	79(22.4)	38(10.8)	31(8.8)	45(12.7)	59(16.7)	11(3.1)	353(100.0)
C.3	128(42.5)	34(11.3)	37(12.3)	15(5.0)	48(15.9)	24(8.0)	15(5.0)	301(100.0)
C.2	161(43.6)	72(19.5)	30(8.1)	16(4.3)	51(13.8)	26(3.1)	13(3.5)	369(100.0)

Nos dois conjuntos da C.4 de Leceia predominam os exemplares com zona(s) acinzentada(s)/negra(s) na fractura (Grupos 2, 3.1, 3.3 e 3.5) – entre cerca de 50% e 60% – que correspondem a um processo de cozedura marcadamente redutor. Mas a maior parte dessa cerâmica oferece zonas superficiais acastanhadas/avermelhadas, o que indica fase final de cozedura (ou simples arrefecimento) realizada em meio oxidante. Cerca de 25% da cerâmica de ambos os conjuntos teria sido cozida em ambiente completamente oxidante (Grupo 1) e cerca de 30% da cerâmica proveniente da *Estrutura QQ* e 22% da *Estrutura R*, cozida em ambiente totalmente redutor.

Existem diferenças relativamente à cor da cerâmica das camadas calcólíticas (C.3 e C.2) onde, ao contrário do que se verifica na C.4, dominam os exemplares com fractura e superfícies avermelhadas/acastanhadas, indicando cozedura processada em ambiente predominantemente oxidante (Grupos 1, 3.2 e 3.4).

3.5.3 – Forma

A fim de podermos comparar a morfologia dos recipientes da C.4 com a dos recipientes das C.3 e 2, partimos da tipologia geral estabelecida para estes últimos (SILVA & SOARES, 1976/77; CARDOSO *et al.*, 1983/84): **1** – prato de bordo sem espessamento; **2** – prato de bordo espessado; **3** – taça de bordo espessado; **4** – taça carenada; **5** – taça em calote; **6** – vaso de bordo em aba; **7** – vaso de parede subvertical e bordo extrovertido; **8** – esférico de bordo simples; **9** – esférico de bordo espessado; **10** – globular; **11** – “pote”; **12** – “copo”. Introduzimos, porém, diversas alterações. Assim, a taça carenada (forma **4**) foi dividida em duas variantes: **4.1** – taça de carena baixa a alta; **4.2** – taça de carena muito alta; não cremos justificável a manutenção da proposta recente de GONÇALVES (1995, Fig. 3.2 e 3.3), no sentido de separar as formas carenadas em dois grandes grupos, o das “taças” (Fig. 3.2) e o dos “vasos” (Fig. 3.3). Na verdade, todos os exemplares considerados como vasos integram-se, sem dificuldade, no grupo das taças de carena alta a muito alta. Aliás, o mesmo autor, no referido estudo, classifica exemplares em tudo idênticos aos por ele considerados como “vasos” no grupo das taças (GONÇALVES, 1995, Fig. 3.4). Por outro lado, reportando-se a dois exemplares de taças carenadas exumadas na C.4, representadas em CARDOSO (1989), o da Fig. 112, nº. 5 suscita-lhe “algumas reservas” (GONÇALVES, 1995, p. 99), embora não as explicita: reproduzimos o referido fragmento, que provém da *Estrutura R*, na Fig. 22, nº. 3. Quanto ao outro exemplar (CARDOSO, 1989, Fig. 111, nº. 1), parece-lhe “incorrectamente desenhado”, questionando-se se a forma seria realmente tão funda. Estranha-se tal dúvida, porquanto GONÇALVES (1995, Fig. 3.4) representa exemplares por ele considerados como taças tão ou mais fundas do que a peça em apreço.

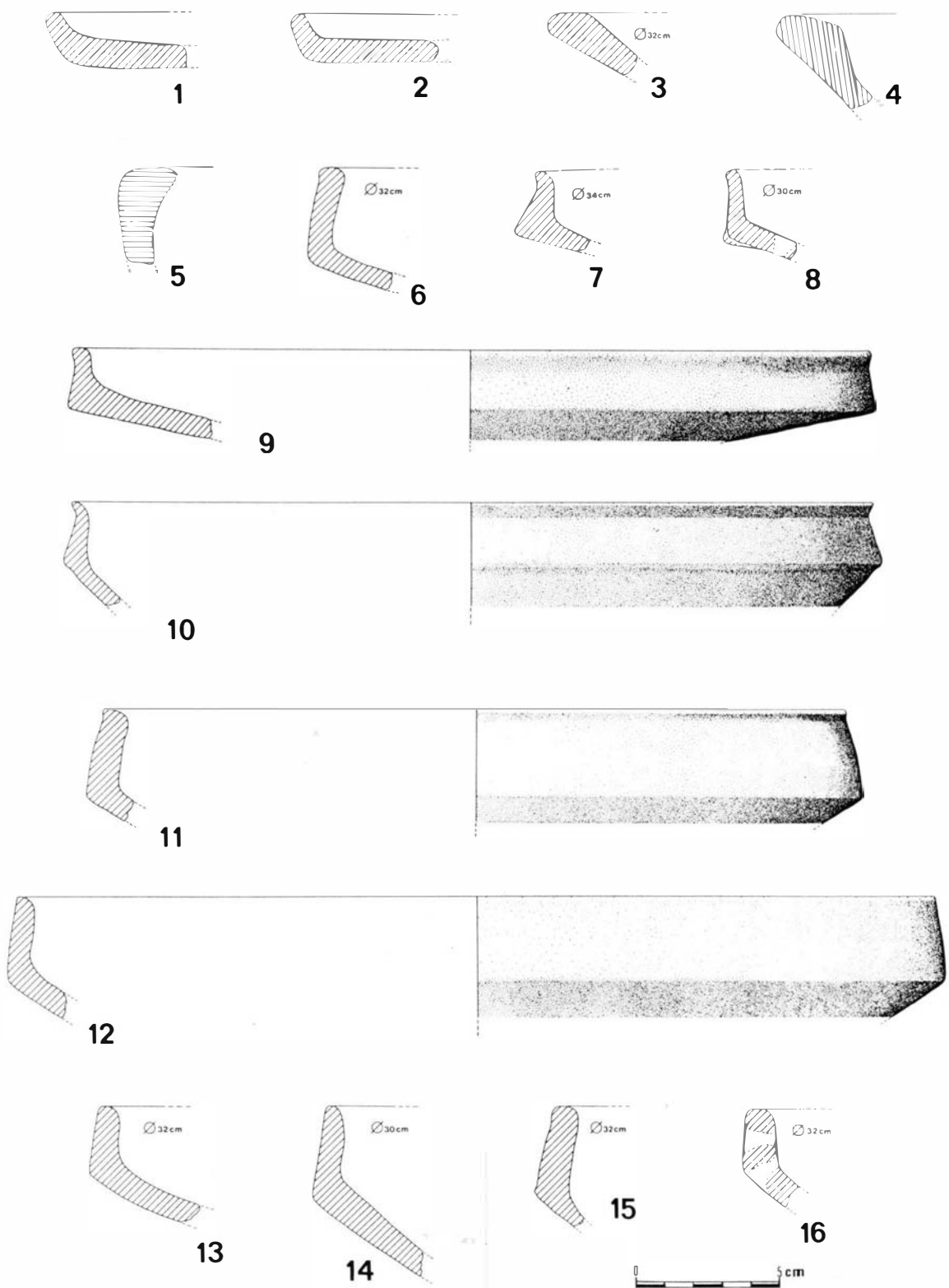


Fig. 19 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 e 2 - pratos de bordo sem espessamento (forma 1); 3 - prato de bordo espessado (forma 2), 4 e 5 - taças de bordo espessado (forma 3); 6 a 16 - taças carenadas (forma 4) de carena baixa a média.

Tal como o procedimento adoptado para as taças carenadas, também a taça em calote foi dividida em: 5.1 – taça em calote de bordo direito; 5.2 – taça em calote de bordo introvertido (forma francamente aparentada com a 4.2). Enfim, considerando as fortes semelhanças notadas entre as formas 6 e a 7, decidimos tratá-las como uma única: 6/7.

QUADRO VIII – Distribuição estratigráfica das formas gerais. (Entre parêntesis, as frequências relativas)

Camada	Forma												Total	
	1	2	3	4.1	4.2	5.1	5.2	6/7	8	9	10	11		12
C.4 <i>Estr. QQ</i>	-	-	2(2.1)	12(12.8)	-	33(35.1)	-	12(12.8)	27(28.7)	1(1.1)	7(7.4)	-	-	94(100.0)
C.4 <i>Estr. R</i>	7(2.0)	1(0.3)	5(1.4)	59(16.7)	26(7.4)	48(13.6)	34(9.6)	121(34.3)	30(8.5)	-	11(3.1)	8(2.3)	3(0.8)	353(100.0)
C.3	1(0.3)	14(4.7)	19(6.3)	3(1.0)	2(0.7)	83(27.6)	-	95(31.6)	13(4.3)	62(20.6)	4(1.3)	3(1.0)	2(0.7)	301(100.0)
C.2	6(1.6)	21(5.7)	16(4.3)	-	-	113(30.6)	-	49(13.3)	32(8.7)	109(29.5)	12(3.3)	11(3.0)	-	369(100.0)

Pela análise do QUADRO VIII, verificamos que na C.4 (tratada globalmente) estão presentes todas as formas (exceptuando-se a variante 5.2) que ocorrem na C.3, do Calcolítico inicial, o que parece evidenciar ausência de ruptura cultural na Estremadura na passagem do Neolítico para o Calcolítico. Notam-se, porém, diferenças de carácter quantitativo muito significativas em algumas formas cerâmicas: a taça carenada (forma 4), com 12,8% na C.4 – *Estrutura QQ* e 24,1% na C.4 – *Estrutura R*, reduz-se para apenas 1,7% na C.3; o esférico de bordo espessado (forma 9), que teria funcionado essencialmente como contentor, aproximando-se morfologicamente do “pote”, está quase ausente na C.4 (somente 1,1% na *Estrutura QQ*), enquanto na C.3 é muito frequente (20,6%).

Por outro lado, observam-se igualmente diferenças, e não apenas de ordem quantitativa, entre o conjunto da *Estrutura QQ* e o da *Estrutura R*. Assim, os pratos (formas 1 e 2), ausentes na *Estrutura QQ*, ocorrem, ainda que em percentagens muito baixas (2,0% e 0,3%, respectivamente) na *Estrutura R*; a taça carenada (forma 4) encontra-se representada (12,8%) na *Estrutura QQ*, mas somente através da variante 4.1, enquanto que, na *Estrutura R*, além dessa variante (16,7%) ocorre também a 4.2 (7,4%) a qual, aliás, se prolonga pela C.3, embora vestigialmente (0,7%); a taça em calote de bordo direito (forma 5.1) apresenta na *Estrutura QQ* mais do dobro da frequência relativa (35,1%) observada na *Estrutura R* (13,6%); a taça em calote de bordo introvertido (forma 5.2), ausente na *Estrutura QQ*, surge na *Estrutura R* com 9,6%; a frequência relativa do vaso de bordo em aba (forma 6/7), com 12,8% na *Estrutura QQ*, quase triplica na *Estrutura R*, com 34,3%, valor que se aproxima grandemente do observado na C.3 (31,6%); o esférico de bordo simples (forma 8), muito bem representado na *Estrutura QQ*, reduz-se para cerca de 1/3 (8,5%) na *Estrutura R*, aproximando-se assim dos valores correntes nas camadas calcolíticas (C.3 e C.2); o “pote” (forma 11), contentor por excelência, está ausente na *Estrutura QQ*, ocorrendo na *Estrutura R* com uma frequência relativa (2,3%) próxima da dos níveis calcolíticos; o copo está ausente na *Estrutura QQ* e surge na *Estrutura R*, embora liso, com uma percentagem (0,8%) muito semelhante à da C.3 (0,7%) onde, porém, oferece a característica decoração canelada.

As diferenças que acabámos de apontar poderão explicar-se mais por razões cronológicas do que por razões funcionais. De notar que o conjunto da *Estrutura R* se aproxima, em muitos aspectos, do exumado na C.3, do Calcolítico inicial. Deste modo, e como parece igualmente ressaltar da análise da decoração, o conjunto da *Estrutura QQ* poderia ser mais antigo que aquele, ainda que ambos integrassem o Neolítico final da Estremadura.

3.5.4 – Decoração

Na *Estrutura QQ* identificaram-se 31 fragmentos decorados (22 com bordos) o que, relativamente ao número mínimo possível de recipientes lisos e decorados (94 exemplares, com bordo), corresponde a uma percentagem de 32,9%.

Predomina a decoração plástica (17 exs., 10 com bordo), seguida da denteada (11 exs., todos com bordo). Presentes também outras impressões e incisões (3 exs., 1 com bordo).

A decoração plástica compreende mamilos e cordões que ocorrem, em geral, imediatamente sob o lábio de esféricos altos de bordo simples, com pasta do Grupo 3 (12 exs.) ou mais raramente do Grupo 4 (5 exs.) e cor muito

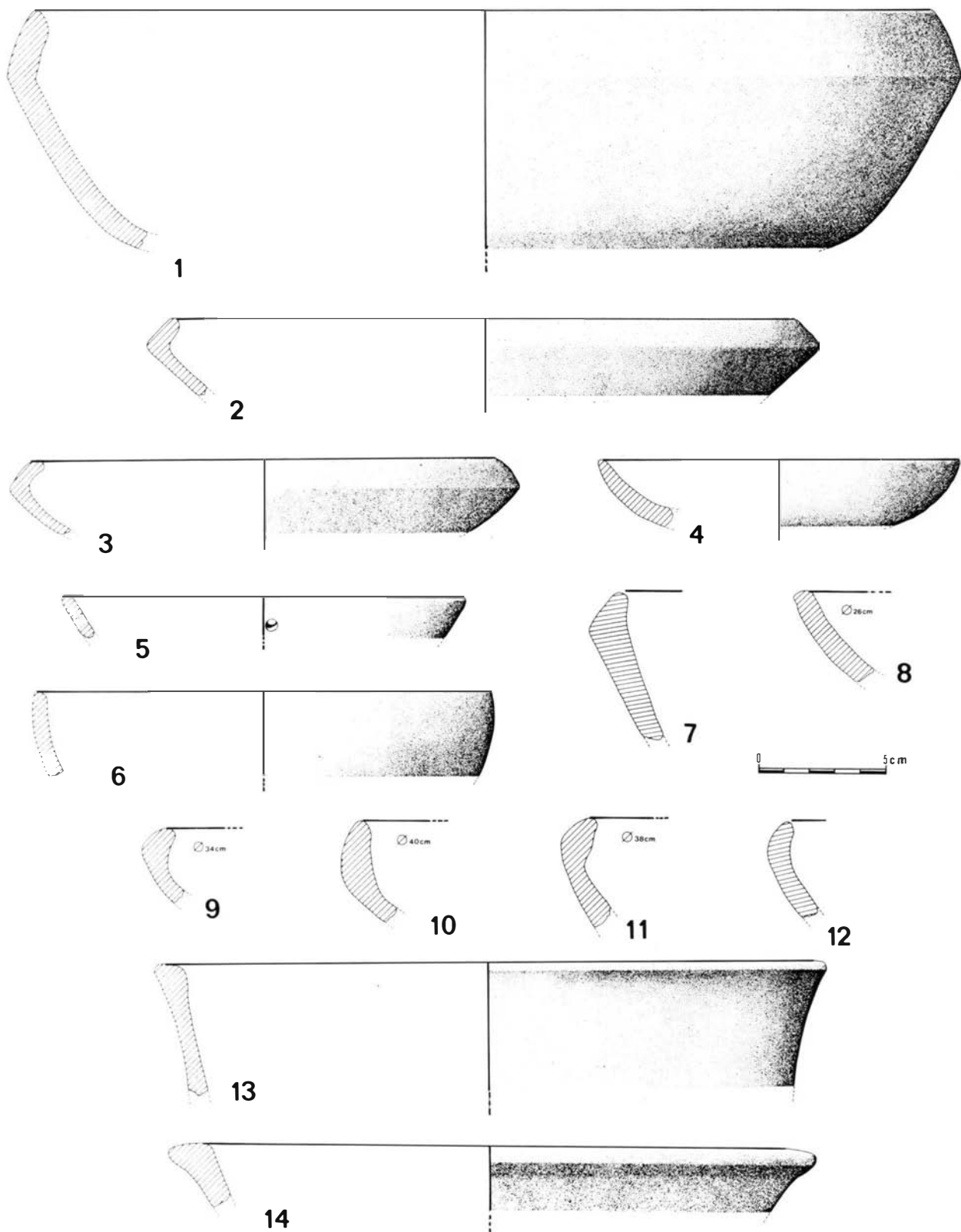


Fig. 20 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 a 3 e 7 - taças carenadas (forma 4) de carena média/alta e muito alta (cf. p. ex. o n.º. 7 com $C > 90$); 4 a 6 e 8 - taças em calote na variante de bordo direito (forma 5.1); 9 a 12 - taças em calote na variante de bordo introvertido (forma 5.2); 13 e 14 - vasos de bordo em aba (forma 6).

diversa (Grupo 1 - 6 exs.; Grupo 2 - 4 exs.; Grupo 3.1 - 2 exs.; Grupo 3.3 - 2 exs.; Grupo 3.4 - 3 exs.). As superfícies são alisadas, por vezes bem alisadas.

Os mamilos são predominantemente hemisféricos a tender para cónicos (9 exs.). Surgem ainda mamilos alongados (5 exs.), por vezes dissimétricos; 3 exemplares apresentam pequenas dimensões e agrupam-se em fiada horizontal situada sob o lábio.

Os cordões (3 exs.) são lisos, horizontais e de secção triangular (2 exs.) ou semi-circular (1 ex.). Um deles associa-se a dois pequenos mamilos hemisféricos que se dispõem em fiada rectilínea paralela ao cordão.

A decoração denteada, obtida através de impressões ou, mais raramente, de incisões aplicadas sobre a aresta exterior do lábio de vasos de bordo espessado externamente, em geral em aba é, sem dúvida, a decoração mais característica do Neolítico final da Estremadura. Na área do Sudoeste (Alentejo e Algarve) está muito mal representada: cite-se, como um dos raros exemplos, um fragmento encontrado no Cabeço da Mina, Torrão (SILVA & SOARES, 1976/77, Fig. 11). Na *Estrutura QQ*, os recipientes em que se manifesta, pertencentes às formas 5.1 (2 exs. de bordo com ligeiro espessamento e parte superior do lábio aplanada) e 6/7 (8 exs.), oferecem pasta dos Grupos 3 (10 exs.) e, excepcionalmente, do Grupo 4 (1 ex.); cor dos Grupos 1 (1ex.), 2 (4 exs.), 3.1 (4 exs.) e 3.2 (2 exs.) e superfícies mal alisadas a bem alisadas.

Outros tipos de decoração impressa/incisa estão representados por três exemplares:

- Forma 8. Logo abaixo do bordo, incisão em arco, oblíqua, associada a três fiadas, também oblíquas, de impressões em bastonete obtidas por punção actuado obliquamente.

- Forma indeterminada; pasta 3; cor 3.4; superfícies bem alisadas. Fiada horizontal de bastonetes impressos sobre cordão ou carena.

- Forma indeterminada (taça carenada?); pasta 3; cor 1; superfícies bem alisadas. Curtas incisões verticais sobre carena (Fig. 25, nº. 7).

A *Estrutura R* forneceu 22 fragmentos decorados (todos com bordo), ou seja, apenas 5,9% relativamente ao número mínimo possível de recipientes lisos e decorados (353 exemplares com bordo). Predomina a decoração denteada (21 exs.); só 1 ex. oferece decoração plástica. A primeira, obtida em geral por meio de impressões, é quase exclusiva da forma 6/7, com pasta dos Grupos 3 (11 exs.) e 4 (10 exs.), cores variadas - Grupos 1 (3 exs.), 2 (10 exs.), 3.2 (4 exs.) e 3.3 (4 exs.) - e superfícies mal alisadas a bem alisadas. Excepcionalmente, ocorre sobre a carena de um ex. da forma 4 (Fig. 22, nº. 3), já anteriormente referido.

A decoração plástica está representada por um mamilo cónico assimétrico situado logo abaixo do lábio de um esférico alto de bordo simples, de pasta 4, cor 2, superfície interna mal alisada.

Comparando a decoração da cerâmica de ambos os locais, nota-se:

- grande diferença entre os índices dos dois conjuntos: o primeiro com 32.9% e o segundo somente com 5,9%;
- abundância de decoração plástica, com mamilos e cordões, na *Estrutura QQ*, contrastando com a escassez do mesmo tipo de decoração na outra estrutura;

- presença, na *Estrutura QQ*, de alguma decoração impressa/incisa e a sua ausência na *Estrutura R*;

- elevada frequência, em ambos os conjuntos, da decoração denteada, essencialmente impressa e, por outro lado, a total ausência da decoração canelada, que se torna característica da fase cultural seguinte, o Calcolítico inicial (CARDOSO, 1989, 1994, 1995).

Em suma, o grande peso, em ambos os conjuntos da C.4, da decoração denteada sobre lábios de bordos em aba (a qual é meramente vestigial na C.3), associada a mamilos subcónicos ou hemisféricos situados junto do bordo de esféricos altos, e a ausência da decoração canelada, tão frequente na C.3, são características que legitimam a atribuição da C.4 ao Neolítico final da Estremadura, ainda que o conjunto da *Estrutura QQ* possa ter pertencido (atenda-se, por exemplo, à presença de cordões) a um momento mais antigo que o da *Estrutura R*. Legítima tal conclusão a ausência de decorações impressas/incisas neste último, bem como a escassez aí observada das decorações plásticas, contrastando com a abundância, quase exclusiva, das decorações denteadas. Estas observações confirmam plenamente as conclusões de estudo anterior (CARREIRA & CARDOSO, 1995) no sentido da crescente rarefacção, no decurso do Neolítico final, de outros motivos decorativos (incisos, plásticos e impressos) que não os denteados.

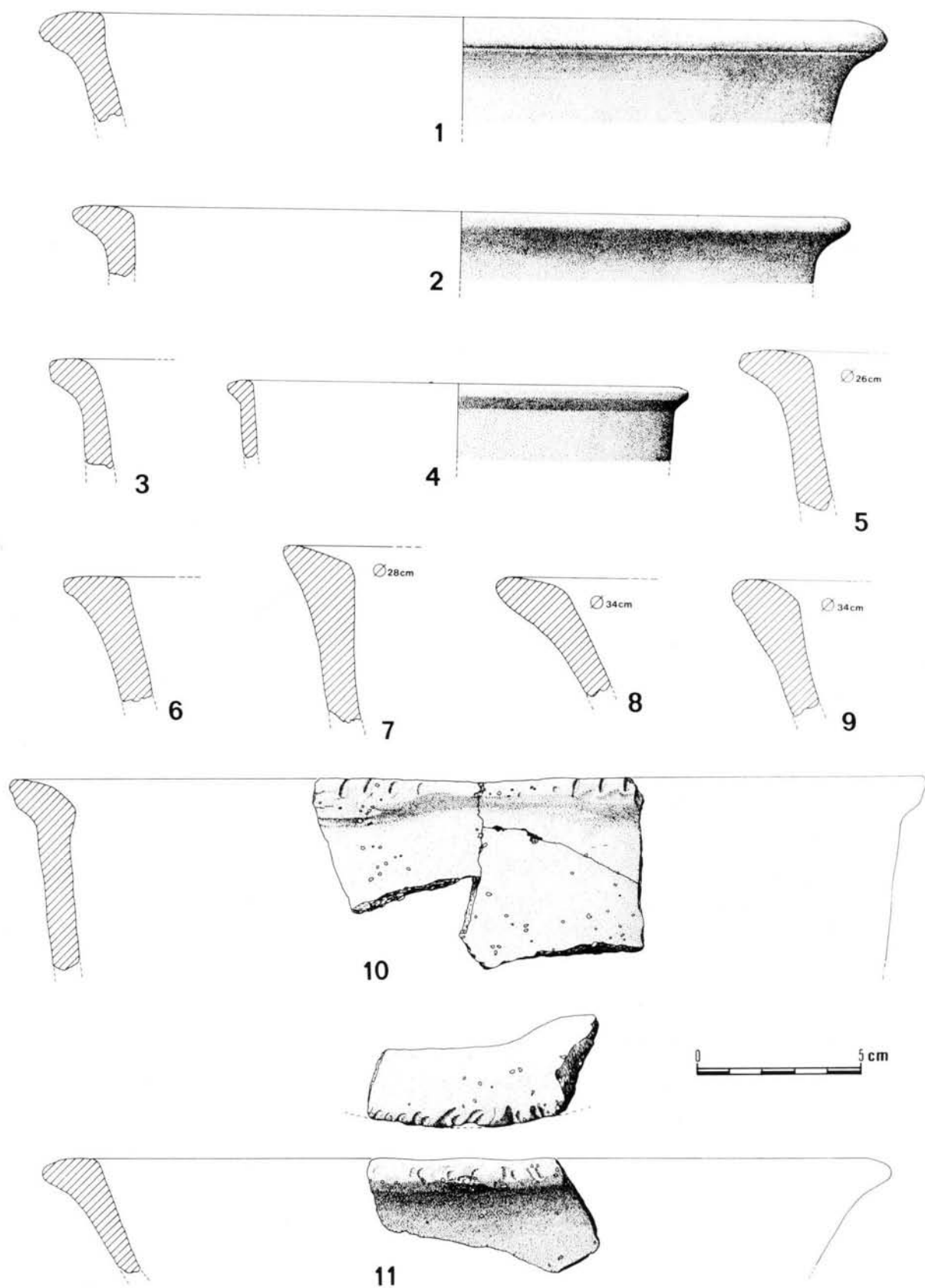


Fig. 21 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 a 11 - vasos de bordo em aba (os n.ºs 10 e 11 possuem decoração dentada sobre o lábio).

3.6 - Restos faunísticos

3.6.1 - Fauna mamalógica

Os materiais dos dois locais em apreço foram considerados conjuntamente.

Família Suidae

Sus scrofa L., 1758

Sus domesticus L., 1758

Identificaram-se cinquenta fragmentos ósseos que poderiam pertencer a qualquer destes dois *taxa*; quarenta e um, com maior probabilidade, pertencem ao primeiro, integrando-se os restantes no segundo.

Desta forma, podemos considerar segura a presença do porco doméstico nos contextos habitacionais do Neolítico final de Leceia, em quantidade ligeiramente inferior à correspondente ao seu equivalente selvagem. Verifica-se a presença de indivíduos jovens no grupo do javali, tal como os muito idosos.

Família Bovidae

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

Identificaram-se noventa restos de ovinos e caprinos. Quando as diferenças morfológicas, tanto no esqueleto dentário como ósseo, assinaladas por diversos autores, são aplicáveis (BOESSNECK *et al.*, 1964; PRUMMEL & FRISCH, 1986; PAYNE, 1985), o que acontece em pouco mais de uma dezena de peças, é sobretudo à ovelha que tais restos deverão reportar-se.

Bos primigenius BOJ., 1827

Bos taurus L., 1758

O auroque encontra-se seguramente representado, correspondendo-lhe contudo apenas pequena parte do conjunto reportado ao género *Bos* certas peças ósseas, sendo nitidamente menores que homólogas plistocénicas portuguesas de auroque, são porém maiores que as de boi doméstico características. Sabendo que os exemplares domésticos neolíticos se caracterizavam pelo pequeno tamanho e tendo ainda presente que a biometria do auroque terá decaído acentuadamente no Holocénico, julga-se que as peças de tamanho intermédio lhe poderão pertencer; acresce que neste bovideado é acentuado o dimorfismo sexual, verificando-se ser grande a diferença de tamanho entre peças ósseas de machos e de fêmeas. Assim sendo, ao auroque reportar-se-iam catorze peças, e ao boi doméstico sessenta e seis peças.

Família Cervidae

Cervus elaphus L., 1758

Identificaram-se onze restos de veado.

Família Leporidae

Oryctolagus cuniculus L., 1758

Lepus sp.

Um coxal de grande tamanho pode reportar-se a lebre, enquanto três peças têm dimensões compatíveis com o coelho. É provável que o escasso número de peças de leporídeos se deva à metodologia da colheita adoptada, que não contemplou a triagem laboratorial das terras.

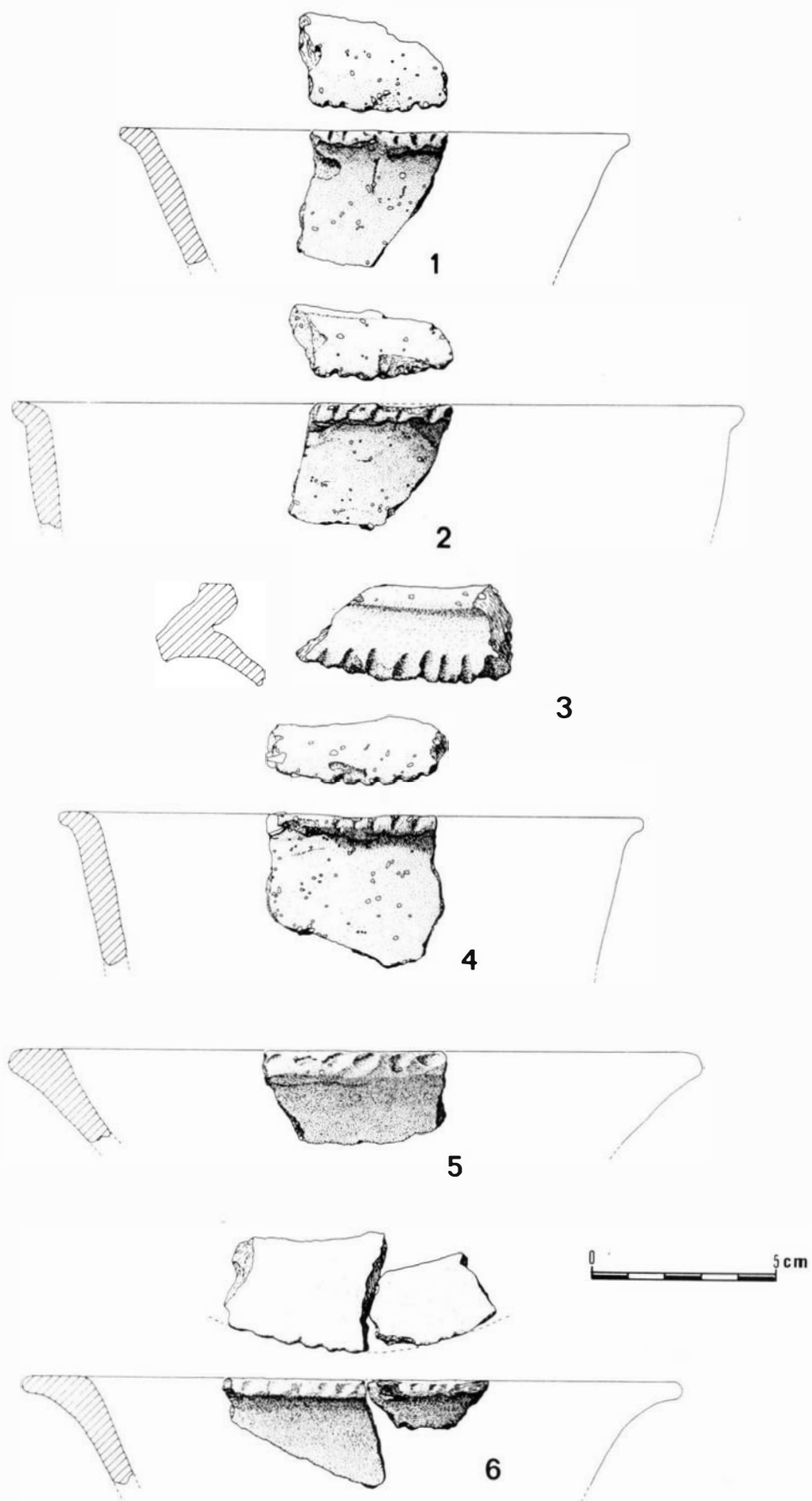


Fig. 22 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 e 2; 4 a 6 - vasos de bordo em aba com decoração dentada; 3 - taça carenada com decoração dentada sobre a carena.

Em conclusão:

O conjunto dos restos de grandes mamíferos exumados nas duas estruturas em apreço mostra que, no Neolítico final, todas as espécies domésticas que, posteriormente, no decurso do Calcolítico, viriam a constituir a parte mais importante da alimentação das populações que continuaram a ocupar o local, já se encontravam plenamente presentes. A domesticação do porco vem documentar o carácter estável e sedentário da primeira comunidade que se fixou no esporão calcário de Leceia. Por outro lado, é de destacar a presença do boi doméstico, espécie a que pertencem sessenta e seis fragmentos ósseos, logo a seguir aos restos de ovicapríneos, pela grande importância que detém no contexto da chamada “Revolução dos Produtos Secundários”. Com efeito, sendo a espécie de longe mais importante na alimentação (em termos de carne consumida), é de aceitar que tal abundância seja, ao menos em parte, explicável pela sua utilização como força de tracção, tanto em arados como em carros, cujo uso, no Neolítico final, se encontra aparentemente ilustrado no santuário rupestre do Escoural (GOMES, 1989; GOMES *et al.*, 1983). Outro aspecto que decorre do estudo efectuado diz respeito à presença importante da componente cinegética, estando presentes espécies de grande porte, em quantidade significativa, como o auroque, o veado e o javali.

3.6.2. - Avifauna

Família Sulidae

Sula bassana L., 1758

Um fragmento de rádio com a extremidade articular proximal e porção de diáfise provém da *Estrutura R* (GOURICHON & CARDOSO, 1995). Esta espécie, na actualidade, só muito esporadicamente frequenta o litoral português, apesar de, no Calcolítico e em Leceia, ser das mais frequentes.

Trata-se de uma grande ave, que pode atingir 100 cm de envergadura, cuja presença foi já anteriormente assinalada em outros povoados calcolíticos peninsulares: em Portugal, no castro do Zambujal (Torres Vedras) e na Rotura (Setúbal); em Espanha, em Terrera Ventura e em Los Millares (HERNANDEZ, 1993). Persistiu até pelo menos à época romana, no Algarve (ANTUNES & MOURER-CHAUVIRÉ, 1992). A sua abundância em Leceia, como nos restantes arqueossítios referidos, é explicável por condições mais frias que as actuais; porém, o impacto humano terá tido maior importância que as transformações climáticas globais, na rarefacção ou quase extinção da espécie, em regiões de latitudes tão baixas como as peninsulares. De qualquer modo, não deixa de ser interessante verificar um “amortecimento” no fenómeno do “upwelling”, responsável pela existência de águas frias, durante o Verão, na costa portuguesa, a partir de 4200 BP (SOARES, 1993).

3.6.3 - Fauna malacológica

Família Patellidae

Patella spp.

NR** = 32: 29 da *Estrutura R* (24 apicais, 13 exemplares inteiros); 3 da *Estrutura QQ* (todos apicais, 2 inteiros).

NMI*** = 27: 24 da *Estrutura R* e 3 da *Estrutura QQ*.

Família Trochidae

Monodonta lineata (DA COSTA, 1778)

NR = 1 exemplar quase inteiro, com ápice (*Casa R*).

NMI = 1 (*Estrutura R*).

** NR - número de restos.

*** NMI - número mínimo de indivíduos.

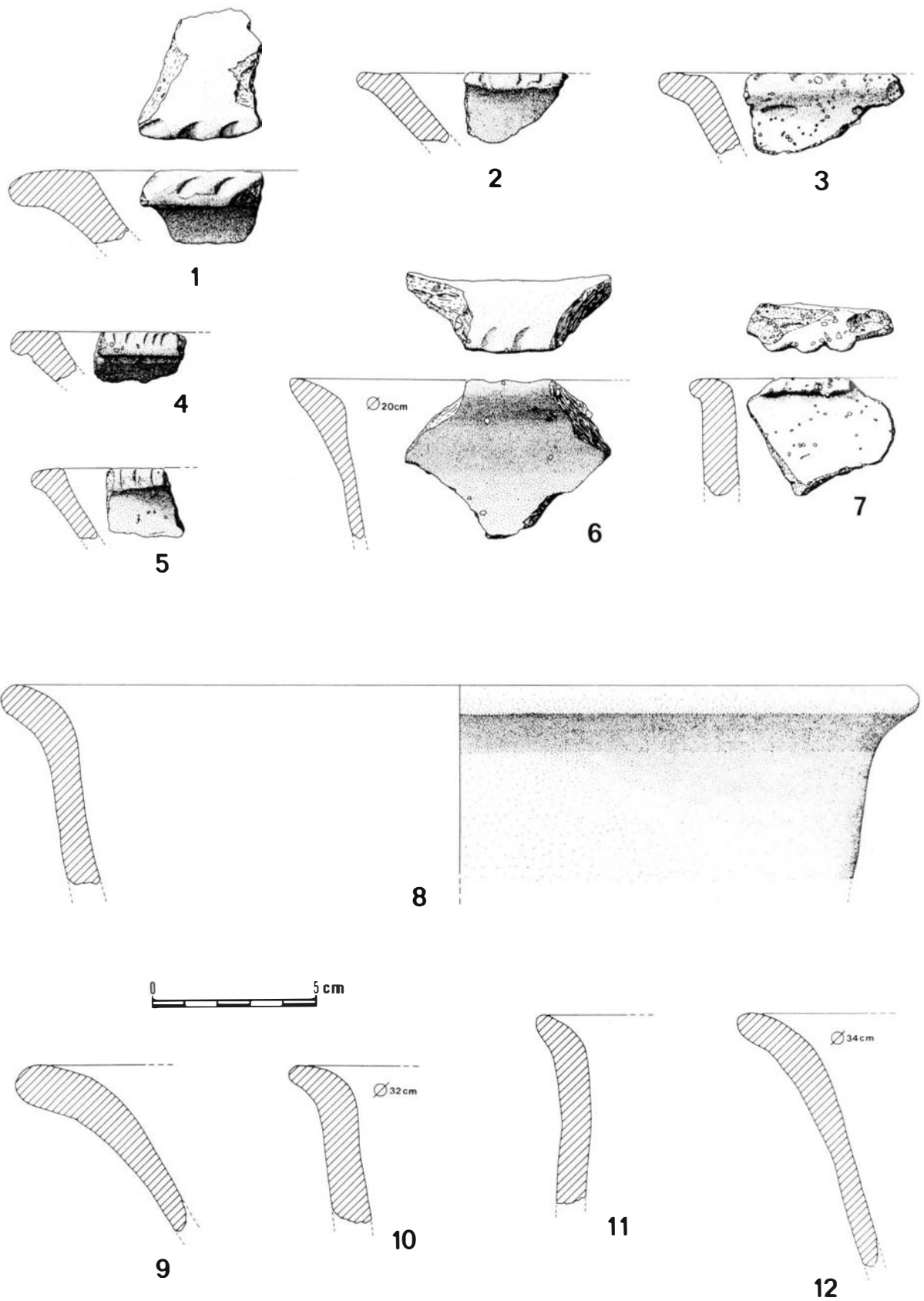


Fig. 23 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 a 7 - vasos de bordo em aba com decoração dentada; 8 a 12 - vasos de paredes subverticais e bordo extrovertido (forma 7).

Família Muricidae

Ocenebra erinacea (L., 1758)

NR = 1 exemplar quase inteiro, com ápice; apresenta vestígios de rolamento (*Estrutura R*).

NMI = 1 (*Estrutura R*).

Família Nassariidae

Nassarius reticulatus (L., 1758)

NR = 1 exemplar inteiro (*Estrutura R*).

NMI = 1 (*Estrutura R*).

Família Siphonariidae

Siphonaria algesirae QUOY & GAYMARD

NR = 7: 3 da *Estrutura R* (todos apicais e 1 inteiro); 4 da *Estrutura QQ* (todos apicais e 1 inteiro).

NMI = 7: 3 da *Estrutura R*; 4 da *Estrutura QQ*.

Família Mytilidae

Mytilus sp.

NR = 3, todos fragmentados, sem umbo/charneira: 2 da *Estrutura R*; 1 da *Estrutura QQ*.

NMI = 2: 1 da *Estrutura R*; 1 da *Estrutura QQ*.

Família Pectinidae

Pecten maximus (L., 1758)

NR = 8: 6 da *Estrutura R* (1 valva direita inteira e 5 fragmentos de valva direita, um deles com umbo); 2 da *Estrutura QQ* (fragmentos de valvas direitas).

NMI = 3: 2 da *Estrutura R*; 1 da *Estrutura QQ*.

Família Ostreidae

Cf. *Ostrea edulis* L., 1758

NR = 1 exemplar inteiro de valva esquerda.

NMI = 1 (*Estrutura R*).

Crassostrea angulata (LAMARCK, 1818)

NR = 4: 3 da *Estrutura R* (1 valva esquerda inteira e 2 fragmentos de valva esquerda, um deles com charneira); 1 da *Estrutura QQ* (pequeno fragmento).

NMI = 3: 2 da *Estrutura R*; 1 da *Estrutura QQ*.

Família Cardiidae

Cerastoderma edule (L., 1767)

NR = 1 valva inteira encontrada na *Casa R*.

NMI = 1 (*Estrutura R*).

Família Veneridae

Venus verrucosa, L., 1758

NR = 5, todos fragmentados: 3 da *Estrutura R* (1 deles com charneira); 2 da *Estrutura QQ* (nenhum com umbo/charneira).

NMI = 2: 1 da *Estrutura R*; 1 da *Estrutura QQ*.

Venerupis decussata (L., 1758)

NR = 8, todos fragmentados: 7 da *Estrutura R* (2 fragmentos de valvas direitas com charneira); 1 da *Estrutura QQ*.

NMI = 3: 2 da *Estrutura R*; 1 da *Estrutura QQ*.

Os resultados obtidos podem sumarizar-se no Quadro seguinte:

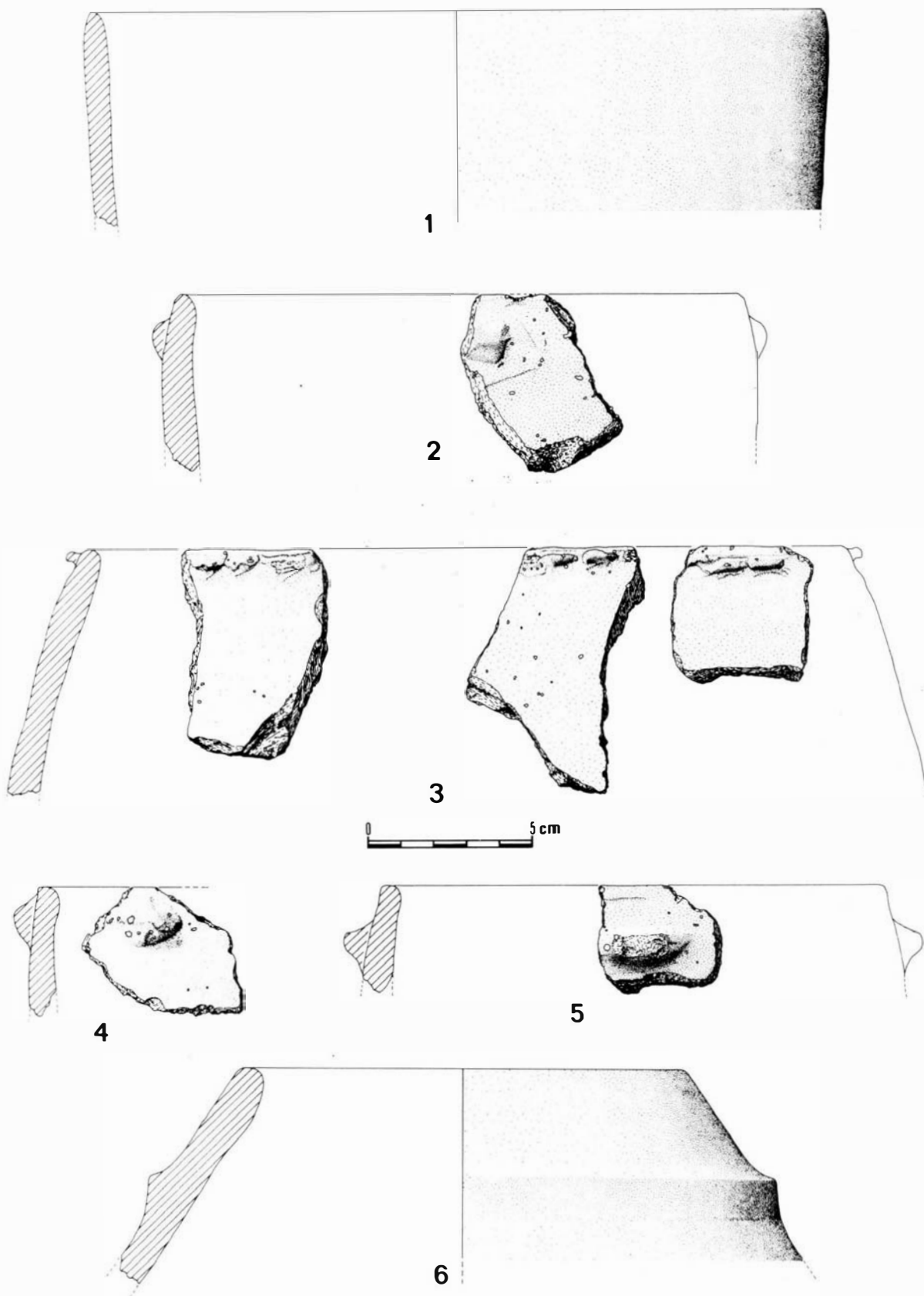


Fig. 24 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 a 6 - esféricos de bordo simples (forma 8); os n.ºs 2 a 5 são providos de mamilos e o n.º 6 apresenta cordão liso de secção triangular e horizontal.

QUADRO IX - Distribuição da malacofauna da C.4 de Leceia

TAXA	Estrutura R		Estrutura QQ		Total	
	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI
Gastrópodes	35	30	7	7	42	37
<i>Patella</i> spp.	29	24	3	3	32	27
<i>Monodonta lineata</i>	1	1	-	-	1	1
<i>Ocenebra erinacea</i>	1	1	-	-	1	1
<i>Nassarius reticulatus</i>	1	1	-	-	1	1
<i>Siphonaria algesirae</i>	3	3	4	4	7	7
Bivalves	23	10	7	5	30	15
<i>Mytilus</i> sp.	2	1	1	1	3	2
<i>Pecten maximus</i>	6	2	2	1	8	3
Cf. <i>Ostrea edulis</i>	1	1	-	-	1	1
<i>Crassostrea angulata</i>	3	2	1	1	4	3
<i>Cerastoderma edule</i>	1	1	-	-	1	1
<i>Venus verrucosa</i>	3	1	2	1	5	2
<i>Venerupis decussata</i>	7	2	1	1	8	3
Total	58	40	14	12	72	52

(NR - número de restos; NMI - número mínimo de indivíduos).

A reduzida dimensão da amostra, acompanhada por considerável diversidade taxonómica, pode indicar que na economia do Neolítico final de Leceia a recollecção de marisco ocuparia lugar francamente marginal, talvez mesmo esporádico. Muitos dos nossos exemplares, poderiam ter sido obtidos no âmbito de outras actividades relacionadas com a exploração do meio aquático, designadamente a pesca. Porém, devemos atender ao facto de as áreas escavadas correspondentes à *Estrutura R* e *Estrutura QQ* não se comportarem como verdadeiras lixeiras. Nestas verifica-se, normalmente, apreciável acumulação de conchas de moluscos, mesmo em povoados do Neolítico final e do Calcolítico não especializados na recollecção de marisco. Lembremo-nos, por exemplo, da C.3 da sequência estratigráfica obtida por um de nós nas sondagens II e IV da Rotura (Setúbal) verdadeiro nível conquífero rico sobretudo em conchas de *Venerupis decussata*, pertencente ao Calcolítico pleno (SILVA, 1968/70; FERREIRA & SILVA, 1970), ou da C.2 da sond. 2/64 do Pedrão (Setúbal), outro nível conquífero onde dominavam as conchas de *Solen marginatus* e de *Venerupis decussata* (SILVA & CABRITA, 1965; SOARES & SILVA, 1975).

A malacofauna estudada parece corresponder, na sua maioria, a restos de cozinha. Como principal excepção, possuímos a concha quase inteira, mas com vestígios de rolamento, de *Ocenebra erinacea*; arrojada à praia pelas ondas, teria sido transportada para o povoado talvez pela sua invulgar morfologia. Duvidamos que o exemplar de *Nassarius reticulatus*, pelas suas reduzidas dimensões, tivesse sido utilizado na alimentação. Aliás, esta espécie foi frequentemente usada, na Pré-história Recente da Estremadura, como elemento de adorno, apresentando-se, então, a sua concha perfurada. A *Siphonaria algesirae* - molusco que, embora pulmonado, possui concha semelhante à de *Patella* com a qual convive (andar mediolitoral e substrato rochoso) devido ao sabor amargo, não é actualmente consumida (NOBRE, 1931, p. 27).

Não obstante a diversidade dos biótopos explorados, não seria necessário percorrer mais de 5 km para se obterem os exemplares representados na amostra. O curso inferior da ribeira de Barcarena, então muito menos assoreado do que actualmente, formaria um estuário cujos fundos, postos a descoberto na baixa mar, poderiam conter *Crassostrea angulata*, bem como *Cerastoderma edule*; próximo da foz, em fundos igualmente intertidais, areno-vasosos ou arenosos, encontrar-se-ia a *Venerupis decussata*.

No litoral do concelho de Oeiras, de características oceânicas, em afloramentos rochosos da zona intertidal, recolectar-se-ia *Patella*, *Siphonaria algesirae*, *Mytilus* e *Monodonta lineata*. Na mesma faixa litoral, mas em fundos arenosos um pouco mais profundos (andar infralitoral) ocorreriam as espécies *Nassarius reticulatus*, *Venus verrucosa* e *Pecten maximus*; as duas primeiras poderiam, eventualmente, ser recolhidas na zona intertidal.

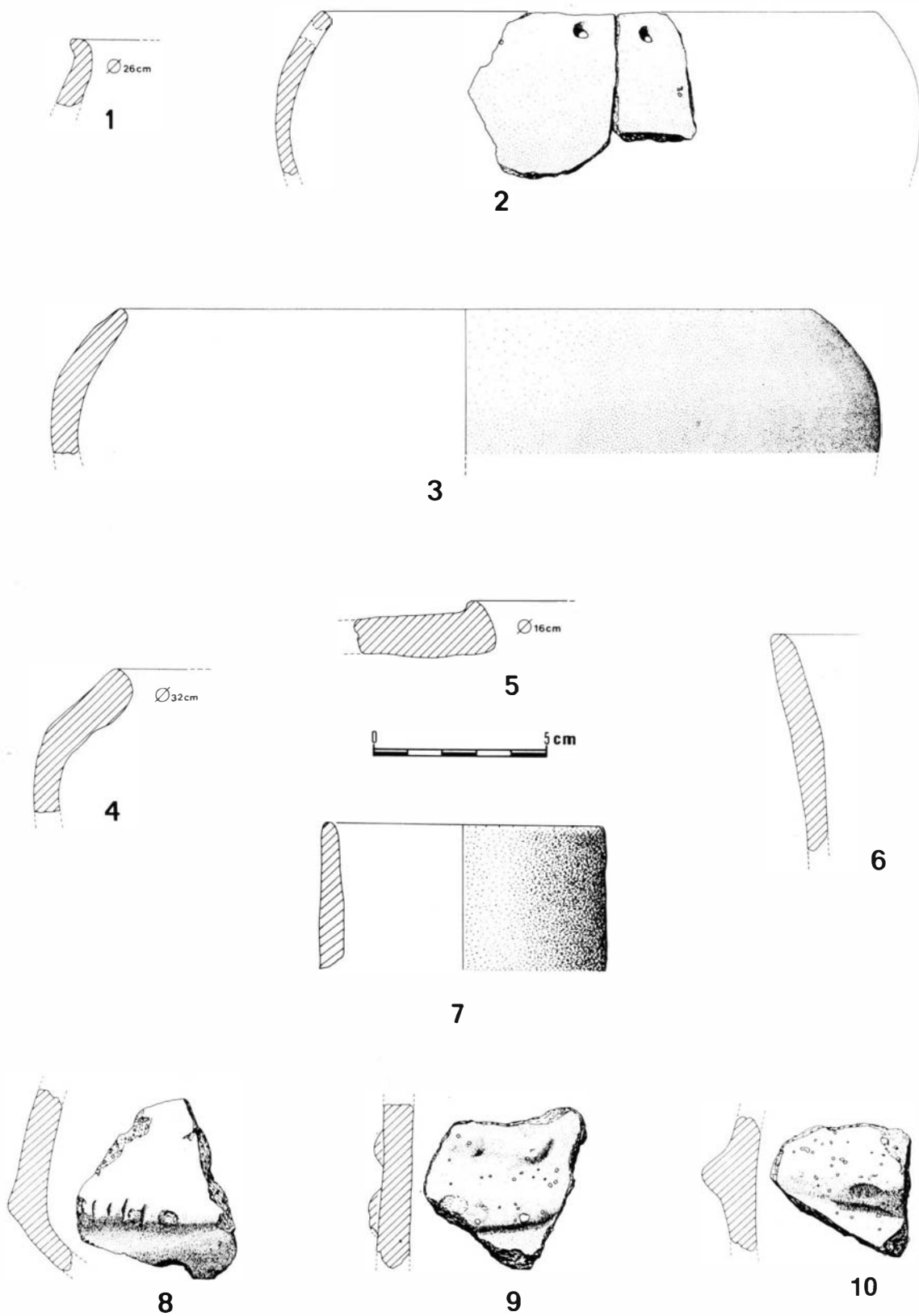


Fig. 25 – Leceia. Cerâmica da C.4: 1 - esférico de bordo espessado (forma 9); 2 a 4 - globulares (forma 10); 5 - “pote”; 6 e 7 - “copos”; 8 a 10 - fragmentos com decoração incisa (8) e plástica (9 e 10).

AGRADECIMENTOS

À Prof. Doutora Maria Teresa Ferreira, do Dep. Eng.^a Florestal do Instituto Superior de Agronomia, pelo apoio no tratamento estatístico dos resultados.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. Telles & CARDOSO, J. L. (1995) – Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 187-192.
- ANTUNES, M. Telles & MOURER-CHAUVIRÉ, C. (1992) – The roman site (2nd to 5th centuries AD) at Quinta do Marim near Olhão (Algarve, Portugal): vertebrate faunas. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 375-382.
- BOESSNECK, J.; MÜLLER, H.-H. & TEICHERT, M. (1964) – Osteologische Unterscheidungsmerkmale zwischen Schaf (*Ovis aries* LINNÉ) und Ziege (*Capra hircus* LINNÉ). *Kühn-Archiv*, 78 Band, Heft 1 - 2, p. 1-129.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1989*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, Número Especial. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1995) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1), p. 115-129.
- CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. da (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1996) – Contribution d'une série de datations ¹⁴C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), á la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura Portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux (1995). Supplément á la Revue d'Archéométrie*, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1983/84) – O povoado calcólico de Leceia (Oeiras). 1^a. e 2^a. Campanhas de escavação. *CLIO/Arqueologia, Revista da UNIARCH*, 1, p. 41-61.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1995) – Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 2, p. 203-225.
- FERREIRA, A.; GIL, E.; LOBO, P.; ORTIZ, L.; TARRIÑO, A. TARRIÑO, J. M. & VIVANCO, J. J. (1983) – El nucleo de poblamiento post paleolítico de Larrenve. *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 11, p. 187-285.

- GOMES, M. Varela (1989) – Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor*, 7, p. 225 - 269. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 36, p. 287-307. Salamanca.
- GONÇALVES, V. S. (1995) – Sítios, “horizontes” e artefactos. *Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais.
- GOURICHON, L. & CARDOSO, J. L. (1995) – L'avifaune de l'habitat fortifié chalcolithique de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 165-186.
- HERNANDEZ CARRASQUILLA, F. (1993) – Catalogo provisional de los yacimientos con aves del Cuaternario de la Peninsula Iberica. *Archaeofauna*, 2, p. 231-275. Madrid.
- NOBRE, A. (1931) – *Fauna malacológica de Portugal. Moluscos marinhos e de águas salobras*. Porto.
- PAYNE, S. (1985) – Morphological distinctions between the mandibular teeth of young sheep, *Ovis*, and goats, *Capra*. *Journal of Archaeological Science*, 12, p. 139-147.
- PRUMMEL, W. & FRISCH, H.-J. (1986) – A guide for the distinction of species, sex and body side in bones of sheep and goat. *Journal of Archaeological Science*, 13, p. 567-577.
- SALDANHA, L. (s/d) – *Fauna submarina atlântica. Portugal Continental. Açores. Madeira*. Publicações Europa-América. Mem-Martins.
- SILVA, C. Tavares da (1968/70) – O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): vestígios de estratigrafia. *Arquivo de Beja*, 25/27, p. 31-44.
- SILVA, C. Tavares da & CABRITA, M. G. (1965) – *Estação arqueológica do Pedrão (Setúbal)*. Centro de Estudos Científicos da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa. Lisboa.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1976/77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2/3, p. 179-272.
- SOARES, A. M. Monge (1993) – The ¹⁴C content of marine shells: evidence for variability in coastal upwelling of Portugal during the Holocene. *International Symposium on Applications of isotope techniques in studying past and current changes in the Hydrosphere and the Atmosphere*. I.A.E.A., Vienna, p. 471-485.
- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-153.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1976/77) – O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 2/3, p. 109-150.

Ao Prof. Manuel Farinha dos Santos,
em testemunho de grata homenagem
e admiração, dedica

O Autor

ESTATUETAS ZOOMÓRFICAS DE TERRACOTA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - CONDIÇÕES DO ACHADO

No decurso da 13ª. campanha de escavações realizada em 1995 no povoado pré-histórico de Leceia, dirigida pelo signatário, investigou-se uma área situada no exterior da fortificação calcolítica, dispositivo constituído por três linhas de muralha articuladas entre si. A referida área, distanciada menos de 10 m da primeira linha defensiva, revelou uma estrutura de época campaniforme de planta elíptica, definida por alinhamento de blocos de calcário, fundados em camada terrosa, acastanhada, contendo abundante espólio característico do Neolítico final. Tal camada corresponde à primeira ocupação do povoado pré-histórico: trata-se da Camada 4 da sequência estratigráfica geral ali definida (CARDOSO, 1994, 1995). Verifica-se, pois, na referida zona, lacuna estratigráfica correspondente à ocupação mais importante do povoado pré-histórico, situável no Calcolítico inicial e no pleno.

Os materiais agora estudados, que incluem também os exumados na campanha de 1996, foram recolhidos no interior do recinto campaniforme, a *Estrutura FM*, na camada assente no substrato geológico subjacente ao nível da sua fundação (Fig. 1 a 4); reportam-se, deste modo, ao Neolítico final. A sua raridade justifica divulgação imediata, através do presente trabalho.

2 - DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Trata-se de doze fragmentos de terracota (quatro com colagem), todos com fracturas antigas, de, pelo menos, três estatuetas maciças, representando suídeos. Todos os fragmentos jaziam em área circunscrita, de cerca de 4x6 m, assinalada nas Fig. 1 a 4. As características da pasta de todos eles é idêntica: textura média, elementos não plásticos quartzo-feldspáticos, com raras palhetas micáceas dispersas e colorações castanho-chocolate, a castanho-avermelhadas, especialmente na superfície, contrastando com núcleos mais escuros (o que sugere ambiente oxidante na fase final da cozedura).

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

Materiais recolhidos em 1995

1 - Cabeça, fracturada ao nível do colo, e incompleta na parte superior. Os olhos encontram-se assinalados por duas depressões punctiformes, feitas com estilete ou punção, utilizado igualmente para a marcação das duas narinas e da boca. Salienta-se o notável realismo da representação; comprimento máximo - 79 mm; largura máxima - 46 mm; altura máxima - 50 mm (Fig. 5).

2 - Porção anterior do dorso, incluindo a cintura escapular, bem modelada, e parte do arranque dos membros anteriores. Avulta o cuidado dispensado à saliência dorsal, bem como à porção dos membros anteriores conservada; comprimento máximo - 70 mm; largura máxima - 80 mm; altura máxima - 56 mm (Fig. 6, n.º. 2).

3 - Porção posterior do corpo, correspondendo à cintura pélvica, conservando o membro posterior direito e arranque do oposto. Nota-se a saliência dorsal, bem modelada, terminando por curto apêndice caudal, sobreposto a cavidade bem delimitada; a sua morfologia é clara: trata-se da abertura da vagina, delimitada pelos grandes lábios, cuja turgidez sugere a época do cio. Tal como nos fragmentos descritos anteriormente, a volumetria dos membros, bem como a do órgão sexual, assume carácter muito realista; tal evidência é ainda sublinhada pela morfologia da pata conservada, onde se encontra assinalada a separação entre as duas unhas anteriores, por depressão longitudinal, bem como a presença da unha posterior, através de saliência; comprimento máximo do fragmento (correspondente ao membro completo) - 53 mm; largura máxima - 76 mm; altura máxima - 98 mm (Fig. 7).

4 a 7 - quatro segmentos de membros anteriores e posteriores, mais ou menos completos. Evidenciam-se dois tamanhos: o maior, representado pelos exemplares da Fig. 8, n.º. 1 e 4, são compatíveis com um exemplar de tamanho idêntico ao dos fragmentos representados na Fig. 6, n.º. 2 e na Fig. 7. O primeiro fragmento (Fig. 8, n.º. 1) é atribuível a membro posterior, por analogia com o representado na Fig. 7; o segundo dos fragmentos referidos (Fig. 8, n.º. 4) mais alongado do que aquele, corresponde a membro anterior; esta diferenciação morfológica tem expressão real: com efeito, o corpo dos suídeos selvagens e dos domésticos de raças não melhoradas é mais desenvolvido e, sobretudo, mais alto na porção dianteira. As duas peças em apreço caracterizam-se, com efeito, por uma representação anatómica realista, possibilitando atribuir a primeira ao membro posterior direito e a segunda ao membro anterior esquerdo. Correspondendo o exemplar da Fig. 8 também ao membro posterior direito, conclui-se que, no mínimo, existiam duas estatuetas zoomórficas de suídeos de dimensões semelhantes.

Os restantes exemplares, de menores dimensões, pertencem pelo menos a uma terceira estatueta (Fig. 8, n.º. 2 e 3). Evidenciam, todavia, a mesma qualidade plástica já observada nos fragmentos anteriores sendo, por isso, identificáveis, o primeiro de membro posterior esquerdo (Fig. 8, n.º. 2), o outro de membro anterior esquerdo (Fig. 8, n.º. 3), talvez da mesma peça. Na Fig. 6, n.º. 1 reúnem-se os fragmentos de tamanho compatível, permitindo reconstituir globalmente um dos exemplares de maiores dimensões.

Estas estatuetas encontravam-se fixadas, pelas extremidades dos quatro membros, a um suporte, talvez uma placa de barro que lhes servia de base. Tal evidência é comprovada pela fractura que as faces inferiores das patas ostentam, na parte central, correspondente àquela fixação; tais bases poderiam suportar mais do que uma estatueta. Não recolhemos, contudo, nenhum fragmento que permita considerar tal hipótese.

Materiais recolhidos em 1996

8 - Fragmento de membro posterior esquerdo, compatível com o conjunto de menores dimensões. Na base, verifica-se que apenas uma pequena protuberância assegurava a fixação da peça a um suporte (Fig. 9, n.º. 1);

9 - Fragmento de membro de lado e posição indeterminada (Fig. 9, n.º. 2);

10 - Cabeça, idêntica à descrita, mas ligeiramente menor, talvez pertencente a exemplar de tamanho mais pequeno (Fig. 9, n.º. 3).

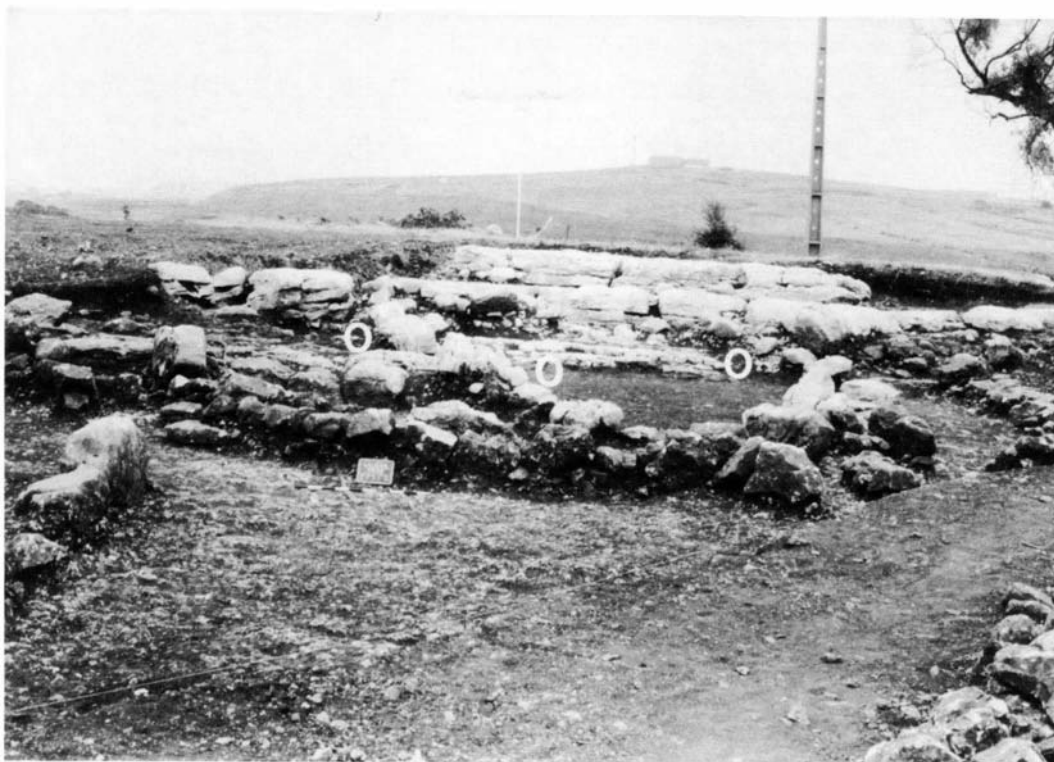


Fig. 1 – Leceia 1996. Localização (com círculo branco) dos materiais estudados na camada assente no substrato geológico, subjacente ao nível de fundação da *Estrutura FM*. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 2 – Leceia 1996. Pormenor da *Estrutura FM*, assente na camada terrosa onde se recolheram parte dos materiais estudados (assinalados com círculo branco). Foto de J. L. Cardoso.

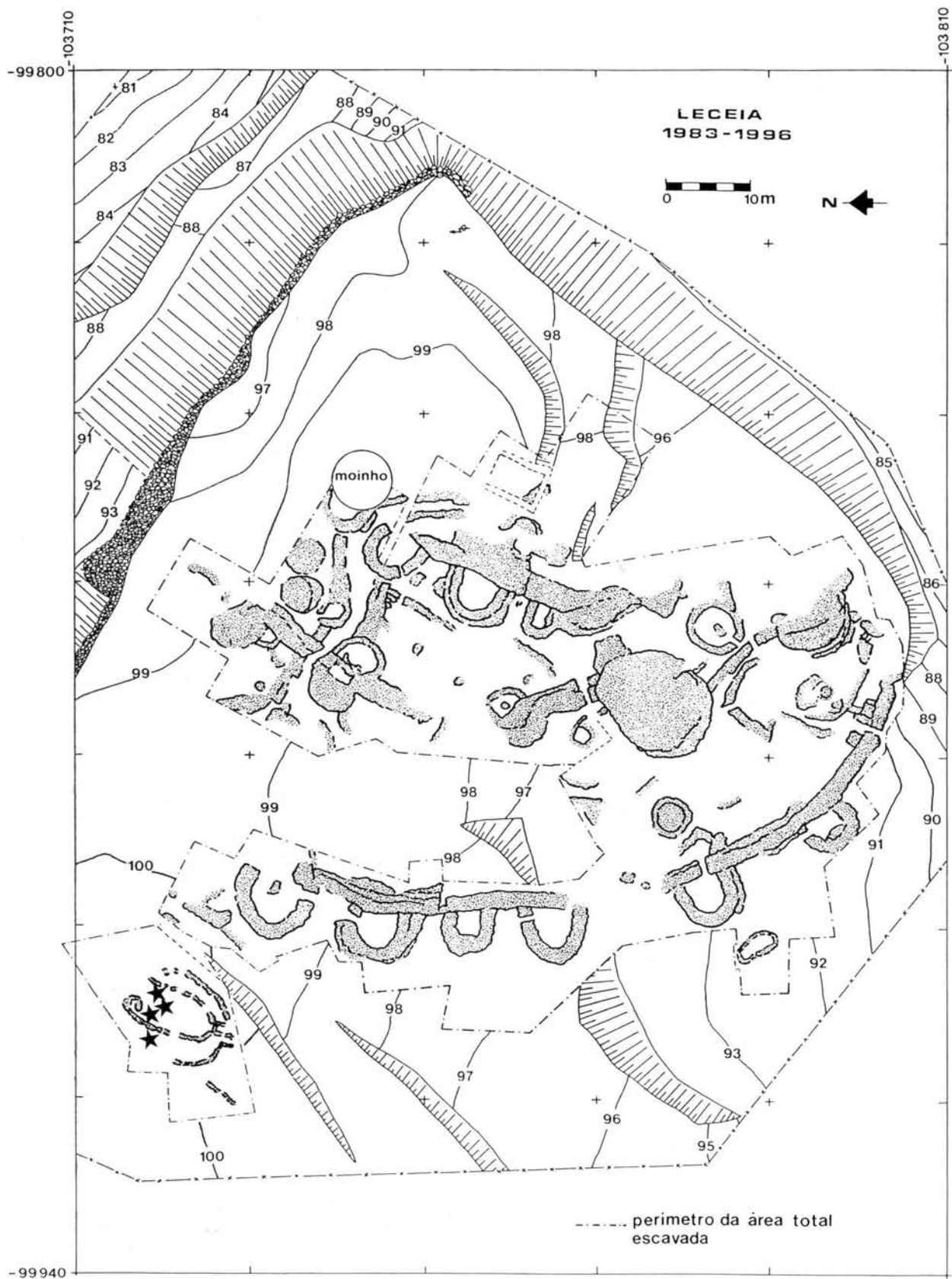


Fig. 3 – Leceia 1983/1996. Planta simplificada do povoado pré-histórico. As estrelas indicam os locais de recolha dos materiais estudados, sob a *Estrutura FM*.



Fig. 4 – Leceia 1995/1996. Pormenor da *Estrutura FM*, com localização dos materiais estudados (estrelas).

3 - COMPARAÇÕES

Em Portugal, são muito escassos os paralelos para este tipo de esculturas zoomórficas. Avultam dois recipientes, um recolhido na gruta do Carvalhal, Turquel e outro no povoado fortificado calcolítico de Olelas, Sintra.

3.1 - O vaso da gruta do Carvalhal, Turquel (Alcobaça)

A primeira referência e reprodução do vaso zoomórfico exumado na gruta do Carvalhal deve-se a CARTAILHAC (1886, Fig. 142 a 144). Muito mais tarde, FRANÇA (1950), dedica-lhe pequena nota. O vaso volta a ser reproduzido, fotograficamente, por SANTOS (1972, Fig. 100), tendo sido descrito por SPINDLER & FERREIRA (1974), de cujo trabalho se extraiu a Fig. 10, nº. 3. Pertence às coleções do Instituto Geológico e Mineiro (Lisboa). Tem o comprimento de 174 mm.

A gruta conservava numerosos materiais arqueológicos de diversas épocas, com largo predomínio dos atribuíveis ao Neolítico final e à Idade do Bronze. Ocorrem ainda materiais calcolíticos, avultando diversos ídolos de calcário. Na ausência de indicações estratigráficas para qualquer das peças do espólio, serão apenas critérios de ordem tipológica dos materiais exumados que poderão conduzir à integração cronológico-cultural da peça em apreço.

No concernente à tipologia, avulta o contorno oval da abertura, que por este facto se aproxima das taças neolíticas de boca oval, de que se conhecem diversos exemplares da Estremadura, em contextos atribuíveis ao Neolítico médio e/ou final. Nestas circunstâncias, o exemplar da gruta do Carvalhal seria neolítico, o que estaria conforme à predominância de materiais desta época ali recolhidos. Porém, a aludida forma da abertura poderá, tão-somente, ser consequência da morfologia geral da peça; assim, não é de lhe atribuir importância decisiva. A semelhança com o exemplar de Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958), este indubitavelmente calcolítico, a par da especificidade deste tipo de artefactos, é critério válido para conferir ao exemplar do Carvalhal idêntica cronologia; a dificuldade em situar culturalmente esta peça, foi, com efeito, experimentada pelo arqueólogo que a noticiou, há mais de um século (CARTAILHAC, 1886, p. 114) bem como por Camarate FRANÇA (1950).

3.2 - O vaso do povoado calcolítico fortificado de Olelas (Sintra)

As escavações realizadas na década de 1950 no importante povoado de altura de Olelas, conduziram ao reconhecimento de estratigrafia e de estruturas bem como à recolha de um importante e diversificado espólio (SERRÃO & VICENTE, 1958). Entre este, avulta um vaso de calcário branco saçaróide representando um suídeo, com o comprimento de 130 mm, munido de uma ampla cavidade oval na face dorsal (Fig. 10, nº. 1). Provém da camada A da área adjacente ao monumento 1, então identificado como sepultura, mas que se verificou ulteriormente corresponder a bastião da fortificação calcolítica (GONÇALVES, 1993). Segundo esta nova interpretação, o achado provém do lado interno da muralha correspondente. A respectiva camada, muito abundante em espólio, continha copos e taças caneladas, características do Calcólítico inicial, conjuntamente com fragmentos cerâmicos do Calcólítico pleno e, até, campaniformes. Os dois autores que a escavaram localizam, em planta, os achados mais importantes, entre os quais diversos artefactos de cobre e um ídolo-falange calcolítico. Todos os materiais exumados se conservam no Museu Regional de Sintra.

Se a cronologia calcolítica deste vaso não oferece dúvidas, a sua integração cultural com maior pormenor é problemática, mesmo após a descrição da estratigrafia obtida junto do terceiro bastião do recinto fortificado (GONÇALVES, 1993). Verificou-se que a sua construção e utilização se integrava no Calcólítico inicial da Estremadura, demonstrada pela presença de “copos” canelados, datada de 4330 ± 120 BP e 4400 ± 45 BP. As cerâmicas do Calcólítico pleno e do Calcólítico final (campaniforme) ocorriam já em camada de derrube e abandono da fortificação, tal como em Leceia (CARDOSO, 1994, 1995). Tais elementos, porém, pouco acrescentam à integração cronológico-cultural da peça. Com efeito, verificou-se que “todo o conteúdo do monumento havia sido remexido, destruído e disperso” (SERRÃO & VICENTE, 1958, p. 101), tanto horizontal como verticalmente; nestas condições, o vaso zoomórfico poderá integrar-se tanto na fase de construção e utilização da estrutura defensiva, integrável no Calcólítico inicial, como já no seu período de decadência (Calcólítico pleno) ou, mesmo, abandono (campaniforme); de todas estas fases culturais forneceu a camada onde jazia esta peça materiais significativos.

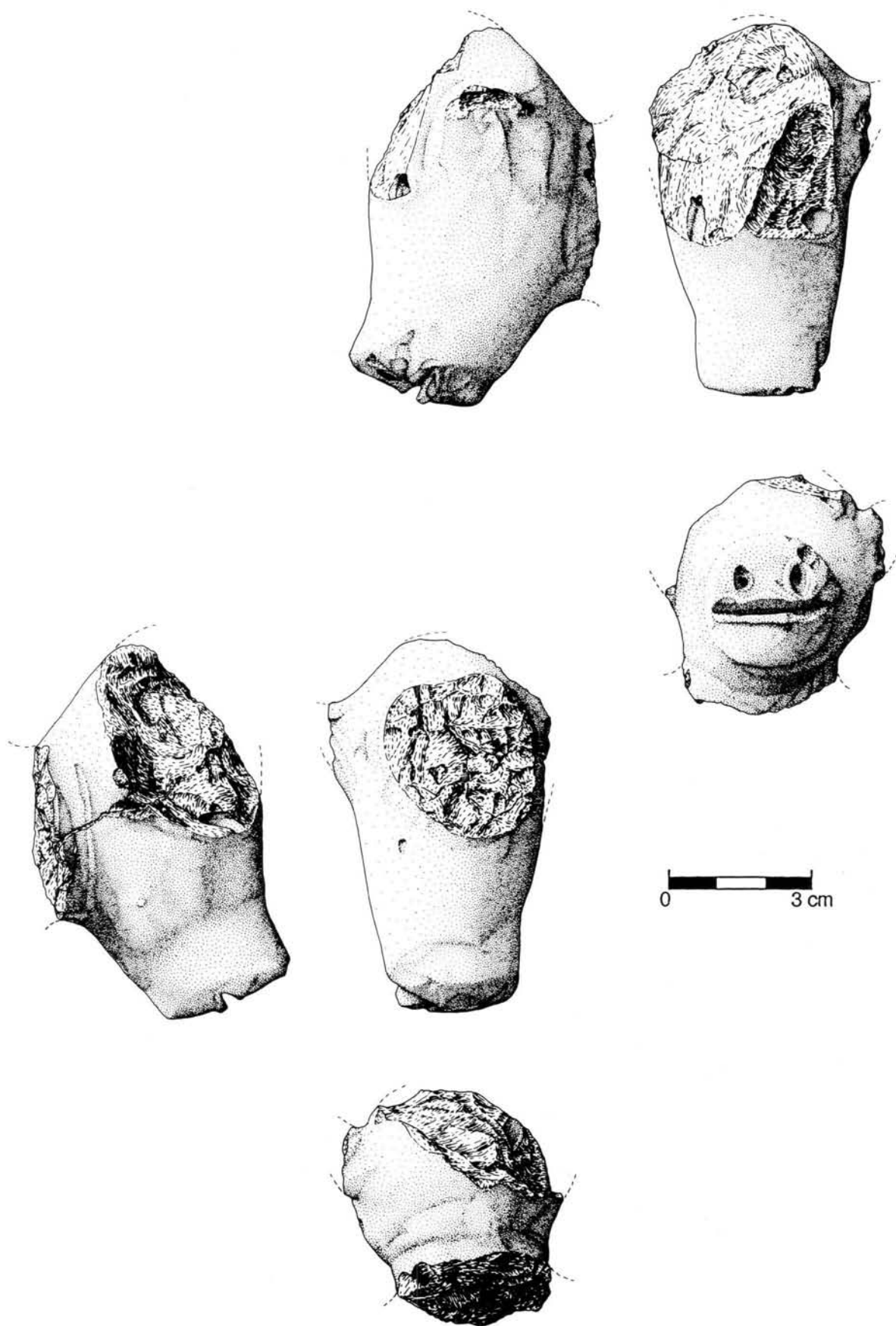
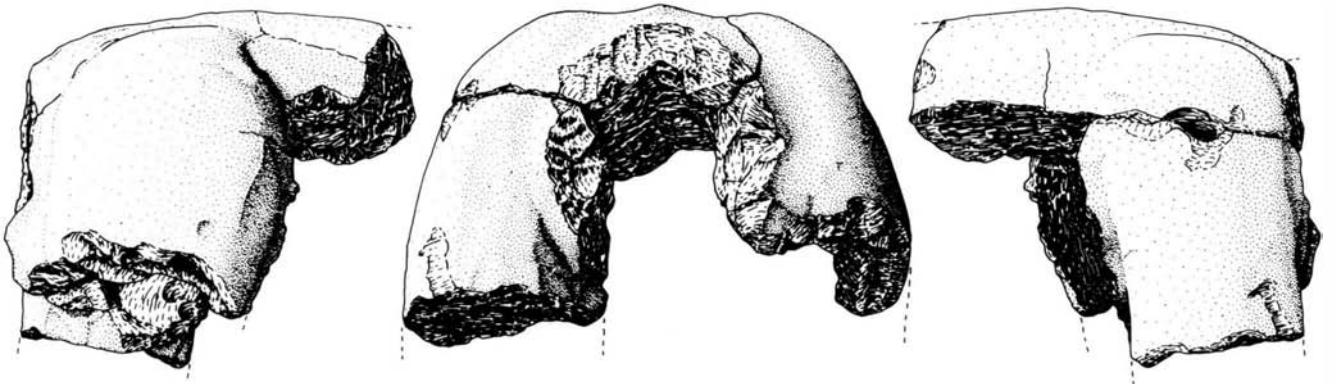
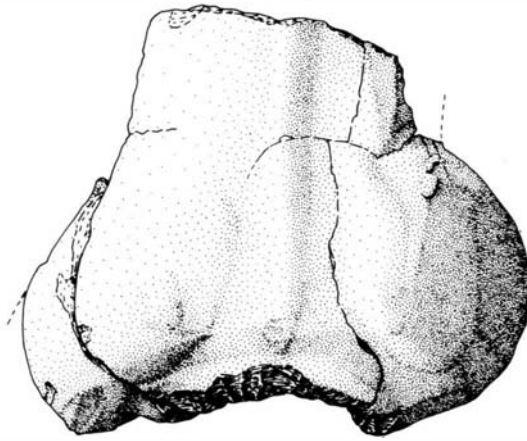
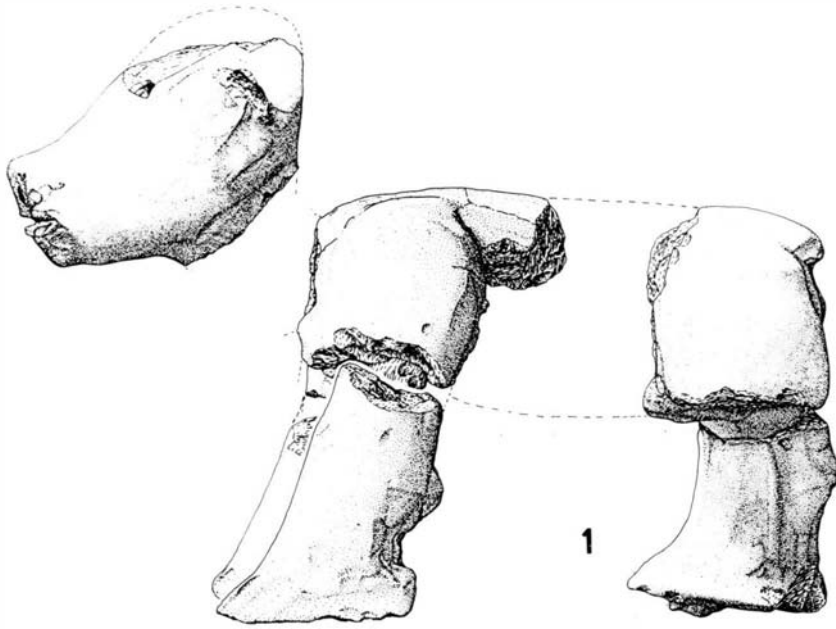


Fig. 5 – Leceia 1995/1996. Uma das cabeças de suídeo estudada. Exemplar recuperado em 1995.



2



Fig. 6 – Leceia 1995/1996. Reconstituição de uma das estatuetas de terracota (em cima) e porção anterior do dorso, evidenciando-se a qualidade plástica do modelado. Exemplos recuperados em 1995.

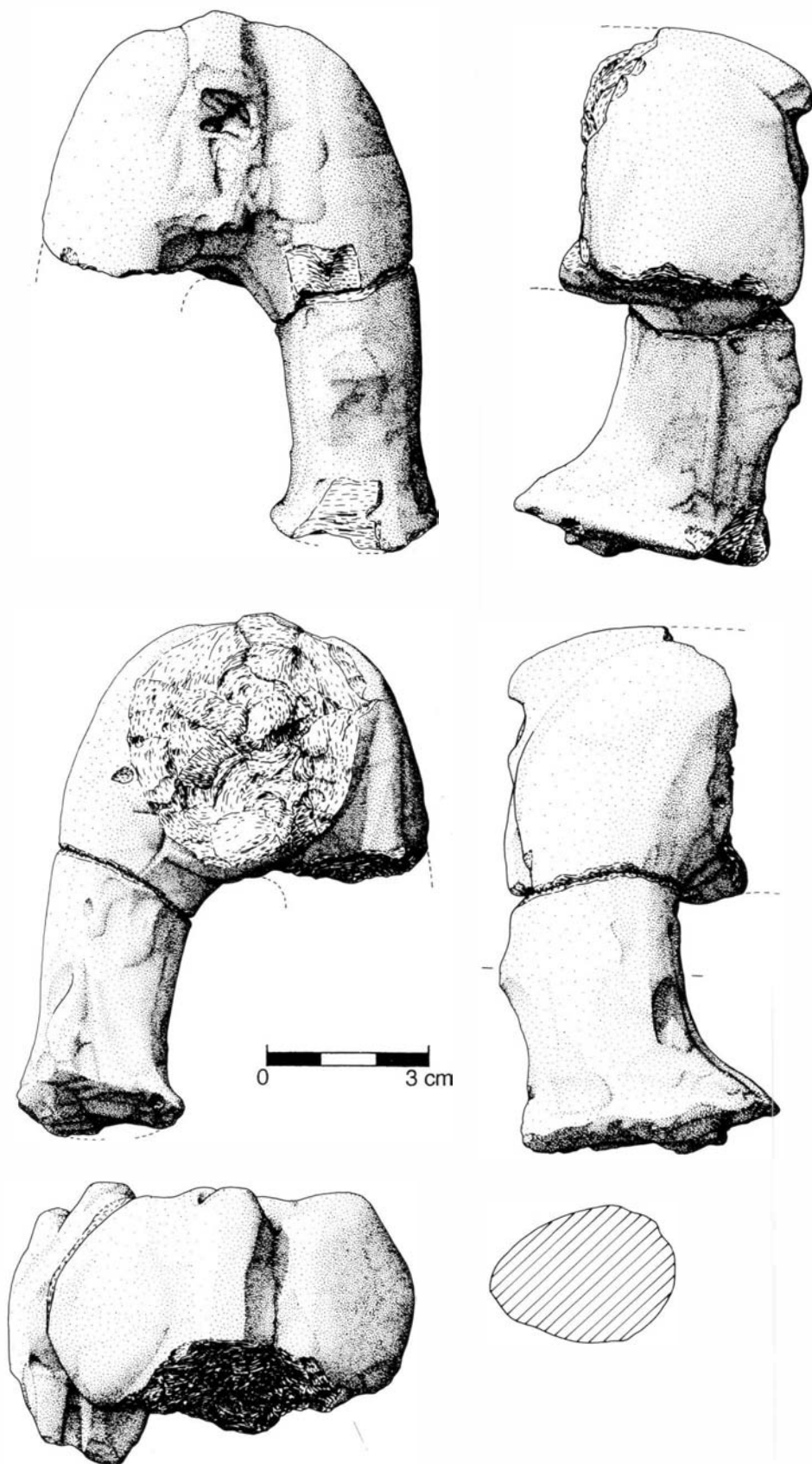


Fig. 7 – Leceia 1995/1996. Porção posterior de uma das estatuetas de terracota. Exemplos recuperados em 1995.

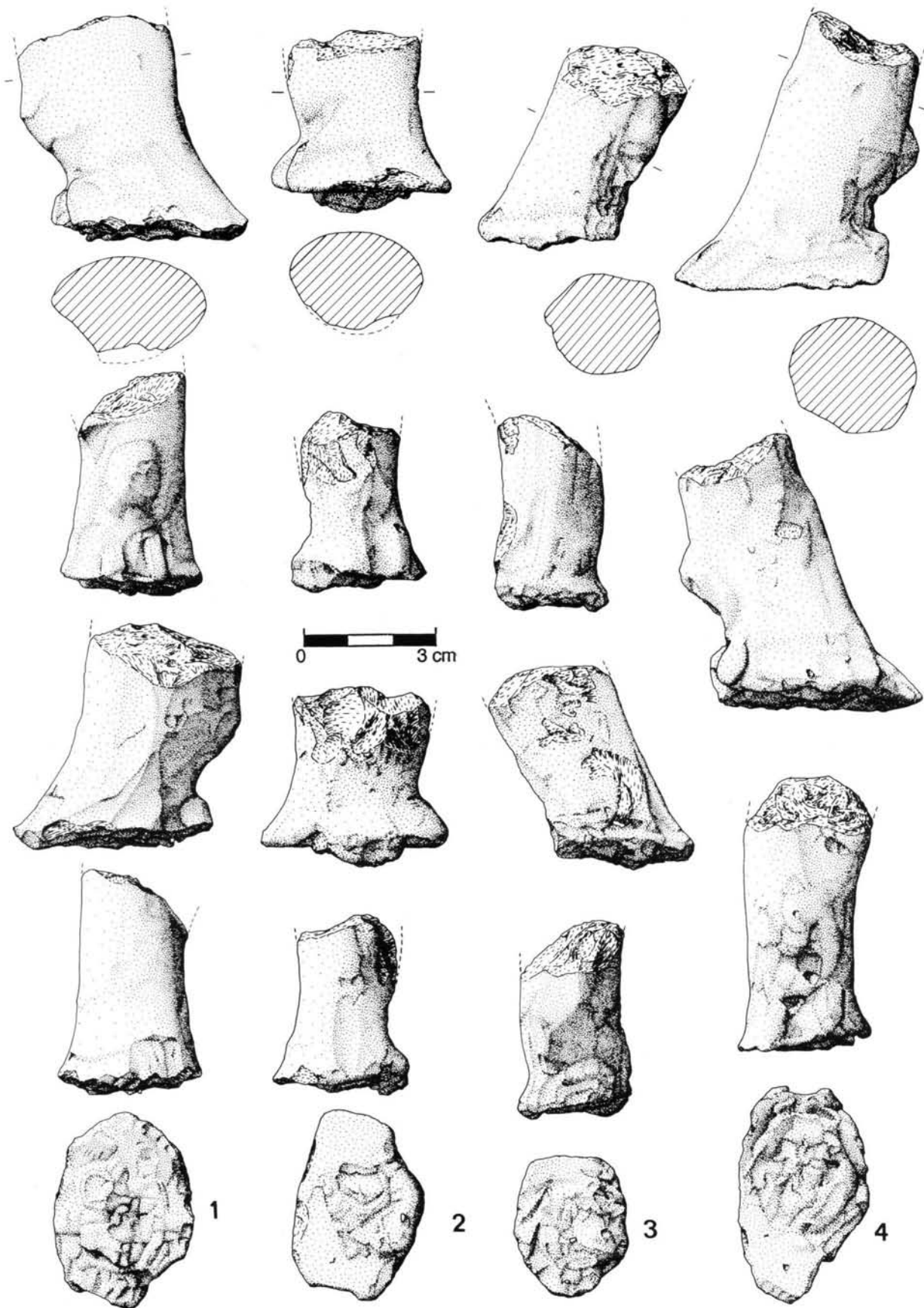


Fig. 8 – Leceia 1995/1996. Patas anteriores e posteriores, mais ou menos completas, das estatuetas de terracota estudadas. Exemplos recuperados em 1995.

3.3 - O fragmento do povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)

Deste notável povoado calcolítico do Baixo Alentejo provém fragmento de cabeça de suíno de terracota, que o seu descobridor atribui, embora com reserva, a bovídeo (ARNAUD, 1993, p. 63 e Fig. 9, nº. 1). Com efeito, é flagrante a semelhança deste exemplar com cabeça de suídeo, sublinhada, em particular, com o exemplar do Carvalhal, pela existência, na face ventral, de duas depressões punctiformes também nele observadas. Na Fig. 10, nº. 4 reproduz-se a peça em apreço. Não se conhecem indicações estratigráficas que permitam situar culturalmente esta peça adrede o Calcolítico. Por outro lado, a pequena porção conservada não permite a determinação da tipologia do exemplar, o qual poderia corresponder a um vaso ritual ou a uma estatueta maciça, como as de Leceia.

3.4 - Outros paralelos

Em Portugal, deve referir-se, ainda, fragmento de terracota, maciço, representando provavelmente suídeo, recolhido no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, nº. 6).

Em Espanha, entre diversos recipientes zoomórficos, alguns representando aves, com paralelos no fragmento do *tholos* de Marcela (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 76, nº. 55), avulta o vaso, igualmente cerâmico, com a forma de bovídeo, exumado por Siret na necrópole de *tholoi* de la Sabina, Granada (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 36, nº. 29). A respectiva morfologia, contradiz a hipótese, colocada em alternativa por SIRET (1913, Pl. IV), de corresponder a suídeo.

No Calcolítico do Sudoeste peninsular são de referir os ídolos do povoado de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980), das quais alguns, como o da Fig. 13, se aproxima dos exemplares de Leceia.

Os paralelos extra-peninsulares, do Próximo-Oriente ou da região mediterrânea oriental, são muito abundantes; porém, na larga maioria dos casos, são da Idade do Bronze. De época calcolítica registam-se os recipientes com cabeça e corpo de suídeo de Troia II, com asa e bocal para a saída do líquido correspondente a parte posterior do corpo do animal (MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, nº. 28), como o reproduzido na Fig. 10, nº. 5, e a estatueta ou vaso de terracota de Abu-Hamid, Jordânia (o interior é oco, desconhecendo-se se possuía abertura, por se encontrar fracturado naquela zona); trata-se da representação de bovídeo, datável de cerca 3850 AC (DOLLFUS & KAFARI, 1992, Fig. 9).

BUCHHOLZ & KARAGEORGHIS (1973, nº. 1187) reproduzem estatueta de terracota que hesitam em classificar como de ursídeo ou de suídeo, suportando adiante pequeno recipiente com os membros anteriores, do Cicládico antigo de Syros, a qual se apresenta na Fig. 10, nº. 2. Não se pode, porém, atribuir demasiada importância a estes paralelos longínquos, ainda que coevos; as afinidades formais que documentam poderiam resultar, apenas, de fenómenos de convergência, além de que, nestes casos, se observa a representação de uma multiplicidade de outros animais. Os exemplares que maiores semelhanças mostram com os de Leceia, de todos os compulsados – trata-se também de estatuetas de corpo inteiro de terracota, de grande qualidade plástica – provêm de Nea Makri, Grécia Central, e remontam a ca. 6000 AC (GIMBUTAS, 1974, Fig. 215). Seja como for, o facto de, em território português, todas as representações pré-históricas homólogas conhecidas representarem este animal, terá evidente significado mágico-simbólico, remetendo tais peças para o grupo das “ideotécnicas”.

4 - SIMBOLISMO

Nobre o simbolismo do javali, quanto obscuro e vil o do porco, na generalidade das doutrinas religiosas (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1974), o javali aparece em relação estreita com a floresta na simbologia céltica, constituindo alimento sagrado em determinadas festas e cerimónias litúrgicas, enquanto que, na tradição cristã, é conotado com o demónio, ou como símbolo de devastação e impetuosidade.

Tanto os dois recipientes zoomórficos, da gruta do Carvalhal e do povoado fortificado de Olelas, cujo uso poderia ocorrer em cerimónias litúrgicas, talvez à maneira de píxides, como as diversas estatuetas de Leceia encerram um evidente simbolismo, sendo, estas últimas, objecto de culto, talvez em pequeno altar, como sugere a pequena dispersão dos

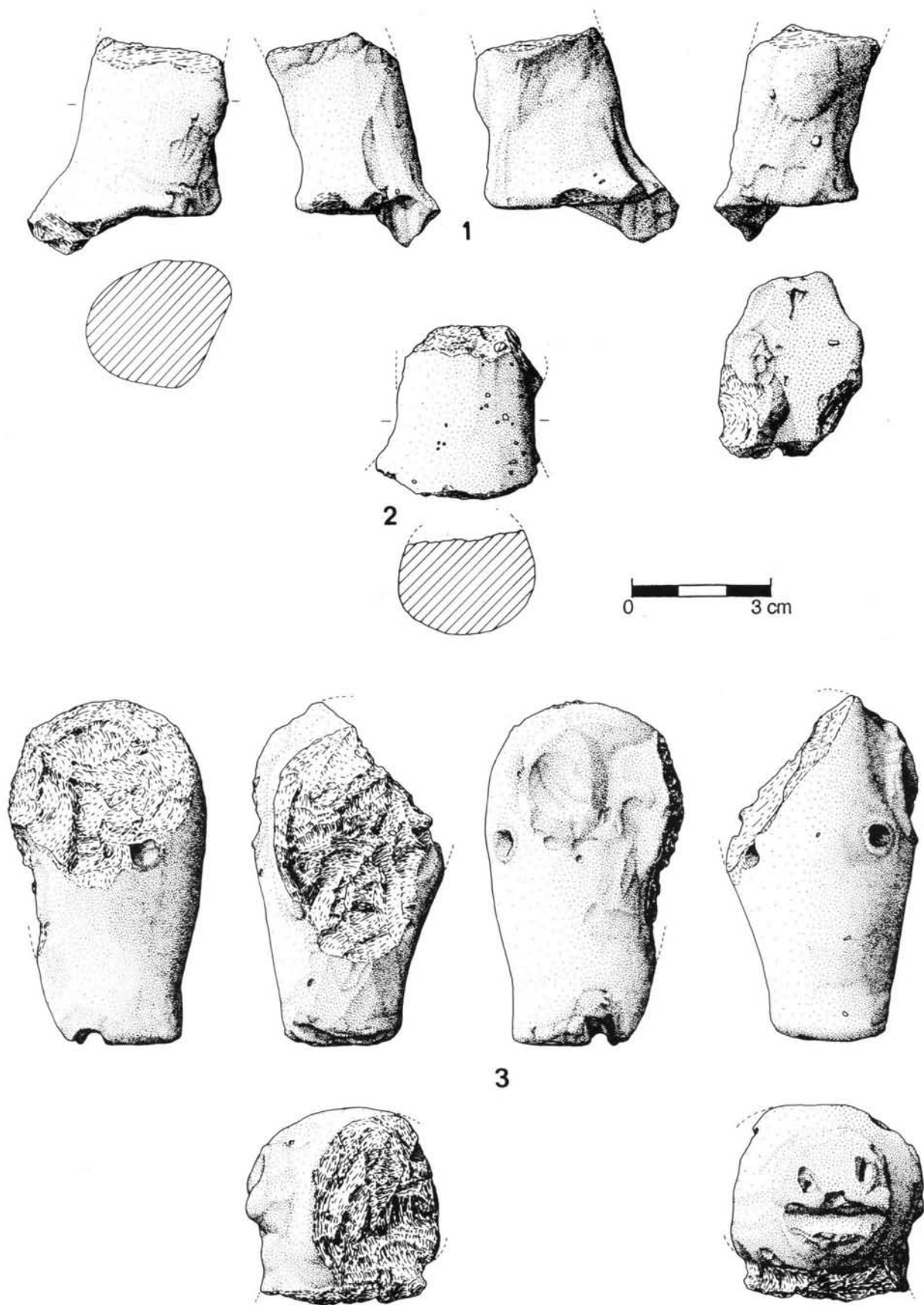


Fig. 9 – Leceia 1995/1996. Fragmentos das estatuetas de terracota, recuperados em 1996.

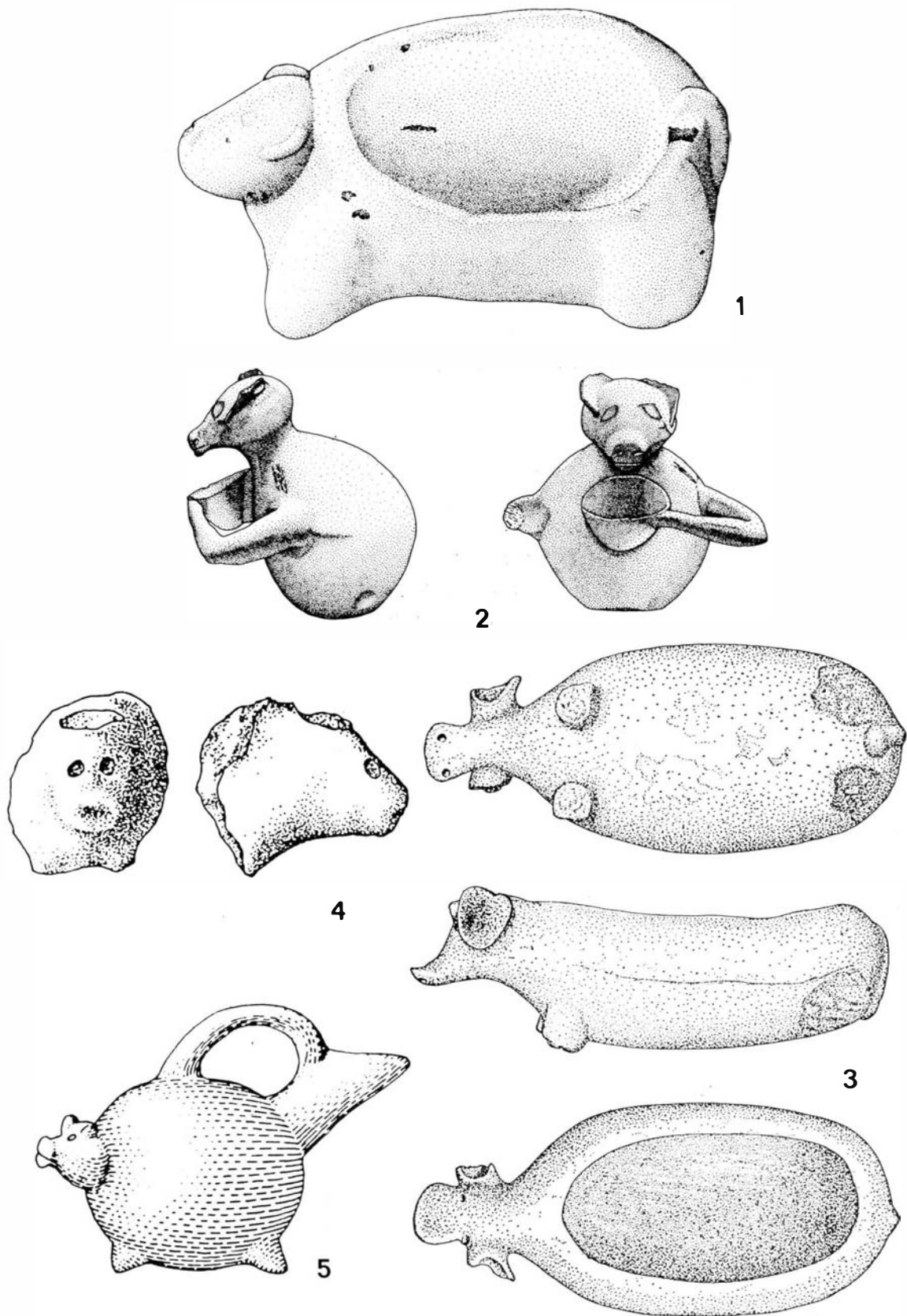


Fig. 10 – Recipientes rituais em forma de suídeos (1, 2, 3 e 5) (4): 1, de calcário, do povoado pré-histórico de Olelas (seg. SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. IX; n.º. 1); 2 - de terracota, do Cicládico Antigo de Syros (seg. BUCHHOLZ & KARAGEORGHIS, 1973, n.º. 1187); 3 - de terracota, da gruta do Carvalho, Aljubarrota (seg. SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 21); 4 - de terracota, do povoado calcolítico de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (seg. ARNAUD, 1992, Fig. 9, n.º. 2); 5 - de terracota, de Troia II (seg. MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, n.º. 28). Escalas diferentes.

fragmentos exumados, pertencentes, pelo menos, a três exemplares. A representação sexual, explícita num deles, indica tratar-se de fêmea, em época do cio, como se evidencia do extraordinário realismo plástico que patenteia; além de testemunhar em, eventualmente, cultos de natureza totêmica ou zoolátrica, com origem pré-histórica (VASCONCELLOS, 1897), a deliberada representação de porca na época do cio sugere culto ligado à fertilidade e à procriação, justificada pela numerosa prole que caracteriza cada gestação desta espécie. Com efeito, GIMBUTAS (1989) associa o porco ao culto da Deusa Grávida; o seu rápido crescimento e formas rotundas evocava facilmente a ideia de fertilidade. A autora apresenta numerosos exemplos, de onde se destacam os seguintes:

- estatuetas de terracota com grãos de cereais impressos, Cultura de Cucuteni, Dniestr, do V milénio AC (GIMBUTAS, 1974, p. 211, Fig. 165);

- máscara de terracota, com a forma de cabeça de porco, da Cultura de Vinca, Macedónia, ca. 4500 AC (GIMBUTAS, 1989, Pl. 11);

- vaso de terracota com cabeça de porco, munida de duas argolas de cobre na orelha direita, considerado deste modo como epifania da Deusa, da Cultura de Karanovo, Roménia, ca. 4500 AC (GIMBUTAS, 1989, Fig. 226).

A associação do porco ao culto da fertilidade agrária, expressivamente sugerida pelas estatuetas de Cucuteni, prolonga-se pela Época Clássica. Na Grécia, a Deméter, deusa das sementeiras, eram oferecidos leitões, segundo ritual peculiar: “Women brought suckling pigs, which had been thrown into subterranean caves to rot three months before the festival, and placed them on altars with pinecones and wheat cakes in the shape of male genitals (...). The piglet’s remains were believed to increase the capacity of the seed to germinate” (GIMBUTAS, 1989, p. 147).

Heródoto menciona no Antigo Egipto outro ritual, onde se efectuava o pisoteio das sementes pelos porcos que, deste modo, se enterravam no solo, germinando de seguida (op. cit., p. 147).

Também os Romanos, no Festival das Sementeiras, sacrificavam uma porca grávida a Ceres e a Tellus (Terra Mater).

No contexto dos rituais descritos se integram os fragmentos de porcas de terracota de Leceia, relacionáveis com cultos agrários de fertilidade, da terra e das sementeiras. Tais cultos terão atingido, por processo de difusão ainda pouco conhecido, o Ocidente europeu. Com efeito, a sua origem oriental, assinalada por RODRIGUES (1994/95), é sugerida pela maior antiguidade de algumas daquelas peças. No que à Pré-história da área estremenha e alentejana diz respeito, o culto da fertilidade encontra-se, aliás, bem documentado por pequenas esculturas de coelhos, utilizados como “pendeloques” ou amuletos, inventariadas por diversos autores, e em geral, situáveis no Neolítico final (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 145; FERREIRA, 1970, Fig. 1; CARDOSO, 1992, p. 116).

No Noroeste peninsular, no decurso da Idade do Ferro, e mesmo da plena romanização se conhecem testemunhos (SANTOS JÚNIOR, 1975), embora correspondam a culto de índole diferente, visto algumas representações – sempre de machos – corresponderem a javalis, animal com significado muito diferente do porco, sendo associado, além da noção de vigor e destruição, à da morte (GIMBUTAS, 1989, p. 195), nas culturas pré-históricas europeias e do Próximo Oriente.

5 - CONCLUSÕES

1 - Este estudo dá a conhecer um conjunto de fragmentos de estatuetas maciças de terracota, pertencentes a, pelo menos, três suídeos – excepcionais, em contextos neolíticos ou calcolíticos peninsulares – recolhidas em área circunscrita, no decurso das campanhas de escavações realizadas em Agosto de 1995 e de 1996 no povoado pré-histórico de Leceia. Provêm da Camada 4, correspondente ao Neolítico final, fase cultural que, na estação, se situa na segunda metade do IV milénio AC. As condições do achado sugerem a existência de pequeno altar ou santuário, onde se efectuasse o respectivo culto.

2 - As características de um fragmento, conservando a porção posterior do corpo, mostra tratar-se de uma fêmea, na época do cio. O realismo da representação da zona sexual tem, aliás, equivalência na extraordinária qualidade

plástica do modelado das restantes partes anatómicas conservadas, observada tanto naquele como nos restantes fragmentos exumados, sem paralelo nas restantes peças comparáveis, designadamente os vasos da gruta do Carvalho, Turquel, de terracota, de cronologia mal definida, provavelmente calcolítica, e o do povoado calcolítico de Olelas, de calcário sacaróide, além do fragmento, também calcolítico, exumado no povoado do Porto Torrão. Trata-se de peças de utilização litúrgica, talvez como píxides, evidenciando representações muito menos realistas que as dos exemplares de Leceia.

3 - Na Península Ibérica são raras as representações zoomórficas comparáveis. Avultam, entre estas, o vaso representando bovídeo, recolhido por Siret em *tholos* da província de Granada e alguns ídolos do povoado calcolítico de La Pijotilla. No Mediterrâneo Oriental e no Próximo Oriente, foram também compulsados alguns exemplares de recipientes zoomórficos mais antigos ou coevos dos agora estudados, de diversos animais, entre os quais suídeos. Aqui, trata-se inquestionavelmente de exemplares relacionados com cultos agrários de fertilidade, directamente conotados com a Deusa Grávida. Neste contexto, assume particular interesse o facto de um exemplar de Leceia representar porca na época do cio.

4 - Considera-se significativa a circunstância das três representações zoomórficas de Leceia corresponderem a suídeos. Tal conclusão é reforçada pelo facto dos restantes exemplares pré-históricos zoomórficos conhecidos na Estremadura portuguesa reproduzirem, idênticamente, tais animais. No estado actual dos nossos conhecimentos, a procura de explicações, de ordem simbólica, para a preferência dada à representação de suídeos, no decurso do Calcolítico da área estremenha deverá valorizar a sua extrema facilidade de procriação; no caso presente, a associação ao culto da fertilidade encontra-se sublinhada pela explícita representação, em um exemplar, do órgão sexual feminino, na época do cio. Tem paralelo estreito nos numerosos “pendeloques” e amuletos com a forma de coelho, animal de idênticas características, bem conhecidos na região, na mesma época. A sobrevivência de cultos 300 látricos verificou-se até época tardia, como sugerem as numerosas esculturas de suídeos, de indivíduos masculinos, da Idade do Ferro do NW peninsular, embora estas correspondam provavelmente, a um culto zoolátrico de raiz diferente.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, p. 41-60.

BUCHHOLZ, H-G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) - *Prehistoric Greece and Cyprus*. Phaidon Press. London.

CARDOSO, J. L. (1992) - A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983 - 1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983 - 1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1), p. 115-125.

CARTAILHAC, E (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Rheinwald. Paris.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1974) - *Dictionnaire des symboles*. Seghers. Paris.

DOLLFUS, G. & KAFARI, Z. (1992) - Abu Hamid, un asentamiento fundado en el Vº. milenio en el valle del Jordan (Jordania). *Arqueología Prehistórica del Próximo Oriente. Traballs d'Arqueologia*, 2, p. 99-125. Universitat Autònoma de Barcelona.

- FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 4, p. 165-173.
- FRANÇA, J. Camarate (1950) – A vazilha zoomorfa da gruta do Carvalho (Turquel). *Mensário Administrativo de Angola*, 39/40, p. 95-98. Luanda.
- GIMBUTAS, M. (1974) – *The Gods and Goddesses of Old Europe: 7000 to 3500 BC: Myths, Legends and Cult Images*. Thames and Hudson. Londres.
- GIMBUTAS, M. (1989) – *The language of the Goddess*. Thames and Hudson. Londres.
- GONÇALVES, J. L. M. (1993) – O povoado de Olelas (Sintra) e o Calcolítico inicial na Estremadura. *Comunicação ao 1.º Simpósio Transformação e Mundança* (Cascais, Abril de 1993). Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa/Câmara Municipal de Cascais.
- HURTADO, V. (1980) – Los ídolos calcolíticos de “La Pijotilla” (Badajoz). *Zephyrus*, 30-31, p. 165-203.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología Arqueología y Prehistoria*, 20, p. 55-141.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Tafelband. Römisch-Germanische Forschungen. Band 17. Walter de Gruyter. Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa.
- MÜLLER-KARPE, H. (1974) – *Handbuch der Vorgeschichte*. Band III. Kuperzeit. München.
- RODRIGUES, M. C. M. (1994/95) – Origem pré-histórica de um culto zoomórfico. *Mediterrâneo*, 5/6, p. 235-242.
- SANTOS, M. Farinha dos (1972) – *Pré-história de Portugal*. Verbo. Lisboa.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1975) – A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 22 (4), p. 353-516.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-125.
- SIRET, L. (1913) – *Questions de chronologie et d’Ethnographie ibériques. 1 - de la fin du Quaternaire à la fin du Bronze*. Paul Geuthner. Paris.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche fundmaterial aus der gruta do Carvalho/Portugal. *Madriider Mitteilungen*, 15, p. 28-57.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1897) – *Religiões da Lusitania*, 1. Imprensa Nacional. Lisboa.

PESOS DE PESCA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS): ESTUDO COMPARADO

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

No decurso das escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia, desde 1983 até ao presente, têm sido recuperados diversos artefactos cuja funcionalidade ainda não se encontra devidamente discutida, facto em parte resultante da sua raridade. Estão neste caso os que serão tratados no presente estudo o qual se encontra, deste modo, justificado pelas considerações e conclusões obtidas e apresentadas.

2 - INVENTÁRIO, CONDIÇÕES DE JAZIDA

Os três artefactos em causa provêm da Camada 2 atribuída, na sequência estratigráfica geral definida na estação, ao Calcolítico pleno (CARDOSO, 1994, 1995). Trata-se de peças globulosas, caracterizadas pela existência de um sulco, ou depressão, com o objectivo evidente de promover a sua melhor fixação. As características de cada uma delas, bem como as condições em que foram recuperadas, apresentam-se de seguida (ver localização respectiva na Fig. 1):

1 - Fragmento de seixo rolado de calcarenito, achatado, incompleto em cerca de um terço do seu volume inicial. Mostra vestígios de percussão em toda a periferia primitiva do seixo e exhibe um sulco mediano, obtido por picotagem, correspondente ao eixo menor, executado em ambas as faces (Fig. 2, nº. 1); peso 142 g. Referência - Lc/86; P; C2.

2 - Peça ovóide, totalmente afeiçãoada por picotagem muito fina em um dos lados, sendo o outro mais irregular, ostentando um sulco longitudinal em ambas as faces, mais acentuado na que possui maior afeiçãoamento. Trata-se de volume de calcário regularizado, não se confundindo com seixo natural (Fig. 2, nº. 2); peso 246 g; (CARDOSO, 1989, Fig. 103, nº. 5). Referência: Lc/86; QII 8; 9; C2.

3 - Seixo rolado de basalto, munido de um sulco longitudinal em apenas uma das faces, mais acentuado em uma das extremidades; tal como os anteriores, tal sulco foi obtido por picotagem (Fig. 2, nº. 3); peso 323 g. Referência: Lc/95; A norte de MM; C2.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

3 - COMPARAÇÕES, DISCUSSÃO

Dos três artefactos descritos, considera-se o segundo exemplar o mais característico, por ser o único a exhibir um afeiçoamento total, a partir de bloco irregular, tendo em vista a obtenção de forma ovóide pré-estabelecida, que os dois restantes já possuíam naturalmente, tratando-se de seixos rolados. A escolha da matéria-prima não terá sido também aleatória: com efeito, o calcário é a rocha disponível localmente de mais fácil trabalho, devido à baixa dureza; o basalto, mais duro, é menos apto à execução de sulcos, por picotagem, para o que seria necessário recorrer a pontas de rochas ainda mais duras, de sílex ou de anfibolito. Seixos de calcário e de basalto abundam no leito da ribeira de Barcarena, onde teriam sido recolhidos os dois exemplares em causa. Foram, pois, objecto de afeiçoamento sumário e por isso considerados menos representativos que o anteriormente referido.

Artefactos análogos foram recolhidos em diversas estações pré-históricas estremenhas e alentejanas. Do próprio povoado pré-histórico de Leceia já se conhecia outro exemplar, outrora recolhido por Joaquim Fontes, idêntico ao melhor afeiçoado (Fig. 3, nº. 3). Foi reproduzido por VASCONCELOS (1922, Fig. 46), que sugere a sua utilização como clava ou maça. O mesmo autor, anteriormente, tinha já noticiado um outro artefacto do mesmo tipo (Fig. 3, nº. 1), oriundo do povoado pré-histórico da Vinha da Póveira, Sines (VASCONCELOS, 1914, p. 320 e 321, Fig. 54); acerca da respectiva funcionalidade, o autor declara (p. 320, 321): “O sulco ere evidentemente para que a pedra se fixasse por uma correia ou tira. A pedra, assim fixa, que serventia poderia ter? Martelo? Não, porque não há nela vestígios de percussão. Pêso? Parece-me isso pouco provável, porque o objecto seria luxuoso de mais, isto é, custoso de fabricar. Arma? É o que creio que era”. Em abono desta hipótese, invoca, entre outras, a opinião de CARTAILHAC (1986, p. 127, 128, Fig. 174). Com efeito, este autor reproduz objecto, proveniente da gruta II de Palmela e conservado no Museu do Instituto Geológico e Mineiro (Fig. 3, nº. 5). Porém, não é de quartzito como afirma Cartailhac no que é seguido por CRUZ (1906, p. 95) mas de calcário, o que constitui mais um elemento de semelhança com os artefactos de Leceia. A peça de Palmela volta a ser apresentada por LEISNER (1965, Tf. 98, nº. 2) sendo reproduzida neste estudo na Fig. 3, nº. 4.

Sobre a respectiva funcionalidade, CARTAILHAC (*op. cit.*, p. 128), que também admite a sua utilização como percutor, declara: “Nilsson signale une pièce semblable pour la forme et la dimension, et la considère comme un poids de ligne. On pourrait songer aussi aux *bolas* de l’Amérique du Sud qui sont enlacées à l’extrémité d’un lazzo”. Leite de Vasconcellos, considera-os, dentro do grupo das armas, como objectos de percussão funcionando como maças ou clavas, hipótese que, tendo apresentado no estudo de 1914, volta a defender no de 1922. O exemplar da vinha da Póveira volta a ser reproduzido por SILVA & SOARES (1979, Fig. 9) sem lhe atribuírem qualquer finalidade específica. Mencionam, no entanto, a sua semelhança com uma peça recolhida no povoado do Pedrão, Setúbal, que atribuem ao Calcolítico inicial (SOARES & SILVA, 1975, Est. 12, nº. 151). É de calcário, ou arenito calcário de grão fino, não sendo propriamente polido, visto a superfície se apresentar áspera; por estas características, aproxima-se singularmente, conjuntamente com o da gruta II de Palmela, e o de Sines, do exemplar mais afeiçoado de Leceia (Fig. 3, nº. 6). Os autores atribuem-lhe, com reserva, a função de martelo (p. 109), acrescentando que ALMAGRO-GORBEA (1973, p. 268), ao se debruçar sobre o exemplar citado da gruta II de Palmela, o considerou como “ídolo ovóide”. Ao mesmo objecto tinha sido anteriormente atribuído “uso indeterminado” (CRUZ 1906, p. 95 e Est. VII, nº. 61).

Do ponto de vista morfológico, a peça de Palmela, bem como as de Leceia, tanto as de sulco longitudinal como a que o apresenta transversal, possuem, nos exemplares escandinavos figurados por NILSSON (1868, Pl. II, nº. 32 - 34) os melhores paralelos extra-peninsulares compulsados (Fig. 3, nº. 2). Com efeito, aquele autor publica diversos exemplares, em que a posição dos sulcos é variável, podendo até ser múltiplos, por ele considerados como pesos de linha usados na pesca (*op. cit.*, p. 43). Esta é, com efeito, a opinião julgada mais adequada, como procuraremos adiante demonstrar.

Em resumo, compulsaram-se os seguintes paralelos para o exemplar de Leceia que ostenta trabalho de afeiçoamento em toda a superfície e, por isso, considerado o mais representativo deste tipo de artefactos (Fig. 2, nº. 2):

- de Leceia, um outro exemplar, recolhido por Joaquim Fontes, estudado por VASCONCELLOS (1922, Fig. 46), sugerindo a sua utilização como clava ou maça (Fig. 3, nº. 3);

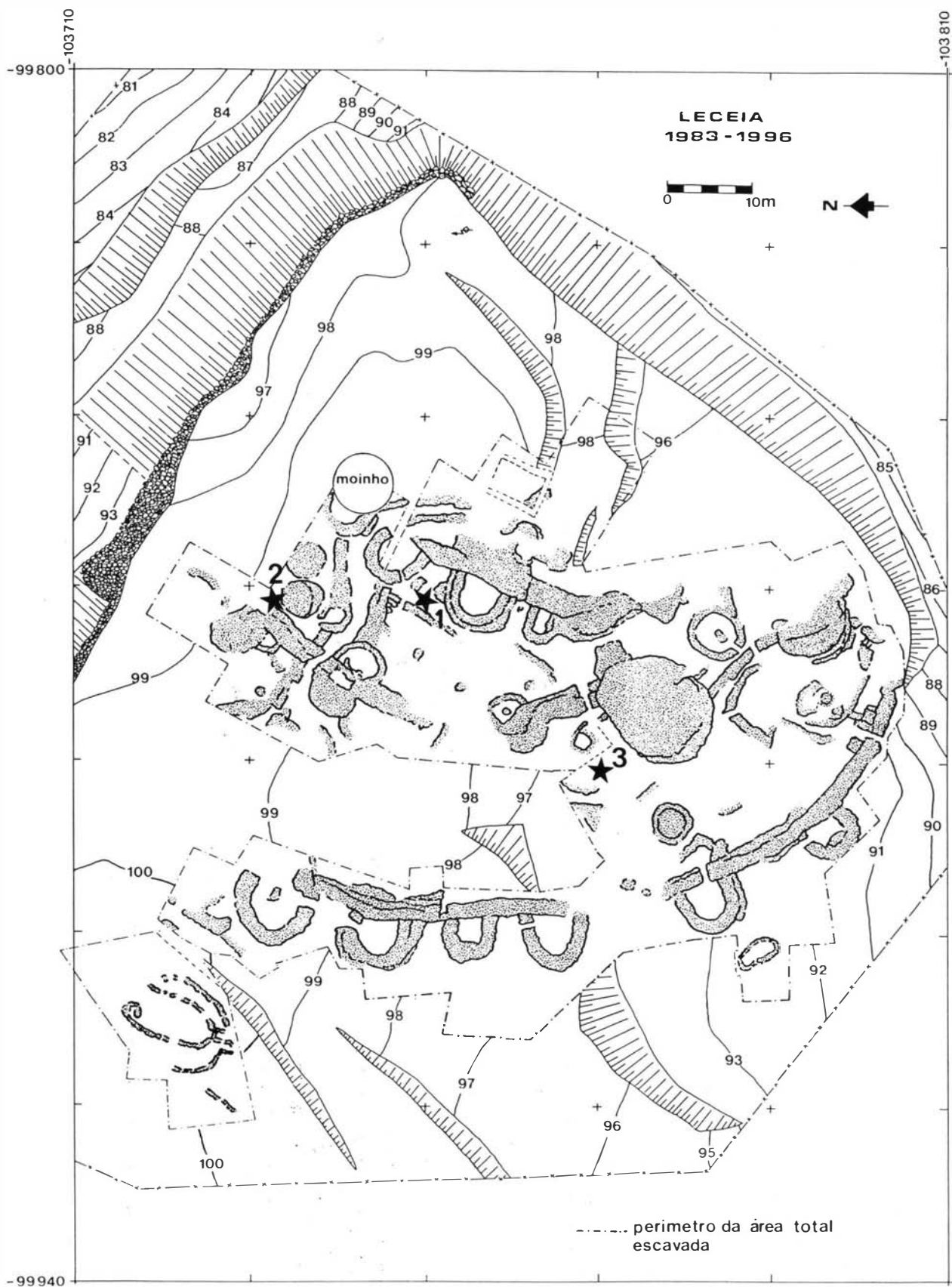


Fig. 1 – Povoado pré-histórico de Leceia. Planta simplificada da área escavada, com localização das peças estudadas.
1 - Casa P, C.2 (Fig. 2, nº. 1); 2 - Q II, 8, 9, C.2 (Fig. 2, nº. 2); 3 - a N. de MM, C.2 (Fig. 2, nº. 3).

- da Vinha da Póveira, Sines, um exemplar estudado por VASCONCELLOS (1914, p. 320 e 321, Fig. 54), atribuindo-lhe também a referida utilização; SILVA & SOARES (1979, p. 26, Fig. 9) não se pronunciam sobre a finalidade desta peça (Fig. 3, nº. 1);

- da gruta II de Palmela, um exemplar considerado por ALMAGRO-GORBEA (1973, p. 268) como “ídolo ovóide”; CRUZ (1906, p. 95) classificou-o como “de uso indeterminado”; CARTAILHAC (1886, p. 127, 128) sugere a sua utilização como “bola”, para a caça, como percutor, ou como peso de linha para a pesca, seguindo Nilsson (Fig. 3, nº. 4 e 5);

- do povoado do Pedrão, Setúbal, um exemplar classificado, com reserva, como martelo (SOARES & SILVA, 1975, Est. 12, nº. 151), representado na Fig. 3, nº. 6.

Discutamos, uma a uma, as referidas atribuições funcionais:

1 - Ídolos - Crê-se que é hipótese a rejeitar; para além de aspectos formais, a contraprova reside no facto de a quase totalidade de tais peças provir de zonas domésticas e não sepulcrais, contrariamente ao que se verifica com a distribuição daqueles artefactos;

2 - Martelos - é outra funcionalidade que se rejeita; com efeito, os vestígios de percussão que se esperariam encontrar em tais peças são excepcionais: apenas um exemplar incompleto de Leceia os ostenta (Fig. 2, nº. 1), em toda a periferia do fragmento conservado, incluindo a zona do sulco, o que demonstra terem sido produzidos no decurso da reutilização do objecto, como percutor. Por outro lado, a quase totalidade das peças é de calcário, rocha branda sem as características requeridas ao uso como martelos. Não se confundem, por isso, com os numerosos martelos, de seixos rolados de quartzito, usados em minas da Idade do Bronze, usualmente com as extremidades massacradas pelo uso, ao contrário do que se verifica com estes, sem vestígios de percussão. Acresce, enfim, que nos martelos o sulco é transversal, enquanto neste é, regra geral, longitudinal.

3 - Armas (maças ou clavos) - trata-se de utilização possível. Porém, neste caso, seria legítimo esperar que a fixação ou se fizesse através de sulcos muito mais cavados que os observáveis, por forma a assegurar a adequada fixação de tais peças - sujeitas a esforços elevados - aos cabos respectivos, ou que, em alternativa, aquela fixação fosse efectuada através de perfuração, como todos os exemplares que comprovadamente serviriam a tal finalidade, até ao presente conhecidos no Neolítico e Calcolítico do actual território português (SANTOS, 1971; CARDOSO *et al.*, 1995).

4 - Peças de arremesso (“bolas”) - esta hipótese, que atribuiria a estas peças função na captura de animais, como na Argentina, encontra-se prejudicada indirectamente por diversos argumentos: primeiro, o uso destes artefactos é, na América do Sul e na actualidade, feito por cavaleiros; ora, no Calcolítico inicial ou pleno, a que pertencem todos os exemplares cuja cronologia é susceptível de ser detalhada, ainda não se teria efectuado a domesticação do cavalo; por outro lado, a prática de tal técnica cinegética requiere a existência de vastos espaços abertos e aplanados, condições que não se verificariam na região de Leceia. Tais considerações invalidam, pois, a referida hipótese, por nós anteriormente admitida (CARDOSO, 1989, p. 106).

5 - Foi deixada intencionalmente para o fim a hipótese que se afigura mais adequada para estas peças, até por exclusão das anteriormente discutidas: a de terem funcionado como pesos.

Esta hipótese, de todas as apresentadas pelos diversos autores que anteriormente ao assunto se dedicaram, foi a que mais discretamente se discutiu; com efeito, apenas CARTAILHAC (1886, p. 127, 128) e, depois, CRUZ (1906, p. 95), este último retomando integralmente a hipótese emitida pelo primeiro, se referem à opinião de Nilsson segundo a qual seriam pesos de linha (NILSSON, 1868, Pl. II, nº. 32-34 e p. 43, considera exemplares análogos, explicitamente, como pesos de linha para a pesca). Provavelmente de forma independente, KELLER (1878) chega à mesma conclusão a propósito de exemplar oriundo de povoado lacustre da Suíça (Pl. CLIII, nº. 2), igualmente provido de um sulco a toda a volta. Aceitando tal hipótese, resta, porém, uma questão em aberto: tais pesos seriam utilizados em teares ou na pesca? E, nesta última hipótese, não seria igualmente legítimo considerar a sua utilização como pesos de rede e não simplesmente de linha?

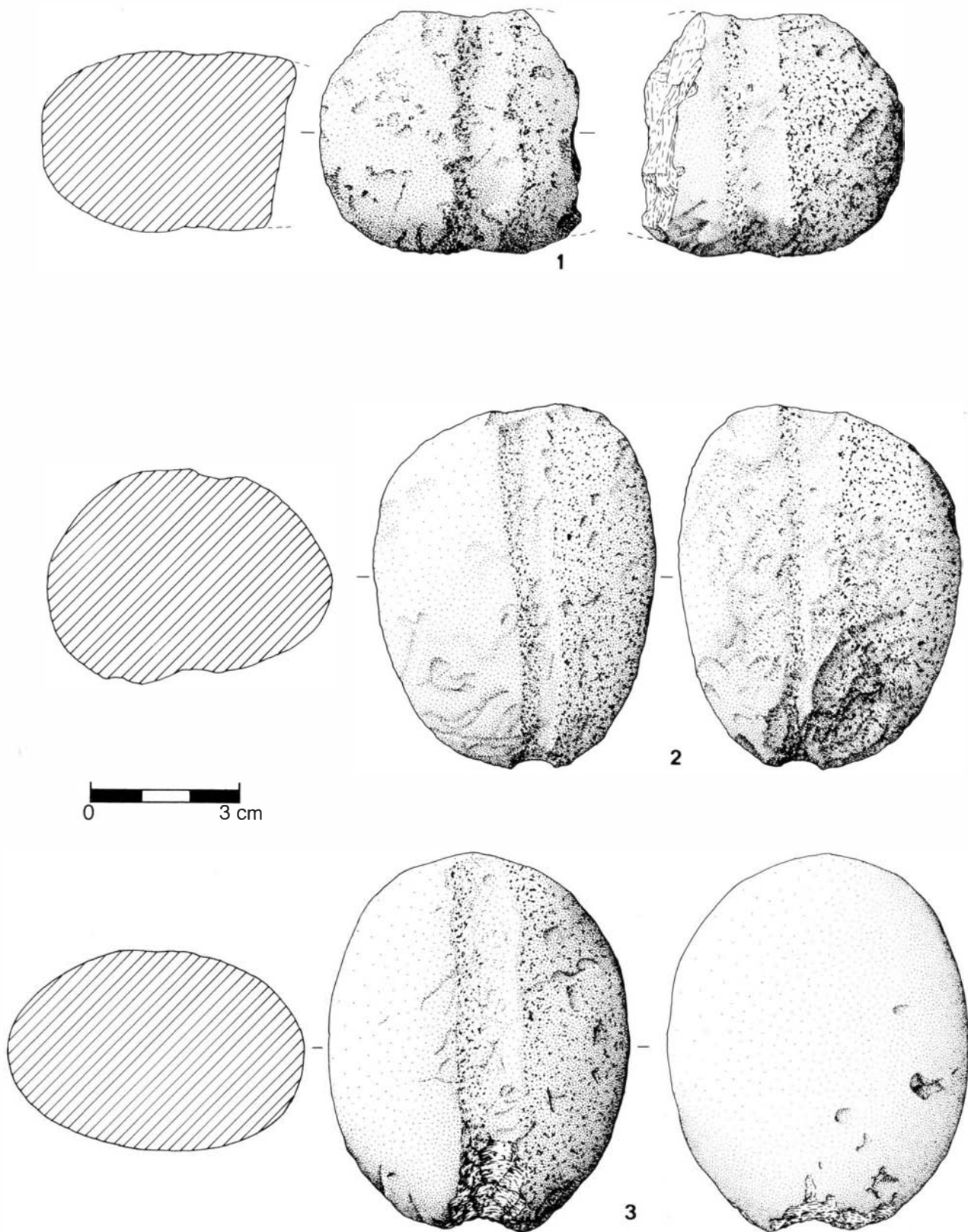


Fig. 2 – Pesos de pesca de Leceia. 1 - Lc/86. Casa P, C.2; 2 - LC/86. Q II 8; 9 - C.2; 3 - Lc/95. A norte de MM, C.2 (Calcolítico pleno). Para localização na estação, ver Fig. 1.

Rejeita-se a hipótese de serem pesos de tear: com efeito, no Calcolítico inicial e, sobretudo, no Calcolítico pleno, a que pertencem os três exemplares de Leceia, são frequentes os pesos de tear de barro cozido, rectangulares, com perfurações nos quatro cantos (CARDOSO, 1989, Fig. 124, n.º. 1, 6 e 8; CARDOSO, 1994, Fig. 126, n.º. 4), muito mais fáceis de produzir do que os exemplares líticos em apreço. Tal não invalida, porém, a recorrência a pequenos seixos sumariamente lascados para servirem àquele fim, em épocas e contextos diferentes, como a seguir se verá.

*
* *

Seixas rolados com entalhes nos topos ou meridianos, para servirem como pesos, na pesca à linha ou com redes, são artefactos bem conhecidos das indústrias epipaleolíticas do litoral norte do País, cuja utilização e fabrico atingiu os tempos actuais ou subactuais. PAÇO (1930a), aquando do estudo da estação de Carreço, refere que ainda então eram utilizados pelos pescadores à linha, para levar o anzol ao fundo, em substituição de pedaços de chumbo, que se perdiam com facilidade: daí o nome de chumbeiras (PAÇO, 1930b), trata-se, pois, de artefactos sobre seixos rolados, utilizados na extremidade de linhas de pesca, com entalhes nas duas extremidades, diferenciando-se, desta forma, dos pesos de rede, cujos entalhes se situariam no diâmetro transversal dos seixos. O referido autor dividiu, segundo informações prestadas por pescadores de Carreço, as chumbeiras em três grupos, a saber:

- as mais pequenas, empregues na pesca de peixe miúdo - “chumbeiras da lucinha”;
- as de tamanho médio, usadas na captura de peixes de tamanho compatível - “chumbeiras da faneca”;
- as maiores, para a pesca de espécies de grandes dimensões - “chumbeiras do congro”.

Enquanto as “chumbeiras da lucinha” possuem dimensões da ordem de 55x42x14 mm, as “chumbeiras do congro” têm cerca de 95x82x33 mm, conforme exemplares reproduzidos pelo autor sendo, portanto, maiores do que qualquer dos exemplares de Leceia, os quais são compatíveis com as “chumbeiras da faneca”.

Do ponto de vista morfológico, a diferenciação dos exemplares com base na posição dos entalhes tinha já sido valorizada por VIANA (1929). Com efeito, o tipo de seixos com entalhes nas extremidades opostas corresponde, segundo refere o autor, às “chumbeiras do congro”. A utilização como “pesos de rede” seria, segundo o mesmo autor comum aos últimos exemplares os mais pesados.

Na Galiza, COSTAS (1929, p. 11) refere as duas utilizações, não valorizando, porém a posição dos entalhes: “Podemos engadir que na citania de Santa Trega aparecen as *poutadas* a par dos *anzós* de bronce e de ferro; e que inda hoxe algúns mariñeros d-ista bisbarra utilizan as *poutadas*, grandes e pequenas, nas suas redes e liñas”. O único critério que o autor considera no estabelecimento das respectivas funcionalidades é o tamanho: assim, as “*poutadas grandes* son as propias das redes pois as pequenas non teñen peso pra as arrastar... As *poutadiñas*, por seu cativo peso, soilo podían ser usadas na pesca con liña”. Porém, não estabelece diferenças de peso que suportem tal distinção funcional.

O assunto volta a ser tratado por MAURY (1976, p. 114), que designa globalmente ambas as categorias por pesos de pesca, embora considere diversos tipos, segundo a forma do seixo e a posição dos entalhes.

O referido autor (MAURY, 1977) valorizou, ulteriormente, o peso dos exemplares, no seguimento da via iniciada por M. F. Costas e A. do Paço na classificação das peças asturienses do mesmo trecho litoral. Assim, considera como pesos de rede os exemplares com peso superior a 250 g. Por seu turno, as chumbeiras estariam representadas por duas categorias: a primeira, com exemplares entre 80 e 100 g e a segunda por peças com cerca de 50 g. Em conformidade, os exemplares de Leceia, segundo este critério, pertenceriam tanto a pesos de rede como a chumbeiras.

O peso não foi factor determinante, para outros arqueólogos, na diferenciação aludida. ROCHA (1905/08, p. 350) menciona exemplares usados como pesos de rede na Idade do Ferro em Santa Olaia, Figueira da Foz, feitos de pequenos fragmentos cerâmicos com dois entalhes segundo o eixo menor (Est. XXVIII, Fig. 249 a 254), justificando aquela atribuição “não só porque alguns estão gastos pelo attrito, como se fossem muitas vezes arrastados sobre areia ou vasa, mas porque ainda hoje os nossos pescadores usam pesos de pedra com o mesmo typo”.

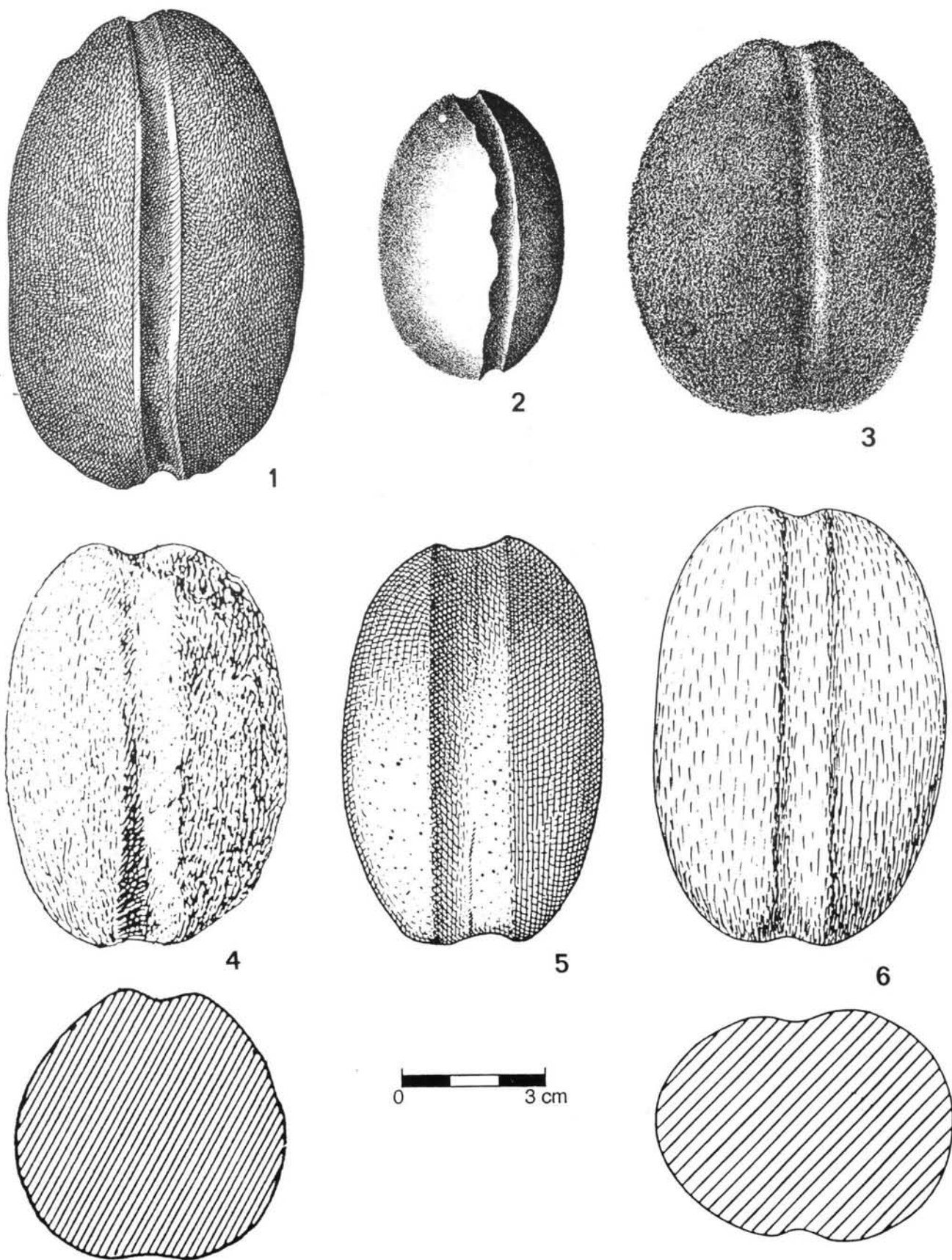


Fig. 3 – Pesos de pesca pré-históricos com sulco mediano. 1 - da vinha da Póveira, Sines (seg. VASCONCELLOS, 1914, Fig. 54; 2 - de Bleking, Dinamarca (seg. NILSSON, 1867, Pl. II, n.º. 32); 3 - de Leceia (seg. VASCONCELLOS, 1921/22, Fig. 46); 4 e 5 - da gruta de Palmela (4, seg. LEISNER, 1965, Tf. 98, n.º. 2; 5, seg. CARTAILHAC, Fig. 174, mesmo exemplar); 6 - do Pedrão, Setúbal (seg. SOARES & SILVA, 1975, Est. XII, n.º. 151).

Enfim, PAÇO *et al.* (1956, Fig. 2 J e L), ao estudarem e figurarem os seixos rolados com entalhes longitudinais de Perre (Viana do Castelo) consideram-nos, em contradição com os seus trabalhos anteriores (PAÇO, 1930 a, b), nos quais fazia atribuir exemplares com entalhes longitudinais a “chumbeiras”, como pesos de rede, referindo paralelos neolíticos da região pirenaica e dos lagos da Suíça.

Outros arqueólogos, porém, desde muito cedo propuseram outras funções para artefactos análogos recolhidos nos castros de Idade do Ferro da região minhota; foi o caso de FONTES (1928), que admitiu que os exemplares encontrados na citânia de Santa Tecla, junto à confluência do rio Minho com o oceano, tivessem servido como pesos de tear, acentuando, contudo, que nenhuma característica morfológica os distingue dos exemplares utilizados para a pesca, recolhidos no litoral adjacente. Parece, contudo, que, na citânia referida, dominaria o talhe segundo o eixo menor (PAÇO, 1930b); este autor considera-as como pesos de tear, enquanto que os seus homólogos do litoral, seriam usados na pesca (indistintamente como pesos de rede e chumbeiras); nestes últimos, pareciam-lhe ser mais antigos os exemplares com entalhes sobre o eixo menor (hipótese que MAURY (1976) não confirmou).

Em outros castros ou citânias do Minho foram igualmente noticiados exemplares líticos com entalhes laterais, segundo o eixo menor. Assim, em Sabroso, SARMENTO (1907, p. 115) recolheu, no interior de uma casa do povoado, cerca de “trinta pedras ovais com dois vergões laterais”, a que não atribuiu qualquer função específica; em Briteiros, exemplares homólogos foram considerados como “pesos de rede de pesca fluvial” (CARDOZO, 1965, p. 45).

Na mesma província, são ainda de salientar os seixos com dois entalhes laterais exumados no povoado do Bronze Final de São Julião, Vila Verde (MARTINS, 1985, Est. XVIII, nº. 48), atribuídos pela autora, indistintamente, tanto a pesos de rede como a pesos de tear (p. 214).

A síntese mais recente sobre a funcionalidade destes seixos com entalhes laterais deve-se a BRANDÃO & LANCHAS (1971). Os autores admitem, como vantajosa à designação de “pesos de rede”, a de (p. 588) “*pesos de pedra com entalhes para pesca*, pois a sua utilização, na própria pesca, pode verificar-se, para além das redes, também como *poitas e pandulhas* (sendo de dimensões maiores), nas armadilhas de pesca, ou como pedras de arremesso de anzol, na pesca à linha”. Os mesmos autores, neste importante estado, não ignoram, contudo, que (p. 582) “os que se encontram (...) em estações arqueológicas do interior, longe do mar e de rios tiveram outra aplicação: pesos de tear, pedras de arremesso para caça, para ataque, etc.”.

Parece, deste modo, ter-se chegado a um impasse: enquanto que, no litoral, se encontra naturalmente justificada a atribuição de tais artefactos às artes da pesca, nos povoados, a sua finalidade poderia ser múltipla, mesmo naqueles mais afastados do litoral, onde, a par de pesos de tear, poderiam, além dos usos indicados por BRANDÃO & LANCHAS, (1971), também ser usados para a pesca fluvial. Tal diversidade de critérios é ilustrada por dois exemplos, de povoados de altura do interior do território, ambos da Idade do Bronze Final: o Castelo Velho do Caratão, Mação (PEREIRA, 1970, Fig. 8 e 9) e o povoado da Serra Alta, Moura (PARREIRA & SOARES, 1980, Abb. 10).

No primeiro, recolheu-se um conjunto de catorze seixos de grauvaque, todos de pequeno tamanho, com dois entalhes opostos sempre segundo o eixo menor. O maior e o menor pesam 80 g e 25 g, respectivamente, variando os comprimentos entre 7,4 cm e 5,1 cm; foram atribuídos a pesos de rede para a pesca fluvial.

No segundo dos povoados referidos, provêm três exemplares igualmente munidos de entalhes segundo o eixo menor, o maior com 7,5 cm e o menor com 5,1 cm; foram considerados como pesos de tear. Porém, um dos autores deste estudo considerou ulteriormente, como pesos de rede, artefactos idênticos, recolhidos no povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beja), situado junto do Guadiana (SOARES, 1992). Trata-se de sete exemplares sobre pequenos seixos de quartzito, de lidito e de xisto, com as dimensões extremas de 70x50x17 mm e 48x35x9 mm. Esta evidente contradição de critérios vem ilustrar a dificuldade sentida na classificação funcional de peças morfológicamente idênticas.

Em quatro povoados do Bronze Final da Beira Baixa - Moreirinha, Alegrios, Monte do Frade e Castelejo - recolheram-se numerosos exemplares, todos executados sobre seixos achatados, mais ou menos rolados, de quartzito,

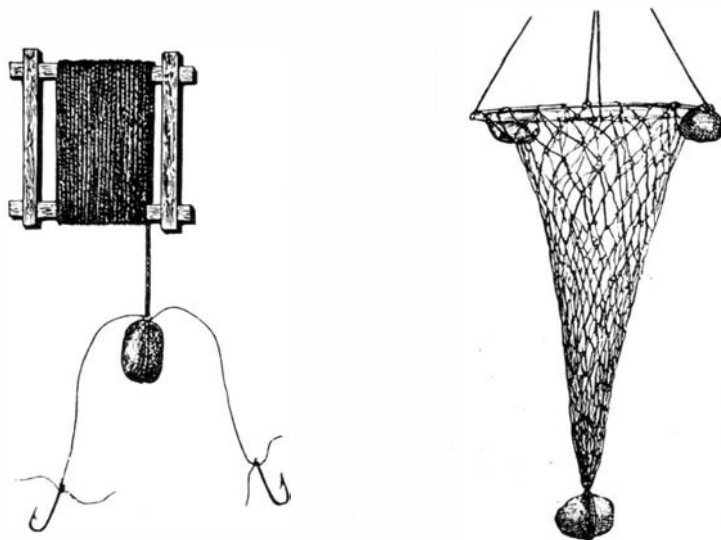


Fig. 4 – Sistemas artesanais de pesca, recorrendo a pesos de pedra, usados no final do século XIX na costa portuguesa (seg. SILVA, 1891). À esquerda: grade e linha do congro; à direita: redefole para a captura do caranguejo.

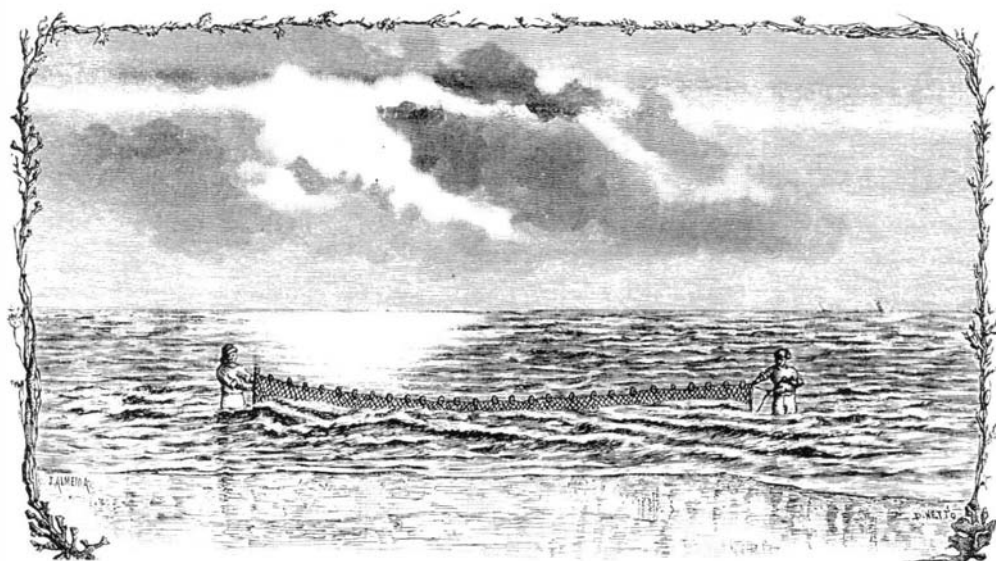
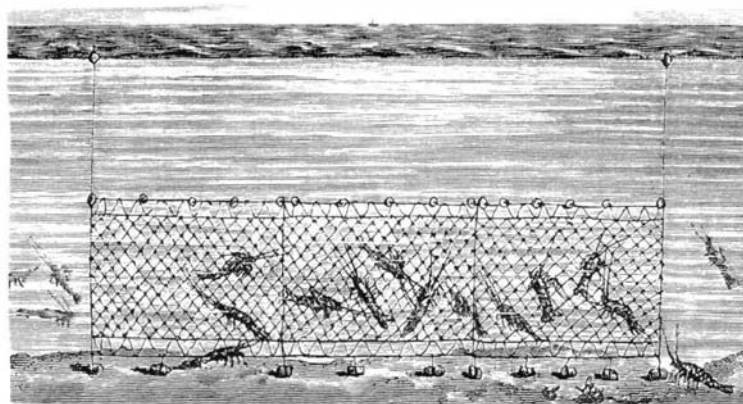


Fig. 5 – Sistemas artesanais de pesca com rede usadas no final do século XIX na costa portuguesa (seg. SILVA, 1891). Em cima: “tralha” das lagostas; em baixo: rede de mão para a pesca na praia. Em ambos os sistemas, era indispensável o uso de pesos, para manter as redes na vertical.

aplitto, granito de grão fino, grauvaque e xisto, disponíveis ao longo dos cursos de água da região (VILAÇA, 1995). A autora, porém, considera-os apenas como pesos, não especificando a sua função (de tear? ou para pesca?).

De outras estações do interior, neolíticas e calcolíticas, provêm exemplares análogos classificados como pesos de rede; é o caso do recolhido na anta dos Pombais, Marvão (OLIVEIRA, 1992) ou do proveniente do povoado neolítico-calcolítico do Castelo Velho, também do concelho de Marvão (RODRIGUES, 1975, Est. XXVII). GONÇALVES (1979, Est. XVII) refere diversos exemplares do povoado calcolítico do cerro do Castelo (corte de João Marques, Alto Algarve Oriental) de pequenas e médias dimensões, sobre seixos rolados e achatados de quartzito, com entalhes laterais opostos, considerando-os como pesos de rede. Os mesmos exemplares foram, ulteriormente, considerados pelo autor como pesos de pesca (GONÇALVES, 1991, p. 145) citando paralelos nos povoados calcolíticos de Vidais, Marvão e Alcalar, Portimão. Verifica-se, pois, preferência, por parte dos autores que estudaram este tipo de peças de estações pré-históricas do interior – *sempre com entalhes segundo o eixo menor* – pela hipótese de pesos destinados à pesca fluvial, em detrimento de corresponderem a pesos de tear.

No caso dos exemplares de Leceia, embora morfologicamente diferentes por possuírem sulcos picotados e não entalhes periféricos obtidos por lascamento, as razões que aconselham a negar a última hipótese foram anteriormente apresentadas. A hipótese de serem pesos para a pesca fluvial à linha fica, igualmente prejudicada: mesmo admitindo como provável o maior caudal da ribeira de Barcarena, no decurso do Calcolítico, tal prática dispensaria elementos tão pesados como os exemplares em apreço. Por outro lado, os três anzóis de cobre de grandes dimensões encontrados em Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 108, nº. 15; CARDOSO, 1994, Fig. 135, nº. 9 e 10) documentam a pesca à linha litoral, em pequenas embarcações ou a partir da própria praia. As espécies até ao presente identificadas (ANTUNES & CARDOSO, 1995) – a dourada (*Sparus aurata*) e o pargo (*Pagrus pagrus*) – confirmam a predominância daquele tipo de pesca.

Em finais do século XIX era ainda frequente o uso de pesos de pedra em diversos aparelhos de pesca à linha. SILVA (1891, p. 203) figura-os, fixados pelo seu diâmetro maior, para a pesca do congro (Fig. 3, nº. 2), em fundos de rocha até 60 braças de profundidade, utilizando dois grandes anzóis; os mesmos pesos eram usados na pesca do ruivo, em aparelhos com quatro anzóis menores.

Ainda hoje, na Costa da Caparica, se pratica pesca à linha, a partir da praia, nos dias de mau tempo em que as embarcações não podem sair para o mar, recorrendo a pesos de chumbo com cerca de 800 g – muito mais pesados do que os utilizados no litoral minhoto – lançados manualmente, para a pesca de pregados, robalos e sargos.

Os exemplares de Leceia – especialmente o que possui sulco transversal – poderiam também usar-se em redes, tanto mais que se verificam sobreposições nos valores dos pesos de exemplares comprovadamente usados de ambas as maneiras, segundo elementos actuais os subactuais. Muito embora o uso de redes, no Calcolítico de leceia, careça de demonstração, são de considerar os numerosos sistemas primitivos, em pleno uso ainda em finais do século XIX no litoral português, descritos por SILVA (1891). Avultam as redes de emalhar com uso de pedras na tralha inferior, assentes no fundo; trata-se da “rede das pescadas”, usadas do Minho à Ericeira, em profundidades de 50 a 70 braças, respectivamente no Verão e no Inverno e da “rede petisqueira” idêntica à anterior e usada no mesmo trecho litoral, mas em que as pedras se encontram substituídas por chumbadas, usada para a captura de linguados, ruivos, cações, etc. Para latitudes inferiores à Ericeira não se usavam, devido à maior profundidade dos fundos, e a outras tradições piscatórias, sendo aí substituídas pela pesca à linha (SILVA, 1891, p. 193). Mais perto do litoral, usavam-se outras redes de emalhar (*rasca* do alto e *rasca* das lagostas), com pedras na tralha inferior, assentes no fundo, destinadas à captura da raia, da caneja, e da lagosta. O primeiro tipo era usado em profundidades de 18 a 20 braças, destinando-se o segundo à captura da lagosta (Fig. 5), em fundos pedregosos de 10 a 15 braças de profundidade, do Minho ao Douro e de Buarcos a Setúbal. Salienta-se que, em todos os tipos de rede referidos, os pesos são sempre fixados pelo eixo menor. A pesca à rede poderia fazer-se na própria praia, apenas por dois homens como é indicado na Fig. 5.

Há, ainda, a considerar, o uso de pesos de pedra em armações fixas ou móveis, como os *botirões*, muito vulgares no final do século XIX em rios e estuários e os *redesfoles* (Fig. 4), usados para a captura do camarão ou do caranguejo (SILVA, 1891); nada impede de aceitar tal finalidade para qualquer dos exemplares de Leceia em apreço, apesar de não se terem até ao presente recolhido na estação restos faunísticos de crustáceos que a suportem.

4 - CONCLUSÕES

1 - Neste trabalho estudam-se três artefactos globulosos, recolhidos em Leceia, caracterizados pela existência de sulcos, obtidos por picotagem com pontas duras, provavelmente de sílex. Dois deles são sobre seixos rolados: um de basalto, com sulco longitudinal e outro de calcarenito, com sulco transversal. O terceiro, de calcário, ostenta trabalho de fina picotagem na maioria da superfície, conferindo-lhe aspecto elipsoide regular; por tal motivo, foi considerado como o mais característico; um sulco longitudinal percorre as duas faces. Todos eles provêm de contextos do Calcolítico pleno, correspondente à terceira fase cultural identificada em Leceia.

2 - O exemplar considerado mais característico (Fig. 2, nº. 2) integra um grupo muito homogéneo de artefactos, representado pelas seguintes ocorrências: um exemplar de Leceia (outrora recolhido por J. Fontes); um exemplar do povoado pré-histórico do Pedrão (Setúbal) em contexto do Calcolítico inicial (1 ex.); um exemplar da gruta II de Palmela, em contexto calcolítico (1 ex.); e um último povoado da Vinha da Póveira, Sines (1 ex.).

3 - Foi discutida a respectiva funcionalidade; de entre as várias hipóteses suscitadas aos diversos autores, a saber: ídolo; martelo ou percutor; maça ou clava; de finalidade desconhecida; como “bola” de arremesso; ou peso, considerou-se mais provável esta última.

4 - Aceitando a utilização como peso, admitiu-se, por argumentos que se expõem, depois da comparação com exemplares do litoral minhoto, do Epipaleolítico à actualidade e com outros, do interior do País, do Neolítico à Idade do Bronze, a sua utilização na pesca. Considerando a pesca à linha e com rede, os exemplares em apreço parecem mais adequados à primeira daquelas funções designadamente os munidos com sulco longitudinal, variante a que pertence dois dos três exemplares de Leceia agora estudados e a totalidade dos exemplares calcolíticos referidos em 2. Reforça tal conclusão a existência, em Leceia, de três grandes anzóis de cobre, que confirmam a prática de pesca à linha, bem como paralelos etnográficos subactuais e actuais, do litoral português, que também são apresentados e discutidos. Não se pode, no entanto, afastar a hipótese da sua utilização em redes de pesca, ou em outros aparelhos para a captura de crustáceos, com evidentes paralelos etnográficos actuais ou subactuais.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, M. J. (1973) - *Los idolos del Bronce I hispano*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12. Madrid.

ANTUNES, M. Telles & CARDOSO, J. L. (1995) - Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 187-192.

BRANDÃO, D. de Pinho & LANCHAS, F. (1971) - “Pesos de rede” ou pesos de pedra com entalhes para pesca. Tentativa de sistematização. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, p. 581-589.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983 - 1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983 - 1993). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1), p. 115-125.

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & NORTH, T. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 97-121.

- CARDOZO, M. (1965) - *Citânia de Briteiros e castro de Sabroso. Notícia descritiva*. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.
- CARTAILHAC, E. (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Reinwald. Paris.
- COSTAS, M. Fernández (1929) - As industrias líticas d'A Guardia (novas estazóns). *Nós* (separata de 11p.). A Cruña.
- FONTES, J. (1928) - Uma excursão arqueológica à Galiza. *Arqueologia e História*, 5, p. 56-57.
- GONÇALVES, V. S. (1979) - *Megalitismo e inícios da metalurgia no Alto Algarve Oriental. Notas a uma exposição*. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (1991) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Vol. (Vol. 1, Texto; Vol. 2, Estampas). Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa.
- KELLER, F. (1878) - *The lake dwellings of Switzerland and other parts of Europe* - 2 nd. edition (vol. 2), London, Longmans, Green & Co.
- LEISNER, V. (1965) - *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- MARTINS, M. (1985) - A ocupação do Bronze Final da citânia de São Julião, em Vila Verde. Caracterização e cronologia. *Trab. Antrop. e Etnol.*, 25 (2/4), p. 197-240.
- MAURY, J. (1976) - Profil archéologique de l'Asturien du Portugal. *Travaux de l'Institut d'Art Préhistorique de l'Université de Toulouse*, 18, p. 103-138.
- MAURY, J. (1977) - *Typologie et Préhistoire de l'Asturien du Portugal*. Suppl. Series 21. British Archaeological Reports (BAR).
- NILSSON, S. (1868) - *Les habitants primitifs de la Scandinavie*. C. Reinwald. Paris.
- OLIVEIRA, J. (1992) - A anta dos Pombais, Beirã, Marvão (notas de escavação). *Ibn Maruán*, 2, p. 53-90.
- PARREIRA, R. & SOARES, A. Monge (1980) - Zu einigen Bronzezeitlichen höhensiedlungen in Südportugal. *Madriider Mitteilungen.*, 21, p. 109-130.
- PEREIRA, M. A. Horta (1970) - *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Câmara Municipal de Mação.
- PAÇO, A. do (1930a) - Estação asturiense de Carreço. *Brotéria*, 10 (3), p. 160-170 e 10 (4), p. 214-220. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 31-48. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970.
- PAÇO, A. do (1930b) - Pesos de rêde e chumbeiras. *Nós*, 12 (78), p. 108-111 e 12 (80), p. 165. Ourense. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 49-57, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970.
- PAÇO, A. do & QUESADO, A. do Paço (1956) - Estação paleolítica de Perre (Viana do Castelo). *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), 8, p. 375-385.
- ROCHA, A. dos Santos (1905/08) - Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas visinhanças da Figueira. *Portugalia*, 2, p. 301-356.

- RODRIGUES, M. C. Monteiro (1975) - *Carta arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Junta Distrital de Portalegre.
- SANTOS, M. Farinha dos (1971) - manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, p. 95.
- SARMENTO, F. Martins (1907) - Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 24, p. 115.
- SILVA, A. A. Baldaque da (1891) - *Estado actual das pescas em Portugal*. Imprensa Nacional. Lisboa.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1979) - *Pré-história da área de Sines*. Gabinete da Área de Sines. Lisboa.
- SOARES, A. M. Monge (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*, IX - X, p. 291-314.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-153.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1914) - Excursão arqueológica à Estremadura Transtagana. *O Arqueólogo Português*, 19, p. 300-323.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1922) - Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*, 25, p. 288-298.
- VIANA, A. (1929) - A estação asturiense de Areosa - Viana do Castelo. *Portucale*, 2 (7), p. 24-38; 2 (8), p. 185-212. Porto.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. 2 vol. (vol. 1, Texto; vol. 2, Estampas). Trabalhos de Arqueologia, 9. Lisboa.

PEQUENOS MAMÍFEROS DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso ⁽¹⁾, M. Telles Antunes ⁽²⁾ & P. Mein ⁽³⁾

1 - INTRODUÇÃO ⁽⁴⁾

No decurso de pesquisas realizadas anualmente, desde 1983, no povoado pré-histórico de Leceia, foram escavadas unidades habitacionais e espaços abertos que forneceram materiais arqueológicos e restos de grandes mamíferos. Era evidente o interesse da pesquisa de pequenos mamíferos, apenas possível mediante a recolha de apreciáveis volumes de terras em áreas potencialmente mais favoráveis. Os materiais estudados, todos do Calcolítico inicial avançado, ca. 2700 - 2600 AC (SOARES & CARDOSO, 1995; CARDOSO & SOARES, 1996), provêm da recolha integral dos enchimentos terrosos de estruturas de combustão existentes no interior de habitações, bem como de colheitas em depósitos acumulados a céu aberto, em períodos de abandono, ainda que episódico, do local ou de partes dele.

No primeiro caso, encontram-se as seguintes estruturas (Fig. 1):

- *Lareira ZZ 1*, no interior da *Casa ZZ*, escavada em 1989. Pertence ao Calcolítico inicial (Camada 3) (Fig. 1, n.º. 3; Figs. 6 e 7).

- *Lareira HH 1*, no interior da *Casa HH*, escavada em 1988 Calcolítico inicial, (Camada 3) (Fig. 1, n.º. 2; Figs. 4 e 5).

- *Lareira EX 1*, no interior do *Bastião EX*, escavado em 1992, também do Calcolítico inicial (Fig. 1, n.º. 4; Figs. 8 e 9).

Ao segundo caso corresponde a colheita de cerca de 1 m³ de sedimentos no lado interno da *Muralha GG (Reforço GG 2)*, cuja acumulação é atribuída a um episódio de abandono, talvez parcial, daquela zona do povoado em fase avançada do Calcolítico inicial (Fig. 1, n.º. 1; Figs. 2 e 3).

As terras foram lavadas, crivadas (Ø 0,5 mm) e triadas à lupa binocular no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - CMO, e no Centro de Estudos Geológicos da UNL.

⁽¹⁾ Centro de Estudos Geológicos, FCT/UNL. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽²⁾ Academia das Ciências de Lisboa. Centro de Estudos Geológicos, FCT/UNL.

⁽³⁾ Université Claude Bernard/Lyon I.

⁽⁴⁾ Por J. L. Cardoso.

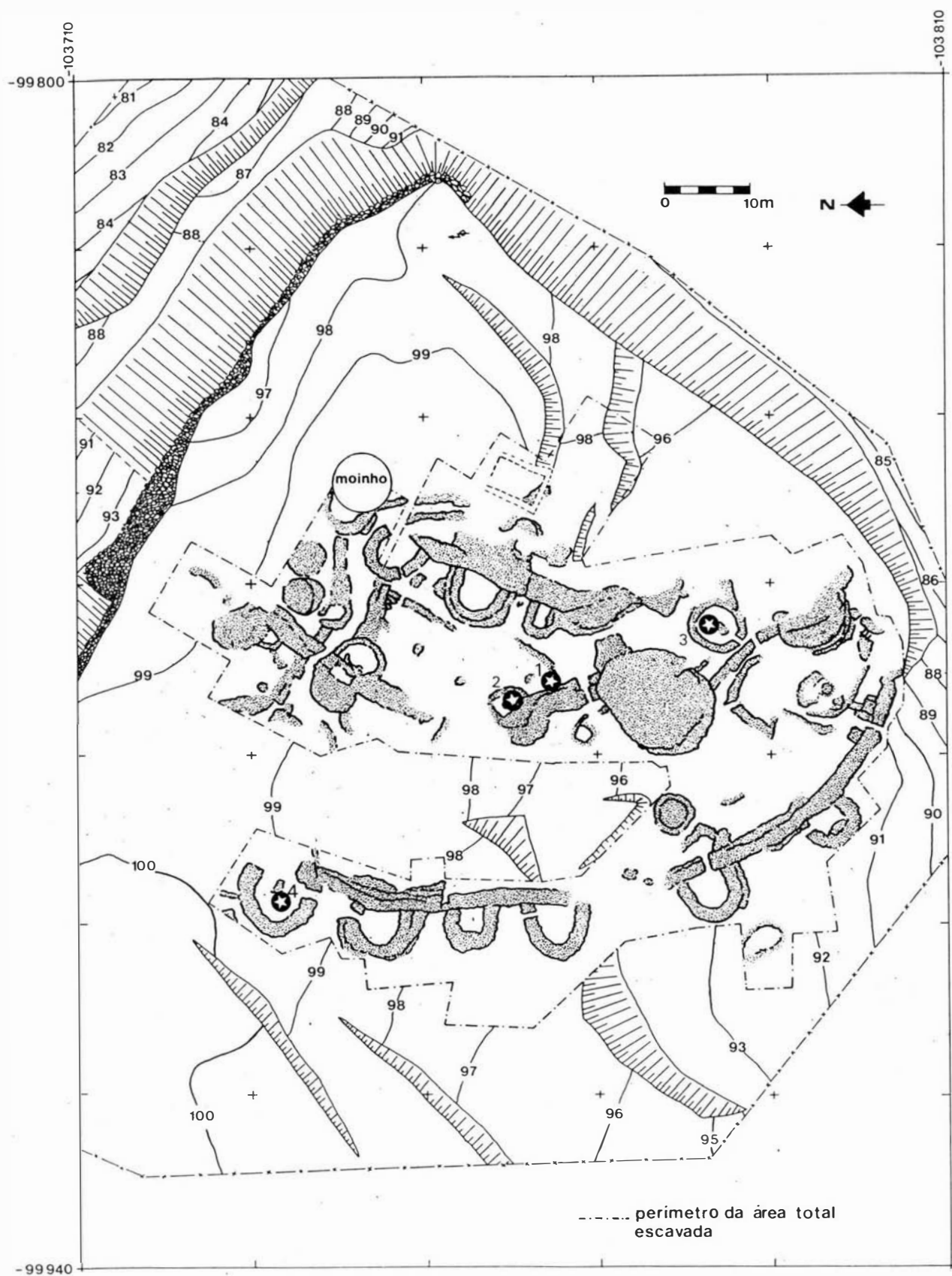


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização das amostras estudadas (todas do Calcolítico inicial, C.3).



Fig. 2 – Leceia/1988. Vista do corte executado nos depósitos acumulados do lado interno da *Muralha GG*, cujo *Reforço GG-2* se observa no canto inferior esquerdo, Calcolítico inicial (C.3). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 3 – Leceia/1988. Outra vista do corte da Fig. 2. Do lado esquerdo, observa-se o desenvolvimento da *Muralha GG*. Calcolítico inicial (C.3). Foto de J. L. Cardoso.

2 - PEQUENOS MAMÍFEROS⁽¹⁾

2.1. Composição da fáunula

Pesquisas em Leceia proporcionaram a recolha de um conjunto de restos de pequenos mamíferos.

Estão representadas espécies de insectívoros (2), de lagomorfos (1) e roedores (5). A lista, que inclui os nomes vulgares em português (cf. bibliografia portuguesa), é como segue:

INSECTÍVOROS

- *Crocidura russula* (Hermann, 1780) - musaranho, morganho, rato-musgo;
- *Talpa occidentalis* Cabrera, 1907 - toupeira;

LAGOMORFO

- *Oryctolagus cuniculus* (Linnaeus, 1758) - coelho, coelho bravo;

ROEDORES

- *Eliomys lusitanicus* (Reuvens, 1890) - rato da serra, rato dos pomares, rato-leirão;
- *Pitymys duodecimcostatus* (de Sélys-Longchamps, 1839) - rato-cego, rato-toupeiro, rato dos campos, rato;
- *Arvicola* cf. *sapidus* Miller, 1908 - rato-de-água, rato-aguarão;
- *Apodemus sylvaticus* (Linnaeus, 1758) - rato do campo, rato-terrenho;
- *Mus spretus* Lataste, 1883 - rato, ratinho-ruivo, ratinho das hortas.

No QUADRO I é indicada a sua repartição, expressa em número de dentes, por cada um dos pontos acima indicados.

QUADRO I - Leceia: Pequenos mamíferos da Camada 3 - Calcolítico inicial

Taxa	Lado int. de GG	Lareira ZZ1	Lareira EX1	Lareira HH1	Σ	%
<i>Crocidura russula</i>	1	-	-	-	1	1.4
<i>Talpa occidentalis</i>	-	1	-	-	1	1.4
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	2	2	-	-	4	5.5
<i>Eliomys lusitanicus</i>	-	-	2	-	2	2.7
<i>Pitymys duodecimcostatus</i>	7	-	2	-	9	12.3
<i>Arvicola</i> cf. <i>sapidus</i>	1	-	-	-	1	1.4
<i>Apodemus sylvaticus</i>	4	2	9	-	15	20.5
<i>Mus</i> cf. <i>spretus</i>	7	18	14	1	40	54.8
Σ_{Nd}	22	23	27	1	73	100
$\Sigma_{sp.}$	6	4	4	1	8	-

Σ_{Nd} - total do número de dentes identificados.

$\Sigma_{sp.}$ - total de espécies identificadas.

2.2. Discussão do significado da amostragem

O total de restos identificáveis (dentes) de todas as espécies é de 73. Este conjunto é demasiado pequeno para servir de base fiável a considerações extensas ou com minúcias excessivas; pecariam por inconsistentes, ou poderiam ser falaciosas. Para mais, aquele conjunto é heterogéneo quanto à proveniência, repartido que está em 4 sub-conjuntos

⁽¹⁾ Por M. T. Antunes e P. Mein.



Fig. 4 – Leceia/1988. Pormenor do interior da *Casa HH*. Em primeiro plano, à direita, a *Lareira HH 1*, de onde provieram os materiais, acumulados à esquerda, integralmente recolhidos. Calcolítico inicial (C.3). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 5 – Leceia/1988. Vista geral da *Casa HH*, com a *Lareira HH 1*, ao centro e, em primeiro plano, o local de recolha dos materiais agora estudados. Calcolítico inicial (C.3). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 6 – Leceia/1989. Vista da *Lareira ZZ 1*, situada no interior da *Casa ZZ*, cujo enchimento terroso foi integralmente recolhido. Calcolítico inicial (C.3). Foto de G. Cardoso.



Fig. 7 – Leceia/1989. Vista da *Casa ZZ*, com a *Lareira ZZ 1*, situada aproximadamente no seu centro. Calcolítico inicial (C.3). Foto de G. Cardoso.

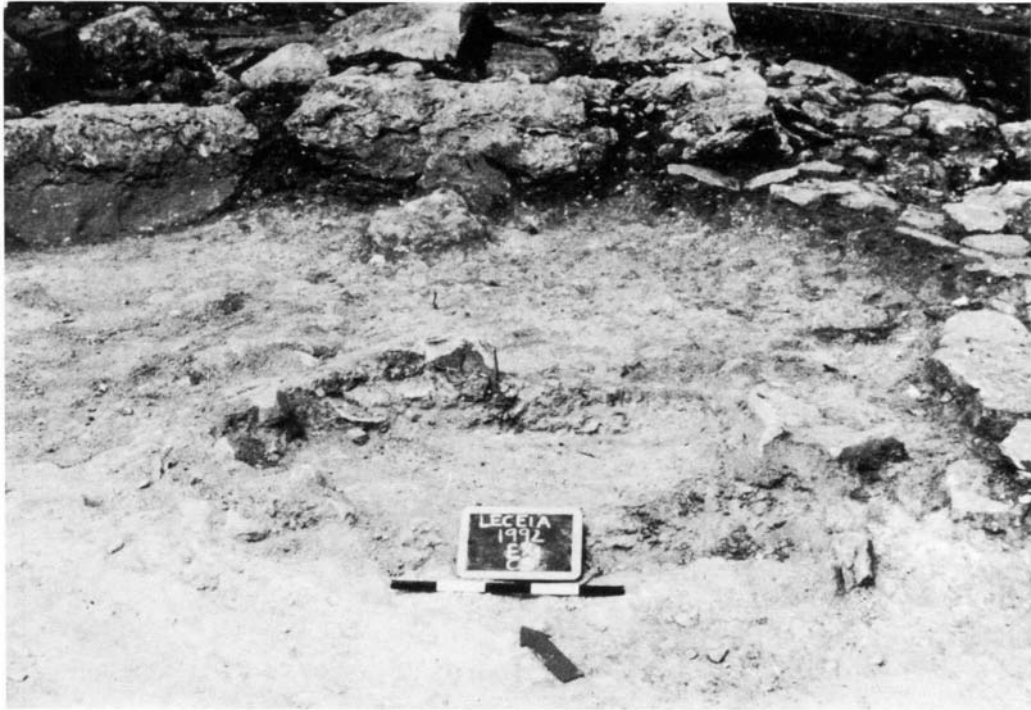


Fig. 8 – Leceia/1992. Vista parcial do *Bastião EX*, com a *Lareira EX 1*, em primeiro plano, no interior daquele. Calcolítico inicial (C.3). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 9 – Leceia/1992. Vista parcial do *Bastião EX*. Em segundo plano, no seu interior, a *Lareira EX 1*. Calcolítico inicial (C.3). Foto de J. L. Cardoso.

correspondentes a outros tantos pontos de colheita; além disso, e tanto quanto se pode julgar, também parece heterogêneo quanto à composição. Das amostras, a menos pobre deu apenas 27 dentes de 4 espécies (QUADRO I). Por isso, são precárias as comparações entre os espectros faunísticos correspondentes aos 5 pontos de proveniência.

Quanto à determinação das espécies, mesmo das que estão minimamente representadas, não parecem subsistir dúvidas. Só *Mus* pode justificar alguma reserva ao nível da espécie: trata-se da distinção entre *Mus spretus* e *Mus musculus*. Além de outros caracteres somáticos, a espécie selvagem *M. spretus* difere de *M. musculus* pelo maior tamanho dos primeiros molares e pelo carácter arcaico do lobo anterior de M₁ (AMANI & GERAADS, 1993). Ainda que a escassez do material não seja propícia à determinação da espécie, tudo leva a crer que os dentes de *Mus* sejam de atribuir a *M. spretus*.

2.3. Comparações com o castro do Zambujal

No que concerne a Portugal, há, até o presente, um único estudo acerca de pequenos mamíferos de idade aproximadamente idêntica à de Leceia (Calcolítico), os do Castro de Zambujal, Torres Vedras (STORCH & UERPMANN, 1976). Citam (p. 131-137): *Talpa caeca*, *Galemys pyrenaicus*, *Crocidura suaveolens*, *Pipistrellus* sp., *Eliomys quercinus lusitanicus* (*), *Arvicola sapidus* (*), *Microtus cabreræ*, *Pitymys duodecimcostatus* (*), *Pitymys lusitanicus*, *Apodemus sylvaticus* (*) e *Mus musculus*. Algumas das espécies indicadas foram detectadas em Leceia, ou estão aí representadas por formas provavelmente conspecíficas mas que a pobreza do material não permite determinar com todo o rigor (*). Justificam-se alguns comentários:

- *Talpa occidentalis*, agora citada para Leceia, é aqui considerada como espécie distinta, enquanto que STORCH & UERPMANN p. 131) atribuem a *T. caeca* material do Castro do Zambujal. Apesar da diferença de nome, pode tratar-se do mesmo taxon, visto *T. occidentalis* ter sido segregada de *T. caeca* ao nível da espécie, avançando-se além da primeira segregação, esta apenas como subespécie (*Talpa caeca occidentalis*). Deste modo, as toupeiras dos dois sítios podem perfeitamente ser conspecíficas e ter idêntico significado (ecológico e outro).

- *Galemys* é desconhecido em Leceia, mas raríssimo (uma só peça) no Castro do Zambujal, o que, conjugado com a raridade de *Arvicola* em ambos os sítios traduz afastamento e/ou pouca importância de cursos de água, que constituem o seu habitat.

- *Crocidura*: há diferença, cujo significado, que nos escapa, é provavelmente irrelevante.

- a ausência de morcegos em Leceia vai a par da quase ausência no Castro do Zambujal (uma só peça de *Pipistrellus*), pelo que não constitui diferença significativa.

- quanto a *Eliomys*, trata-se, nas duas jazidas, da mesma espécie; admitimos, aqui, que *E. lusitanicus*, já segregada de *E. quercinus* ao nível subespecífico (cf. STORCH & UERPMANN, 1976, p. 132), é uma espécie aparte. Parece, relativamente ao total, mais numerosa no Castro do Zambujal.

- a falta (aparente?) em Leceia da espécie relativamente arcaica *Microtus cabreræ* não sustenta quaisquer ilações.

- *Pitymys duodecimcostatus*: é espécie mediterrânea, única representante do género encontrada em Leceia, onde parece (tanto quanto se pode avaliar) ser mais frequente, relativamente ao conjunto dos roedores, do que no Castro do Zambujal; nesta jazida, está também representada uma espécie mais “atlântica”, *Pitymys lusitanicus*.

- *Apodemus sylvaticus* é espécie bastante numerosa em ambos os sítios; excede os 20% dentre os pequenos mamíferos de Leceia.

- enfim, o género *Mus* está citado para o Castro do Zambujal, onde foram caracterizados (STORCH & UERPMANN, 1976, p.136) dois conjuntos populacionais, ambos atribuídos a *Mus musculus*, um de grande tamanho, outro de pequeno porte. Com as reservas por insuficiência do material de Leceia (cf. 2.2.), a determinação parece pender, neste caso, para *Mus spretus*, mas é desejável retomar a questão, se possível com melhor fundamento.

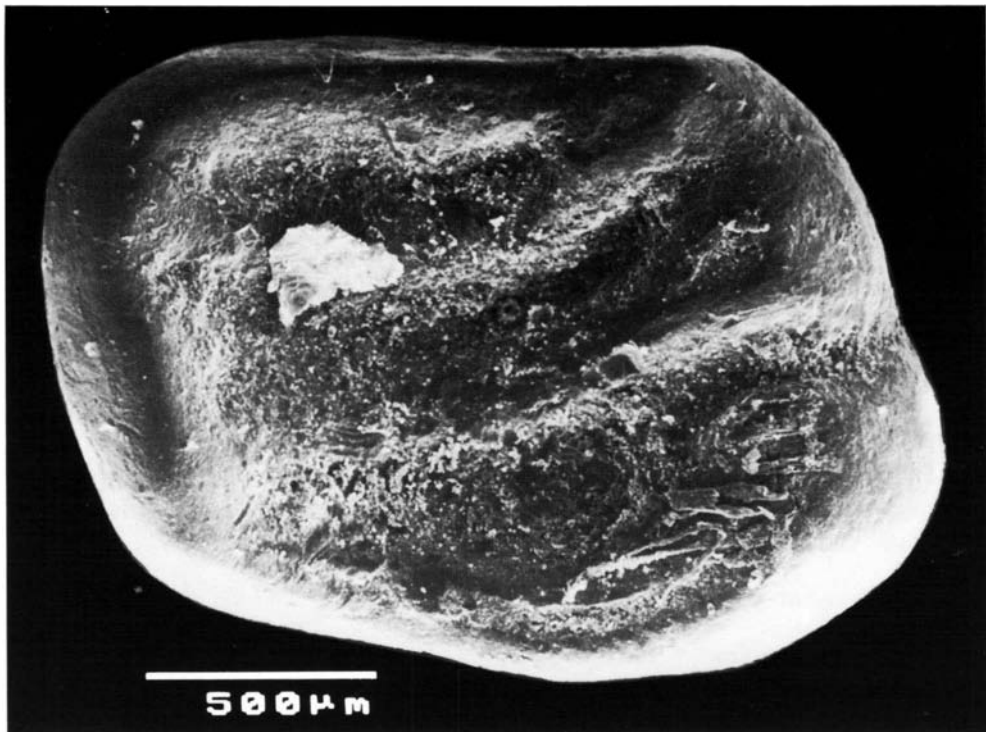


Fig. 10 – *Eliomys lusitanicus*. M/3 direito. Foto de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento da FCT/UNL (Centro de Estudos Geológicos).



Fig. 11 – *Pytymis duodecimcostatus* M/1 direito. Foto de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento da FCT/UNL (Centro de Estudos Geológicos).

2.4. Significado ecológico

No que concerne ao significado ecológico, poderemos apontar, com base essencialmente em estudos sobre áreas em Portugal, não muito afastadas de Leceia (TRINDADE, 1988) o seguinte:

- *Crocidura russula*: habita maquia e sub-bosque (em particular de sobreiros, aliás mal representados nas imediações de Leceia), áreas agrícolas e pinhais, estando ausente de áreas rupestres ou, em regra, de charneca (=garriga); tem distribuição de carácter mediterrâneo; o odor repelente defende esta espécie dos predadores mamalianos, o gato por ex., mas não de rapinas nocturnas (mochos, corujas), de cujo regime alimentar faz parte significativa;

- *Talpa occidentalis*: é espécie essencialmente fossadora, escavando galerias em solos móveis e com alguma humidade; ocorre, entre outras, em áreas de cultivo e pinhais;

- *Oryctolagus cuniculus*: habita áreas em situações muito diversas com coberto vegetal mais ou menos importante; os baixos requisitos quanto a necessidades hídricas permite-lhe prosperar, inclusivamente, em charnecas mediterrâneas e áreas rupestres;

- *Eliomys lusitanicus*: predominantemente arborícola, tem regime alimentar em parte carnívoro;

- *Pitymys duodecimcostatus*; tem comportamento fossador, carecendo, por isso, de solos móveis; habita meios com alguma humidade - prados com poucas árvores, ou outros meios abertos, eventualmente cultivados; quanto à resistência à secura, é inferior à de *Oryctolagus* e *Apodemus*, que são extremamente resistentes;

- *Arvicola* cf. *sapidus*: tipicamente aquático, dulçaquícola, instala tocas nas margens dos cursos de água;

- *Apodemus sylvaticus*: tipicamente granívoro e com baixíssimos requisitos hídricos, podem manter-se em áreas rupestres e charnecas mediterrâneas muito secas (onde outros roedores não sobrevivem), mas também em meios com outras características, incluindo áreas agrícolas, matas e a proximidade de habitações - é quase ubíquo;

- *Mus spretus*: espécie própria de habitats mais ou menos secos; como diferença relativamente a *Mus musculus*, não parece comensal do homem, embora possa ocorrer em locais frequentados por este; baixas necessidades hídricas e boa adaptabilidade permitem-lhe distribuição quase ubíqua.

Qualquer tentativa de interpretação ecológica tem de ser encarada na perspectiva da presença do homem. Ainda assim, com amostragem tão escassa quaisquer hipóteses têm de ser postas com reserva.

2.5. Intervenção humana

A intervenção humana há-de ter-se verificado, essencialmente, em torno de duas vertentes essenciais: obtenção de alimento; e alteração das condições ambientais circundantes.

No caso, apenas o coelho tem valor alimentar para o homem. A presença, rara, pode traduzir abate e consumo pelo homem, sem descartar por inteiro outras alternativas. Dos pequenos mamíferos restantes, o rato de água (representado por um único dente) é o menos pequeno; pelo tamanho e raridade, o papel como fornecedor de alimento seria inteiramente desprovido de significado, sendo improvável a sua captura pelo homem. Os outros roedores são de porte ainda menor. Quanto aos insectívoros, todos muito pequenos, não parecem consumíveis, até pelo odor repelente de alguns; terão, decerto, sido presa de rapinas nocturnas.

A alteração antrópica das condições ambientais circundantes certamente existiu em consequência da pressão demográfica, localizada mas eventualmente intensa. Basta pensar na acção sobre o coberto vegetal, explorado como combustível e para outros fins, e provavelmente afectado por queimadas, processo universal para libertar áreas de cultivo, pastagem e eventual urbanização. Vários pequenos mamíferos, como *Eliomys* (talvez também *Pitymys* e *Apodemus*, senão outros) podem ter sido prejudicados.

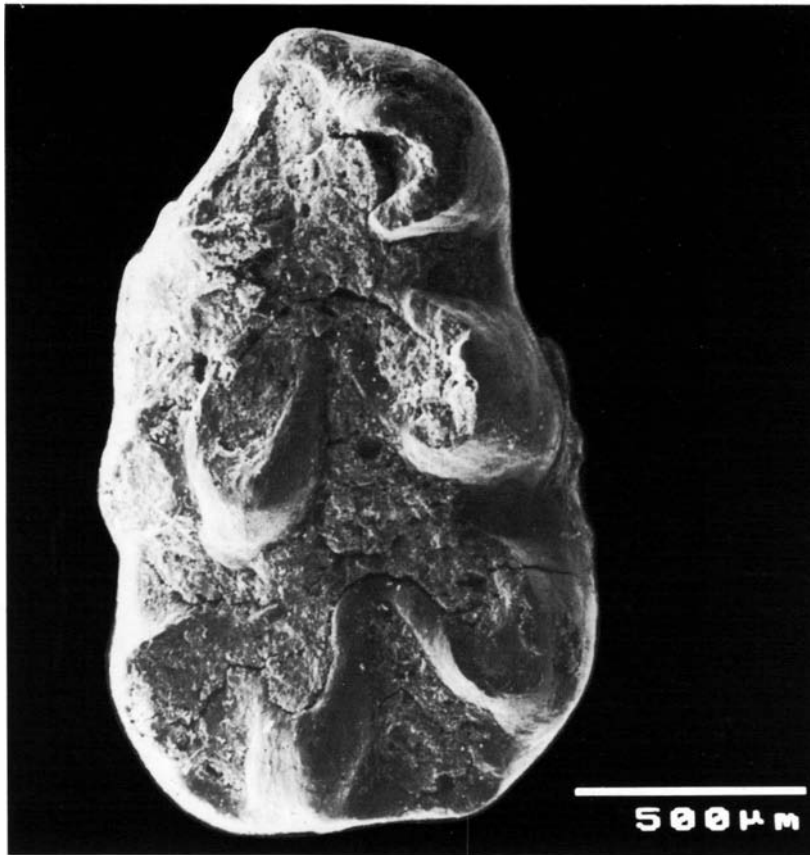


Fig. 12 – *Apodemus sylvaticus*. M/1 esquerdo. Foto de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento da FCT/UNL (Centro de Estudos Geológicos).

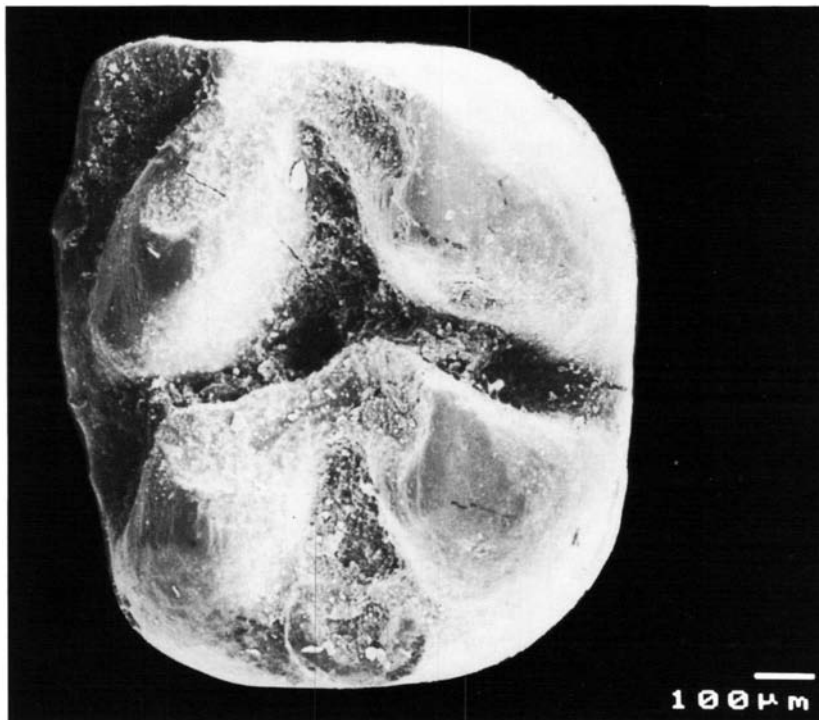


Fig. 13 – *Apodemus sylvaticus*. M/2 esquerdo. Foto de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento da FCT/UNL (Centro de Estudos Geológicos).

3 - CONCLUSÕES

No estado actual dos conhecimentos e sem embargo das reservas expressas, o estudo de restos de pequenos mamíferos encontrados no povoado pré-histórico de Leceia conduziu às seguintes conclusões.

1 - Todas as espécies de pequenos mamíferos reconhecidas em Leceia vivem em Portugal e, em particular, na região em causa; a única possível excepção será, talvez, a de *Arvicola*, dadas a degradação e poluição da ribeira próxima.

2 - Pela relativa frequência de *Apodemus* e de *Mus spretus*, predominavam meios secos nos arredores; constitui contra-prova a ocorrência mínima de *Arvicola*, colhida possivelmente junto da (ou na) ribeira. Querendo recorrer (o que é discutível) a um argumento por ausência, a de *Galemys* vai no mesmo sentido.

3 - A intervenção humana, mediante caça ou recollecção, apenas poderá ter-se verificado no caso do coelho.

4 - A preponderância de *Mus*, sobretudo em relação a *Apodemus*, pode estar relacionada com meio “urbano”.

5 - Parece haver diferença de composição entre a amostra “lado interno de GG - C3”, mais “rica” de *Pitymys* e pobre de *Mus*, por um lado, e o conjunto de “LC/89 - C3 Lareira ZZ1” e “LC/92 EX 1 - C3”; aquela, pode significar, hipoteticamente, espaço exterior às habitações, enquanto o conjunto poderia, talvez, indicar o contrário. Note-se o carácter provisório desta interpretação que, no entanto, é perfeitamente compatível com as observações arqueológicas, consequência de acumulação natural desodimentos do lado interno de uma muralha, compatível com o abandono, ainda que temporária, do povoado.

6 - Para as mesmas amostras citadas em 5, o mais amplo espectro de espécies (6 *vs.* 4 e outras 4, respectivamente) sugere, apesar do mais baixo número de peças, condições mais variadas e influência humana menos intensa.

7 - A fauna de pequenos mamíferos revelada nos depósitos do Calcolítico inicial de Leceia é basicamente a mesma do castro do Zambujal, apenas com diferenças menores, reais ou aparentes: proporções (quantitativas) de *Eliomys* e, talvez, quanto aos *Pitymys* e *Mus*.

BIBLIOGRAFIA

AMANI, F. & GERAADS, D. (1993) - Le gisement moustérien du Djebel Irhoud, Maroc: précisions sur la faune et la biochronologie, et description d'un nouveau reste humain. *C. R. Acad. Sci. Paris*, t. 316, Série II, p. 847-852.

CARDOSO, J. L. (1993) - Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (número especial), 164 p.

CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1996) - Contribution d'une série de datations 14C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux (1995), Supplément à la Revue d'Archéométrie (1996)*, p. 45-50.

GAMA, M. M. (1957) - Mamíferos de Portugal (chaves para a sua determinação). *Memórias e Estudos*, Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, 246. 246 + 1 p.

MADUREIRA, M. L. & MAGALHÃES, C. P. (1980) - Small mammals of Portugal. *Arq. Mus. Bocage* (2ª. série), 7 (13), p. 179-214.

MADUREIRA, M. L. & RAMALHINHO, M. G. (1981) - Notas sobre a distribuição, diagnose e ecologia dos Insectívoros e Rodentia portugueses. *Arq. Mus. Bocage*, série A, nº. 10, p. 165-263.

MAGALHÃES, C. P. & TRINDADE, A. R. S. (1987) - *Iniciação ao estudo dos micromamíferos*. Parque Nacional da Peneda-Gerês. 31 p. Braga.

SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Cacolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.

STORCH, G. & UERPMANN, H.-P. (1976) - Die Kleinsäugerknochen vom Castro do Zambujal. *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 5, p.130-138. Institut für Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin der Universität München/Deutsches Archäologisches Institut/Abteilung Madrid. München.

TRINDADE, A.R.S. (1988) - *A fauna de mamíferos do Parque Natural da Arrábida/Contribuição para o seu conhecimento*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 52 p.

O MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DE TITUARIA, MOINHOS DA CASELA (MAFRA)⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾, Manuel Leitão, O. da Veiga Ferreira, C. T. North, J. Norton, J. Medeiros & P. Fialho de Sousa

1 - INTRODUÇÃO

O monumento pré-histórico da Tituaria, perto dos moinhos de Casela (Mafra), fica situado em pequena colina cerca de 1000 m a Noroeste da povoação de Póvoa da Galega e a Norte da chaminé vulcânica do Cabeço de Montachique (Fig. 1). O local onde se encontra implantado é, do ponto de vista geológico, constituído por arenitos do Kimmeridgiano, andar do Jurássico superior (Ja IV).

A identificação do monumento, ainda parcialmente enterrado no *tumulus*, que constituía pequeno montículo artificial, foi efectuada no decurso dos levantamentos geológicos da folha de Loures, na escala de 1/50000, por G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira. Na altura, da estrutura afloravam apenas duas fiadas concêntricas de ortóstatos, destinadas a suportar o *tumulus*, em discordância com a orientação geral das camadas geológicas, no local com a direcção de Este-Oeste. Tal circunstância levou à conclusão de que se tratava de estrutura pré-histórica, justificando a escavação sistemática, a qual se veio a realizar no Verão de 1978 sob a égide dos Serviços Geológicos de Portugal. Mais de quinze anos volvidos, o espólio recolhido permanecia por estudar; tal facto motivou a presente publicação, resultante do convite que M.L. e O.V.F. endereçaram ao primeiro signatário para que procedesse ao seu estudo, com base nos registos de campo coordenados por ambos, a quem coube a coordenação dos trabalhos de campo, em que participaram C.T.N., J.N., J.M. e P.F.S. Agradece-se ainda à Câmara Municipal de Mafra a cedência de operários durante os trabalhos de campo.

2 - TRABALHOS REALIZADOS

A escavação decorreu de 31 de Julho a 10 de Agosto de 1978, num total de dez dias úteis, no decurso dos quais foi posto a descoberto um monumento do tipo *tholos*, encontrando-se bem conservada a respectiva estrutura, cuja planta esquemática, até ao presente, era o único elemento publicado, a par de esboços de algumas das peças exumadas (FERREIRA & LEITÃO, s/d), além de uma conta que, pelas suas notáveis características, justificou prévia divulgação (CARDOSO *et al.*, 1987).

⁽¹⁾ Texto e coordenação de J.L.C., com base em registos de campo de M.L. A informação astronómica é de P.F.S.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.



Fig. 1 – Localização do *tholos* da Tituaria na Península Ibérica (em cima) e na Carta Militar na escala de 1/25000, folha 403 (cada lado da quadrícula mede 1 Km).

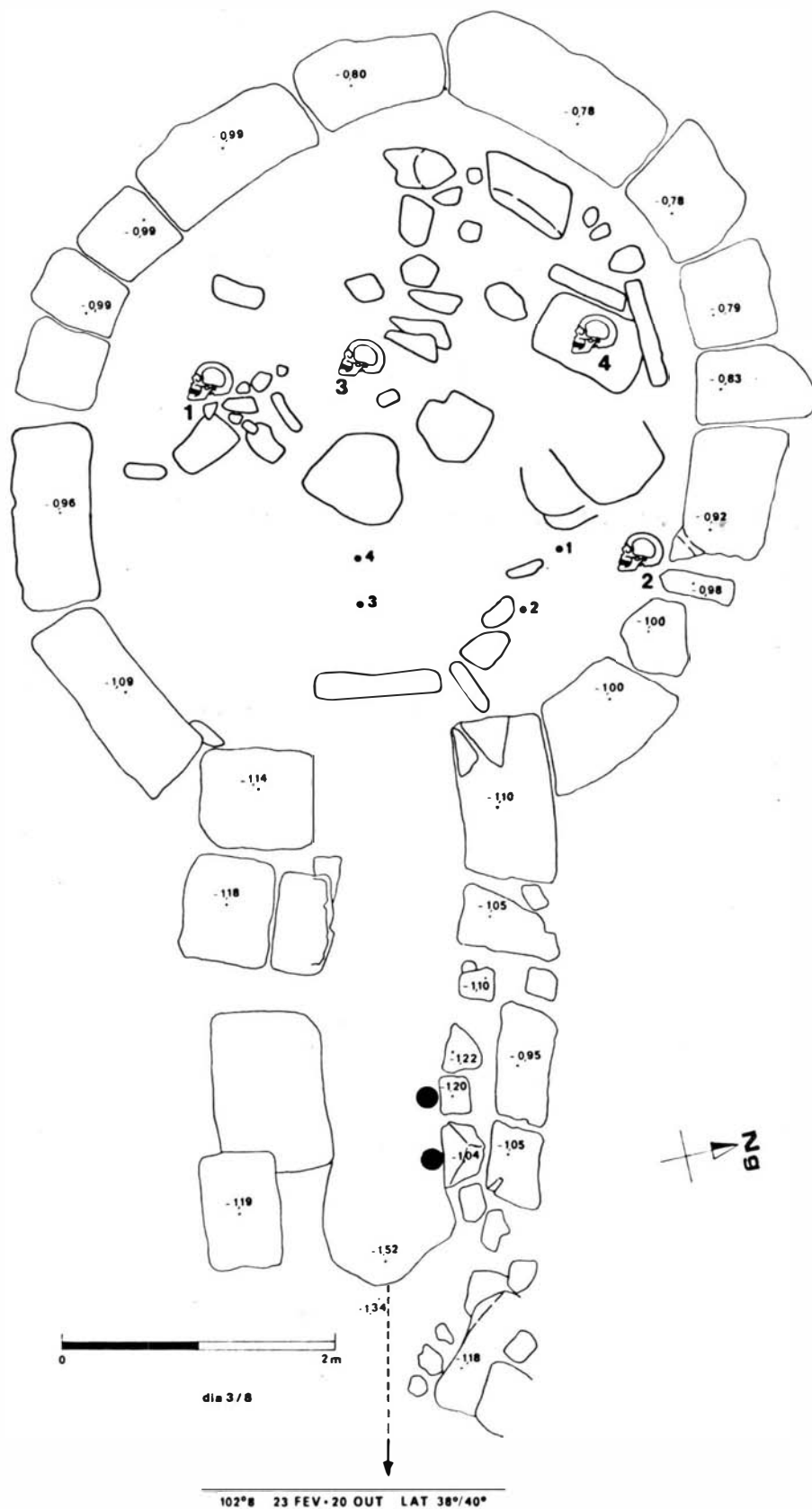


Fig. 2 – *Tholos* da Tituaria (1978). Planta da área escavada no fim do 4.º dia de trabalho (3/8/78), na zona da câmara do monumento, com quatro conjuntos osteológicos identificados e a localização de materiais exumados. Nível superior, correspondente às tumulações campaniformes. Os círculos negros indicam os dois ortóstatos do corredor com “covichas”.

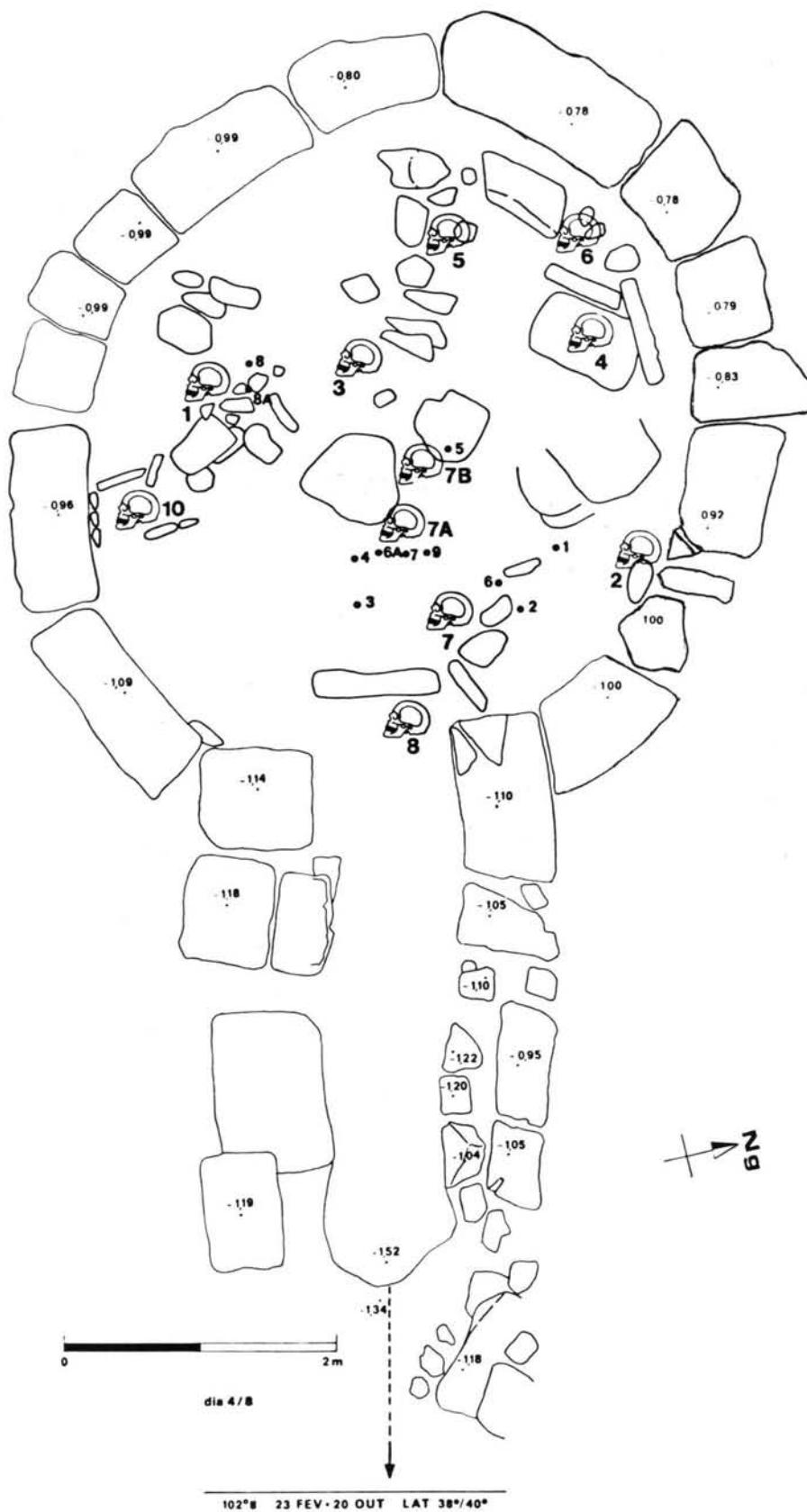


Fig. 3 – *Tholos* da Tituaría (1978). Planta da área escavada na câmara do monumento ao fim do 5.º dia de trabalho (4/8/78), com o aumento de 4 para 10 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesse dia (5 em diante). Nível superior, correspondente às tumulações campaniformes.

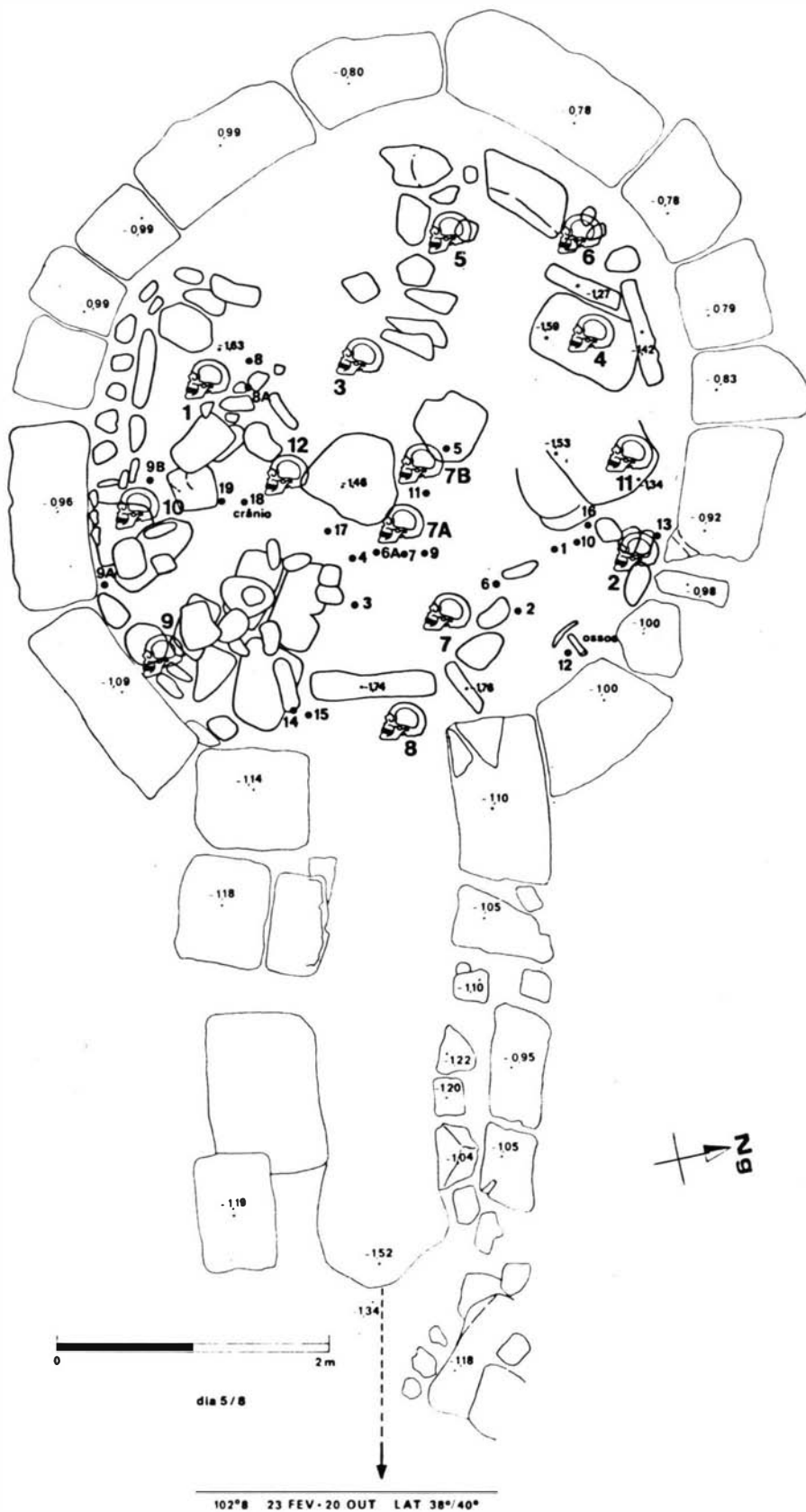


Fig. 4 – *Tholos* da Titularia (1978). Planta da área escavada na câmara do monumento ao fim do 6.º dia de trabalho (5/8/78), com o aumento de 10 para 12 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesse dia (10 em diante). Nível superior, correspondente às tumulações campaniformes.

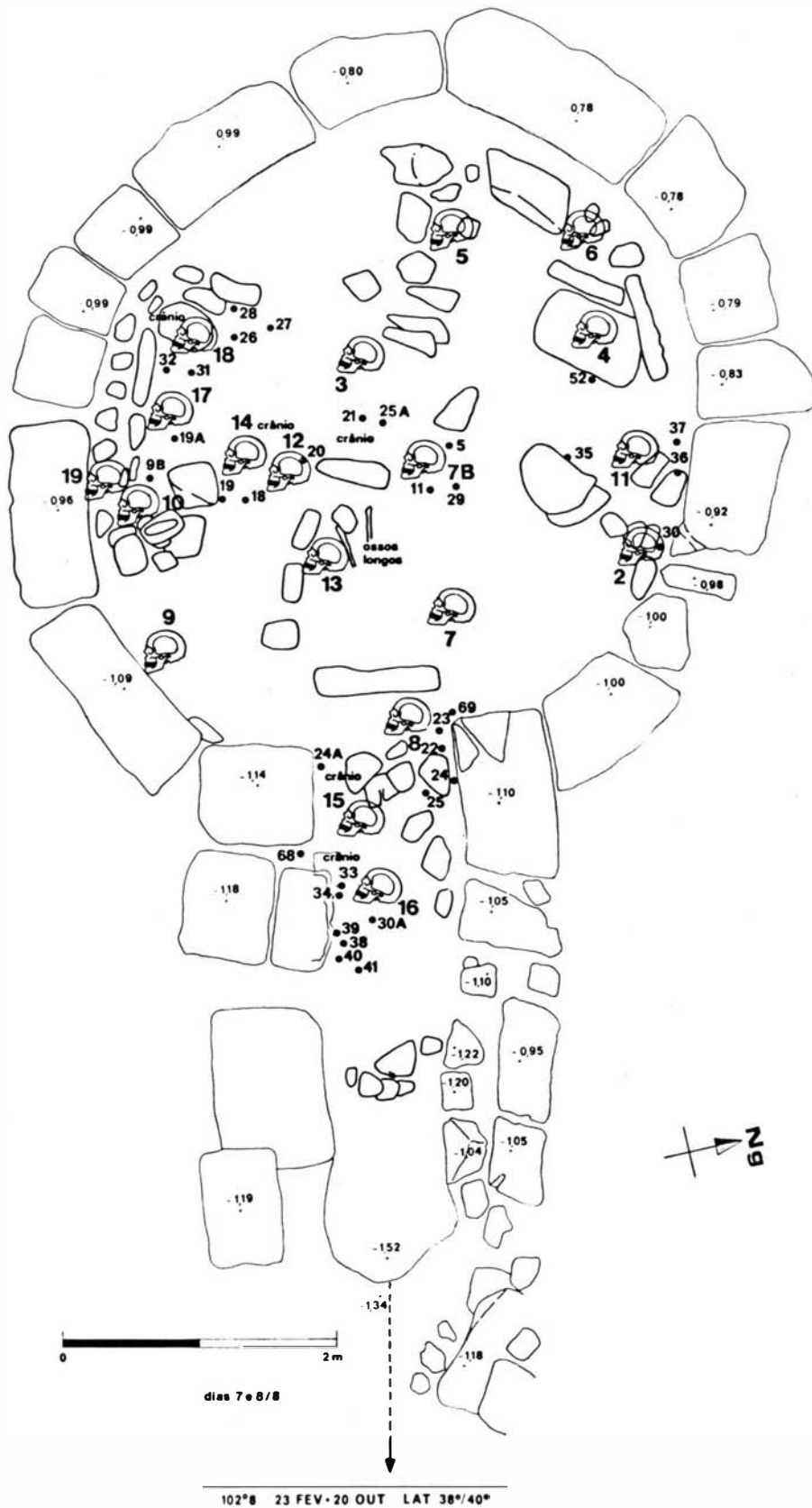


Fig. 5 – *Tholos* da Tituria (1978). Planta da área escavada na câmara do monumento e início da escavação do corredor, nos 7.º e 8.º dias de trabalho (7 e 8/8/78), com o aumento de 12 para 19 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesses dois dias (20 em diante). Nível superior e intermédio (do lado sul da câmara, correspondente aos conjuntos 10, 17, 18 e 19), ambos integrando tumulações campaniformes.

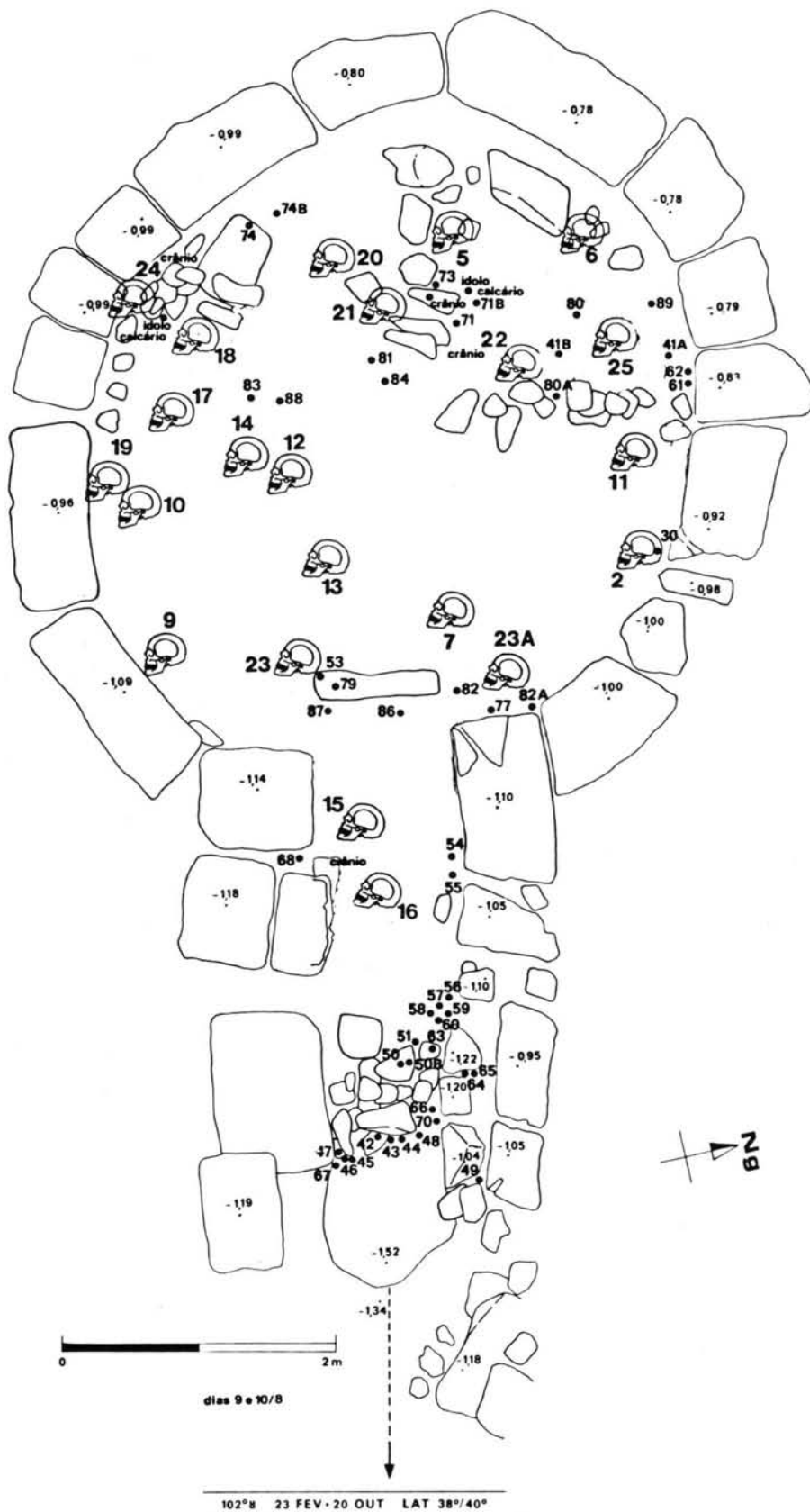


Fig. 6 – *Tholos* da Tituaria (1978). Planta da área escavada na câmara e corredor do monumento, nos 9.º e 10.º dias de trabalho (9 e 10/8/78), com o aumento de 19 para 25 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesses dois dias (41A em diante). Nível inferior da câmara, correspondente às tumulações pré-campaniformes e superior no corredor, cuja escavação foi então terminada, correspondente à ocupação campaniforme do monumento.

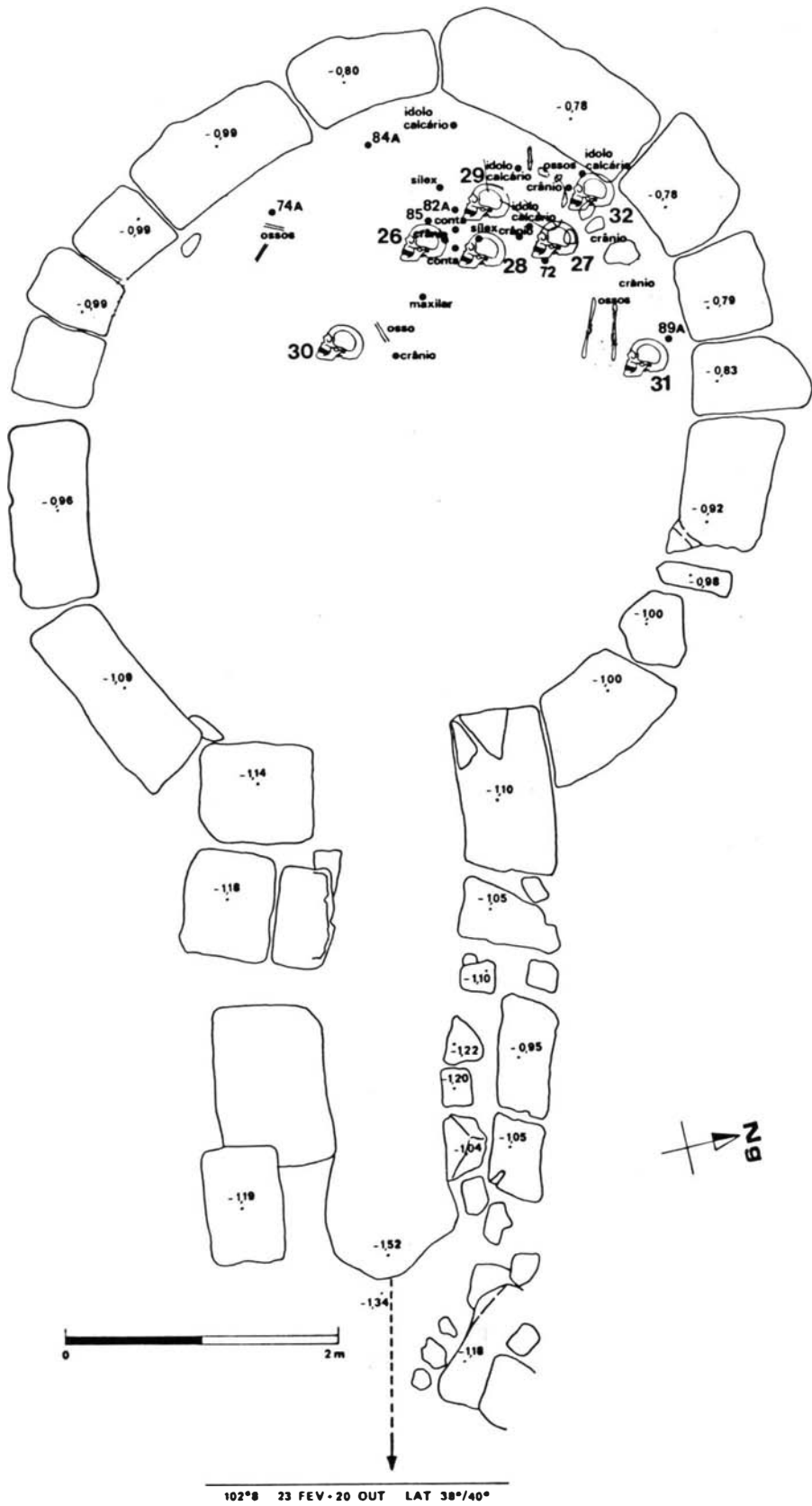


Fig. 7 – *Tholos* da Tituaría (1978). Materiais exumados no fundo da câmara do monumento e no seu nível inferior, correspondendo à parte subjacente do conjunto representado na Fig. anterior. Tal concentração resulta da remoção das posições primitivas das peças do espólio, em consequência da violação da câmara do monumento em época anterior à instalação da necrópole campaniforme.



Fig. 8 – *Tholos* da Tituaría (1978). Elementos que participaram ou visitaram os trabalhos. Da esquerda para a direita: em baixo - P. Fialho de Sousa, J. Medeiros, M. Leitão e C. T. North; em cima - O. da Veiga Ferreira, C. Penalva, J. Norton, J. L. Cardoso e G. Zbyszewski.



Fig. 9 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vista geral de escavação, no início dos trabalhos. Foto de J. Medeiros.

Relatório diário da progressão dos trabalhos e dos materiais encontrados

31/7 - limpeza da superfície da mamoa;

1/8 - investigação do quadrante noroeste do monumento, evidenciando-se coroa de blocos, correspondente a anel de sustentação externo do montículo artificial;

2/8 - aprofundamento da câmara do monumento. Identificação de quatro conjuntos de lajes estruturadas: **H 1; H 2; H 3; H 4** (Fig. 17);

3/8 - no quadrante nordeste do monumento recolheram-se os seguintes materiais (ver Figs. 2 e 3):

nº. 1 - fragmento de vaso liso (**com H 2**)

nº. 2 - grande taça lisa completa (Fig. 45, nº. 5)

nº. 3 - fragmento de taça tipo lisa

nº. 4 - esférico com espiral incisa (Fig. 57, nº. 1)

Com **H 4** relacionou-se fragmento de pequeno esférico liso, sem nº. de inventário (Fig. 49, nº. 6) e um outro, de maiores dimensões, globular (Fig. 50, nº. 4) além de pequena taça lisa (Fig. 51, nº. 2);

4/8 - no quadrante noroeste, junto da parede da câmara, identificaram-se duas sepulturas estruturadas (Fig. 3):

H 5 e H 6;

na zona central, três conjuntos mortuários mal definidos:

H 7; H 7A; H 7B;

e no lado oriental, junto da entrada do corredor:

H 8. Em relação com este conjunto, um pequeno fragmento esférico liso, sem número de inventário (Fig. 49, nº. 3).

Os materiais foram recolhidos nos locais indicados na Fig. 3:

nº. 5 - fragmento de taça lisa;

nº. 6 - grande taça lisa;

nº. 6A - taça lisa incompleta, relacionada com **H 7A;**

nº. 7 - grande taça tipo Palmela, com decoração incisa de cervídeos (Fig. 56, nº. 3; Fig. 58);

nº. 8 - fragmento de bordo de pequena taça tipo Palmela com decoração pontilhada (Fig. 60, nº. 3, relacionada com **H 1;**

nº. 8A - três fragmentos de chapa de ouro de possível diadema, com decoração repuxada a pontilhado (Fig. 44, nº. 8), relacionados com **H 1;**

nº. 9 - fragmento de taça lisa, relacionada com **H 7A;**

5/8 - fecha-se o circuito da câmara com a escavação do quadrante de sudeste e parte do de sudoeste; identificaram-se os seguintes conjuntos osteológicos (Fig. 4):

H 9, junto à parede da câmara (Fig. 19 e 20); em relação com esta tumulação, pequena taça lisa incompleta (Fig. 47, nº. 3) e dois fragmentos de esféricos lisos (Fig. 49, nº. 4; Fig. 49, nº. 7), ambos sem número de inventário;

H 10, também encostado à parede da câmara, com alguns ossos de criança, uma placa plana e um pequeno cilindro de calcário (Fig. 42, nº. 1);

nº. 9A - pequena placa lisa, e plana, muito erodida (Fig. 41, nº. 2);

nº. 9B - pequeno cilindro de calcário (Fig. 42, nº. 1);

H 11, no lado oposto de **H 10**, junto à parede nordeste da câmara; deste nível provêm os seguintes objectos (Fig. 4 e 5):

nº. 10 - pequena taça lisa (Fig. 47, nº. 4);

nº. 11 - fragmentos de três pequenas taças lisas, entre **H 7A** e **H 7B** (Fig. 47, nº. 5; Fig. 51, nº. 1 e Fig. 52, nº. 3) e de dois pequenos esféricos lisos (Fig. 52, nº. 4 e 5), todos desprovidos de nº. de inventário;

nº. 13 - fragmentos de pequeno esférico liso (Fig. 49, nº. 8) e de pequena taça lisa, junto de **H 2** (Fig. 47, nº. 2);



Fig. 10 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista da entrada do corredor, em fase intermédia da respectiva escavação. Observam-se os numerosos blocos lagiformes, nalguns casos imbricados, resultantes de derrubes da respectiva cobertura, e ainda três “fossettes” em ortóstato do lado direito da entrada no corredor. Foto de M. Leitão.



Fig. 11 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista da entrada do corredor, depois da completa a sua escavação. Observe-se, em último plano, a grande lage tombada para o interior da câmara, servindo primitivamente de padieira à porta da entrada na câmara. Observem-se ainda as “fossettes” do ortóstato assinaladas na legenda da Fig. 10. Foto de M. Leitão.

- nº. 14 - vaso "internacional" (Fig. 57, nº. 3), com fragmento de pequena taça lisa (Fig. 47, nº. 1) no interior (nº. 15); relacionado com **H 8**;
- nº. 15 - pequena taça lisa, no interior do vaso nº. 14;
- nº. 16 - fundo de grande taça tipo Palmela, com decoração em forma de estrela, a pontilhado, em torno do "omphalus" (Fig. 55, nº. 2); relacionada com **H 2**;
- nº. 17 - placa de calcário plana, de contorno curvilíneo e decorada (Fig. 41, nº. 3), relacionada com **H 12**;
- nº. 18 - fragmento de taça de cerâmica negra, relacionada com **H 14** (Fig. 5);
- nº. 19 - fragmentos do mesmo vaso do nº. 18, também relacionadas com **H 14** (Fig. 5);
- 7/8 e 8/8 - continuou-se a exploração da zona a Sudeste do centro da câmara, tendo-se identificado os seguintes conjuntos (Fig. 5):
- H 13**, com ossos longos conservados;
- H 14**, com restos de ossos cranianos;
- Concluiu-se a exploração da zona norte, correspondente a **H 11**:
- Iniciou-se a exploração do corredor, a partir da câmara do monumento. Os ortóstatos que o definiam encontravam-se a cotas inferiores, razão pela qual esta parte do monumento foi a última a ser identificada e escavada. Ali se reconheceram os seguintes conjuntos osteológicos, à entrada do corredor:
- H 15** e **H 16**, ambos integrando fragmentos cranianos.
- Aprofundou-se a escavação na zona de **H 14**, atingindo-se camada subjacente, terrosa, separando o conjunto superior, com tumulações campaniformes e numerosos blocos caídos da falsa cúpula, do conjunto inferior, pré-campaniforme. Os conjuntos osteológicos **H 10** (já referido) e **H 17**, **H 18** e **H 19** foram encontrados nesta camada, sendo já de época campaniforme. Os materiais encontrados nestes diferentes contextos foram os seguintes (Fig. 5):
- nº. 19A - placa de contorno sub-trapezoidal incurvada (Fig. 41, nº. 59); relacionada com **H 17**;
- nº. 20 - taça lisa, de cerâmica anegrada, com "omphalus"; relacionada com **H 12**;
- nº. 21 - fragmento de esférico;
- nº. 22 - fragmento de esférico; relacionado com **H 15** (Fig. 52, nº. 1);
- nº. 23 - fragmento de grande recipiente em forma de saco, decorado por conjunto de impressões espatuladas (Fig. 60, nº. 13);
- nº. 24 - fragmento de taça lisa; relacionada com **H 15**;
- nº. 24A - fragmento de esférico liso; relacionado com **H 15**;
- nº. 25 - fragmento de esférico liso; relacionado com **H 15**;
- nº. 26 - fundo liso de vaso campaniforme; relacionado com **H 18** (Fig. 48, nº. 5);
- nº. 27 - fragmento de taça lisa; relacionada com **H 18**;
- nº. 28 e 29 - *idem*; relacionadas com **H 18**;
- nº. 30 - fragmento de taça de paredes espessas, com falta do fundo (Fig. 45, nº. 3);
- nº. 30A - fragmento de taça lisa; relacionada com **H 16**;
- nº. 31 - taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 57, nº. 2);
- nº. 31A - ponta de seta de cobre tipo Palmela (Fig. 28; Fig. 44, nº. 13);
- nº. 32 - fragmento de esférico; relacionado com **H 17**;
- nº. 33 e 34 - fragmentos de taças lisas; relacionadas com **H 16**;
- nº. 35 - fragmento de esférico; relacionado com **H 11**;
- nº. 36 - fragmento de vaso "marítimo" com decoração a pontilhado (Fig. 56, nº. 2); relacionado com **H 11**;
- nº. 37 - taça tipo Palmela, com decoração a ponteadado (Fig. 59, nº. 1); relacionada com **H 11**;
- nº. 38 - caçoila de ombro, de pequenas dimensões com decoração a pontilhado (Fig. 55, nº. 19); relacionada com **H 16**;
- nº. 39 e 40 - vasos lisos, junto do nº. 38; relacionados com **H 16**;
- 39A - fragmento de placa de xisto (Fig. 41, nº. 1);
- nº. 41 - pequena taça em calote, com decoração a pontilhado campaniforme; relacionada com **H 16** (Fig. 13, nº. 7);

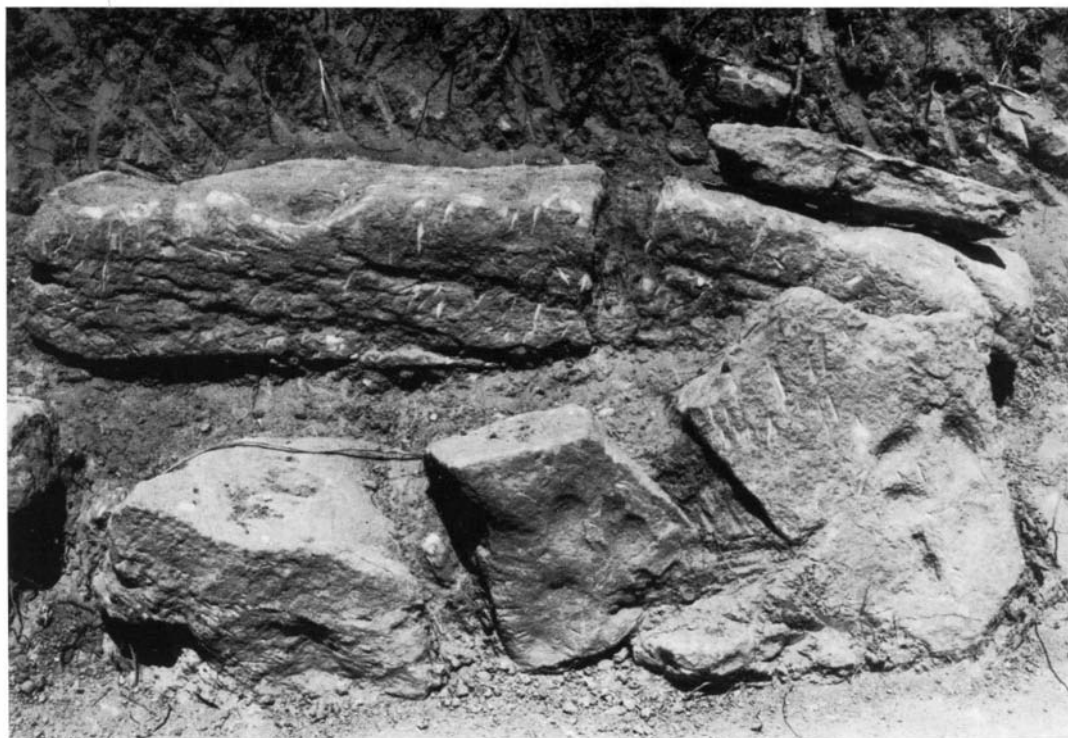


Fig. 12 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial da parte proximal da parede norte do corredor, observando-se dois (actualmente dois, mas provavelmente na origem apenas um, fracturado por causas naturais) ortóstatos com depressões circulares (“fossettes”). Foto de M. Leitão.



Fig. 13 – *Tholos* da Tituaria (1978). Outro aspecto dos dois ortóstatos com “fossettes” (ver Fig. anteriores). Foto de M. Leitão.

9/8 e 10/8 - foi aprofundada a escavação na câmara e prosseguiu a do corredor, em direcção da entrada. Na câmara, surgiram os seguintes materiais e conjuntos osteológicos (Fig. 6):

H 20, a Oeste do centro da câmara;

H 21, em local adjacente a **H 20**;

H 22, a Norte dos dois anteriores, perto do centro, com fragmento de taça tipo Estoril e uma lâmina ovóide de retoque cobridor:

n.º **41A** - fragmento de taça tipo Estoril com decoração a pontilhado (Fig. 60, n.º 8);

n.º **41B** - lâmina ovóide de retoque cobridor (Fig. 40, n.º 10);

Com **H 21** poderão relacionar-se os seguintes objectos (Fig. 6):

n.º **71** - pequeno fragmento de taça de lábio convexo espessado (Fig. 50, n.º 80), associado a fragmento de taça lisa, com ténue canelura sob o bordo (Fig. 48, n.º 10);

n.º **71A** - lâmina muito estreita de sílex cinzento (Fig. 39, n.º 1);

n.º **73A** - cilindro de calcário (Fig. 43, n.º 1);

n.º **73** - fragmento de vaso liso;

n.º **81** - alisador-brunidor, de arenito vermelho muito fino (Fig. 44, n.º 11);

n.º **84** - lâmina ovóide de sílex de retoque cobridor (Fig. 39, n.º 6);

A **H 20** reportam-se:

n.º **74** - fragmento de grande vaso liso, grosseiro;

n.º **74A** - conta discóide de calcite, com perfuração bicónica (Fig. 44, n.º 3);

Isolados no interior da câmara (Fig. 6):

n.º **83** - ponta de seta pedunculada de sílex, alterada, talvez pelo calor, na metade distal (Fig. 40, n.º 8), associada aos seguintes objectos:

n.º **88** - conta de tipo troiano, de mineral verde (Fig. 44, n.º 4), já publicada (CARDOSO *et al.*, 1987).

Por debaixo da extremidade sul da pedra caída transversalmente à entrada da câmara, identificou-se o conjunto osteológico (Fig. 6):

H 23, associado a fragmento de taça lisa, sem n.º de inventário (Fig. 51, n.º 6) e a esférico de pequenas dimensões:

n.º **53** - esférico de pequenas dimensões, parede espessa e com um conjunto de perfurações (de suspensão?) junto do bordo (Fig. 45, n.º 1);

Este recipiente jazia ao mesmo nível dos seguintes (Fig. 6):

n.º **79** (igualmente sob a pedra) - taça lisa de parede rugosa e porosa (Fig. 52, n.º 2);

n.º **86** - pequeno percutor ou isqueiro de sílex cinzento (Fig. 39, n.º 2);

n.º **87** - fragmento de esférico liso (Fig. 53, n.º 13);

Do lado direito da entrada da câmara, jazia o conjunto osteológico **H 23A**, o qual integrava os seguintes artefactos (Fig. 6):

n.º **69** - fragmento de taça lisa;

n.º **75** - grande taça lisa completa (Fig. 53, n.º 14);

n.º **76** - ponta de seta de sílex esbranquiçado de base côncava (Fig. 40, n.º 6);

n.º **78** - esférico liso incompleto, limitado à zona do bordo (Fig. 49, n.º 2);

n.º **82** - enxó votiva de calcário, fragmentada no cabo e muito erodida (Fig. 42, n.º 4);

n.º **82A** - provável esboço de lâmina ovóide de retoque cobridor, toscamente desbastada, de calcedónia amarelada translúcida (Fig. 39, n.º 4);

Encostado à parede da câmara, no seu quadrante sudeste, identificou-se o conjunto osteológico:

H 24, com o ídolo calcário (Fig. 6, n.º 32A), representado na Fig. 42, n.º 2;

No sector de Noroeste da câmara, sob **H 14** (ver Fig. 2), identificou-se o conjunto osteológico:

H 25, acompanhado de taça tipo Palmela completa:

n.º **52** - taça de tipo Palmela completa, decorada a pontilhado (Fig. 59, n.º 3), acompanhada de pequeno esférico liso, fragmentado, sem n.º de inventário (Fig. 51, n.º 3);

Junto à parede adjacente a **H 25** recolheu-se (Fig. 5):



Fig. 14 – *Tholos* da Tituaria (1978). Em primeiro plano, vista da parte proximal do corredor, aberto para ESE, depois de escavado. Observe-se o aspecto da paisagem envolvente, caracterizada por relevos suaves, de pequenas colinas. Foto de J. Norton.

n.º 41C - conta de mineral verde com perfuração bicónica (Fig. 44, n.º 1); a esta conta encontrava-se associada:
n.º 89 - lâmina incompleta com retoques marginais, de sílex (Fig. 40, n.º 1).

Ainda associados a H 25 encontravam-se os seguintes artefactos:

n.º 41D - recipiente de osso cilíndrico decorado com linhas incisadas formando losangos, preenchidos interiormente (Fig. 40, n.º 11);

n.º 80 - fragmento esférico liso, com falta do fundo (Fig. 45, n.º 4);

n.º 61 e 62 - fragmentos de duas taças lisas; jaziam encostadas à parede da câmara.

Com o prosseguimento da escavação no corredor, recolheram-se numerosos artefactos na zona da entrada, prolongando-se pela área escavada nos dias anteriores. A esta, pertencem dois fragmentos de esféricos n.º 54 e 55; à zona da entrada do corredor reportam-se os seguintes artefactos (Fig. 6):

n.º 42 - vaso campaniforme decorado a pontilhado (Fig. 56, n.º 4);

n.º 43 - fragmento de vaso campaniforme (Fig. 60, n.º 6);

n.º 44 - *idem* (Fig. 60, n.º 12);

n.º 45 - taça lisa, com taça 46 no interior (Fig. 24; Fig. 46, n.º 3);

n.º 46 - taça lisa, com taça 47 no interior (Fig. 24; Fig. 46, n.º 2);

n.º 47 - taça lisa, no interior das duas anteriores (Fig. 24; Fig. 46, n.º 1);

n.º 48 - vaso campaniforme inciso (Fig. 56, n.º 1);

n.º 49 - fragmento de taça lisa, à na entrada do corredor;

n.º 50 - fragmento de taça campaniforme incisa (Fig. 59, n.º 2);

n.º 50A - lâmina ovóide de retoque cobridor de sílex esbranquiçado (Fig. 37, n.º 7);

n.º 51 - fragmento de esférico liso (Fig. 49, n.º 5), associado a fragmento de taça de paredes sub-verticais, com ligeira depressão sob o bordo (Fig. 50, n.º 7);

n.º 54 - fragmento de taça de coloração avermelhada;

n.º 55 - fragmento de taça lisa;

n.º 56 a n.º 60 - fragmentos de cinco taças e vasos lisos;

n.º 63 a n.º 67 - fragmentos de cinco taças e vasos lisos;

n.º 68 - pequena taça lisa (Fig. 45, n.º 2);

n.º 70 - taça lisa, incompleta;

O fundo da câmara conservava espólio apenas no quadrante de Noroeste, o único que não sofreu com a violação do interior do monumento, ocorrida em época anterior à sua ocupação campaniforme. Os materiais exumados podem relacionar-se com seis tumulações efectuadas sobre o chão primitivo, H 26 a H 31 (Fig. 7):

n.º 72 - fragmento de esférico liso; relacionado com H 27 (Fig. 49, n.º 1);

n.º 84A - ponta de seta com pedúnculo robusto e barbelas laterais de sílex esbranquiçado (Fig. 40, n.º 7);

n.º 85 - lamela de quartzo hialino (Fig. 40, n.º 2);

n.º 86 - fragmento de lâmina de sílex esbranquiçado-rosado, com bordo denticulado e com brilho de utilização (Fig. 39, n.º 5);

n.º 89A - lâmina ovóide de retoque cobridor de sílex acinzentado (Fig. 39, n.º 9);

Foi neste sector da câmara, sobre o chão primitivo, que jazia a maior parte dos ídolos de calcário, associados a outros artefactos e a numerosos restos ósseos, porém em tal amálgama que não foi possível isolar tumulações (Fig. 30 a 38). Alguns ossos longos ainda se encontravam nas suas posições originais indicando, aparentemente, pelo menos em um caso, deposição em decúbito dorsal (Fig. 7):

n.º 90 - cilindro de calcário de pequenas dimensões (Fig. 30, n.º 8; Fig. 42, n.º 3);

n.º 91 - cilindro de calcário, estreito e alongado, muito erodido (Fig. 30, n.º 7; Fig. 42, n.º 5);

n.º 92 - cilindro de calcário, o maior dos recolhidos (Fig. 30, n.º 3; Fig. 31; Fig. 32, n.º 1; Fig. 33, n.º 3; Fig. 34, n.º 3; Fig. 35; Fig. 43, n.º 3);

n.º 93 - ídolo fusiforme de calcário, muito erodido (Fig. 30, n.º 5; Fig. 33, n.º 5; Fig. 34, n.º 5; Fig. 36; Fig. 43, n.º 5);

n.º 94 - conta de mineral verde, globulosa (Fig. 44, n.º 5);



Fig. 15 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vista da parte proximal do corredor, evidenciando-se dois pequenos ortóstatos colocados transversalmente, destinados a selar a entrada do monumento. Foto de M. Leitão.



Fig. 16 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vista do corredor do monumento. Em primeiro plano, observa-se a grande lage tombada para o interior da câmara, servindo de padieira da porta entre esta e o corredor (ver Fig. 11). Em segundo plano, os dois pequenos ortóstatos que selavam o corredor, separando-o do exterior (átrio) do monumento (ver Fig. anterior). Foto de M. Leitão.

- n.º 95 - pequena conta achatada de mineral verde, com perfuração cónica (Fig. 44, n.º 6);
- n.º 96 - pequeno cilindro de calcário, de tendência tronco-cónica (Fig. 30, n.º 6; Fig. 33, n.º 6; Fig. 43, n.º 2);
- n.º 97 - provável enxó votiva de calcário, muito erodida (Fig. 30, n.º 4; Fig. 33, n.º 4; Fig. 34, n.º 4; Fig. 41, n.º 4);
- n.º 98 - cilindro de calcário (Fig. 30, n.º 2; Fig. 33, n.º 2; Fig. 34, n.º 2; Fig. 35; Fig. 43, n.º 4);
- n.º 99 - punhal de sílex cinzento-esbranquiçado, parcialmente polido e ulteriormente lascado, a partir dos bordos, que são rectilíneos nos terços inferior e médio e convexos no superior. Cuidado trabalho de lascagem por pressão e percutor apoiado; finamente retocado junto dos bordos. A base possui dois chanfos laterais opostos, para encabamento. Jazia junto dos ídolos de calcário anteriormente descritos, sobre uma pequena lage colocada horizontalmente (Fig. 30, n.º 1; Fig. 33, n.º 1; Fig. 34, n.º 1; Fig. 35; Fig. 40, n.º 11);
- n.º 100 - núcleo de cristal de rocha de lamelas (Fig. 32, n.º 3; Fig. 39, n.º 3);
- n.º 101 - pequeno seixo achatado de quartzito (Fig. 32, n.º 2; Fig. 44, n.º 12).

3 - ARQUITECTURA DO MONUMENTO

O sepulcro colectivo da Titularia é constituído por três sectores principais, para além do *tumulus* muito erodido (Fig. 2 e 3):

- um átrio exterior, rudimentar e pouco evidente;

- um corredor (Fig. 14) provavelmente com cobertura em falsa cúpula, em forma de meia cana, como sugerem os blocos lagiformes tombados para o interior (Fig. 10), com cerca de 4,0 m de comprimento, separado do átrio por um rebaixamento do solo, e com a largura média de 0,90 m, orientado para Este-Sudeste. Possui esboço de estrangulamento da entrada. Esta encontrava-se fechada por duas pedras, colocadas verticalmente (Figs. 15 e 16), as quais teriam de ser removidas cada vez que se visitasse o interior do monumento.

Ainda na zona de entrada do corredor observaram-se, em ortóstato ulteriormente partido, diversas concavidades (“fossettes”) aparentemente intencionais, embora as geológicas de onde foi extraído bancadas, pudessem dar origem a depressões com aspecto idêntico.

Trata-se de dois conjuntos de “fossettes”, agrupados três a três, observáveis em esteio do lado setentrional da entrada do corredor, fracturado em dois (Figs. 10 a 13), o qual se encontra assinalado com dois círculos na Fig. 2. O significado destas “fossettes”, serem intencionais, não poderá dissociar-se da sua localização no monumento: situadas junto da entrada deste, poderiam enumerar a sucessão de cerimónias fúnebres ou outras, que ali tivessem tido lugar, em determinado intervalo de tempo. A sua presença em monumentos megalíticos é, aliás, bem conhecida, tanto na Beira Baixa (HENRIQUES *et al.*, 1993, Fig. 146) como no Alto Alentejo (GONÇALVES, 1992, Fot. 9) para só citar dois exemplos do território nacional:

- uma câmara aproximadamente circular, com os diâmetros máximo e mínimo de, respectivamente, 4,60 m e 4,40 m (Figs. 9 e 18), comunicando com o corredor através de uma porta baixa.

As paredes da câmara e do corredor da estrutura são constituídas por grandes blocos de arenito dispostos horizontalmente, de origem local (Figs. 21 e 22), como noutros monumentos congéneres: Pai Mogo (Lourinhã), Monge e S. Martinho (Sintra).

A orientação do monumento é a mais frequente em sepulcros colectivos neolíticos e calcolíticos, abrindo-se o corredor para nascente. Considerando os valores azimutais das coordenadas do nascer do Sol, verifica-se que, em 23 de Fevereiro e em 20 de Outubro de cada ano, o valor correspondente é o mesmo da orientação do corredor do monumento, 102,8. Desta forma, podemos admitir como provável que a construção do monumento ou, ao menos, a definição do seu traçado no terreno, tenha decorrido em um daqueles meses. Com efeito, verificou-se que os corredores dos monumentos dolménicos mais evoluídos de Reguengos de Monsaraz, coevos deste, se orientavam para nascente, enquanto os seus antecessores neolíticos evidenciavam maior variabilidade quanto à orientação (GONÇALVES, 1992).



Fig. 17 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vista parcial do nível superior. Ao centro, a sepultura campaniforme 4, estruturada com lajes caídas da cobertura da câmara, cuja parede se observa em primeiro plano. Foto de J. Norton.



Fig. 18 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vista da escavação do nível superior da câmara do monumento, antes de se ter localizado a posição do corredor, correspondente a tumulações campaniformes individualizadas com lajes reaproveitadas da falsa cúpula. Foto de J. Norton.

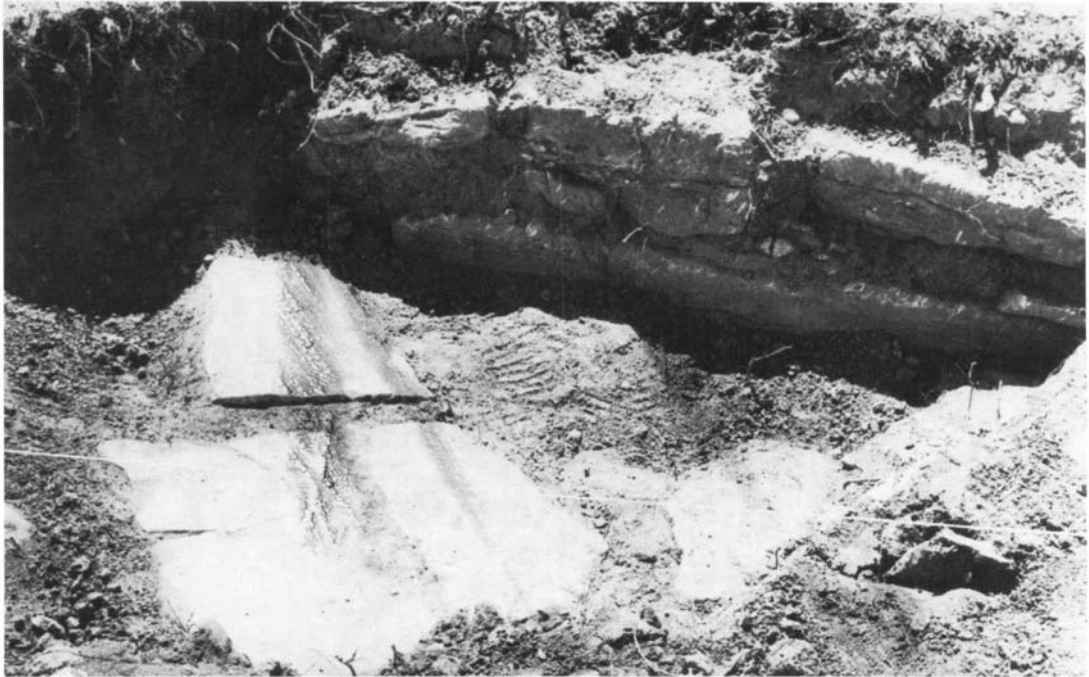


Fig. 19 – *Tholos* da Tituaría (1978). Aspecto parcial do nível superior, com grandes blocos caídos da falsa cúpula, reutilizados para estruturar as sepulturas individuais campaniformes. Em segundo plano, observa-se a parede da câmara do monumento. Foto de M. Leitão.



Fig. 20 – *Tholos* da Tituaría (1978). Outra vista do sector da Fig. anterior.



Fig. 21 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vista parcial do paramento interno da parede da câmara, constituído por blocos dispostos horizontalmente, ligeiramente ultrapassados para o interior, correspondendo a cobertura em falsa cúpula. Foto de M. Leitão.



Fig. 22 – *Tholos* da Tituaría (1978). Pormenor do paramento inteiro da parede da câmara, evidenciando-se o aparelho de grandes blocos, travados por outros de menores dimensões, assentes no substrato geológico. Foto de M. Leitão.

4 - FASES DE OCUPAÇÃO

Identificaram-se duas ocupações principais, com expressão cultural, bem diferenciadas, no decurso da escavação do interior do monumento. A mais antiga, desenvolveu-se sobre o solo primitivo da estrutura, tanto no corredor como na câmara. Era constituída por diferentes deposições, mal diferenciadas, às quais se associava numeroso espólio, avultando as peças votivas de calcário. Nalguns casos, tais deposições efectuaram-se encostadas à parede da câmara, com os corpos em posição encolhida (H 26 a 29). Algumas, foram atingidas aquando da derrocada da cúpula encontrando-se os restos ósseos dispersos e esmagados no interior da câmara. Tais factos provam que o colapso da cobertura se deu ainda com o interior não colmatado de terras. Observou-se, no nível mais antigo, uma área desprovida de espólio (Fig. 7), provavelmente devida a profanações. Há paralelos para tal situação no monumento 7 de Alcalar. Esta violação é anterior à ocupação campaniforme do monumento, como indica a disposição das sepulturas dessa época em todo o espaço interior da câmara (Figs. 2 a 5). É provável que a progressão na câmara dos profanadores tenha sido condicionada pela direcção da queda dos elementos da falsa cúpula, de Este para Oeste, anteriormente ocorrida. Observou-se um bloco caído para dentro da câmara, proveniente do fecho da cobertura do corredor. Prova disso é a existência de espólio sob o dito bloco (vasos lisos, nº. 15, 79 e 87).

A ocupação mais antiga encontrava-se separada da campaniforme por camada terrosa, embalando elementos da falsa cúpula, entretanto derruída. Nesta camada encontraram-se materiais campaniformes - uma das pontas de Palmela (Fig. 28 e Fig. 44, nº. 13) e diversos recipientes - para além de 4 conjuntos osteológicos (10, 17, 18, 19) que poderão corresponder a uma primeira presença campaniforme. Tais materiais concentravam-se do lado Oeste da câmara, junto à parede desta (Fig. 6).

A ocupação mais recente estava representada por sepulturas campaniformes individuais e estruturadas de inumação, constituídas por lages, recuperadas dos derrubes da cúpla, correspondendo a recintos bem definidos (Fig. 2 a 5, e 17 a 20), sendo os cadáveres, por sua vez, em geral cobertos com lages. A época destas sepulturas, concentradas na câmara do monumento, encontra-se bem comprovada pelos materiais campaniformes associados.

Sepulturas individuais campaniformes, aproveitando recintos funerários mais antigos, foram expressivamente registadas na gruta natural de Verdelha dos Ruiços, Vialonga (LEITÃO *et al.*, 1984, p. 224) e no dolmen de Pedra Branca, Montum (FERREIRA *et al.*, 1975). Ainda que esteja não comprovada a existência de sepulturas estruturadas campaniformes, boa parte dos sepulcros colectivos da baixa península de Lisboa e da de Setúbal, foram reutilizados em tal época. Nalguns casos, tratando-se de explorações antigas, a falta de sepulturas estruturadas campaniformes individuais, no interior de recintos funerários mais antigos, poderá ser mais aparente do que real; noutros, os enterramentos campaniformes foram individualizados pelas respectivas associações artefactuais: o caso mais interessante é o conjunto de botões encontrados na gruta I de S. Pedro do Estoril, fazendo, sem dúvida, parte da indumentária do morto (LEISNER *et al.*, 1964, Est. C).

As sepulturas do nível superior distribuem-se uniformemente pela câmara; por todo o corredor, porém, também se encontraram abundantes cerâmicas campaniformes, a elas pertencentes (Fig. 23, 24, 25).

Em conclusão, pode afirmar-se que o monumento terá, na sua fase mais antiga, recebido deposições funerárias apenas na câmara, enquanto que, no decurso da ocupação campaniforme, as deposições colectivas foram substituídas por sepulturas individuais estruturadas, que ocuparam, primeiro, toda a superfície da câmara e, depois, se espalharam pelo corredor.

5 - ESPÓLIO

A intensa erosão, por certo responsável pelo quase desaparecimento do *tumulus*, esteve na origem do importante rebaixamento da superfície primitiva do terreno, no interior do recinto funerário, após o abatimento da cobertura da falsa cúpula. Tal facto terá induzido importantes alterações na posição relativa dos artefactos, difíceis de avaliar,



Fig. 23 – *Tholos* da Tituaria (1978). Grande taça de tipo Palmela, associada ao conjunto osteológico H 25 (ver Fig. 6, n.º. 52 e Fig. 59, n.º. 3). Foto de M. Leitão.



Fig. 24 – *Tholos* da Tituaria (Mafra). Conjunto de três taças lisas, umas dentro das outras (Fig. 46, n.ºs 1, 2 e 3), recolhidas à entrada do corredor (Fig. 6, n.ºs 45, 46 e 47). Foto de M. Leitão.

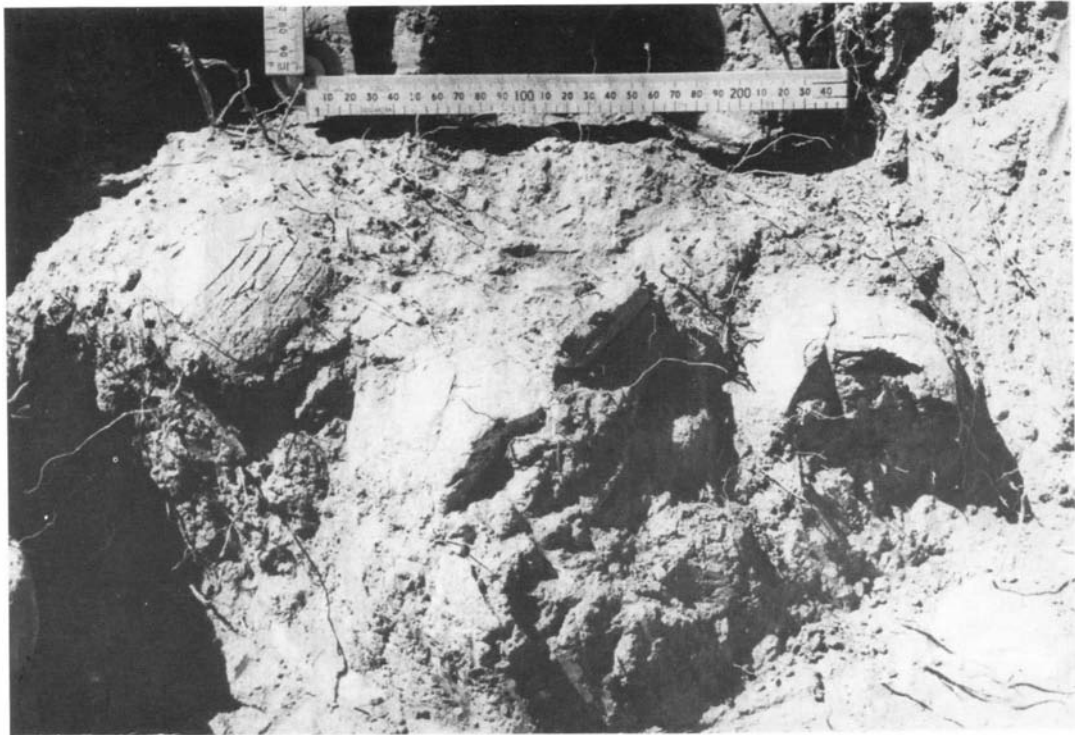


Fig. 25 – *Tholos* da Tituaría (1978). Cerâmicas lisas e decoradas do nível superior. À esquerda, taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 57, nº. 2 e Fig. 5, nº. 31). Foto de M. Leitão.

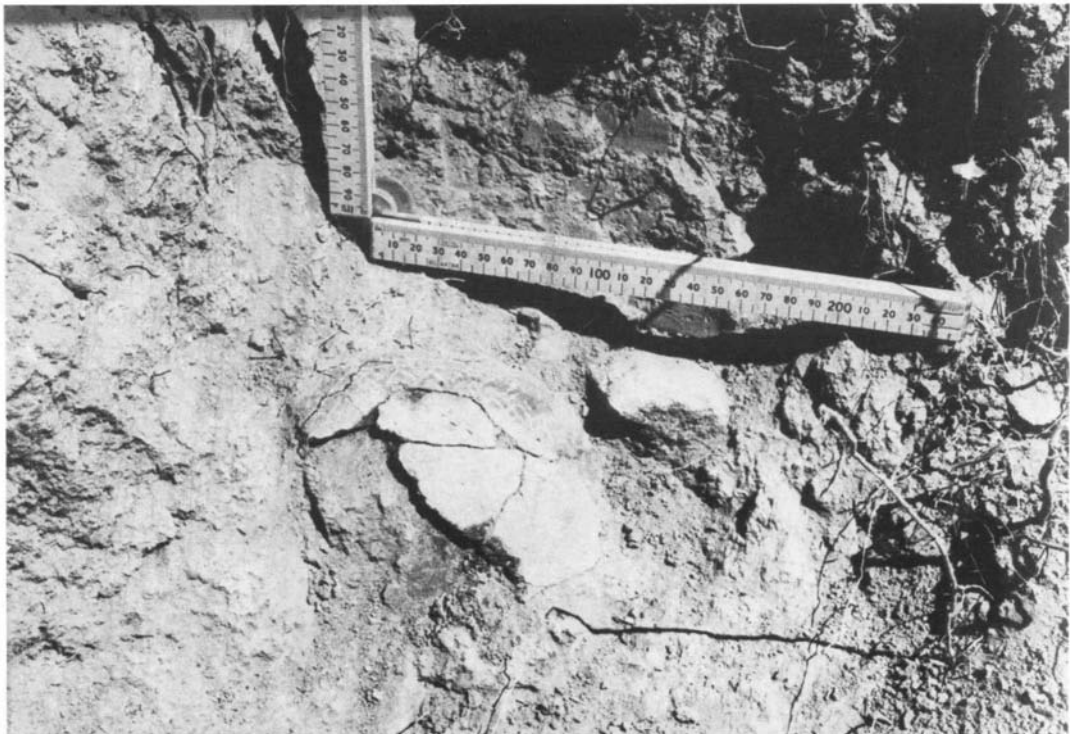


Fig. 26 – *Tholos* da Tituaría (1978). Taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 59, nº. 1), recolhida junto à parede da câmara do monumento (Fig. 5, nº. 37). Foto de M. Leitão.



Fig. 27 – *Tholos* da Tituaría (1978). Vaso campaniforme com decoração linear pontilhada (Fig. 57, nº. 3), recolhido à entrada da câmara, no nível superior do enchimento desta (Fig. 4, nº. 14), associado a H 8. Foto de M. Leitão.

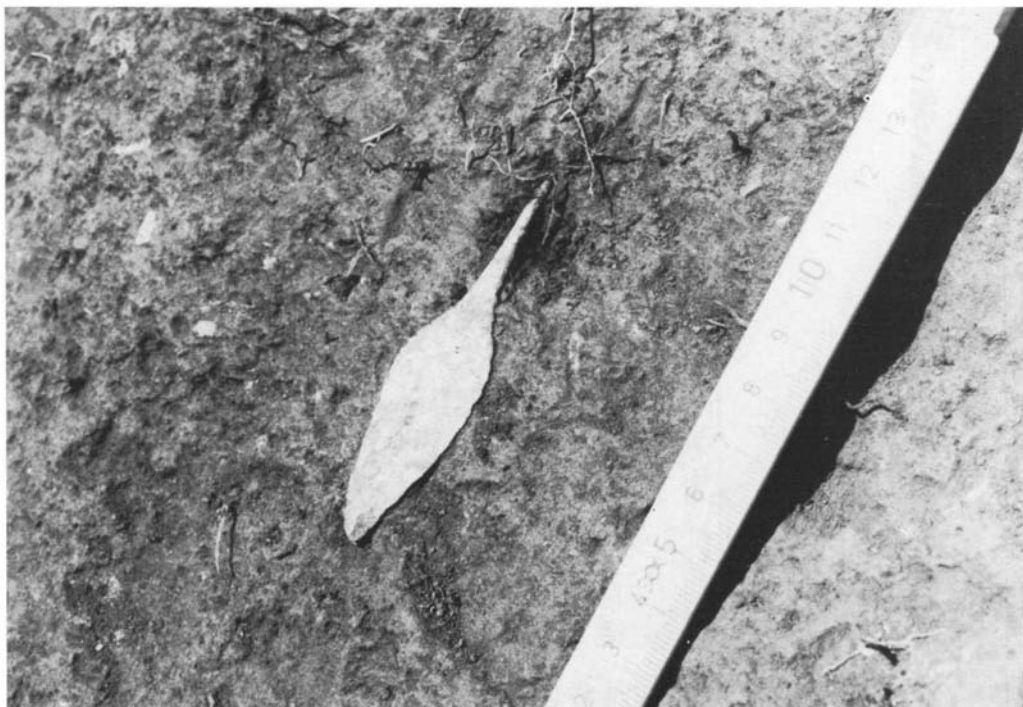


Fig. 28 – *Tholos* da Tituaría (1978). Ponta da seta de tipo Palmela (Fig. 44, nº. 13), recolhida em camada terrosa que separava o nível superior, com enterramentos individuais campaniformes, do inferior (Fig. 6, nº. 31A). Foto de M. Leitão.



Fig. 29 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista geral do monumento tomada ao longo do lixo do corredor, após a escavação. O asterisco assinala a zona onde se encontrou a concentração de artefactos de calcário, no nível inferior (ver Figs. 7 e 30 a 36). Foto de J. Medeiros.



Fig. 30 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial do quadrante NE da câmara do monumento (nível inferior), onde se dispersavam numerosos ideoartefactos de calcário. 1 - punhal de sílex (Figs. 7, nº. 99 e 40, nº. 11); 2, 3, 6 a 8 - cilindros de calcário (Figs. 7, nº. 98 e 43, nº. 4; 7, nº. 92 e 43, nº. 3; 7, nº. 96 e 43, nº. 2; 7, nº. 91 e 42, nº. 5; 7, nº. 90 e 42, nº. 3); 9 - ídolo fusiforme de calcário (Figs. 7, nº. 93; Fig. 36; Fig. 43, nº. 5). Foto de J. Norton.



Fig. 31 – *Tholos* da Tituaria (1978). Cilindro de calcário (Figs. 30, nº. 3 e 43, nº. 3); nas imediações, três fragmentos de ossos longos. Foto de J. Medeiros.



Fig. 32 – *Tholos* da Tituaria (1978). conjunto de artefactos. O cilindro de calcário (nº. 1) é o mesmo do representado nas Figs. 30, nº. 3, 31 e 43, nº. 3; 2 - Seixo rolado de quartzito, desprovido de afeiçãoamento (Figs. 7, nº. 101 e 44, nº. 12); 3 - Núcleo de lâminas de cristal de rocha (Figs. 7, nº. 100 e 39, nº. 3). Do lado direito, observa-se fragmento de osso longo. Foto de J. Medeiros.



Fig. 33 – *Tholos* da Titularia (1978). Vista parcial da concentração de ideoartefactos de calcário no nível inferior do quadrante NE da câmara do monumento. Mesma numeração da Fig. 30. Foto de M. Leitão.



Fig. 34 – *Tholos* da Titularia (1978). Outra vista da zona NE da câmara do monumento, cujo nível inferior continha os materiais visíveis. Mesma numeração da Fig. 30. Foto de M. Leitão.



Fig. 35 – *Tholos* da Tituaria (1978). Duas fases da escavação de sector correspondente à distribuição dos ídolos de calcário, antes e depois de se ter posto a descoberto o punhal de sílex apresentado nas Figs. 30, 33 e 34, respectivamente à esquerda e à direita, junto de cilindro de calcário (nº. 3 das Figs. referidas). Foto de M. Leitão.



Fig. 36 – *Tholos* da Tituaria (1978). Ídolo fusiforme de calcário (ver Figs. 7, nº. 93 e 43, nº. 5), junto de ossos longos. Foto de M. Leitão.



Fig. 37 – *Tholos* da Tituaria (1978). Ao centro, mandíbula; em segundo plano, astrágalo, recolhidos no nível inferior, que bem evidenciam os remeximentos ali observados. Foto de J. Medeiros.



Fig. 38 – *Tholos* da Tituaria (1978). Porção de maxilar e ossos longos recolhidos no nível inferior. Foto de J. Medeiros.

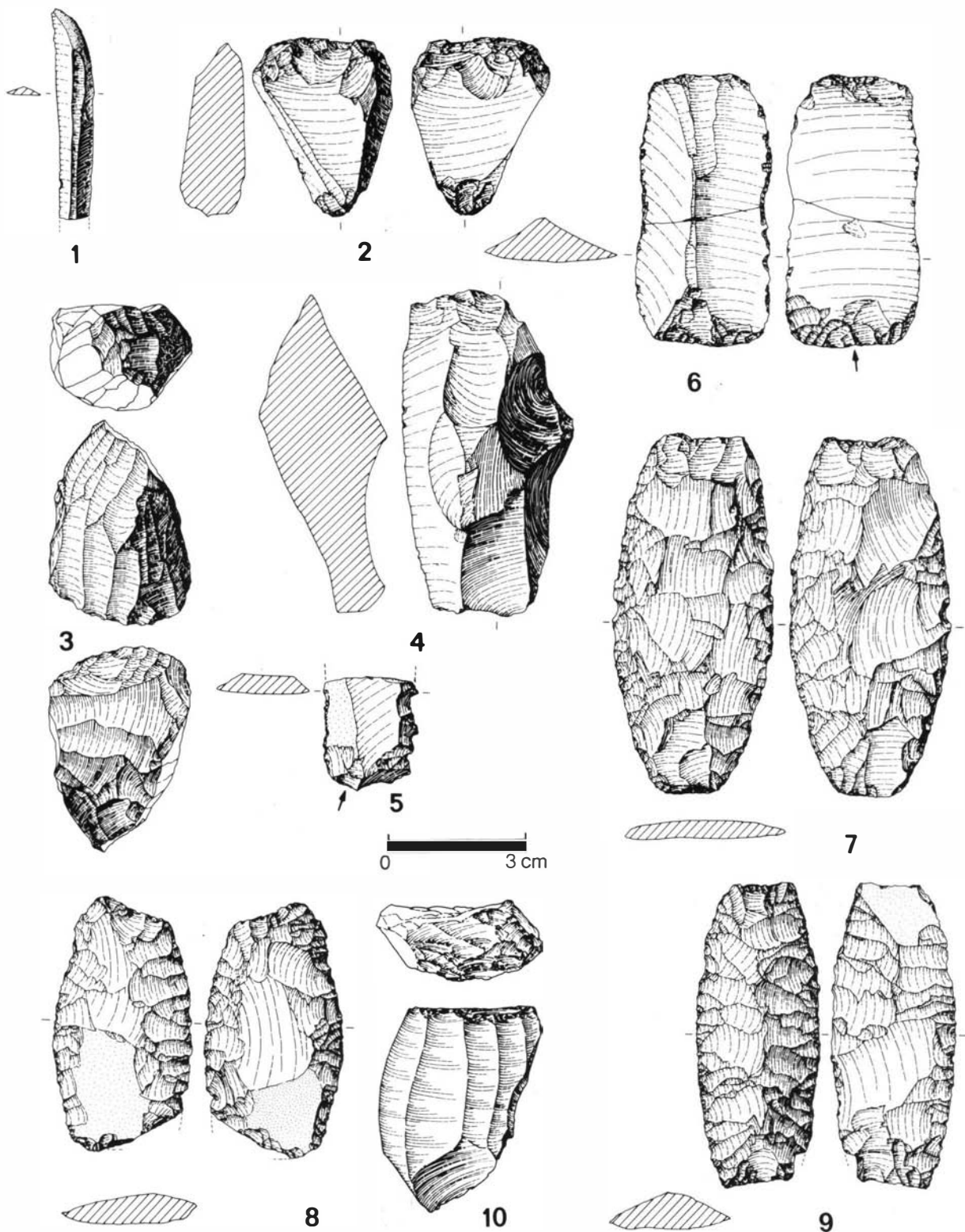


Fig. 39 – *Tholos* da Tituaría - indústria lítica. 1 - lamela de sílex cinzento, não retocada (Fig. 6, nº. 71A); 2 - retocador-percutor ou pedra de isqueiro, de sílex cinzento (Fig. 6, nº. 86); 3 - núcleo de lamelas, de talhe bipolar frontal, de cristal de rocha; 4 - esboço da lâmina ovóide de retoque cobridor, sobre lasca irregular de calcedónia amarelada translúcida (Fig. 6, nº. 82); 5 - fragmento de lâmina de sílex branco-róseo, com bordo denticulado, com “lustre de cereal” (Fig. 7, nº. 89A); 6 a 9 - lâminas ovóides de retoque cobridor, respectivamente de sílex amarelo-acastanhado (Fig. 6, nº. 84); de sílex esbranquiçado (Fig. 6, nº. 50A); de sílex esbranquiçado com brilho térmico (s/ referência de proveniência); e de sílex acinzentado (Fig. 7, nº. 89A); 10 - núcleo de lâminas de lascamento frontal unipolar, de sílex avermelhado (s/ referência de proveniência).

acentuadas por remeximentos devidos aos pesquisadores de tesouros. Com efeito, mesmo no nível mais profundo da câmara, é nítida a desorganização da distribuição espacial dos artefactos. Tal facto condiciona as interpretações baseadas no respectivo registo, tanto na horizontal, como na vertical.

O estado de remeximento em que se encontrava o espólio de ambas as fases de ocupação do sepulcro, é fenómeno bem conhecido em outros casos, como no *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, p. 22). Deste modo, os agrupamentos artefactuais isolados, a que a presença de ossos humanos parece conferir maior significado, poderão, em parte, não corresponder aos locais onde primitivamente foram depositados. A existência de remeximentos pode explicar a ocorrência de algumas cerâmicas campaniformes no nível mais profundo, que dele originalmente não fariam parte e, inversamente, a presença de alguns ideoartefactos de calcário, no nível superior do monumento.

Os agrupamentos de ossos humanos identificados no nível superior e no nível inferior do monumento encontram-se assinaladas nas Figs. 2 a 7.

Justificam-se algumas considerações sobre o espólio recolhido.

Os **adornos de ouro** encontram-se representados por três fragmentos de possível diadema (Fig. 44, nº. 8); trata-se de finas folhas alongadas, com cerca de 10 mm, possuindo decoração ponteadada, obtida por repuxado sobre a folha, ao longo de um dos lados desta. É conhecida a incidência de jóias auríferas de época campaniforme, lisas ou com decorações obtidas por esta técnica, em diversos sepulcros estremenhos. Um dos mais célebres exemplos é o dos brincos da gruta artificial de Ermegeira (Torres Vedras), reutilizada naquela época (HELENO, 1942, Est. II, Fig. 6 e 7). Estes três fragmentos auríferos, talvez destinados a aplicação em diadema, provêm do conjunto **H 1**, exumado no nível superficial da câmara do monumento (Fig. 2).

As **contas** (Fig. 44, nº. 1 a 7) encontram-se representadas por exemplares de tipologia diversa, todas de minerais verdes, com excepção de uma, discóide de calcite (Fig. 44, nº. 3). Avulta uma conta-amuleto, antropomórfica, de mineral verde, anteriormente publicada (CARDOSO *et al.*, 1987), de nítida filiação em exemplares orientais (Fig. 44, nº. 4). As restantes correspondem a tipos frequentes no Neolítico final e no Calcolítico da Estremadura.

Os **ideoartefactos de calcário** (Fig. 30 a 36) encontram-se representados por ídolos cilíndricos e semicilíndricos lisos, ou fusiformes com uma extremidade (a inferior) apontada, por placas planas ou encurvadas e por uma enxó votiva, artefactos bem documentados em sepulcros calcolíticos estremenhos (Fig. 41 a 43). É nítida a distribuição preferencial de tais artefactos no nível inferior da câmara do monumento, bem como o seu aspecto desordenado, indício dos aludidos remeximentos. De referir, especialmente, uma placa plana recolhida no nível superior e relacionada com **H 12** (Fig. 4, nº. 17), de bordos laterais curvilíneos em aresta (Fig. 41, nº. 3), terminando nas duas extremidades por bordos rectilíneos, um dos quais possuindo sete perfurações quase cilíndricas. Como decoração, ostenta, numa das faces, quatro caneluras longitudinais, pouco marcadas, paralelas entre si. Duas hipóteses se perfilam para a interpretação deste objecto. A primeira, por nós preferida, faz corresponder a peça a ideoartefacto incompleto da conservada; as perfurações existentes serviriam para a fixação da parte em falta, separada por fractura acidental. Com efeito, o bordo em causa mostra-se menos desgastado que o oposto, como se fosse mais moderno. Se a parte em falta fosse simétrica da existente, o objecto, quando completo, assemelhar-se-ia a uma lúnula, decorada numa das faces pelas aludidas caneluras. Nos inventários de peças de calcário, há outros casos de restauros de peças fracturadas acidentalmente, consubstanciadas, como na presente situação, por perfurações destinadas à fixação dos fragmentos. Um dos exemplos mais frisantes, embora não se possa afastar a hipótese de reutilização como pendeloque, é o fragmento de placa gravada com dupla enxó, recolhida na necrópole do Cabeço da Arruda (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 7).

Tais restauros, denunciam a alta importância simbólica que era atribuída a estas peças, usadas por certo em cerimónias religiosas. Outro exemplo de restauro devido a fractura acidental é o da placa calcária com decoração gravada de Carenque (HELENO, 1933, Fig. 33). Este caso ainda nos parece mais evidente que o anterior; com efeito, ao longo de uma das extremidades, que é oblíqua, executaram-se três perfurações, prolongadas na superfície da placa por sulcos, destinados a facilitar a fixação das fibras que uniriam esta parte do objecto à que falta. A hipótese de tais sulcos, bem visíveis no desenho publicado, corresponderem a marcas de utilização por atrito devido a suspensão, é de rejeitar, pelo facto de não serem paralelos, como sucederia naquele caso.

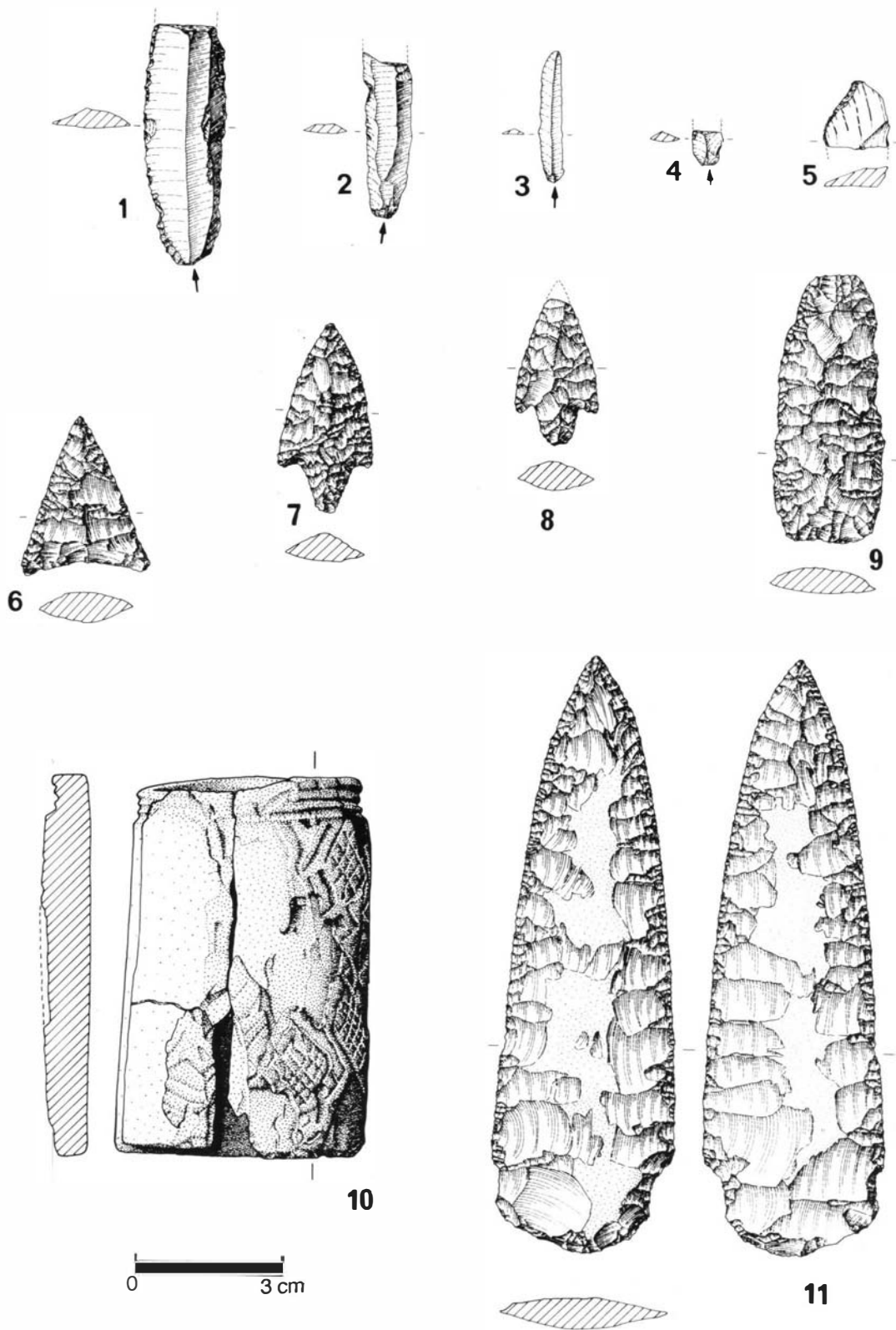


Fig. 40 – *Tholos* da Tituarua – indústria lítica. 1 - fragmento de lâmina de sílex amarelo torrado com retoques marginais contínuos (Fig. 6, nº. 89); 2, 3 e 4 - lamelas de cristal de rocha, a primeira assinalada na Fig. 7, nº. 85, as outras recolhidas no crivo; 5 - lasca incompleta (geométrico?) de sílex cinzento (crivo); 6 a 8 - pontas de seta de sílex branco-acinzentado, assinalados, respectivamente, nas Fig. 6, nº. 76; Fig. 7, nº. 84 e Fig. 6, nº. 83; 9 - lâmina ovóide de retoque cobridor (crivo) de sílex branco com intenso brilho em toda a superfície (lascamento térmico); 10 - recipiente de osso com decoração incisa de losangos preenchidos (Fig. 6, nº. 41D); 11 - punhal de sílex branco-acinzentado polido e ulteriormente lascado, com dois chanfros na base para encabamento (Fig. 7, nº. 99).

Seja como for, não conhecemos para esta peça da Tituaria nenhuma que lhe seja comparável; provém, como se disse, da zona do conjunto **H 12**, de época campaniforme (Fig. 6) e, como tal, poderá corresponder a um remeximento vertical de baixo para cima, na altura da reutilização da câmara do monumento.

Placas de xisto. Ainda ao conjunto dos idearfectos, pertence fragmento de placa de xisto gravada, com decoração comum de triângulos invertidos preenchidos por linhas oblíquas intersecantes (Fig. 41, nº. 1), recolhida no corredor, o qual demonstra a sobrevivência, no Calcolítico estremenho, de tais peças, aliás comprovada por outras ocorrências em monumentos funerários e povoados, tanto na Estremadura, como no Ribatejo e Alentejo.

No conjunto da **cerâmica lisa**, abundam formas bem conhecidas desde o Neolítico, como as **taças em calote e esféricos**, ambos de bordo simples ou espessados, recolhidos nos dois níveis de ocupação do monumento (Fig. 45 a 54). Sem dúvida que tais recipientes continuaram a ser utilizados nas derradeiras inumações, campaniformes, porquanto se recolheram *in situ*, no corredor, três taças em calote, empilhadas umas nas outras, com diâmetros de, respectivamente 110, 120 e 135 mm, associadas a cerâmicas campaniformes (Figs. 24 e 46, nº. 1 a 3); uma delas possui, aliás, pequeno *omphalos* (Fig. 46, nº. 1), desconhecido nos exemplares ante-campaniformes, mas ao contrário, comum nos recipientes decorados deste período. O costume de empilhar recipientes uns nos outros tem paralelos em contextos pré-campaniformes, como no *tholos* do Escoural (SANTOS & FERREIRA, 1969, Est. VI, nº. 60), numa das sepulturas colectivas de S. Pedro do Estoril (LEISNER *et al.*, 1964, p. 64, Est. XVII, nº. 106) e nas sepulturas campaniformes do dólmen de Pedra Branca, Montum, em Melides (FERREIRA *et al.*, 1975); há porém, referências à sua prática em épocas anteriores, como documenta o enterramento individual neolítico junto da entrada da gruta natural da Ponte da Lage, Oeiras, onde dois vasos foram encontrados e invertidos (VAULTIER *et al.*, 1959, p. 113).

As **cerâmicas decoradas** estão quase exclusivamente representadas pelos motivos campaniformes característicos. É excepção um esférico, ornamentado exteriormente por linha incisa espiralada, que, partindo do fundo atinge o bojo do recipiente (Fig. 57, nº. 1). Este vaso provém da camada superficial da câmara (Fig. 2, nº. 4). O único paralelo, do território português, para este raro motivo decorativo, é corporizado por taça recolhida no átrio do *tholos* da Praia das Maças e integrável do seu III horizonte, do Calcolítico inicial (GONÇALVES 1982/83, Fig. 21, nº. 29). No caso do exemplar do *tholos* da Tituaria, a sua atribuição à fase campaniforme do monumento é sugerida pela associação a uma grande taça de Palmela incisa com cervídeos (Fig. 58), integrando ambos os recipientes o conjunto mortuário H 7, assinalado na Fig. 3.

A referida taça campaniforme, com decoração incisa de cervídeos, constitui o quinto exemplar registado em Portugal. Dois provém do conjunto sepulcral de Palmela. Destes, um deles, é de há muito conhecido: trata-se de fragmento de provável caçoila em decoração a pontilhado, ostentado cervídeo que difere do representado na taça de Tituaria por ser muito mais simples, designadamente ao nível das armações (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. XX; LEISNER, 1965, Tf. 106). Outro exemplar corresponde a taça de Palmela completa, decorada a pontilhado, que se manteve inédita, inexplicavelmente, até à década de 1970 (PEREIRA & BUBNER, 1974/75, Est. III). Possui dois tipos de cervídeos bem diferenciados, um deles idêntico ao da Tituaria, o outro ao da taça anterior. Pela morfologia, é lícito considerarmos a possibilidade de representarem, respectivamente, um veado adulto, pela exuberância da armação e um juvenil, também do sexo masculino, apenas com um galho.

O único paralelo proveniente de um povoado, o do Cabeço de Portucheira, Torres Vedras (HARRISON, 1977, Fig. 64, nº. 1004), cervídeo exhibe, aparentemente realizado do lado interno do recipiente. O referido autor menciona ocorrências análogas em diversos contextos calcolíticos pré-campaniformes, além dos bem conhecidos recipientes campaniformes de Cienpozuelos e do Cerro de la Virgen; em Las Carolinas, a decoração é no interior da taça, idênticamente à dos exemplares de Cievieja, Almería (CARRILERO & SUÁREZ, 1995). Em Portugal, mencione-se, ainda a representação de veados, por incisão na pasta fresca, em pesos de tear do Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), alguns reproduzidos em PAÇO (1940, Fig. 1, nº. 1 a 7).

Os célebres vasos de Los Millares e de Las Carolinas, mostram cervídeos associados a representações solares e à figuração da própria deusa calcolítica, com grandes olhos radiados e sobranceiras (no caso do recipiente de Los Millares), reproduzidos em PAÇO, 1940, Fig. 4). Tal associação sugere marcado simbolismo para as representações de cervídeos, reforçada pela sua ocorrência em pinturas rupestres de grutas-santuário desta época. Tal simbolismo explica

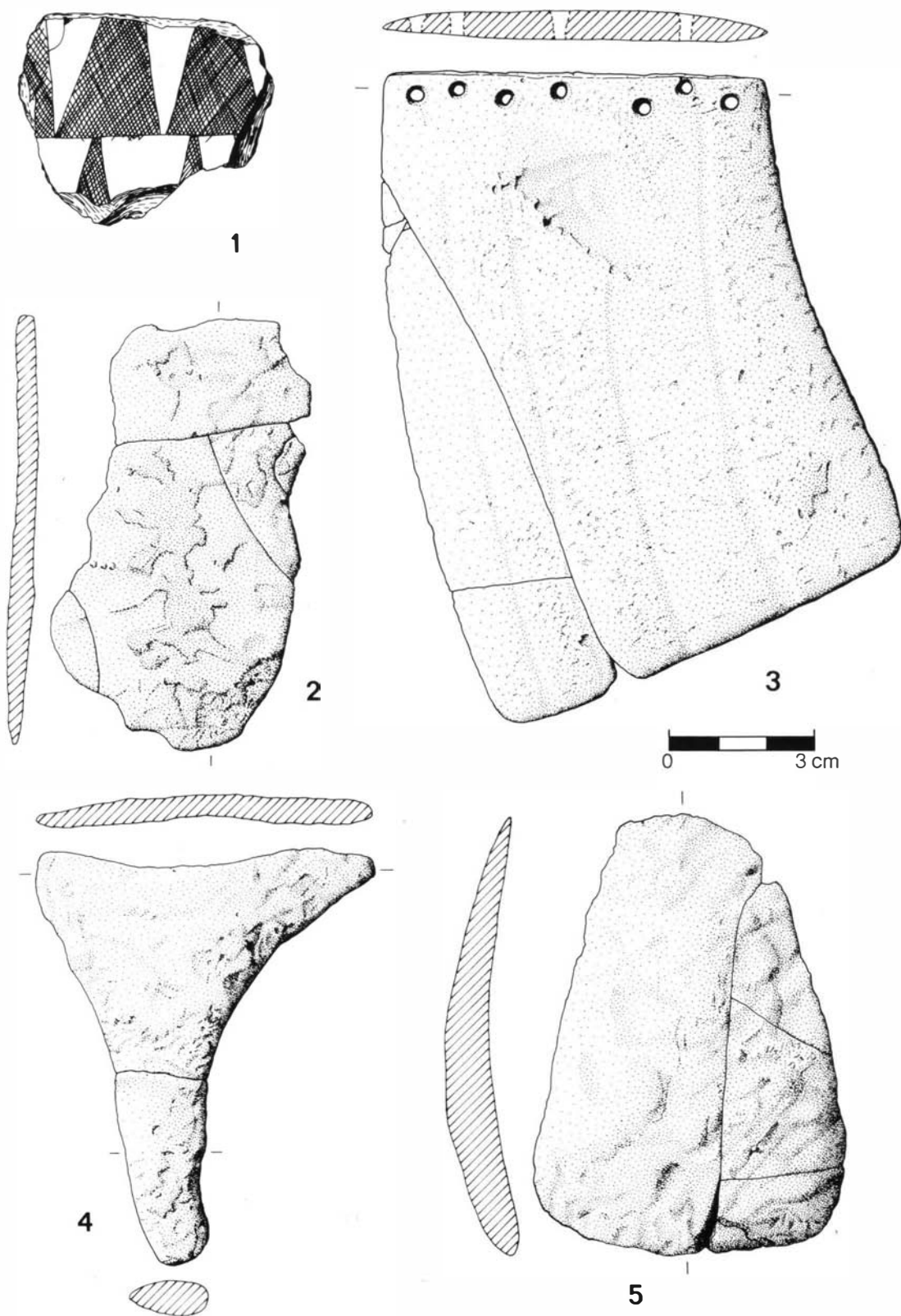


Fig. 41 – *Tholos* da Tituaria – artefactos ideotécnicos. 1 - fragmento de placa de xisto com decoração de triângulos preenchidos (Fig. nº. 39A); 2 - placa plana, muito erodida, de calcário (Fig. 4, nº. 91); 3 - placa plana de calcário, de bordos curvilíneos, decorada por ténues caneluras longitudinais numa das faces, possivelmente reutilização de artefacto de maiores dimensões (Fig. 4, nº. 17); 4 - provável enxó votiva de calcário, muito erodida (Fig. 7, nº. 97); 5 - placa incurvada de calcário (Fig. 5, nº. 19A).

as representações em recipientes campaniformes, como o exumado na Tituaria. Poderá admitir-se associação à ideia de fecundidade; o ritmo de crescimento das armações, nos machos, simularia, na mesma época do ano, o ritmo de crescimento dos cereais (GANDRA, 1994, p. 13).

Deve, ainda atender-se ao facto de o veado ter sido esporadicamente domesticado: “Very significant, as evidence of a clear domesticity, are the scenes representing red deer being ridden” (FORNI, 1989, p. 182). O autor assinala representações ruprestes calcolíticas de Val Camonica (citando Anti, 1972), que se prolongam até à Idade do Ferro, e da Galiza, do Calcolítico à Idade do Bronze (citando Penã Santos e Vásquez-Varela, 1979). Aceitando a relação do veado, em tempos pré-históricos, com o culto da fecundidade, estariam estas taças destinadas a cerimónias litúrgicas. Quanto às restantes cerâmicas campaniformes, o *tholos* da Tituaria ofereceu variedade assinalável, tanto de formas como de padrões decorativos, estando representadas as técnicas pontilhada e incisa.

Um belo vaso “internacional” do conjunto mortuário H 8 (Fig. 57, nº. 3) foi encontrado com um recipiente liso (taça) no interior. Provavelmente coeva deste recipiente é a pequena caçoila de ombro com decoração a pontilhado, recolhida no corredor, no local assinalado na Fig. 5, nº. 38, integrada no conjunto mortuário H 16 (Fig. 55, nº. 1).

Um fragmento de vaso com decoração incisa (Fig. 56, nº. 1) provém da entrada do corredor, do local assinalado na Fig. 6, nº. 48, ilustrando a coexistência das duas técnicas - pontilhada e, a incisa no mesmo tipo de recipiente. As taças tipo Palmela encontram-se melhor representadas. Avulta um fundo de grande exemplar baixo, com decoração estrelada em torno do “omphalus”, a pontilhado (Fig. 55, nº. 2), recolhida no conjunto mortuário H 12, no local assinalado na Fig. 4, nº. 16.

A grande taça com decoração incisa de cervídeos, já referido e as três taças da Fig. 59 mereceu destaque: a primeira (ver também Fig. 26), com bordo não espessado mas aplanado, com decoração incisa, provém do conjunto mortuário H 11 (Fig. 5, nº. 37); a segunda, corresponde a exemplar de grandes dimensões, igualmente com decoração incisa, foi recolhida no corredor (Fig. 6, nº. 50); por último, a taça completa decorada a pontilhado (Fig. 23; Fig. 59, nº. 3), acompanhava a tumulação H 25, escavada no nível inferior da câmara, no local indicado na Fig. 6, nº. 52. Há, ainda, taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 25 e Fig. 57, nº. 2), pertencente, aparentemente, ao conjunto mortuário H 17, recolhida no local indicado na Fig. 5, nº. 31.

No conjunto das cerâmicas campaniformes, foram identificados pelo menos quatro vasos, dois com decorações “internacionais” (Fig. 56, nº. 1, 2 e 4; Fig. 57, nº. 3), dos quais três decorados a pontilhado e apenas um inciso; uma caçoila de ombro, a pontilhado (Fig. 55, nº. 1); uma taça tipo Estoril, a pontilhado (Fig. 60, nº. 8); seis taças tipo Palmela (Fig. 55, nº. 2; Fig. 56, nº. 3; Fig. 58; Fig. 59), das quais quatro a pontilhado e apenas duas incisas; e, por último, apenas uma taça em calote, com decoração incisa (Fig. 57, nº. 2). O conjunto sugere um momento relativamente recuado no contexto do fenómeno campaniforme, cujas derradeiras cerâmicas são exclusivamente (ou quase) decoradas pela técnica incisa.

A **indústria lítica**, essencialmente recolhida no nível inferior, é pouco abundante, não obstante ser diversificada. Estão presentes, entre outros, os seguintes tipos de artefactos:

- um **punhal** de sílex de retoque bifacial cobridor parcialmente polido, possuindo dois chanfros laterais para encabamento. Provém do nível inferior do conjunto de ídolos calcários (Fig. 30, nº. 1; Fig. 33, nº. 1; Fig. 34, nº. 1; Fig. 35 e Fig. 40, nº. 12);

- **lâminas e lamelas**, de cristal de rocha e de sílex, com e sem retoques, todas do nível inferior do monumento (Fig. 39, nº. 1; Fig. 40, nº. 1 a 4);

- **núcleo de lamelas**, de cristal de rocha, de talhe bipolar frontal (Fig. 39, nº. 3), recolhido na área de distribuição dos ídolos de calcário, no nível inferior (Fig. 32, nº. 3) e outro de sílex róseo (Fig. 39, nº. 10);

- **lâmina denticulada** incompleta, de talhe bifacial com brilho (“lustre de cereal”) ao longo do bordo denticulado, de sílex branco-róseo (Fig. 39, nº. 5), recolhida no nível inferior;

- **retocador** ou pedra de isqueiro (Fig. 39, nº. 2), como os documentados na lapa do Bugio (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 102, Est. 2, nº. 19 e 45);

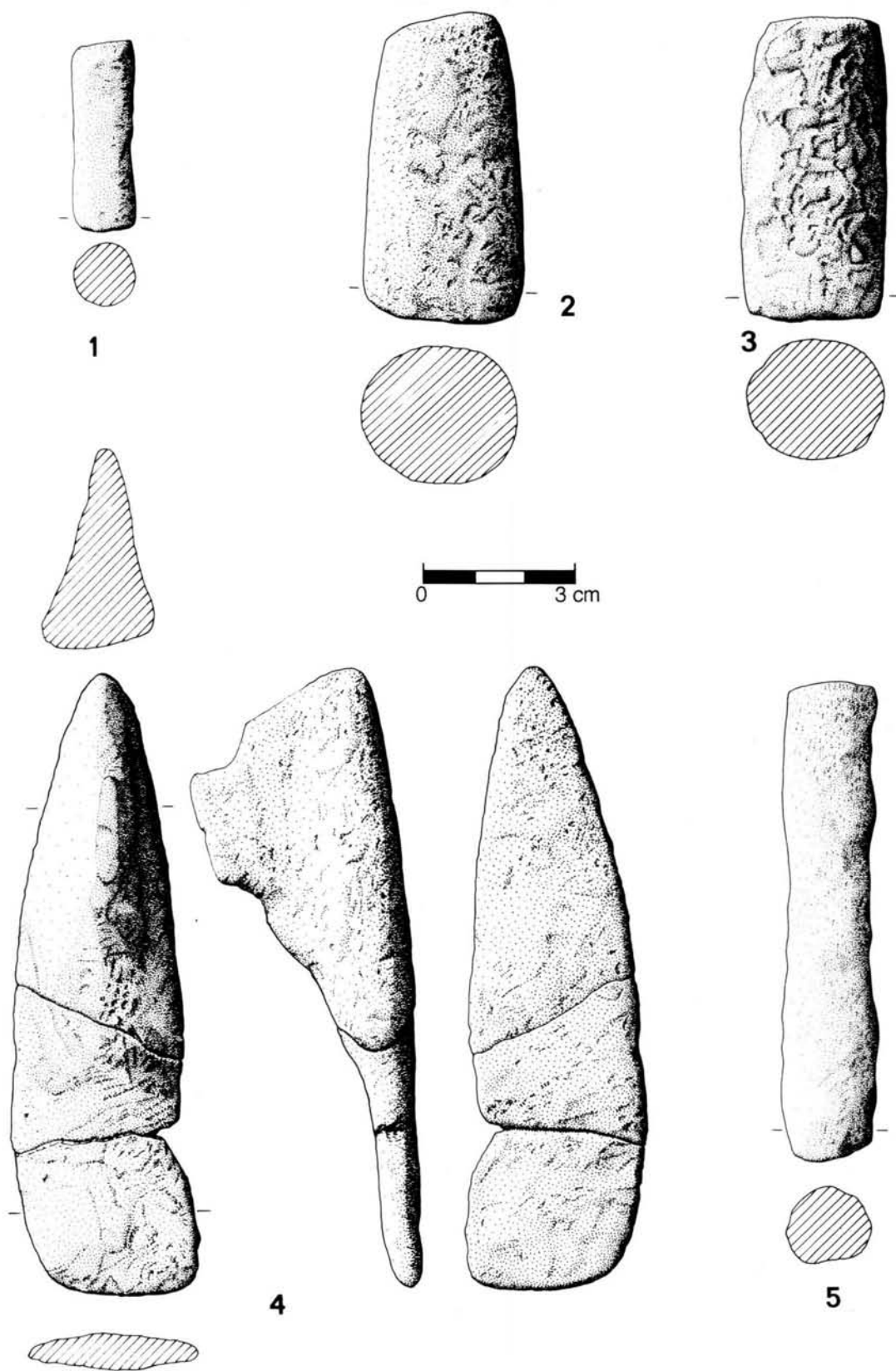


Fig. 42 – *Tholos* da Tituaria - artefactos ideotécnicos de calcário. 1 a 3 e 5 - cilindros (respectivamente assinalados nas Fig. 5, nº. 9B; 6, nº. 32A; 7, nº. 90 e 7, nº. 91; os dois últimos também nas Figs. 30, nº. 8 e 30, nº. 7); 4 - enxó votiva, incompleta no cabo por erosão (Fig. 6, nº. 82A).

- **lâminas elípticas** de talhe bifacial cobridor (Fig. 39, nº. 4, 6 a 9), uma delas com vestígios de utilização junto a um dos bordos (“brilho do cereal”). Tais artefactos, com origem no Neolítico final, de acordo com os elementos recolhidos em Leceia (resultados inéditos), tiveram uso prolongado até pelo menos o Calcolítico pleno e, talvez, mesmo até o campaniforme, como sugere a associação de um deles a uma taça campaniforme (Fig. 59, nº. 3), no corredor (Fig. 6, nº. 52); é de salientar a existência de um exemplar inacabado, muito toscamente desbastado, de calcedónia (Fig. 39, nº. 4). Os restantes são de sílex cinzento-esbranquiçado, denotando matéria-prima de origem local ou regional.

As **pontas de seta** são de dois tipos: de base côncava (Fig. 40, nº. 3) e de pedúnculo robusto, com aletas laterais bem marcadas (Fig. 40, nº. 8 e 9). A primeira provém do fundo do monumento, perto de H 20 (Fig. 6, nº. 76) devendo pois, correlacionar-se com a primeira fase de ocupação deste. As duas restantes, igualmente recolhidas no nível inferior evocam tipologia arcaica. Porém, considerando que, no Calcolítico inicial – época da construção do sepulcro – tais pontas já não estariam em uso e atendendo a certos particularismos tipológicos que evidenciam, susceptíveis de as diferenciar das homólogas pendunculadas neolíticas, por um lado; e, por outro, ao facto de serem conhecidas peças análogas, na época campaniforme, admite-se que dois exemplares em causa lhe possam ser atribuídos. A ser assim, seria a primeira vez que se documentariam em Portugal pontas pendunculadas de sílex campaniformes, bem conhecidos além-fronteiras. O sílex, amarelo-esbranquiçado, em que foram talhadas, indica produção regional.

Os **artefactos de pedra polida** resumem-se a um polidor-brunidor, de arenito vermelho muito fino, de forma paralelipipédica achatada, polido em todas as faces, com as extremidades bombeadas (Fig. 44, nº. 11). Este raro artefacto provém da zona central do fundo da câmara do monumento (Fig. 6, nº. 81), ocorrendo perto da lâmina elíptica de retoque cobridor da Fig. 39, nº. 8.

Merece menção especial um seixo de quartzito achatado, sem afeiçoamento, mas com ténues vestígios de utilização, correspondendo a estrias transversais observáveis nas duas faces maiores (Fig. 44, nº. 12). Esta peça provém do fundo do monumento, encontrando-se perto de um cilindro de calcário (Fig. 43, nº. 4) e de núcleo de cristal de rocha (Fig. 39, nº. 3), como se ilustra na Fig. 32.

Os **artefactos de cobre**, estão circunscritos a duas pontas de seta de Palmela e dois punções, um deles incompleto, conjunto característico da última ocupação do *tholos* (Fig. 44, nº. 9, 10, 13 e 14). Como antes se referiu, uma das pontas jazia em camada intermédia do enchimento da câmara, correspondendo a uma primeira presença campaniforme (Fig. 28), no quadrante SW.

A **indústria óssea** encontra-se representada por um recipiente de osso, provavelmente obtido em diáfise de osso longo de grande bovídeo, *Bos taurus* ou *Bos primigenius*, decorado por losangos formando reticulado, preenchidos interiormente (Fig. 40, nº. 11); no *tholos* do Pai Mogo (Lourinhã) encontraram-se recipientes idênticos (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 69). Poderiam ser utilizados para guardar unguentos, cosméticos, ou outras substâncias, por exemplo de carácter medicinal. Embora não se tenha jamais encontrado uma destas peças munida de fundo, tal facto explica-se por estes serem em materiais perecíveis, cortiça ou madeira, como acontece com recipientes actuais feitos de corno. Tal conclusão é ilustrada pelo facto de alguns possuírem perfurações numa das extremidades, destinadas à fixação daquele elemento, como se observa em diversos exemplares de Pai Mogo.

6 - CRONOLOGIA ABSOLUTA

Submeteu um de nós (J.L.C.), para datação, um fragmento de tibia do conjunto osteológico H 27 (ver Fig. 7). A análise, por AMS, foi realizada no Research Laboratory for Archaeology and the History of Art, de Oxford, ao abrigo de protocolo de cooperação existente entre o Departamento de Arqueologia do IPPAR, o Departamento de Química do ITN e aquela Instituição. O resultado, comunicado pelo Eng. A. Monge Soares, foi o seguinte (ofício de 20/6/95 a J.L.C.):

Ox A - 5446 - 3995 ± 65 BP

corresponde a cronologia campaniforme. Tal facto corrobora que os remeximentos, então verificados, atingiram a parte mais funda do monumento. Esta data, depois de calibrada, fazendo uso da curva de PEARSON & STUIVER (“Radiocarbon”,

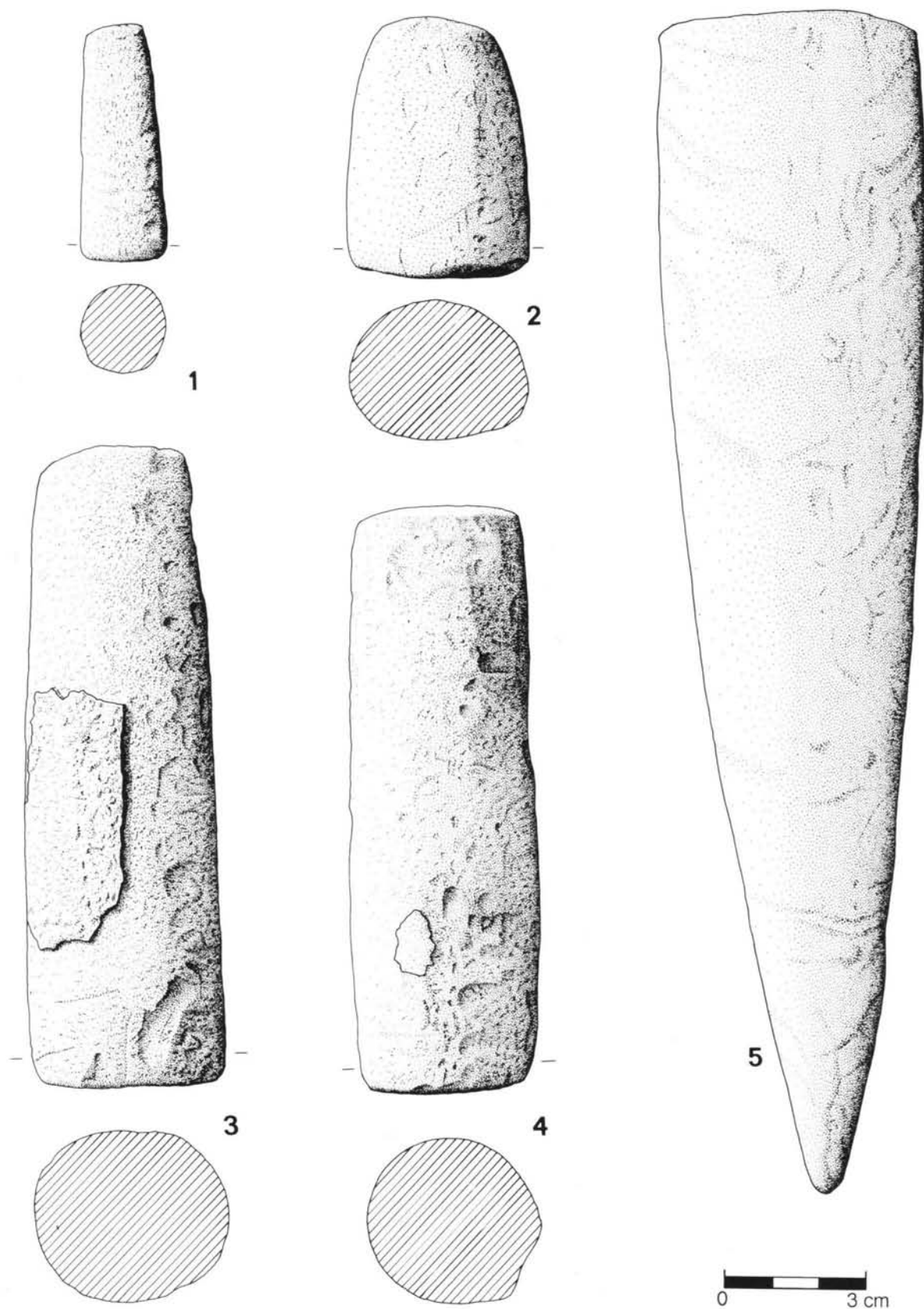


Fig. 43 – *Tholos* da Tituaria - artefactos ideotécnicos de calcário. 1 a 4 - cilindros (respectivamente assinalados nas Fig. 6, nº. 73A; 7, nº. 96; 7, nº. 92 e 7, nº. 98); 5 - idolo fusiforme liso (Fig. 7, nº. 93).

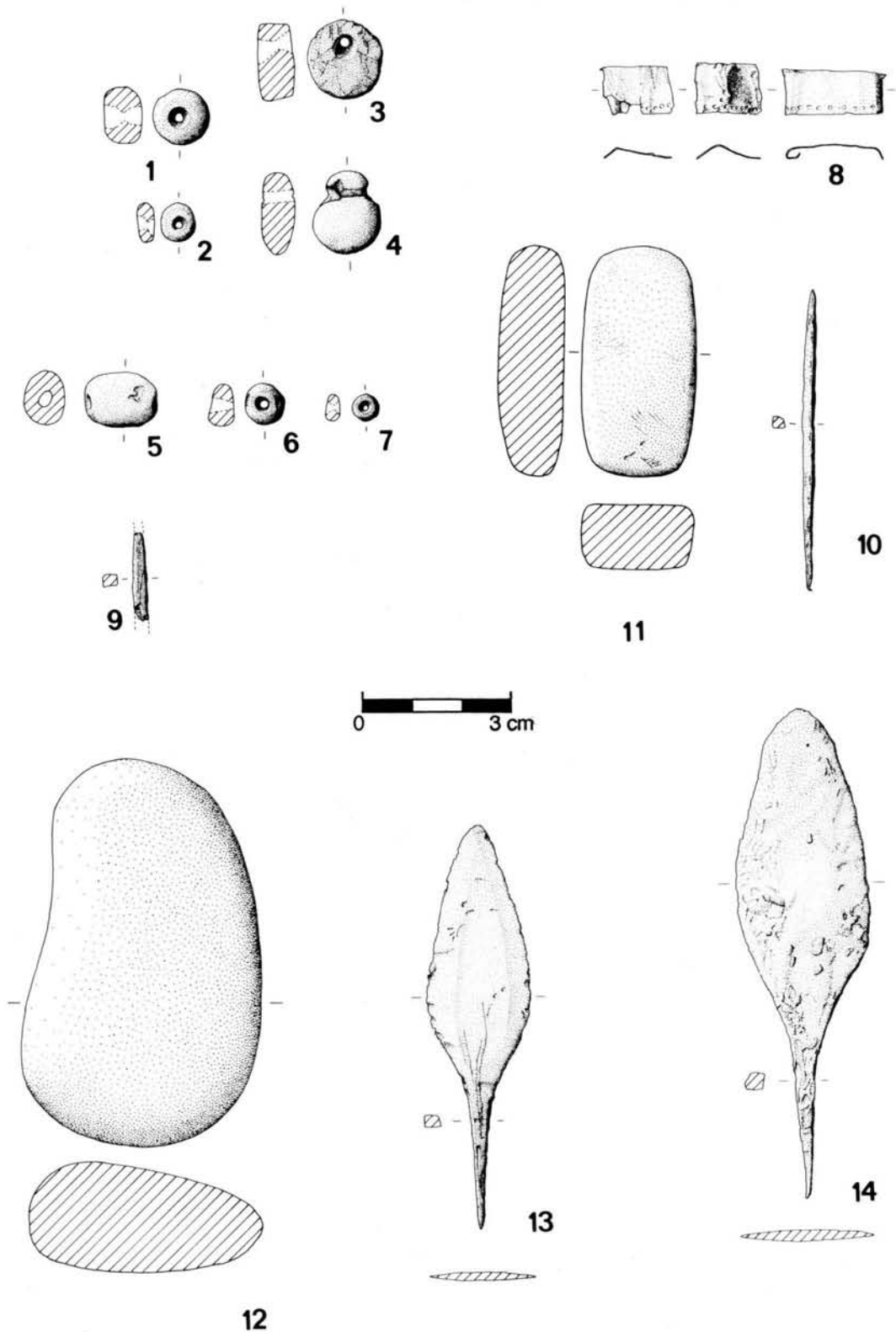


Fig. 44 – *Tholos* da Tituaria - Contas: 1, 2, 5 a 7 de minerais verdes (respectivamente assinaladas nas Fig. 6, nº. 41C; 7, nº. 94 e 7, nº. 95; 2 e 7 provêm do crivo); 4 - de tipo troiano, de mineral verde (Fig. 6, nº. 88); 3 - discóide, de calcite (Fig. 6, nº. 74A); 8 - fragmentos de folha de ouro, provável aplicação em jóia (Fig. 3, nº. 8A); 9 e 10 - furadores de cobre (crivo); 11 - brunidor-polidor de arenito vermelho fino (Fig. 6, nº. 81); 12 - seixo achatado de quartzito (Fig. 7, nº. 101); 13 e 14 - pontas de seta tipo Palmela de cobre (respectivamente Fig. 6, nº. 31A e Fig. 28; e crivo).

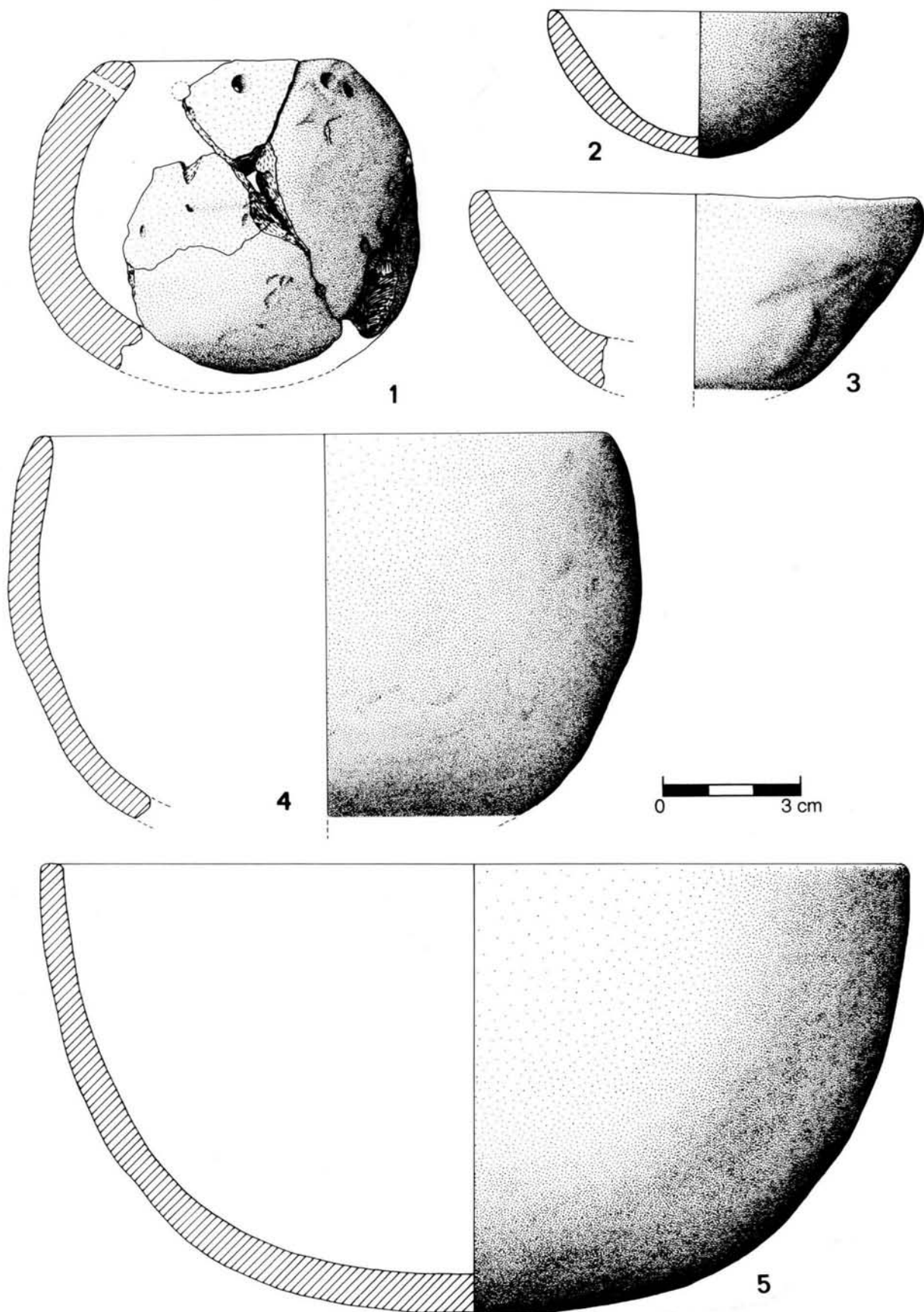


Fig. 45 – *Tholos* da Tituaria - recipientes lisos. 1 - esférico com perfurações múltiplas junto ao bordo (Fig. 6, n.º 53); 2, 3 e 5 - taças (respectivamente assinaladas nas Fig. 6, n.º 68; Fig. 5, n.º 30 e Fig. 2, n.º 2); 4 - esférico (Fig. 5, n.º 80).

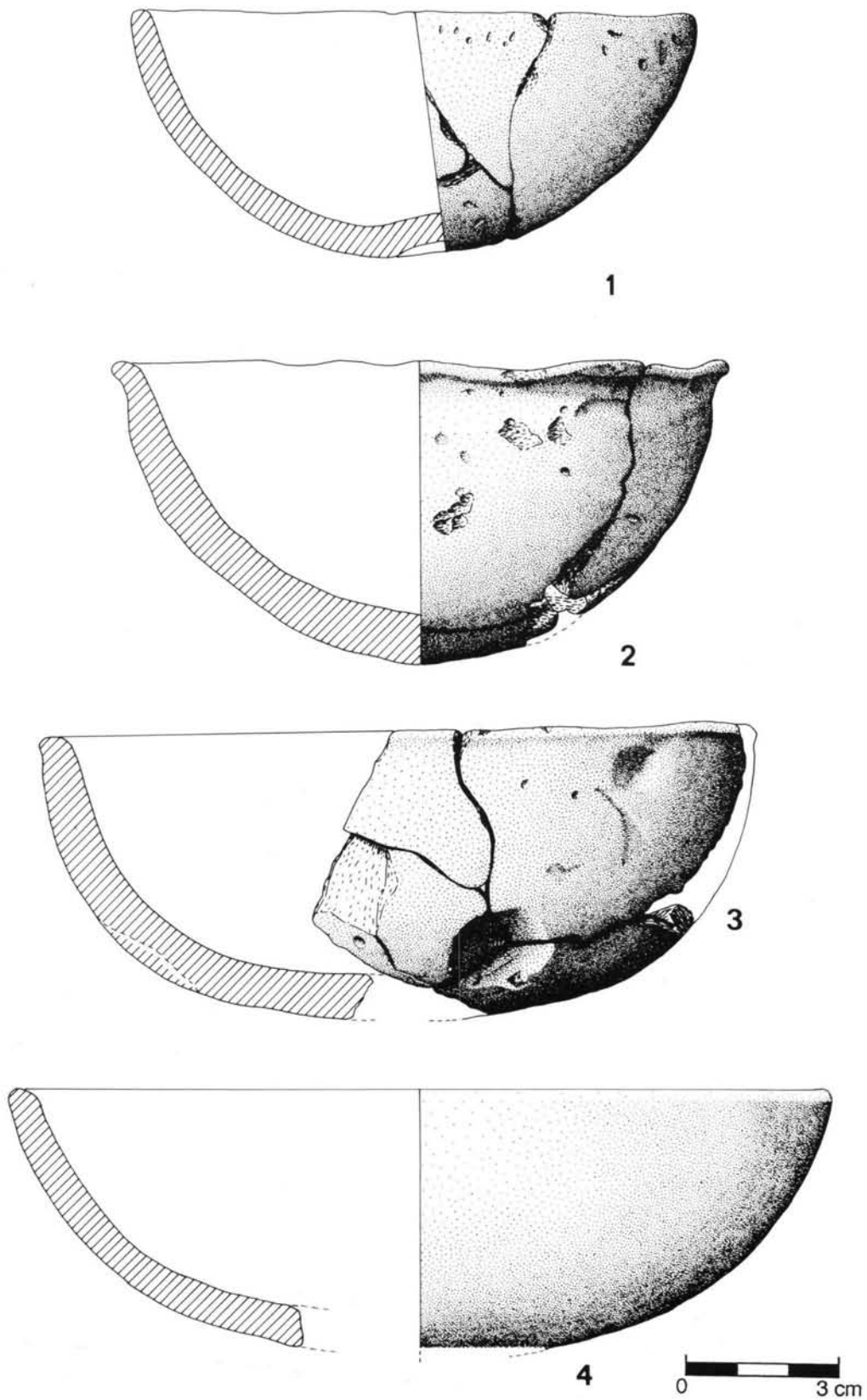


Fig. 46 – *Tholos* da Titularia - taças lisas. Os três primeiros recipientes encontravam-se sucessivamente, dentro uns dos outros (Fig. 7, n.ºs 45, 46, 47; Fig. 24). O primeiro possui pequeno *omphalus*, característico da época campaniforme a que este conjunto pertence; 4 - taça baixa, incompleta (Fig. 6, n.º. 48).

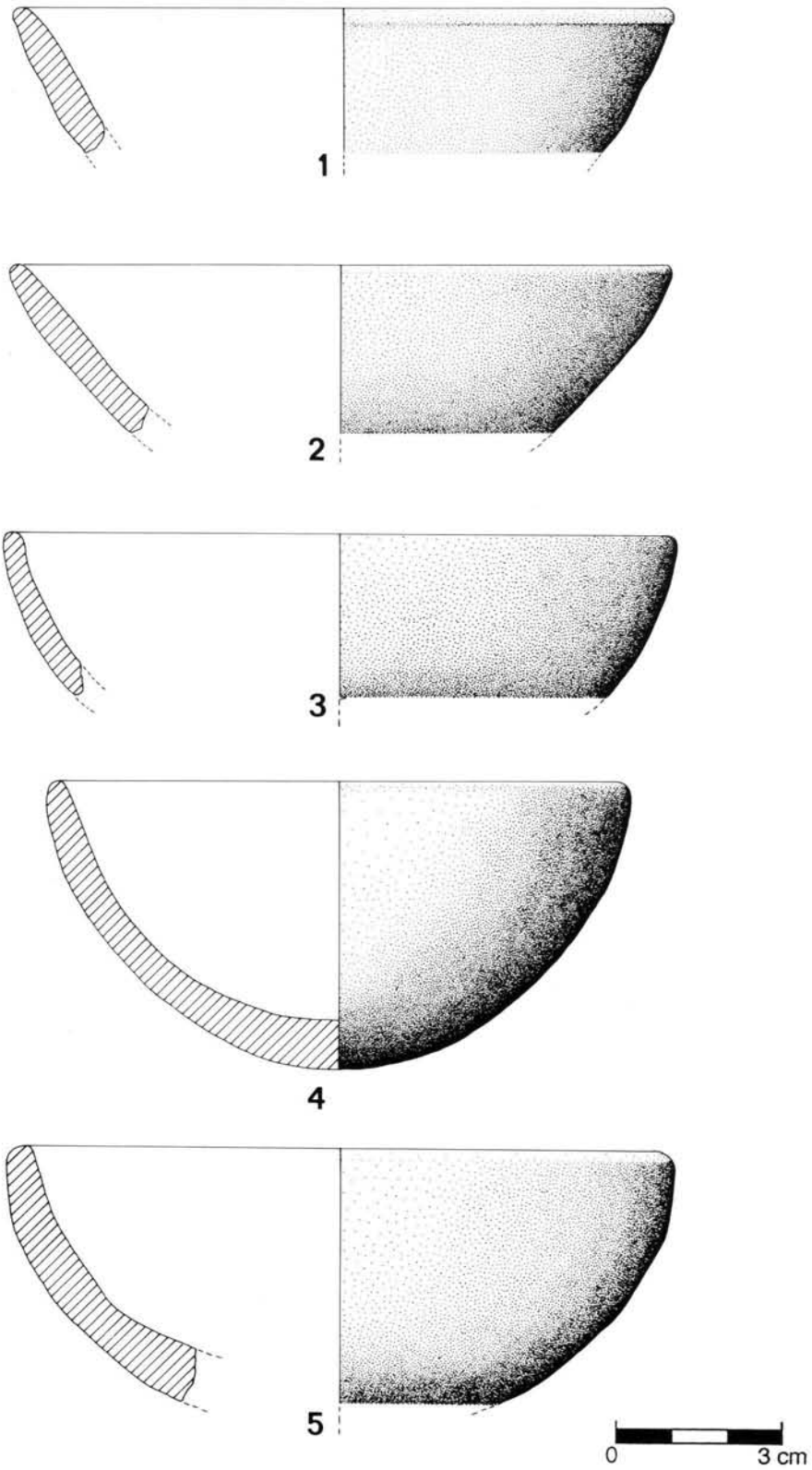


Fig. 47 – *Tholos* da Titularia - Conjunto de taças lisas (respectivamente assinaladas nas Fig. 4, n.º. 15; 4, n.º. 13; crivo; 4, n.º. 10; 4, n.º. 11).

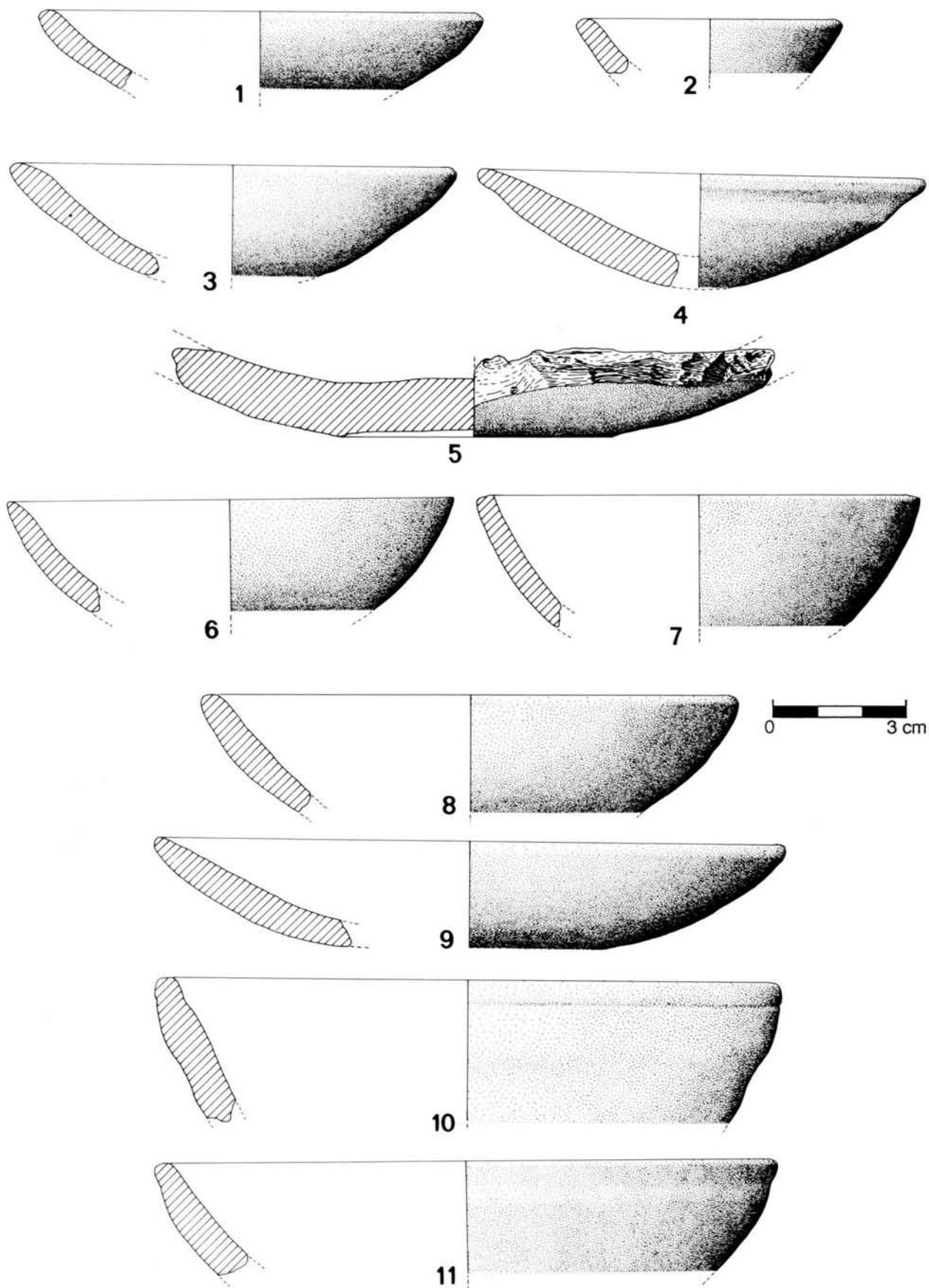


Fig. 48 – *Tholos* da Titularia - Conjunto de taças lisas. 5 - fundo de taça campaniforme (Fig. 5, n.º. 26); 10 - fragmento da taça com ténue depressão sob o bordo (Fig. 6, n.º. 71). Os restantes exemplares não possuem indicação de proveniência.

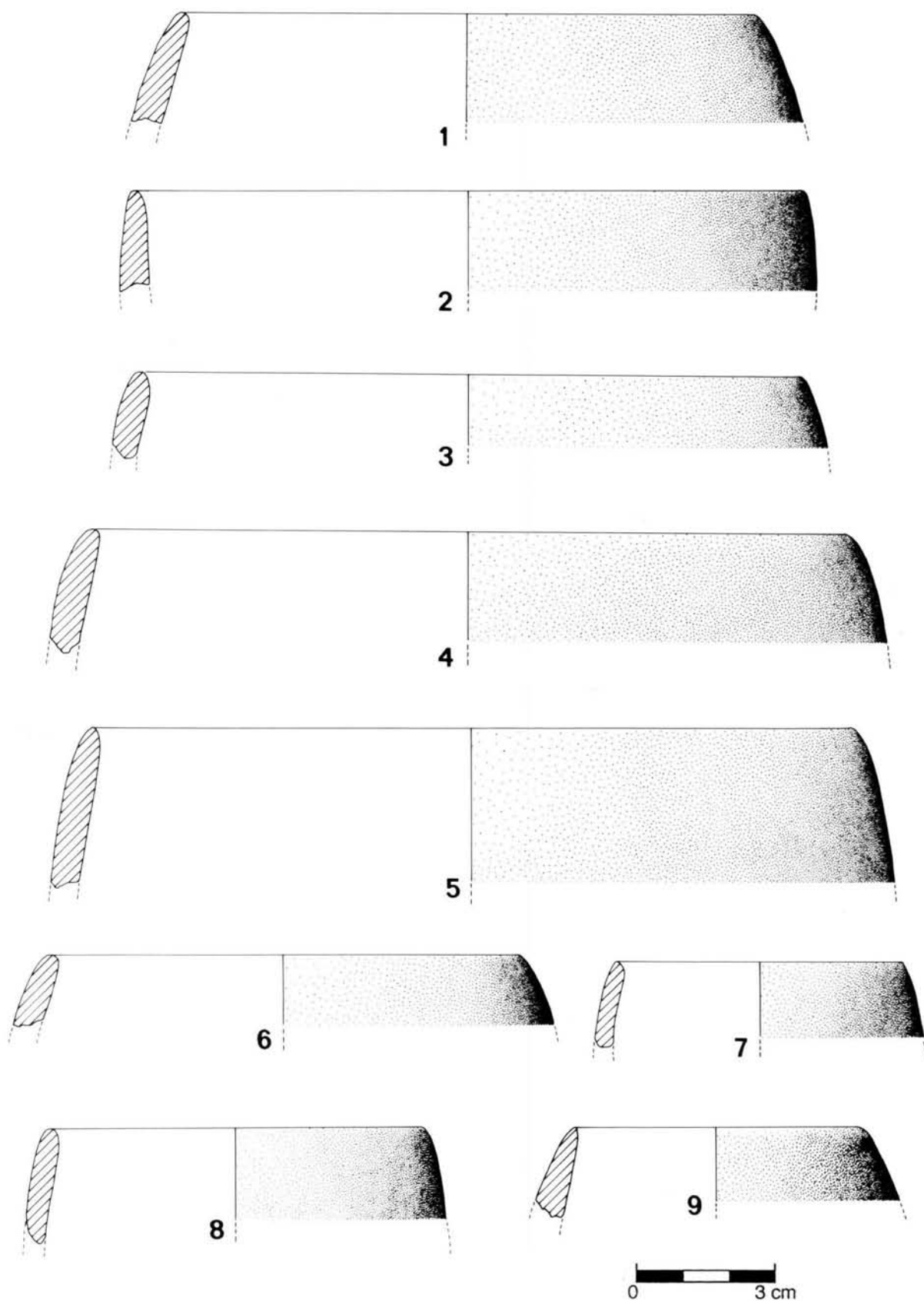


Fig. 49 – *Tholos* da Titularia – Conjunto de esféricos lisos. 1 (Fig. 7, nº. 72); 2 (Fig. 6, nº. 78); 5 (Fig. 6, nº. 51); 8 (Fig. 4, nº. 13). Os restantes exemplares não possuem indicação de proveniência.

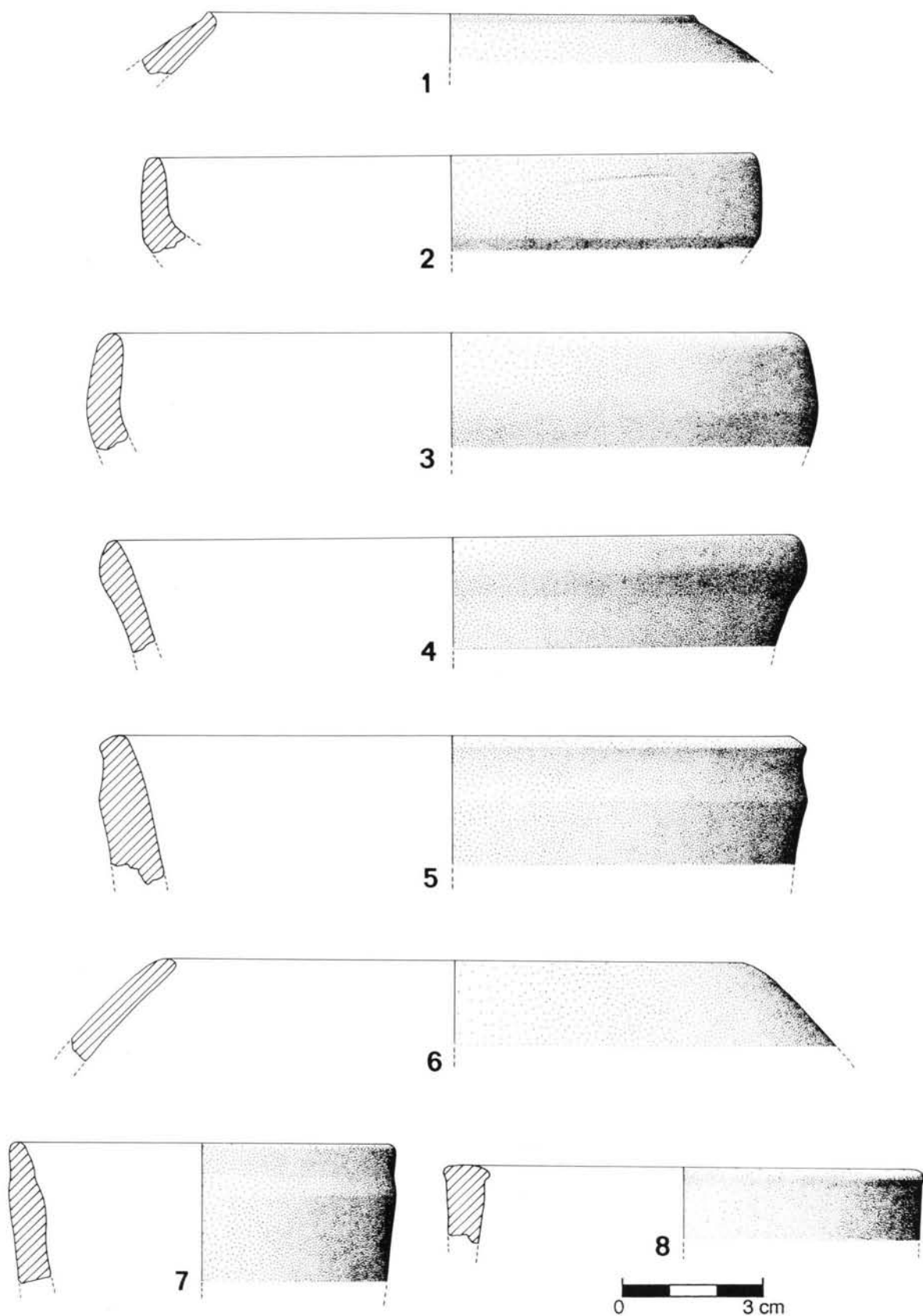


Fig. 50 – Tholos da Titularia - Conjunto de recipientes lisos, todos recolhidos no crivo, exceptuando-se o n.º 8 (Fig. 6, n.º 71). De salientar a presença de duas taças carenadas (n.ºs 2 e 3).

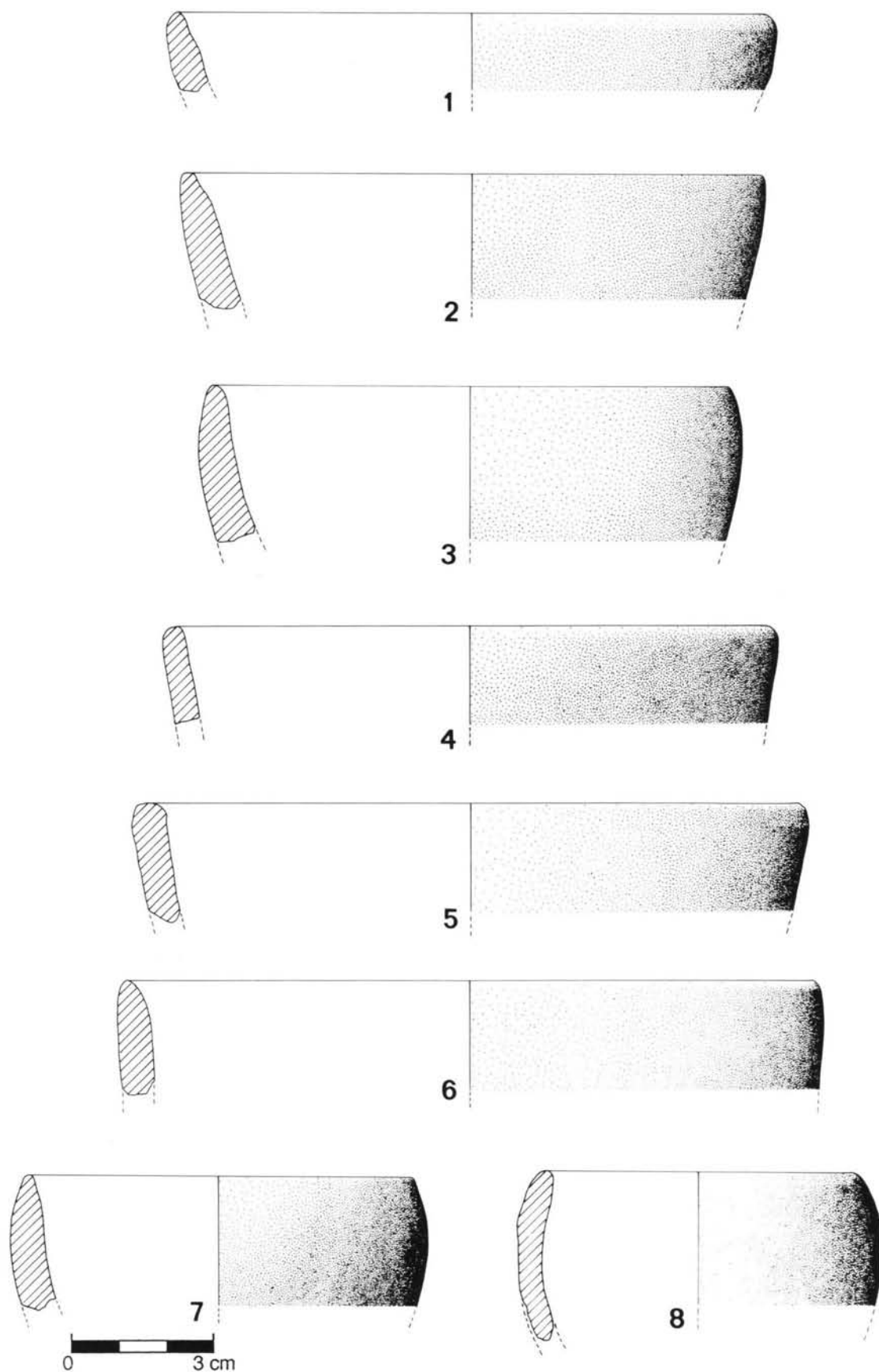


Fig. 51 – *Tholos* da Tituaria - Conjunto de taças e de esféricos (n.ºs 3, 7 e 8) lisos, todos recolhidos no crivo, exceptuando-se o n.º 1 (Fig. 1, n.º 11).

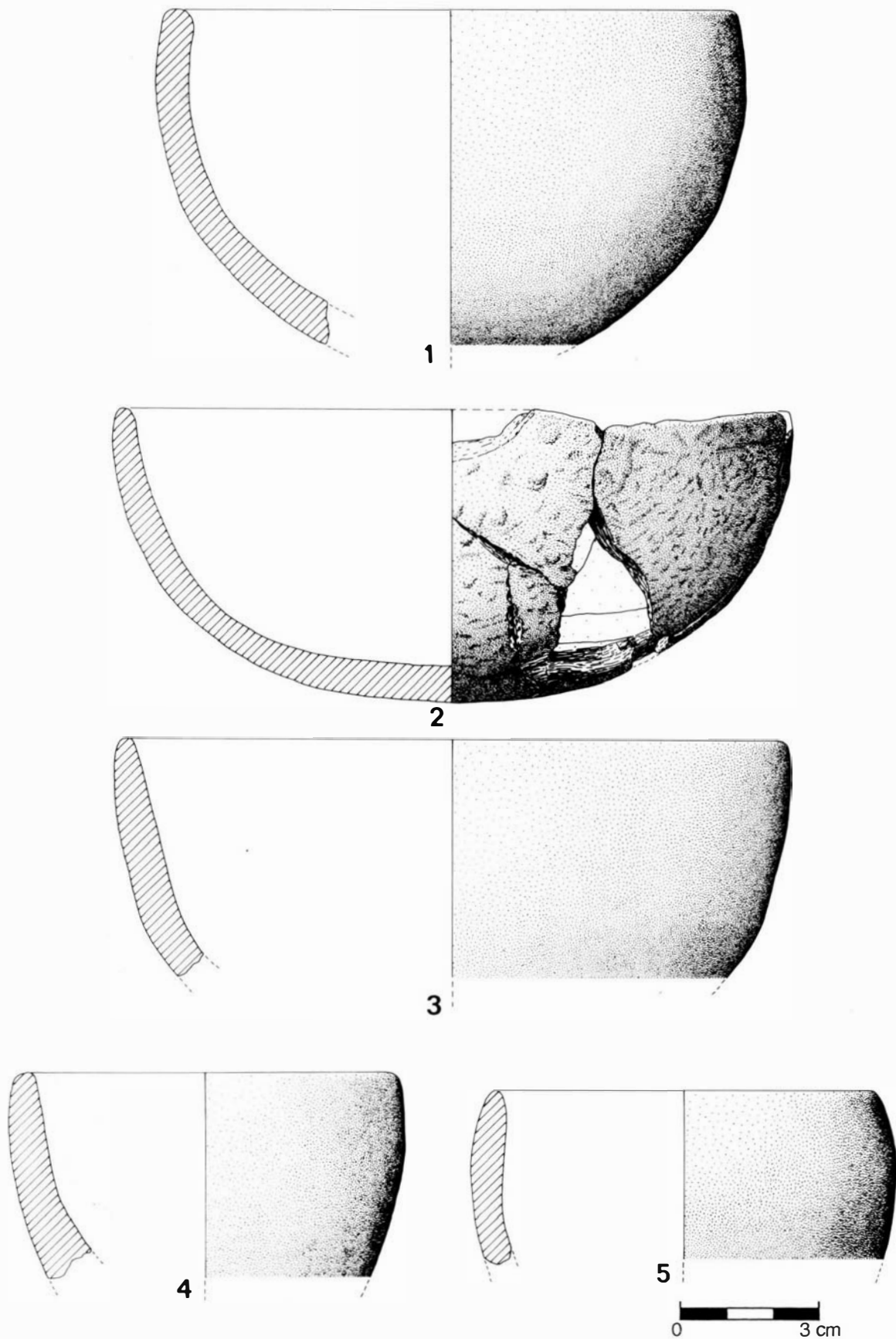


Fig. 52 – *Tholos* da Tituaria - Conjunto de taças e de esféricos lisos: 1 (Fig. 5, nº. 22); 2 (Fig. 6, nº. 79); 3 (Fig. 4, nº. 11); 4 e 5 (do crivo).

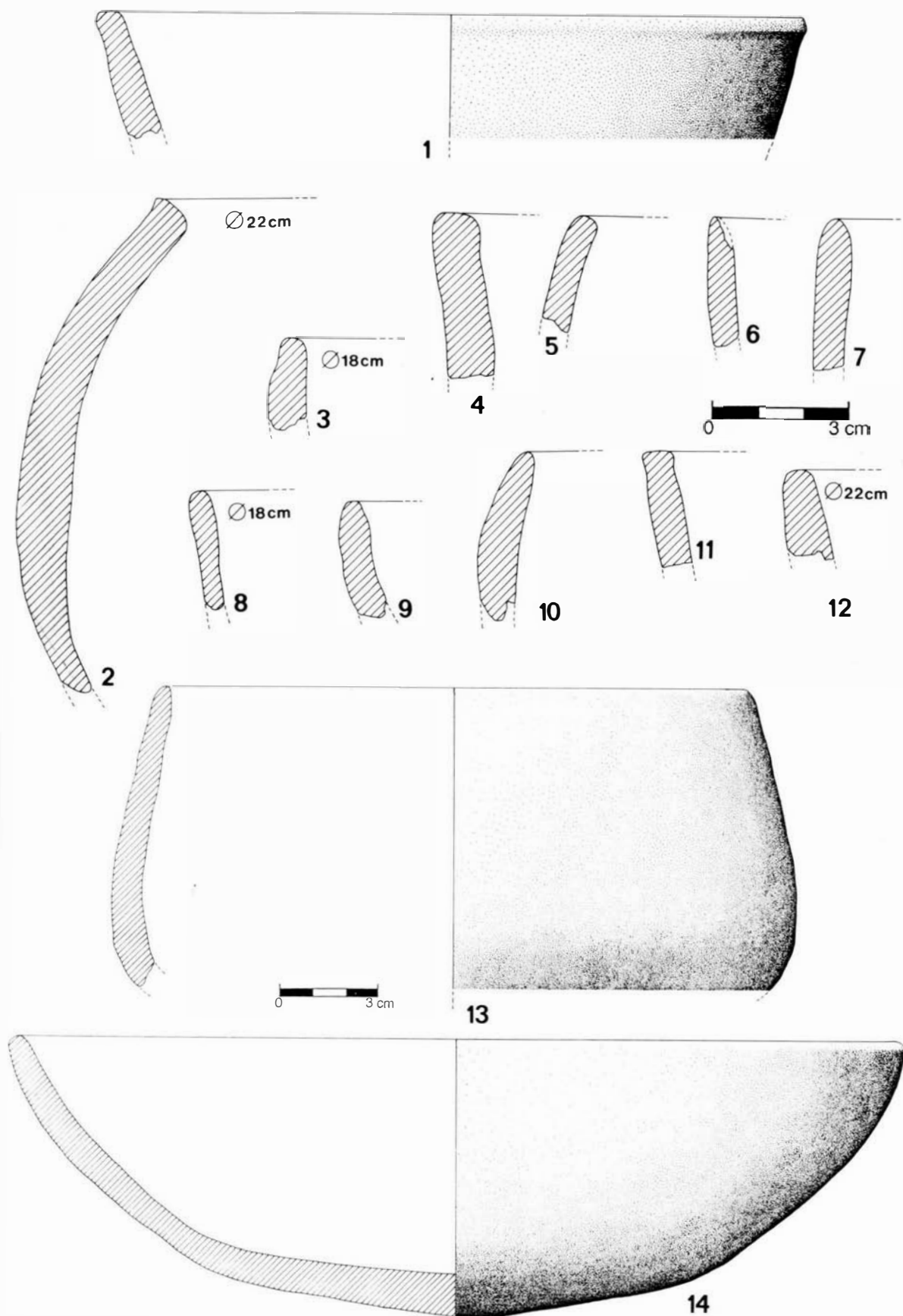


Fig. 53 – *Tholos* da Tituaría – Conjunto de taças e de esféricos lisos. Todos recolhidos no crivo, exceptuando-se o nº. 13 (Fig. 6, nº. 87).

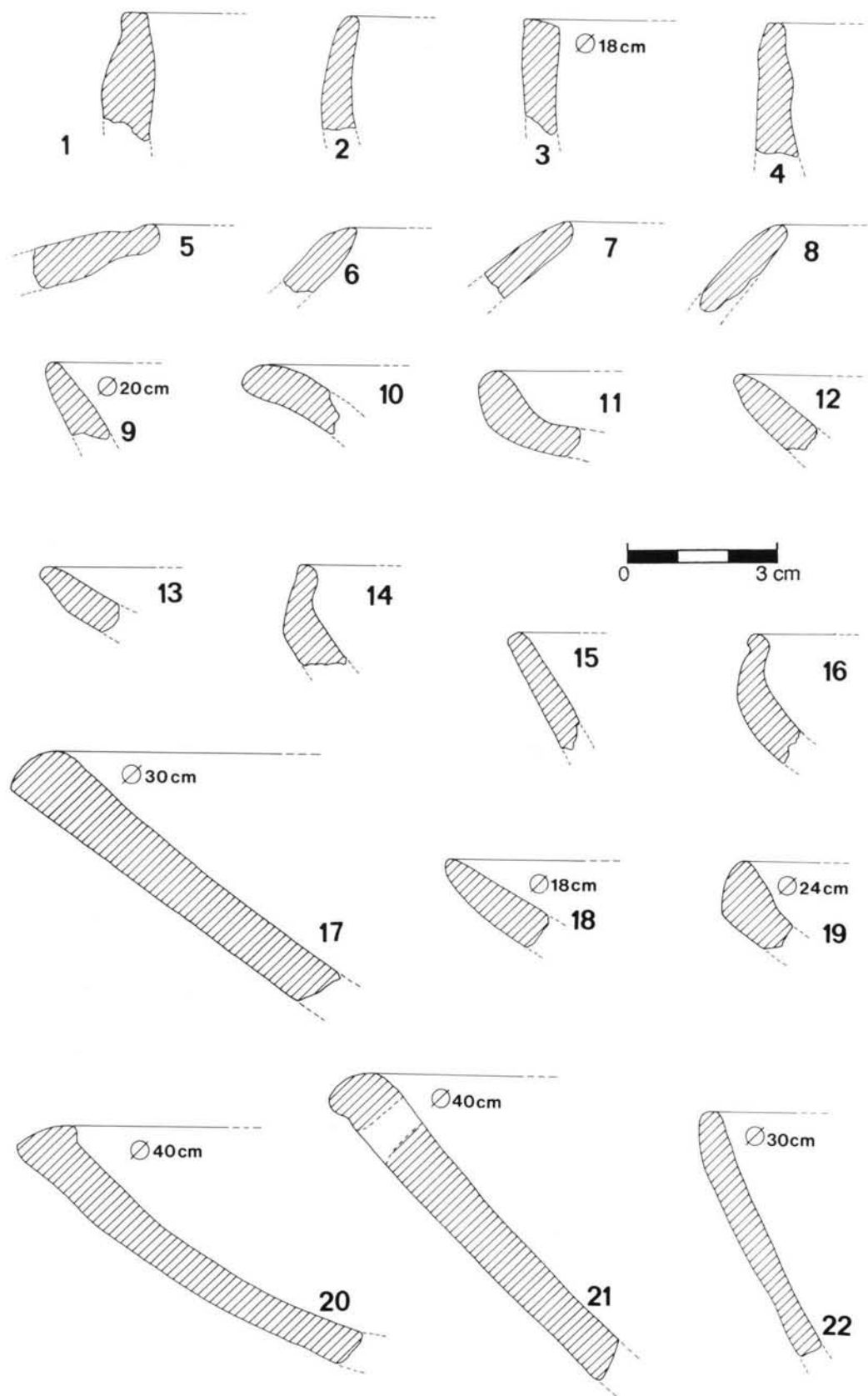


Fig. 54 – Tholos da Titularia - Conjunto de recipientes lisos, todos reduzidos a fragmentos, recolhidos no crivo. Salienta-se o exemplar de bordo em aba (n.º 10) e as taças carenadas (n.ºs 11 e 14).

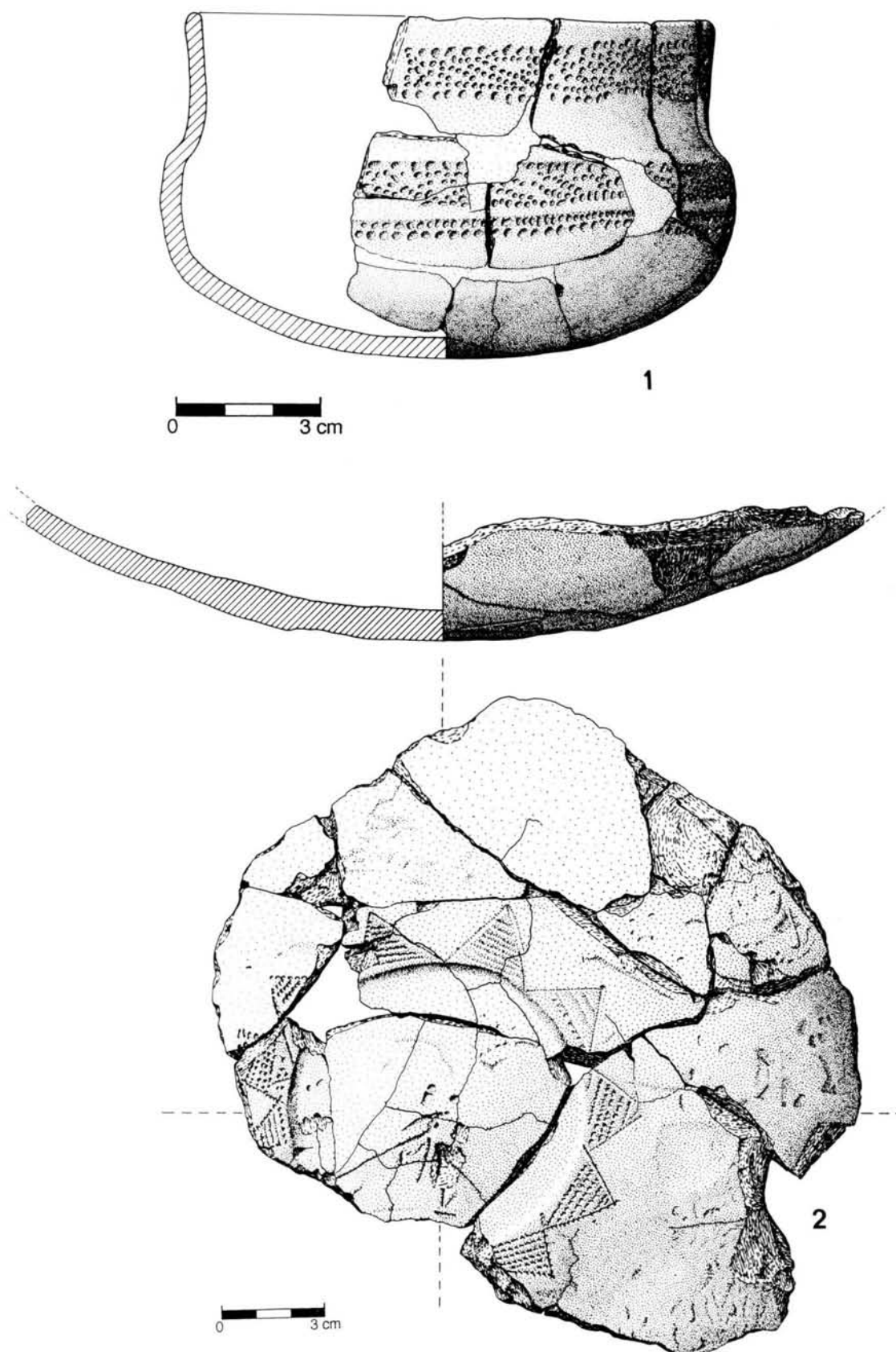


Fig. 55 – *Tholos* da Tituaria - Cerâmicas campaniformes. 1 - pequena caçoila de ombro decorada a punteado (Fig. 5, nº. 38); 2 - fundo de grande taça baixa, com *omphalus* cercado de decoração estrelada, a punteado (Fig. 4, nº. 16).

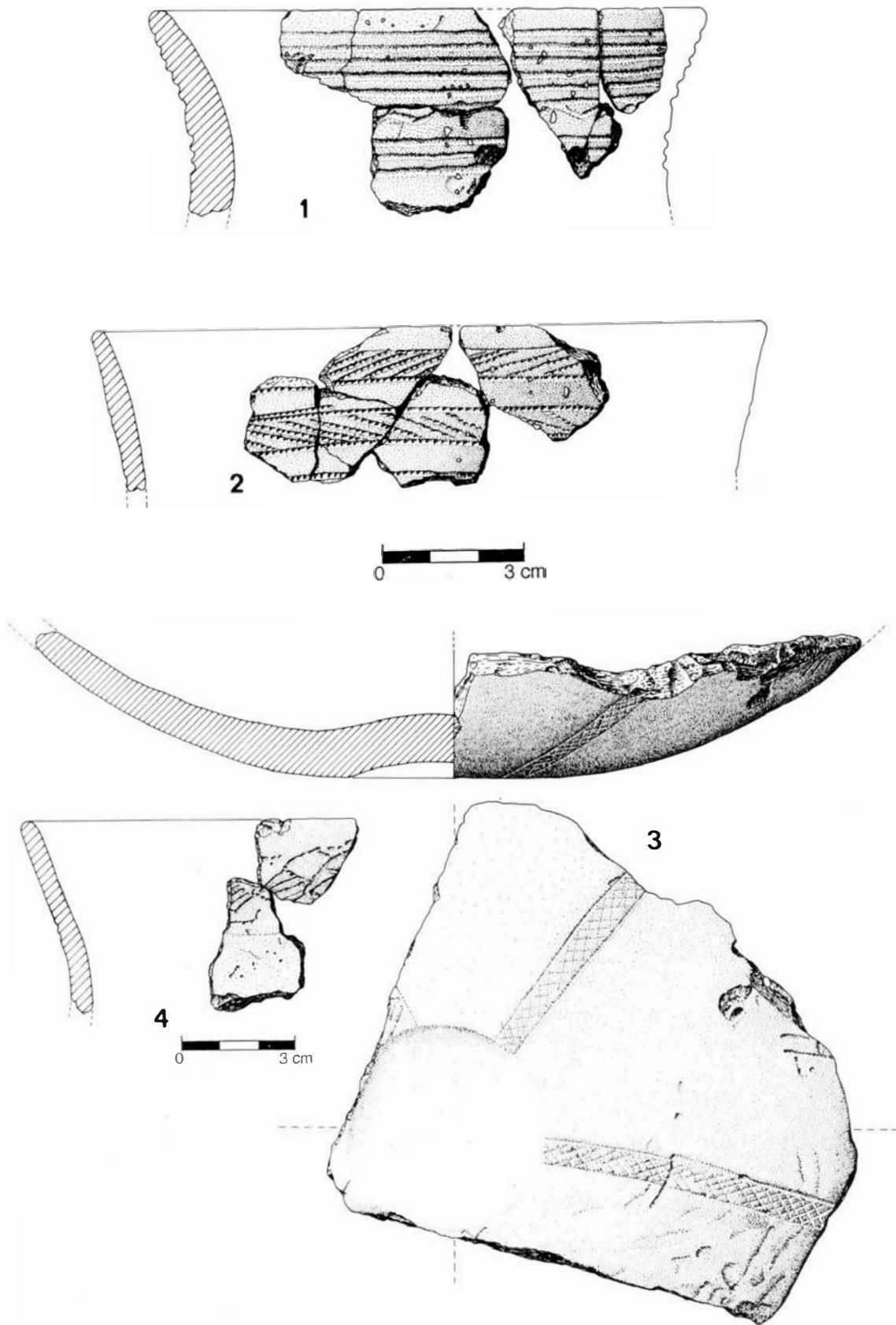
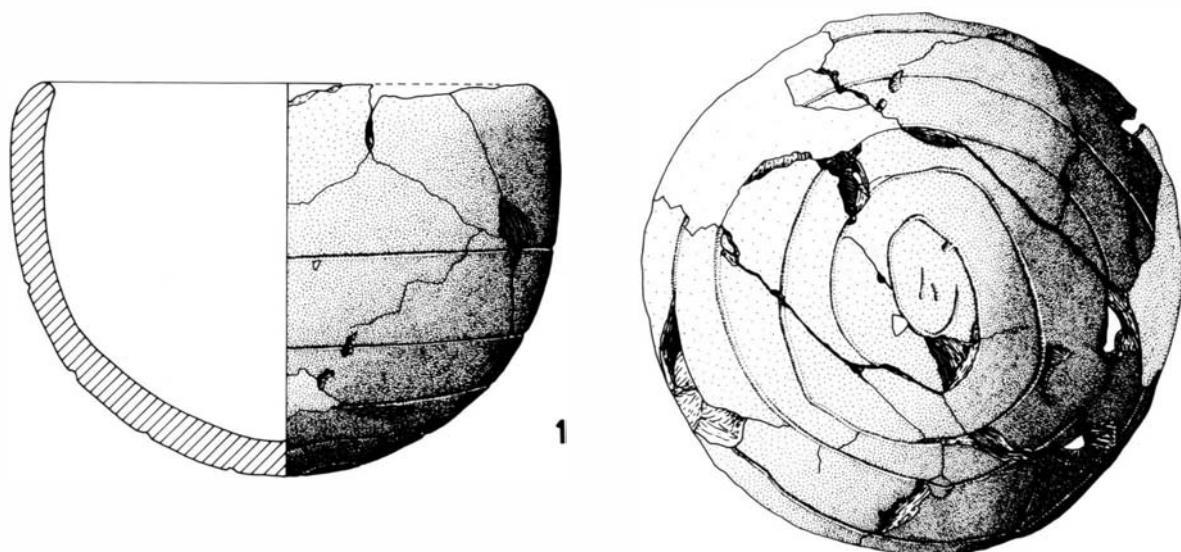
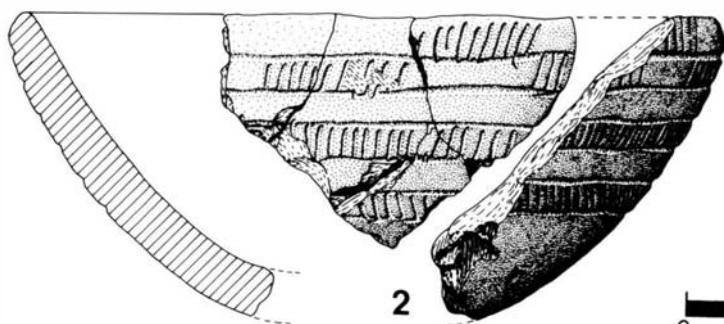


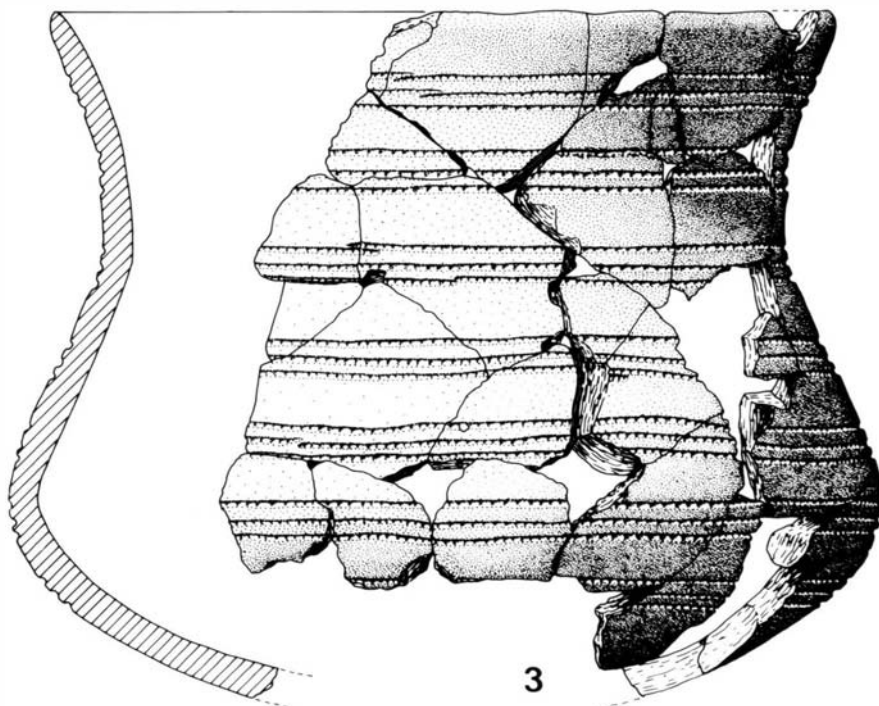
Fig. 56 – *Tholos* da Tituria - Cerâmicas campaniformes. 1 - vaso campaniforme inciso (Fig. 6, nº. 48); 2 - vaso campaniforme “marítimo”, decorado a ponteados (Fig. 5, nº. 36); 3 - fundo de taça com *omphalus* e decoração incisa de cervídeos, (Fig. 3, nº. 7). Mesmo exemplar da Fig. 58; observam-se as patas dianteiras de um desses animais. 4 - vaso campaniforme decorado a ponteados (Fig. 6, nº. 42).



1



2



3

Fig. 57 – *Tholos* da Tituaría - 1 - pequeno esférico com espiral incisa (Fig. 2, nº. 4); 2 - taça em calote com decoração campaniforme incisa (Fig. 25 e Fig. 5, nº. 31); 3 - vaso campaniforme com decoração “internacional” a ponteados (Fig. 27 e Fig. 4, nº. 14).

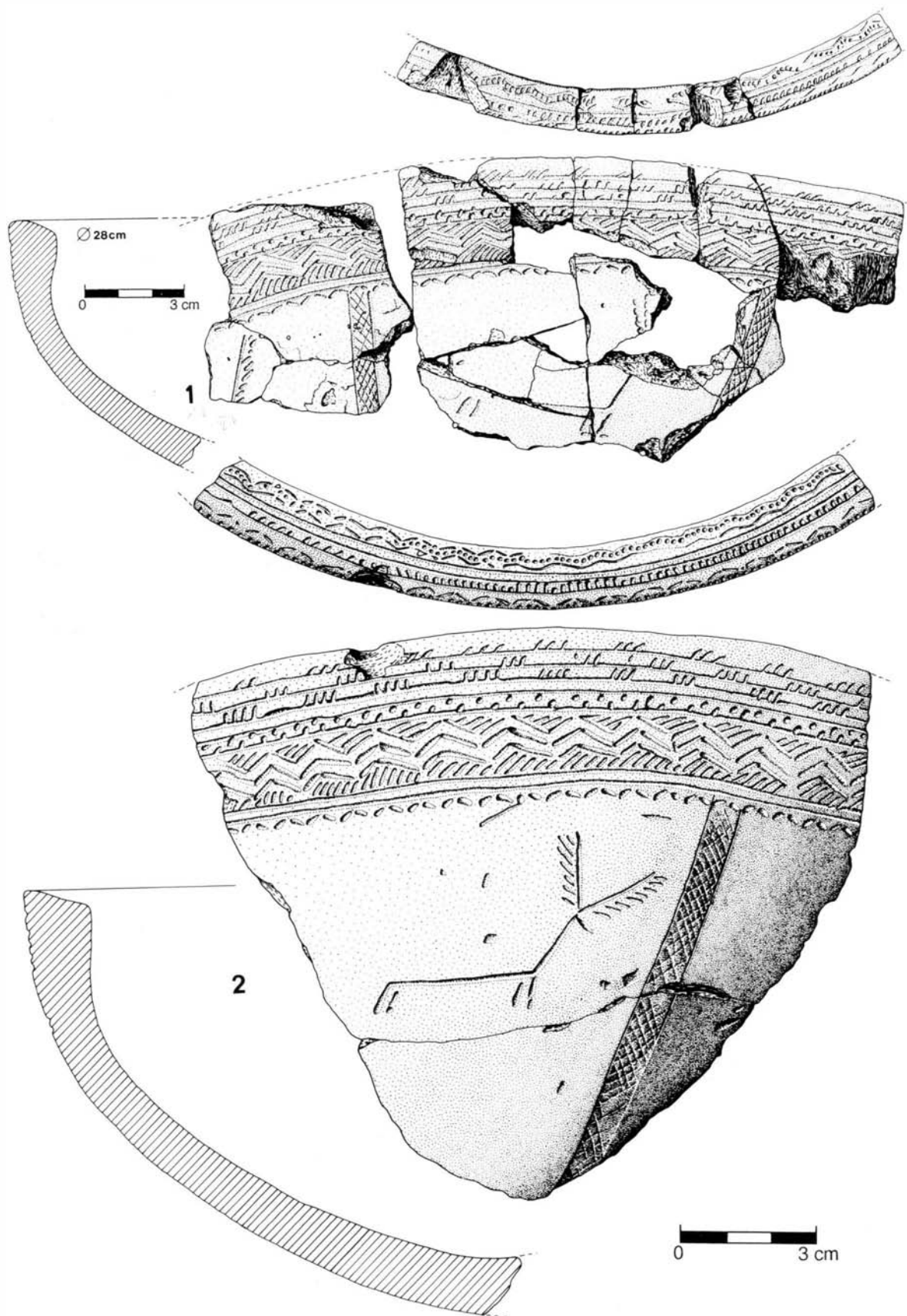


Fig. 58 – *Tholos* da Tituaria - Grande taça campaniforme com decoração incisa, incluindo cervídeos; ver Fig. 56, nº. 3 (Fig. 3, nº. 7).

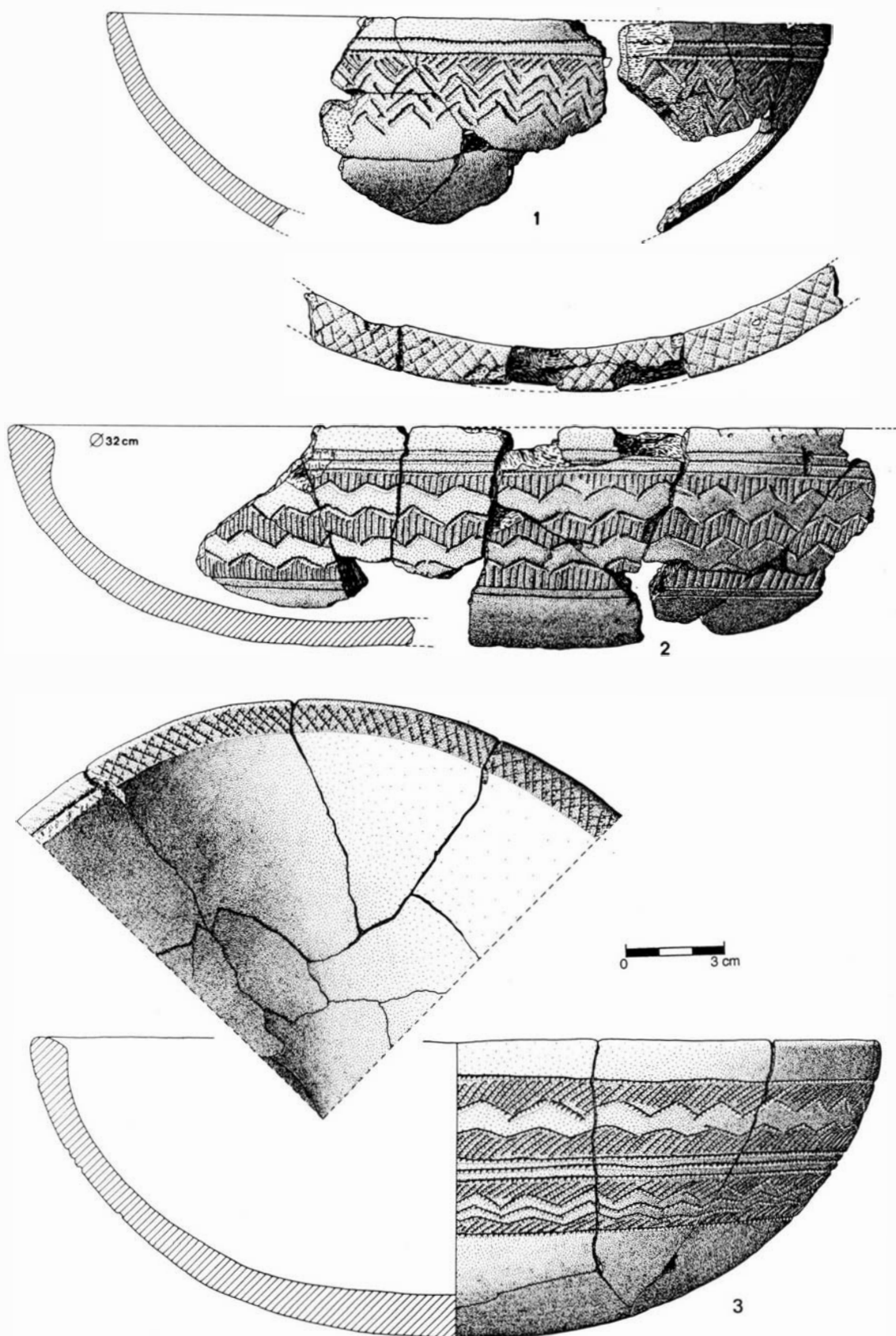


Fig. 59 – *Tholos* da Tituaria - Taças com decorações campaniformes. 1 - taça em calote com decoração a ponteadado (Fig. 26; Fig. 5, nº. 37); 2 - grande taça tipo Palmela com decoração incisa (Fig. 6, nº. 50); 3 - taça tipo Palmela completa, com decoração a ponteadado (Fig. 23; Fig. 6, nº. 52).

35 (1), 1993, p. 25-33) conduziu à intersecção em 2480 cal BC, a que corresponde os seguintes intervalos (calibração efectuada por A. Monge Soares, a quem se agradece):

- para 1 sigma: 2580 - 2460 cal BC;
- para 2 sigma: 2850 - 2820 cal BC, 2660 - 2640 cal BC, 2620 - 2320 cal BC.

7 - CONCLUSÕES

Algumas conclusões são de realçar no concernente ao importante conjunto funerário exumado no *tholos* da Tituaria (Moinhos de Casela, Mafra):

1 - A escavação, efectuada no Verão de 1978, veio contribuir para o conhecimento das associações artefactuais e rituais funerários da Estremadura, pré-campaniformes e campaniformes.

2 - O primeiro nível corresponde às deposições mortuárias coevas dos construtores do sepulcro. Estas efectuaram-se apenas na câmara, não atingindo o corredor, ao nível do chão primitivo do interior. No decurso da escavação, recolheram-se indícios de que o espólio deste nível se concentrava ao longo da base da parede da câmara, prova de terem os cadáveres sido ali depositados, acompanhados das respectivas oferendas.

3 - Um nível intermédio, correspondente aos derrubes da falsa cúpula, possuía as primeiras sepulturas campaniformes concentradas no quadrante SE da câmara.

4 - Evidenciou-se uma violação da câmara, correspondente à ausência de espólio em mais de metade desta, efectuada antes da ocupação campaniforme, mas já depois da queda da falsa cúpula.

5 - A intensa erosão, actuante antes e, sobretudo, depois do desmoronamento da falsa cúpula que cobria a câmara do monumento, foi responsável por importante rebaixamento do solo, conduzindo ao quase desaparecimento do *tumulus* e, no interior do monumento, à remobilização dos materiais votivos ali depositados. Enfim, a acção de pesquisadores de tesouros, justificada pelo aparecimento, a pouca profundidade, de restos de possível diadema, em folha de ouro, contribuiu para acentuar os remeximentos naturais anteriormente produzidos. A presença de violadores antigos é situação bem conhecida em outros contextos idênticos. Tal é o caso do *tholos* de Pai Mogo (Lourinhã) e do monumento 7 de Alcalar.

6 - Ulteriormente, a escolha da câmara e de parte do corredor para instalação da necrópole campaniformes, levou à abertura de sepulturas individuais, escavadas ao nível de derrube da falsa cúpula, então já completamente desmoronada, proporcionando, outrossim, o aproveitamento de lages, utilizadas na estruturação das sepulturas. Tais sepulturas possuíam, nalguns casos, o chão forrado de lages, sendo por vezes abertura destas estruturas contribuiu para aumentar o estado de remeximento do espólio no interior do monumento, especialmente o da câmara, já que o corredor foi apenas utilizado no decurso da última fase de utilização do sepulcro.

7 - Não obstante as acções mecânicas, naturais e artificiais, supra referidas, os dois níveis arqueológicos principais puderam ser identificados por associações artefactuais globalmente diferentes, que importa valorizar. Assim, o nível inferior é caracterizado pela presença de ideofactos de calcário, avultando no superior e, especialmente, no corredor, as cerâmicas campaniformes. Pelo menos, foram identificados 4 vasos marítimos, 1 caçoila de ombro baixa, 1 taça tipo Estoril, 6 taças tipo Palmela e 2 taças em calote, a que correspondem 10 ocorrências de decoração pontilhada e apenas três à técnica incisa. Tal situação, sugere uma presença campaniforme relativamente recuada, reforçada pela abundância de vasos campaniformes, dois deles com decorações "internacionais".

8 - A escolha por portadores de cerâmicas campaniformes do monumento para necrópole, dando assim continuidade à sua utilização, só reforça a poderosa carga simbólica que aquele ainda detinha, mesmo depois de destruída a falsa cúpula que o cobria. O seu reaproveitamento sugere que a eclosão do fenómeno campaniforme não terá sido acompanhado de significativas transformações ao nível da super-estrutura religiosa; embora sejam diferentes os ritos, com o surgimento das inumações individuais, continuou-se a privilegiar os espaços colectivos anteriormente construídos (caso dos *tholoi*, antas e hipogeus) ou simplesmente ocupados (caso das grutas naturais).

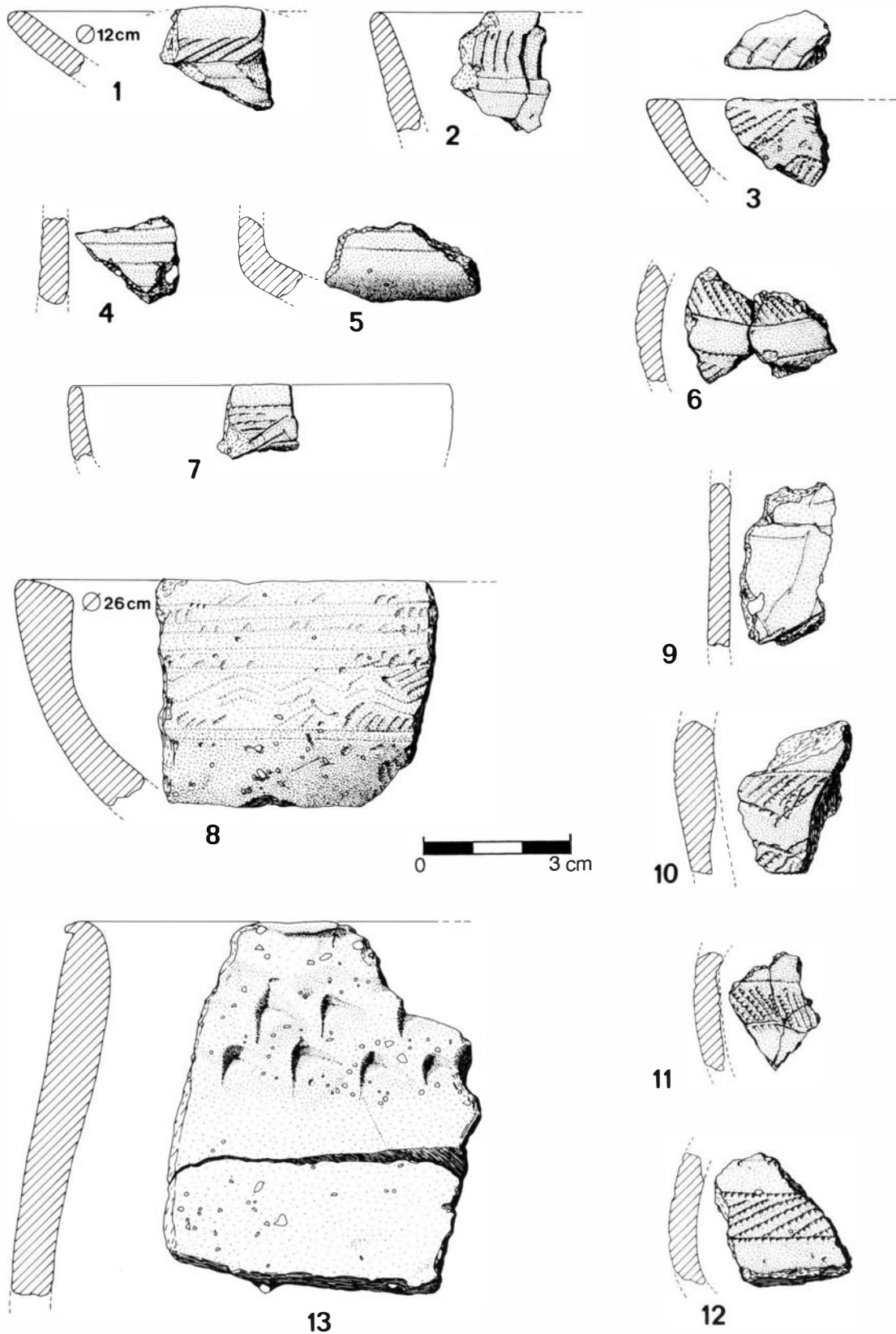


Fig. 60 – *Tholos* da Tituaría – Cerâmicas impressas e campaniformes, decoradas a ponteados, ou incisadas. Destaque para: 3 - pequena taça tipo Palmela (n.º 3), recolhida no local indicado na Fig. 3, n.º 8; 6 - fragmento de vaso “marítimo” (Fig. 6, n.º 43); 7 - pequena taça em calote decorada a ponteados (Fig. 5, n.º 41); 8 - taça tipo Estoril, muito erodida, decorada a ponteados (Fig. 6, n.º 41A); 10 - fragmento de vaso “marítimo” (Fig. 6, n.º 44); 13 - vaso cilíndrico com decoração impressa espatulada (Fig. 5, n.º 23). Os restantes fragmentos provêm do crivo.

9 - Admitindo que a orientação do corredor do monumento se abria para nascente, como é usual nas sepulturas colectivas calcolíticas, e tendo em consideração o valor obtido, correspondente ao azimute de 102,8°, é lícito aceitar-se que a sua construção ou, ao menos, a definição da respectiva planta, se terá efectuado em período de tempo curto, no decurso do mês de Fevereiro ou no de Outubro, altura em que a nascer do sol corresponde o valor azimutal encontrado.

8 - AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Arqueologia do IPPAR, na pessoa do Dr. Fernando Real, por ter financiado (J.L.C.) uma datação de radiocarbono por AMS, em Oxford, ao abrigo de protocolo entre aquela Instituição e o Research Laboratory for Archeology and the History of Art.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, João Luís; LEITÃO, M. & FERREIRA, O. da Veiga (1987) - Nota acerca de uma conta-amuleto encontrada no *tholos* da Tituaria (Mafra). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 5, p. 89-99.

CARDOSO, J. L. *et al.* (1992) - A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225.

CARRILERO MILLÁN, M. & SUÁREZ MÁRQUEZ, A. (1995) - Excavaciones arqueológicas en Ciavieja (El Ejido, Almería). Nuevas aportaciones al comienzo de la metalurgia en el Sudeste de la Península Iberica. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, p. 199-215.

FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. H. (s/d) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mem-Martins.

FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. Reynolds de (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 59, p. 107-192.

FORNI, G. (1989) - Evidences for a "protobreeding" of Red Deer. Red deer as a "domesticoid" animal. *Archaeozoologia*, 3 (1/2), p. 179-190.

GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) - *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

GONÇALVES, J. L. Marques (1982/83) - Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*, I-II, p. 29-58.

GONÇALVES, V. S. (1992) - Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. *Cadernos da Uniarg*, 2. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa.

HELENO, M. (1933) - *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa.

HELENO, M. (1942) - Gruta artificial da Ermegeira. *Ethnos*, 2, p. 449-460.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, 3. Associação de Estudos do Alto Alentejo. Vila Velha de Ródão.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal (N.S.), 12. Lisboa.

LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.

LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, L., FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In *L'Âge du Cuivre européen* (J. Guilaine, ed.). CNRS, Centre de Publications de Toulouse, p. 221-239.

PAÇO, A. do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português*, 1, p. 235-249.

PEREIRA, M. A. Horta & BUBNER, T. (1974/77) – Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*, S. III, 7/9, p. 113-124.

SANTOS, M. Farinha dos & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, S. III, 3, p. 37-62.

VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 111-116.

O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO DAS GRUTAS NATURAIS DA SENHORA DA LUZ (RIO MAIOR) ⁽¹⁾

João Luís Cardoso ⁽²⁾, O. da Veiga Ferreira & J. Roque Carreira

1 - INTRODUÇÃO

As imediações de Rio Maior, mercê de condições naturais propícias, onde avulta a abundância de sílex, são férteis em estações pré-históricas, tanto paleolíticas como mais recentes. Tal facto explica a atenção que Manuel Heleno dedicou à região; durante mais de uma década, explorou muitas dessas estações, com o apoio de colaboradores locais. As grutas naturais da Senhora da Luz, situadas em zona de relevos ondulados suaves, contam-se entre aquelas a que o antigo Director do Museu Nacional de Arqueologia dedicou atenção.

Abrem-se em calcários do Jurássico médio (Kimmeridgiano), distando apenas cerca de 1,5 Km de outra importante gruta natural longamente frequentada pelo homem pré-histórico, o Abrigo Grande das Bocas, cujo espólio foi recentemente estudado (CARREIRA, 1994). As suas coordenadas são as seguintes: 39° 20'15" lat. N.; 8° 59' 10" long. W de Greenwich, Carta 26-D, escala 1/50000 Instituto Geográfico e Cadastral (Fig. 1).

A exploração desta importante necrópole, abarcando diversas épocas da Pré-história recente, decorreu em 1935 e 1936 (MACHADO, 1964, p. 118). O copioso espólio então recolhido, foi transportando para o Museu Nacional de Arqueologia, tendo-se mantido até à actualidade inédito, exceptuando-se as seguintes peças mais notáveis:

- vaso com decoração incisa, “em espiga” ou “falsa folha de acácia” (Fig. 41, nº. 2). Trata-se de vaso cujo desenho (impreciso) foi publicado por FERREIRA (1970a) e reproduzido ulteriormente (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 152). Do referido exemplar publicou-se fotografia no catálogo da exposição Lisboa Subterrânea, patente em 1994 no Museu Nacional de Arqueologia (ARRUDA, 1994); é muito idêntico a dois recipientes que ulteriormente foram exumados na Lapa do Fumo, Sesimbra e conservados no respectivo Museu Municipal (SERRÃO, 1959, p. 201, nº. 3);

- “garrafa” ou vaso bojudo e de colo alto de época campaniforme (Fig. 47, nº. 2), cujo desenho foi reproduzido de SPINDLER (1975). Ulteriormente, LEITÃO *et al.* (1978, p. 469) e FERREIRA & LEITÃO (s/d, p. 205 e p. 208, nº. 63, embora sem indicação de proveniência) voltam a referir tal exemplar, de tipologia rara no contexto das referidas cerâmicas;

⁽¹⁾ Espólio entregue para estudo a O. V. F., enquanto Conservador do então Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, que o confiou para o efeito aos restantes co-autores. Coordenação de J. L. C.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

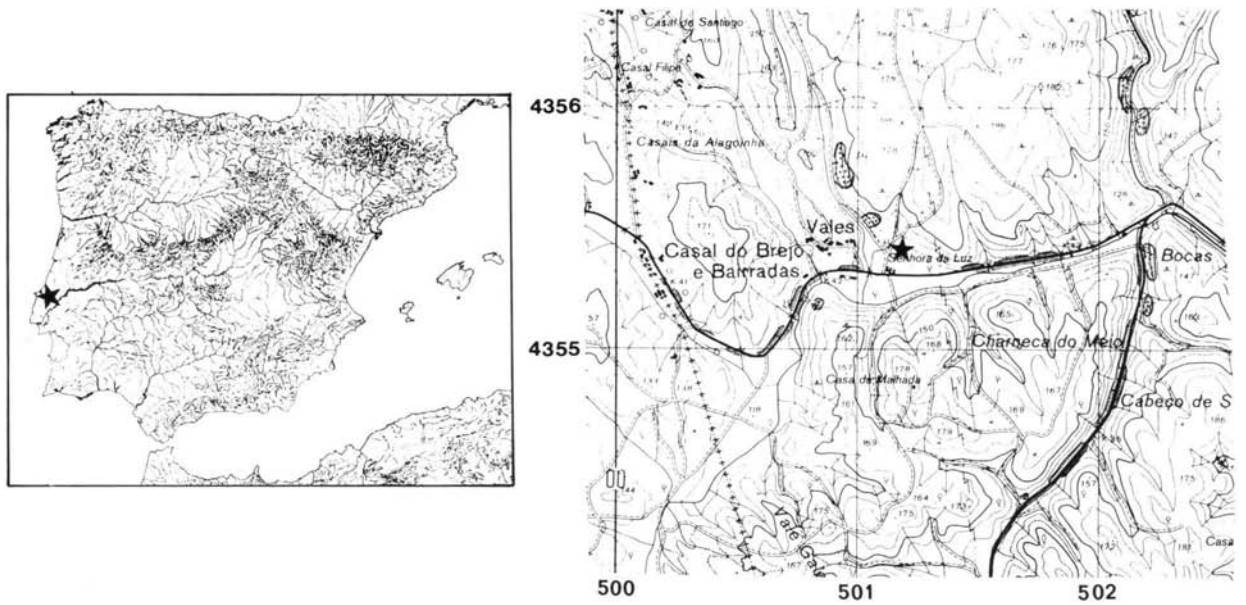


Fig. 1 – Grutas da Senhora da Luz. Localização à escala regional (carta nº. 339, à escala de 1/25000 dos S.C.E.) e na Península Ibérica.

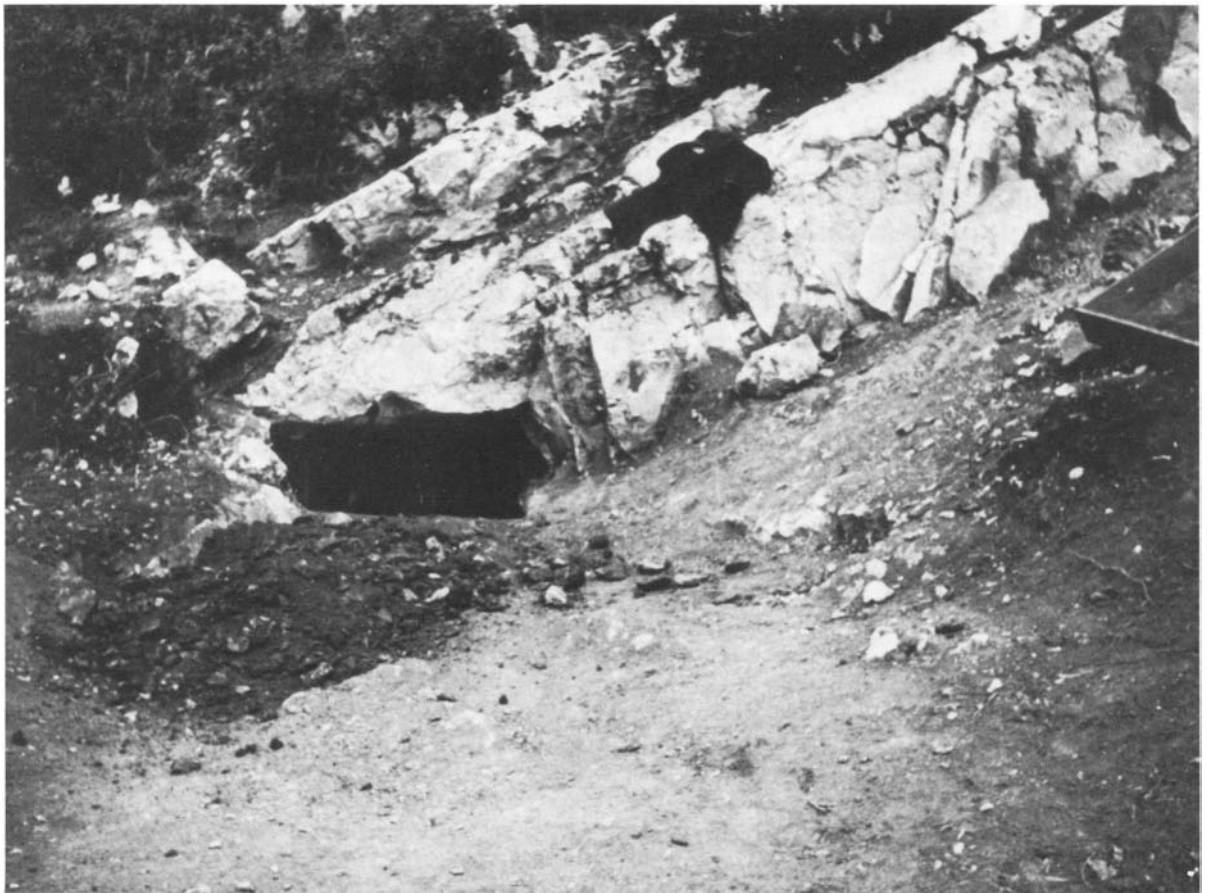


Fig. 2 – Gruta I da Senhora da Luz. Foto da época da escavação de Manuel Heleno (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).



Fig. 3 – Gruta II da Senhora da Luz: entrada antiga (=II a); do lado esquerdo, a Gruta III. Foto da época da escavação de M. Heleno (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

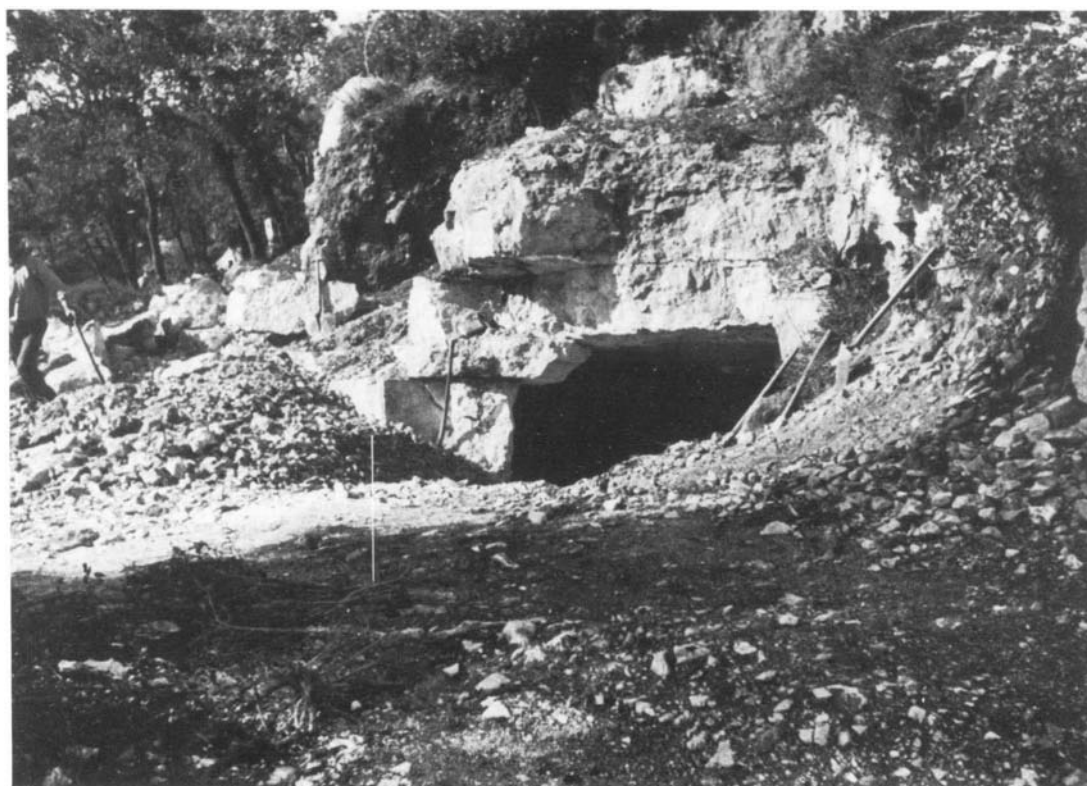


Fig. 4 – Gruta II da Senhora da Luz (vale). Foto da época da escavação de Manuel Heleno (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

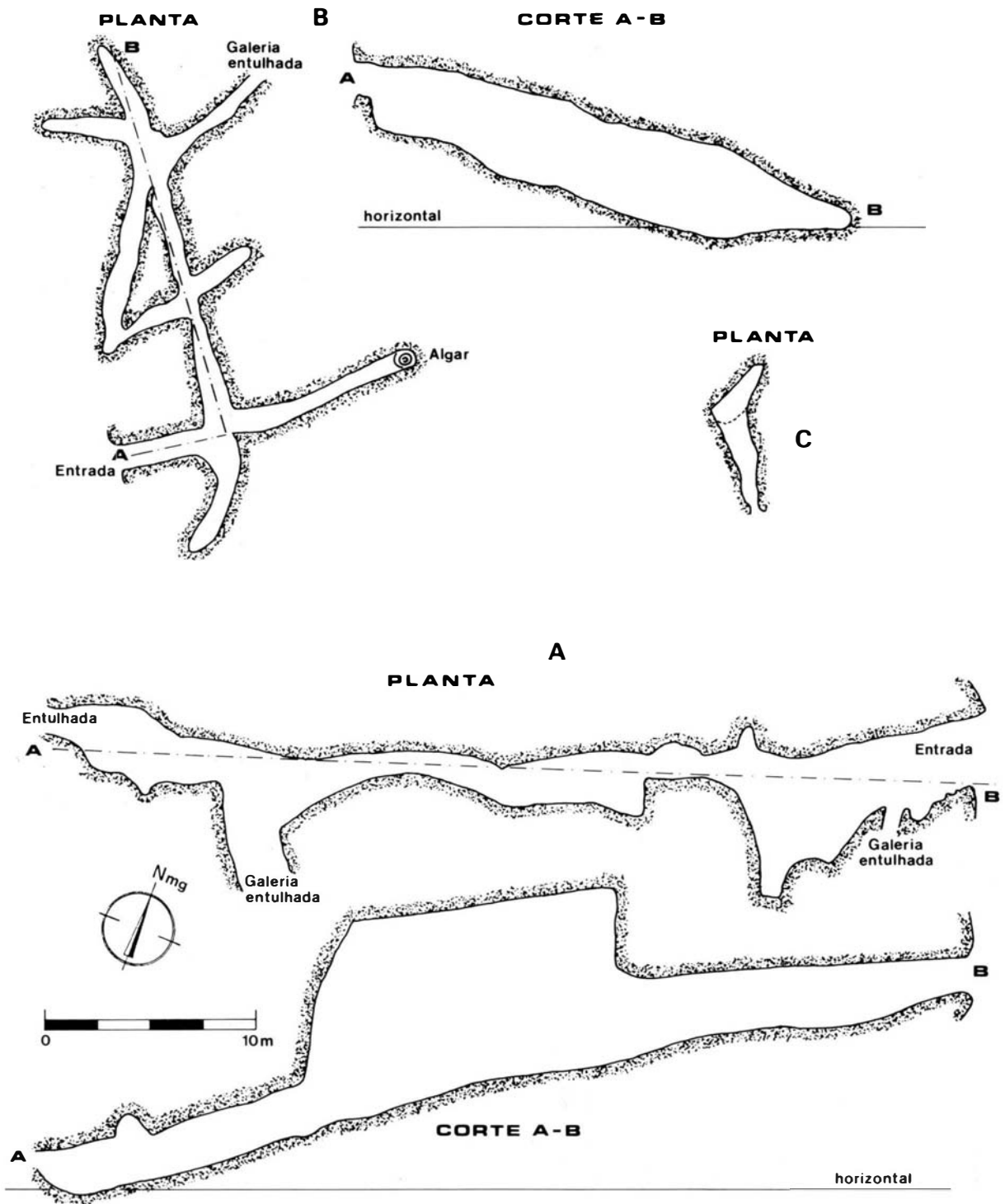


Fig. 5 – A - Gruta I da Senhora da Luz (planta e corte). B - Gruta II da Senhora da Luz (planta e corte). C - Gruta III da Senhora da Luz (planta). Levantamentos topográficos de O. da Veiga Ferreira, com a colaboração de Nuno de Oliveira, Carlos Pereira e Miguel Martins.

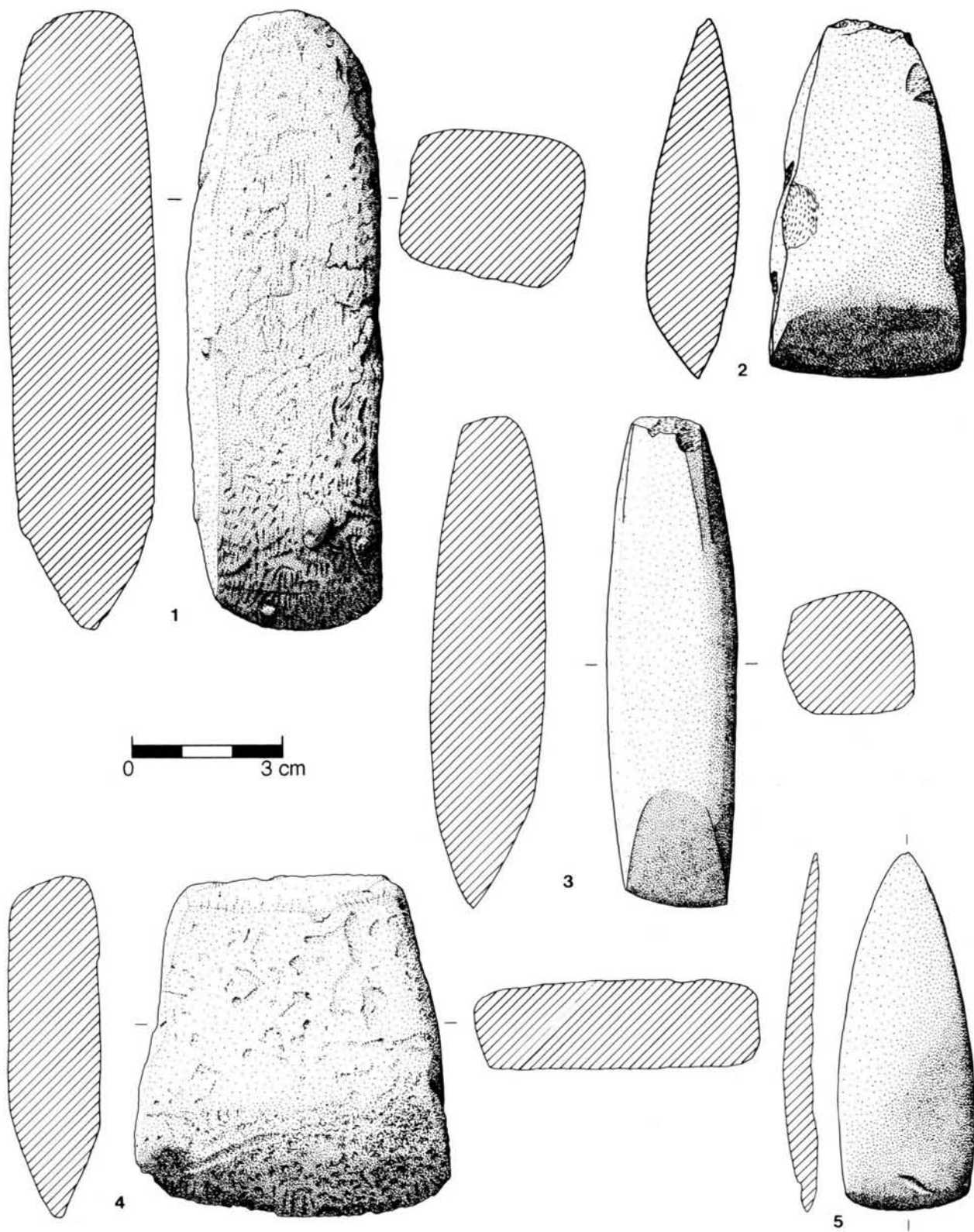


Fig. 6 – Gruta II da Senhora da Luz. Espólio de pedra polida.

- alabarda de tipo “Casa da Moura” (Fig. 29), citada, a título comparativo, por FERREIRA (1970b);
- matriz para cerâmica, de osso (Fig. 31, nº. 6). Este raro artefacto foi publicado, a título comparativo, conjuntamente com outros (LEITÃO *et al.*, 1973, Fig. 3, nº. 4) e, ulteriormente, por SPINDLER (1981, Abb. 35, nº. 14);
- pulseira de concha de *Glycymeris* (Fig. 31, nº. 9), reproduzida por HELENO (1935, Fig. 2); trata-se de um dos seis artefactos deste tipo exumados na necrópole, dos quais quatro se observaram e reproduzem neste trabalho;
- espiral de ouro, obtida por martelagem (Fig. 47, nº. 1), publicada por HELENO (1935, Fig. 1) e, ulteriormente mencionada por numerosos autores (bibliografia referida em FERNANDES, 1994).

A importância do espólio justificava estudo de conjunto; tal objectivo foi concretizado através do presente trabalho, no qual se reproduzem todas as peças a que um de nós (O. V. F.) teve acesso, enquanto Conservador do Museu Nacional de Arqueologia, no final da década de 1960.

Fica por estudar, de momento, o copioso espólio antropológico (autorização já concedida a J. L. C. e A. Santinho Cunha) bem como, eventualmente, algumas peças arqueológicas que com ele ainda se encontrem.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

São escassas as informações relativas às condições de jazida das peças ora estudadas. Não se verifica, porém, a existência de quaisquer artefactos paleolíticos, os quais ocorrerão, outrossim, em estações de ar livre designadas pelo mesmo topónimo (HELENO, 1956; MACHADO, 1964, p. 124, 126, 131); assim se explicaria ao menos em parte, a menção de materiais antropológicos e arqueológicos daquela época. Com efeito, FERREIRA & LEITÃO (s/d, p. 85, aludem a peças solutrenses; os mesmos autores (p. 103), referem que “...um dos crânios do nível inferior da chamada Gruta I (.....), poderia, na opinião de Gisela Asmus, pertencer a um homem do Aurignacense, aliás com indústria recolhida daquela época”, cuja presença, repetimos, não se confirmou na revisão agora efectuada, dos materiais arqueológicos.

Para o vaso neolítico decorado por incisões “em espiga”, da Gruta I, as condições da jazida, segundo FERREIRA (1970a, p. 234) eram as seguintes: “...o vaso apareceu nos estratos superiores da gruta, que estava revolvido, mas, mesmo assim, o vaso era acompanhado por lâminas de sílex sem retoque e contas discóides de calcite. Segundo ainda o Prof. Heleno, fazia parte de um enterramento superior aos outros estratos que deram materiais do Paleolítico Superior”. Tal observação justificará a ulterior afirmação da existência de enterramentos neolíticos em covachos no nível superior da necrópole (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 148), que os referidos autores atribuem ao Neolítico médio.

O espólio da Gruta I (Fig. 2) de onde provém o referido vaso, fora atribuído por HELENO (1935, p. 231, nota 21) ao Neolítico. A Gruta II (Fig. 3 e 4) seria já de época calcolítica, segundo o mesmo autor, estabelecendo, no entanto, diferenciação entre a sala 1 com espólio anterior a 2500 AC e as salas 2, 3 e 4, com materiais posteriores àquela data. (Fig. 5). Com efeito, da sala 3 da Gruta II, provém a espiral de ouro, de época campaniforme ou posterior.

São estas as únicas (e escassas) referências disponíveis acerca das condições da jazida do espólio que será seguidamente descrito e estudado.

3 - INDÚSTRIAS LÍTICAS

3.1 - Utensílios de pedra polida

3.1.1 - Machados (Fig. 6, nº. 1 e 4)

Apenas dois exemplares de anfibólito de grão fino a médio: um (Fig. 4, nº. 1), possui secção sub-rectangular espessa, apresentando as superfícies relativamente ásperas, por alteração química, que obliterou o polimento primitivo.

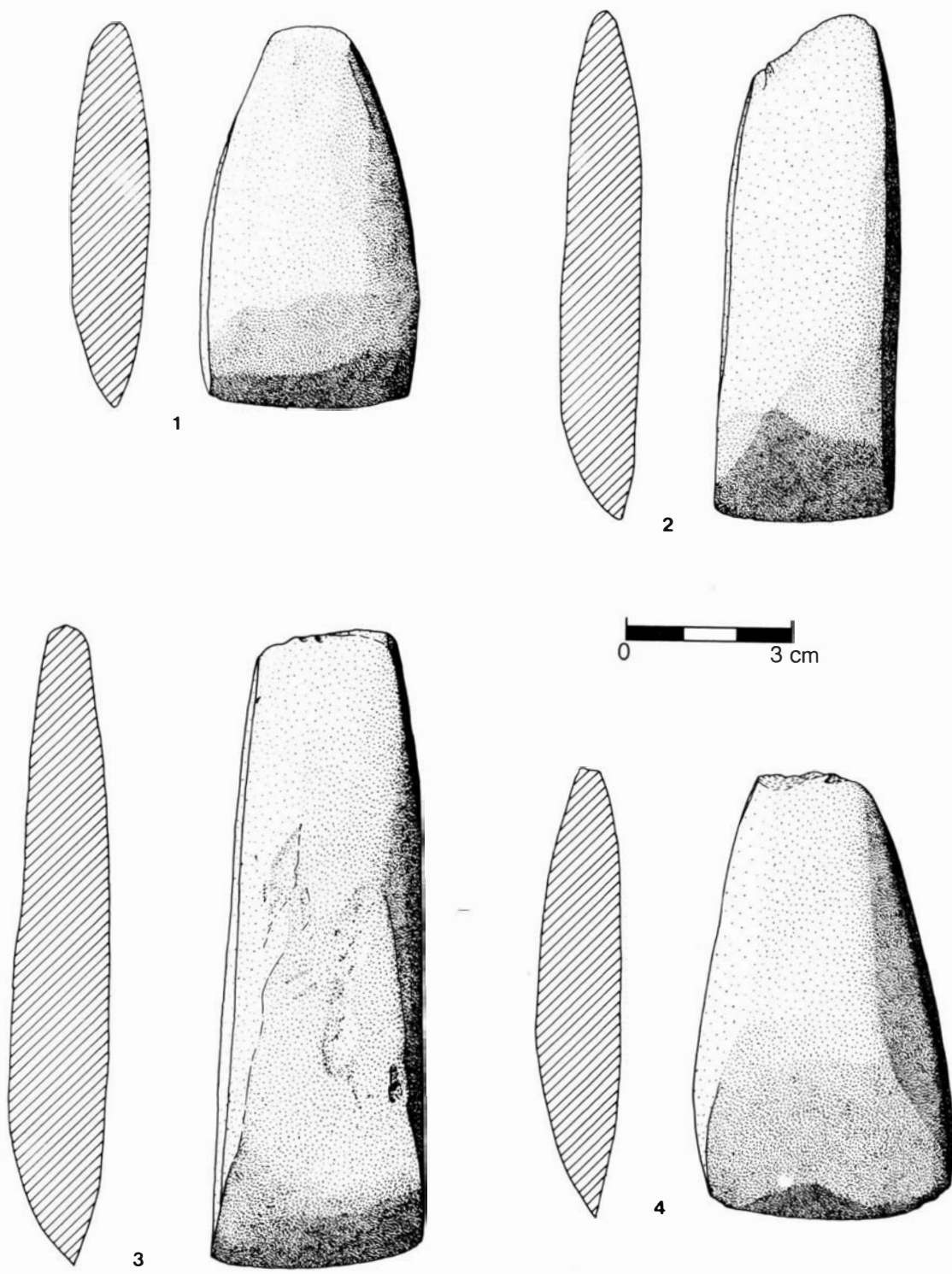


Fig. 7 – Gruta I da Senhora da Luz. Espólio de pedra polida.

O segundo (Fig. 4, nº. 4), possui contorno trapezoidal, e secção rectangular achatada, que recorda exemplares de cobre. São os únicos utensílios que exibem marcas de utilização nos bordos.

3.1.2 - Enxós (Fig. 6, nº. 2 e 5; Fig. 7, nº. 1 a 4)

Representadas por seis exemplares de anfiboloxistos de grão muito fino, muito bem polidos em toda a superfície e de secções lenticulares a sub-rectangulares com os lados maiores ligeiramente bombeados.

São, inquestionavelmente, artefactos votivos potencialmente funcionais, exceptuando talvez um pequeno exemplar manufacturado sobre lasca laminar incurvada, com polimento incompleto na face côncava; esta peça (Fig. 4, nº. 5), diferencia-se igulamente das restantes pela matéria-prima; a análise macroscópica sugere tratar-se de uma corneana.

3.1.3 - Escopros (Fig. 6, nº. 3)

Recolheu-se apenas um exemplar, de secção sub-quadrangular e lados convexos em anfiboloxisto esverdeado de grão fino. Apresenta-se totalmente polido, sem indícios de utilização no gume, embora a extremidade oposta revele diversos massacres por percussão, sugerindo, em consequência, um reavivamento do gume, conferindo-lhe aspecto não usado de carácter ritual.

3.2 - Utensílios de pedra lascada

3.2.1 - Indústrias microlíticas

3.2.1.1 - Trapézios (Fig. 8, nº. 2, 4, 6 a 24, 26, 30, 31, 33; Fig. 9, nº. 1 a 3)

Constituem o grupo de micrólitos mais frequentes; são em geral executados sobre lâminas ou lamelas de secção trapezoidal. Predominam os assimétricos, sendo escassos os de base recta.

Abundam as truncaturas rectilíneas ou sub-rectilíneas, estando presentes as côncavas, porém raramente coexistindo ambas no mesmo exemplar. Excepcionalmente, ocorrem truncaturas obtidas por retoque inverso semi-abrupto (Fig. 8, nº. 19), correspondendo à base recta dos trapézios. Alguns possuem entalhes (Fig. 8, nº. 6 e 22).

Com excepção de exemplar de calcedónia (Fig. 8, nº. 15), todos os trapézios são de sílex, predominando a coloração acinzentada, além de colorações amareladas, anegradas, avermelhadas e acastanhadas. Um sub-tipo particular possui entalhe na base menor (Fig. 8, nº. 6, 22 e 23).

3.2.1.2 - Crescentes (Fig. 8, nº. 25, 27 a 29 e 32; Fig. 9, nº. 4 a 7; 9 e 10; Fig. 10, nº. 1, 3 e 4)

Trata-se de conjunto menos abundante que o anterior, coexistindo exemplares de muito pequenas dimensões, sobre lamela, com outros, de tamanho maior, executados sobre lâminas. Um deles corresponde ao sub-tipo em “gomo de laranja” (Fig. 9, nº. 9).

Os tipos petrográficos não diferem dos anteriores, nos seus traços gerais, embora o sílex cinzento seja mais raro; um exemplar é de brecha siliciosa castanho-acinzentada (Fig. 9, nº. 28). Outro difere dos anteriores pela grande robustez (Fig. 10, nº. 1).

3.2.1.3 - Triângulos (Fig. 9, nº. 8)

Apenas se identificou um exemplar, espesso, de sílex amarelo-torrado possuindo franja de córtex no dorso, interrompida por entalhe pronunciado.

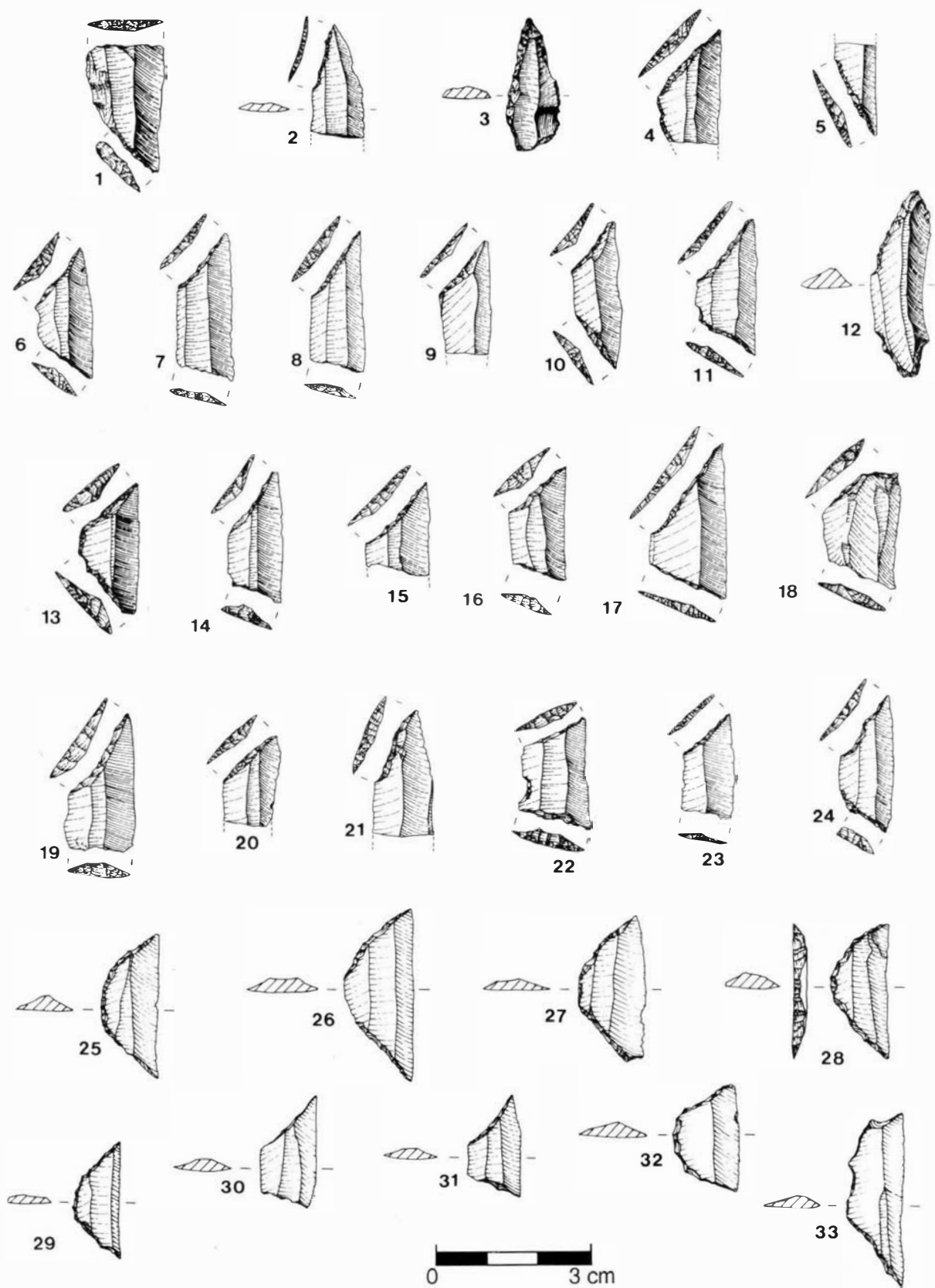


Fig. 8 – Gruta II da Senhora da Luz. Geométricos.

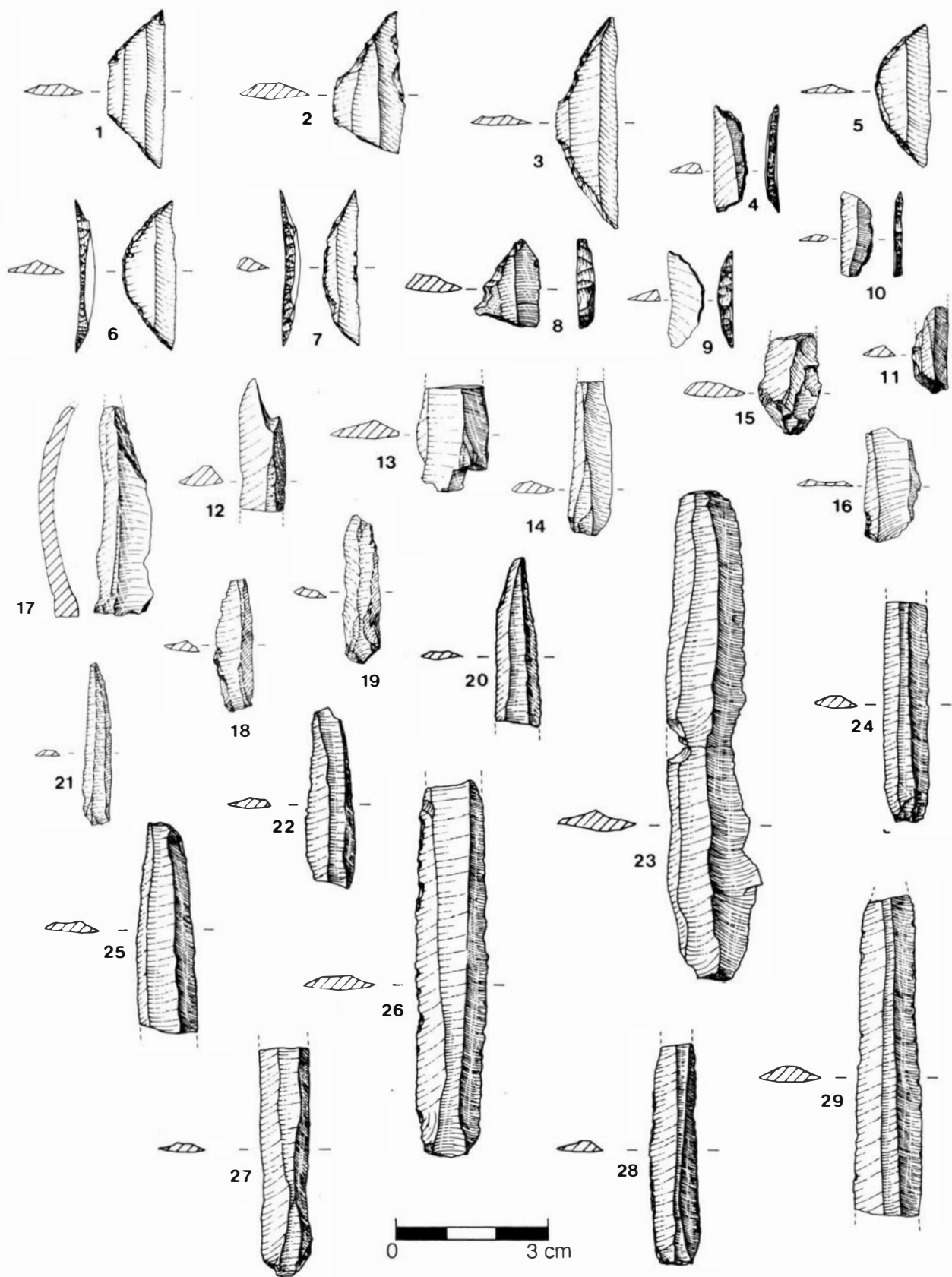


Fig. 9 – Gruta II da Senhora da Luz. Geométricos, lâminas e lamelas.

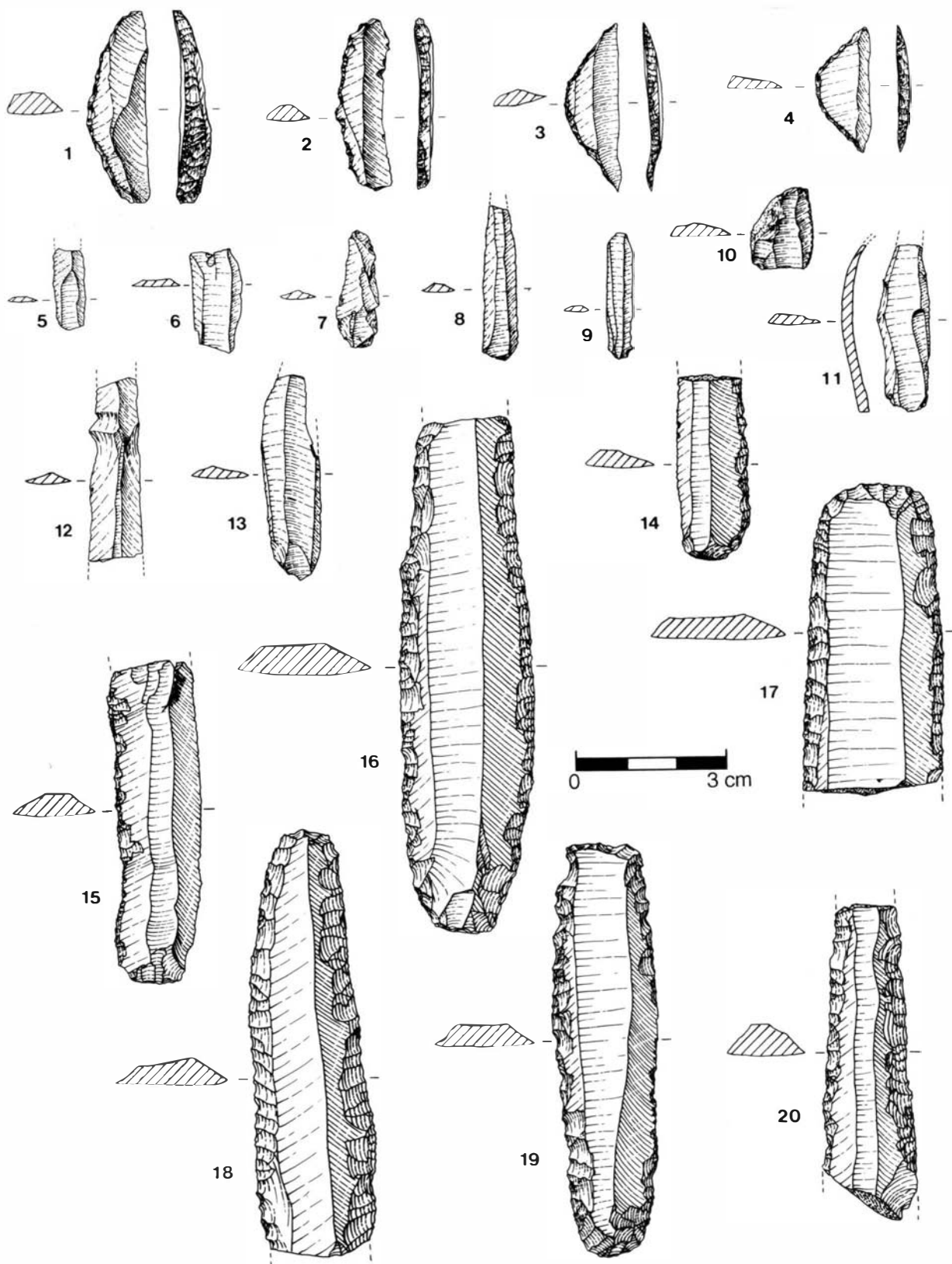


Fig. 10 – Gruta II b da Senhora da Luz. Geométricos, lamelas e lâminas retocadas.

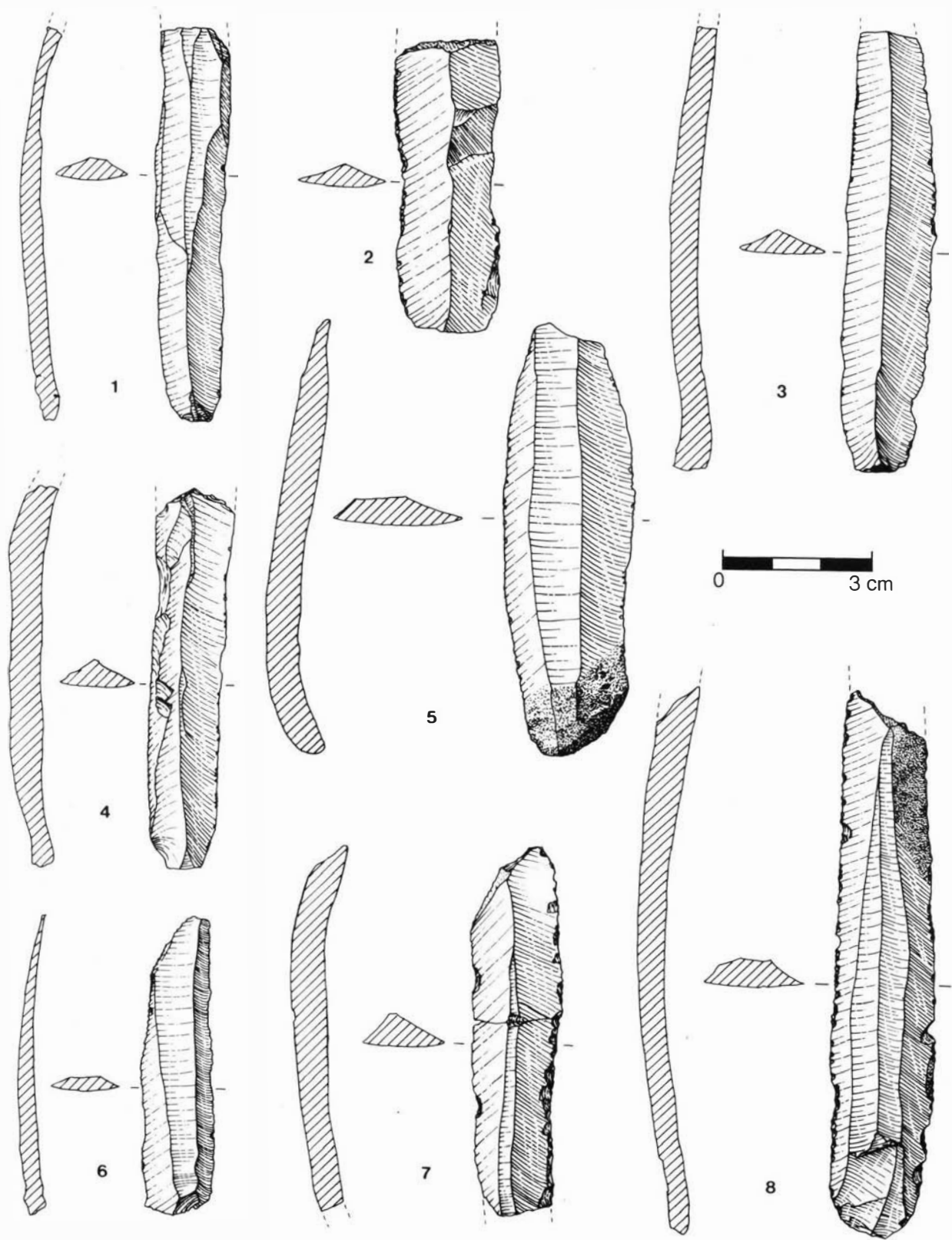


Fig. 11 – Gruta II a da Senhora da Luz. Lâminas não retocadas ou com retoques marginais.

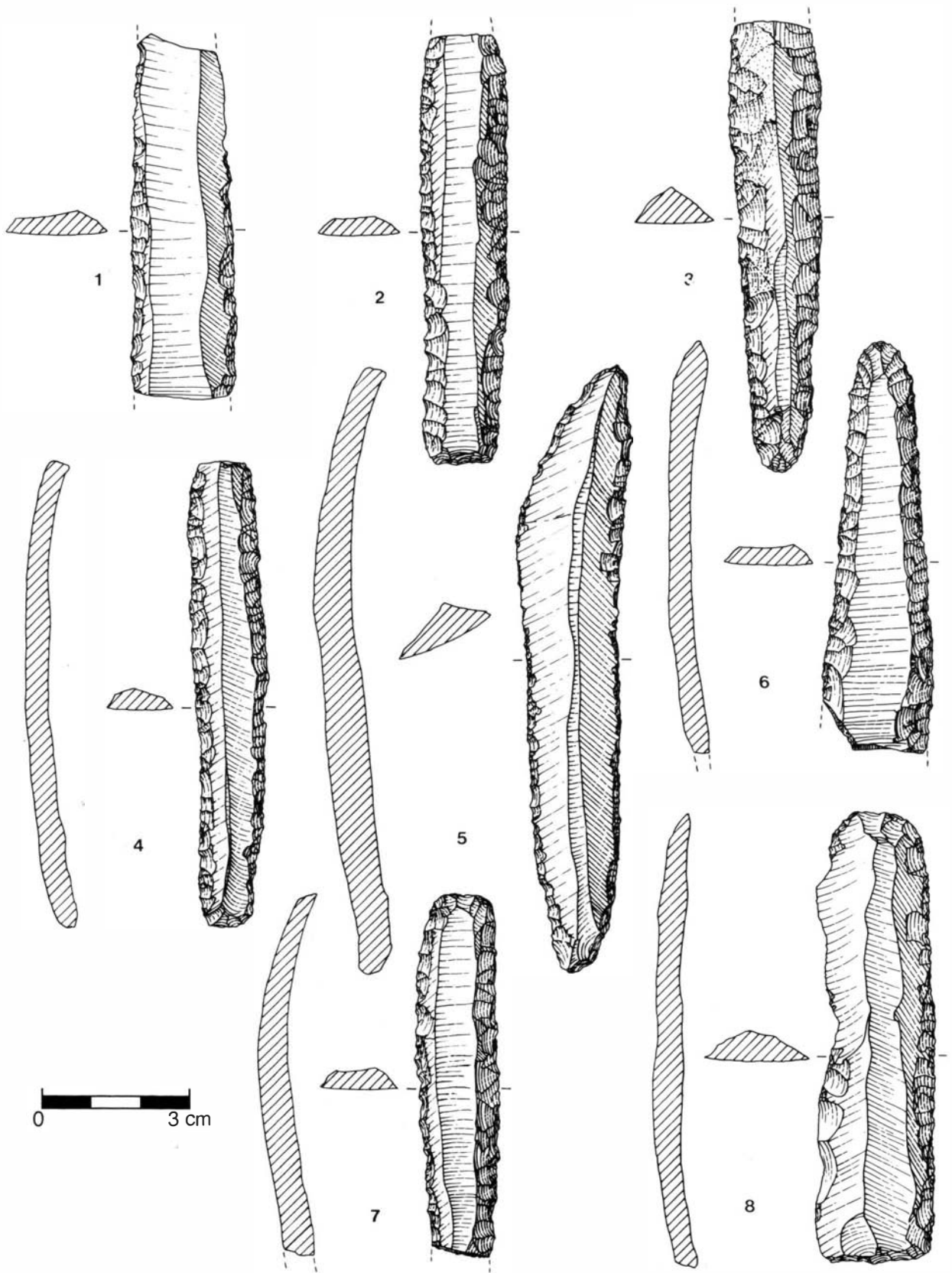


Fig. 12 – Gruta II b da Senhora da Luz. Lâminas retocadas.

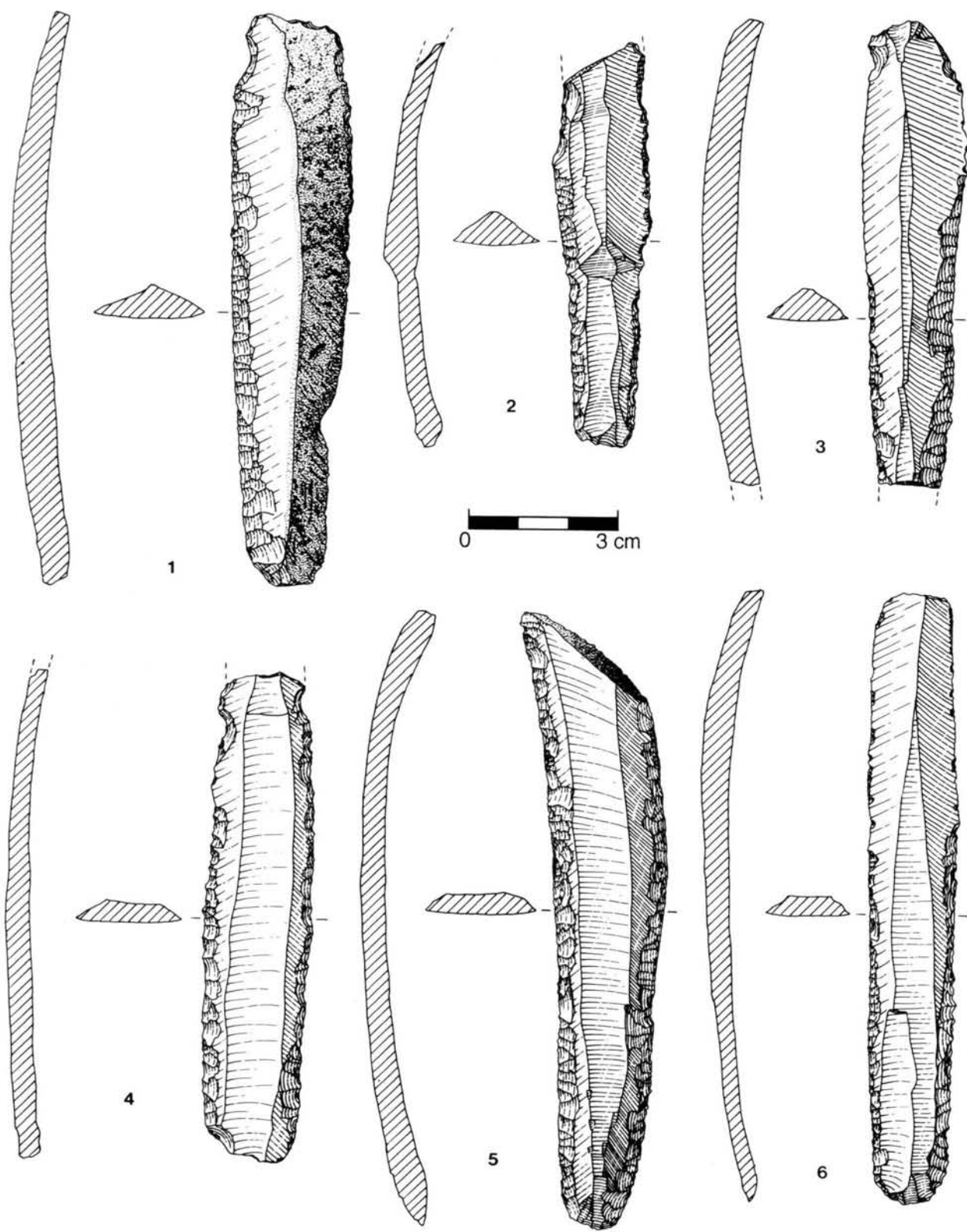


Fig. 13 – Gruta II b da Senhora da Luz. Lâminas retocadas.

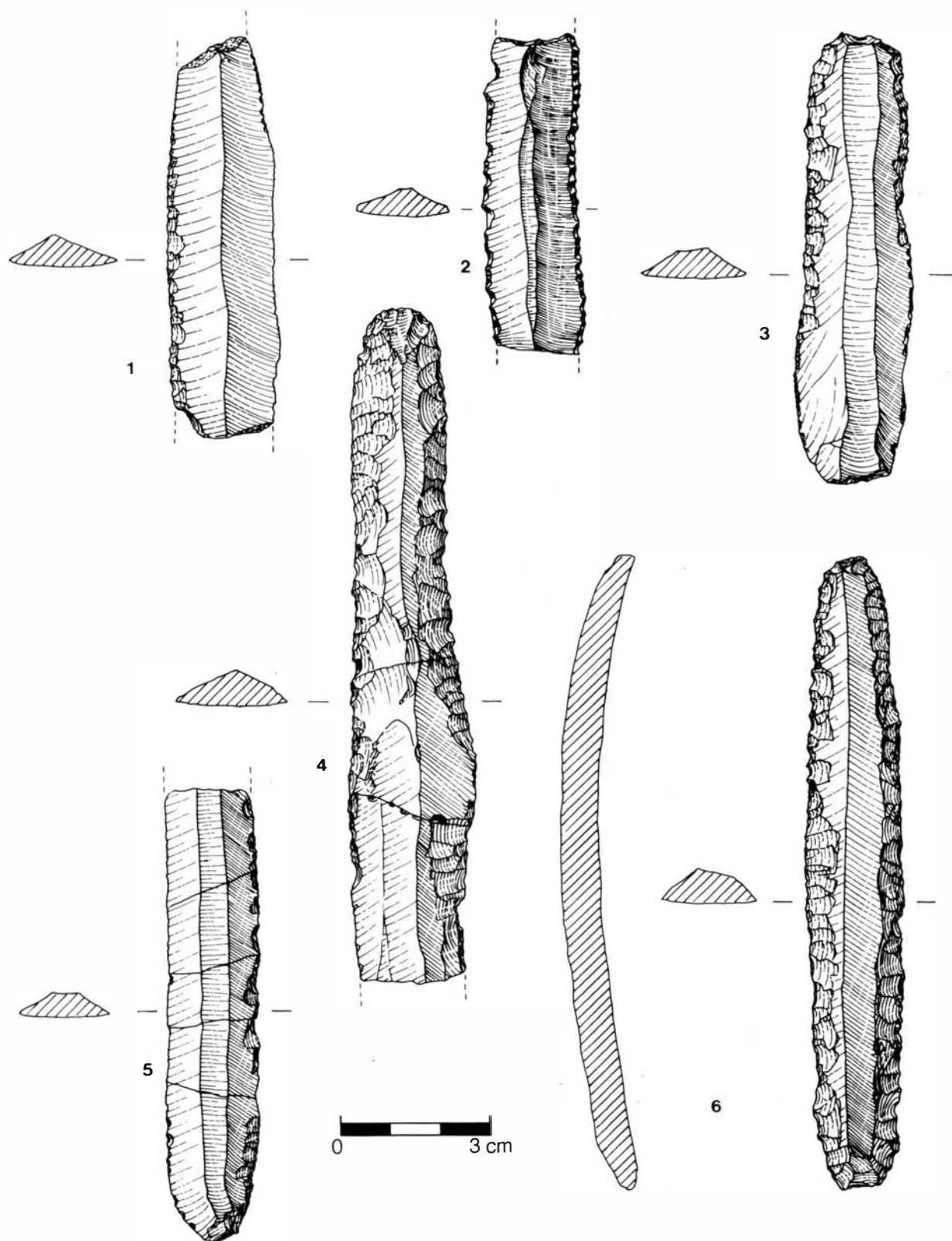


Fig. 14 – Gruta II da Senhora da Luz. Lâminas retocadas.

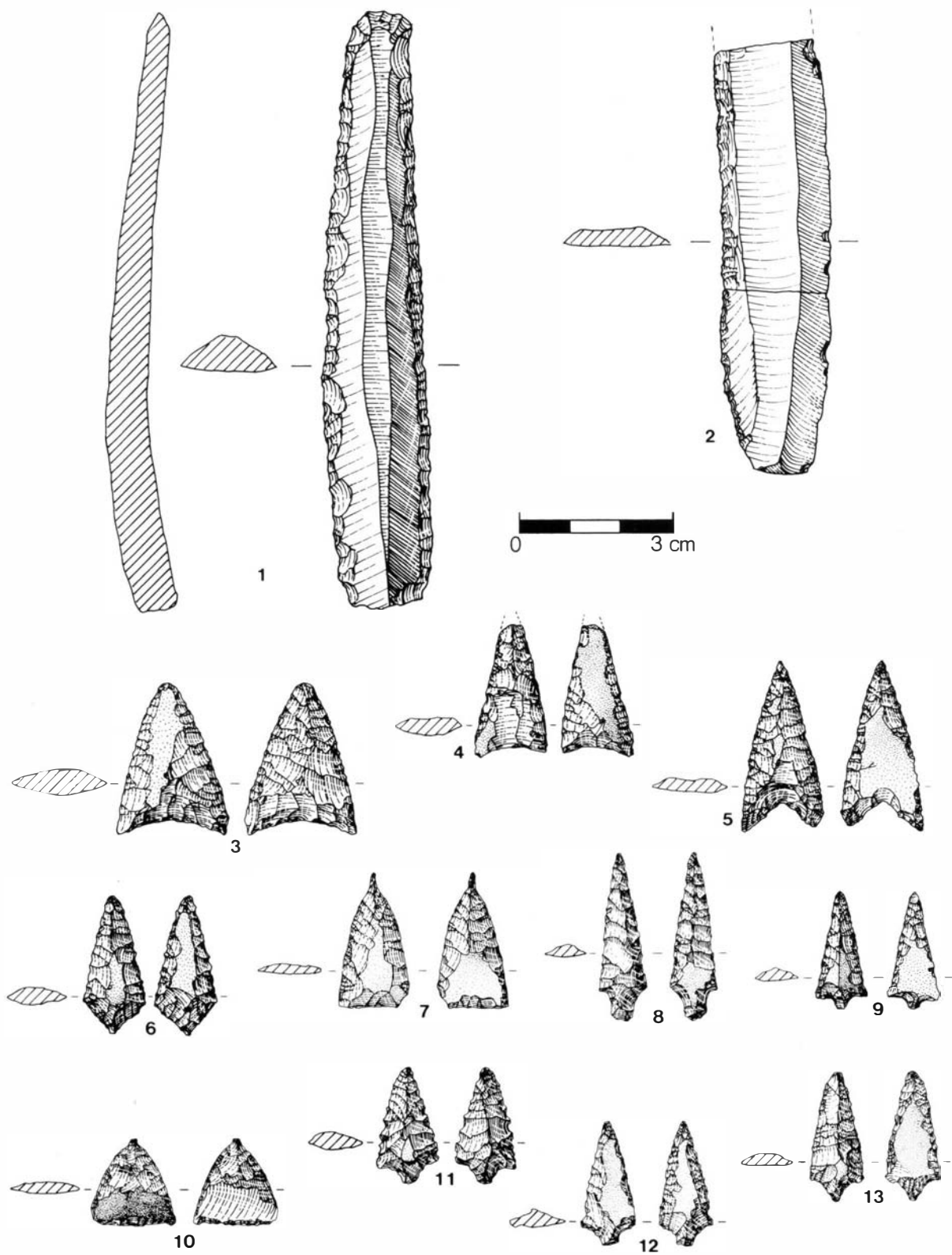


Fig. 15 – Gruta II da Senhora da Luz. Lâminas retocadas e pontas de seta.

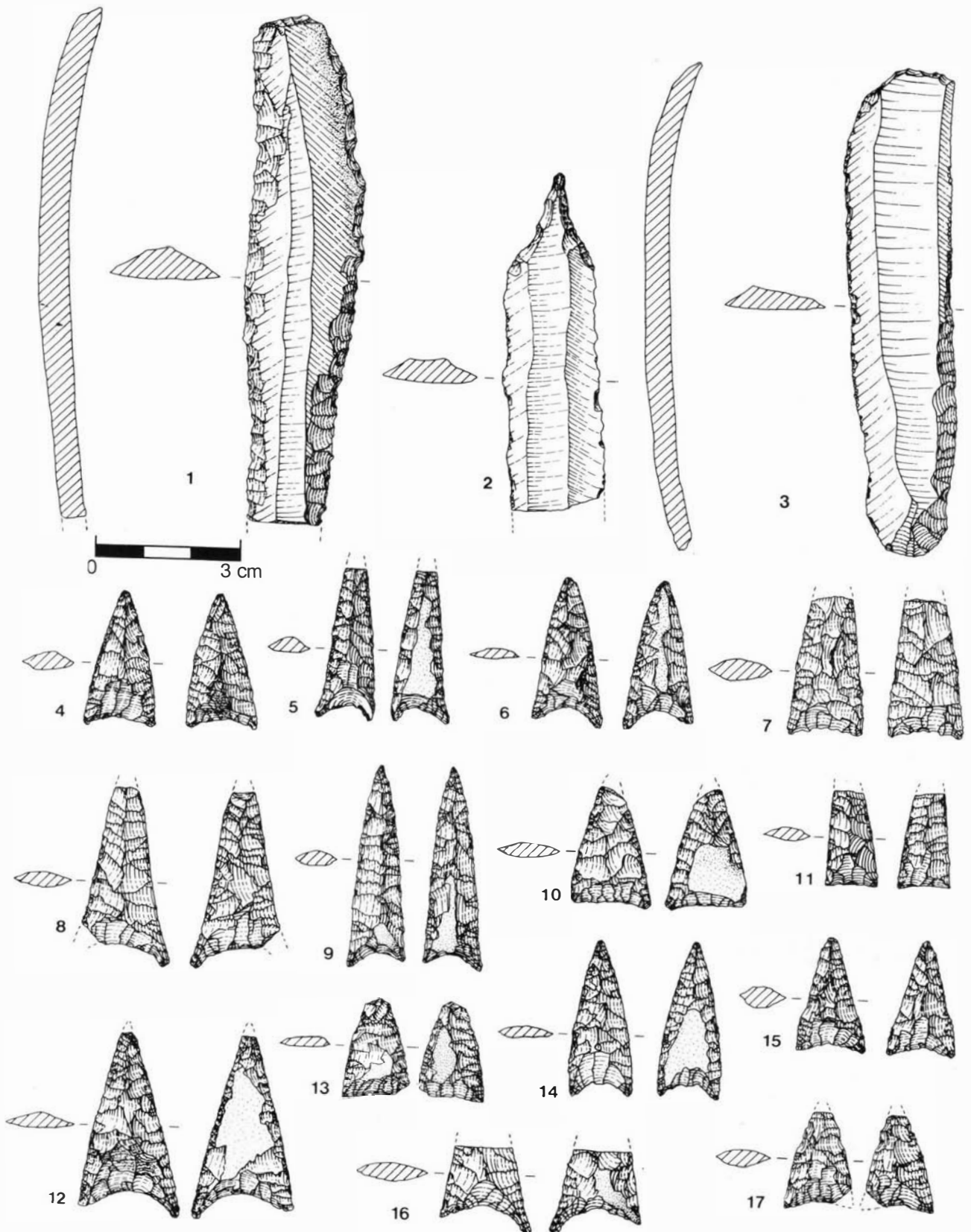


Fig. 16 – Gruta II b da Senhora da Luz. Lâminas retocadas, furador e pontas de seta.

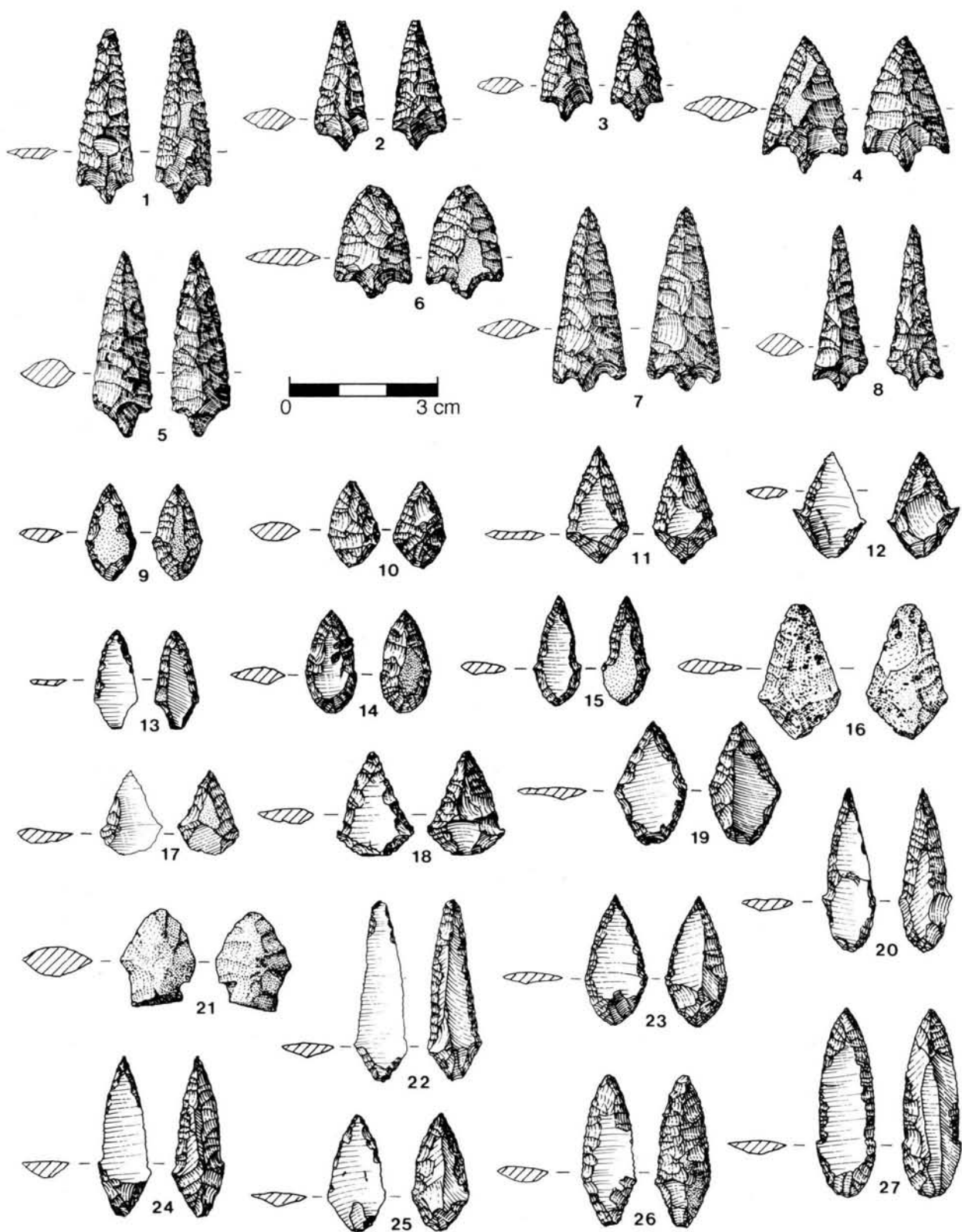


Fig. 17 – Gruta II da Senhora da Luz. Pontas de seta.

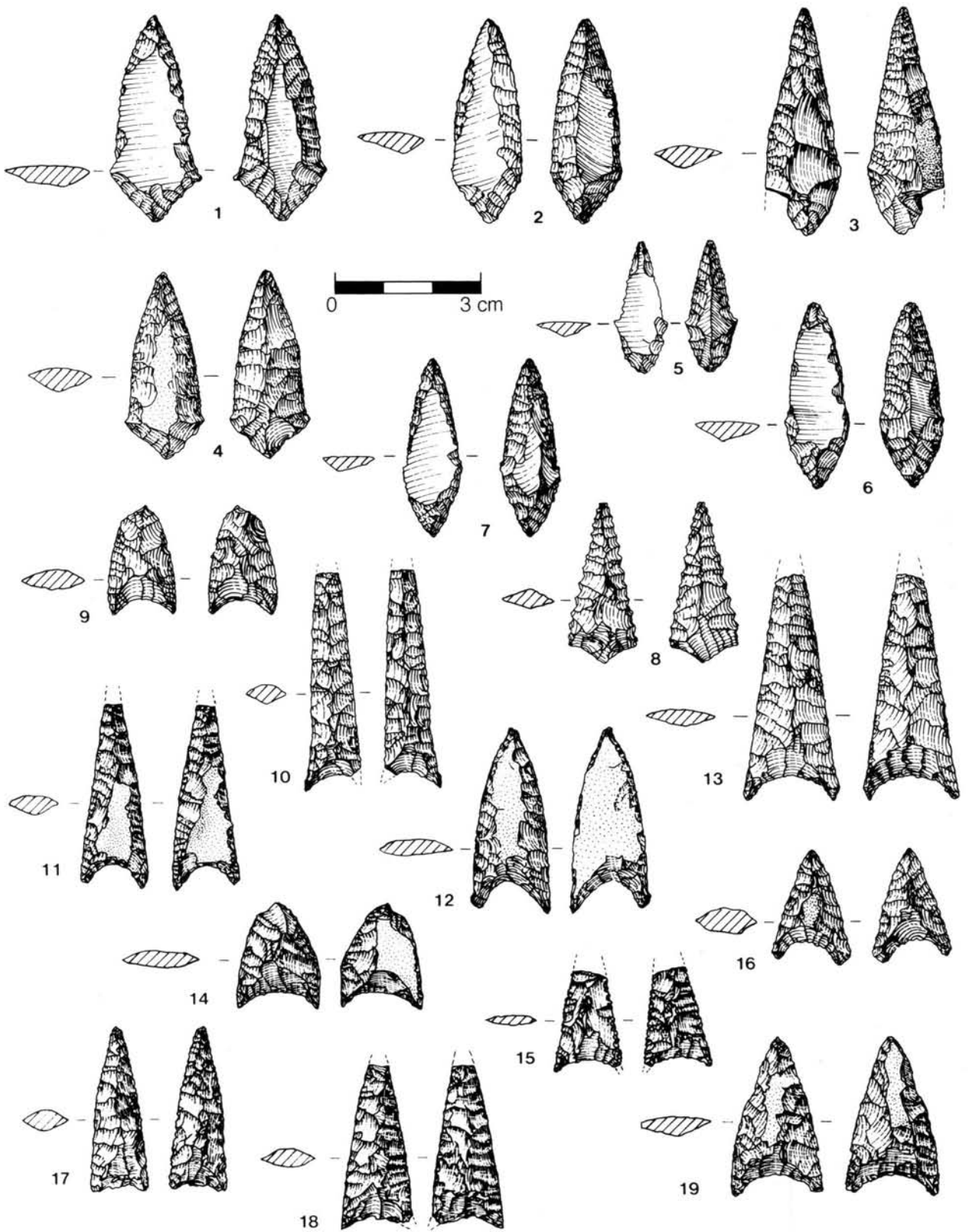


Fig. 18 – Gruta II da Senhora da Luz. Pontas de seta.

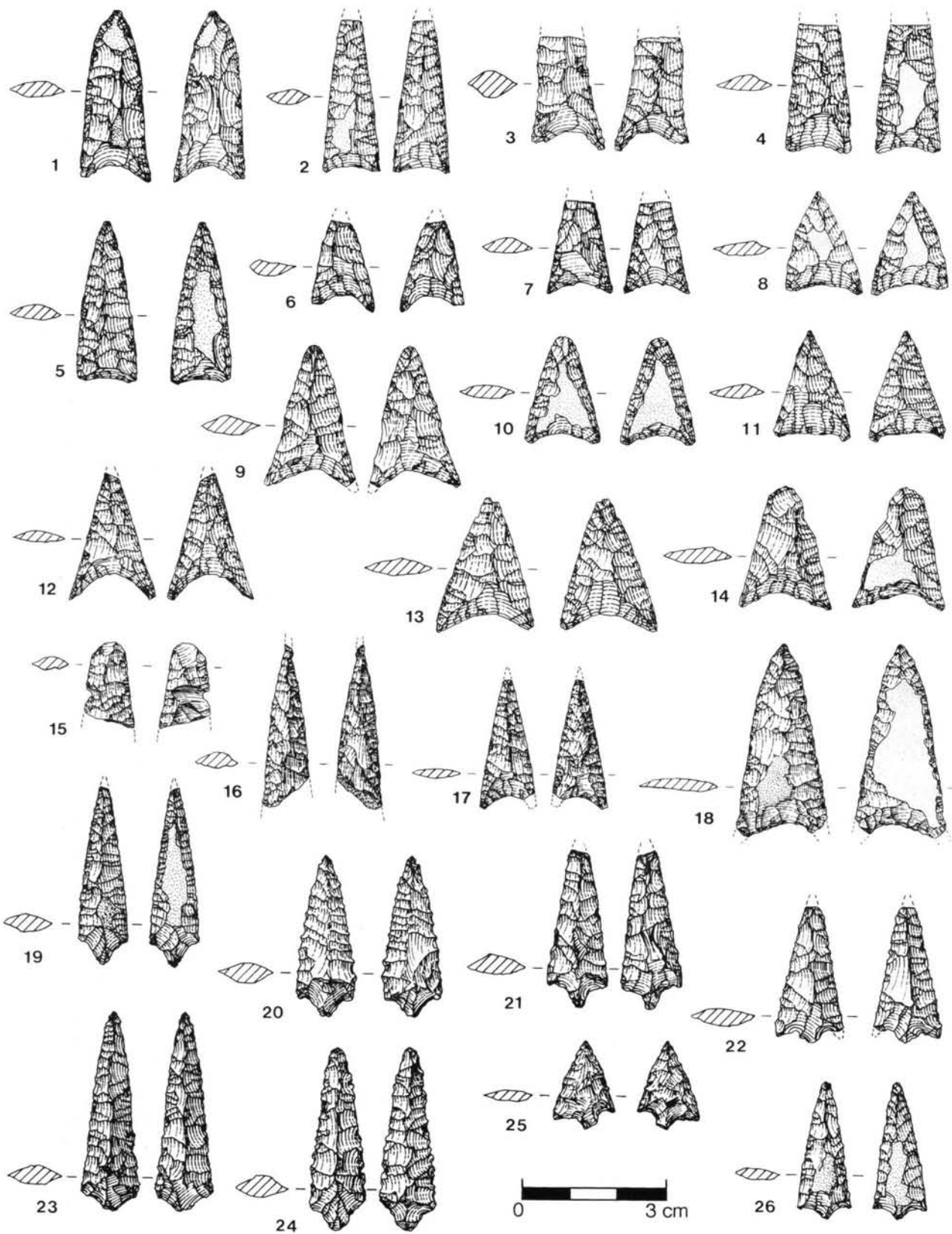


Fig. 19 – Gruta II b da Senhora da Luz. Pontas de seta.

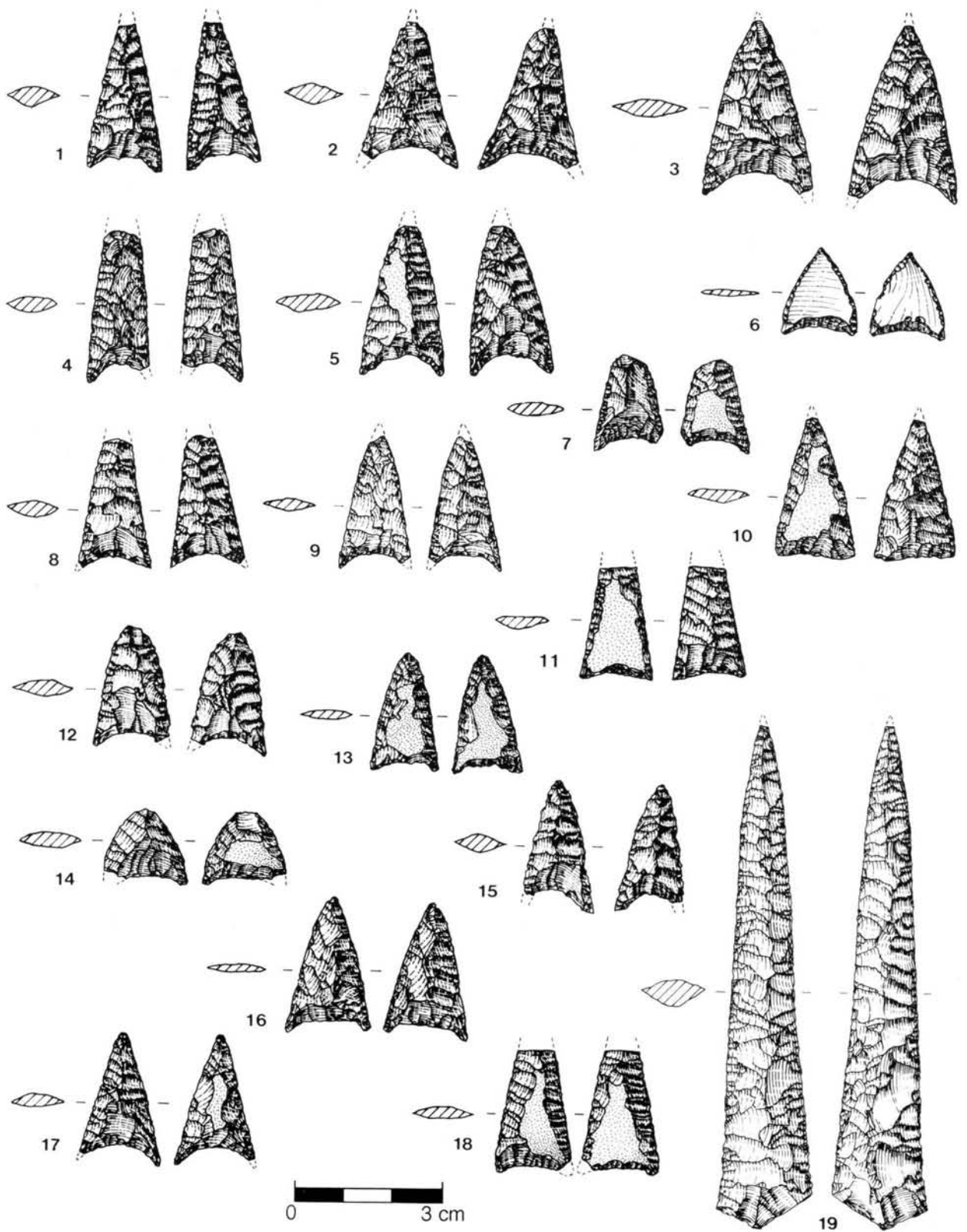


Fig. 20 – Gruta II da Senhora da Luz. Pontas de seta e punhal ou dardo (n.º. 19).

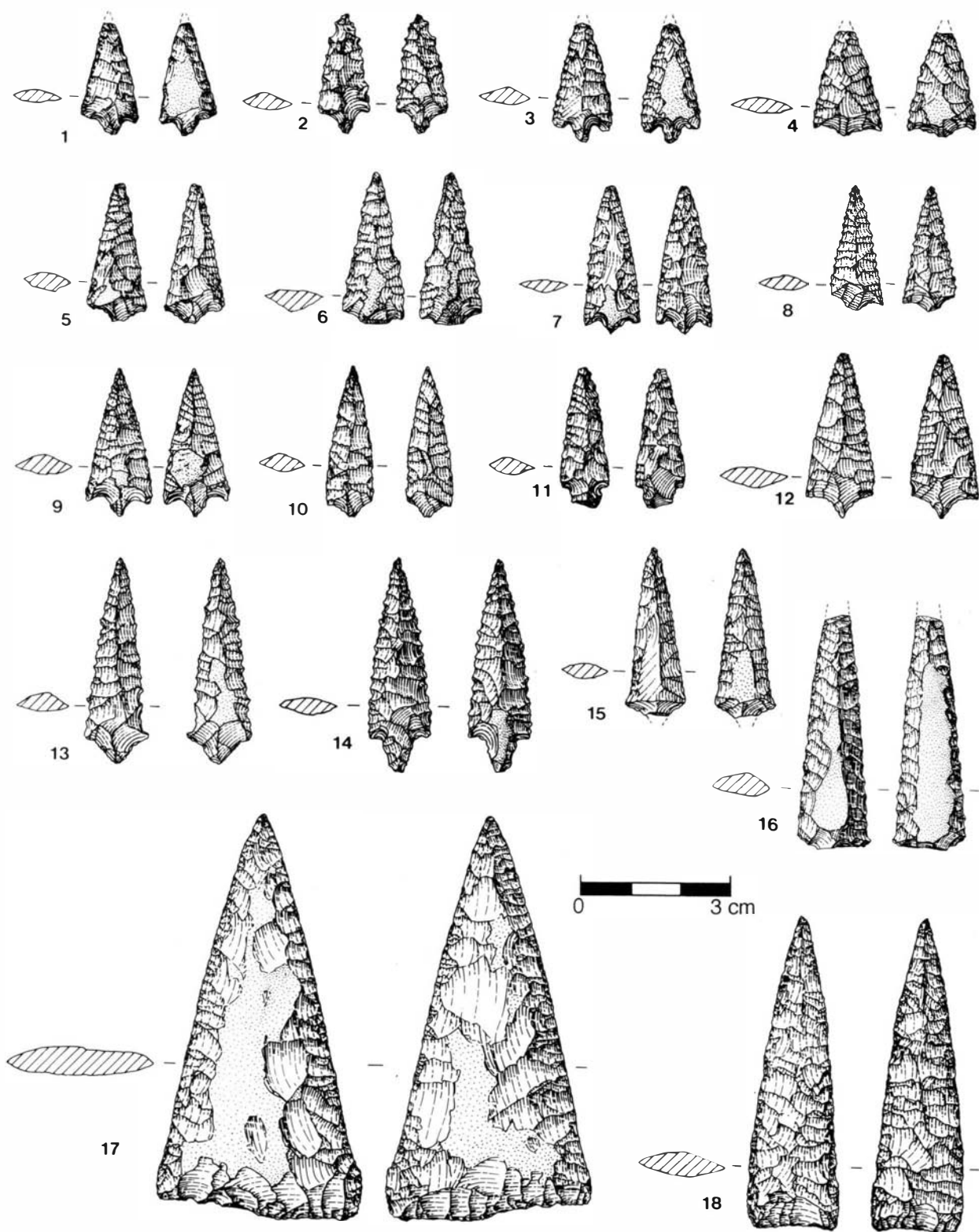


Fig. 21 – Gruta II b da Senhora da Luz. Pontas de seta e pequena alabarda (nº. 17).

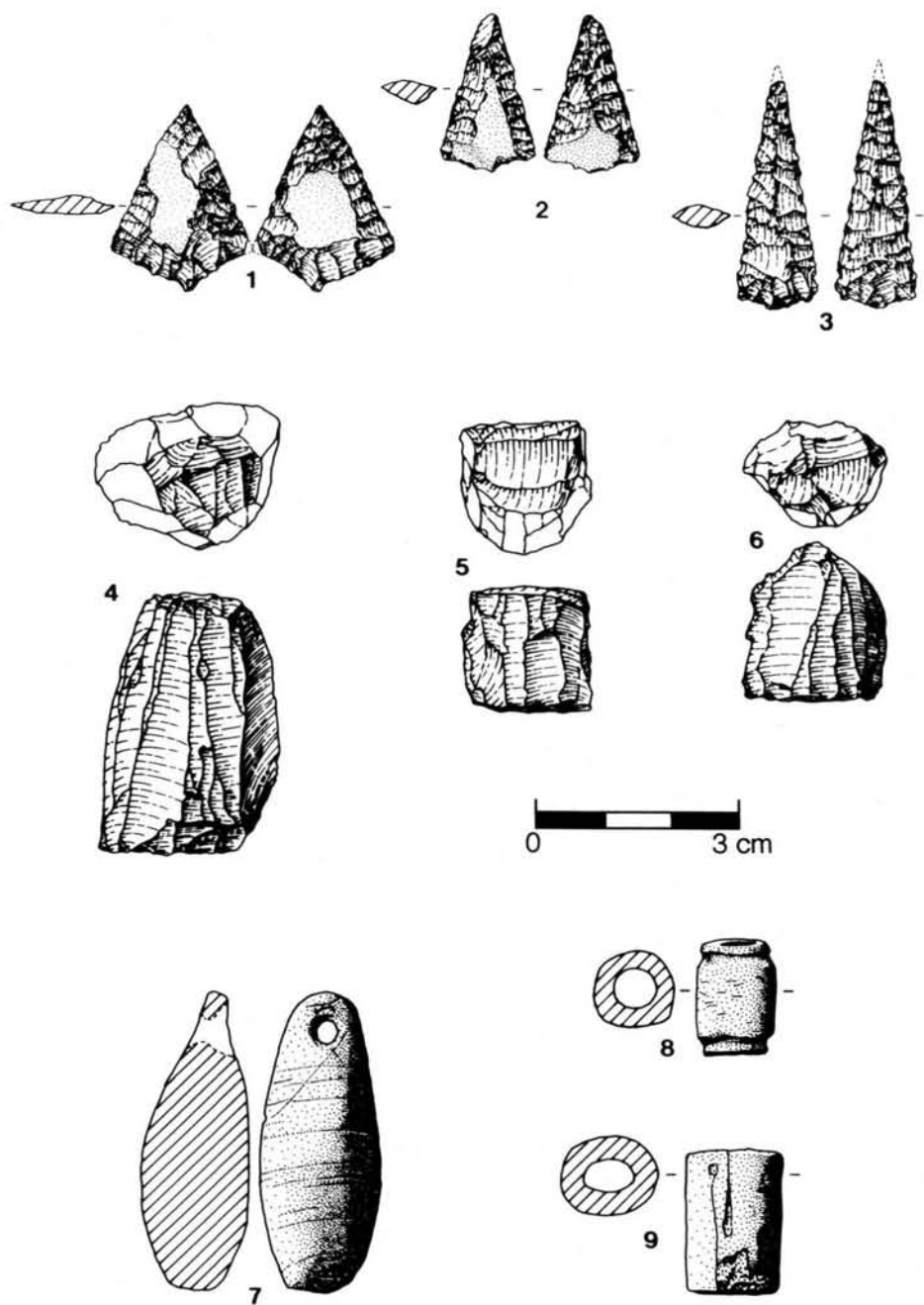


Fig. 22 – Gruta II a da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada (pontas de seta e núcleos de lamelas) e objectos de adorno de calcite e de osso.

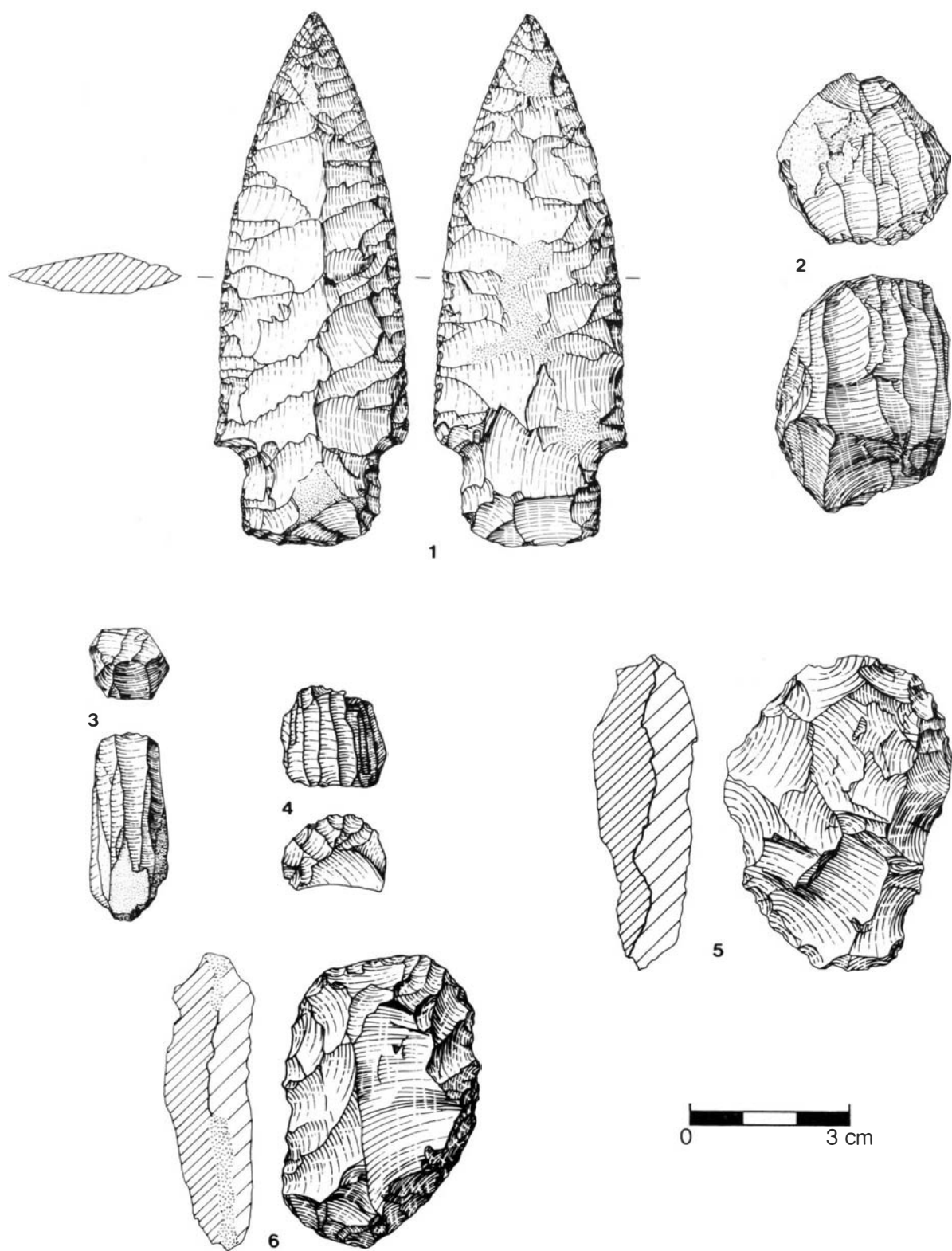


Fig. 23 – Gruta II da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Punhal, núcleos de lamelas e de lascas, retocador ou pedra de isqueiro (n.º. 6).

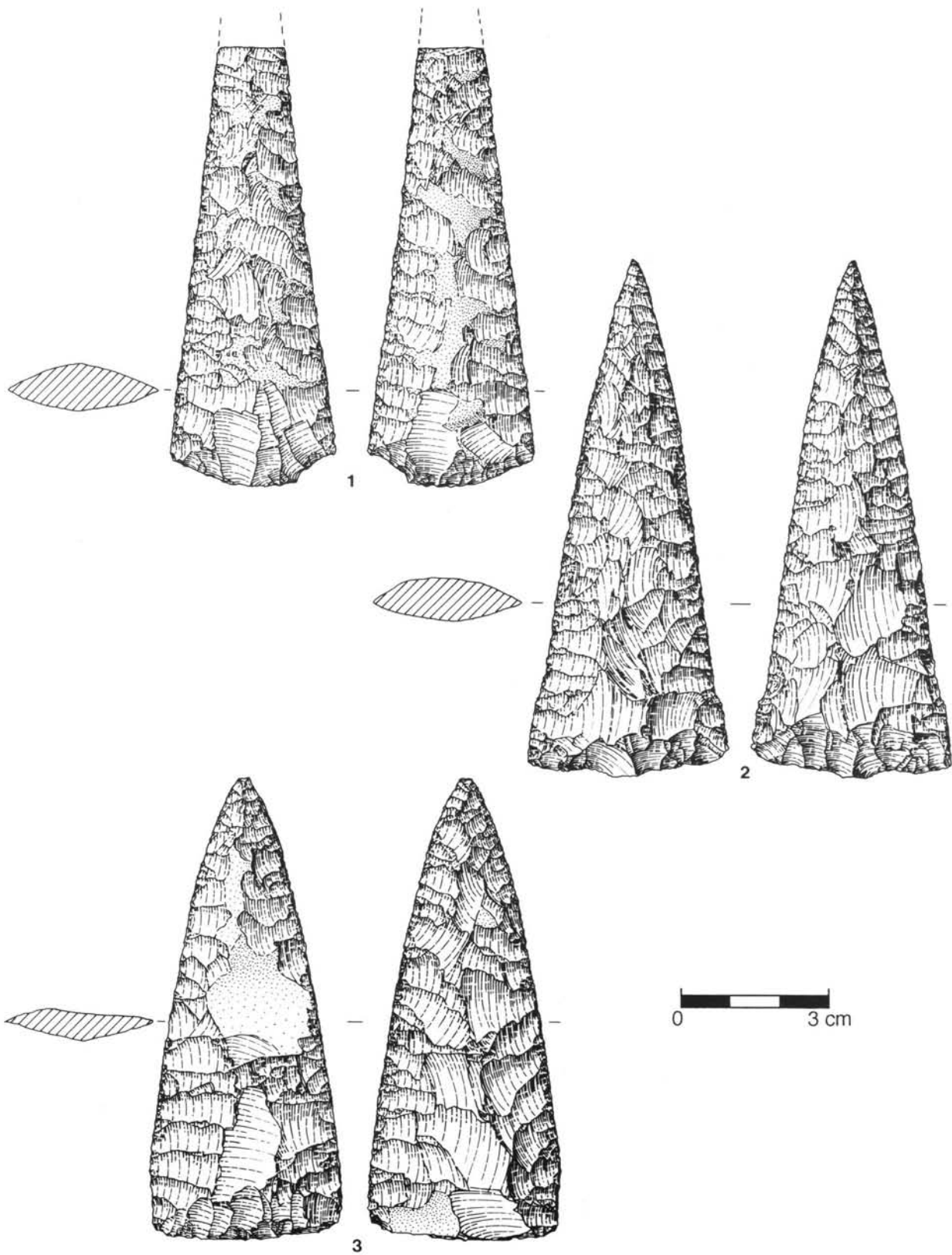


Fig. 24 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Punhais.

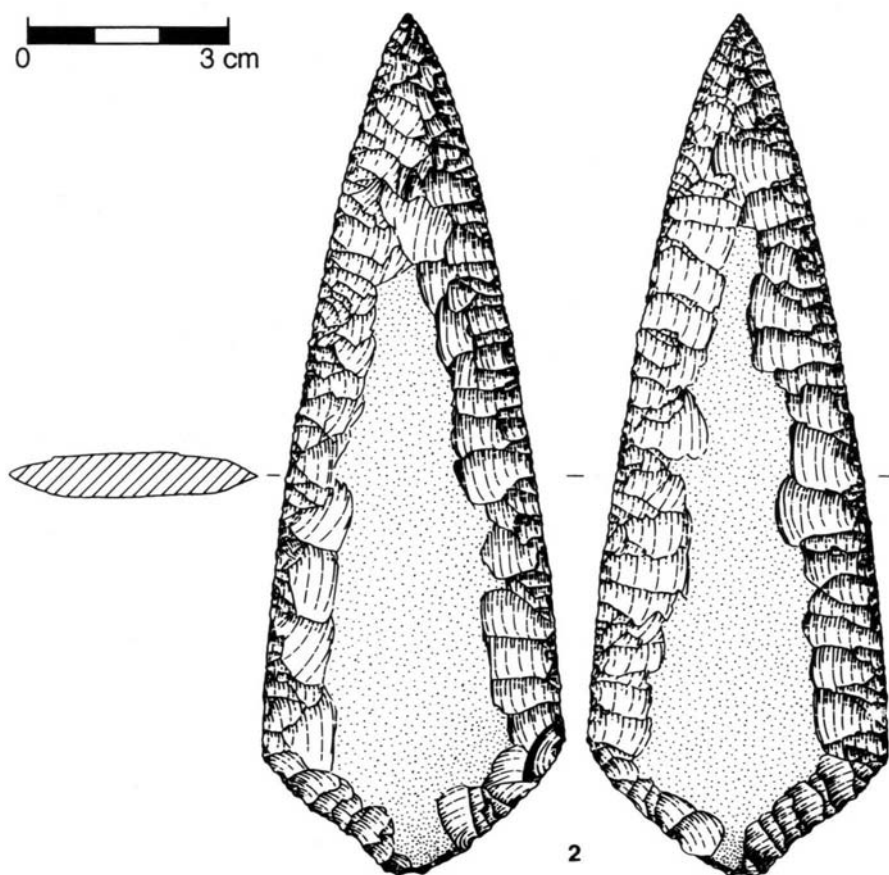
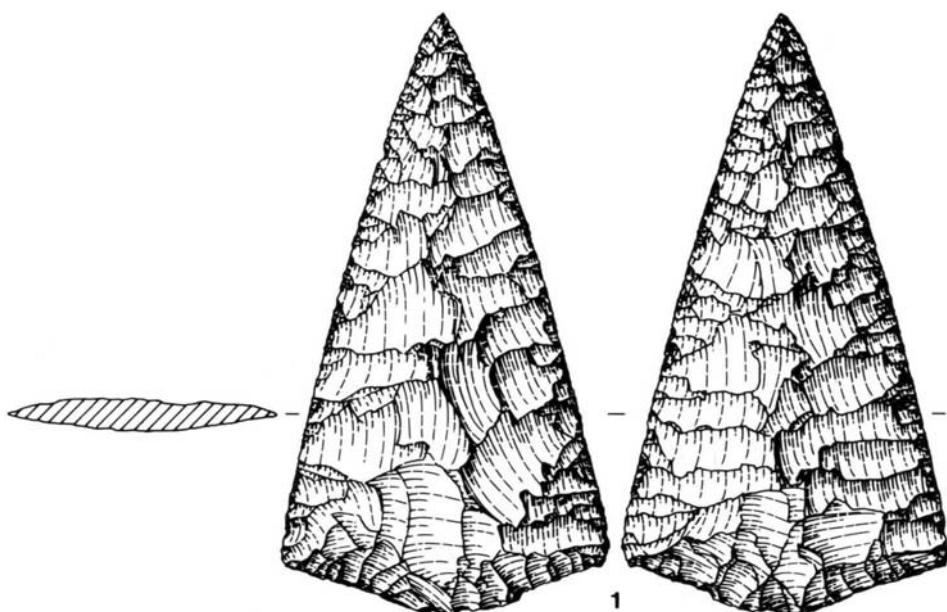


Fig. 25 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Pequena alabarda e punhal.

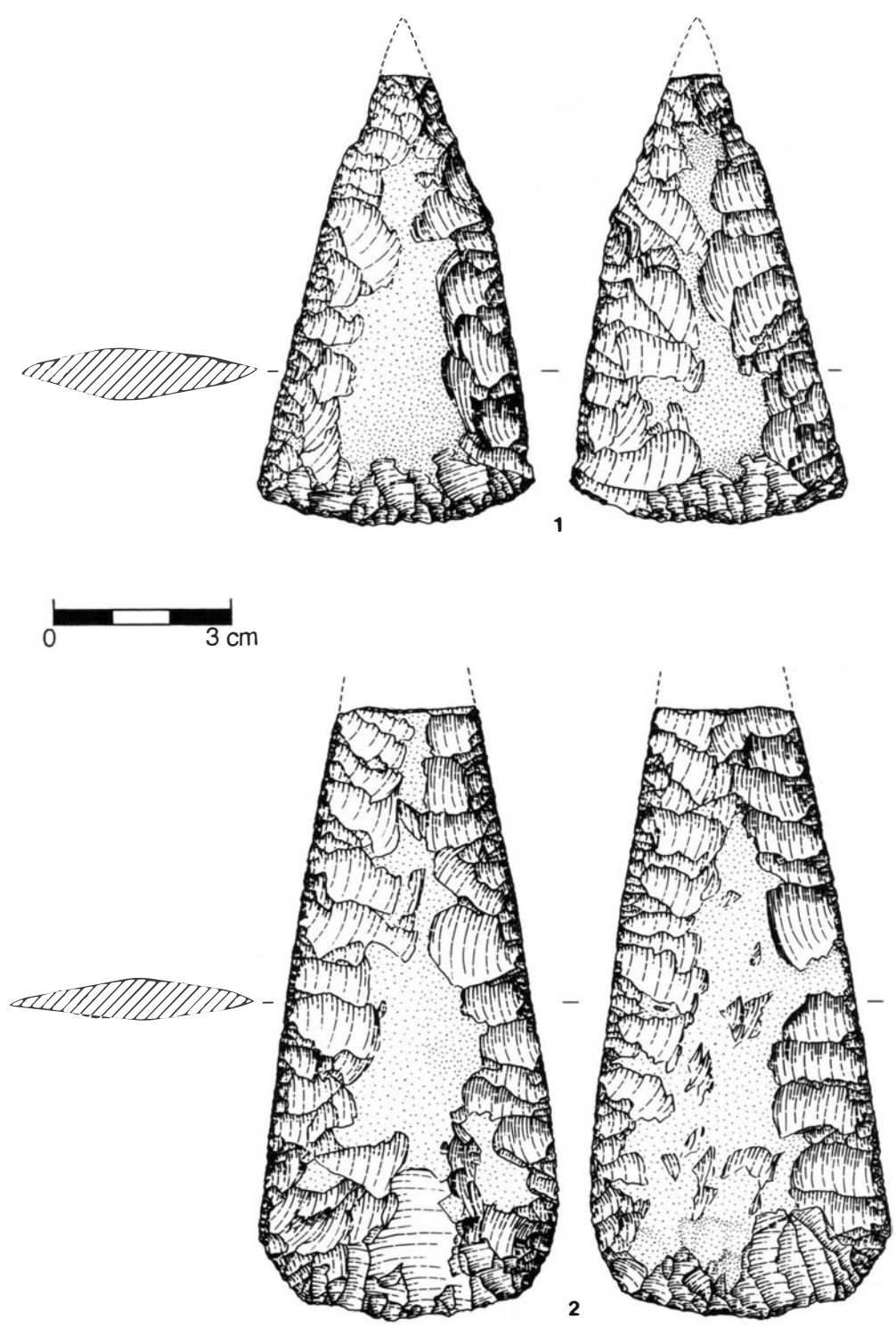
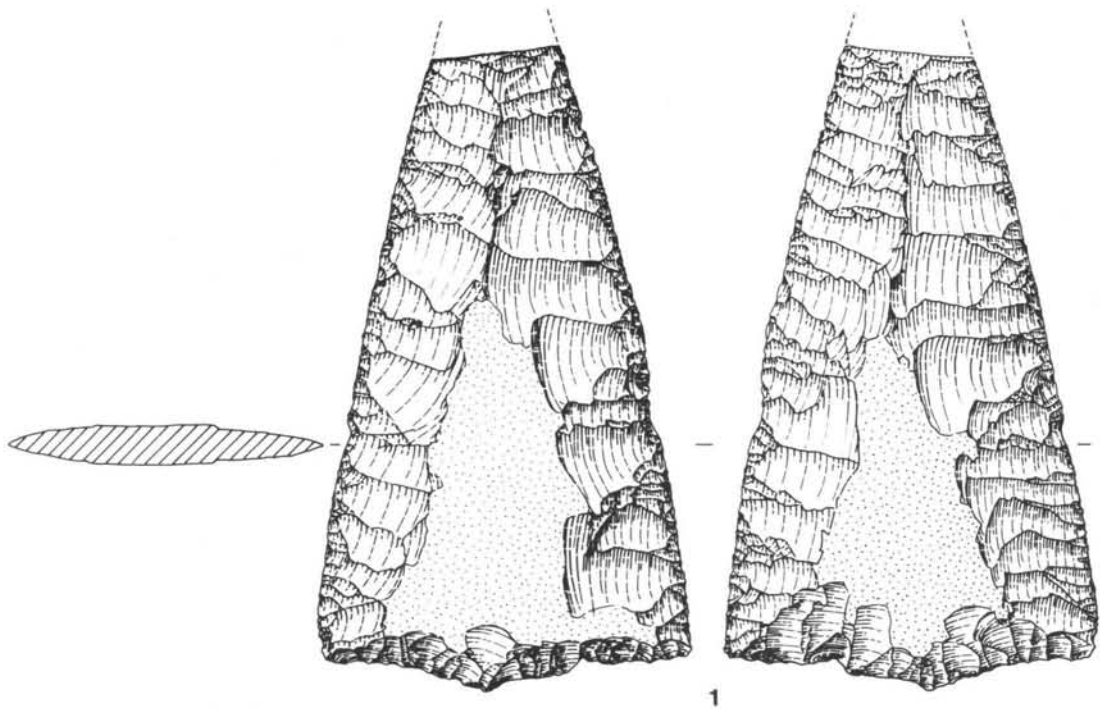


Fig. 26 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Pequena alabarda e punhal.



0 3 cm

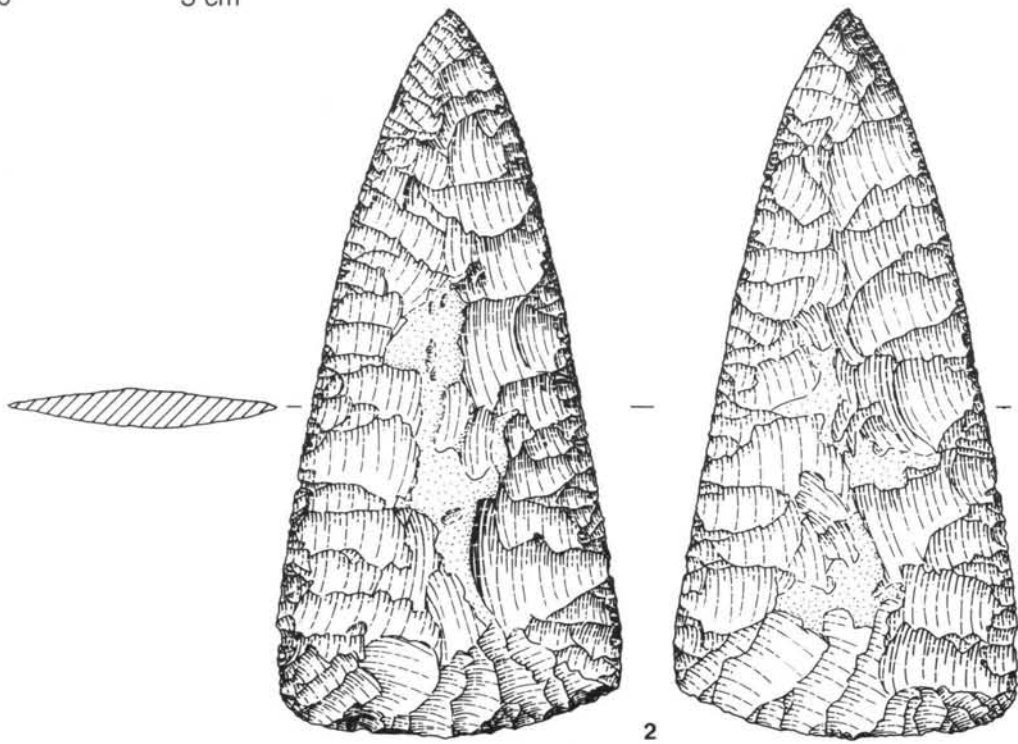


Fig. 27 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Alabardas.

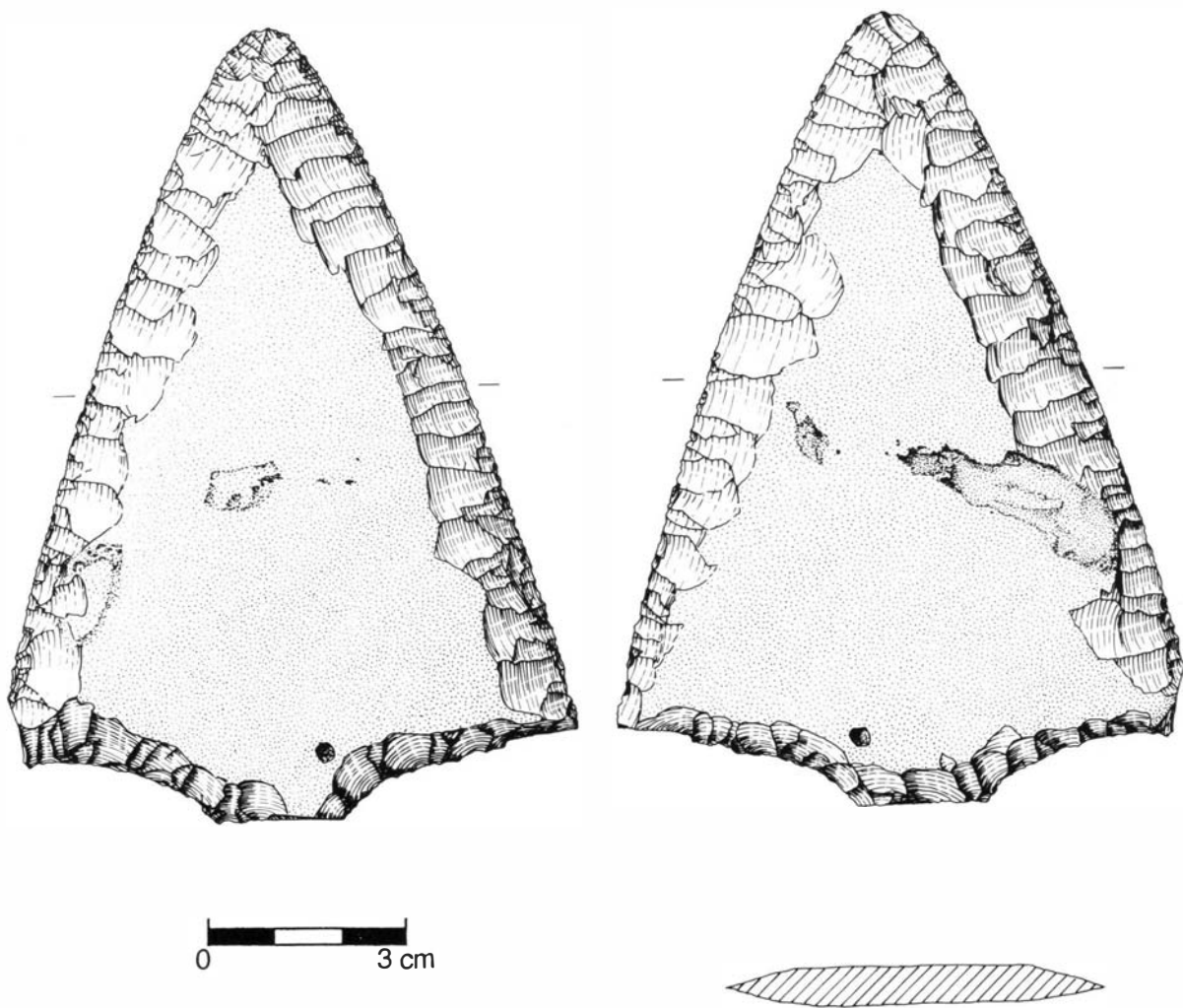


Fig. 28 – Gruta II da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Alabarda.

3.2.1.4 - Lamelas e pequenas lâminas (Fig. 8, nº. 12; Fig. 9, nº. 13 a 15; 17 a 22; 25 e 27; Fig. 10, nº. 2, 5 a 9 e 11 a 13)

Duas lamelas, encurvadas e relativamente espessas, ostentam retoques abruptos, no dorso convexo, sendo em um caso contínuos (Fig. 10, nº. 2), e noutra caso descontínuos (Fig. 8, nº. 12), em ambos constituindo gume denticulados, prolongando-se na última, para o bordo oposto; umas das extremidades, ponteaguda, poderia ser utilizada como furador.

As peças restantes não ostentam retoques ou possuem-nos apenas marginalmente, eventualmente derivados da sua utilização (Fig. 9, nº. 28).

Predominam os sílices de coloração castanho-avermelhada ou acinzentada.

Seis pequenas lamelas são de cristal de rocha (Fig. 9, nº. 18, 19 e 21; Fig. 10, nº. 5 a 7 e 9), desprovidas, como as anteriores, de trabalho secundário.

3.2.1.5 - Resíduos (Fig. 9, nº. 11 a 13; 15 e 16; Fig. 10, nº. 6, 7 e 10)

Trata-se de esquirolas irregulares de sílex, de colorações predominantemente acinzentadas.

3.2.2 - *Lâminas* (Fig. 9, nº. 23, 26 e 29; Fig. 10, nº. 14 a 20; Fig. 11, nº. 1 a 8; Fig. 12, nº. 1 a 8; Fig. 13, nº. 1 a 6; Fig. 14, nº. 1 a 6; Fig. 15, nº. 1 e 2; Fig. 16, nº. 1 e 3)

Reconheceram-se oito exemplares desprovidos de retoques, dez com retoques em apenas um dos bordos e vinte e um com ambos os bordos retocados.

Quinze exemplares conservam o plano de percussão, sendo um punctiforme, dois lisos, cinco facetados e sete diedros. Nalguns casos o bolbo foi suprimido, total ou parcialmente, por retoques inversos a partir da respectiva extremidade.

Onze exemplares possuem, em extensão variável, vestígios de uso, denunciado por brilho mais ou menos intenso, por via de regra limitado a um dos bordos.

As extremidades distais mostram-se trabalhadas, em 20 exemplares, por retoques abruptos ou semi-abruptos, dando origem a diferentes morfologias distais:

- côncavas oblíquas (1);
- côncavas transversas (1);
- rectas transversas (8);
- convexas (7);
- apontadas (1);
- rectas transversas com um ou dois entalhes terminais laterais (2).

As restantes lâminas mostram a extremidade distal ultrapassada (5 exemplares, três dos quais com manchas de córtex), ou partida (17 exemplares).

São todas de sílex; predominam as colorações acinzentadas sobre as castanho-avermelhadas.

3.2.3 - *Furadores* (Fig. 8, nº. 3; Fig. 16, nº. 2)

Um pequeno furador de contorno sub-triangular e de retoque abrupto, executado em sílex rosado com aquecimento, mostra a extremidade boleada pelo uso (Fig. 8, nº. 3). O maior, é executado na extremidade da lâmina de sílex acastanhado, por duas truncaturas côncavas convergentes. Possui, igualmente, vestígios de uso (desgaste). Mostra, ainda, o bordo direito denticulado por retoques inversos, e com sinais de utilização (brilho).

3.2.4 - Pontas de seta

Foram separadas, tendo em conta a tipologia, nos seguintes grupos:

3.2.4.1 - Base bicôncava mais ou menos pedunculada

Integram-se neste grupo trinta e sete exemplares, de contorno usualmente alongado, e de bordos rectilíneos, maioritariamente denticulados, ostentado trabalho bifacial cuidado. Dois exemplares (Fig. 17, nº. 4 e 6; Fig. 19, nº. 25) distinguem-se por serem mais longos e curtos e possuem bordos convexos ou sub-rectilíneos, constituindo uma variante rara.

A base dos exemplares deste grupo possui pedúnculo mais ou menos desenvolvido.

Da variante com pedúnculo desenvolvido, contam-se os exemplares das Fig. 15, nº. 8, 11 a 13; Fig. 17, nº. 1 a 3; 5 e 10; Fig. 19, nº. 19 a 21; 23, 24 e 26; Fig. 21, nº. 1 a 3; 5 e 6; 9 a 16; da variante com pedúnculo incipiente, pouco ultrapassando as extremidades laterais, citam-se os exemplares das Fig. 13, nº. 9; Fig. 17, nº. 7, 8 e 13; Fig. 18, nº. 8; Fig. 19, nº. 22; Fig. 21, nº. 4, 7 e 8; Fig. 22, nº. 3.

3.2.4.2 - Base ogival ou arredondada

Neste grupo consideram-se os exemplares cuja base termina em ponta resultante da intersecção de ambos os bordos laterais convexos (perfil ogival típico), ou se apresenta arredondada. À primeira variante pertencem sete exemplares, representados nas Fig. 17, nº. 9, 21 e Fig. 18, nº. 3, 5 a 7.

À segunda variante, foram atribuídos oito exemplares, os da Fig. 17, nº. 12, 14, 15, 17 a 20 e 27.

A maioria dos exemplares de ambas as variantes exibem aletas laterais, embora pouco marcadas.

3.2.4.3 - Base triangular

A este grupo pertencem onze exemplares, cinco com aletas laterais incipientes (Fig. 15, nº. 6; Fig. 17, nº. 11, 16, 22, 24 a 26; Fig. 18, nº. 1, 2 e 4; Fig. 22, nº. 1). Um exemplar possui a base de contorno irregular (Fig. 22, nº. 2).

3.2.4.4 - Base côncava

É o grupo mais abundante. A secção é lenticular, apresentando um trabalho mais intenso do que a generalidade dos exemplares dos grupos anteriormente referidos, em consequência de levantamentos cobridores, a partir dos bordos laterais e da base. Aqueles exibem contorno variado, sendo convexos, rectilíneos ou côncavos, predominando as duas primeiras variantes (Fig. 15, nº. 3 a 5; Fig. 16, nº. 4 a 17; Fig. 18, nº. 9 a 11; 15 a 19; Fig. 19, nº. 12 a 14, 17 e 18; Fig. 20, nº. 1 a 5; 7 a 13; 15 a 18), com exemplares mais ou menos largos. A terceira, representada por dois espécimes estreitos e alongados, corresponde ao tipo "torre Eiffel", de A. do Paço (Fig. 16, nº. 8; Fig. 18, nº. 10).

3.2.4.5 - Tipo mitriforme

Trata-se de grupo representado por sete exemplares (Fig. 15, nº. 7 e 10; Fig. 18, nº. 12 e 14; Fig. 19, nº. 1; Fig. 20, nº. 6 e 14).

Este tipo, ao contrário do anterior, é caracterizado por trabalho sumário (exceptuando-se um exemplar, o da Fig. 17, nº. 1), conservando importantes extensões das superfícies de separação das lascas de sílex originais em uma ou em ambas as faces.

3.2.5 - Alabardas e punhais

As grutas da Senhora da Luz forneceram um belo e diversificado conjunto de artefactos de sílex cuidadosamente afeiçãoados por lascagem, alguns após polimento, os quais se integram em dois grupos artefactuais - pontas de arremesso, punhais e alabardas - conquanto a separação de ambos nem sempre seja evidente; com efeito, até ao presente, tal questão não foi tratada senão de modo subjectivo, segundo o critério pessoal de cada investigador.

- Pontas de arremesso ou de dardo: trata-se de peças finamente retocadas, alongadas e estreitas, não ultrapassando 2,0 cm de largura; representadas por dois exemplares (Fig. 20, nº. 19; Fig. 21, nº. 18); não se exclui a hipótese de corresponderem a pequenos punhais, especialmente o primeiro, com paralelo próximo no exemplar da sepultura da Folha das Barradas, Sintra (FERREIRA, 1957, Est. 2, nº. 2).

- Punhais: nesta categoria integram-se peças cuja razão comprimento/largura é superior a 2,4. Trata-se de critério que teve em consideração a análise de um número representativo de exemplares da Estremadura. São seis os exemplares pertencentes às grutas em apreço (Fig. 23, nº. 1; Fig. 24, nº. 1, 2 e 3; Fig. 25, nº. 2; Fig. 26, nº. 2). A base destes exemplares é de morfologia variada: triangular, convexa, bicôncava e de lingueta sub-rectangular; todas estas variantes têm paralelos em numerosos exemplares da Estremadura, avultando os da Lapa da Galinha e da Casa da Moura. O exemplar com lingueta basal, tem paralelo muito próximo em contexto calcolítico: o *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996).

Um aspecto a destacar diz respeito ao polimento: quanto às áreas atingidas por este, sempre na zona central de uma ou de ambas as faces, apenas atingindo os bordos laterais em um exemplar, reconheceu-se duas peças em que tais áreas são importantes em ambas as faces, e três cujo polimento é apenas vestigial; apenas uma peça é desprovida de polimento, sendo totalmente ocupada por superfícies de lascagem, sub-horizontais.

Em qualquer dos seis exemplares, as superfícies primitivas das lascas originais foram eliminadas pelo polimento e por retoques de afeiçãoamento, os quais nuns casos se seguiram ao polimento (Fig. 25, nº. 2) e noutros o antecederam (Fig. 26, nº. 2). O polimento teve a finalidade de produzir o adelgaçamento e regularização da superfície do suporte, mesmo nos casos em que tenha sido antecedido por lascagem de talhe cobridor, como no exemplar citado, o qual ostenta indícios de tratamento térmico prévio, para facilitar a lascagem (coloração avermelhada, brilho generalizado e micro-conchóides superficiais).

O fragmento da Fig. 29, nº. 1, pertencerá, igualmente, à base de um punhal.

- Alabardas: este grupo integra seis exemplares (Fig. 21, nº. 17; Fig. 25, nº. 1; Fig. 26, nº. 1; Fig. 27, nº. 1 e 2; Fig. 28). Talvez devido à sua largura ser superior à dos punhais, o polimento apresenta-se de forma mais insistente, ocupando superfícies importantes em ambas as faces de quatro exemplares: apenas em um é vestigial, encontrando-se ausente no restante.

Neste conjunto, avulta o exemplar da Fig. 28, correspondente ao tipo “Casa da Moura” (FERREIRA, 1970, Est. 1, nº. 5; SPINDLER, 1981, Tf. 14, nº. 206), afeiçãoado em uma placa de sílex, regularizada previamente por polimento, que atingiu a totalidade de ambas as faces, depois sujeitas a lascagem, mediante levantamentos marginais sub-horizontais.

Tal como em exemplares do grupo anterior, reconheceram-se casos em que houve polimento depois da lascagem, como o da alabarda da Fig. 27, nº. 2.

As bases, de modo geral, são pouco pronunciadas; três são bicôncavas, correspondendo a zona central a convexidade mais ou menos pronunciada; duas são convexas; a última é sub-rectilínea.

A coloração do sílex utilizado para a confecção dos exemplares de ambos os grupos é diversificada, do cinzento-azulada ao castanho-avermelhada, passando pelo branco e pelo rosa.

3.2.6 - Núcleos

Identificaram-se seis núcleos de lamelas, cinco dos quais de quartzo (quatro de cristal de rocha, sendo dois incolores e dois mais ou menos fumados): (Fig. 22, nº. 4 a 6; Fig. 23, nº. 2); o restante é de quartzo leitoso, conservando boa parte das faces do prisma hexagonal do cristal primitivo (Fig. 23, nº. 3). O sexto é de sílex (Fig. 23, nº. 4). Trata-se de núcleos sub-prismáticos, com preparação de um ou dois planos de percussão; apenas o de sílex corresponde a um núcleo tabular, frontal, de lamelas.

Estes exemplares - especialmente os de quartzo - têm abundantes paralelos em contextos funerários da Estremadura.

A peça da Fig. 23, nº. 5, de sílex, pode corresponder a núcleo sub-discóide de lascas (parte do reverso, de córtex natural do nódulo primitivo mostra preparação de planos de percussão), a menos que se trate de exemplar inacabado.

3.2.7 - Retocadores ou percutores

Duas lascas de sílex, de secção plano-convexa, conservando no reverso a superfície de separação respectiva, mostram em toda ou quase toda a periferia massacramento das arestas devido a percussão. Atendendo às pequenas dimensões, poderiam corresponder a artefactos utilizados na lascagem fina de variados utensílios (Fig. 23, nº. 6 e Fig. 29, nº. 4). Duas peças análogas foram recolhidas na Lapa do Bugio, necrópole em gruta natural da serra da Arrábida (CARDOSO, 1992), tendo sido consideradas como percutores ou pedras de isqueiro (ou de ferir lume), na sequência de opinião expressa por A. do PAÇO (1966) a propósito de exemplares homólogos do castro da Pedra de Ouro (Alenquer). Outro exemplar foi recentemente identificado no *tholos* de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996).

4 - INDÚSTRIAS ÓSSEAS

4.1 - Furadores

Todos os furadores exumados se caracterizam por terem sido obtidos por seccionamento longitudinal de ossos longos. Dos onze exemplares inventariados (Fig. 29, nº. 2 e 3; Fig. 30, nº. 1 a 9), apenas sete possuem parte de uma das extremidades articulares dos ossos de que foram obtidos: cinco correspondem a uma das trócleas distais de metápodos de ovi-caprinos (Fig. 29, nº. 2; Fig. 30, nº. 5 a 8); um conserva parte da superfície articular proximal de metápodo do mesmo grupo (Fig. 30, nº. 4); outro é afeiçoado em osso longo de ave, indeterminada (Fig. 30, nº. 9); dos restantes quatro, três correspondem a esquirolas de ossos longos, três de ovi-caprinos (Fig. 30, nº. 1 a 3), sendo o último de animal de maior porte, provavelmente cervídeo ou bovídeo (Fig. 29, nº. 3).

Os furadores executados sobre as esquirolas longitudinais de ossos longos são raros em contextos neolíticos, e muito mais em calcolíticos. Avultam os numerosos exemplares, exumados na gruta funerária natural do Lugar do Canto, Alcanede (LEITÃO *et al.*, 1987, Fig. 10); ocorrem também na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Est. 6, nº. 26; Est. 11, nº. 7) e nas grutas de Alcobaça (NATIVIDADE, 1899-1903, Est. XVII, nº 131, 132 e seg.), em contextos do Neolítico final.

4.2 - Pontas

Nesta categoria inscreve-se extremidade de galho de veado, polido e endurecido ao fogo, fracturado na base (Fig. 30, nº. 10).

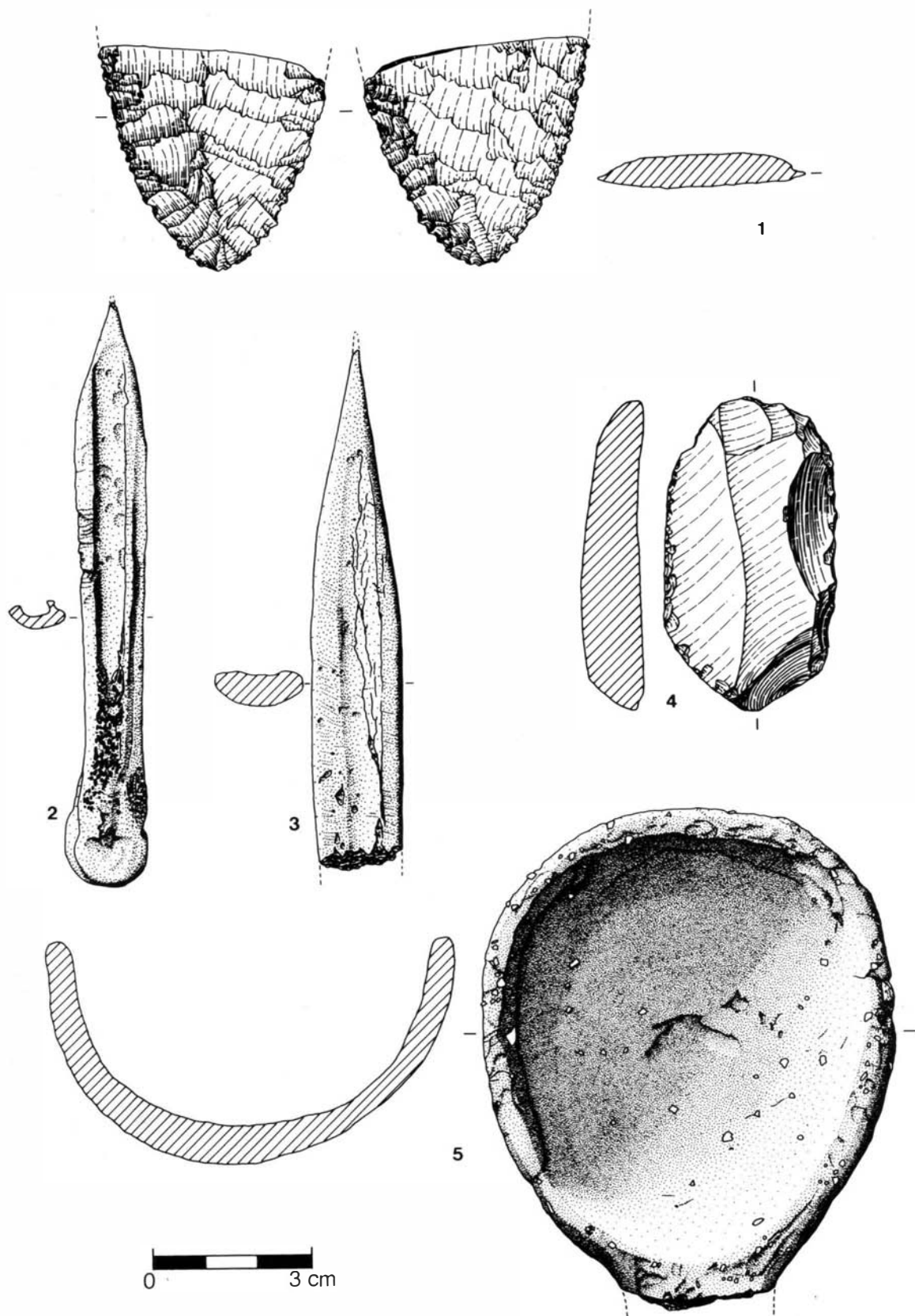


Fig. 29 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada (punhal e retocador ou pedra de isqueiro), ósseas (furadores) e cerâmicas (colher).

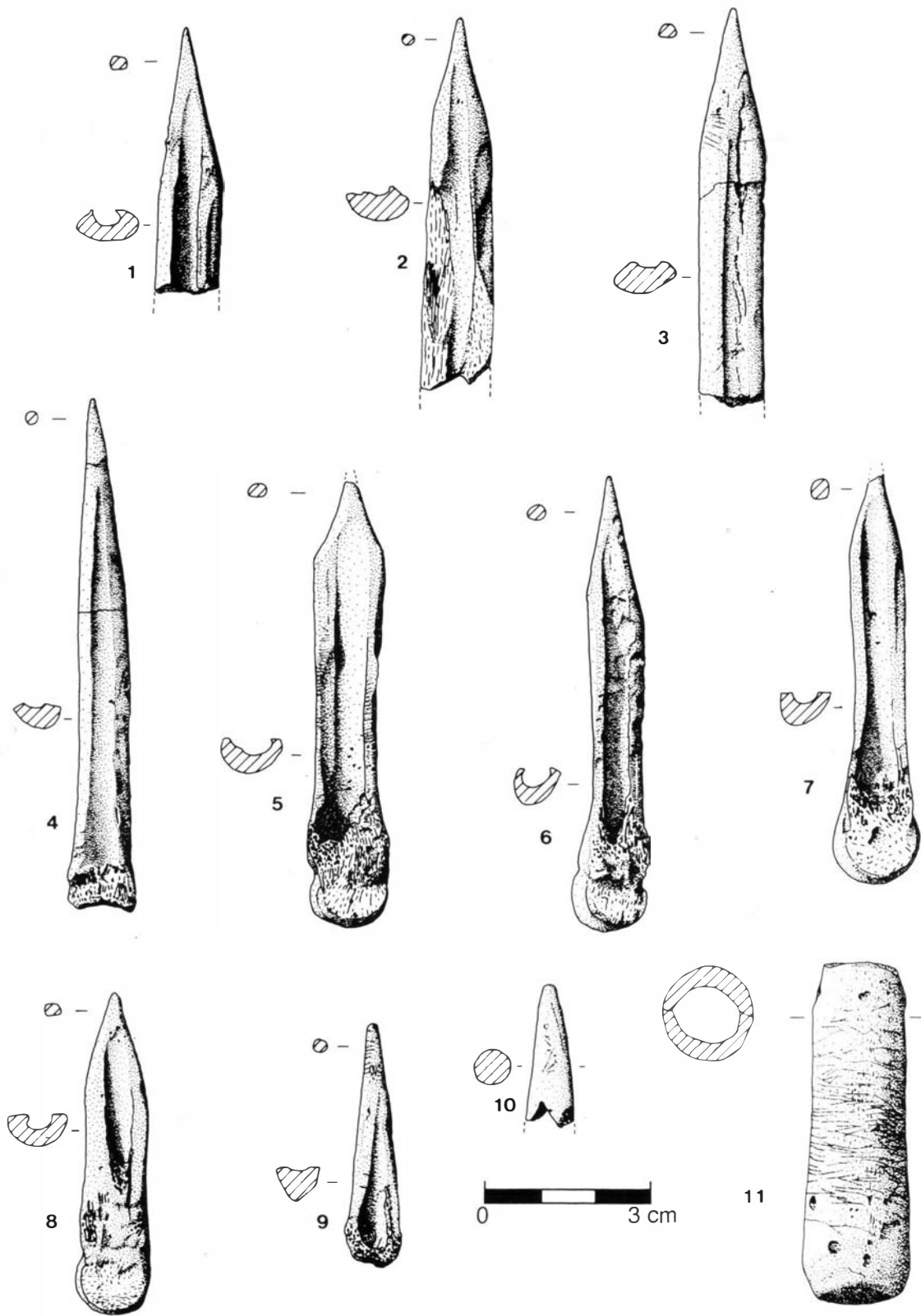


Fig. 30 – Gruta II da Senhora da Luz. Indústrias ósseas: furadores e cabo de artefacto (nº. 11).

4.3 - Cabos

Um raro exemplar de osso indeterminável, totalmente polido, de formato sub-cilíndrico, com a base aplanada por polimento (Fig. 30, n.º 11), possui as superfícies laterais densamente sulcadas por finas incisões perpendiculares ao eixo da peça, com eventual carácter decorativo ou simplesmente funcional, por forma a aumentar o atrito ao manuseio.

4.4 - Matrizes ou pentes de oleiro

Um exemplar afeiçoado sobre esquirola de osso longo, talvez de bovívdeo, ligeiramente incurvado, possui, numa das extremidades, onze dentes pouco pronunciados, obtidos por incisões bilaterais (Fig. 31, n.º 6). Esta peça foi anteriormente comparada com outras de contextos neolíticos e calcólíticos estremenhos (LEITÃO *et al.*, 1973, Fig. 3; SPINDLER, 1981, Abb. 3.5). Pela maior semelhança, destacam-se os dois exemplares da Furninha e o do Castro do Zambujal, todos eles reproduzidos pelos autores citados. A estes acrescentar-se-á o exemplar calcólítico do *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 70, n.º 380).

4.5 - Objectos de função indeterminada

Nesta categoria inscrevem-se dois exemplares: um deles, é esquirola bastante erodida com dois sulcos imperfeitos, e paralelos, que se prolongam por ambas as faces (Fig. 31, n.º 1). Poderia tratar-se de pequeno carroto para linhas muito finas.

Outro exemplar, de marfim, possuiria, caso estivesse completo, contorno naviforme (Fig. 35, n.º 4); a zona mesial encontra-se vazada, com abertura de contorno rectangular. O flanco do lado maior conservado ostenta decoração serpentiforme em alto-relevo. Trata-se de exemplar para o qual não dispomos de qualquer paralelo pré-histórico, tanto de contextos peninsulares como extra-peninsulares.

5 - OBJECTOS DE ADORNO

5.1 - Adornos de osso

5.1.1 - Anéis

Um anel totalmente afeiçoado por polimento fino na face externa, que é bombeada; a face interna apresenta-se ondulada, em consequência do processo de regularização do osso primitivo, e sumariamente polida (Fig. 31, n.º 5). Trata-se de uma peça extremamente rara em contextos pré-históricos peninsulares. Importa assinalar outro exemplar, de contexto provavelmente neolítico, na gruta do Carvalhal, Turquel, de pedra (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. n.º 125).

5.1.2 - Pendentes

Um canino superior direito de *Canis familiaris*, de pequeno tamanho, possui polimento em ambos os lados da raiz, tendo em vista o adelgaçamento da mesma, facilitando a respectiva furação, produzida apenas a partir de um dos lados (Fig. 35, n.º 5).

5.1.3 - Cabeças de alfinete

Um artefacto cilíndrico, com duas caneluras junto a ambas as bases (Fig. 22, n.º 8), corresponde a cabeça amovível de alfinete, idêntico a exemplares da Estremadura, embora a maioria destes sejam decorados por múltiplas

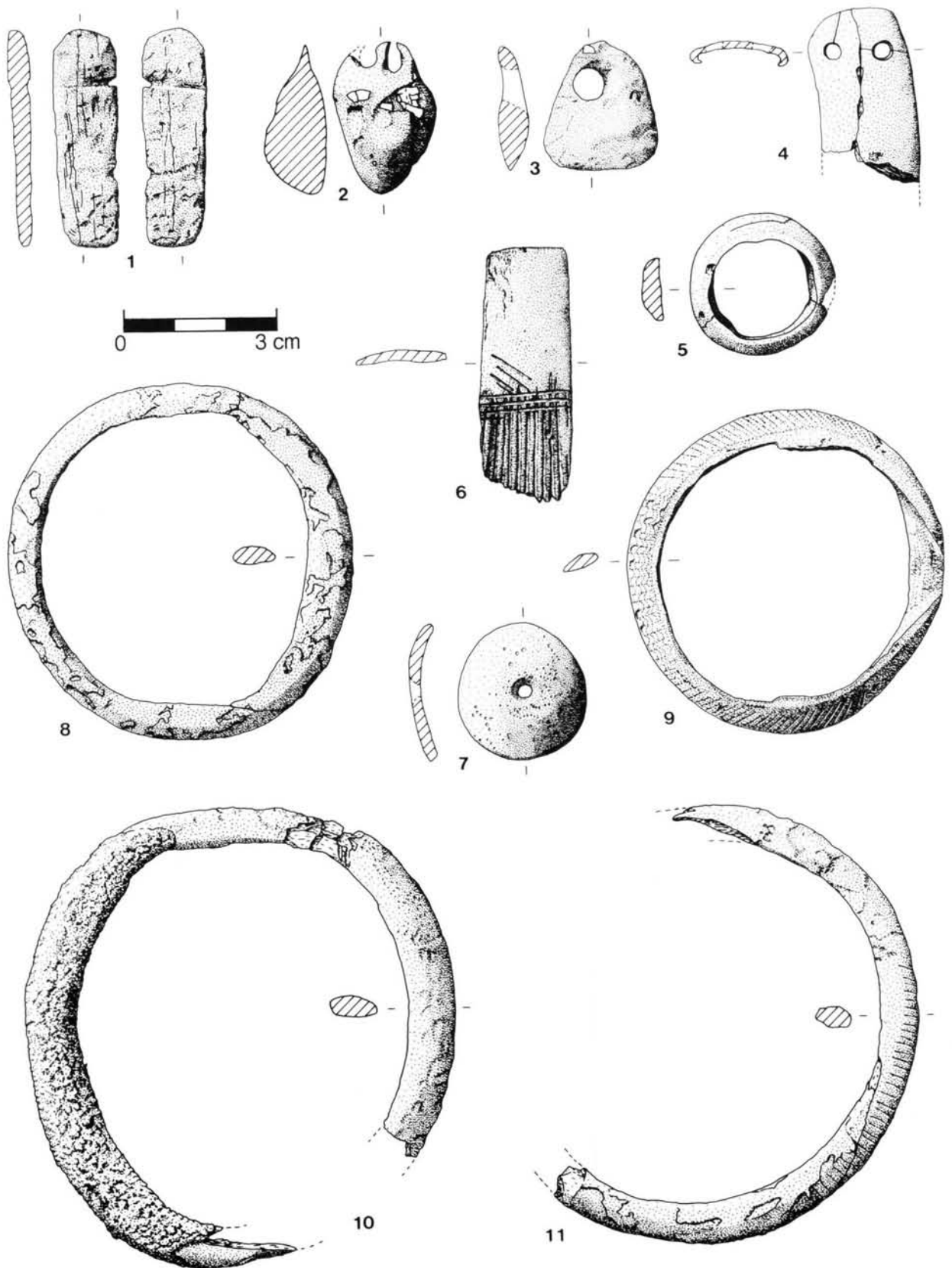


Fig. 31 – Gruta II da Senhora da Luz. Objectos de adorno e matriz para cerâmica (n.º 6).

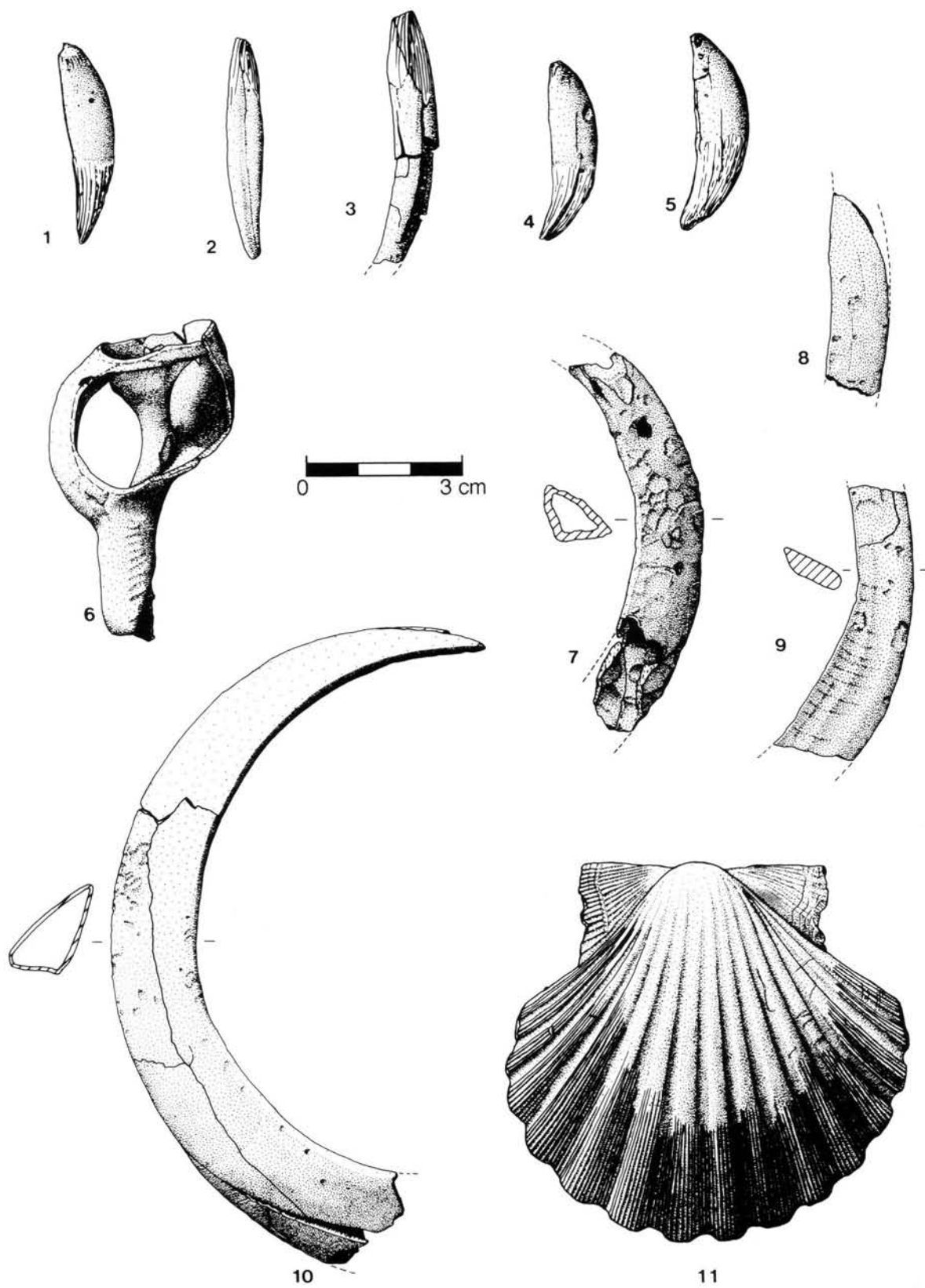


Fig. 32 – Gruta II da Senhora da Luz. Restos faunísticos.

caneluras paralelas. Estudo recente veio mostrar que o auge de produção de tais exemplares se verificou no Neolítico final (CARDOSO & SOARES, 1995).

À mesma categoria poderá pertencer pequeno cilindro liso de osso, totalmente polido, a menos que corresponda a elemento de colar (Fig. 22, nº. 9).

5.1.4 - “Pendeloques”

Uma peça afeiçãoada em porção de muralha externa de canino inferior de *Sus scrofa* ostenta, junto da extremidade conservada com polimento, dois furos que sugerem a suspensão do objecto, cuja face inferior foi, igualmente, seccionada por serragem e ulteriormente polida (Fig. 31, nº. 4).

5.2 - Adornos de concha

5.2.1 - Botões

Um botão executado em valva de *Glycymeris* sp., de pequeno tamanho. Observa-se ainda, apesar do polimento intenso de face convexa, as costilhas da ornamentação da valva, partindo simétrica e radialmente de uma zona situada na periferia do botão. Desta forma, conclui-se que este foi obtido por ablação e ulterior polimento do bordo paleal da concha, incluindo a charneira, conferindo à peça contorno quase circular (Fig. 31, nº. 7). No seu centro, foi aberto, a partir da face externa, um furo, de secção cónica. São escassos os paralelos para este artefacto, em Portugal. Avulta exemplar idêntico exumado na gruta I de Palmela (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. E, nº 22; Pl II, nº. 8), cuja cronologia não poderá ser anterior ao Neolítico final.

Um fragmento de búzio (*Charonia lampas*), naturalmente perfurado, apresenta-se muito rolado pelo mar, facto que conferiu à superfície brilho e polimento (Fig. 32, nº. 6). Trata-se, evidentemente, de peça recolhida no litoral, distanciado de cerca de 20 Km, para ser utilizada como adorno.

5.2.2 - Contas

Numerosas conchas de *Dentalium* sp. apresentam-se afeiçãoadas, constituindo contas tubulares, obtidas por seccionamento transversal (Fig. 31, nº. 2) e ulterior polimento. Há paralelos numerosos para estes, elementos de adorno na gruta natural do lugar do Canto, Alcanede (LEITÃO *et al.*, 1987) e na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), ambas necrópoles do Neolítico final.

5.2.3 - Braceletes

Esta categoria encontra-se representada por quatro braceletes de *Glycymeris* sp., (Fig. 31, nº. 8 a 11). O exemplar da Fig. 31, nº. 8 conserva, na superfície interna, impregnações de ocre vermelho, que originalmente cobriria toda a peça. O outro exemplar completo (Fig. 31, nº. 9) ostenta a rubrica FV, indicando que foi desenhado por Francisco Valença (HELENO 1935, Fig. 2).

5.3 - Adornos líticos ou de espécies minerais

Nesta categoria inscrevem-se as seguintes peças:

5.3.1 - Pingentes

Representado por pingente ou pendeloque alongado e de corpo progressivamente mais volumoso para a base, em forma de lágrima, de calcite translúcida, com planos de clivagem bem marcados, e cor amarelada, com furação cónica na extremidade mais estreita e achatada (Fig. 22, nº. 7); trata-se de peça muito rara e de grande beleza.

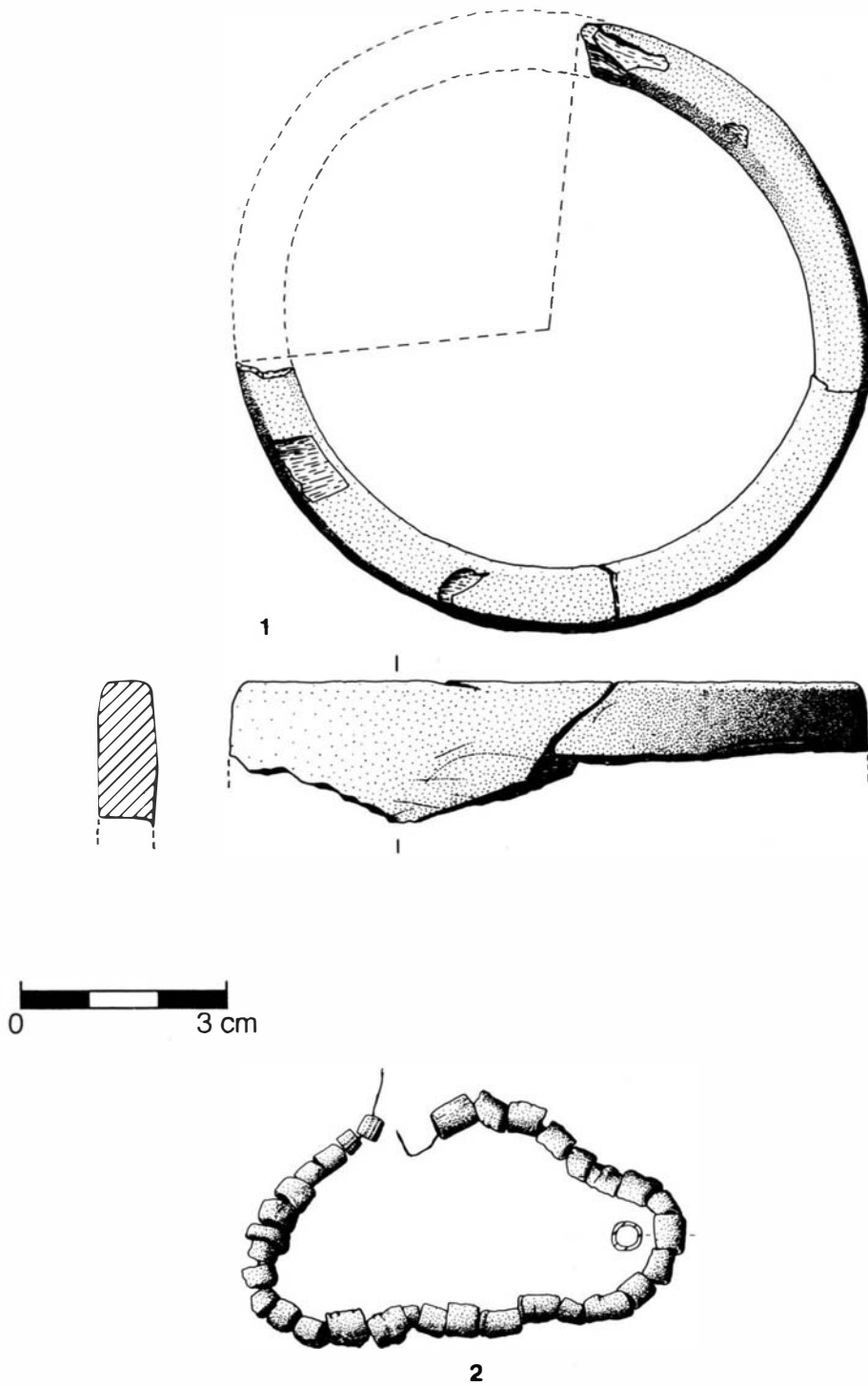


Fig. 33 – Gruta I da Senhora da Luz. Objectos de adorno: bracelete de pedra e contas de *Dentalium* sp.

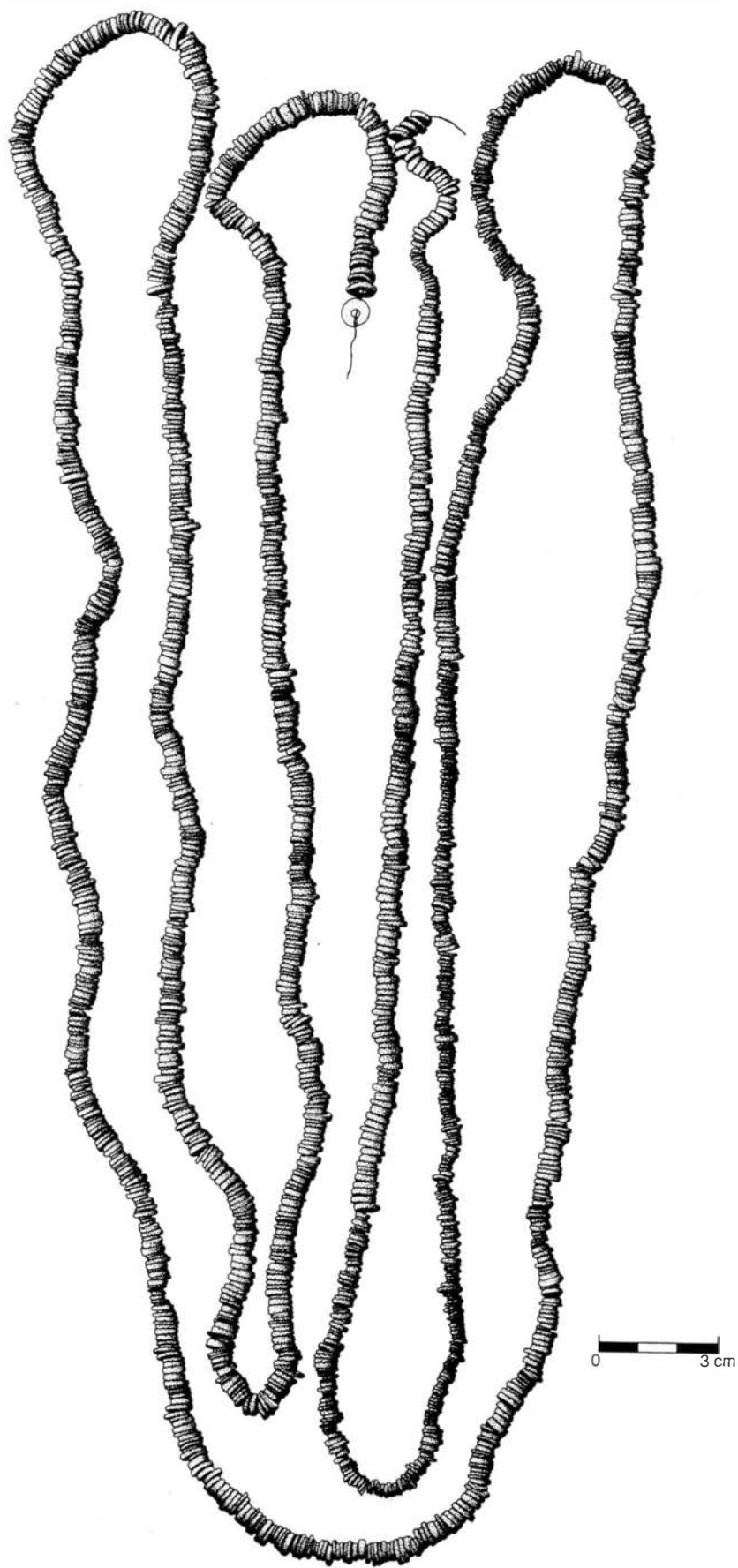


Fig. 34 – Gruta I da Senhora da Luz. Contas discóides de xisto, organizadas em colar.

Outro pingente, em seixo rolado, de mineral verde, com inclusões de quartzo, apresenta-se sumariamente afeiçãoado na extremidade mais aplanada, na qual se executaram duas perfurações contíguas, sendo uma bicónica. Ambas se apresentam muito desgastadas, pelo uso (Fig. 31, nº. 2). Trata-se, igualmente, de peça rara em contextos pré-históricos peninsulares.

5.3.2 - *Braceletes*

Um fragmento de bracelete de xisto negro-esverdeado, do qual se conserva boa parte do perímetro de um dos bordos, faltando-lhe totalmente o bordo oposto, situação que impede a determinação da respectiva largura (Fig. 33, nº. 1).

5.3.3 - *Contas*

São variadas em morfologia e matérias-primas as contas das grutas da Senhora da Luz. Reconheceu-se:

- uma conta cilíndrica de calcite, com perfuração longitudinal bicónica (Fig. 35, nº. 6);
- um conjunto muito numeroso de contas discóides de xisto, montadas em colar (Fig. 34). Algumas das contas de xisto encontram-se encastoadas com contas de *Dentalium* sp., anteriormente referidas. Deste modo, é lícito supor que as contas de xisto se apresentavam, nos colares originais, em alternância com as de *Dentalium* sp., valorizando-se deste modo os contrastes cromáticos que caracterizam (branco/preto).

Por último, uma peça de calcário, muito irregular, poderá dever-se mais a fenómenos de dissolução química que a afeiçãoamento, o mesmo se verificando quanto à perfuração cilíndrica que ostenta (Fig. 31, nº. 3).

6 - OBJECTOS DE CARÁCTER MÁGICO-SIMBÓLICO

6.1 - *Cilindros de calcário*

Um exemplar liso de calcário sub-cristalino branco, de tamanho médio, finamente picotado, e ligeiramente afuselado para uma das extremidades (Fig. 36, nº. 1), é idêntico aos numerosos cilindros exumados em povoados e necrópoles da Estremadura e do Sul de Portugal.

6.2 - *Machado votivo*

Trata-se de uma peça recortada em xisto clorítico esverdeado, aplanada, de lados ligeiramente bombeados e contorno marcadamente dissimétrico (Fig. 36, nº. 2). Uma das metades corresponde à silhueta de um machado, de gume fortemente oblíquo, enquanto a extremidade oposta se diferencia daquela pela presença de um apêndice provido de barbeta que poderia facilitar o uso da peça como pendente. Nestas circunstâncias, tratar-se-ia de um machado votivo de características únicas nos contextos pré-históricos peninsulares; lembra, singularmente, alguns machados calcolíticos da Europa Central e Oriental e, sobretudo, de estações coevas do Mediterrâneo Oriental, entre as quais Tróia II (MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, 13 a 16; BUCHOLZ & KARAGEORGHIS, 1973). A ser assim, tratar-se-ia de testemunho único, corporizando as já tradicionais referências às influências orientais e mediterrânicas no Calcolítico do sul peninsular.

6.3 - *Vasos de calcário*

Dois vasos de calcário, um esférico, completo (Fig. 37, nº. 5), outro do que resta a porção basal (Fig. 37, nº. 8), correspondem a exemplares de tipologia muito rara, no conjunto dos congêneres de calcário; pelo contrário, são formas usuais nas cerâmicas do Neolítico final e do Calcolítico estremenhos. Tais peças corporizam a adaptação ao calcário - matéria-prima usualmente conotada com o fabrico de artefactos mágico-simbólicos no Calcolítico - de formas

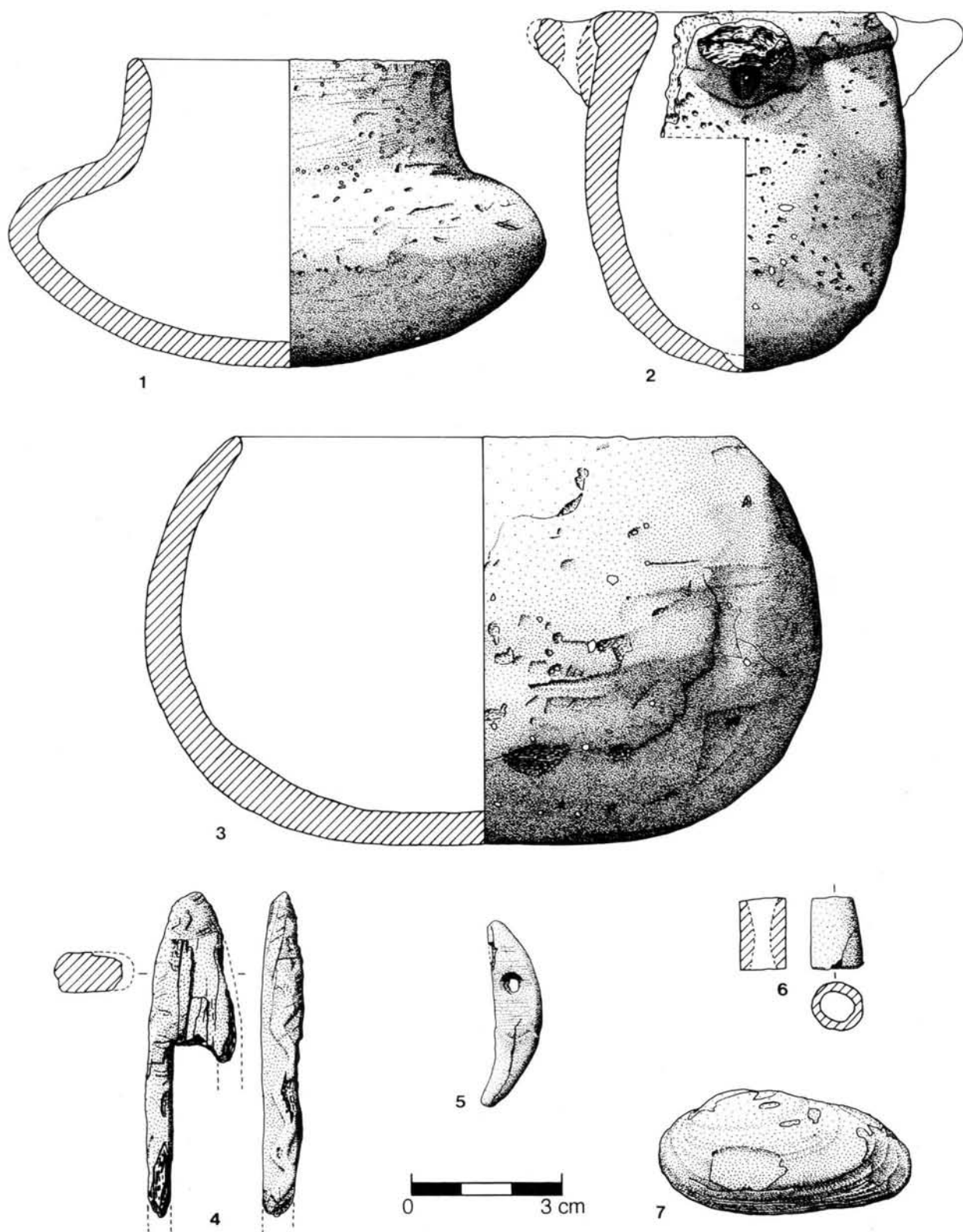


Fig. 35 – Gruta II da Senhora da Luz. Espólio cerâmico, objectos de adorno e indeterminados (n.º 4) de osso e restos faunísticos.

pré-existentes, constituindo assim um exemplo da continuidade que se terá verificado na passagem, por certo gradual, ao nível da cultura material, entre aquelas duas épocas. Menciona-se, a título comparativo, exemplar semelhante proveniente das grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. XIX, b)

7 - DIVERSOS

Nesta categoria incluem-se elementos faunísticos sem quaisquer traços de afeiçoamento, cuja ocorrência nas grutas da Senhora da Luz sugerem ofertas de carácter ritual, acompanhando o restante espólio funerário. Nalguns casos não se afasta a hipótese de constituírem elementos de adornos mais complexos, feitos de materiais percíveis, entretanto desaparecidos.

7.1 - Conchas

- Uma valva de *Pecten maximus*, (Fig. 32, nº. 11); é evidente simbologia mágico-religiosa desta espécie, mesmo em tempos históricos;
- Uma valva de *Unio pictorum* (Fig. 35, nº. 7), molusco frequente nas águas interiores portuguesas;
- Um fragmento de grande valva de *Mytilus galloprovincialis*, correspondendo à porção da charneira.

7.2 - Restos mamalógicos

- Uma grande defesa inferior de *Sus scrofa* (Fig. 32, nº. 10) e fragmentos de três outras (Fig. 32, nº. 7 a 9);
- Um incisivo inferior (Fig. 32, nº. 3) de *Sus scrofa*;
- Um incisivo inferior (Fig. 32, nº. 2) de *Sus scrofa*;
- Um canino superior de *Canis familiaris*, (Fig. 32, nº. 4);
- Dois caninos, um superior outro inferior de *Lynx pardina* (Fig. 32, nº. 1 e 5).

8 - CERÂMICAS

8.1 - Cerâmicas lisas

Foram identificadas as seguintes formas:

8.1.1 - Esféricos

Além do já referido exemplar de calcário, outros, de dimensões muito diversas, pertencem a esta categoria (Fig. 35, nº. 3 e Fig. 37, nº. 4; Fig. 42, nº. 5). Este último é munido de uma pega horizontal com duas perfurações verticais cilíndricas.

De referir ainda fragmento de grande recipiente esférico, com pega vertical, logo abaixo do bordo, com lábio aplanado introvertido (Fig. 41, nº. 1).

8.1.2 - Taças em calote

Trata-se de categoria representada por numerosos exemplares completos. A maioria possui bordo simples e lábio fino (Fig. 37, nº. 2, 3, 9; Fig. 38, nº. 3 a 7 e 9); outros, possuem-no aplanado (Fig. 38, nº. 2) ou extrovertido e espessado (Fig. 38, nº. 1).

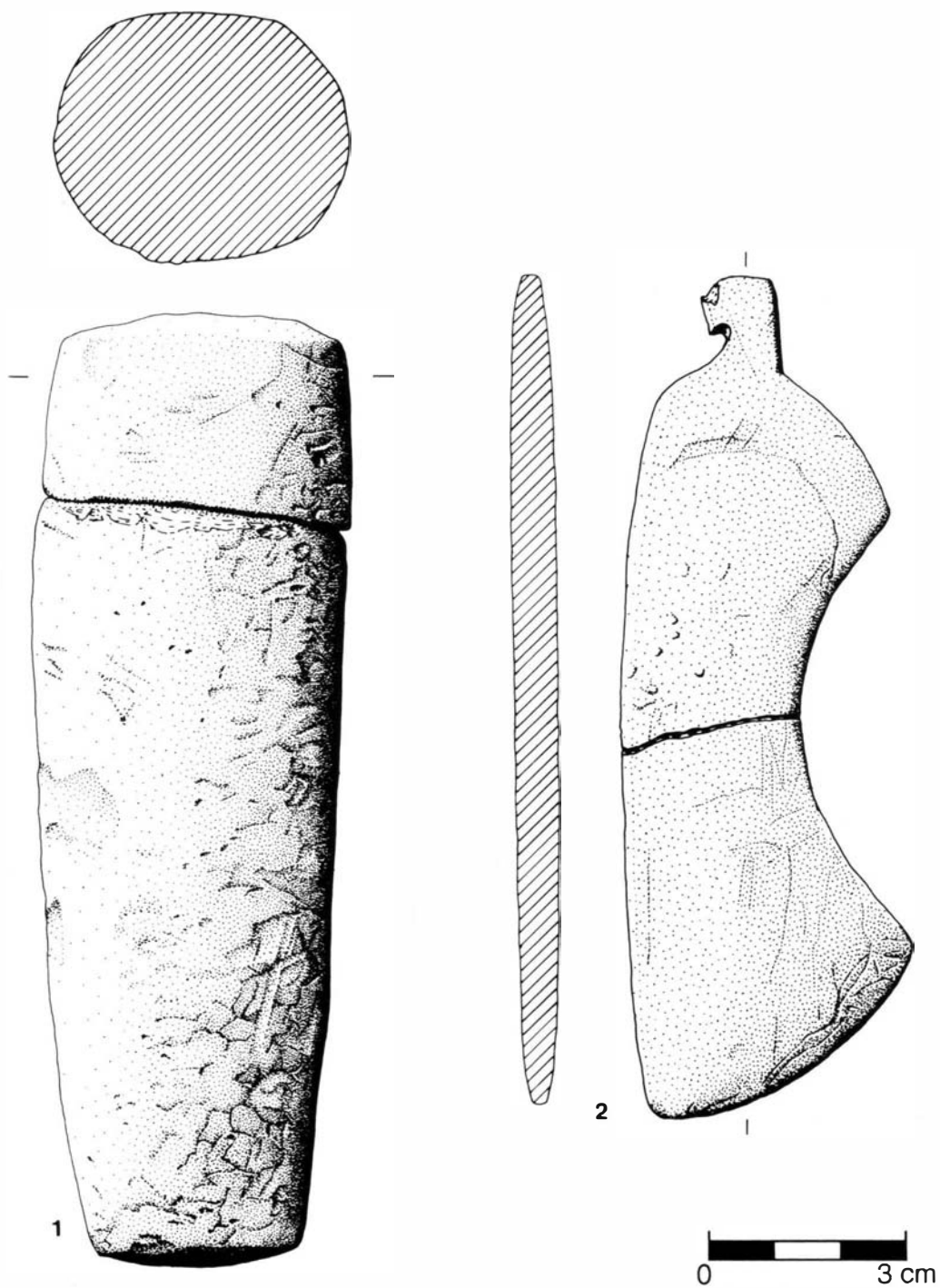


Fig. 36 – Gruta II da Senhora da Luz. Objectos de carácter mágico-simbólico.

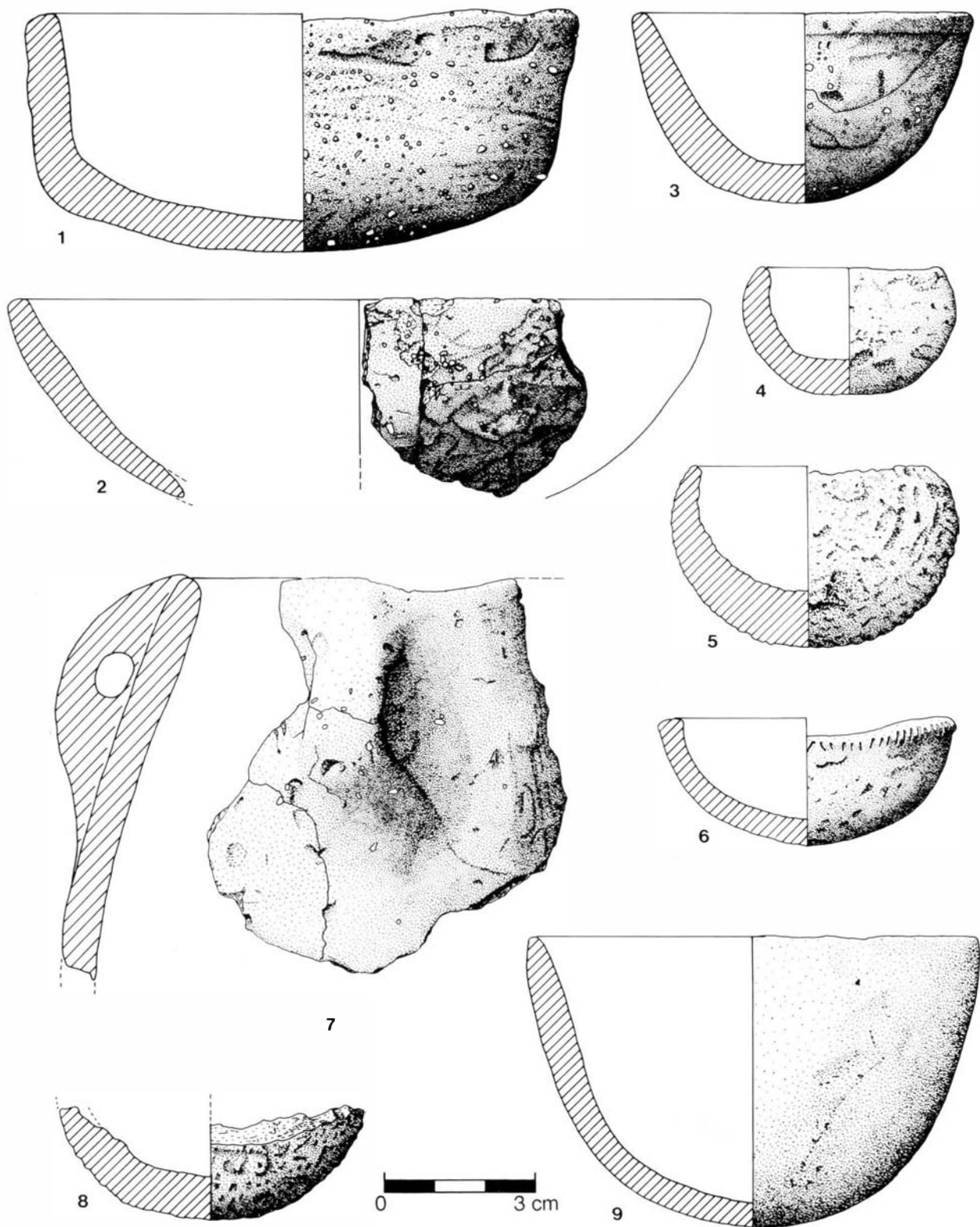


Fig. 37 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos e de calcário (n.ºs 5 e 8).

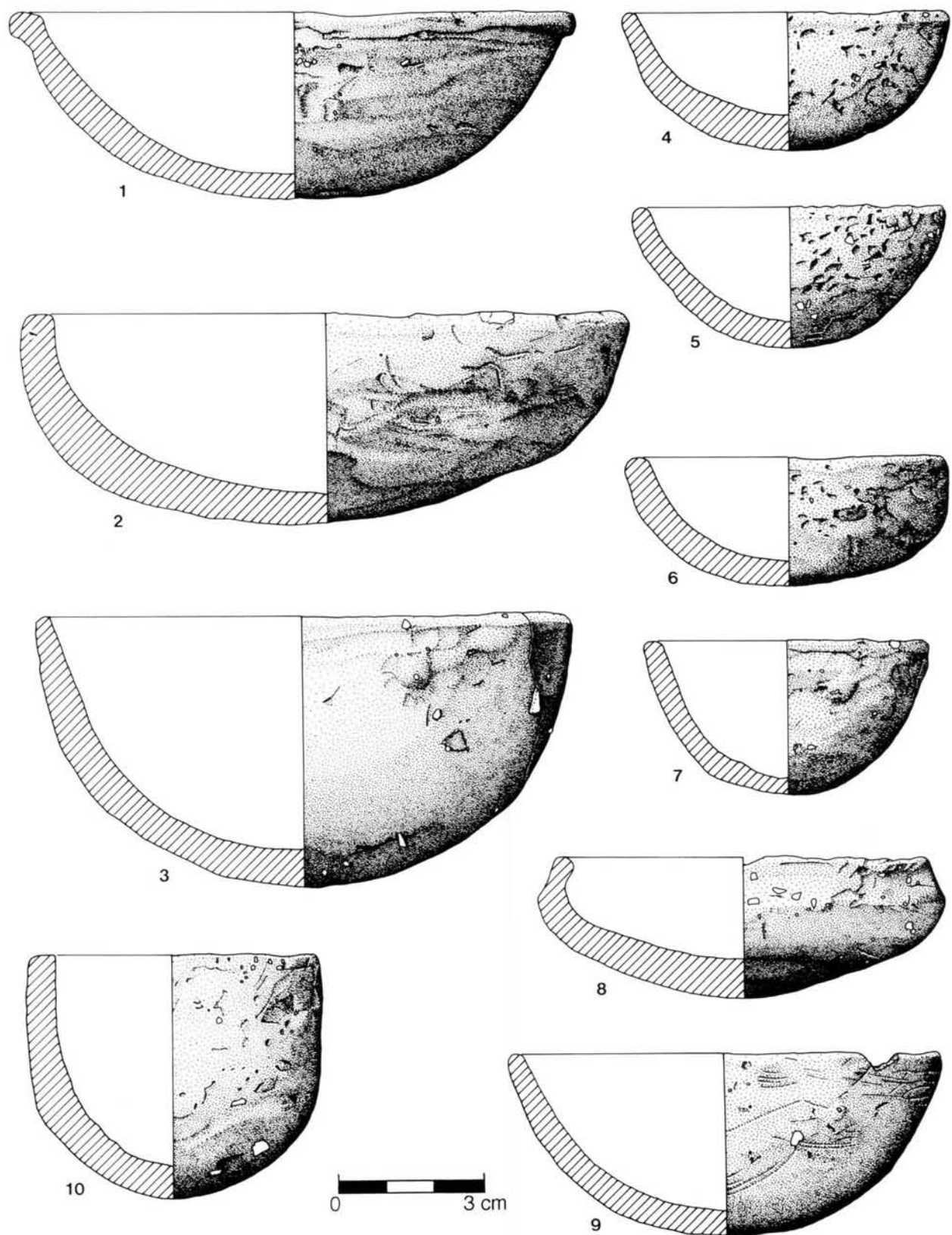


Fig. 38 – Gruta II b da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

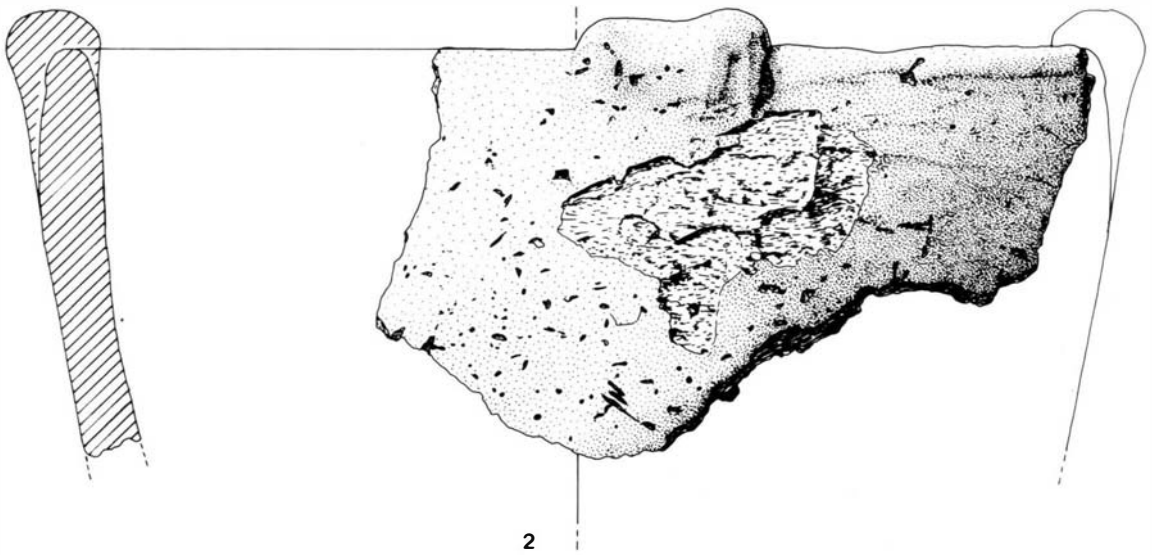
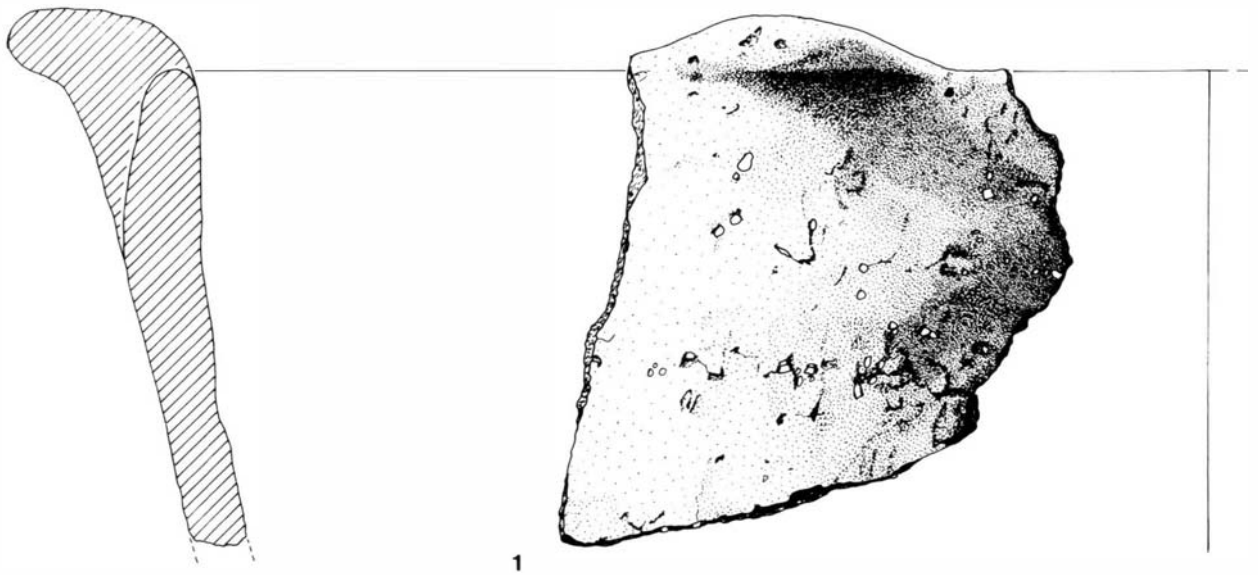
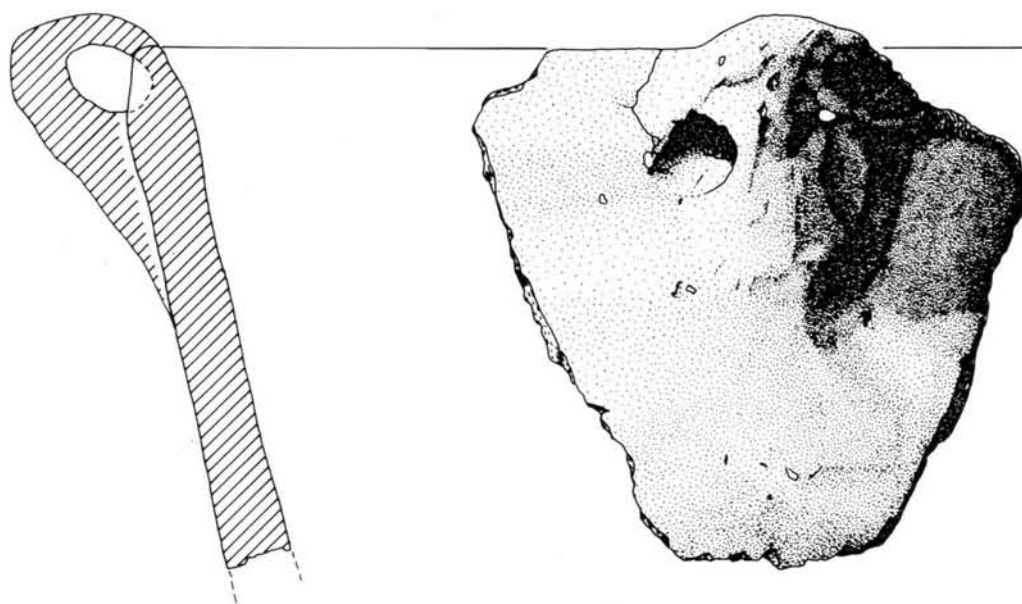
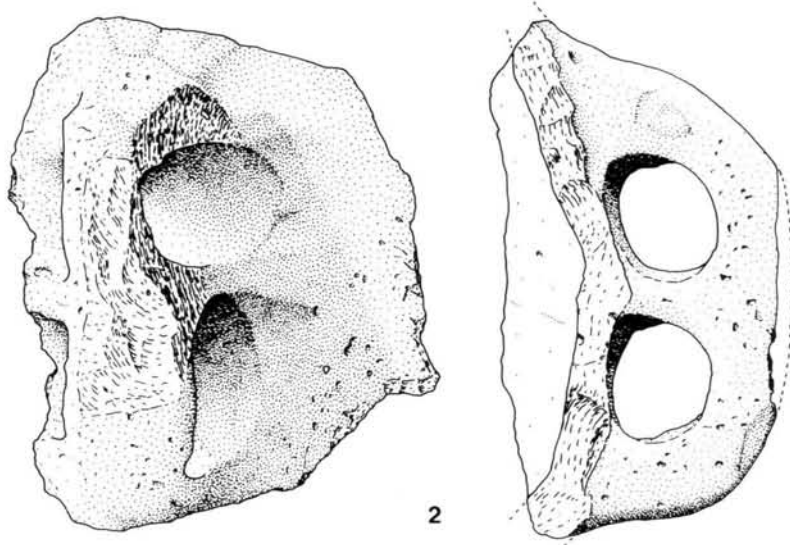


Fig. 39 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.



1



2

Fig. 40 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

8.1.3 - Vasos de corpo cilindróide

Um exemplar caracteriza-se por possuir as paredes verticais – pelo que se aproxima dos “copos” calcolíticos – afastando-se porém deste tipo de recipientes pelo facto de exhibir fundo marcadamente mais convexo (Fig. 38, nº. 10).

8.1.4 - Vasos em forma de saco

Um pequeno recipiente integra-se nesta categoria; caracteriza-se por possuir bordo espessado interna e externamente, lábio marcadamente aplanado e uma pega, perfurada a partir de ambos os lados (Fig. 35, nº. 2).

Um outro exemplar exhibe pega com desenvolvimento vertical, perfurada (Fig. 37, nº. 7). O último exemplar integrável nesta categoria, de grandes dimensões, ostenta bordo espessado e extrovertido, e lábio convexo (Fig. 46, nº. 2). É munido de duas perfurações cónicas, pós-cozedura, talvez destinadas a restauro de fractura.

8.1.5 - Vasos de colo baixo e cilíndrico

Trata-se de exemplar completo, idêntico a outros, exumados em necrópoles de época neolítica da Cultura de Almería (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 3), por vezes pintados (Tf. 158, nº. 3), podendo, porém, confundir-se com formas do Bronze do Sudoeste (Fig. 35, nº. 1).

8.1.6 - Taças carenadas

Representadas por dois exemplares, um de carena baixa e de paredes ligeiramente extrovertidas (Fig. 37, nº. 1) e outro de carena média/alta mais acentuada (Fig. 38, nº. 8). Trata-se de dois exemplares integráveis no Neolítico final.

Um terceiro exemplar (Fig. 42, nº. 1) distingue-se dos anteriores pela pasta, que é muito mais compacta, e pelo acabamento das superfícies, engobadas e polidas, conferindo-lhes brilho acetinado. Trata-se, inquestionavelmente, de exemplar da Idade do Bronze.

8.1.7 - Vasos de corpo alto, de perfil parabolóide

Três exemplares integram-se nesta categoria morfológica (Fig. 39, nº. 1 e 2; Fig. 40, nº. 1). Em todos eles se observam apêndices plásticos sobre o bordo; dois correspondem a pegas, sobreelevando localmente o nível do plano do bordo, uma das quais perfurada obliquamente, na pasta fresca (Fig. 39, nº. 1; Fig. 40, nº. 1). O apêndice do terceiro exemplar dificilmente teria aproveitamento funcional (Fig. 39, nº. 2).

8.1.8 - Vasos de fundo plano

Apenas um fragmento possui fundo plano (Fig. 42, nº. 2), pertencente provavelmente à Idade do Bronze.

8.1.9 - Vasos lisos de pegas com dupla perfuração horizontal

Um exemplar (Fig. 40, nº. 2) aproxima-se de outro, recolhido no Algar de João Ramos, Alcobça (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, nº. 1). Existem numerosos paralelos espanhóis, todos eles reportáveis ao Neolítico, como o único exemplar português até ao presente publicado.

8.2 - Cerâmicas decoradas

Este grupo integra cerâmicas de épocas muito diversas; isolaram-se os seguintes conjuntos, com base nas pastas e acabamentos, tipologia, técnica e temática decorativas.

8.2.1 - *Cerâmicas neolíticas*

O único recipiente neolítico até ao presente publicado destas grutas é o bem conhecido vaso em forma de saco, cujo esboço (embora impreciso) foi apresentado por FERREIRA (1970a, Est. III) e reproduzido ulteriormente por FERREIRA & LEITÃO (s/d, p. 152). Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia, tendo figurado na Exposição “Lisboa Subterrânea” (1994), ali realizada. O desenho agora apresentado (Fig. 41, nº. 2) foi executado com base na fotografia reproduzida no respectivo catálogo (ARRUDA, 1994). A decoração, incisa, em “falsa folha de acácia” ou “espiga”, organiza-se em padrões ocupando uma banda contínua abaixo do bordo, apenas interrompida pelos elementos de prensão, correspondentes a asas com furação horizontal e perfil “em cabeça de suídeo”, comparáveis a exemplares da Lapa do Fumo (SERRÃO, 1959, p. 201), aplicadas a recipientes de formas e decorações idênticas ao agora estudado.

Nesta categoria inscreve-se o recipiente da Fig. 45, nº. 1 e 2. Trata-se de exemplar de pasta castanho anegrada, friável e grosseira, com decoração plástica constituída por cordão em relevo, a partir da pega situada sobre o bordo, por sua vez decorado por impressões de contorno sub-triangular, as quais se desenvolveram, igualmente, em linha horizontal. A associação de motivos decorativos plásticos e impressos, como a patenteada no presente exemplar, é frequente no Neolítico antigo evolucionando do centro e sul de Portugal.

Outro recipiente característico da referida face cultural é o da Fig. 43, nº. 2 e 3. Trata-se de esférico de bordo simples, serrilhado por incisões transversais, as quais estão também presentes logo abaixo do bordo, através de faixas preenchidas interiormente, entre elementos de prensão.

Dois outros fragmentos pertencem, também a recipiente integrável no Neolítico antigo evolucionado (Fig. 44, nº. 1 e 2). Ao contrário do anterior, os motivos decorativos entre os elementos de prensão, que se apresentam perfurados verticalmente, organizam-se verticalmente em faixas preenchidas com motivos em espinha.

Ao Neolítico antigo evolucionado reporta-se também esférico alto com bordo serrilhado por incisões transversais e decoração abaixo do bordo, divergentes a partir da pega situada sobre aquela (Fig. 45, nº. 3). O referido elemento de prensão exhibe a particularidade de possuir um botão cónico proeminente sobre o plano superior da pega. Os paralelos mais evidentes provêm do vizinho Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994, Est. 16, nº. 6).

De referir ainda diversos fragmentos de um mesmo vaso, munido de uma pega perfurada verticalmente (Fig. 43, nº. 1), ao nível da qual se desenvolve, na horizontal, uma faixa de linhas espinhadas, enquadradas superiormente por estreita banda preenchida interiormente.

Enfim, ao Neolítico antigo evolucionado pertencerá igualmente pequena taça em calote com bordo ligeiramente espessado exteriormente, encontrando-se decorado, desse lado, por uma série de pequenas incisões verticais (Fig. 37, nº. 6).

8.2.2 - *Cerâmicas calcolíticas e da Idade do Bronze*

Nesta rubrica integram-se os recipientes que, pela forma e motivos decorativos, constituem grupo homogéneo, situável geograficamente na região da média Estremadura, susceptível de ser designado como “cerâmicas incisas tipo Carvalho” (ALMAGRO-GORBEA, 1977, p. 119), da gruta epónima, do concelho de Alcobaça, onde foram pela primeira vez identificadas (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Tf. 16). Tal designação não esclarece, todavia, a cronologia que deve ser atribuída a tais cerâmicas; aquele autor foi levado a incluí-las no Bronze Final tendo em consideração as formas e temáticas decorativas, que nalguns casos se aproximam das encontradas em Cueva de Boquique. Porém, faltam, até ao presente, estratigrafias que permitam situar seguramente tais cerâmicas em determinada época. É por isso que se julga mais adequado, no estado actual dos conhecimentos, manter a designação supracitada – “cerâmicas incisas tipo Carvalho” – admitindo-se a integração dos fragmentos que, nas grutas da Senhora da Luz apresentam tal tipo de pastas e de acabamentos, globalmente, na Idade do Bronze. Tal atribuição é sugerida não só pela boa qualidade das pastas, mas sobretudo pelas formas – vasos de carena alta e grandes esféricos – desconhecidos no Calcolítico da Baixa Estremadura. Conjuntos idênticos têm sido exumados nas Beiras em contextos cronologicamente diversos, cobrindo largo intervalo de tempo, do Neolítico à Idade do Bronze (escavações de A. Valera e de J. C. Senna-Martinez).

As temáticas e técnicas decorativas integram quatro grupos principais: os triângulos incisos preenchidos (Fig. 46, nº. 4); as linhas quebradas em espinha (Fig. 44, nº. 3); os penteados ondulados (Fig. 46, nº. 1); e os semi-círculos concêntricos (Fig. 46, nº. 3); de referir, ainda, as linhas de triângulos impressos sobre as carenas de alguns exemplares (Fig. 46, nº. 4; Fig. 44, nº. 3). Como elementos de carácter mais singular, salientam-se os dois botões contíguos aplicados sobre o lábio do exemplar da Fig. 46, nº. 1 (de carácter decorativo e/ou simbólico) e uma asa com furo horizontal, implantada logo abaixo da carena de grande vaso, com restos de decoração penteada e linhas pontilhadas organizadas em grinaldas (Fig. 42, nº. 4).

O único exemplar cerâmico decorado de cronologia indiscutivelmente calcolítica corresponde a garrafa ou vaso bojudo de colo alto campaniforme (LEITÃO *et al.*, 1978, p. 469 e p. 515, nº. 63; FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 205), também reproduzido por SPINDLER (1975, Abb. 2), de cujo trabalho se extraiu o desenho da Fig. 47, nº. 2. Este exemplar não foi observado pelos autores.

9 - ESPÓLIO METÁLICO

O único objecto metálico das grutas da Senhora da Luz é uma “espiral” de ouro cilíndrica, de cinco “espiras”, e secção rectangular, com as extremidades afiladas. Provém da Gruta II e já foi publicada (HELENO, 1935, Fig. 1; FERNANDES, 1993, p. 182); sobre esta última reprodução se executou o desenho da Fig. 47, nº. 1, já que a peça não foi directamente observada (coleções do Museu Nacional de Arqueologia).

10 - CONCLUSÕES

Neste trabalho publica-se o espólio exumado em 1935 e 1936, sobre orientação de M. Heleno, em três grutas naturais adjacentes, da região de Rio Maior, abertas em calcários do Kimmeridgiano, conhecidas localmente por “grutas da Senhora da Luz”. Apesar da evidente importância dos materiais, o conjunto manteve-se inédito até à actualidade, com excepção de apenas seis peças que foram reproduzidas ou mencionadas por diversos autores.

Desconhecem-se informações concludentes sobre as condições da recolha dos materiais; M. Heleno menciona a existência de estratigrafia, embora não a descreva em pormenor. O mesmo autor estabelece diferenciação entre a cronologia das diversas cavidades que constituem a necrópole, o que não parece basear-se em evidências suficientes, que o autor jamais explicita ou pormenoriza. Desta forma, recorreu-se à análise tipológica e comparativa dos materiais – tratados em conjunto – para se identificarem os diferentes momentos de utilização das três cavidades como necrópole pré-histórica. De tais estudos, resultaram as seguintes conclusões gerais:

1 – A primeira ocupação das grutas arqueologicamente documentada, remonta ao chamado Neolítico antigo evolucionado. Encontra-se representada por materiais cerâmicos, avultando vasos de formas fechadas e abertas, com elementos de prensão morfologicamente diversificados (“botões”, pegas com perfil em “cabeça de suídeo”, pegas perfuradas horizontal ou verticalmente, por vezes constituindo volumes que ultrapassam o plano da boca dos vasos, e pegas alongadas verticalmente com duas perfurações horizontais).

As decorações desenvolvem-se abaixo do bordo; estão representadas por motivos incisos, constituindo espinhados ou bandas horizontais, preenchidas interiormente por traços oblíquos ou dispostas verticalmente, ocupando o espaço entre elementos de prensão. Reconheceu-se também a bem conhecida decoração “falsa folha de acácia”, ou “em espiga”, um dos mais recorrentes motivos do Neolítico antigo evolucionado do território português, que atingiu o Neolítico final.

Os motivos impressos encontram-se associados às chamadas decorações plásticas, representadas pelos conhecidos cordões em relevo, dispostos logo abaixo do bordo, a partir de elementos de prensão ali existentes, decorados por impressões feitas com matriz sub-triangular. Tais impressões podem, tal como o motivo anterior, atingir, na Estremadura, o Neolítico final.

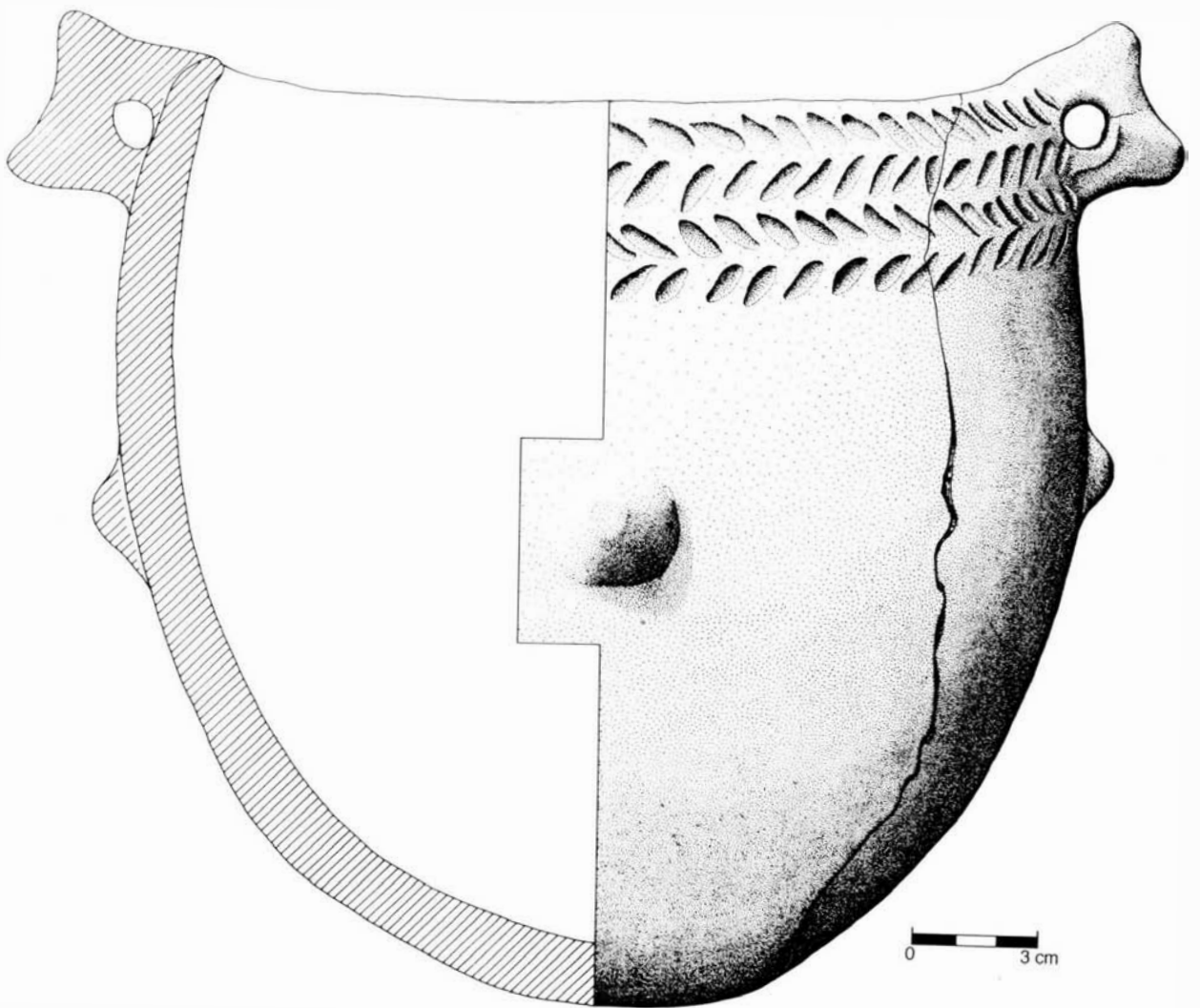
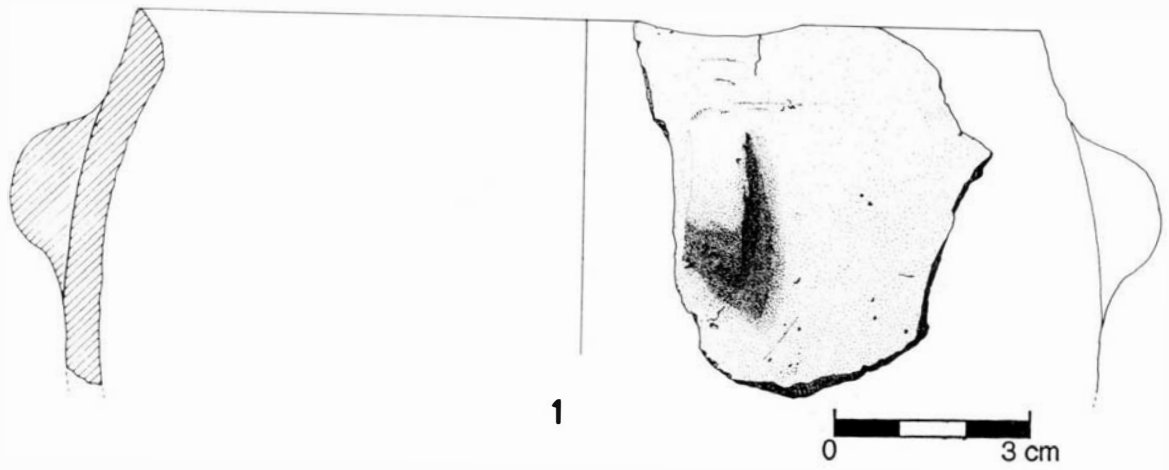


Fig. 41 – Gruta II e I da Senhora da Luz (respectivamente). Recipientes cerâmicos.

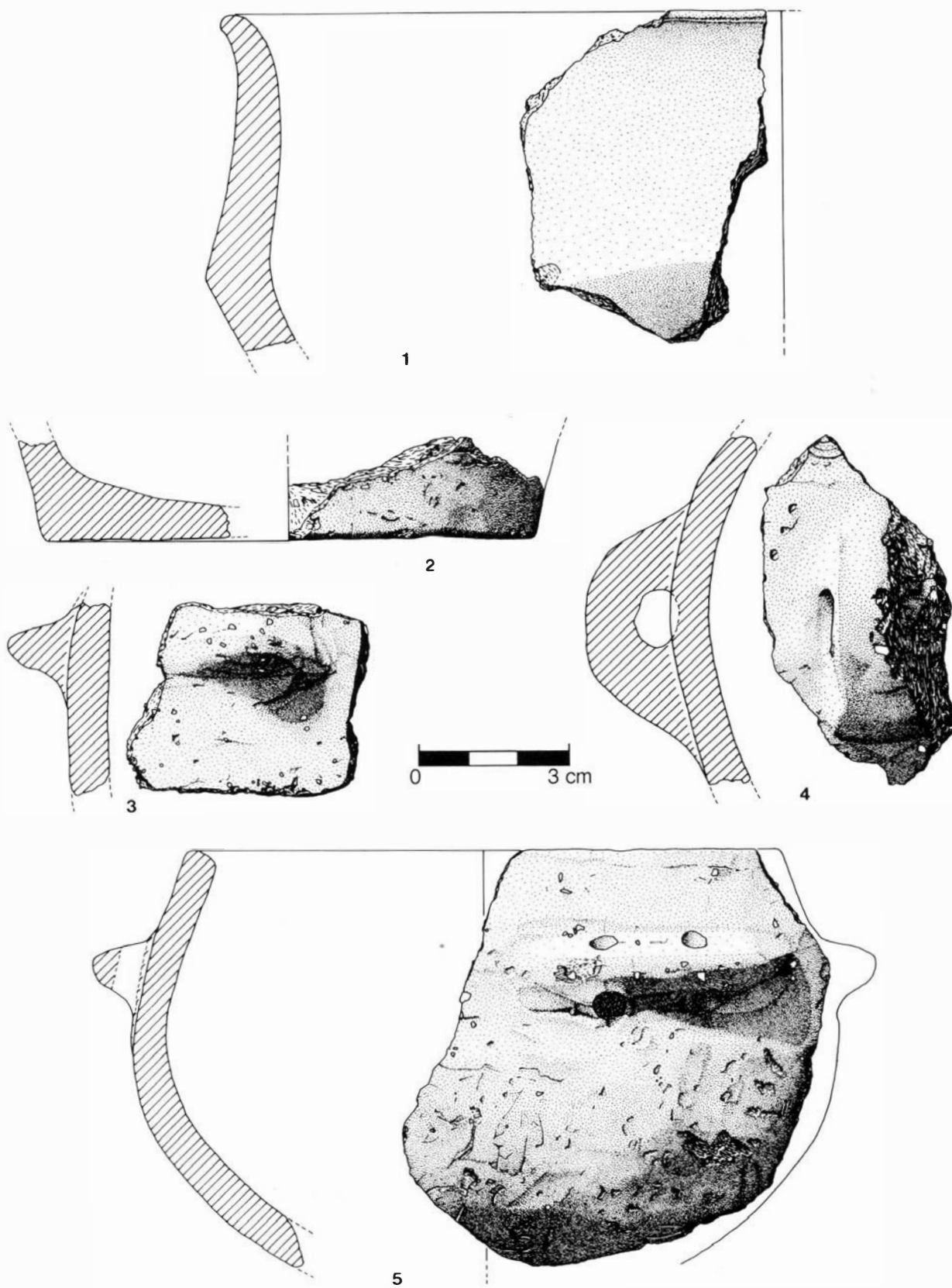


Fig. 42 – Gruta III da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

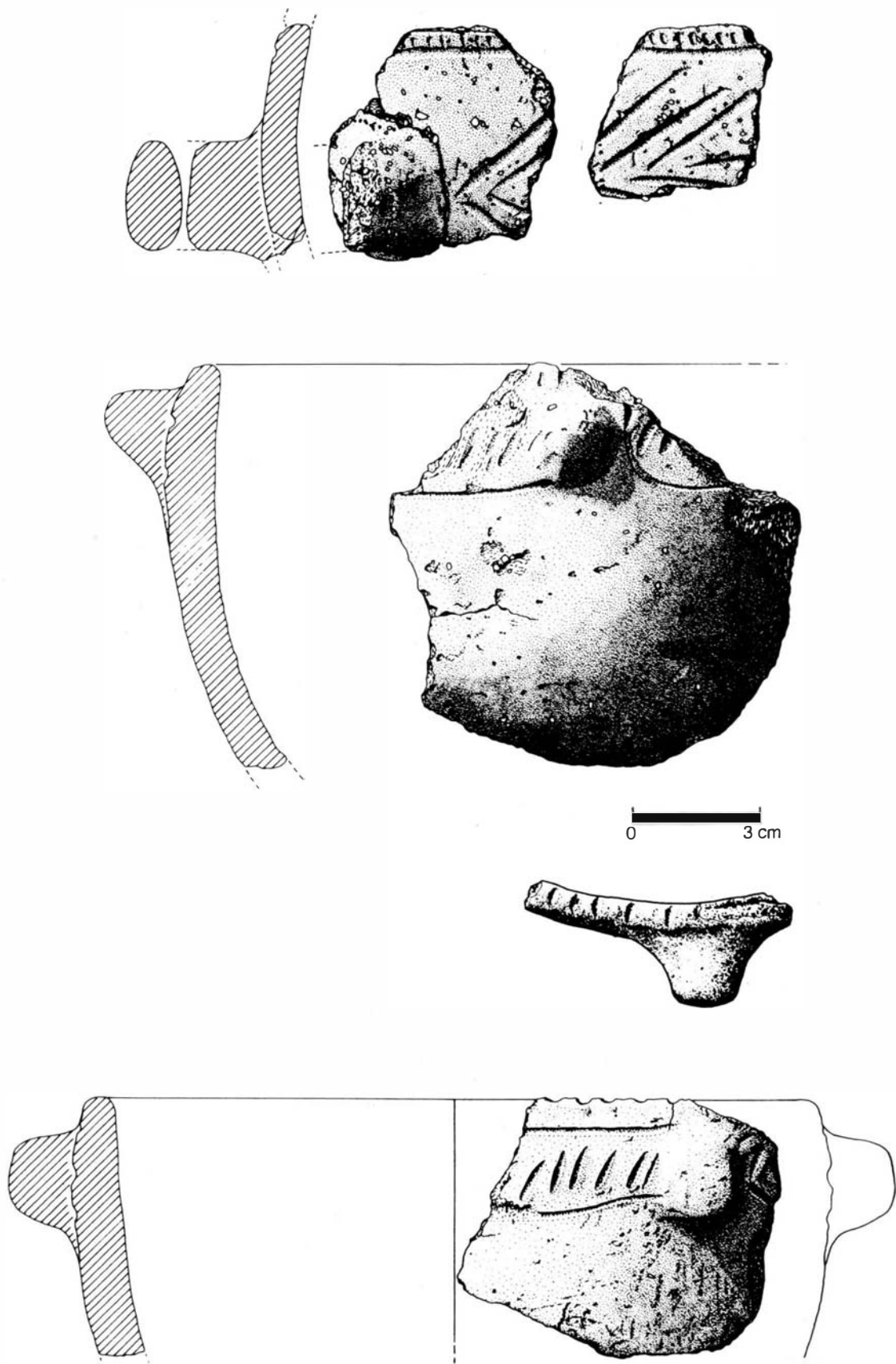


Fig. 43 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

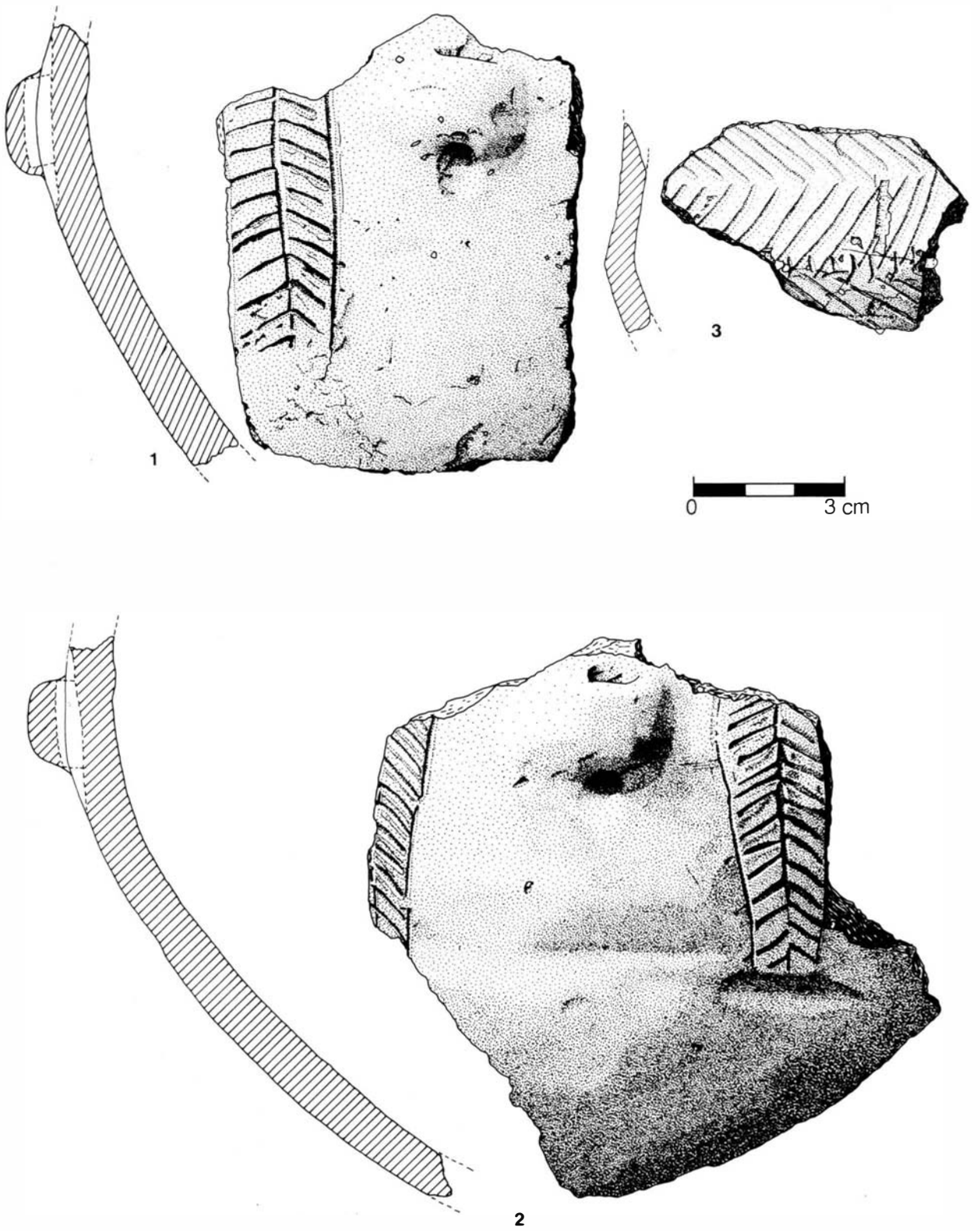


Fig. 44 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

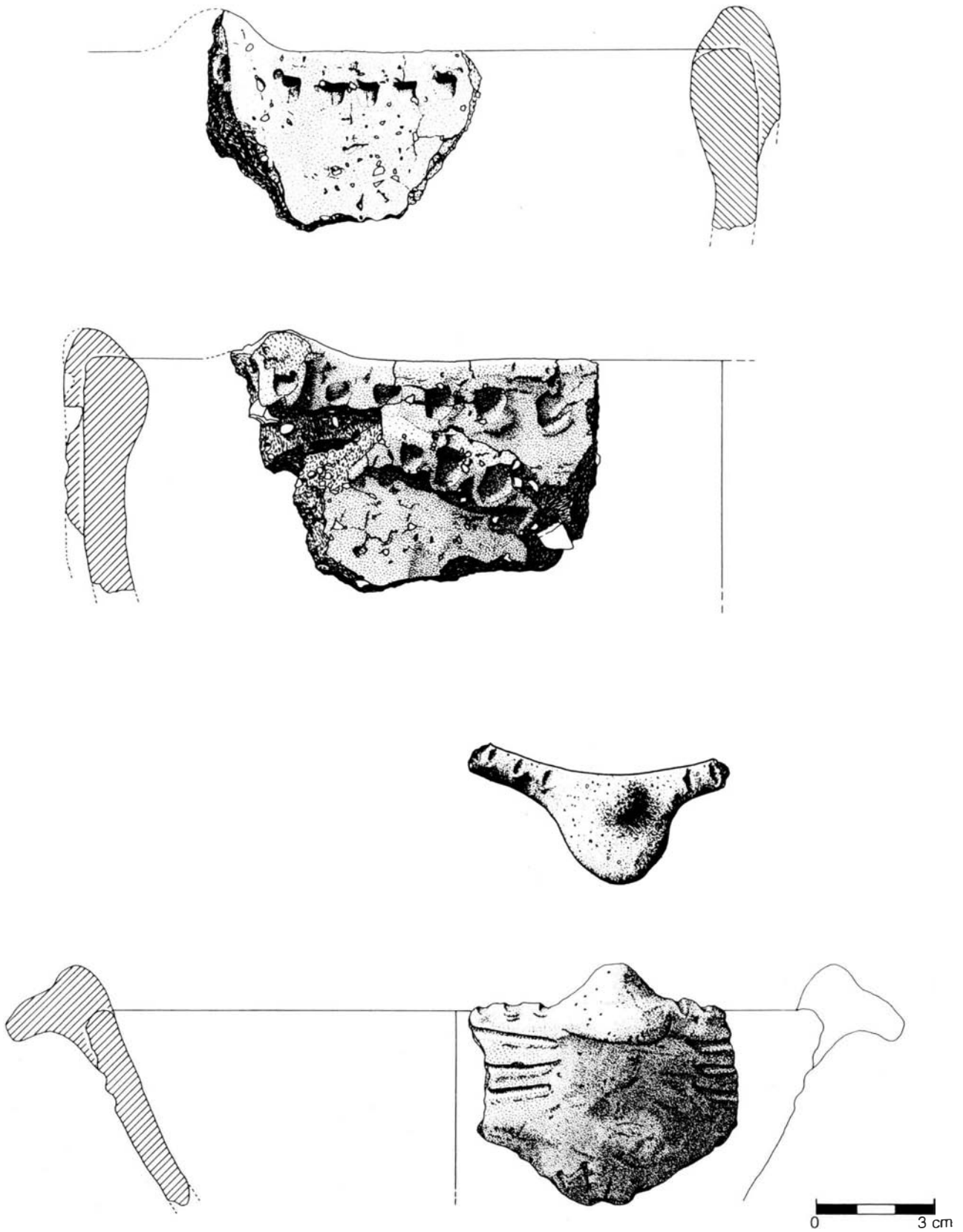


Fig. 45 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

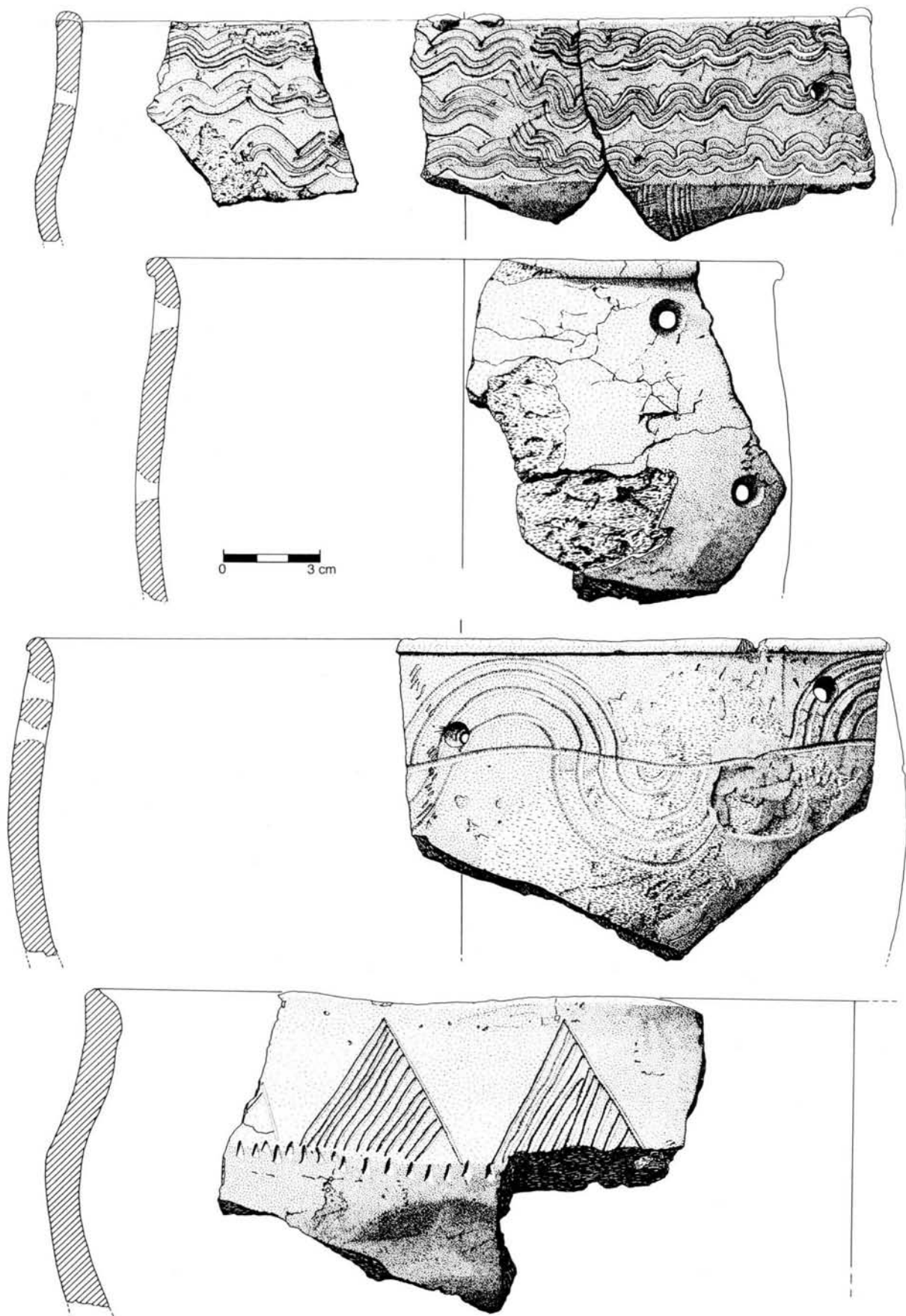


Fig. 46 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

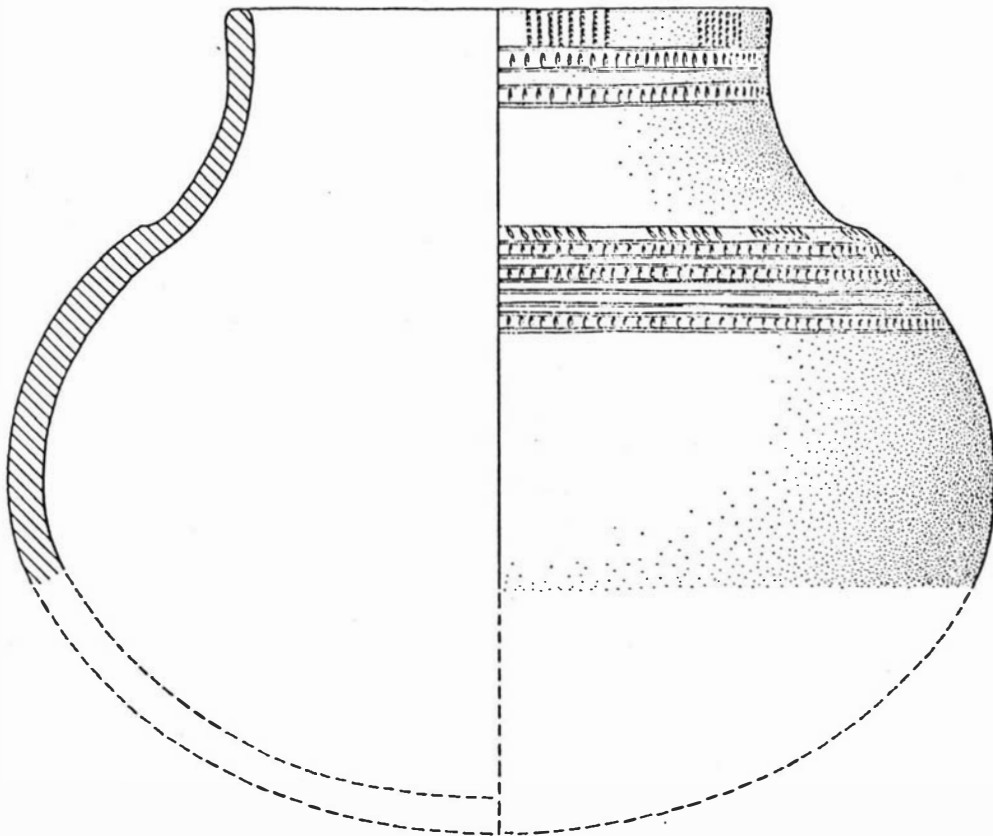


Fig. 47 – Grutas da Senhora da Luz. Materiais campaniformes. 1 - espiral de ouro da Gruta II, sobre arame martelado (desenho sobre fotografia, *in* FERNANDES, 1993, nº. 85); 2 - “garrafa” campaniforme (*in* SPINDLER, 1975, Abb. 2).

2 - A segunda fase de ocupação da necrópole data do Neolítico final. Corresponde, atendendo ao número e importância dos materiais exumados, ao período mais importante da utilização da necrópole. Com efeito, reporta-se ao Neolítico final a quase totalidade da indústria lítica, avultando as pontas de seta de base triangular ou pedunculada, com ou sem aletas laterais; não se excluem deste conjunto as pontas de seta de base convexa, rectilínea ou côncava, tal como não há razões para se considerarem mais modernas as numerosas alabardas e punhais, alguns finamente trabalhados após polimento. Também as lâminas com ou sem retoques, as lamelas, micrólitos, furadores e núcleos devem reportar-se a esta fase de ocupação; alguns destes últimos artefactos, de cristal de rocha, são peças notáveis, de evidente carga estética e simbólica.

A indústria óssea revela singularidades, especialmente evidentes nos furadores obtidos pelo seccionamento longitudinal de metápodos de ovinos ou caprinos, com paralelos em contextos do Neolítico final estremenho.

Quanto aos objectos de adorno, além de algumas peças singulares, como um notável pendente de calcite em forma de lágrima, ou o pequeno seixo rolado de mineral verde, aproveitado tal e qual, é de destacar a presença de conchas *Dentalium*, de braceletes de *Glycymeris* e de um extraordinário conjunto de contas de xisto, igualmente do Neolítico final. A mesma conclusão é aplicável ao bracelete de pedra, o qual poderá remontar eventualmente ao Neolítico antigo, tal como singular anel de osso, de integração cultural problemática. A matriz para cerâmica seria inquestionavelmente neolítica, à semelhança de exemplares homólogos da Estremadura, caso houvesse, ao nível decorativo dos recipientes, evidências que suportassem tal atribuição, o que não sucede.

É interessante salientar a reduzida presença de artefactos de pedra polida; os escassos exemplares exumados ostentam, salvo duas excepções, os gumes intactos, estando representados machados, enxós e escopros. Tal evidência tem, naturalmente, uma razão de ordem mágico-simbólica.

A cerâmica é dominada pelas formas lisas, estando presentes, sobretudo, taças em calote e, subordinadamente, taças carenadas e esféricas, um deles com pegas horizontais, munidas de duas perfurações verticais, com paralelos em monumentos megalíticos do sudoeste peninsular. Daí a designação de “cerâmicas dolménicas” para tal grupo de recipientes, mesmo quando ocorrem fora daqueles monumentos.

3 - A terceira fase de ocupação remonta ao Calcolítico pré-campaniforme. A ela poderão pertencer alguns dos artefactos líticos e cerâmicos mencionados em 2 (boa parte das indústrias líticas, com excepção dos micrólitos e das pontas de seta de base convexa, triangular ou pedunculada, e a quase totalidade de cerâmica lisa). Consideram-se específicos desta fase os seguintes grupos: ao nível da indústria lítica, as pontas de seta mitriformes e em “torre Eiffel”, de base e bordos laterais côncavos; no respeitante aos ideoartefactos, avulta um cilindro de calcário e dois raros recipientes da mesma rocha, correspondendo a réplicas líticas de vasos esféricos cerâmicos, muito abundantes no Neolítico e Calcolítico do centro e sul do País. A sua atribuição ao Calcolítico teve em consideração a utilização privilegiada da referida matéria-prima em tal época, na confecção de peças de significado mágico-simbólico ou uso ritual, como estas.

Outra peça relevante que se inclui nos conjuntos dos ideoartefactos é o machado votivo recortado em plaqueta de xisto clorítico, de gume fortemente convexo e oblíquo, lembrando, neste particular, certas peças calcolíticas da Europa Central ou do Mediterrâneo Oriental.

4 - Um importante conjunto de cerâmicas decoradas, na falta de registos de escavação, é de atribuição cultural problemática, tanto mais que escasseiam paralelos para os materiais em apreço. Trata-se de vasos médios e de grandes, em geral com carenas altas e colo fechado, ostentando decoração abaixo do bordo, através de ténues incisões e penteados, motivos difíceis de atribuir seguramente a determinada época, do Calcolítico à Idade do Bronze. Neste contexto, se poderia inscrever o pente para oleiro, anteriormente referido, tendo em conta a existência de cerâmicas com decoração penteada, recorrendo a peças idênticas.

5 - Ao período campaniforme pertence inquestionavelmente uma única peça: trata-se de uma rara “garrafa”, com escassos paralelos na Baixa Estremadura. Outra peça - a única de metal recolhida na necrópole - é uma “espiral” de ouro, cuja cronologia poderá ser idêntica, embora se prolongue pela Idade do Bronze.

6 - O derradeiro momento de ocupação, por certo fugaz e episódico, da necrópole, encontra-se representado por fragmento de taça de carena média a alta, recolhida na Gruta III, muito bem acabada interna e externamente, com superfície castanho-beige polida, cuja cronologia remontará seguramente à Idade do Bronze. A sua ocorrência poderá explicar-se por outras razões que não a utilização funerária da referida cavidade como local de sepultamento, designadamente como santuário.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura. *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, 14. CSIC. Madrid.

ARRUDA, A. M. (1994) - Vaso com decoração impressa. *In Lisboa Subterrânea* (Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia), p. 156. Instituto Português de Museus. Lisboa.

BUCHHOLZ, H.- G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) - *Prehistoric Greece and Cyprus*. Phaidon. Tubingen.

CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225 (com a colaboração de R. Monteiro, O. da Veiga Ferreira, A. V. Pinto Coelho, F. Guerra, F. Bragança Gil e J. Pais).

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1991) - O espólio arqueológico do Algar de João Ramos ou gruta das Redondas, Turquel - Alcobça. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 277-285.

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) - O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p.

CARREIRA, J. Roque (1994) - A Pré-história do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144. Ed. Colibri. Lisboa.

FERNANDES, M. A. (1993) - Espirais (Cat. 84-100) *In Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, p. 180-182. Instituto Português de Museus. Lisboa.

FERREIRA, O. da Veiga (1957) - Tipos de punhal lítico da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*, 67 (1/2), p. 185-191.

FERREIRA, O. da Veiga (1970a) - Acerca dos vasos globulares, com asas perfuradas e ornamentação em "falsa folha de acácia". *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 2, p. 227-237.

FERREIRA, O. da Veiga (1970b) - Alguns objectos inéditos, bastante raros, da coleção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, S. III, 4, p. 163-174.

FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa - América. Lisboa.

HELENO, M. (1935) - Jóias pré-romanas. *Ethnos*, 1, p. 229-237.

- HELENO, M. (1956) - Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, S. II, 3, p. 221-237.
- LEITÃO, M.; NORTH, Th. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) - O povoado pré-histórico da serra da Espargueira (Belas). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa 1972), 1, p. 143-157.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1978) - La céramique de la Culture du Vase Campaniforme du Portugal. Essai de systématisation. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 63, p. 449-520.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 5, p. 37-65.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Erster Teil: Der Suden. Romische-
-Germanische Forschungen, Band 17. Walther de Gruyter. Berlin.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memória nº. 8 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- MACHADO, J. Saavedra (1964) - Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, S. II, 5, p. 51-448.
- MÜLLER-KARPE, H. (1974) - *Handbuch der Vorgeschicht*. Band III. Kupferzeit. München.
- NATIVIDADE, M. V. (1899/1903) - Grutas de Alcobaça. Materiais para o estudo do Homem. Relatório dos trabalhos de exploração nas diversas estações neolíticas de Alcobaça. *Portugalia*, 1, p. 433-474.
- PAÇO, A. do (1941) - As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 22 p. 45-48
- PAÇO, A. do (1966) - Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 16, p. 115-152.
- SERRÃO, E. da Cunha (1959) - Investigações arqueológicas na região de Sesimbra. Resultado das campanhas realizadas pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 17 (3/4), p. 187-203 (Vol. de Homenagem ao Prof. Doutor Mendes Corrêa).
- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.
- SPINDLER, K. (1975) - Bemerkungen zu einigen portugiesischen glockenbecherfunden. *Madrider Mitteilungen*, 16, p. 56-79.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals von Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Philipp von Zabern. Mainz am Rhein.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) - Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 15, p. 28-76.

AS CERÂMICAS DECORADAS DO ZAMBUJAL E O FASEAMENTO DO CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA PORTUGUESA

Miguel Kunst⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

A fortificação calcolítica do Zambujal (concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa, Província da Estremadura, Portugal) foi descoberta no ano de 1932 por Leonel Trindade (KUNST, 1993, p. 49). Situa-se num esporão rochoso sobre a margem direita da Ribeira de Pedrulhos, um pequeno afluente do rio Sizandro, a uma distância de aproximadamente 11,5 km em linha recta da costa atlântica actual, cerca de 40 km a Noroeste de Lisboa (Fig.1). Depois das primeiras sondagens de L. Trindade no ano de 1944 (JALHAY, 1946, p. 387-393; JALHAY, 1947, p. 78-85), Zambujal foi declarado «Monumento Nacional», no ano de 1946 por iniciativa do padre Eugénio Jalhay (JALHAY, 1947, p. 82; PAÇO *et al.*, 1964, p. 7). Entre 1959 e 1961 realizaram-se as primeiras escavações sob a direcção de Aurélio Ricardo Belo, Afonso do Paço e Leonel Trindade (PAÇO *et al.*, 1964, p. 7). A convite dos colegas portugueses, H. Schubart do Instituto Arqueológico Alemão, secção de Madrid, obteve a autorização para proceder a escavações, tendo conseguido a colaboração de um dos seus antecessores no Instituto Arqueológico Alemão, E. Sangmeister, na época professor catedrático e director do Instituto da Pré-História da Universidade de Freiburg (Alemanha). E. Sangmeister fora responsável pela área pré-história, de 1954 a 1956, no Instituto Arqueológico Alemão, secção de Madrid, e obteve conhecimentos especiais da arquitectura de fortificações do Calcolítico no sudoeste europeu, tendo participado nas escavações de Los Millares (Almería, Espanha) e Vila Nova de São Pedro (Portugal) (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, p. 27; ARRIBAS *et al.*, 1979, p. 67; PAÇO & SANGMEISTER, 1956; GRÜNHAGEN, 1979, p. 142 e 145), assim como nas escavações 1960/61 em Lébus (França meridional) (ARNAL *et al.*, 1963, p. 229-243).

Após seis campanhas de escavações, entre 1964 e 1973, pela primeira vez na Península Ibérica, E. Sangmeister e H. Schubart documentaram uma estratigrafia pormenorizada, a partir da escavação em extensão, de um povoado calcolítico (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981). Assim, Zambujal marcou o início de uma nova época da investigação da pré-história na Península Ibérica, e influenciou uma geração de investigadores da pré-história recente (PARREIRA, 1985, p. 209).

Em 1981 apareceu o primeiro volume da série de publicações sobre o Zambujal, no qual E. Sangmeister e H. Schubart apresentaram a estruturação da história arquitectónica e do desenvolvimento do povoado. Distinguem cinco “sistemas de construção”, as fases 1 a 5 (Fig. 2), que podem subdividir-se de duas a quatro subfases (“fases de ampliação ou acabamento”) cada uma, sendo estas as fases 1a, 1b, 1c, 2a, 2b, 2c, 3a, 3b, 3c, 4a, 4b, 4c, 4d, 5a, 5b (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 12 e 226-262). Os “sistemas de construção” resultaram de conceitos estratégicos diferentes (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 14-15). Todos os sistemas têm em comum o seguinte: uma cidadela central

⁽¹⁾ Instituto Arqueológico Alemão, secção de Madrid, c/ Serrano, 159. E-28002 Madrid.

- semelhante a Vila Nova de São Pedro – que se encontra num esporão rochoso, é rodeada por cinturas amuralhadas, mais ou menos concêntricas e possivelmente abertas para a escarpa do esporão (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 226-251). Para todo o período de ocupação do povoado, que provavelmente começou nos inícios do III milénio a.C. e terminou no II milénio a.C. (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 263-275; CORDES *et al.*, 1990, p. 83-86), está documentada a metalurgia por vestígios de instalações destinadas à fundição do cobre (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 260).

Em 1986 foi incluído o vale do rio Sizandro no projecto «Investigação geológica e arqueológica de costas e portos no litoral mediterrâneo da Andaluzia» como exemplo de evolução da costa atlântica. Na base de sondagens geológicas, G. Hoffmann pôde reconstruir uma antiga baía marítima neste vale, que se encontrava apenas a cerca de um quilómetro do Zambujal (HOFFMANN, 1991; HOFFMANN & SCHULZ, 1995). Por este facto, provavelmente, a função do povoado, para além da metalurgia do cobre, residiria sobretudo no comércio, que poderia ter sido praticado através desta baía (KUNST & TRINDADE, 1991, p. 72-76). Além disso, o povoado ocupa uma posição próxima da baía, em área propícia ao povoamento calcolítico (KUNST & TRINDADE, 1991, p. 70).

No entanto, muitas questões encontram-se ainda em suspenso, e só poderão ser investigadas depois da publicação de outros achados.

Em 1987 foi editado o segundo volume da série de publicações sobre o Zambujal, trata-se de um estudo da cerâmica, sobretudo da cerâmica campaniforme e da cerâmica com decoração de “folhas de acácia” e “crucíferas” (KUNST, 1987). Em 1995 publicou-se o volume 3, contendo a investigação dos achados de cobre por E. Sangmeister e os adornos de materiais distintos, por M. C. Jiménez Gómez (SANGMEISTER & JIMÉNEZ, 1994). Está no prelo a publicação dos instrumentos de pedra e de osso por H.-P. Uerpmann e M. Uerpmann, e o autor deste artigo prepara um outro volume sobre a cerâmica.

2 - PROBLEMÁTICA

No presente artigo publica-se o resultado preliminar do segundo volume sobre cerâmica do Zambujal, em preparação pelo autor. Trata-se da posição cronológica dos copos cilíndricos (Fig. 1 b e 1 c) (BLANCE, 1971, p. 61; PAÇO, 1959, p. 257) em relação à cerâmica campaniforme (Fig. 1 a) e também à cerâmica com decoração de “folha de acácia” e “crucíferas” Fig. 2).

Desde há muito tempo que os copos canelados ocupam um lugar importante na investigação portuguesa do Calcolítico. Por um lado, detêm relevância cronológica especial como «fóssil-director» do Calcolítico inicial da Estremadura (PAÇO, 1959, p. 259; SOARES & SILVA, 1975, p. 119 e 151; CARDOSO, 1989, p. 117; CARDOSO, 1994, p. 80; CARDOSO, 1995, p. 117); por outro lado, a sua qualidade excelente e aspecto diferente em relação à cerâmica habitual do Neolítico recente conduziram à ideia de que, em conjunto com outros tipos de vasos da mesma qualidade, seriam objectos de importação (PAÇO & SANGMEISTER, 1956, p. 222; BLANCE, 1971, p. 61). As características deste grupo de cerâmica são a aguada de boa qualidade, a espessura fina das paredes, a dureza e uma superfície negra brilhante ou de coloração achocolatada (SANGMEISTER, 1975, p. 552). O brilho resulta de polimento, e muitas vezes pode-se reconhecer um espatulado forte.

Mais tarde, a mesma cerâmica foi considerada indígena (BLANCE, 1959, p. 462-463) e só a tecnologia do seu fabrico teria vindo do Mediterrâneo oriental (SANGMEISTER, 1975, p. 552); no entanto, manteve-se a denominação “cerâmica de importação” como conceito-base para a classificação destes materiais (FERREIRA & SILVA, 1970, p. 216; BUBNER, 1979).

Desde o princípio dos anos oitenta, começou gradualmente a ser substituída a designação “cerâmica de importação” por denominações que se referem principalmente à ornamentação da cerâmica, faltando neste momento um novo conceito-base, que também incluía os vasos lisos. Na maioria dos casos, as características caneladas, que rodeiam os vasos horizontalmente, são consideradas como critério de definição, e é por isso que uma grande parte dos materiais, antes chamados “cerâmica de importação”, entre eles também os copos cilíndricos, se inclui no grupo da “cerâmica canelada”. Uma outra característica da decoração dos copos cilíndricos, que se pode também encontrar em pratos e taças, é a “ornamentação brunida” (Fig. 1, b, c). Por isso, E. Sangmeister e H. Schubart substituíram o conceito mais antigo

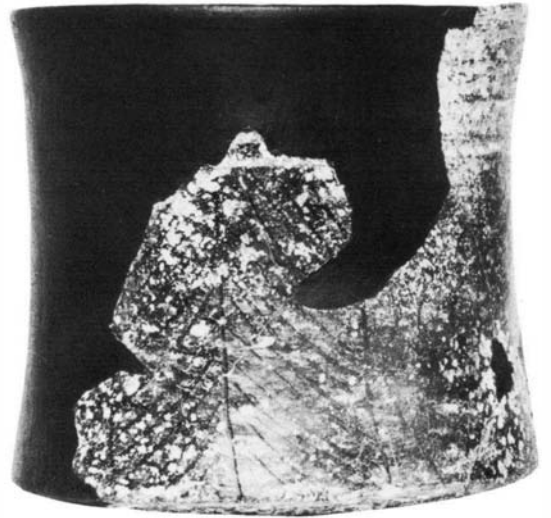
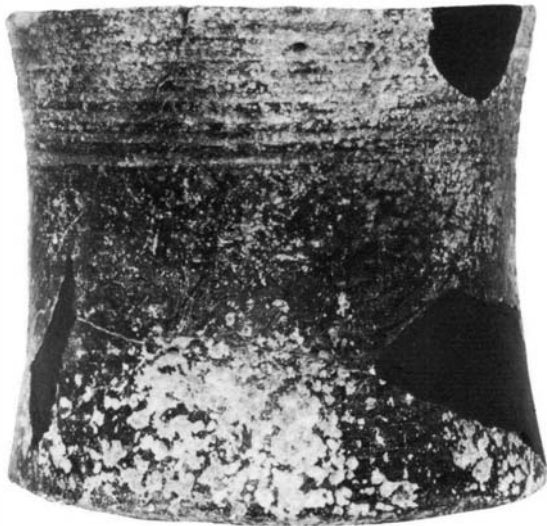


Fig. 1 – 1 - Dois vasos reconstruídos do povoado calcolítico do Zambujal: a - vaso campaniforme “marítimo”; b e c - dois aspectos de um copo cilíndrico; na foto à direita vê-se muito bem a decoração brunida. (Restauros de L. J. Trindade).

de “cerâmica de importação” pelo conceito “cerâmica com decoração brunida” (Keramik mit Einglättnustern) (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 284).

Depois da publicação da estratigrafia de Rotura (FERREIRA & SILVA, 1970), povoado calcolítico perto de Setúbal (Fig. 3), C. Tavares da Silva e J. Soares dividiram a Idade do Cobre da Estremadura portuguesa nos seguintes três horizontes sucessivos (SOARES & SILVA, 1975, p. 151-153; CARDOSO, 1989, p. 117-123):

- 1 - Calcolítico inicial: «horizonte dos “copos”» ou «horizonte da cerâmica canelada».
- 2 - Calcolítico pleno: «horizonte da decoração com “folha-de-acácia”».
- 3 - Calcolítico fino: «horizonte da cerâmica campaniforme».

Procuremos averiguar até que ponto esta sequência cultural se verifica no Zambujal.

As decorações em folha-de-acácia e crucíferas (Fig. 2) e a cerâmica campaniforme (Fig. 1 a) já foram tratadas pormenorizadamente (KUNST, 1987). No trabalho mencionado foram integradas as decorações de “folha-de-acácia” e “crucíferas” num sistema de classificação hierárquico (Fig. 5) sob o conceito-base de “decorações de folhas entalhadas” (Kerbblatt-Verzierungen) (KUNST, 1987, p. 133-173; KUNST, 1995, p. 24). Também neste trabalho o mesmo conceito continua a ser aplicado, porque as variantes de “folha-de-acácia” - no meu sistema K1 e K2 - e “crucífera” - no meu sistema K3 - têm que ser consideradas, em contraposição a ideias anteriores (GONÇALVES, 1971, p. 135) - como contemporâneas (KUNST, 1987, p. 168-169), como também o indica a reconstrução da parte superior de um vaso do Zambujal, provavelmente semi-globular (Fig. 2).

Dado que o sistema da divisão em fases de construção do Zambujal, acima descrito, foi feito sem olhar aos achados, podem agora ser atribuídas a tais fases de construção diferentes classes de achados, sem o perigo da conclusão em círculo. Cada peça corresponde a um complexo de achados determinado. Na base da documentação exacta da escavação (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, p. 24-225, Est. 95-123, anexos 1-15), cada complexo de achados pode ser localizado, tanto em estratigrafia, como em planta. Por isso, cada complexo pertence ou a uma só fase ou a um período de várias fases de construção.

Representando os totais de achados por cada fase de construção em forma de gráfico de barras horizontais centradas (Fig. 6), numa estratigrafia bem documentada há que esperar, no caso ideal, distribuições das peças de um determinado complexo de achados por camadas ou fases de construção em “forma de fuso”. Esta ideia pressupõe que, depois do momento de introdução, se segue o período principal de utilização passando, depois, tal tipo de moda, mais ou menos gradualmente (KUNST, 1987, p. 29). Este modelo, a seguir chamado «modelo de fuso», foi desenvolvido em 1951 por J. A. Ford sob a designação «seriation»; mais tarde referiu-se a «type frequency-curves» (FORD, 1951, p. 91-100; FORD, 1962, Fig. 7; ver também CLARKE, 1968, p. 20; MÖBERG, 1969, p. 147; STRAHM, 1975, p. 70). W. Mayer-Oakes ilustra este modelo com base no desenvolvimento das lâmpadas desde a vela até à luz eléctrica (MAYER-OAKES, 1955, p. 177-184).

Nas escavações do Zambujal, até 1973, foram encontrados 644 fragmentos de copos cilíndricos, que perfazem apenas 0,4% do total da cerâmica, mais ou menos a mesma quantidade que os fragmentos com decorações de folhas entalhadas, com 656 fragmentos (KUNST, 1987, p. 136), 0,4% um pouco mais do que os fragmentos com decorações campaniformes 502 fragmentos (KUNST, 1987, p. 72), 0,3%. Mas só para 560 fragmentos de copos cilíndricos se conhece a correspondente fase de construção.

No seguimento deste artigo dos quais estuda-se a cerâmica de cada um dos complexos identificados, com relações unívoca a determinada fase de construção⁽¹⁾. Em tal conjunto, os copos estão representados por 428 fragmentos.

3 - OS COPOS CILÍNDRICOS

Os 428 fragmentos de copos cilíndricos supra mencionados provêm de diferentes áreas das escavações dos anos 1964-1973. As seguintes listas correspondem a extractos do catálogo dos complexos dos achados respeitantes a cada

⁽¹⁾ Para outros tipos de posicionamentos dos campaniformes e das folhas entalhadas ver KUNST, 1987: 72 ss. e 136 ss.

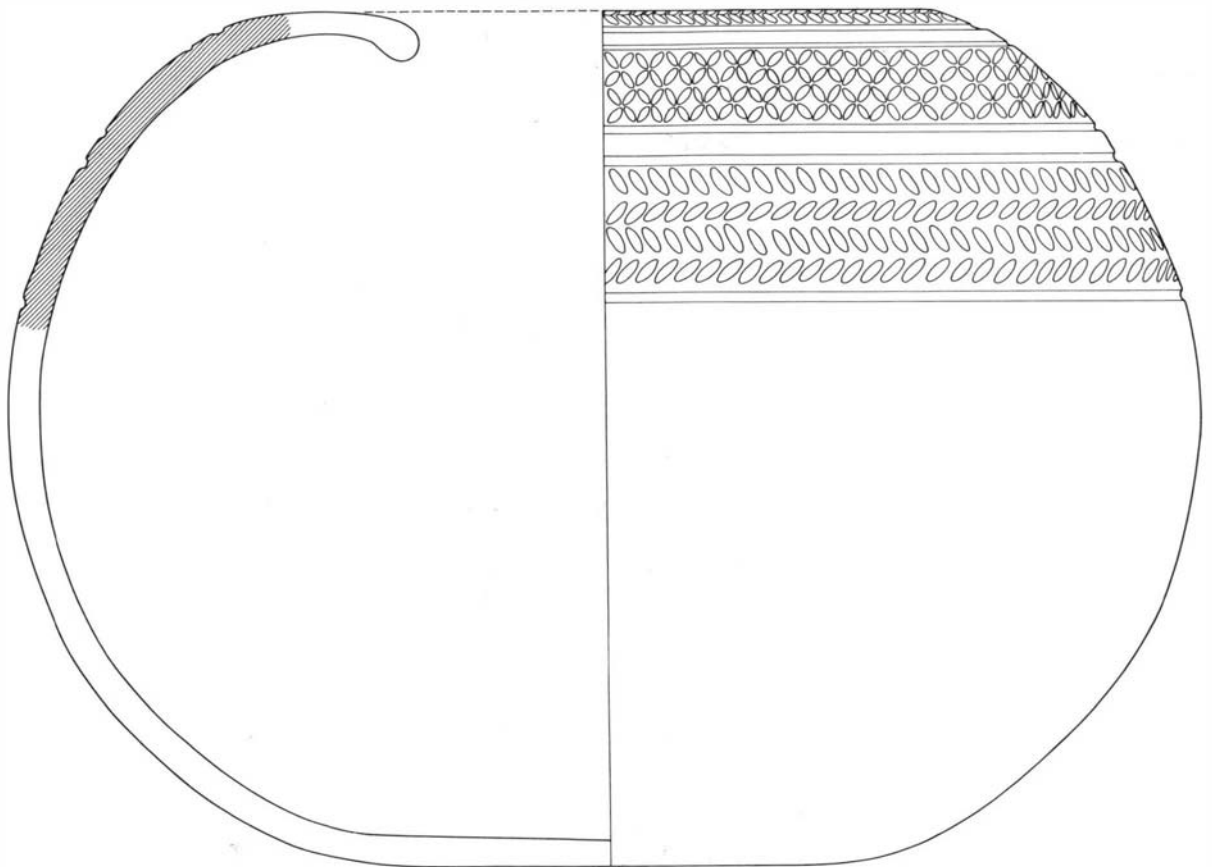


Fig. 2 – Em cima: reconstrução da parte cima dum vaso, provavelmente semi-globular, com decorações de folhas entalhadas do povoado calcítico do Zambujal (Portugal) (Restauro de L. J. Trindade); em baixo: reconstrução gráfica do vaso segundo outro vaso semi-globular do Zambujal; a trama escura indica no perfil a parte correspondente aos fragmentos existentes. (Desenho de U. Städtler segundo original de L. J. Trindade).

uma das 5 fases de construção, além dos materiais de superfície. Para a localização dos cortes, ver-se Fig. 7. As denominações dos muros, das áreas (Bereiche) e secções (Abschnitte), tal como as casas, podem encontrar-se no plano dos muros, na publicação das escavações do Zambujal (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, Tafeln, Beilage 1), e as denominações de certas camadas nas Fig. 8a, 8b e 8c deste artigo.

Pré fase 1a

Os 8 fragmentos provenientes de complexos de um período anterior à primeira fase de construção têm os seguintes números de inventário: Z-706/13; Z-812/17; Z-812/18; Z-812/52; Z-812/500; Z-815/16; Z-815/23; Z-906/8 (Fig. 9 a). A localização dos complexos de achados em questão é a seguinte:

Complexo	Corte	Área	Sector	Crono- logia	Situação	Cronol. da área	Denominação
706	133	GH	H	pré 1a	Entre os muros „z“, „gl“, „ac“ e até x=-13; Debaixo de -6,25 m.	H1	
812	133	GH	H	pré 1a	abaixo de -6,35.	H1	
815	133	GH	H	pré 1a	abaixo de -6,40; acima da rocha.	H1	
906	167	RW		pré 1a	Entre a Torre R e o bordo da rocha a leste da porta, na argila amarela directamente em cima da rocha firme.	RW pré 1a	

Fase 1

Os 95 fragmentos de copos provenientes de complexos pertencentes à fase 1 (Fig. 9, b, c, d; Fig. 10; Fig. 11, a, b) têm os seguintes números de inventário:

Z-142/31; Z-142/502; Z-174/24; Z-185/37; Z-197/1; Z-203/19; Z-203/21; Z-203/24; Z-203/25; Z-205/20; Z-205/26; Z-205/27; Z-256/500; Z-266/3; Z-388/1; Z-480/3; Z-531/1; Z-542/15; Z-542/22; Z-542/52; Z-542/56; Z-548/2; Z-548/11; Z-679/16; Z-805/6; Z-809/109; Z-809/88; Z-809/112; Z-809/502; Z-811/8; Z-811/19; Z-811/25; Z-811/27; Z-811/37; Z-811/56; Z-811/58; Z-811/87; Z-811/823; Z-829/665; Z-931/501; Z-971/107; Z-1026/7; Z-1179/6; Z-1196/4; Z-1197/8; Z-1205/2; Z-1235/0; Z-1439/5; Z-1439/88; Z-1491/52; Z-1657/70; Z-1660/7; Z-68026/104; Z-68026/34; Z-68026/500; Z-68026/501; Z-68026/69; Z-68026/70; Z-68026/71; Z-68026/72; Z-68026/78; Z-68026/81; Z-68030/11; Z-68036/34; Z-68036/500; Z-68036/52; Z-68045/25; Z-68045/503; Z-68062/27; Z-68063/500; Z-68065/15; Z-68065/26; Z-68065/46; Z-68065/149; Z-68065/725; Z-68069/30; Z-68075/38; Z-68075/49; Z-68075/61; Z-68075/67; Z-68083/14; Z-68086/9; Z-68086/10; Z-68086/15; Z-68120/12; Z-68120/13; Z-68121/26; Z-68121/41; Z-68122/8; Z-68136/5; Z-68149/1; Z-68149/2; Z-68149/4; Z-68149/16; Z-68227/30. A localização dos complexos de achados em questão é a seguinte:

Complexo	Corte	Área	Sector	Crono- logia	Situação	Cronol. da área	Denominação
142	17	EG		1a/b	Camada negra mais baixa (parte oeste) (ver Fig. 8A).	I 1a/b	"Camada cinzenta rico em cinzas"
174	16	AP	P	1a	Camada de ocupação debaixo do terceiro plano.	PIa	
185	18	EG		1a/b	Camada negra mais baixa. (ver Fig. 8A).	I 1a/b	"Camada cinzenta rico em cinzas"
197	18	EG		1	Camada negra mais baixa, diminuindo a Leste, e última sub-camada da camada amarela.	I 1	
203	18	EG		1a/b	Parte leste, camada cinzenta mais baixa sobre a rocha firme.	I 1a/b	"Camada cinzenta rico em cinzas"
205	18	EG		1c	A mais baixa camada amarela na parte leste [do corte]. (ver Fig. 8A).	I 1c	"camada amarela- arenosa" inferior

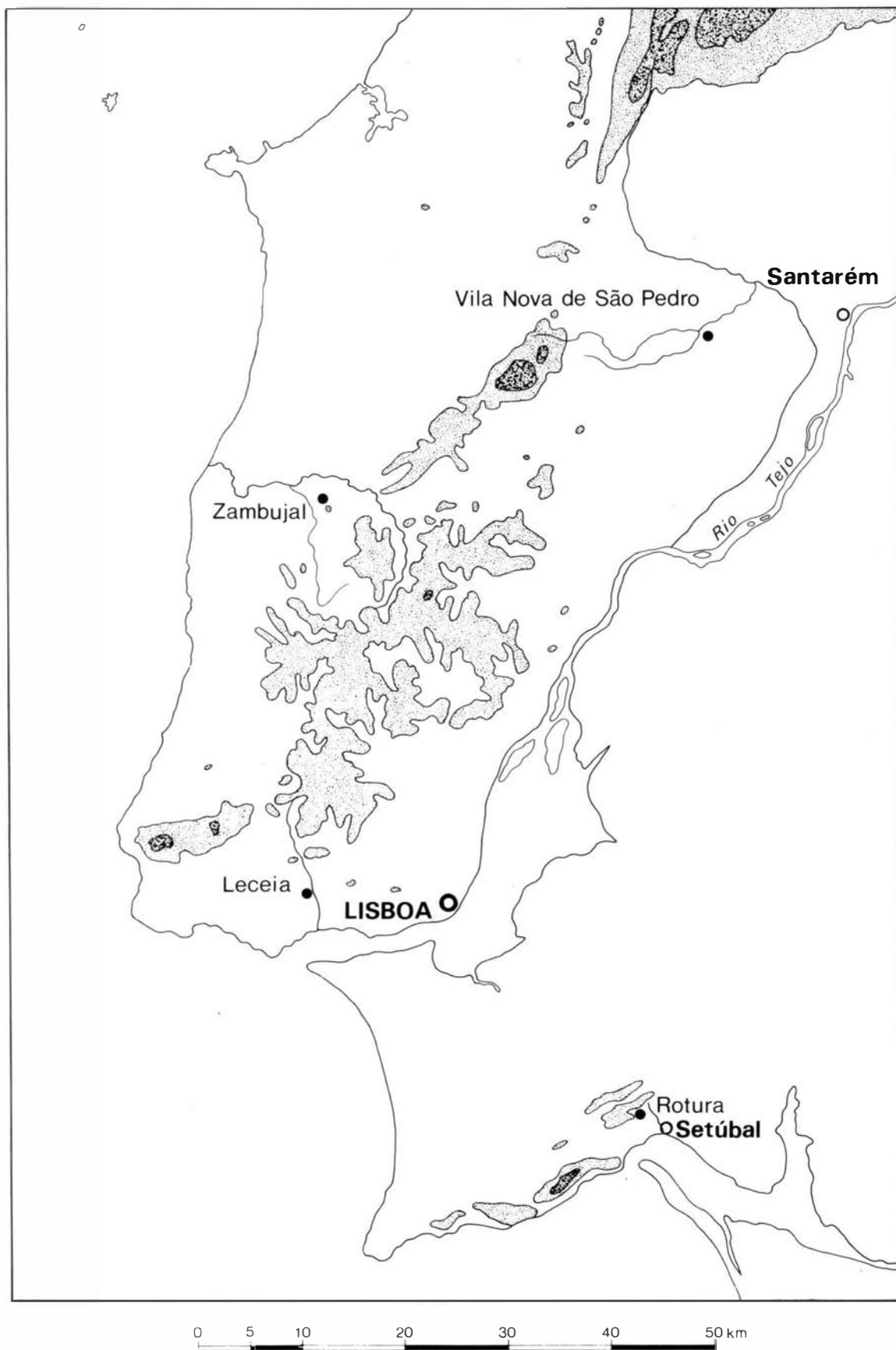


Fig. 3 – Centro e Sul da Estremadura portuguesa com indicação dos povoados calcólicos mencionados (desenho de L. de Frutos).

Complexo	Corte	Área	Sector	Cronologia	Situação	Cronol. da área	Denominação
256	Porta D-H	GH	Porta	1b	Travessa da porta, parte sul, secção norte, 7,16 a 7,32 debaixo 0.		
266	Porta D-H	GH	Porta	1b	Travessa da porta, parte norte, debaixo da superfície, camada entre pedras.		
388	14	EG		1	Entre os muros „fa“ e „fb“.	I 1	
480	34	GH		1b	Dentro do muro „at“.		
531	26	EG		1	Entre os muros „fa“ e „fb“ do material do enchimento.	I 1	
542	32	GH		1b/c	Detrás dos muros „t/s“ até diante do muro „l“		
548	32	GH		1b/c	Muros „t/s“ - enchimento; e muro „l“ - enchi- mento		
679	33	GH	H	1a	Entre os muros „z“, „gl“, „ac“ e até x=-13; profundidade = ca. -5,95.	H2	
805	33	GH	H	1c	Parte oriental, abaixo de -5,60.	H3	
809	33	GH	H	1a	abaixo de -6,10.	H2	
811	33	GH	H	1a	abaixo de -6,25.	H1/2	
829	33	GH	H	1a	Parte Sul-Oeste, abaixo de -6,20 sobre a rocha	H2	
931	67	RW		1a	diante da parte Sul-Este da Torre R desde -1,17, camada 4.	RW1a	
971	70	S		1c	Torre S, interior, parte Sul, camada 5, sobre a rocha.	S1c	“Camada 5”
1026	52	J		1a	Travessa Leste-Oeste, camada em cima da rocha, ao lado de lages mais pequenas.	IIIa	
1179	33	GH	H	1a	Terra abaixo do muro „gl“; Sul e parte central -5,85 a -6,00.	H2	
1196	33	GH	H	1a	Terra abaixo do muro „gl“ e abaixo da portasinha (debaixo de -5,70, camada de abobes de argila).	H2	
1197	33	GH	H	1a	Terra em cima e entre os muros „gp“, „go“. Debaixo porta.	H2	
1205	67	RW		1a	Lareira 2 (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, Taf., 121, RW2), camada negra: cinza.	RW1a	
1235	67	RW		1b/c	Torre R, interior, parte Sul, 0,3 a 0,6 m debaixo da superfície.	RW1b/c	
1439	67	RW		1a	Lareira 3 (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, Taf., 121, RW2), camada da superfície, pedras e terra castanha amarelada.	RW1a	
1491	74	RW		1c	A Norte da Casa Z, dentro da Casa XX; camada 3 ao bordo da camada 4. camada 3 = segunda camada intacta debaixo de derrube. Os achados vêm da altura do chão da Casa XX.	RW1c	
1657	71	VX		1c	Secção B sobre Casa V, camada 4. Tiradas as amostras D e E de terras.	VX1c	“Camada ocre escura” (Fig. 8c)
1660	71	VX		1b	Secção B debaixo da Casa V, camada 5.	VX1b	“Camada amarela acinzentada” (Fig. 8c)
68026	36	GH	D	1b	Torre D, parte ocidental, debaixo da torre, camada 1.	D4	
68030	36	GH	D	1b	Torre D, parte ocidental, camada 1.	D4	
68036	Torre D	GH	D	1b	Torre D, parte oeste, camada 2, no interior.	D4	
68045	Torre D	GH	D	1b	Torre D, parte oeste, camada 2, no exterior.	D4	
68062	Barbacã	EG	Barbacã	1a/b	Barbacã, parte sul, secção B, camada 3.	Zw3	
68063	Barbacã	EG	Barbacã	1a/b	Barbacã, parte norte, secção A, camada 2.	Zw2	
68065	Barbacã	EG	Barbacã	1a/b	Barbacã, parte norte, secção A, camada 3.	Zw3	
68069	Torre D	GH	D	1a	Torre D, parte oeste, camada 5, no exterior.	D2	
68075	Torre D	GH	D	1a	Torre D, parte oeste, camada 6, no exterior.	D1/2	
68083	Barbacã	EG	Barbacã	1a/b	Barbacã, parte sul, camada 3, secção C.	Zw3	
68086	Barbacã	EG	Barbacã	1a/b	Parte sul, camada 2, secção A.	Zw2	
68120	36	GH	D	1a	Torre D, parte oriental, camada 2, no exterior entre os muros „av“ e „aw“.	D3	

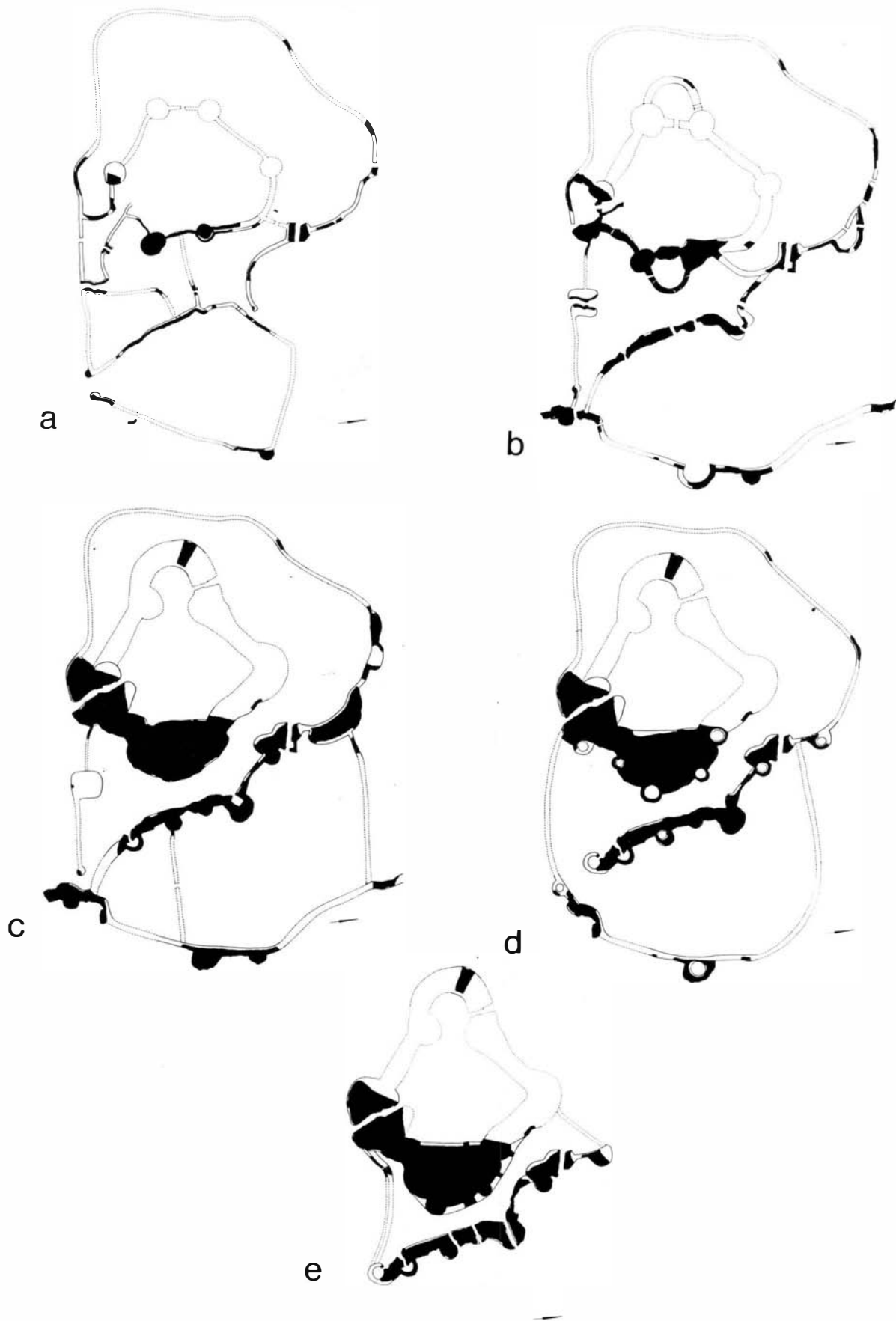


Fig. 4 – Cinco fases do desenvolvimento da fortificação do Zambujal (sistemas de construção 1-5): a - Fase 1a; b - Fase 2a; c - Fase 3c; d - Fase 4b; e - Fase 5a; escala 1:1500 (Desenhos de J. Fernández).

Complexo	Corte	Área	Sector	Crono- logia	Situação	Cronol. da área	Denominação
68121	36	GH	D	1a	Torre D, parte oeste, camada 3, no exterior.	D3	
68122	36	GH	D	1a	Torre D, parte oeste, camada 3, no exterior no perfil x3-y3.	D1	
68136	27	EG		1c	Camada de argila (camada B).	I 1c	
68149	36	GH	D	1a	Torre D, parte oeste, no exterior camada 6 no perfil oeste-leste.	D1/2	
68227	27	EG		1c	Parte sul diante da torre G (camada B).	I 1c	

Fase 2

Os 42 fragmentos de copos provenientes de complexos pertencentes à fase 2 (Fig. 11, c, d) têm os seguintes números de inventário:

Z-325/500; Z-440/2; Z-672/34; Z-672/38; Z-672/58; Z-672/87; Z-672/88; Z-740/7; Z-804/8; Z-806/48; Z-828/11; Z-828/32; Z-828/647; Z-856/16; Z-856/18; Z-856/27; Z-856/28; Z-886/8; Z-887/50; Z-887/69; Z-1025/30; Z-1103/5; Z-1166/10; Z-1181/2; Z-1186/6; Z-1186/8; Z-1186/28; Z-1190/1; Z-1191/5; Z-1488/3; Z-68006; Z-68061/26; Z-68061/94; Z-68061/166; Z-68061/185; Z-68061/188; Z-68061/190; Z-68061/191; Z-68061/508; Z-68080/83; Z-68081/25; Z-68241/1. A localização dos complexos de achados em questão é a seguinte:

Complexo	Corte	Área	Sector	Crono- logia	Situação	Cronol. da área	Denominação
325	27	EG		2c	Enchimento detrás do muro oeste da barbacã.	I 2c	
440	40	KM	M	2	Entre as pedras da primeira sub-camada de pedras, a leste do muro „bx“.	II 2	
672	33	GH	H	2	Entre os muros „z“, „gi“, „aa“, „ab“, „ac“, debaixo de -5,40.	H4/5	
740	47	VX		2	(Centro), camada ocre, a oeste dos muros "im/in", primeira sub-camada.	VX2	"Camada ocre clara" (Fig. 8c)
804	33	GH	H	2a	Esquina noroeste, debaixo de -5,60.	H4	
806	33	GH	H	2a	Centro e parte oeste, debaixo de -5,70.	H4	
828	33	GH	H	2a	Parte sudoeste, debaixo de -5,85.	H4	
856	33	GH	H	2b	Entre as pedras do muro „gl“.	H5	
886	38	KM	N	2a	Entre os muros „ba“ e „il“; baixa no enchi- mento até muito perto da rocha.	II 2a	
887	70	S		2b/c	Torre S, interior, metade norte, camada de terra diante da primeira camada do muro „hq“.	S 2b/c	"Camada 3"
1025	40	KM	M	2a/b	Ao lado da torre M, durante da descoberta do muro „mb“; primeiro nível até a primeira camada do muro „mb“.	II 2a/b	
1103	70	S		2a	Torre S, interior, metade sul, camada 4a, debaixo dos muros „hp“, „hq“.	S2a	"Camada 4"
1166	47	VX		2	Parte sul, camada ocre conforme ao perfil em =+2; no exterior da casa V e por cima da casa „X“.	VX2	"Camada ocre clara" (Fig. 8c)
1181	33	GH	H	2(a)/b/c	Terra debaixo do muro „gl“; parte sul, -5,40 a -5,70.	H(4)/5	
1186	33	GH	H	2	Terra debaixo de „gl“, parte norte; -5,40 a -5,60.	H4/5	
1190	33	GH	H	2b/c	Terra debaixo do muro „gl“; parte central; -5,20 a -5,40.	H5	
1191	33	GH	H	2b/c	Terra entre pedras do muro „gl“.	H5	
1488	80	Y		2	Camada 3, do enchimento do muro „qa/qc“.	Y2	
68006	Barbacã	EG	Barbacã	2b/c	Parte central norte, camada 5.	Zw5	
68061	Barbacã	EG	Barbacã	2b/c	Parte norte, secção A, camada 5.	Zw5	
68080	Barbacã	EG	Barbacã	2b/c	Parte norte, camada 5, secção C.	Zw5	
68081	Barbacã	EG	Barbacã	2b/c	Parte sul, camada 5, secção B.	Zw5	
68241	39	KM	L	2	Torre L, nível da camada de lages.	L2a	

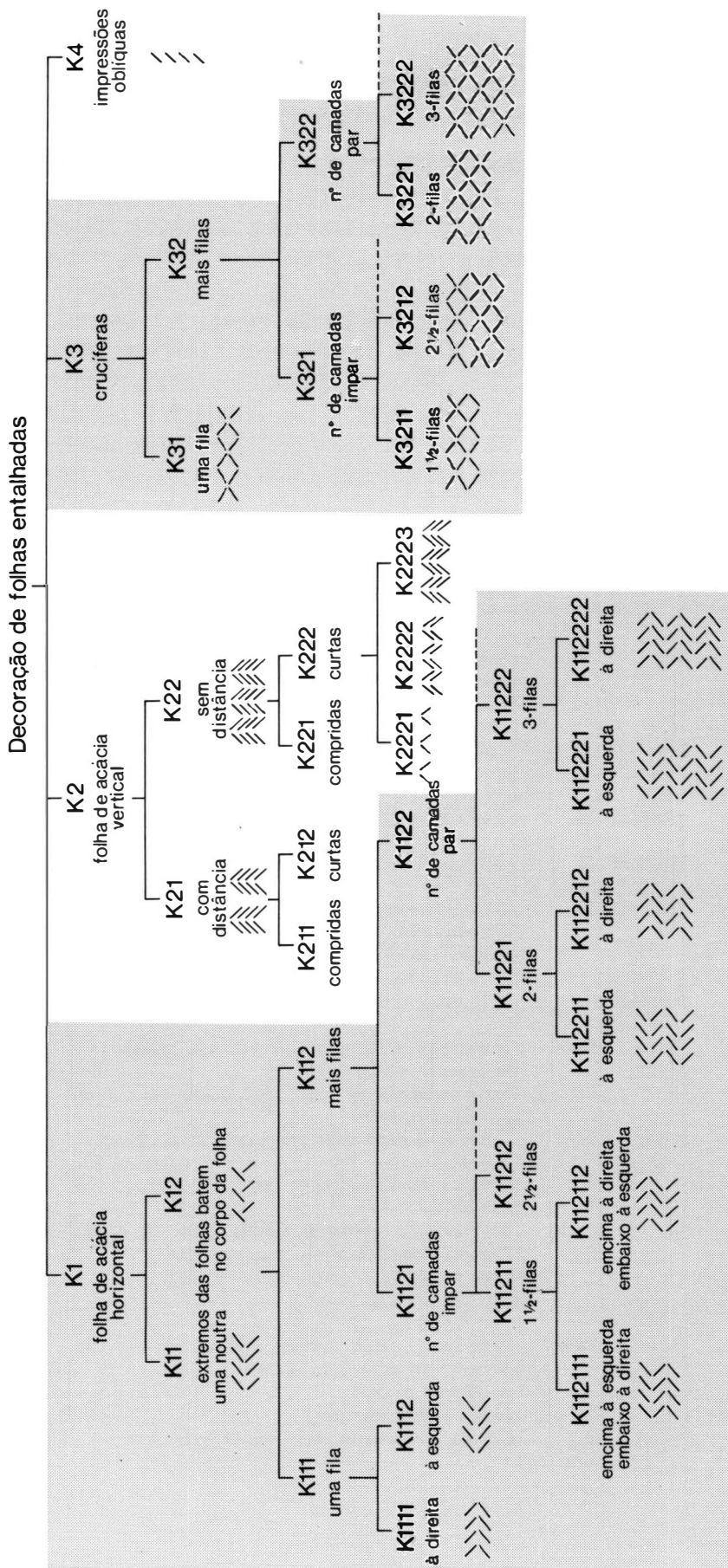


Fig. 5 – Dendrograma hierarquizado dos motivos da decoração de folhas entalhadas (desenho de L. de Frutos).

Fase 3

Os 99 fragmentos de copos provenientes de complexos pertencentes à fase 3 (Fig. 12) têm os seguintes números de inventário:

Z-129/2; Z-129/519; Z-133/503; Z-193/31; Z-264/31; Z-264/79; Z-298/12; Z-316/4; Z-316/41; Z-316/51; Z-316/54; Z-316/501; Z-316/502; Z-316/503; Z-316/507; Z-316/824; Z-316/825; Z-316/826; Z-316/874; Z-329/12; Z-500/13; Z-577/25; Z-577/29; Z-577/54; Z-577/60; Z-577/100; Z-577/101; Z-597/29; Z-597/35; Z-597/36; Z-648/36; Z-648/506; Z-648/510; Z-648/511; Z-735/17; Z-735/22; Z-739/4; Z-1147/73; Z-1501/84; Z-1524/8; Z-1534/25; Z-1625/68; Z-1644/17; Z-1644/33; Z-68011/8; Z-68031/1; Z-68041/47; Z-68041/54; Z-68041/74; Z-68041/76; Z-68041/112; Z-68041/119; Z-68041/126; Z-68041/152; Z-68041/188; Z-68041/196; Z-68041/198; Z-68041/227; Z-68041/297; Z-68041/506; Z-68041/510; Z-68041/968; Z-68043/2; Z-68043/8; Z-68043/11; Z-68043/59; Z-68043/76; Z-68043/82; Z-68043/88; Z-68043/126; Z-68043/153; Z-68043/209; Z-68043/210; Z-68043/504; Z-68043/506; Z-68051/48; Z-68051/93; Z-68053/11; Z-68053/62; Z-68053/110; Z-68053/156; Z-68053/168; Z-68053/234; Z-68053/293; Z-68053/895; Z-68056/15; Z-68056/546; Z-68060/21; Z-68064/20; Z-68073/77; Z-68073/82; Z-68073/503; Z-68073/509; Z-68073/511; Z-68073/846; Z-68079/32; Z-68079/515; Z-68088/8; Z-68246/503. A localização dos complexos de achados em questão é a seguinte:

Complexo	Corte	Area	Sector	Cronologia	Situação	Cronol. da área	Denominação
129	17	EG		3b	Camada amarela por cima da camada de cinza cinzenta (ver Fig. 8a).	I 3b	“camada amarela-arenosa” superior
133	17	EG		3b	Camada amarela por cima da camada de cinza cinzenta (ver Fig. 8a).	I 3b	“camada amarela-arenosa” superior
193	18	EG		3b	Camada cinzenta (ver Fig. 8a).	I 3b	“camada cinzenta” inferior
264	Barbacã	EG	Barbacã	3a	-3,45 e mais baixo.	Zw6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
298	23	EG	Barbacã	3b	-2,60 e mais baixo, esquina noroeste.	Zw6m	“6 médio” (Fig. 8b)
316	Barbacã	EG	Barbacã	3a	-3,75 e mais baixo, corte 23 esquina noroeste, corte 25 metade oeste, corte 26 esquina sudeste, corte 27 lado norte, testemunhos incluídos.	Zw6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
329	Barbacã	EG	Barbacã	3a/b	Dois nichos profundos na parede oriental.		“Seteiras 1 e 3”
500	43	GH	Porta-Sul	3a/b	Travessa da porta, quadrícula segunda, camada terceira.		
577	133	GH	H	3c	Entre os muros „z“, „gi“, „aa“, „ab“, „ac“, debaixo de c -4,30.	H7	
597	43	GH	Porta-Sul	3a/b	Travessa da porta (sul), prolongamento norte, camada 3.		
648	33	GH	H	3c	Entre os muros „z“, „gi“, „aa“, „ab“, „ac“, debaixo de c. -4,85.	H7	
735	45	AP	A	3a/b	Terra amarela debaixo de camada negra.	A1	“Casa UU”
739	47	VX		3	(Centro), camada castanha acinzentada, a oeste do muro „io“, segunda sub-camada.	VX3	“camada castanha acinzentada” (Fig. 8c)
1147	40/45	AP	A	3b/c	Parte norte, secção noroeste. Primeiro nível de ocupação (superior) cinzento, no exterior da lareira.	A2	
1501	74	RW		3c	Secção central, camada 3A.	RW3c	
1524	46	VX		3	Camada 10, no perfil norte camada mais escura.	VX3	“camada castanha acinzentada” (Fig. 8c)

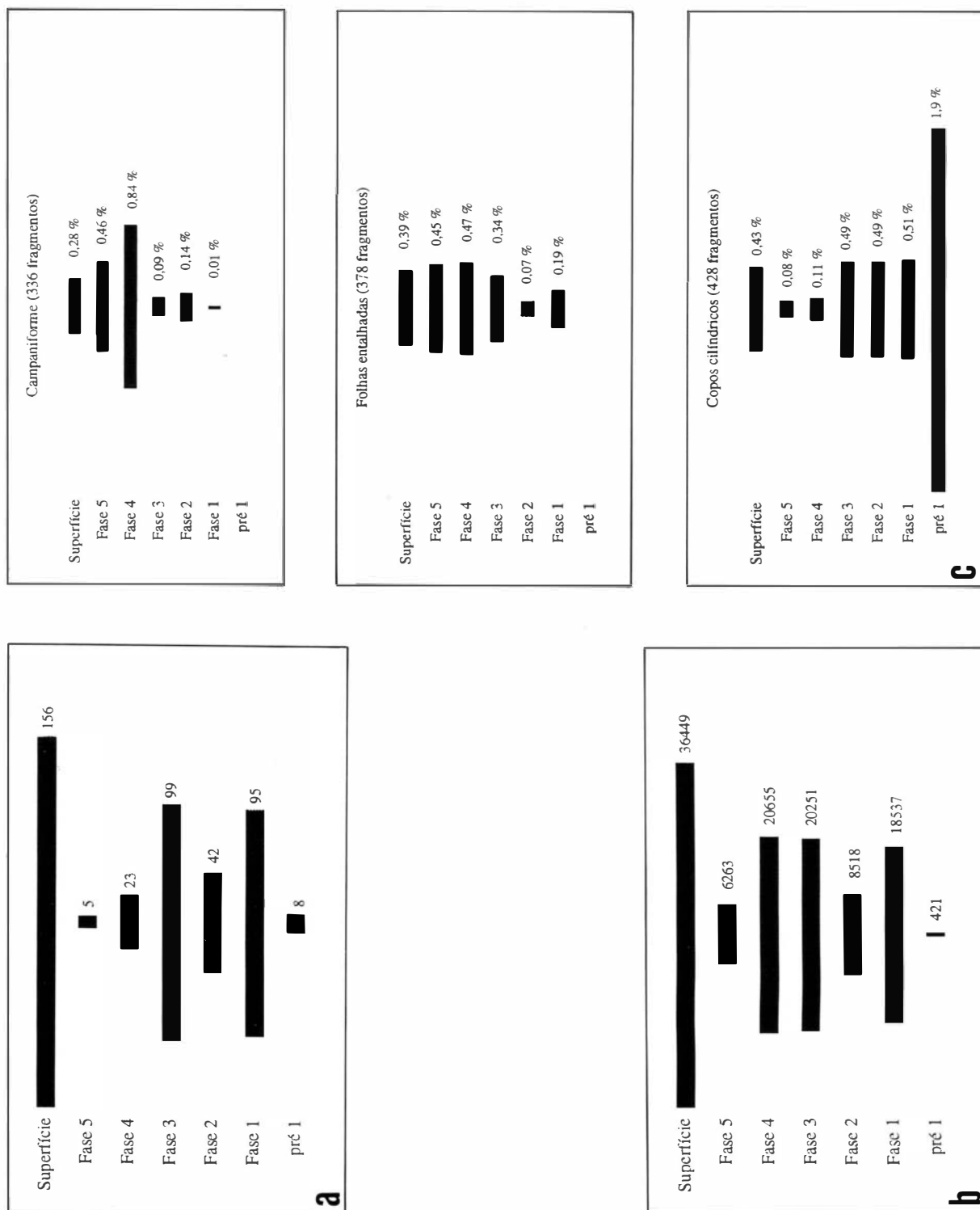


Fig. 6 – Distribuições estratigráficas das cerâmicas no Zambujal: a - repartição dos 428 fragmentos de copos cilíndricos, providos de complexos de achados pertencentes inequivocamente a uma só fase de construção; b - repartição do total de 111094 fragmentos cerâmicos, providos de complexos de achados pertencentes inequivocamente a uma só fase de construção (segundo KUNST, 1987, 60, Fig. 11); c - repartição dos fragmentos de cerâmica campaniforme em cima, de cerâmica com decorações de folhas entalhadas ao centro e de copos cilíndricos em baixo, providos de complexos de achados pertencentes inequivocamente a uma só fase de construção. As indicações das percentagens em cada fase referem-se ao total de fragmentos de cerâmica da fase correspondente.

Complexo	Corte	Area	Sector	Cronologia	Situação	Cronol. da área	Denominação
1534	40/45	AP	A	3b/c	Lareira pequena no nordeste do corte, ao lado do degrau da rocha, na camada 2.	A2	
1625	40/45	AP	A	3a/b	Corte B, camada e.	pré A1	
1644	40/45	AP		3b/c	Triângulo entre lareira, muro „cz“ e Torre A; para a preparação do perfil.	A1	
68011	Barbacã	EG	Barbacã	3a/b	Nicho 3.		“Seteira 3”
68031	16	AP	P	3c	Debaixo de plano 6, metade sul, debaixo da “fase de desmontagem” até as pedras da “casa oval”.	P1c	
68041	Barbacã	EG	Barbacã	3b	Parte sul camada 6, parte central.	Zw 6m	“6 médio” (Fig. 8b)
68043	Barbacã	EG	Barbacã	3a	Parte sul, camada 6 parte inferior secção A.	Zw 6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
68051	Barbacã	EG	Barbacã	3b	Parte norte camada 6, parte central.	Zw 6m	“6 médio” (Fig. 8b)
68053	Barbacã	EG	Barbacã	3a	Parte norte secção A, camada 6 parte inferior.	Zw 6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
68056	Barbacã	EG	Barbacã	3a/b	Nicho 6.		“barbacã, porta”
68060	Barbacã	EG	Barbacã	3a	Parte sul, camada 6, parte inferior secção C.	Zw 6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
68064	Barbacã	EG	Barbacã	3a	Parte sul, secção B, camada 6, parte inferior.	Zw 6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
68073	Barbacã	EG	Barbacã	3a	Parte norte secção B, camada 6 parte inferior.	Zw 6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
68079	Barbacã	EG	Barbacã	3a	Parte norte secção C, camada 6 parte inferior.	Zw 6u	“6 baixo” (Fig. 8b)
68088	Barbacã	EG	Barbacã	3a/b	Nicho 7		“Seteira 7”
68246	Torre D	GH	D	3c	Partes ocidental e oriental, parte norte derrube entre porta e muro A.	D6	

Fase 4

Os 23 fragmentos de copos provenientes de complexos pertencentes à fase 4 (Fig. 13 a) têm os seguintes números de inventário:

Z-288/34; Z-288/126; Z-288/232; Z-288/515; Z-301/22; Z-307/5; Z-310/4; Z-314/45; Z-330/8; Z-518/9; Z-635/2; Z-757/9; Z-866/1; Z-989/8; Z-1024/8; Z-1056/9; Z-1069/0; Z-1074/20; Z-1099/9; Z-1446/795; Z-1464/81; Z-1482/54; Z-68029/508.

A localização dos complexos de achados em questão é a seguinte:

Complexo	Corte	Área	Sector	Cronologia	Situação	Cronol. da área	Denominação
288	16	AP	P	4c	Debaixo plano 3 (camada de argila amarela)	P2b	
301	23	EG	Torre B	4a	Torre B, interior, camada F, até -3,85.	TuB F	“Camada F”
307	16	AP	P	4c	Debaixo do plano 3, camada cinzenta em cima da camada de argila amarela.	P3	
310	16	AP	P	4c	Debaixo plano 3/4, „terra dura avermelhada”.	P2b/3	
314	16	AP	P	4c	Debaixo plano 3/4, parte norte.	P2b	
330	24	EG	Torre A	4a	Torre A, enchimento, metade inferior da torre, derrube frouxo de -2,90 m a -4,35 m.		
518	40	KM	M	4c/d	Espaço M debaixo -3,10.	II 4c/d	Abastecimento
635	47	VX		4b	A norte da camada escura, terceira sub-camada.	VX4b	“Camada castanha escura”.
757	46[prático-camente 38/39]	KM	N	4c/d	Detrás de „ih”. Segundo o plano de J. L. Gonçalves de 16 de Agosto 1970 (SANGMEIS-TER & SCHUBART, 1981, Tafel 100), o corte 46 foi alargado na área originalmente dos cortes 47, 39 e 38, nomeadamente até y=6. Assim, encontrou-se o fim do muro „ih” no dia 15 de Agosto 1970 ainda no corte 46.	II 4c/d	

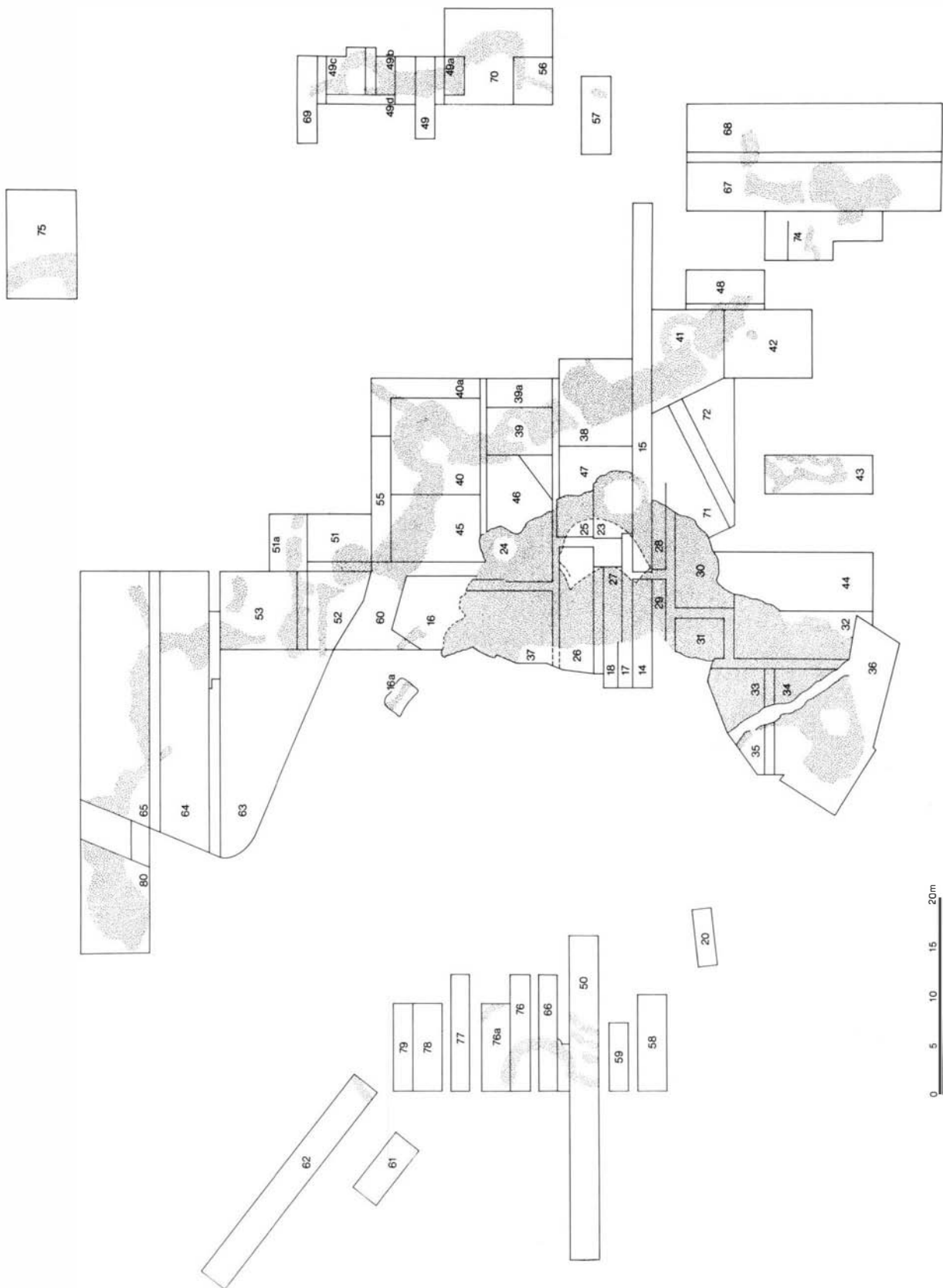


Fig. 7 – Plano dos cortes das áreas escavadas do Zambujal entre 1964 e 1973. (Desenho de O. Moreira Trindade segundo SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, Tafeln, Beilage 2).

Complexo	Corte	Área	Sector	Crono- logia	Situação	Cronol. da área	Denominação
866	71	VX		4d	Durante da limpeza da sub-camada superior do derrube III, entre pedras.	VX4d	"Derrube 3"
989	47	VX		4a	Parte sul, „cunha amarela“ entre camada cinzenta 1 e 2, diante da torre B.	VX4a	
1024	40/45	AP	A	4c	Parte nordeste, camadas de terra, em parte entre pedras, debaixo do derrube III, na altura da primeira camada da torre M.	A6	(directamente acima da primeira camada de ocupação)
1056	71	VX		4b	Camada cinzenta acima da camada de ocupação e debaixo do derrube II em cima da primeira camada da torre B.	VX4b	
1069	40/45	AP		4b/c	Parte noroeste, camada de terra e pedras debaixo do derrube III = 1081.	A5	
1074	71	VX		4	No derrube castanho (derrube da casa?) debaixo do derrube I; no exterior e diante da casa V.	VX4	
1099	40/45	AP	A	4b	Camada acastanhada (momento da ocupação) debaixo do derrube III e da camada castanha (= Z 1147), que está dentro do derrube e quase não contendo pedras (esta última corresponde à camada 7b do corte 46).	A4	
1446	74	RW		4d	Superfície do prolongamento a oeste, e derrube superior	RW4d	
1464	74	RW		4b	Ao norte da casa Z, terra amarela escuro = primeira camada intacta debaixo do derrube = período da utilização da casa (retirado um osso para uma amostra de 14C).	RW4b	
1482	40/45	AP	A	4c	Secção sul, camada 2 = segunda camada com vestígios de cinza, debaixo do derrube III.	A6	
68029	Torre B	EC	Torre B	4a	Parte sul, camada F.	TuB F	"Camada F"

Fase 5

Os 5 fragmentos de copos provenientes de complexos pertencentes à fase 5 têm os seguintes números de inventário: Z-515/45; Z-526/79; Z-526/85; Z-890/180; Z-1516/68. A localização dos complexos de achados em questão é a seguinte:

Complexo	Corte	Área	Sector	Crono- logia	Situação	Cronol. da área	Denominação
515	44	GH		5b	Derrube escuro debaixo da sexta camada de pedras.		
526	44	GH		5b	Debaixo da sétima camada de pedras, derrube escuro.		
890	72	VX		5	Segunda camada (debaixo da superfície), em cima das camadas de derrubes I e III.	VX5	"Derrube 1"
1516	71	VX		5	No exterior da casa V e no sector B, ainda no derrube I.	VX5	"Derrube 1"

Superfície

Os 156 fragmentos de copos de complexos superficiais (Fig. 13, b a e; Fig. 14) têm os seguintes números de inventário: Z-168/27; Z-219/18; Z-231/0; Z-236/45; Z-236/506; Z-249/5; Z-249/9; Z-249/17; Z-249/505; Z-250/2; Z-251/15; Z-252/15; Z-252/89; Z-252/502; Z-254/8; Z-254/49; Z-254/54; Z-254/71; Z-254/500; Z-254/511; Z-255/0; Z-255/21; Z-255/75; Z-261/28; Z-271/6; Z-273/21; Z-284/4; Z-284/12; Z-284/13; Z-284/22; Z-284/38; Z-284/57; Z-284/62; Z-294/66; Z-294/500; Z-294/569; Z-295/500; Z-326/9; Z-326/514; Z-352/19; Z-353/1; Z-354/13; Z-354/23; Z-359/2; Z-362/33; Z-366/36; Z-366/41; Z-368/24; Z-368/30; Z-368/96; Z-369/29; Z-369/38; Z-374/5; Z-374/9; Z-374/32; Z-377/85; Z-377/86; Z-377/87;

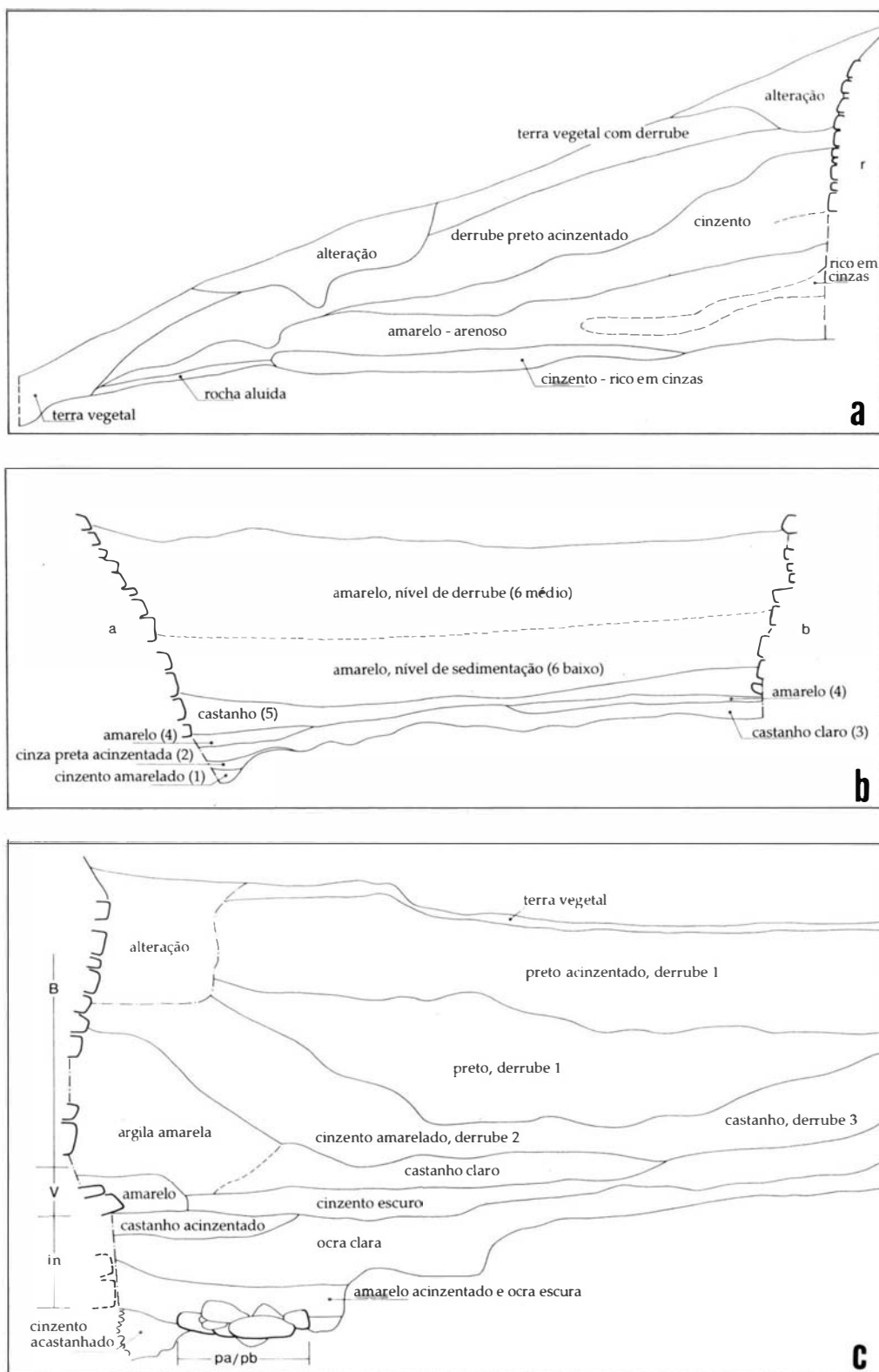
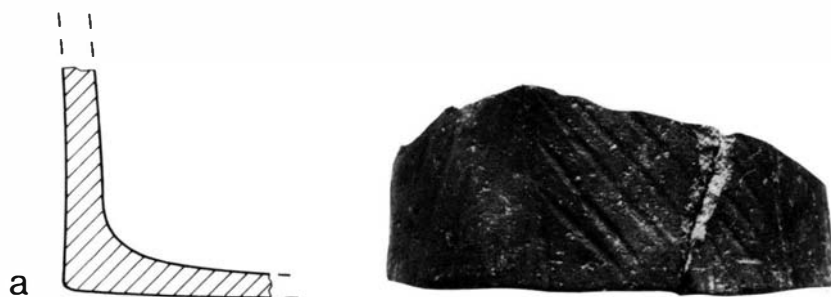


Fig. 8 – Cortes estratigráficos do Zambujal: a - Zambujal, área EG, níveis do perfil Norte do corte 17. Escala 1:67. (Desenho de L. de Frutos segundo SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, 43, Fig. 11). b - Zambujal, área EG, níveis da parte inferior do barbacã, perfil em $y=+3,5$ m. Escala 1:67. (Desenho de L. de Frutos segundo SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, 31, Fig. 11). c - Zambujal, área VX, níveis da parte Oeste do perfil VXI. Escala 1:67. (Desenho de L. de Frutos segundo SANGMEISTER & SCHUBART, 1981, 53, Fig. 13).

Z-377/88; Z-422/72; Z-438/687; Z-490/0; Z-509/43; Z-509/44; Z-530/43; Z-530/46; Z-569/3; Z-569/9; Z-576/31; Z-741/15; Z-765/56; Z-767/46; Z-768/53; Z-768/83; Z-768/288; Z-768/359; Z-774/15; Z-786/7; Z-786/17; Z-823/20; Z-824/22; Z-927/10; Z-972/24; Z-1048/7; Z-1048/19; Z-1063/500; Z-1100/33; Z-1100/46; Z-1100/56; Z-1100/64; Z-1129/9; Z-1129/13; Z-1129/25; Z-1129/40; Z-1129/50; Z-1129/52; Z-1129/54; Z-1129/91; Z-1129/234; Z-1129/235; Z-1129/248; Z-1129/251; Z-1129/505; Z-1129/509; Z-1162/2; Z-1440/89; Z-1440/110; Z-1440/113; Z-1440/159; Z-1440/508; Z-1440/521; Z-1441/15; Z-1441/29; Z-1447/3; Z-1454/5; Z-1475/96; Z-1475/120; Z-1475/140; Z-1476/47; Z-1476/66; Z-1504/39; Z-1508/14; Z-1508/15; Z-1569/12; Z-1645/8; Z-1829/6; Z-1829/73; Z-1832/551; Z-59004/7; Z-59005/2; Z-59008/4; Z-59008/5; Z-59008/6; Z-68002/92; Z-68002/93; Z-68024/20; Z-68024/510; Z-68042/56; Z-68052/5; Z-68058/3; Z-68058/9; Z-68058/20; Z-68058/29; Z-68058/30; Z-68058/44; Z-68059/34; Z-68118/503; Z-68127/520; Z-68127/533; Z-68130/15; Z-68130/500; Z-68166/23; Z-68186/7; Z-68196/7; Z-68196/11.

Na lista dos complexos de achados da superfície só são mencionados os números dos cortes e as denominações das áreas e sectores das proveniências destes achados:

Complexo	Corte	Área	Sector	Complexo	Corte	Área	Sector
168	16	AP	P	786	66	U	
219	24	EG		823	49b	S	
231				824	63	JY	
236	25	EG		927	67/68	RW	
249	30	GH		972	76	U	
250	31	GH		1048	28/29/30	EG/GH	
251	31	GH		1063	77	U	
252	32	GH		1100	78/79	U	
254	32	GH		1129	80	Y	
255	Porta D-H	GH	Porta	1162	4	Y	
261	34	GH		1439	65	Y	
271	36	GH		1440	80	Y	
273	37	EG		1440	80		
284	36	GH	D	1441	65	Y	
294	37	EG		1447	53	Y	
295	27	EG		1454			
326	27	EG		1475	62	U	
352	50	U		1476	62	U	
353	51	J		1504	80	Y	
354	50	U		1508	78/79	U	
359	50	U		1569	53	JY	
362	49c	S		1645	65/80	Y	
366	50	U		1829			
368	50	U		1832			
369	50	U		59004	4	Y	
374	50	U		59005	5	Y	
377	50	U		59008	8	EG	
422	58	U		68002	38	KM	N
438	57	S		68024	41	KM	K
490	60	J		68042	Torre E	EG	
509	59	U		68052	Torre D	GH	D
530	62	U		68058	Torre D	GH	D
569	39	VX		68059	37	EG	
576	59	U		68118	36	GH	D
741	33	GH		68127	38	KM	N
765	62	U		68130	37	EG	
767	64	Y		68130	37	EG	
768	64	Y		68186	36	GH	D
774	64	Y		68196	36	GH	D



1

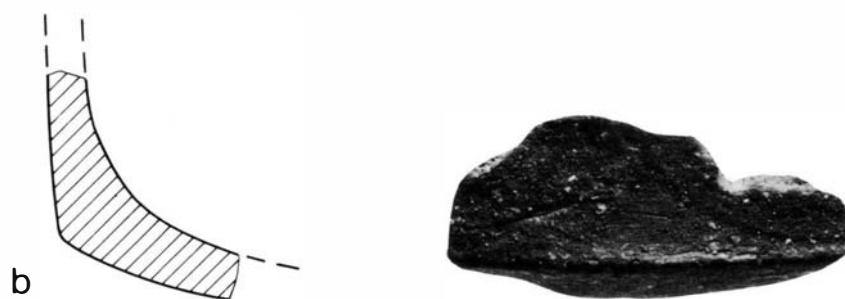


Fig. 9 – Fragmentos de copos cilíndricos do Zambujal; pré fase 1: a - Z-812/52 e Z-812/500; fase 1: b - Z-971/107; c - Z-197/1; d - Z-68026/72; Z-68026/501; Z-68058/29; Z-68058/44 (os últimos 2 fragmentos vêm da superfície). (Fotos: J. Patterson; desenhos L. de Frutos).

4 - REPARTIÇÃO DOS ACHADOS

A Fig. 6a mostra a repartição das quantidades absolutas dos 428 fragmentos de copos cilíndricos pelos diversos “sistemas de construção” do Zambujal. Antes da fase 1 encontram-se alguns fragmentos. Na fase 1 há um primeiro máximo; na fase 2 os achados reduzem-se outra vez, e chegam a um segundo máximo na fase 3, que contém quase a mesma quantidade que a fase 1. Na fase 4, os achados reduzem-se bastante, e na fase 5, há ainda menos fragmentos. Este facto assinala uma tendência clara da diminuição das quantidades dos achados de copos nas fases mais recentes.

Assim, os fragmentos de copos cilíndricos têm um máximo nítido nas fases 1 e 3 do Zambujal. A alteração na fase 2 deve ser a consequência da escassa quantidade de complexos existentes de uma maneira geral nesta fase do Zambujal (KUNST, 1987, p. 60-61 e 184-185). Por isso, as distribuições gráficas expressaram-se em percentagens relativas às quantidades gerais de fragmentos recolhidos em cada fase. O mesmo foi feito para os fragmentos de campaniformes e de cerâmica com decorações de “folhas entalhadas” com o objectivo de os respectivos resultados serem comparados.

Os resultados apresentam-se em forma de gráficos (Fig. 6c). Nestes, as indicações das percentagens de cada fase, referem-se ao total de fragmentos da fase correspondente (Fig. 6b) (KUNST, 1987, p. 60 e 317). Por exemplo, 18537 fragmentos pertencem seguramente à fase 1. Entre estes, 95 fragmentos pertencem a copos cilíndricos, o que representa 0,51% do total referido. No entanto, quando se consideram os 421 fragmentos que se situam antes da fase 1, e dos quais 8 correspondem a copos cilíndricos, a percentagem aumenta para 1,9%.

O resultado destas repartições proporcionais, apesar dos números pequenos, é expressivo. A diminuição na fase 2 de fragmentos de copos cilíndricos, desaparece. Claramente se verifica que os copos cilíndricos aparecem mais ou menos em quantidades proporcionais iguais nas primeiras três fases “sistemas de construção” do povoado. A percentagem diminui bastante na fase 4, e ainda mais na fase 5. A preponderância aparente das camadas anteriores à fase 1 tem que ser restringida perante os números muito pequenos: nesta fase recolheram-se apenas 421 fragmentos cerâmicos. O conjunto evidencia uma repartição em forma de fuso.

5 - INTERPRETAÇÃO

A comparação com os dois outros grupos de cerâmica decorada é de especial interesse. Em primeiro lugar, os fragmentos campaniformes mostram uma cronologia claramente mais recente (Fig. 6c, a). Mesmo no momento em que o número de copos cilíndricos diminui (Fig. 6c), ou seja, na fase 4, os campaniformes têm o seu máximo (Fig. 6c). Também estes últimos mostram uma repartição em forma de fuso. Nota-se que os fragmentos campaniformes aumentam desde a fase 2 até à fase 4, e a partir da fase 4 começam a diminuir. Como período de coexistência de campaniformes e copos cilíndricos tem que ser considerada sobretudo a fase 3 (KUNST, 1987, p. 119). Já que a maioria dos fragmentos campaniformes se trata de recipientes com a forma de “copo” (KUNST, 1987: Tab. 8 e p. 131), não se pode excluir a hipótese de os copos cilíndricos desempenharem mesma função que os “copos” campaniformes. Já B. Blance indicou uma tal possibilidade (BLANCE, 1971, p. 115).

A repartição proporcional dos fragmentos com decoração de “folhas entalhadas” (Fig. 6c), com o seu máximo na fase 4, é semelhante à repartição proporcional dos campaniformes (Fig. 6c). A percentagem, relativamente grande, na fase 5, dos campaniformes, pode não ser representativa, tal como a grande percentagem dos copos cilíndricos na fase anterior à fase 1, pois, como se referiu anteriormente, a fase 5 mostra um dos três mínimos da repartição das todas as quantidades absolutas de fragmentos cerâmicos do Zambujal (Fig. 6b). Assim, pode afirmar-se que a cerâmica com decoração de “folhas entalhadas” com 0,19% do total da toda a cerâmica, seguramente já existia na fase 1, ao contrário dos campaniformes. Provavelmente, começou um pouco mais tarde que os copos cilíndricos, dado que não é registada nas camadas anteriores à primeira fase⁽¹⁾, e que depois – em oposição aos copos cilíndricos – continuou a ser produzida na fase 4, que contém a maioria dos fragmentos campaniformes.

⁽¹⁾ Considerando o pequeno número de fragmentos recolhidos em camadas anteriores à fase 1, apenas 421 exemplares, não se pode provar estatisticamente esta suposição.

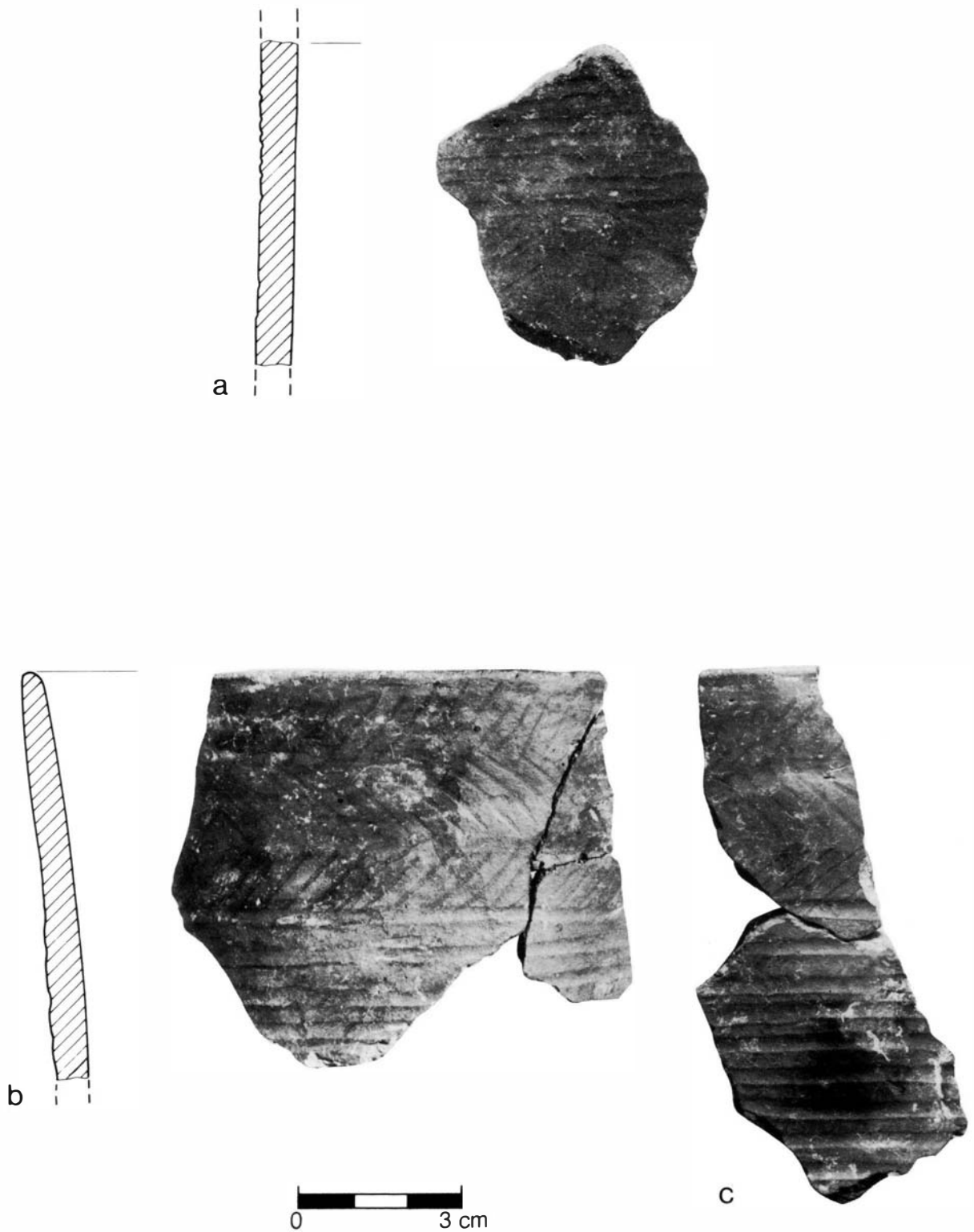


Fig. 10 – Fragmentos de copos cilíndricos do Zambujal; fase 1: a - Z-542/15; b - Z-68149/4 e Z-68149/211; c - Z-68149/4 e Z-68075/49. (Fotos: J. Patterson; desenhos L. de Frutos).

Este resultado confirma no essencial a mencionada cronologia de C. Tavares da Silva e J. Soares, que observaram na região de Setúbal, e pela ordem mencionada, uma sequência de: copos cilíndricos, cerâmica com decoração em forma de folha-de-acácia e campaniformes. Sendo o número de fragmentos cerâmicos encontrados no Zambujal muito maior, tais observações vão-se alargando, tornando-se mais gerais.

Evidentemente, os copos cilíndricos foram substituídos por campaniformes. As cerâmicas com decoração de “folhas entalhadas” surgiram talvez um pouco mais tarde do que os copos cilíndricos, mas foram utilizadas durante muito tempo em paralelo com estes, e estavam ainda em voga no período campaniforme. Esta ideia é corroborada pelas observações, de uma série de decorações de “folhas entalhadas” encontradas em vasos, que mostram a mesma qualidade de barro e a mesma técnica do fabrico que os copos cilíndricos. É ainda importante referir que existe uma certa predominância da cor preta na superfície das cerâmicas com decoração de “folhas entalhadas” da fase 3, enquanto na fase 4 a predominância é a cor vermelha (KUNST, 1987, p. 145-146).

Na seguinte citação, V. Gonçalves criou um antagonismo entre o seu sistema cronológico e os resultados do estudo da cerâmica do Zambujal publicados em 1987: «No último destes sítios [ele refere-se aqui ao Castro da Rotura]... o campaniforme surgia, associado a outras cerâmicas, nos últimos níveis do povoado, claramente isolado das cerâmicas decoradas com folha-de-acácia e crucífera... A única informação contraditória reside, até ao momento, no povoado fortificado do Zambujal, em que os registos de campo obrigaram Michael Kunst a falar do seu aparecimento precoce naquele sítio. Trata-se, porém, de uma situação cujo grau de fiabilidade é contestável, se tivermos em conta os primeiros objectivos daquela escavação...» (GONÇALVES, 1989, p. 472). Mas, ao contrário, na estratigrafia da Rotura, que ele próprio publicou 17 anos antes, verifica-se um resultado correspondente ao do Zambujal:

Rotura, distribuição das cerâmicas pela estratigrafia segundo V. Gonçalves (GONÇALVES, 1971, p. 77-78):

camada:	I a	I b	II a	II b
campaniforme B	+	+	-	-
campaniforme A	-	+	+	-
crucíferas	+	+	+	-
folha-de-acácia	-	-	+	+
«copos» Vila Nova I	-	-	-	+

Também aqui se nota a associação de campaniformes a “folhas entalhadas” (crucíferas [K3] e folha-de-acácia [K1. K2], ver Fig. 5) nas camadas Ia, Ib e IIa. A continuação de crucíferas sem folhas-de-acácia pode ser um efeito das pequenas quantidades, pois aparecem os dois tipos de “folhas entalhadas” juntos na camada IIa. No Zambujal coincidem várias vezes os motivos K1 ou K2, com o motivo K3 em fragmentos do mesmo vaso (KUNST, 1987, Est. 25b; 28f; 32 p; 33g-i; 37c-f; 38b. c. e. f; 39i. k-m; 41 n; 45 m; 46 f-i; 47 m-p). Por outro lado, verifica-se na camada IIb de Rotura, o aparecimento de fragmentos com decoração de folhas-de-acácia juntos com fragmentos de copos cilíndricos. Esta simultaneidade vê-se também no gráfico publicado por J. Soares e C. Tavares da Silva (SOARES & SILVA, 1975, Fig. 8, depois p. 152). Evidentemente V. Gonçalves não se deve ter dado conta deste facto, ainda que reproduzindo o mesmo gráfico 36 páginas antes da frase, já citada, no referido estudo (GONÇALVES, 1989, p. 436).

Apesar de o começo da produção de copos cilíndricos, da cerâmica com decorações de folhas entalhadas e de vasos campaniformes formar uma sequência cronológica - de acordo com a proposta de C. Tavares da Silva e também de V. Gonçalves - pode observar-se que decorações em forma de folhas entalhadas aparecem ainda em conjunto com copos cilíndricos e já com vasos campaniformes. Por outro lado, a aparição frequente de copos cilíndricos indica, em regra, um horizonte mais antigo, e a aparição frequente de campaniformes um horizonte mais recente.

Neste contexto, os resultados obtidos em Leceia parecem conferir maior precisão a estas observações, ao assinalarem estratigraficamente um provável mas breve período de coexistência entre “folhas entalhadas” e copos cilíndricos (CARDOSO *et al.*, 1983/84, p. 64).

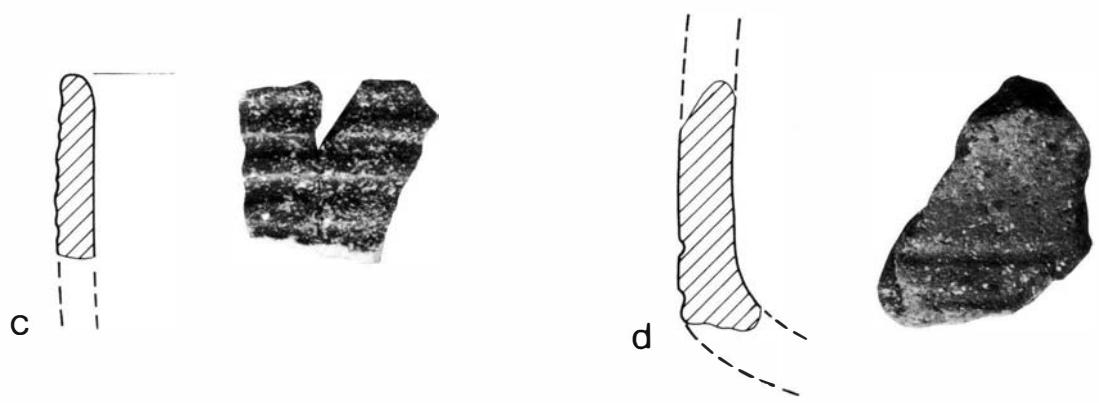
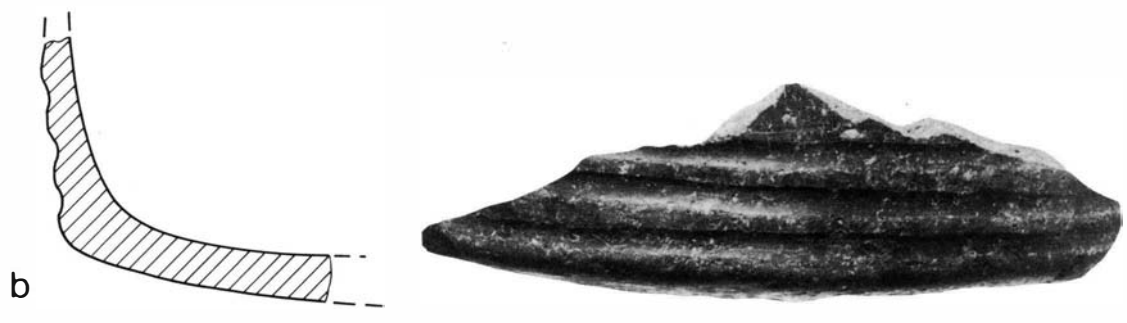


Fig. 11 – Fragmentos de copos cilíndricos do Zambujal; fase 1: a - Z-68069/30; b - Z-68075/61; fase 2: c - Z-1186/6 e Z-1186/8; d - Z-887/69. (Fotos: J. Patterson; desenhos L. de Frutos).

Em geral, é muito difícil precisar cronologicamente a perduração de tipos de artefactos em povoados, dado que se deve considerar como intervalo mínimo um quarto de milénio para a aplicação de datas radiocarbónicas às cronologias pré-históricas (CASE, 1995, p. 15), até agora as datações mais exactas existentes. Este facto é verificado pela múmia glacial de Hauslabjoch, cujas datações obtidas variam pelo menos entre 3352 cal BC e 3108 cal BC (PRINOTH-FORNWAGNER & NIKLAUS, 1995, p. 81).

6 - CONCLUSÕES

O estudo das cerâmicas decoradas do Zambujal, agrupadas nos três conjuntos considerados - copos cilíndricos, decorações com “folhas entalhadas” e campaniformes - mostra que são decisivas para a elaboração duma estruturação cronológica a combinação de diferentes características e também a relação quantitativa respectiva. Este resultado está de acordo com as considerações metodológicas de J. A. Ford e W. J. Mayer-Oakes (FORD, 1951, p. 91-100; Ford, 1962, Fig. 7; MAYER-OAKES, 1955, p. 177-184). Tendo em consideração as características atrás mencionadas, deve supor-se uma estruturação em cinco horizontes sucessivos:

- 1 - Copos cilíndricos exclusivos;
- 2 - Copos cilíndricos frequentes + escassas decorações com folhas entalhadas;
- 3 - Copos cilíndricos frequentes + decorações com folhas entalhadas frequentes + escassos campaniformes;
- 4 - Decorações com folhas entalhadas frequentes + campaniformes frequentes + escassos copos cilíndricos (apenas exemplares com estratigrafias remexidas);
- 5 - Campaniformes frequentes + pouco frequentes decorações com folhas entalhadas + ausência copos cilíndricos, ou muito escassos.

Até que ponto se pode generalizar, além do Zambujal, a divisão do horizonte antigo numa fase sem cerâmica com decoração de folhas entalhadas e numa outra mais recente, na qual coincidem copos cilíndricos e cerâmicas com decorações de folhas entalhadas, só se poderá saber quando forem investigados outros lugares, cujos materiais confirmem a hipótese levantada pelo Zambujal.

Na Estremadura, além do Zambujal, o único povoado calcolítico escavado em extensão é o de Leceia (Oeiras). As importantes escavações ali efectuadas por J. L. Cardoso, já publicadas, indicam evolução parecida. Segundo os seus trabalhos (CARDOSO *et al.*, 1983/84, p. 64; CARDOSO, 1989, p. 117-123; CARDOSO, 1994, p. 80; CARDOSO, 1995, p. 117), podem distinguir-se em Leceia os seguintes horizontes:

- 1 - Copos cilíndricos sem folhas entalhadas;
- 2 - Folhas entalhadas com raros copos cilíndricos, eventualmente devido a remeximentos;
- 3 - Campaniformes.

Aguardamos com muito interesse a publicação das quantidades absolutas das cerâmicas pelas fases representadas neste importante povoado, cujos achados evidenciam grande semelhança tipológica com os do Zambujal.

Para uma tal ordenação é, no entanto, de especial importância uma norma estatística, que ainda não existe. Como escreveu H. N. Savory sobre o seu corte estratigráfico em Vila Nova de São Pedro, deve-se duvidar da representatividade de um só corte para a cronologia de um povoado inteiro (SAVORY, 1970, p. 142). Especialmente no caso de Zambujal, já tratei este problema extensivamente e entrei na relação entre estratigrafia local e actividades específicas no recinto escavado (KUNST, 1987, p. 54 e 60). Porém, até ao momento, de todos os locais calcolíticos conhecidos na Estremadura Portuguesa, só relativamente ao Zambujal foram publicados suficientes cortes estratigráficos com materiais associados, designadamente cerâmicas decoradas. Como na palinologia⁽¹⁾ dever-se-ia acordar o que seria quantidade e qualidade mínima de uma prova.

⁽¹⁾ Na palinologia toma-se por base uma quantidade mínima de pólenes. Na regra são pelo menos 300 pólenes (BURJACHS, 1992, p. 39); H. Liese-Kleiber refere-se a um total de 450 pólenes de árvores (LIESE-KLEIBER, 1985: 40-41).

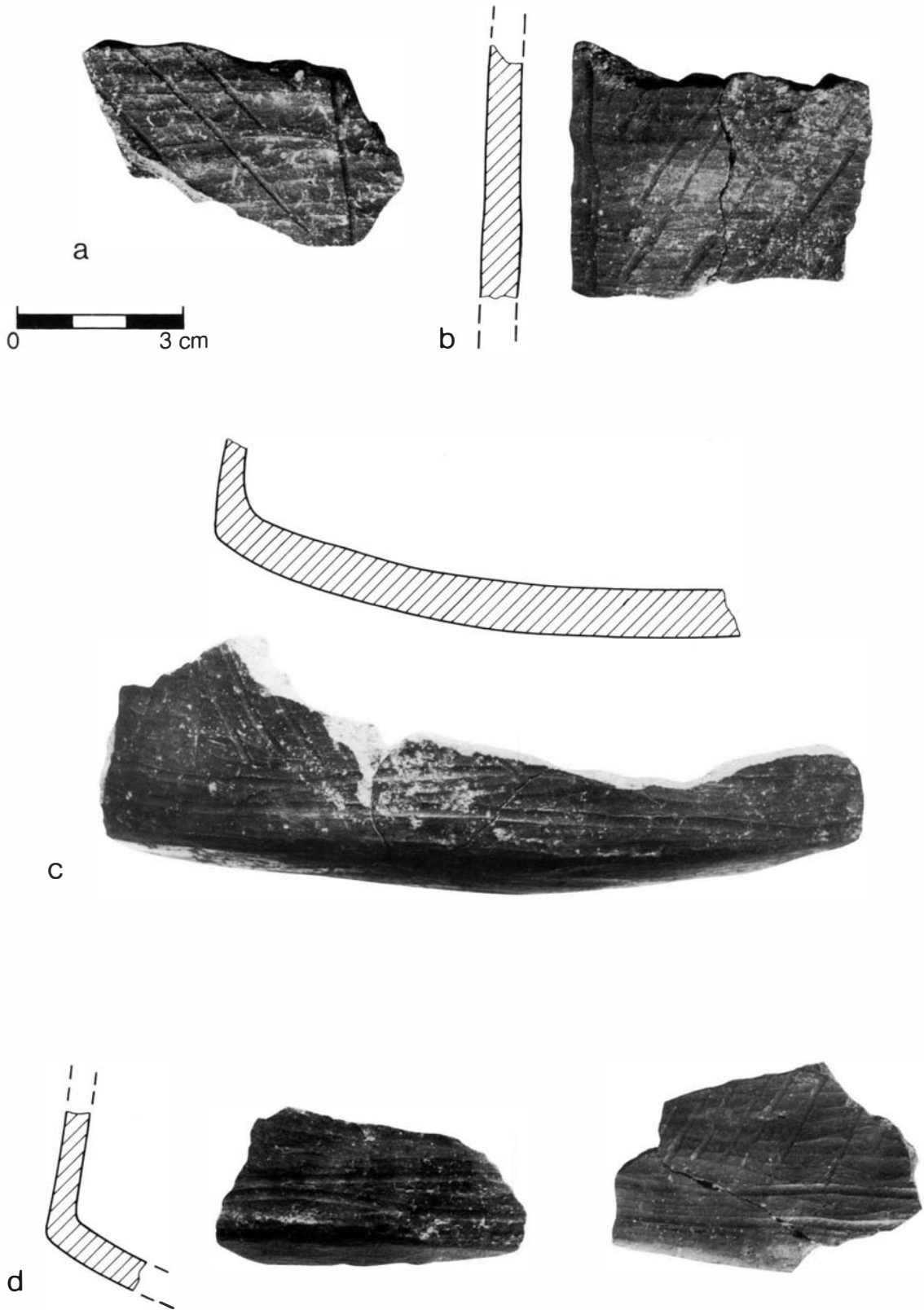


Fig. 12 – Fragmentos de copos cilíndricos do Zambujal; fase 3: a - Z-68053/110; b - Z-68043/59; e Z-68043/506; c - Z-316/41; Z-316/51; Z-264/31; d - Z-68041/119; Z-68060/21 e Z-68041/76. (Fotos: J. Patterson; desenhos L. de Frutos).

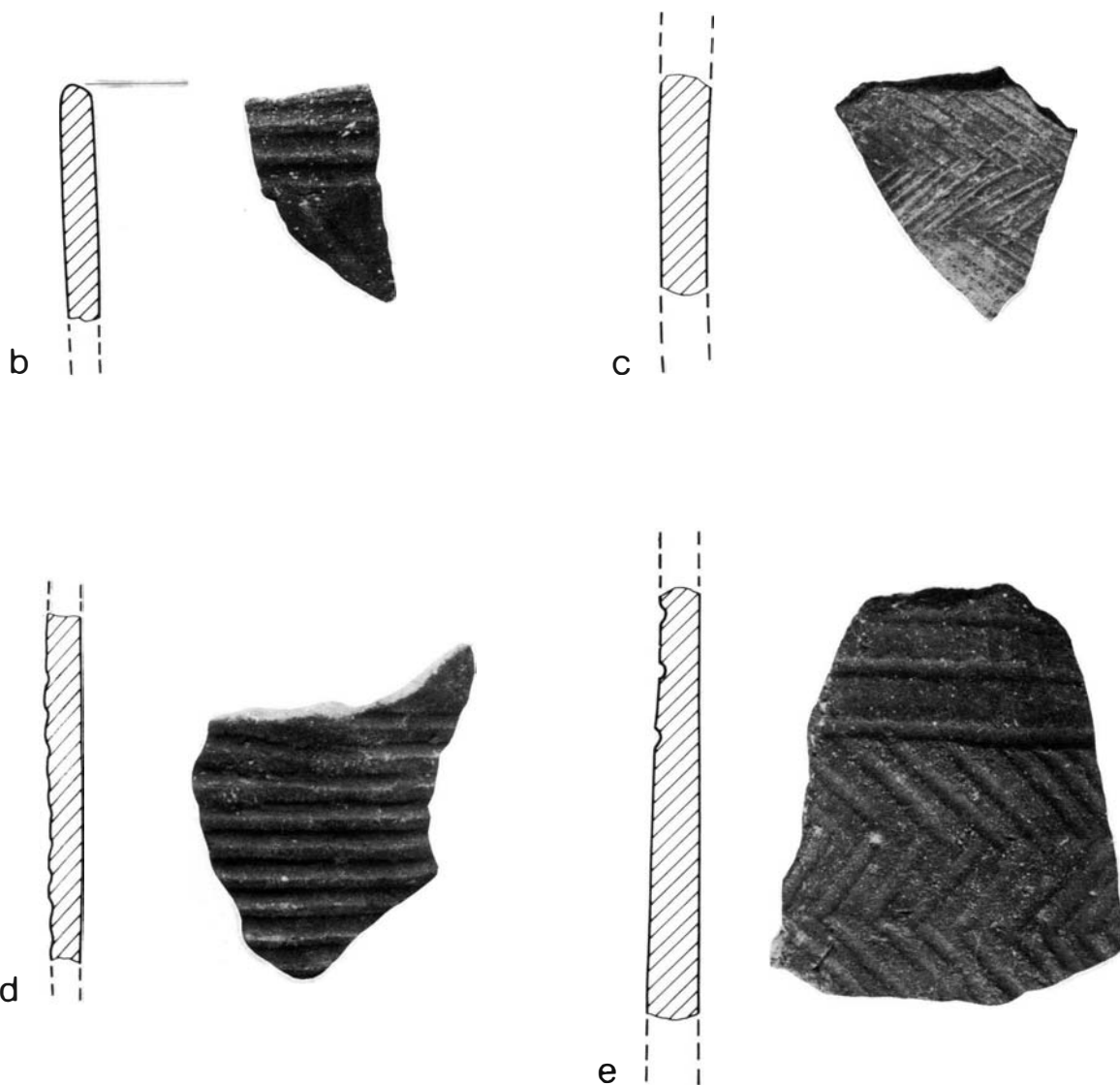
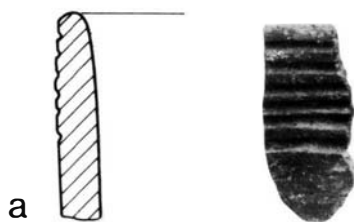


Fig. 13 – Fragmentos de copos cilíndricos do Zambujal; fase 4: a - Z-1074/20; superfície: b - Z-68058/9; c - Z-1475/120; d - Z-68130/15; e - Z-767/46. (Fotos: J. Patterson; desenhos L. de Frutos).

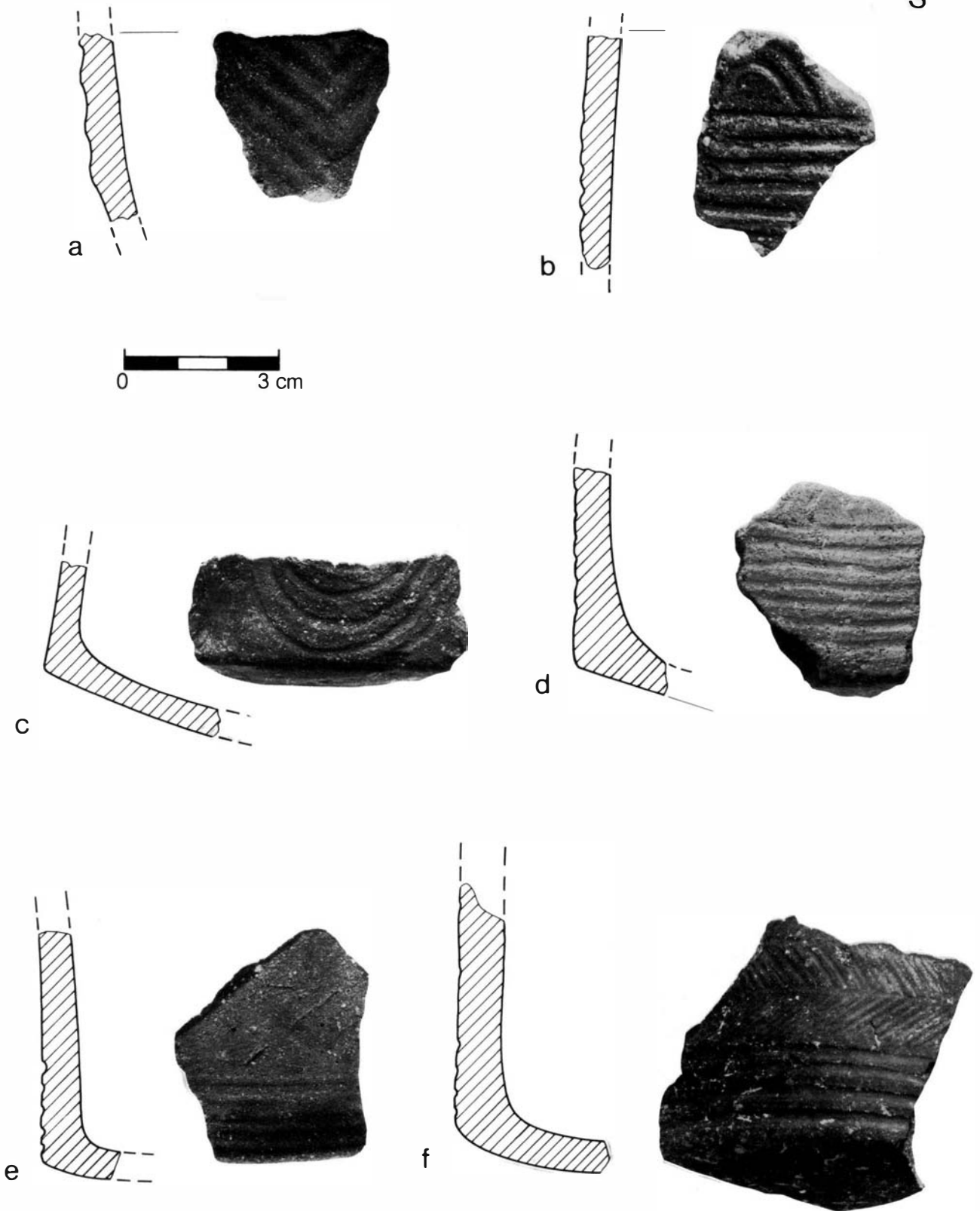


Fig. 14 – Fragmentos de copos cilíndricos do Zambujal; superfície: a - Z-68059/34; b - Z-741/15; c - Z-786/7; d - Z-68002/92; e - Z-823/20; f - Z-1569/12. (Fotos: J. Patterson; desenhos L. de Frutos).

AGRADECIMENTOS:

Pela ajuda na tradução agradeço ao Dr. António Faria (Lisboa) e a Celina Simões (Lausanne); pela revisão final do texto ao Prof. Dr. J. Cardoso, que amavelmente me solicitou colaboração nos Estudos Arqueológicos de Oeiras. Também agradeço a L. de Frutos, que fez os desenhos necessários em prazo muito curto.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO, M. & ARRIBAS, A. (1963) - *El poblado y la necrópolis megalíticos de Los Millares* (Santa Fe de Mondújar, Almería). Bibliotheca Præhistorica Hispana 3, .Madrid.

ARRIBAS, A.; MOLINA, F.; SÁEZ, L.; TORRE, F. de la; AGUAYO, P. & NAJERA, T. (1979) - Excavaciones en Los Millares (Santa Fe, Almería). Campañas de 1978 y 1979. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 4, p. 61-110

BLANCE, B. (1959) - Cerâmica estriada. *Revista de Guimarães* 69, p. 459-464.

BLANCE, B. (1971) - Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel. In BITTEL, K.; JUNGHANS, S.; OTTO, H.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. (ed.) - *Römisch-Germanisches Zentralmuseum, Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, vol. 4, Gebr. Mann Verlag. Berlin.

BUBNER, M. A. Horta Pereira (1979) - Cerâmica da importação na Estremadura portuguesa. *Ethnos* 8, p. 31-85.

BURJACHS, F. (1992) - Paleobotánica y análisis polínico. In I. Rodá (ed.) *Ciencias, metodologías y técnicas aplicadas a la arqueología*, Ciència aberta 7. Fundació «La Caixa», Publicaciones de la Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra (Barcelona), p. 31-46.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(1), p. 115-125.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1983/84) - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª. e 2ª. campanha de escavações. *CLIO/Arqueologia, revista da UNIARCH*, 1, p. 41-68.

CASE, H. (1995) - Irish Beakers in their European Context. In *Ireland in the Bronze Age*, J. WADDELL & E. SHEE TWOHIG, eds. Dublin, p. 14-29.

CLARKE, D. L. (1968) - *Analytical Archaeology*. Methuen & Co. Ltd. London.

CORDES, K.; GUT, A. & SCHUHMACHER, T. (1991) - Zur Frage der 'Schieß-Scharten' in Zambujal. *Madridrer Mitteilungen* 31 p. 83-108.

FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa 1969, 2, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 201-225.

- GONÇALVES, V. dos Santos (1971) - *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. dos Santos (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. 2 vol. Centro de Arqueologia e História, INIC. Lisboa.
- GRÜNHAGEN, W. (1979) - Zur Geschichte der Abteilung Madrid des Deutschen Archäologischen Instituts von 1929 bis 1979. In BEST, J. P. G. & VRIES, N. M. W. de (ed.), *Das Deutsche Archäologische Institut. Geschichte und Dokumente III, Beiträge zur Geschichte des Deutschen Archäologischen Instituts 1929 bis 1979*, Teil 1, p. 117-165.
- HOFFMANN, G. (1991) - Zur holozänen Landschaftsentwicklung im Tal des Rio Sizandro (Portugal). *Madrider Mitteilungen* 31 - 1990, p. 21-33.
- HOFFMANN, G. & SCHULZ, H. D. (1995) - Cambio de situación de la línea costera y estratigrafía del holoceno en el valle del río Sizandro/Portugal. in KUNST, M. (coordinador) *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica*. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras (3 - 5 Abril 1987). *Trabalhos de Arqueologia* 7, p. 45-46.
- JALHAY, E. (1946) - O Monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras). *Brotéria*, 42, p. 387-393.
- JALHAY, E. (1947) - O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras), contribuição para o estudo da Idade do Bronze. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 22, p. 78-85.
- KUNST, M. (1987) - *Zambujal. Glockenbecher und kerbblattverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz, *Madrider Beiträge* 5, 2.
- KUNST, M. (1993) - Mauern und Türme der Kupferzeit In SCHUBART, H., ARBEITER, A. & NOACK-HALEY, S. (ed.) - *Funde in Portugal, Sternstunden der Archäologie*, Muster-Schmidt Verlag, Göttingen - Zürich, p. 47-67.
- KUNST, M. (1995) - Cerâmica do Zambujal - novos resultados para a cronologia da cerâmica calcolítica in M. KUNST (coordenação), *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica*. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras 3-5 Abril 1987. *Trabalhos de Arqueologia* 7, p. 21-29.
- KUNST, M. & TRINDADE, L. J. (1991) - Zur Besiedlungsgeschichte des Sizandrotals. Ergebnisse aus der Küstenforschung. *Madrider Mitteilungen* 31, p. 34-82.
- LIESE-KLEIBER, H. (1985) - *Pollenanalysen in der Ufersiedlung Honstaad-Hörnle I. Untersuchungen zur Sedimentation, Vegetation und Wirtschaft in einer neolithischen Station am Bodensee*. Materialhefte zur Vor- und Frühgeschichte in Baden-Württemberg 6, Kommissionsverlag Konrad Theiss Verlag. Stuttgart.
- MAYER-OAKES, W. J. (1955) - Prehistory of the Upper Ohio Valley. An Introductory Archaeological Study. *Annals of Carnegie Museum* 34, Anthropological Series 2. *Pittsburgh*. Pensilvania.
- MÖBERG, C. A. (1969) - *Introduktion till arkeologi*. Stockholm.
- PAÇO, A. do (1959) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. *Ampurias* 21, p. 252-259.
- PAÇO, A. do; LEISNER, V.; TRINDADE, L.; SCHUBART, H. & FERREIRA, O. da Veiga (1964) - Castro do Zambujal (Torres Vedras). *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, Série II, 61/62, p. 279-306.

- PAÇO, A. do & SANGMEISTER, E. (1956) - Vila Nova de S. Pedro eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal. *Germania*, 34, p. 211-230.
- PARREIRA, R. (1985) - Edward Sangmeister; Hermanfrid Schubart, Zambujal: Die Grabungen 1964 bis 1973. *O Arqueólogo Português, Série IV*, 3, p. 207-211.
- PRINOTH-FORNWAGNER, R. & NIKLAUS, T. R. (1995) - der Mann im Eis. Resultate der RadioKarbon-datierung. In *Der Mann im Eis. Neue Funde und Ergebnisse*, SPINDLER, K.; RASTBICHLER-ZISSERNIG, E. ; WILFNIG, H.; NEDDEN, D. 3^o. & NOTHDURFTER, H., eds, *the Man in the Ice*, 2, Universität Innsbruck. Springer-Verlag, Wien & New York, p. 77-89.
- SANGMEISTER, E. (1975) - Spätes Neolithikum und Kupferzeit der Iberischen Halbinsel In NARR, K. J. (ed.) - *Handbuch der Urgeschichte, 2, Jüngere Steinzeit und Steinkupferzeit, Frühe Bodenbau – und Viehzuchtkulturen*. Francke Verlag, Bern - München, p. 545-557.
- SANGMEISTER, E. & JIMÉNEZ GOMEZ, M. C. (1994) - *Zambujal. Die Kupferfunde aus den Grabungen 1964 bis 1973. Los amuletos de las campañas 1964 hasta 1973*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz. Madrider Beiträge 5, 3.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1981) - *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz. Madrider Beiträge 5, 1.
- SAVORY, H. N. (1970) - A Section Through the Innermost Rampart at the Chalcolithic Castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa 1969, 1, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 133-162.
- SOARES, J. & SILVA, C. TAVARES da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-153.
- STRAHM, C. (1975) - Die chronologische Bedeutung der Ausgrabungen in Yverdon. *Jahrbuch des Römisch- Germanischen Zentralmuseums*, 20, p. 56-72. Mainz.

OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA DO MONTE DO CASTELO (LECEIA, OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾, José Norton⁽²⁾ & Júlio Roque Carreira⁽³⁾

1 - INTRODUÇÃO

Cerca de 800 m para Sul-Sudoeste do povoado pré-histórico de Leceia, ergue-se pequena colina de forma cónica, coroada por moinho em ruínas. Trata-se do Monte do Castelo, elevação constituída por basaltos muito diaclasados, com esboço de disjunção prismática, correspondentes à raiz de um aparelho vulcânico de idade neocretácica.

Tão evidente era, para RIBEIRO (1878), a importância estratégica da referida elevação, que a considerou como possível atalaia daquele importante povoado pré-histórico, apesar de não mencionar a recolha de quaisquer materiais arqueológicos que consubstanciasse aquela hipótese. O interesse arqueológico do local foi demonstrado apenas em 1969 por OLIVEIRA & BRANDÃO (1969), ao noticiarem os restos de uma sepultura colectiva (certamente uma gruta artificial, a julgar pelos testemunhos então observados). Dela apenas se conservava, na altura da descoberta, sector limitado da câmara do monumento, na frente da pedreira de calcário então em laboração, situada na encosta voltada a Noroeste do Monte do Castelo. Na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, corresponde-lhe o n.º. 40 do inventário (CARDOSO & CARDOSO, 1993) e as seguintes coordenadas geográficas (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, 430 Oeiras, 1977): Q 998 955 (Fig. 1).

O estudo do material osteológico humano então exumado foi já realizado (CARDOSO *et al.*, 1991); sobre uma amostra óssea, realizou-se datação pelo radiocarbono que conduziu ao seguinte resultado (CARDOSO & SOARES, 1995, QUADRO 1):

ICEN - 738 - 4630 (\pm) 45 BP, correspondente aos seguintes intervalos calibrados:

- a um sigma - 3497 - 3351 cal AC;

- a dois sigma - 3509 - 3147 cal AC.

Trata-se de datas compatíveis com o Neolítico final. O pequeno número de deposições mortuárias permite concluir que a gruta terá sido utilizada em curto intervalo de tempo, provavelmente pelos primeiros habitantes do povoado pré-histórico de Leceia, cuja primeira ocupação remonta também ao Neolítico final (CARDOSO, 1995; SOARES & CARDOSO, 1995).

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽²⁾ Rua Tomás Alcaide n.º. 6. Alto de Santa Catarina. Dafundo.

⁽³⁾ Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar. 1500 Lisboa.

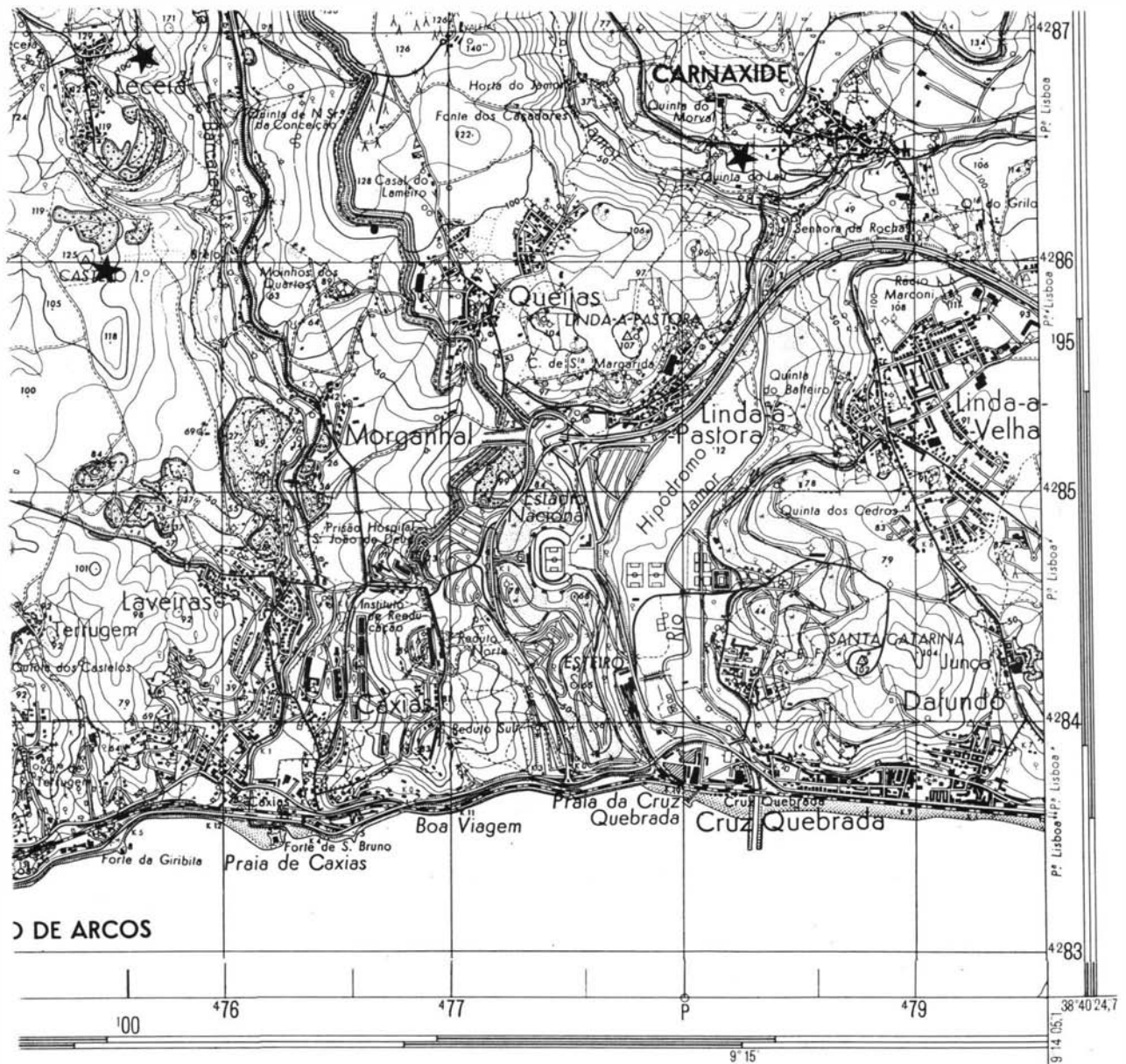


Fig. 1 – Povoados pré-históricos ribeirinhos do estuário do rio Tejo, do concelho de Oeiras, com ocupações campaniformes: à esquerda, o do Monte do Castelo e de Leceia; à direita, o de Carnaxide (extracto da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha 430, Oeiras, S.C.E., 1970).

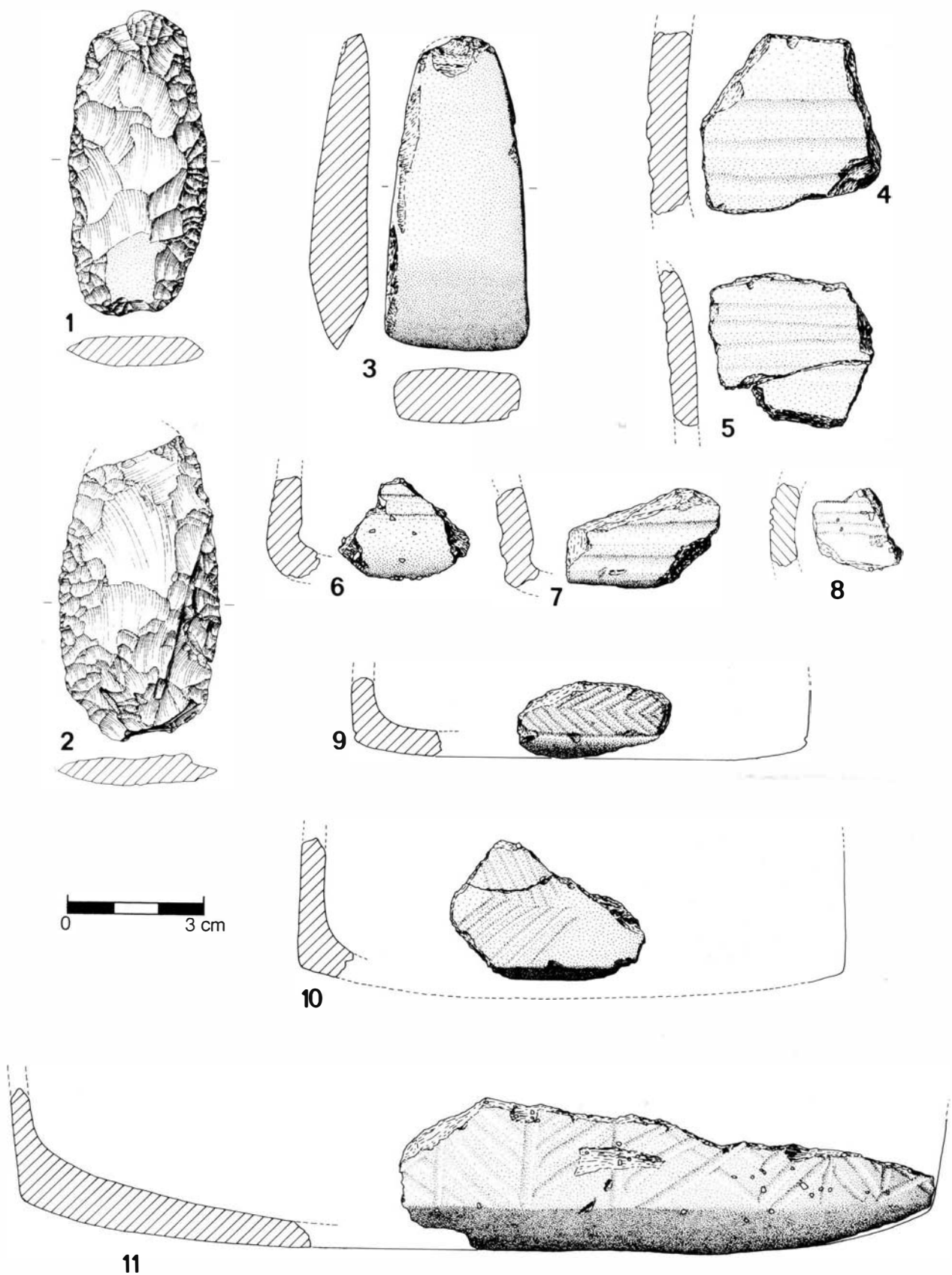


Fig. 2 – Monte do Castelo. Materiais líticos e cerâmicas decoradas do Calcolítico inicial.

No limite sudoeste da referida pedreira, actualmente entulhada, deparou A. Gonzalez com diversos materiais, líticos e cerâmicos, embalados em depósitos de “terra rossa” que fossilizavam as cavidades do lápias calcário (CARDOSO, 1980). Outras recolhas, efectuadas por dois de nós (J. L. C. e J. N.) permitiram confirmar a atribuição da referida ocupação ao Calcolítico inicial da Estremadura.

Com efeito, avultam, no espólio cerâmico restos dos característicos “copos” canelados, associados a fragmentos de taças com a mesma técnica decorativa (Fig. 2, nº. 4 a 11). O exemplar mais significativo, com decoração espinhada vertical (Fig. 2, nº. 11), foi encontrado perto de pequena enxó (Fig. 2, nº. 3) e de duas lâminas sub-elípticas de retoque cobridor (Fig. 2, nº. 1 e 2). Trata-se, em geral, de fragmentos de pequenas dimensões, que podem relacionar-se com numerosos rebotalhos de sílex cinzento correspondentes a uma oficina de talhe existente no local, idêntica a outra noticiada na zona (CARDOSO & COSTA, 1992); os produtos e subprodutos do talhe oriundos de ambas, ocorrem no povoado pré-histórico de Leceia denunciando as relações funcionais existentes entre si.

De um terceiro local, situado em pequena plataforma a Este do Monte do Castelo, provém a parte mais importante do material agora estudado (Fig. 1). Foi, em especial, uma estreita faixa de terreno, que se revelou muito rica em fragmentos de cerâmicas campaniformes que vieram à superfície em época recente, mercê de lavra, pela primeira vez realizada em profundidade; tal circunstância permitiu a sua recuperação (por J. N.), em quantidade e bom estado de conservação, nalguns casos viabilizando amplas reconstituições incompatíveis com prolongada exposição. Trata-se, pois, de situação que sugere a existência de uma ou mais unidades habitacionais, de carácter precário, ocupando área circunscrita, e a pequena profundidade, embora não atingida pelas lavras tradicionais, caso alguma vez elas ali se tivessem anteriormente efectuado.

2 - OS MATERIAIS CAMPANIFORMES

Todos os fragmentos recolhidos foram desenhados, por forma a se registar a globalidade das características do conjunto. Uma primeira conclusão avulta: a exclusiva presença da decoração incisa. Identificaram-se as formas a seguir inventariadas.

Vasos campaniformes – este tipo de recipientes encontra-se, sob reserva, apenas representado por dois fragmentos com decoração de bandas preenchidas obliquamente (Fig. 5, nº. 6; Fig. 6, nº. 3).

Taças hemisféricas – é o conjunto mais numeroso, constituído por um exemplar liso (Fig. 5, nº. 7) e por abundantes homólogos decorados (Fig. 3, nº. 1 a 3; Fig. 4, nº. 2 e 3; Fig. 5, nº. 5). Os exemplares das Fig. 4, nº. 2 e Fig. 5, nº. 5 são idênticos, exoptuando-se o número de linhas horizontais abaixo do friso superior, em “dentes-de-lobo”. Três dos exemplares restantes ostentam decoração metopada abaixo do bordo (Fig. 3, nº. 2 e 3; Fig. 4, nº. 3), prolongada por bandas horizontais preenchidas interiormente. O fragmento da Fig. 4, nº. 1, com idêntica decoração, poderá, igualmente, pertencer a uma taça. Um último exemplar mostra decoração constituída por ténues incisões em zigue-zague (Fig. 3, nº. 1), constituindo motivo raro no quadro desta forma.

Caçoilas – tanto quanto se pode verificar pelos fragmentos recolhidos, não se encontram presentes as caçoilas de ombro, sendo o conjunto dominado pelas caçoilas carenadas e pelas caçoilas de grandes dimensões, de bojo mais ou menos arredondado.

Caçoilas carenadas – trata-se de exemplares de pequenas dimensões, possuindo, pelo menos dois deles, faixas convergentes para o fundo, abaixo da linha da carena (Fig. 3, nº. 7 e Fig. 7, nº. 1). A parte superior do colo encontra-se decorada com motivos idênticos aos já observados nas taças (Fig. 3, nº. 9 e 10; Fig. 5, nº. 4; Fig. 7, nº. 1).

Caçoilas de grandes dimensões – nesta categoria inscrevem-se os exemplares das Fig. 4, nº. 4 e 5; Fig. 5, nº. 4; Fig. 6, nº. 9 e Fig. 7, nº. 2 e 3. Tal como nos dois tipos de recipientes anteriormente referidos – as taças e as caçoilas carenadas – as decorações iniciam-se por bandas verticais descontínuas de métopas ou de “dentes-de-lobo”. De salientar a sucessão de motivos decorativos patente no fragmento da Fig. 4, nº. 5, muito semelhante a exemplar de Montes Claros, Lisboa (HARRISON, 1977, Fig. 48, nº. 283). Outro motivo decorativo a referir respeita à ocorrência de pequenos quadrados soltos (Fig. 7, nº. 3), com paralelos em exemplares oriundos de pequenos *habitats* do baixo Tejo, como Casas Velhas,

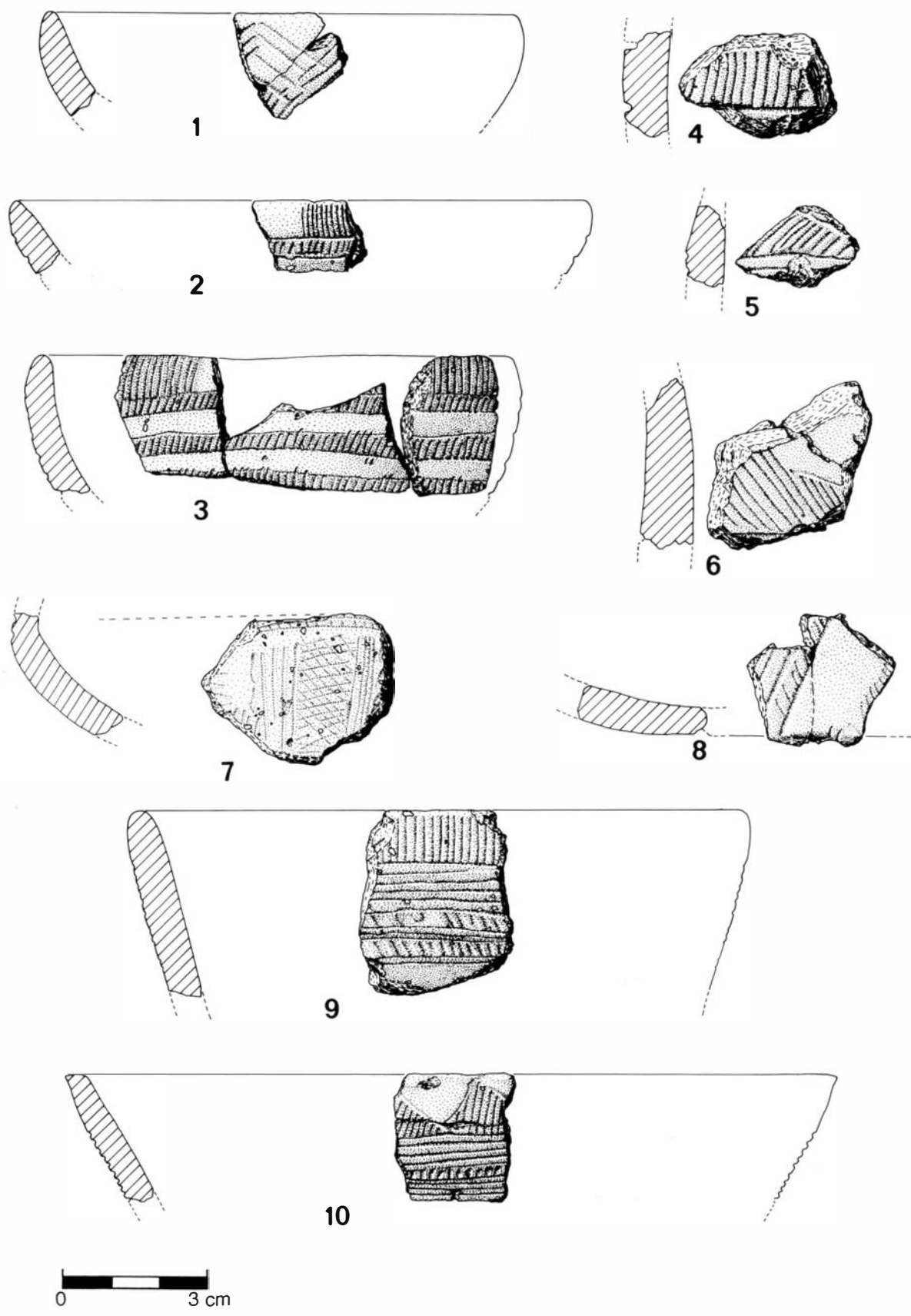


Fig. 3 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

Mafra (CARREIRA & LOPES, 1994, Est. 6, nº. 11) e de necrópoles da mesma região, como a de São Pedro do Estoril (LEISNER, 1965, Tf. 90, nº. 149) ou a da Praia das Maças (LEISNER, 1965, Tf. 48, nº. 15). Outra particularidade observável neste fragmento é o espessamento interno do bordo, pouco frequente neste tipo de recipientes.

Taças tipo Palmela – representadas por dois exemplares, de grande barroquismo decorativo (Fig. 6, nº. 10; Fig. 8, nº. 1), especialmente evidente no segundo exemplar, cujo lábio, notavelmente alargado, se encontra totalmente decorado. O primeiro exemplar encontra-se munido de furo de suspensão, com paralelos em taça da necrópole de São Pedro do Estoril (LEISNER, 1965, Tf. 92, nº. 156), ou noutra, do povoado do Alto do Montijo, Sintra (CARNEIRO, 1991, p. 236).

Garrafas – apenas um exemplar (Fig. 6, nº. 1) desta rara forma de cerâmicas campaniformes, excepcionalmente registada em povoados e necrópoles, facto talvez em parte explicável pela dificuldade de identificação de pequenos fragmentos a ela potencialmente pertencentes.

Formas indetermináveis – alguns fragmentos não permitem, pelas suas reduzidas dimensões, identificação da forma. Estão nestas condições os exemplares das Fig. 3, nº. 4 a 6 e 8; Fig. 4, nº. 1; Fig. 5, nº. 1 a 3 e 6; Fig. 6, nº. 2 e 4 a 8; Fig. 7, nº. 4; Fig. 8, nº. 2. Avultam os fragmentos de fundos, com decorações basais, constituídos por anéis circulares de onde por vezes divergem faixas radiais, que tanto poderiam pertencer a taças como a caçoilas (Fig. 5, nº. 2 e Fig. 8, nº. 2). De salientar, ainda, fragmento com motivo “flutuante” (Fig. 5, nº. 3), o qual evoca um corpo zoomórfico.

No conjunto, identificaram-se sete taças hemisféricas, das quais uma lisa, cinco caçoilas carenadas, seis caçoilas de grandes dimensões, duas taças tipo Palmela e uma garrafa, todas decoradas por linhas incisas.

3 - RESTOS FAUNÍSTICOS

Associados aos fragmentos campaniformes, recolheram-se alguns restos faunísticos, correspondentes às seguintes espécies:

Fauna mamalópica

Classe Mammalia

Ordem Perissodactyla

Família Bovidae

Bos taurus L.

- um M\2 d, com desgaste médio;

- um M\3 e, com desgaste fraco;

- um M/1-2 com desgaste médio.

Capra hircus L. / *Ovis aries* L.

- um M\1-2 d, com desgaste médio.

Fauna malacológica

Classe Amphineura

Ordem Archeogastropoda

Família Patellidae

Patella spp.

- Treze fragmentos, quase todos completos.

Classe Lamellibranchiata

Sub-classe Teleosdesmacea

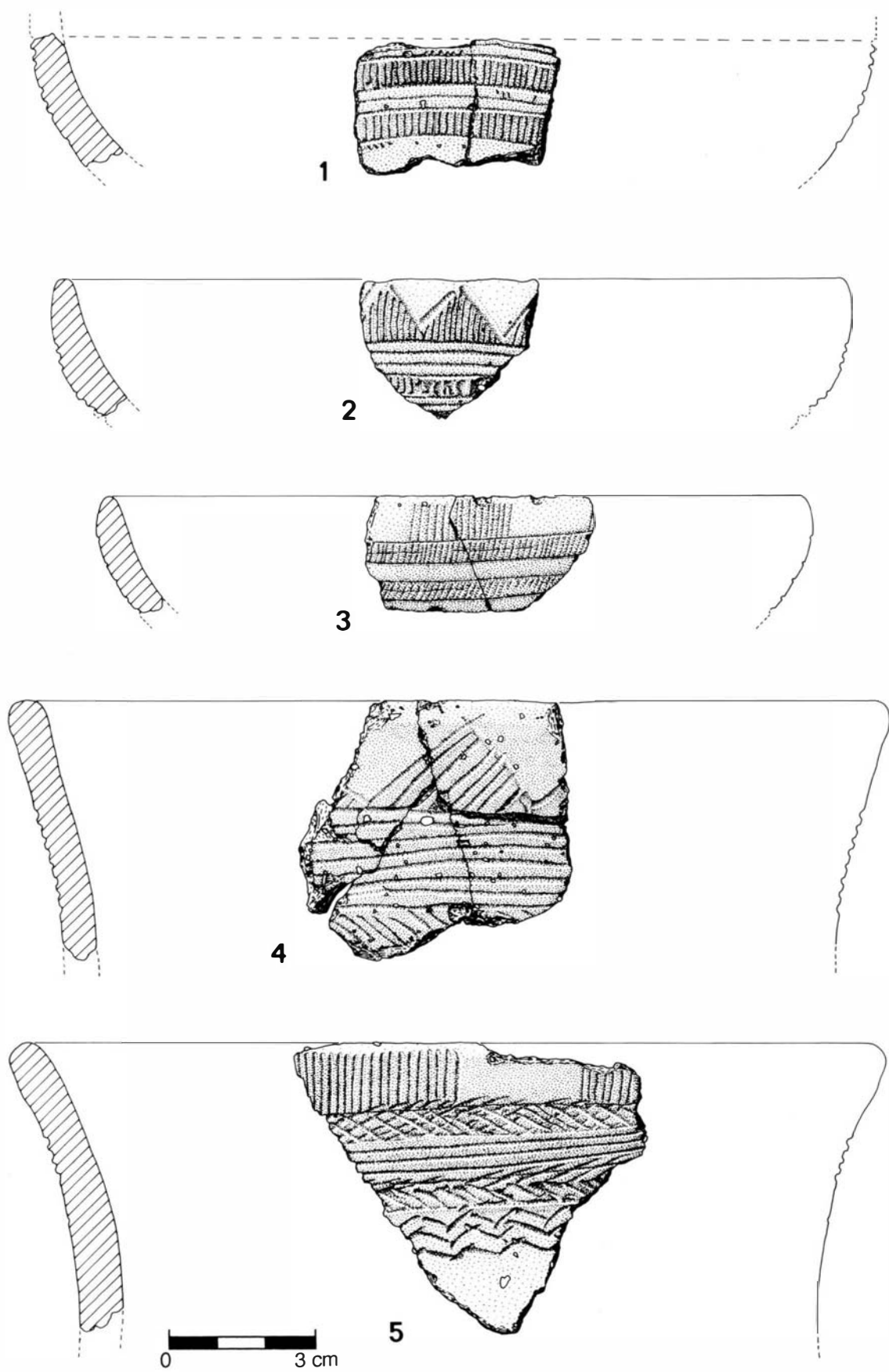


Fig. 4 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

Família Veneridae

Venus verrucosa L.

- Dois exemplares, um deles reduzido a pequeno fragmento.

Venerupis decussata (L.)

- Seis exemplares, dos quais apenas um completo.

4 - INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICO - CULTURAL

O estudo dos materiais em apreço conduziu às seguintes conclusões gerais:

1 - O Monte do Castelo, além dos restos de um hipogeu do Neolítico final, revelou duas ocupações pré-históricas, bem diferenciadas, de carácter habitacional, uma reportável ao Calcolítico inicial, outra ao Calcolítico final (campaniforme), dando credibilidade à afirmação de Carlos Ribeiro de se tratar de local relacionado, no decurso do Calcolítico inicial, com o importante povoado pré-histórico de Leceia, situado 800 m a NNE, e do qual poderia constituir posto de observação ou vigilância, além de corresponder a oficina de talhe do sílex, destinado a ser utilizado, ulteriormente, naquele importante núcleo humano;

2 - A ocupação campaniforme, localizada em área circunscrita no sopé do Monte do Castelo é particularmente interessante, encontrando-se na origem directa deste trabalho. Corresponde a conjunto homogéneo, pertencente a pequeno grupo humano que, durante curto espaço de tempo, estacionou no local; aí desenvolveu diversas actividades domésticas, entre as quais a criação de gado bovino e ovi-caprino, complementando a sua dieta com a recolção de moluscos, no litoral adjacente, a menos de 3 km de distância;

3 - A tipologia dos recipientes campaniformes sugere duas finalidades principais: o uso na confecção e/ou consumo de alimentos, representado especialmente por recipientes abertos (pequenas taças hemisféricas e taças tipo Palmela) e a utilização na armazenagem, sobretudo ilustrada pelas grandes caçoilas e pela garrafa.

4 - A presença exclusiva da decoração incisa, atendendo ao numeroso conjunto recolhido, assume grande interesse no quadro das cerâmicas campaniformes do baixo Tejo e do baixo Sado. Com efeito, até ao presente não se tinha identificado nenhum sítio onde aquela técnica fosse exclusiva.

Admitimos que na distribuição das técnicas decorativas das cerâmicas campaniformes possa haver uma incidência, mesmo que parcial, de carácter geográfico, visto a técnica pontilhada dominar na região do Sado, em detrimento da técnica incisa. Porém, a ocorrência, em quantidades apreciáveis, de cerâmicas decoradas a pontilhado, associadas às incisas, em locais de carácter habitacional, forçosamente de “vida curta”, de características idênticas às do estudado e situados nas suas proximidades, como o Casal de Barrinhos (CARREIRA *et al.*, 1996) ou Leceia (escavações de 1996, inéditas), contrasta com a exclusividade que a temática incisa assume no local em apreço; mesmo em estações mais setentrionais e de idêntica natureza, do concelho de Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996), embora predominem largamente as cerâmicas incisas, ocorrem sempre, se bem que residualmente, cerâmicas pontilhadas, tal como no importante sítio de Montes Claros, Lisboa (HARRISON, 1977). Tal constatação tem, no nosso entender, explicação sobretudo cronológica: bastaria o escasso tempo de uma geração, cerca de trinta anos, para fazer cair no esquecimento a tradição de tal técnica decorativa, a qual teria coexistido com a incisa, como comprovam, entre outros os sítios referidos.

5 - A ser assim, consideramos que o conjunto estudado corresponde a fase avançada ou mesmo terminal das cerâmicas campaniformes. Tal fase seria caracterizada pelo domínio notório da técnica incisa, aplicada sobretudo a caçoilas carenadas ou a caçoilas de grandes dimensões, taças hemisféricas e taças de Palmela, de lábio exageradamente alargado e ostentando decorações de marcado barroquismo. Em tal fase, estariam por completo ausentes as caçoilas de ombro, os vasos campaniformes e as taças de tipo Estoril, presentes em momentos anteriores, onde era mais frequente o recurso à decoração a pontilhado.

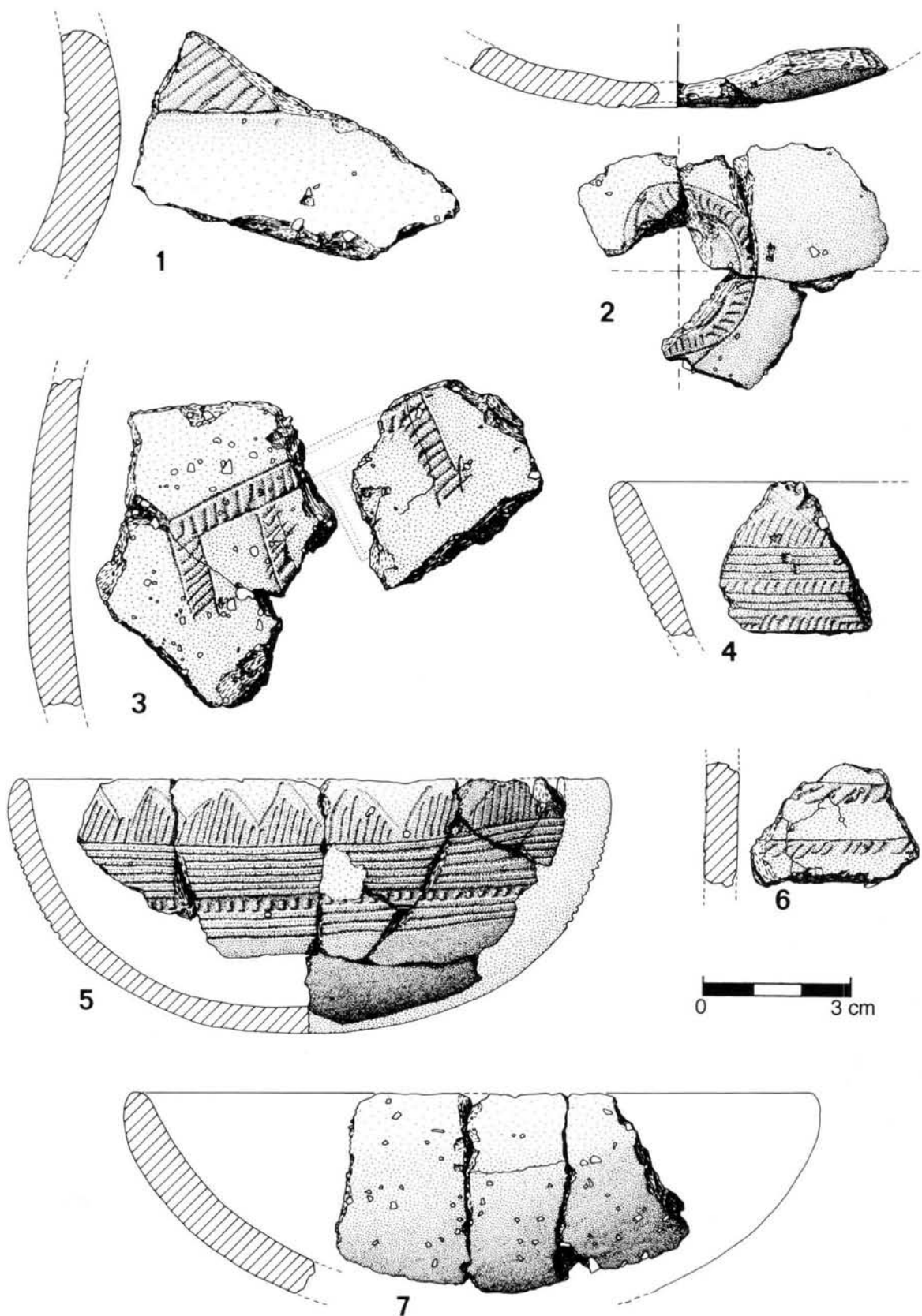


Fig. 5 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

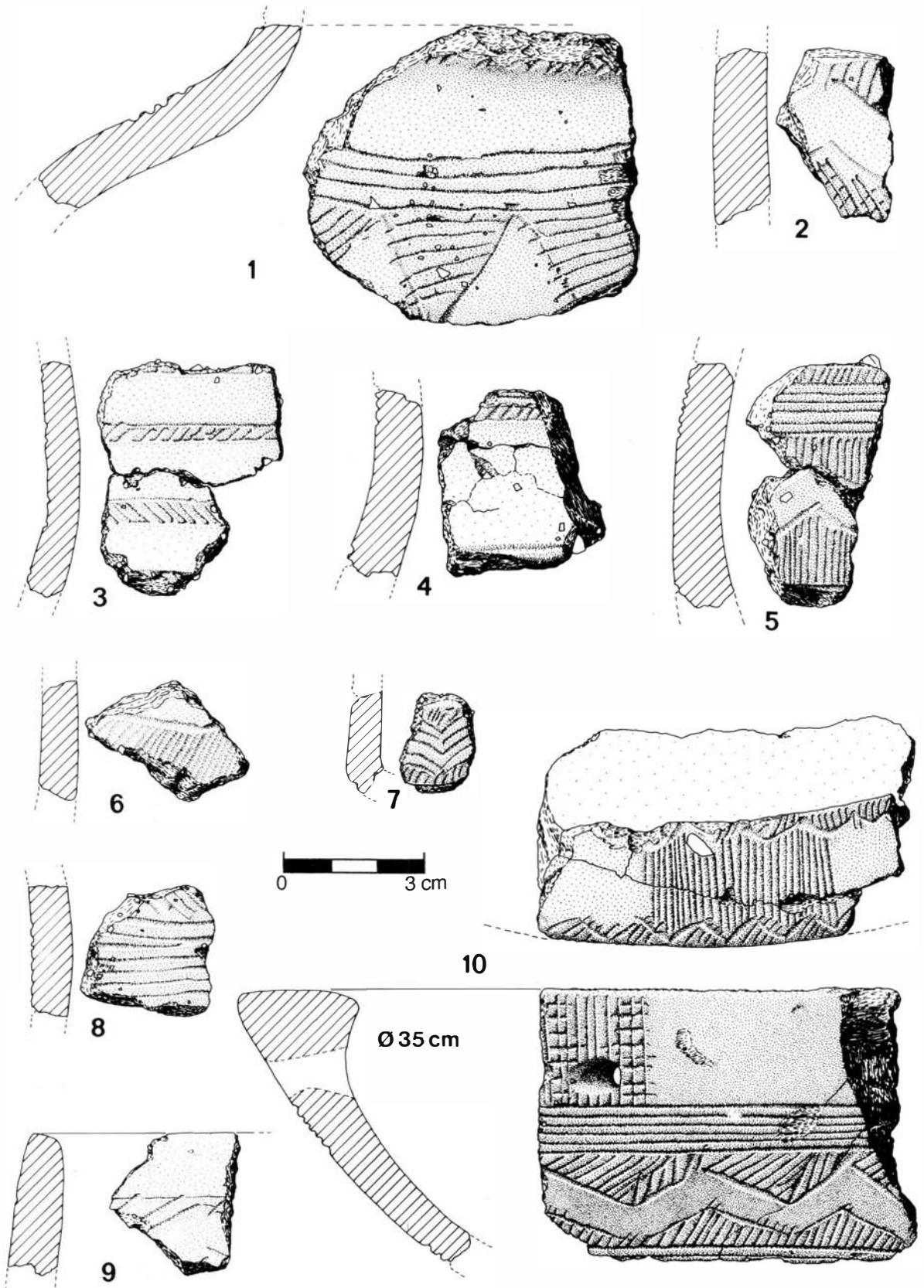


Fig. 6 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

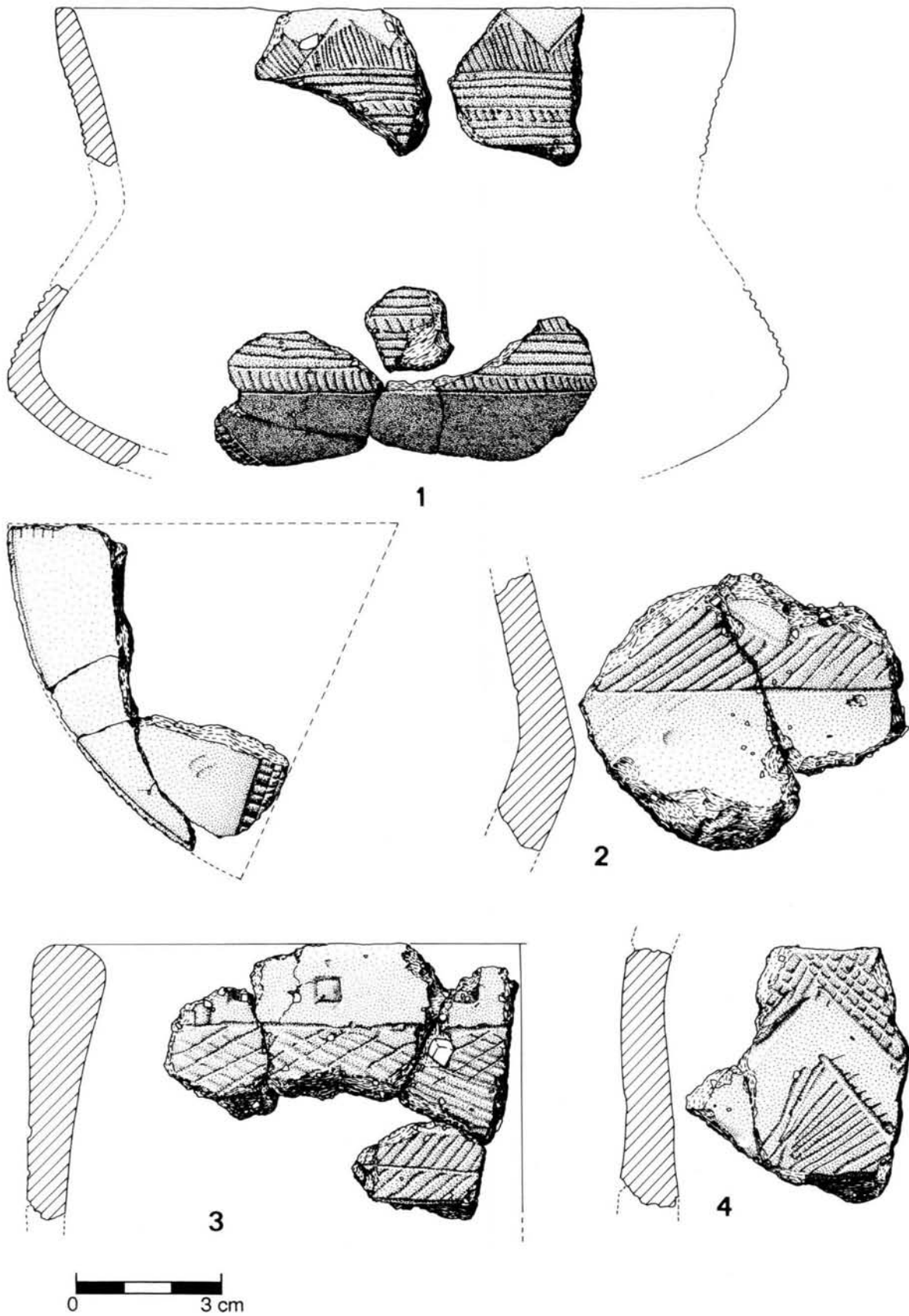


Fig. 7 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

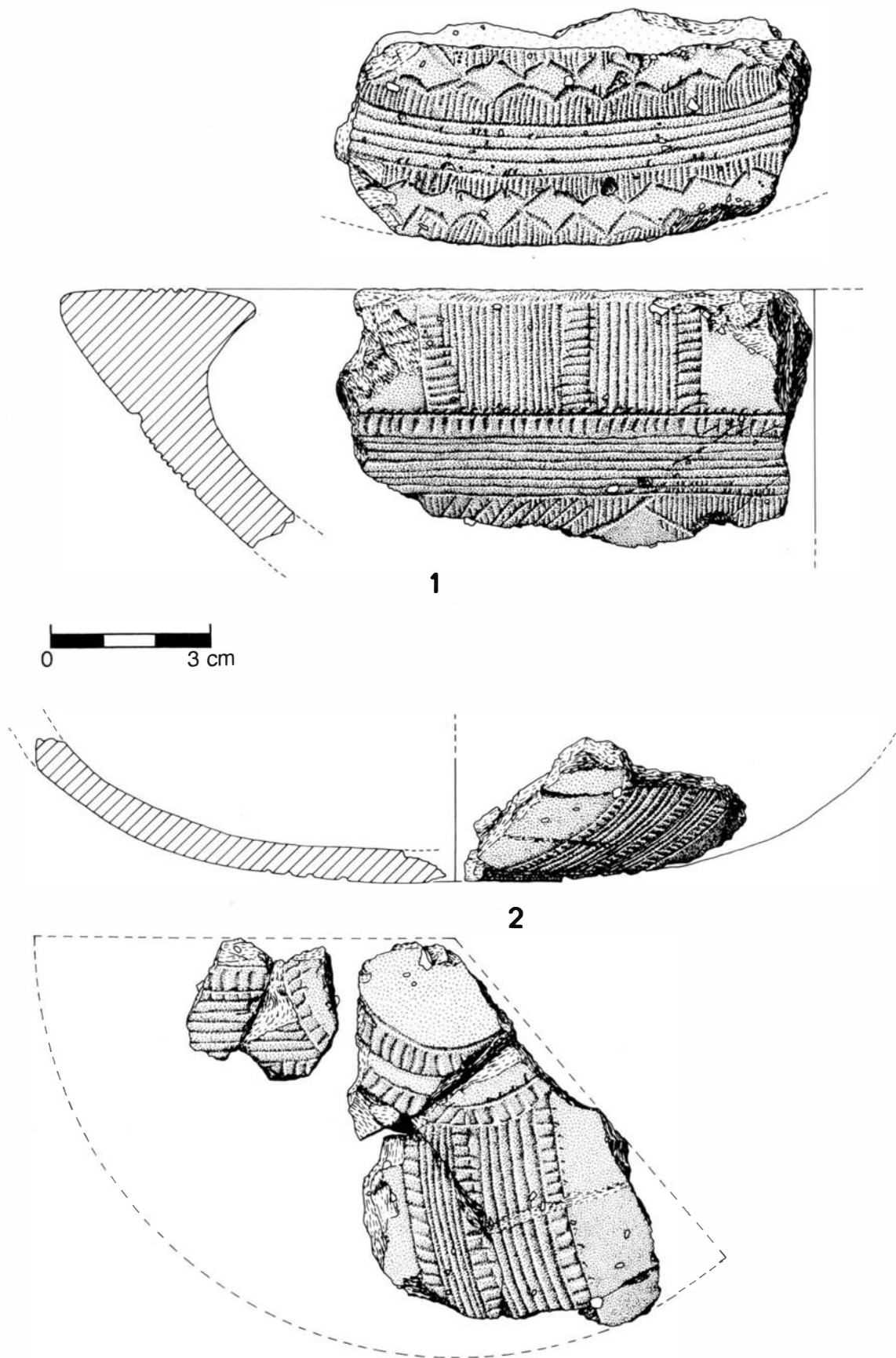


Fig. 8 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal) - estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (1ª. Parte). *Revista de Guimarães*, 90, p. 211-304.

CARDOSO, J. L. (1995) - *Leceia 1983 - 1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, p. 1-126.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. Roque (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 317-340.

CARDOSO, J. L. & COSTA, J. L. B. (1992) - Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.

CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, Serie II, 4, p. 10-13.

CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) - O homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, p. 1-85.

CARNEIRO, A. (1991) - Contribuição para o estudo do Calcolítico e do Bronze inicial na região de Sintra. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 227-236.

CARREIRA, J. R. & LOPES, F. P. (1994) - A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), p. 137-146.

CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. & LOPES, F. P. (1996) - A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 301-316.

HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistory Research, Peabody Museum. Harvard University.

LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Tafeln. Walter de Gruyter. Berlin.

RIBEIRO, C. (1878) - *Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.

SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.

A ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO CASAL DE BARRINHOS (OEIRAS)

Júlio Roque Carreira⁽¹⁾, João Luís Cardoso⁽²⁾ & Fernando Peixoto Lopes⁽³⁾

1 - INTRODUÇÃO

O Casal de Barrinhos implanta-se na parte inferior da encosta meridional do alto do mesmo nome, pequena colina com 107 de altitude máxima. Do ponto de vista geológico, a região é ocupada por rochas basálticas de idade neocretácica, que originaram solos de grande fertilidade, intensamente cultivados até à actualidade.

Do ponto de vista geomorfológico, trata-se de plataforma de declive suave, de altitude entre os 70 e os 80 m, voltada a Sul, dominando o estuário do Tejo e na adjacência de linha de água tributária da margem direita da ribeira de Algés, que naquele estuário desaguava. As suas coordenadas são (Fig. 1): R 044 952 (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, folha 431, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1971).

A primeira referência ao sítio deve-se a PAÇO (1940, 1970), acerca de materiais paleolíticos dali provenientes; mais tarde, em consequência de grandes movimentações de terras relacionadas com a construção do terminal rodoviário da Carris, foi recolhido diverso espólio atribuído ao Calcolítico, de que se publicou apenas breve notícia (CARDOSO *et al.*, 1985). Na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993), a estação corresponde ao n.º inventário 103.

Os materiais agora publicados resultaram de colheitas de superfície efectuadas após a conclusão das referidas obras, em zona adjacente, situada a Este do terraplano então criado. Trata-se de área circunscrita, limitada do lado Norte pela auto-estrada do Estoril, e a Sul por troço de outra estrada, paralelo à referida via, na actualidade totalmente ocupado pelas instalações do ARQUIPARQUE (Fig. 2) actualmente, da estação arqueológica nada resta.

A concentração de cerâmicas em zona tão circunscrita, sem evidenciarem acções de transporte - ao contrário, exibem superfícies de fractura antigas com arestas vivas - é argumento decisivo para se afastar a hipótese de terem provindo do alto próximo, por gravidade.

Em consequência, considera-se demonstrada a ocupação pré-histórica da referida plataforma, sem quaisquer condições naturais de defesa, revelando estratégia de ocupação do território idêntica à de outros sítios da mesma época e região, onde a fertilidade dos solos e, sobretudo, a disponibilidade de água - que era bem evidente, no local - foram

⁽¹⁾ Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º andar, 1500 Lisboa.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽³⁾ Técnico Superior do Centro Nacional da Cultura. Lisboa.



Fig. 1 – Casal dos Barronhos. Localização da estação na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha n.º. 431, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1971) e na Península Ibérica.



Fig. 2 – Derradeiro testemunho da estação do Casal de Barronhos: estreito talude entre a auto-estrada do Estoril e as instalações do ARQUIPARQUE (fot. de J. L. Cardoso).

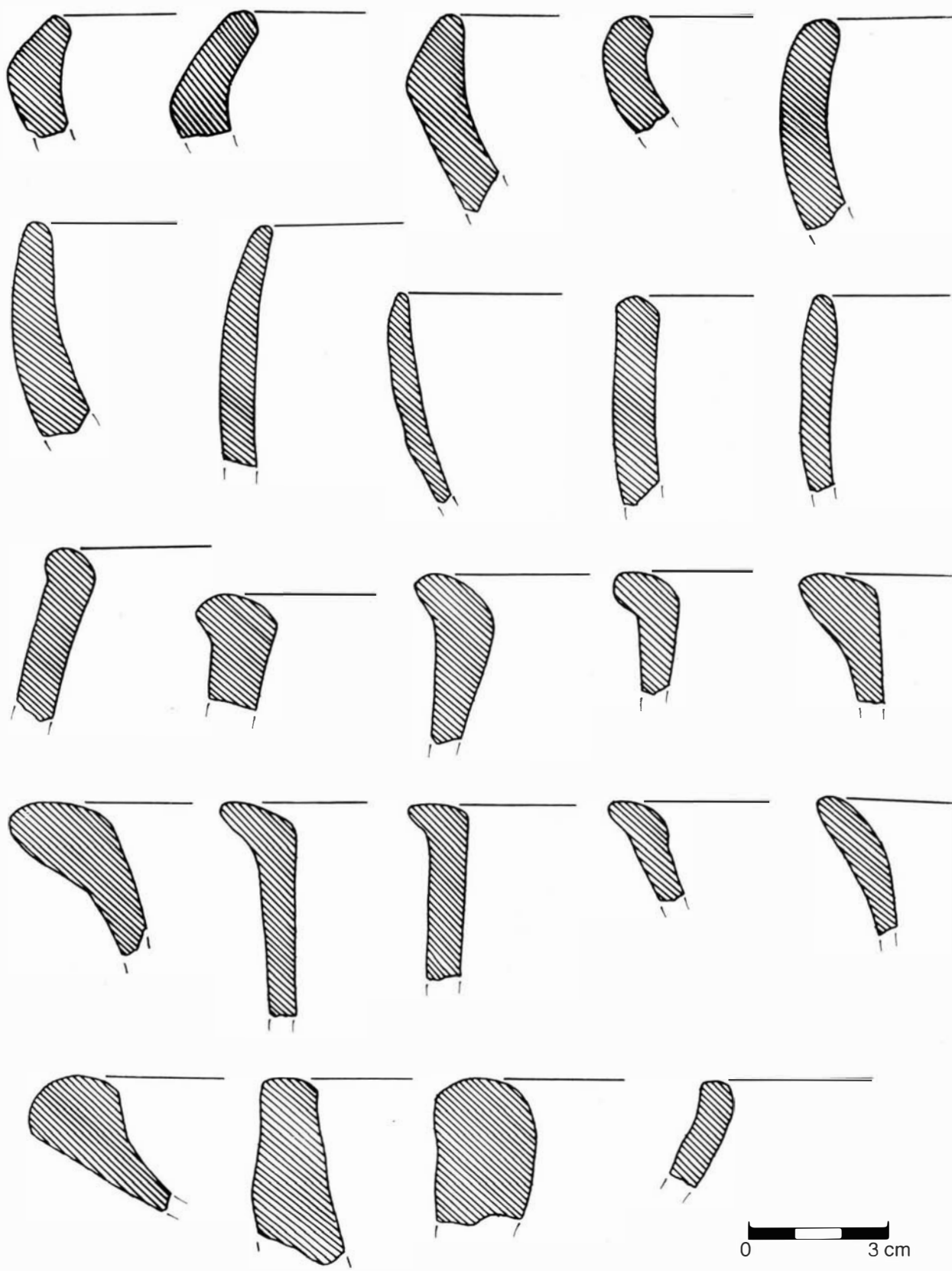


Fig. 3 – Casal de Barronhos. Perfil de recipientes lisos neo-calcolíticos (desenhos de Carlos Lemos).

determinantes para a fixação de pequenas comunidades humanas como as que ali se teriam instalado, especialmente no Neolítico final e no período campaniforme.

2 - OS MATERIAIS

O espólio arqueológico obtido em numerosas recolhas de superfície é dominado por materiais cerâmicos, lisos ou decorados; os materiais líticos recolhidos, sobretudo integrando percutores e resíduos de talhe, são incharacterísticos; desta forma, não serão considerados neste trabalho.

2.1 - Cerâmicas lisas neo-calcolíticas

O conjunto de Barronhos parece corresponder sobretudo ao Neolítico final (taças carenadas) e ao Calcolítico, embora algumas formas se inscrevam indiferenciadamente em qualquer dos referidos períodos, designamente os vasos de bordo em aba e as taças hemisféricas lisas (Fig. 3). Considerando a limitação inerente a peças de recolha superficial, acentuada pelo facto de as formas lisas poderem ter larga diacronia, é crível que algumas delas possam ser mais recentes e deste modo pertencerem à Idade do Bronze, designadamente as hemisféricas.

2.2 - Cerâmicas decoradas

As cerâmicas decoradas que se recolheram no Casal de Barronhos foram todas desenhadas. A tipologia acentua a larga diacronia de ocupação do sítio, ilustrando as seguintes fases culturais:

2.2.1 - Neolítico final

Pertence a esta fase fragmento de recipiente com bordo em aba, com decoração denteada na orla do lábio (Fig. 4, nº. 1).

2.2.2 - Calcolítico inicial

Ao início do Calcolítico corresponde fragmento de copo caneladado (Fig. 4, nº. 2); trata-se de um dos recipientes característicos dessa fase, na Estremadura, a par dos três fragmentos de taças, com decoração canelada (Fig. 4, nº. 5 e 6) ou incisa (Fig. 4, nº. 4), ou da taça baixa com decoração interior (Fig. 4, nº. 3), muito embora tais recipientes possam atingir o início do Calcolítico pleno, como foi demonstrado no vizinho povoado fortificado de Leceia (escavações dirigidas por J. L. C.).

2.2.3 - Calcolítico pleno

Apenas inquestionavelmente representado por fragmento de grande vaso globular (“vaso de provisões”), decorado por sulcos largos e pouco profundos em torno da abertura (Fig. 4, nº. 7).

2.2.4 - Calcolítico final

Esta fase encontra-se representada pelas cerâmicas campaniformes, de que se recolheram abundantes exemplares, repartidos pelos seguintes grupos:

- vasos de perfil suave (Fig. 4, nº. 8 a 10; Fig. 5, nº. 1 e 2). Apresentam, de modo geral, superfícies engobadas e bem polidas. Dos cinco exemplares, três ostentam decoração “marítima” e dois decoração linear; apenas em um caso se identificou a técnica incisa (Fig. 4, nº. 10), correspondendo os restantes à técnica pontilhada.

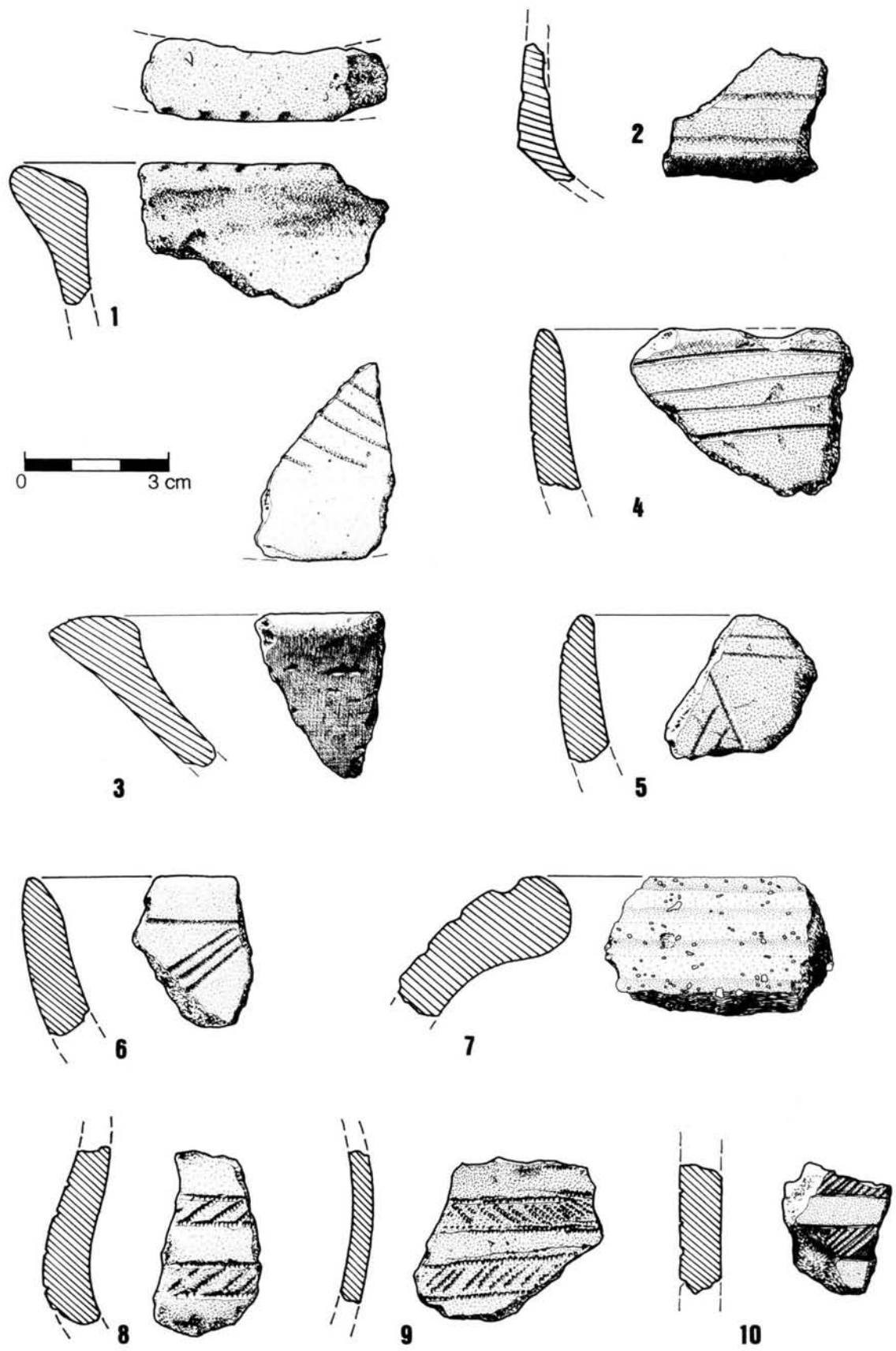


Fig. 4 – Casal de Barronhos. Cerâmicas do Neolítico final, do Calcolítico inicial e campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

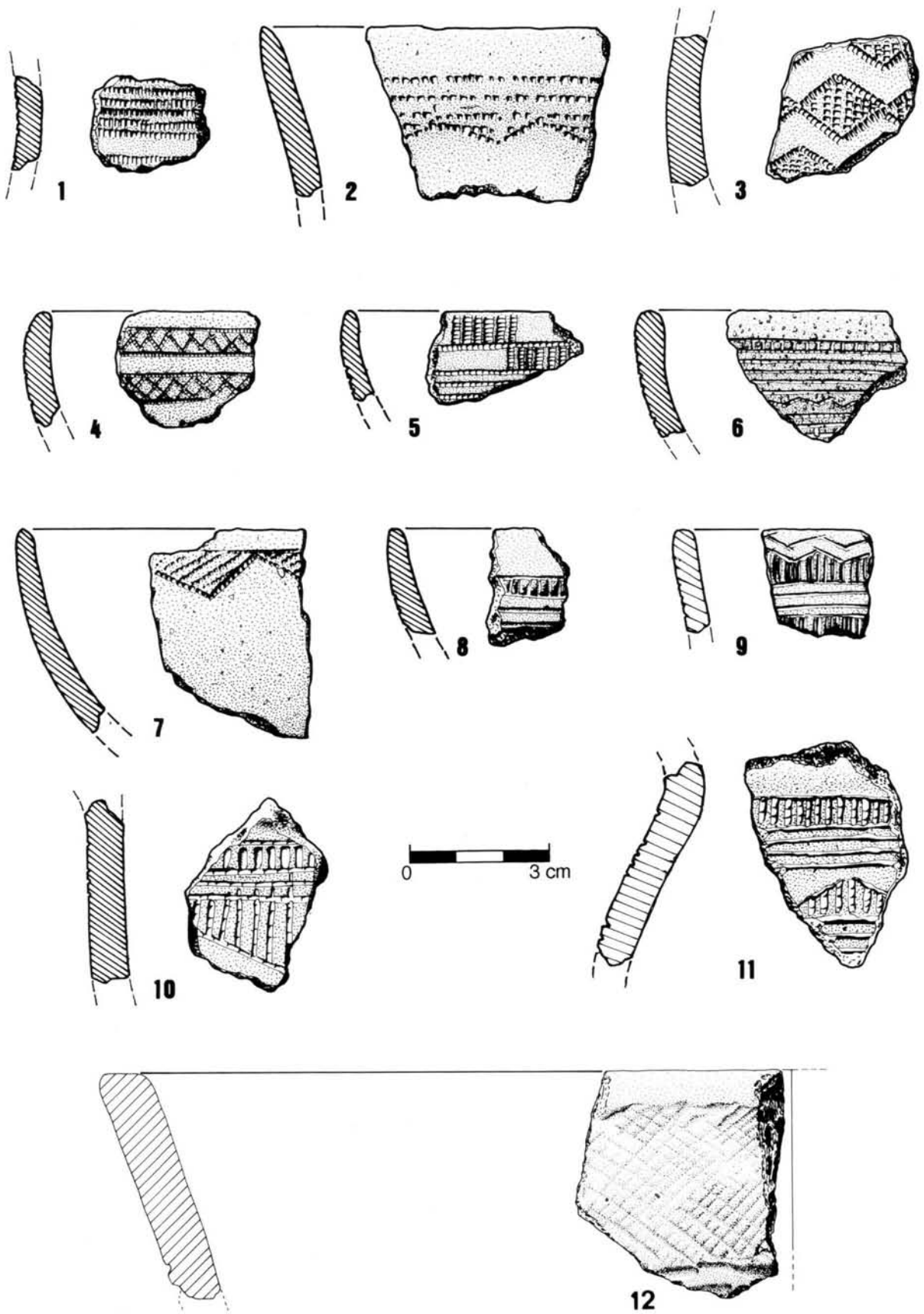


Fig. 5 – Casal de Barrinhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

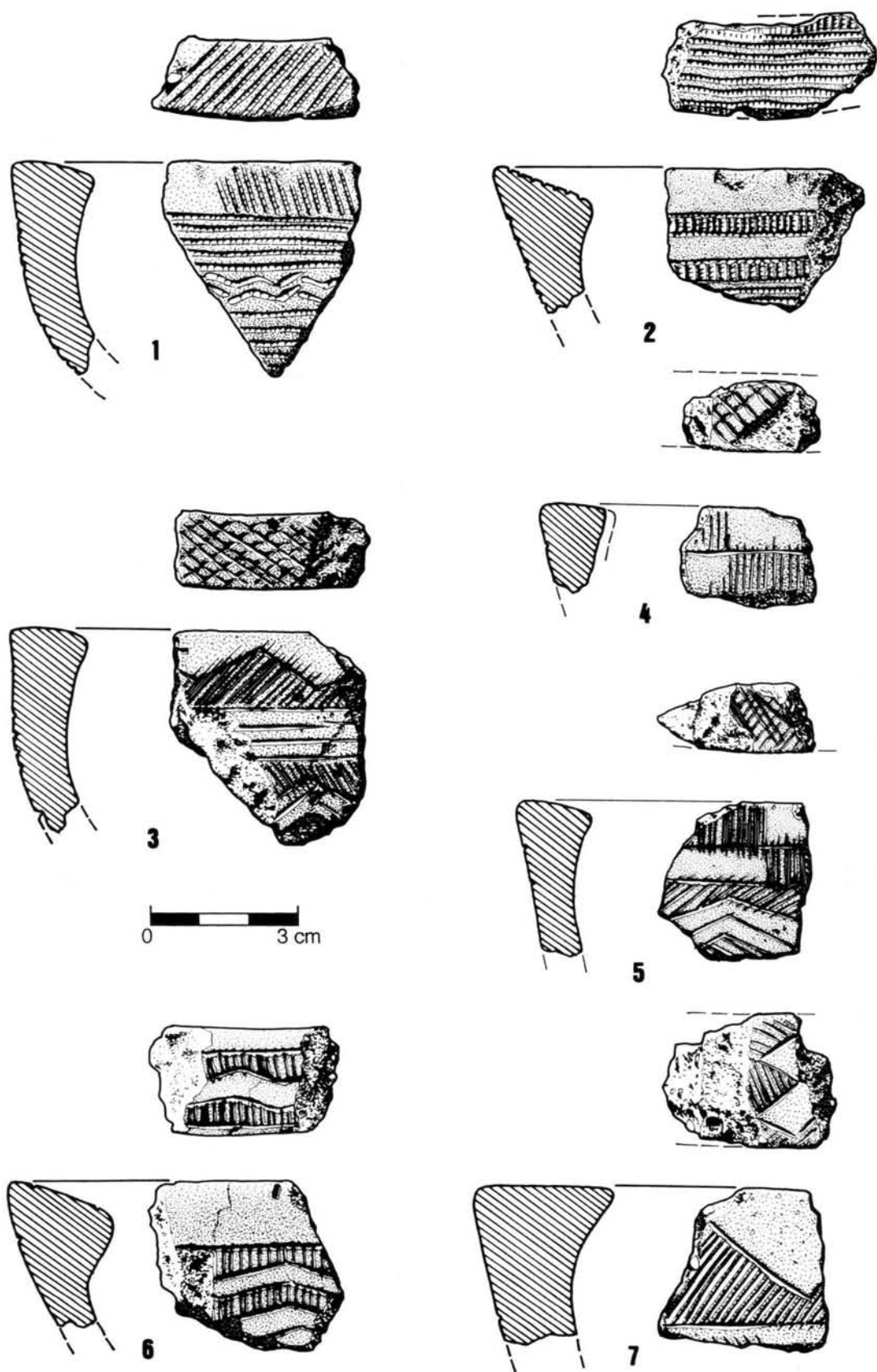


Fig. 6 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

- taças hemisféricas de bordo simples não espessado (Fig. 5, nº. 4 a 8). A proporção entre o uso da técnica pontilhada e o da incisa é idêntica à da forma anterior. As decorações são singelas, concentrando-se em estreita banda abaixo do bordo, com predomínio dos elementos decorativos lineares.

- taças de Palmela ou de bordo aplanado (Figs. 6 e 7). Tal como se verifica em outros sítios “abertos” campaniformes, de carácter habitacional, constitui a forma predominante. Dos catorze exemplares recolhidos, apenas um se encontra incompleto no bordo; dos treze restantes, doze possuem-no decorado; a exemplo do verificado no povoado de Chibanes, Palmela (CARREIRA, 1995), as taças que não possuem alargamento importante do bordo ostentam, como motivo predominante, o xadrez, no respectivo lábio. À medida que a largura aumenta, desenvolvem-se motivos cada vez mais complexos, avultando combinações de triângulos e losangos preenchidos interiormente. Da mesma forma, as métopas são características dos exemplares de maiores dimensões, sejam eles com decoração pontilhada ou incisa.

- caçoilas de ombro (Fig. 8). Todos os exemplares recolhidos apresentam decoração a pontilhado. Predominam recipientes de pequenas dimensões (Fig. 8, nº. 3 a 5 e 7), a par de outros, de médias (Fig. 8, nº. 6) ou grandes dimensões (Fig. 8, nº. 1 e 2). Nalguns casos a decoração pontilhada confunde-se com linhas incisadas devido à profundidade das impressões. No que concerne a motivos decorativos, predominam os triângulos preenchidos.

- caçoilas carenadas (Fig. 5, nº. 9, 11 e 12). Esta forma, tida tradicionalmente por tardia nos conjuntos campaniformes, diferencia-se da anterior por uma maior inclinação das paredes podendo, assim, isolar-se, mesmo na falta da respectiva carena; dos três fragmentos recolhidos, dois são incisos (nº. 9 e 12) e um decorado a pontilhado (nº. 11).

- formas indeterminadas (Fig. 5, nº. 3 e 10; Fig. 9 e Fig. 10, nº. 1 a 5). Nesta rubrica incluem-se diversos fragmentos, com e sem bordo, ostentando diversas técnicas e motivos decorativos; no que concerne à técnica decorativa, identificaram-se dez fragmentos com decoração incisa (Fig. 9, nº. 4, 8 a 11 e Fig. 10, nº. 1 a 5) e seis com decoração pontilhada (Fig. 9, nº. 1 a 3 e 5 a 7). Quanto aos motivos decorativos, dominam os triângulos preenchidos.

A análise das formas campaniformes do Casal de Barrinhos conduziu aos seguintes resultados:

- vasos de perfil suave - 5 exemplares; um com decoração incisa e os restantes a pontilhado;
- taças hemisféricas de bordo simples não espessado - 5 exemplares; um com decoração incisa e quatro a pontilhado;
- taças de Palmela ou de bordo aplanado - 14 exemplares; nove apresentam decoração a pontilhado;
- caçoilas de ombro - 7 exemplares; todas com decoração a pontilhado;
- caçoilas carenadas - 3 exemplares; apenas um exemplar é a pontilhado;
- formas indeterminadas - 18 exemplares; dez possuem decoração incisa.

Apesar de ser conjunto de recolha superficial, parece evidenciar-se, na referida distribuição, uma certa coerência interna, com paralelos noutros pequenos povoados campaniformes da região (CARDOSO & CARREIRA, 1996), a ser assim, tal espólio corresponderia ao estacionamento, por certo durante um período de tempo limitado, de pequena comunidade, atraída pela abundância de água e pela fertilidade do solo.

De considerar, ainda, dois fragmentos de “cinchos” (Fig. 10, nº. 6 e 7), presumivelmente utilizados na produção de lacticínios. Considerando a larga predominância, no espectro cerâmico, dos fragmentos campaniformes, é crível que estes também se integrem naquele conjunto.

2.2.5 - Idade do Bronze

No conjunto das cerâmicas lisas ocorrem formas indubitavelmente da Idade do Bronze (Fig. 11 e 12); destes a larga maioria pode inscrever-se no Bronze Final; apenas um pequeno conjunto, será anterior, de que destacamos:

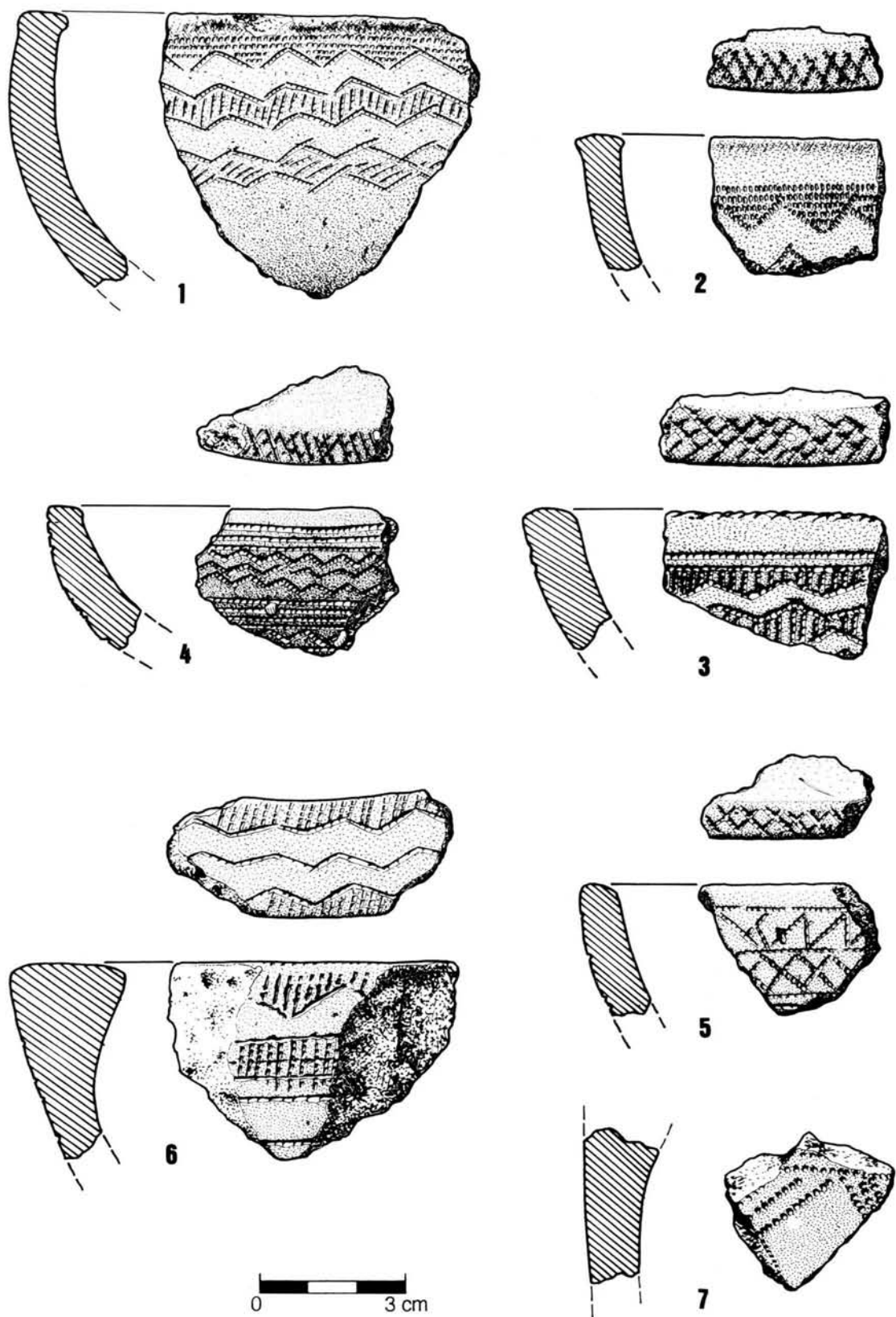


Fig. 7 – Casal de Barrinhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

- um “applique” mamilóide localizado sobre vaso de carena suave (Fig. 11, nº. 1), com paralelos na necrópole do Bronze I do Sudoeste de Atalaia (Ourique), sepultura IV, 9 (SCHUBART, 1965, Fig. 14 b);
- um bordo de garrafa, recordando exemplares do Bronze do Sudoeste e da Estremadura (Fig. 11, nº. 2);
- um fragmento de peça incurvada, de secção circular, cuja função se ignora (Fig. 11, nº. 3). Morfologicamente, aproxima-se dos pesos de tear em forma crescente e secção circular do Calcolítico do Sudoeste, mas é de tamanho muito superior. Alguns exemplares conhecidos em outras estações conservam as extremidades, que são aplanadas, excluindo a hipótese de corresponder a asa de recipiente.

De entre os restantes fragmentos cerâmicos da Fig. 11, avultam os bordos golpeados (Fig. 11, nº. 4 e 6), que têm no povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986) o seu mais próximo paralelo bem datado (século XIII AC, cf. CARDOSO, 1995).

As formas mais abundantes correspondem às grandes taças de carena média ou alta bem marcada e parede interna suavizada (Fig. 11, nº. 1, 3 a 7). Outra forma análoga mas de tamanho menor, ostenta asa (crivelmente de fita) que ligava a carena e o bordo (Fig. 12, nº. 9). De mencionar, ainda, duas formas pouco comuns: pequeno pote de colo estrangulado (Fig. 12, nº. 8) e uma rara taça hemisférica com duas perfurações paralelas, tubulares e verticais (Fig. 12, nº. 10).

3 - CONCLUSÕES

O estudo dos materiais cerâmicos da estação pré-histórica de Barrinhos permitiu as seguintes conclusões gerais:

1 - Trata-se de sítio aberto, no sopé de pequena elevação, dominando o estuário do Tejo e nas proximidades imediatas de pequeno curso de água e de nascentes, que teriam justificado, em parte, a preferência dada à sua ocupação em diversos momentos da Pré-história.

2 - O estudo do espólio permitiu identificar diversas presenças ao longo de cerca de dois milénios: desde, pelo menos o Neolítico final (segunda metade do IV milénio, princípios do III milénio AC) até o Bronze Final (finais do II, princípios do I milénio AC).

3 - A presença ante-campaniforme é ténue: tal facto deverá ser interpretado à luz da estratégia de ocupação do território então vigente, privilegiando a concentração de populações em sítios altos e melhor defensáveis, distribuindo-se, pelos campos adjacentes (onde se dedicavam à agricultura, pastoreio, actividades silvícolas e cinegéticas), segmentos de tais comunidades, em fase crescente de diferenciação social; a estação de Barrinhos documenta, justamente, um desses casos, ainda tão pouco conhecidos.

4 - A abundância de cerâmicas campaniformes, coincide com o período mais pujante da estação. Tal situação tem paralelo em outros locais da baixa Estremadura; no referido período, ter-se-ia assistido, pois, à pulverização pela região de pequenos grupos humanos, sediados em locais abertos, e de carácter precário, recordando a situação vigente mais de um milénio antes, no Neolítico final. Neste particular, Barrinhos constitui exemplo dos mais evidentes, ilustrando cabalmente tal modelo.

5 - Documentando a larga diacronia da ocupação, no decurso da Idade do Bronze, e especialmente no seu final, torna o local a ser escolhido para estacionamento de pequena comunidade, voltada para a exploração agrícola dos férteis terrenos adjacentes, corporizada por numerosos povoados da região.

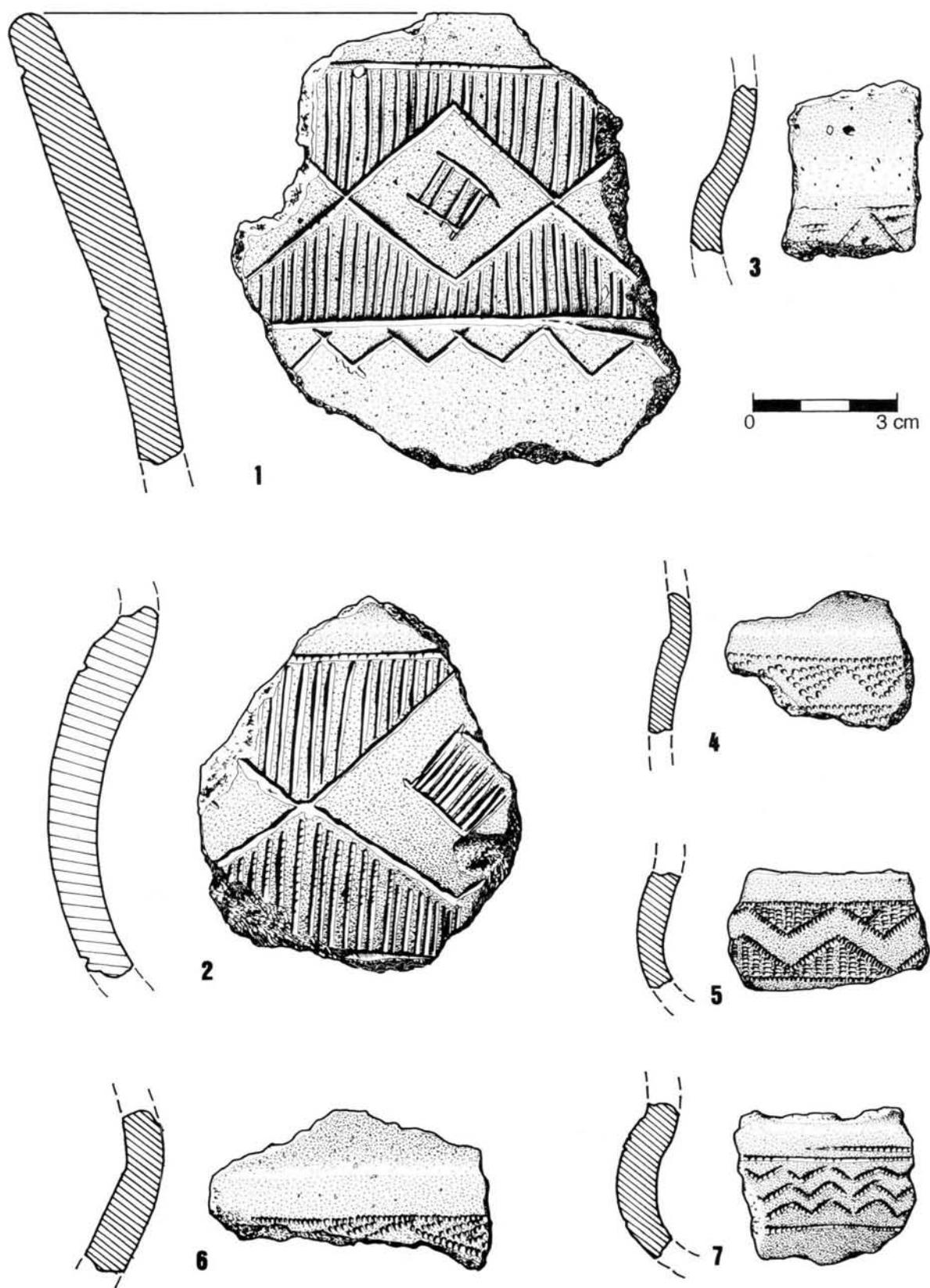


Fig. 8 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

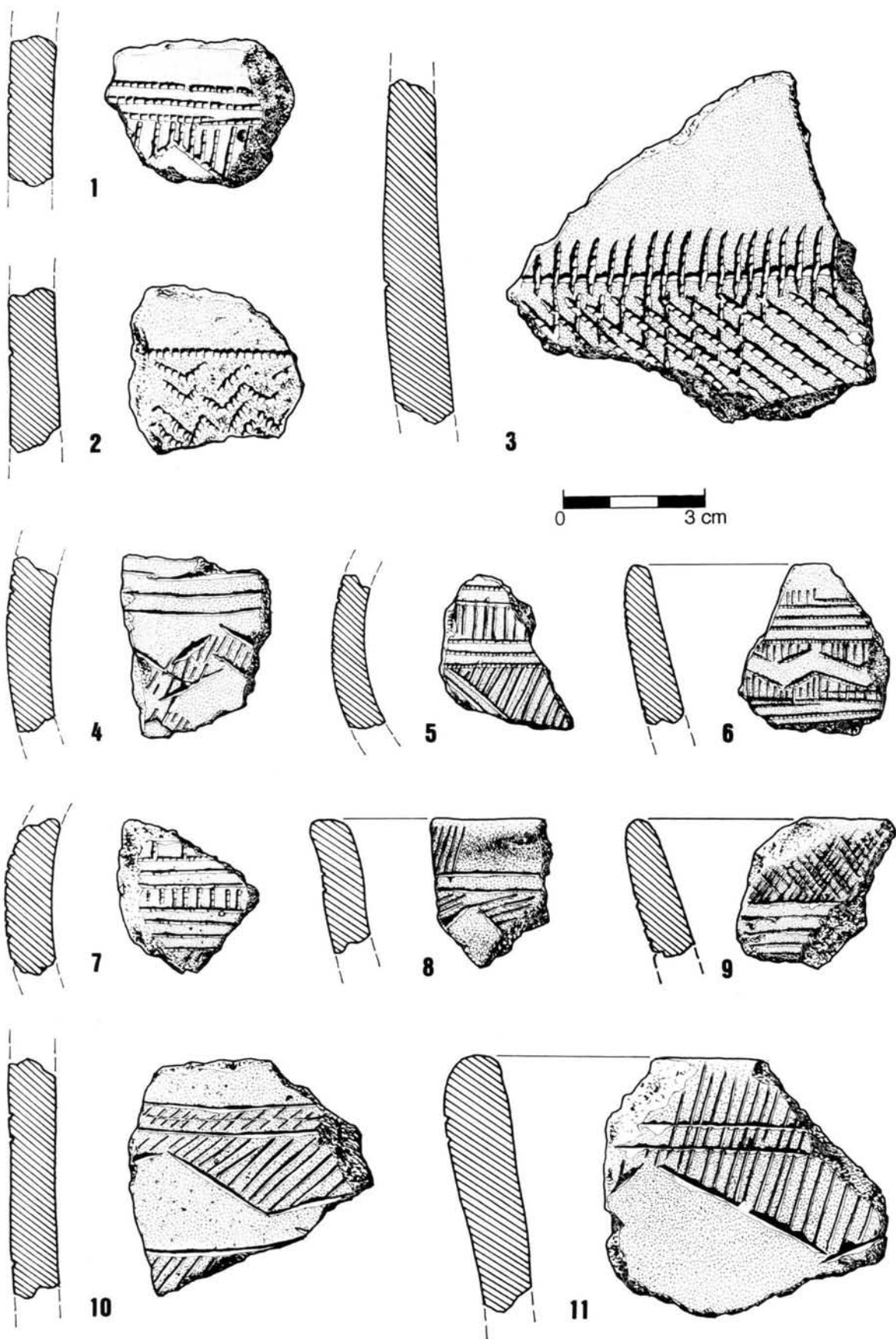


Fig. 9 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes (desenhos de Carlos Lemos).

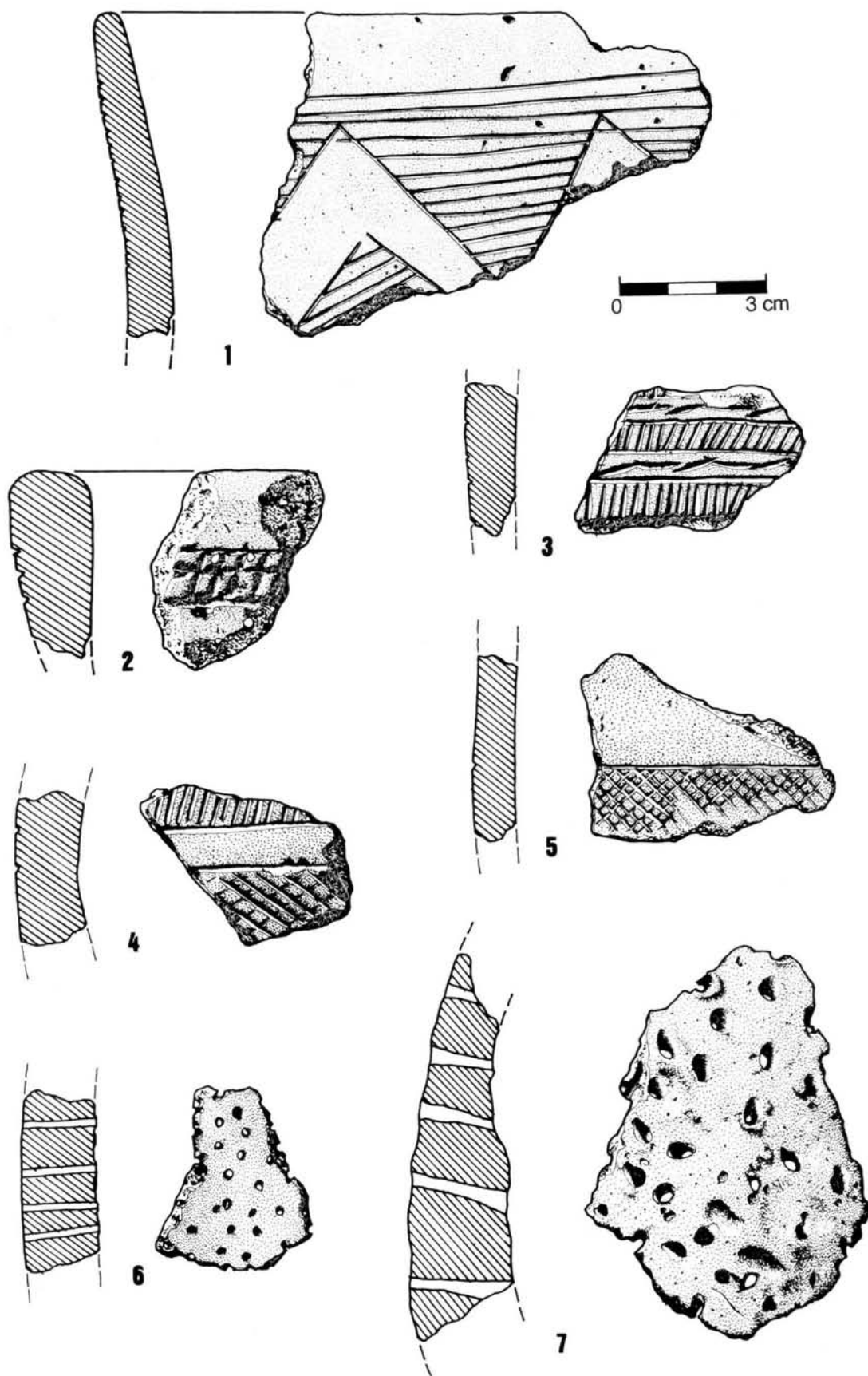


Fig. 10 – Casal de Barronhos. Cerâmicas campaniformes e industriais (desenhos de Carlos Lemos).

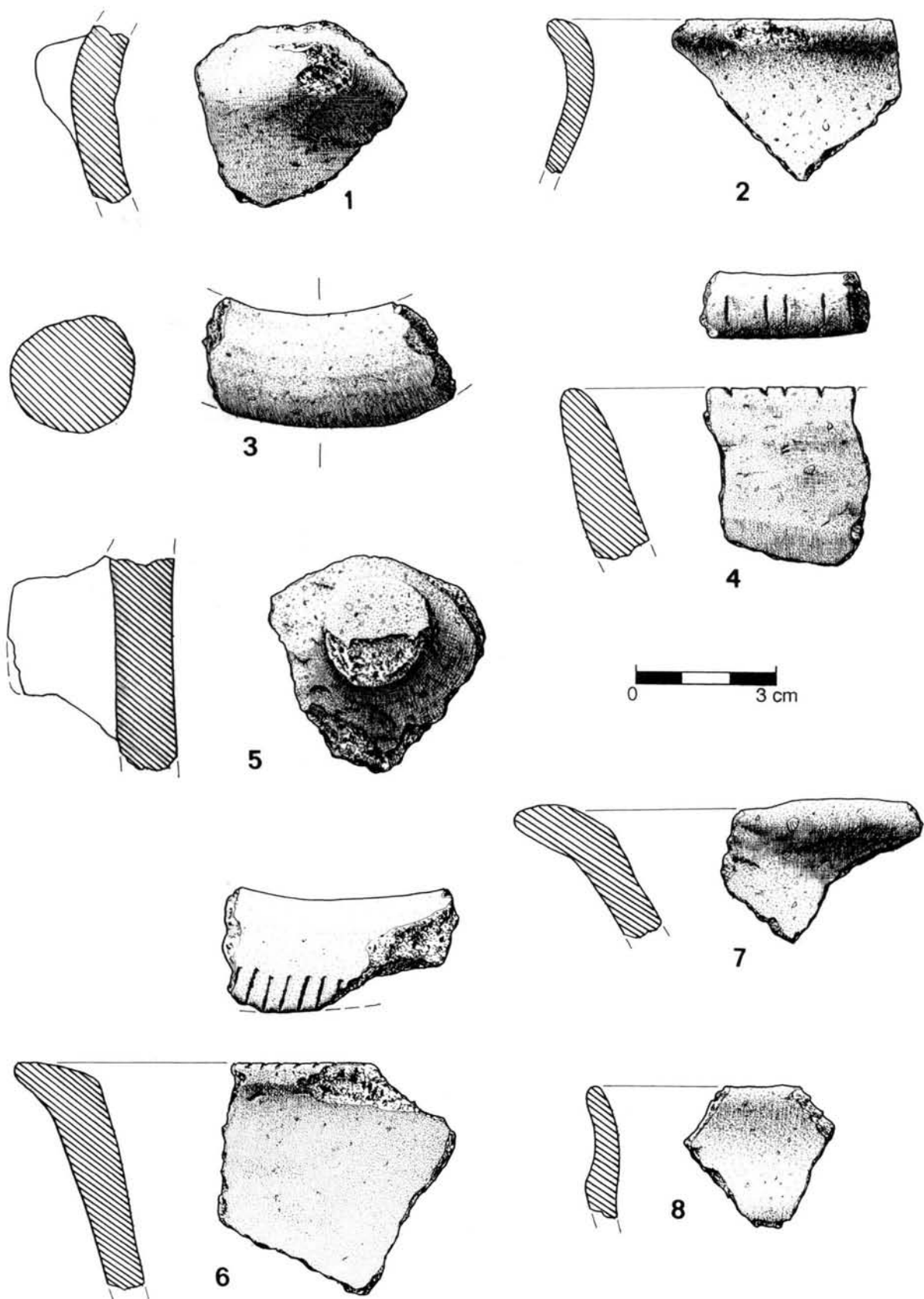


Fig. 11 – Casal de Barronhos. Cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

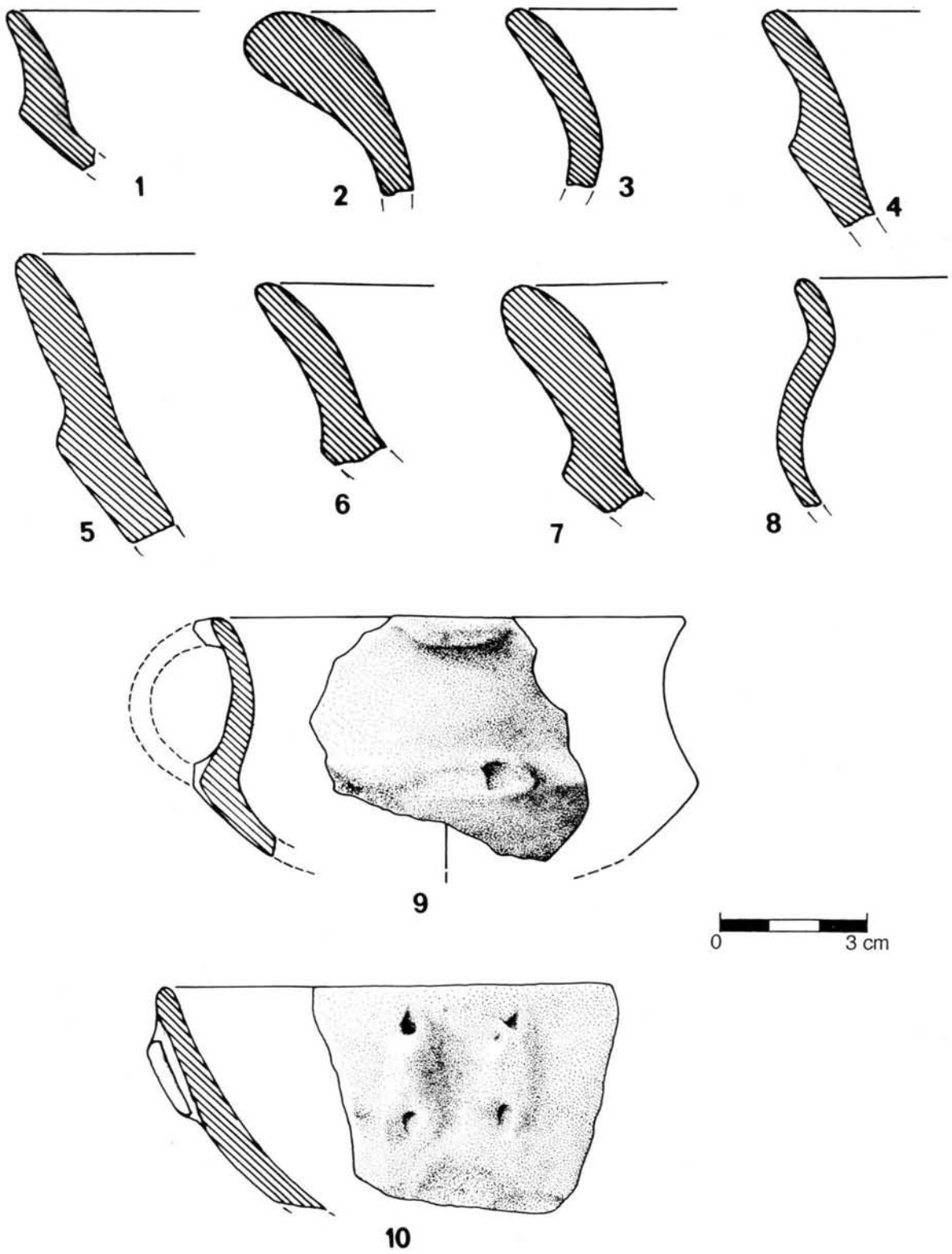


Fig. 12 – Casal de Barrinhos. Cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.

CARDOSO, J. L.; & CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 317-340.

CARDOSO, J. M.; MACHADO, A. & GAIVOTO, C. (1985) - Casal de Barrinhos - período Calcolítico. *Informação Arqueológica*, 5, p. 17.

CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) - A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*, 2^a. Série, 15, p. 3-18.

CARREIRA, J. R. (1995) - A ocupação pré-histórica do alto de Chibanes (Palmela). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3. Lisboa. (no prelo).

SCHUBART, H. (1965) - Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22, p. 7-136.

SCHUBART, H. (1971) - Acerca de la ceramica del Bronce tardio en el Sur y Oeste peninsular (Separata de 32 p.). *Trabajos de Prehistoria*, 28.

MATERIAIS CAMPANIFORMES E DA IDADE DO BRONZE DO CONCELHO DE SINTRA

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Júlio Roque Carreira⁽²⁾

1 - INTRODUÇÃO

Neste trabalho publicam-se materiais inéditos, cerâmicos e líticos, de época campaniforme e da Idade do Bronze, provenientes de diversas estações do concelho de Sintra, prospectadas em diversas épocas e por diferentes investigadores. Assim, do povoado do Alto do Montijo, conhecido desde a década de 1950 (FRANÇA & FERREIRA, 1951), estuda-se conjunto coerente de materiais cerâmicos campaniformes recolhidos pelo Arq. Gustavo Marques. Do Museu Regional de Sintra, estudam-se materiais campaniformes dos pequenos núcleos domésticos de Fetal, Pombal e Funchal, os últimos também com espólio do Bronze Final. Embora já objecto de curto estudo anterior (CARNEIRO, 1991), a publicação de tais cerâmicas, na totalidade inéditas, justifica-se plenamente. Enfim, à colecção Medeiros (Mafra), pertencem os materiais campaniformes e da Idade do Bronze do povoado de Anços, também inéditos.

A distribuição geográfica das estações, todas de natureza habitacional apresenta-se na Fig. 1. Trata-se de sítios implantados ora em zonas abertas e aplanadas, com coberturas arenosas, próximas do litoral (Pombal e Fetal) ora em domínios de geomorfologia mais movimentada, situados mais no interior, possuindo, aparentemente, estreitas relações com afloramentos monolíticos de rochas ígneas (Anços). Porém, apenas o Alto do Montijo se situa em elevação individualizada.

2 - ESTAÇÕES E MATERIAIS

2.1 - Alto do Montijo

Este povoado situa-se numa elevação basáltica com a cota de 166 m (Fig. 2), cerca de 1 Km a Sul da povoação de Montelavar e do lado poente da estrada nacional que vem de Sintra. Na primeira notícia (FRANÇA & FERREIRA, 1951), publicam-se já numerosos fragmentos de cerâmicas campaniformes, conservadas no Museu do Instituto Geológico e Mineiro. As cerâmicas agora apresentadas, todas inéditas, resultaram de prospecções de superfície e de sondagens restritas.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar. 1500 Lisboa.*

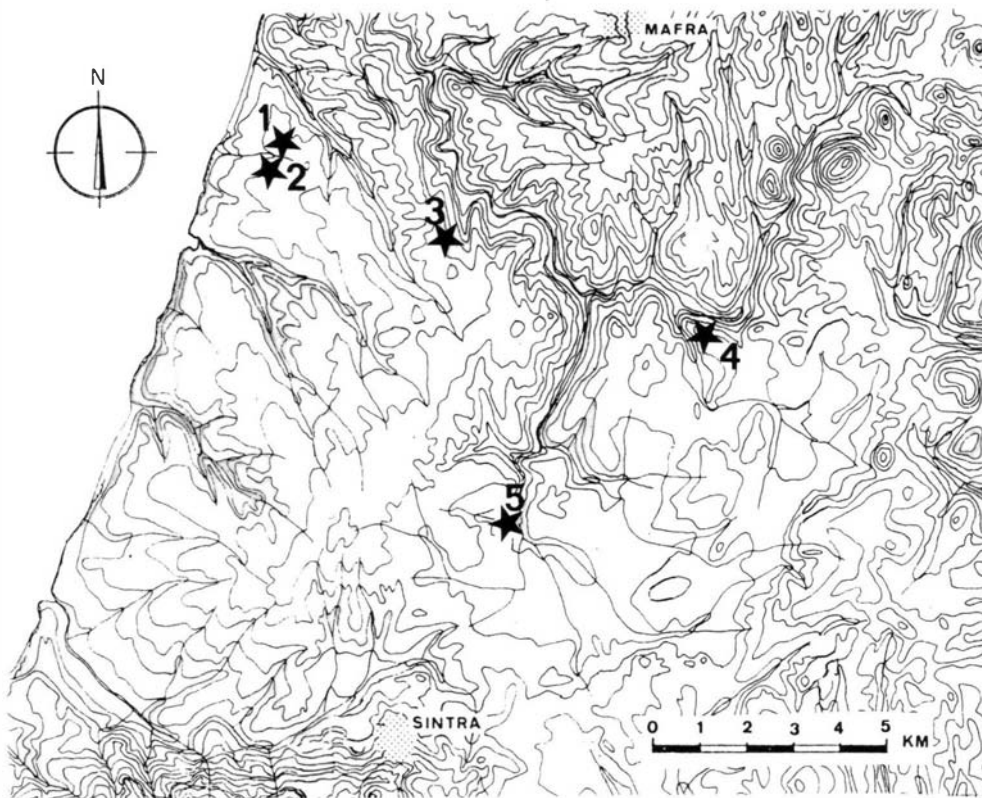


Fig. 1 – Estações campaniformes e da Idade do Bronze estudadas: 1 - Pombal; 2 - Fetal; 3 - Funchal; 4 - Anços; 5 - Alto do Montijo (1 e 2, seg. PIMENTA, 1982/83, Carta II; 3, seg. CARNEIRO, 1991, p. 231). Localizações aproximadas.



Fig. 2 – O Alto do Montijo (fot. de J. L. Cardoso).

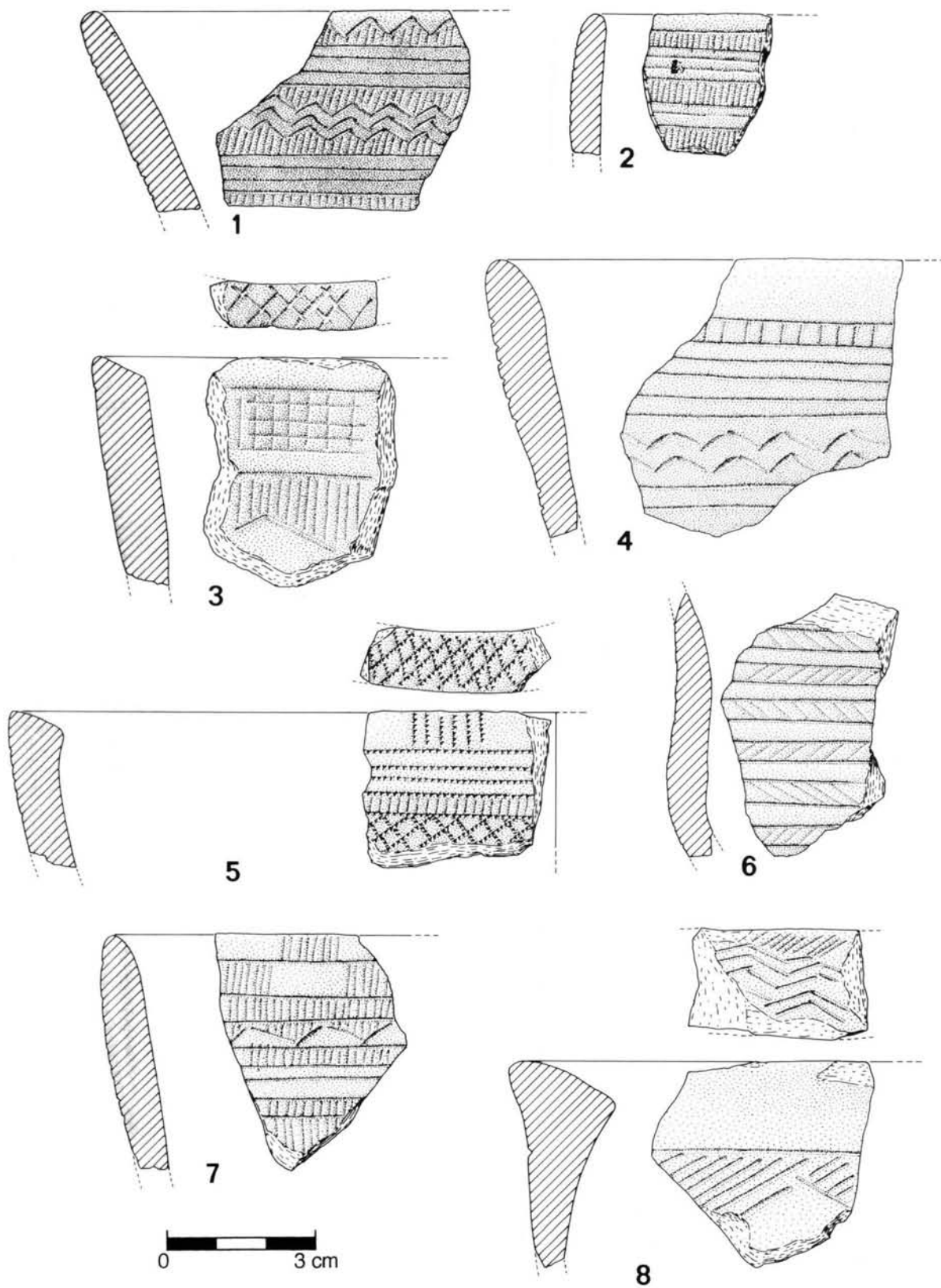


Fig. 3 – Alto do Montijo. Cerâmicas campaniformes.

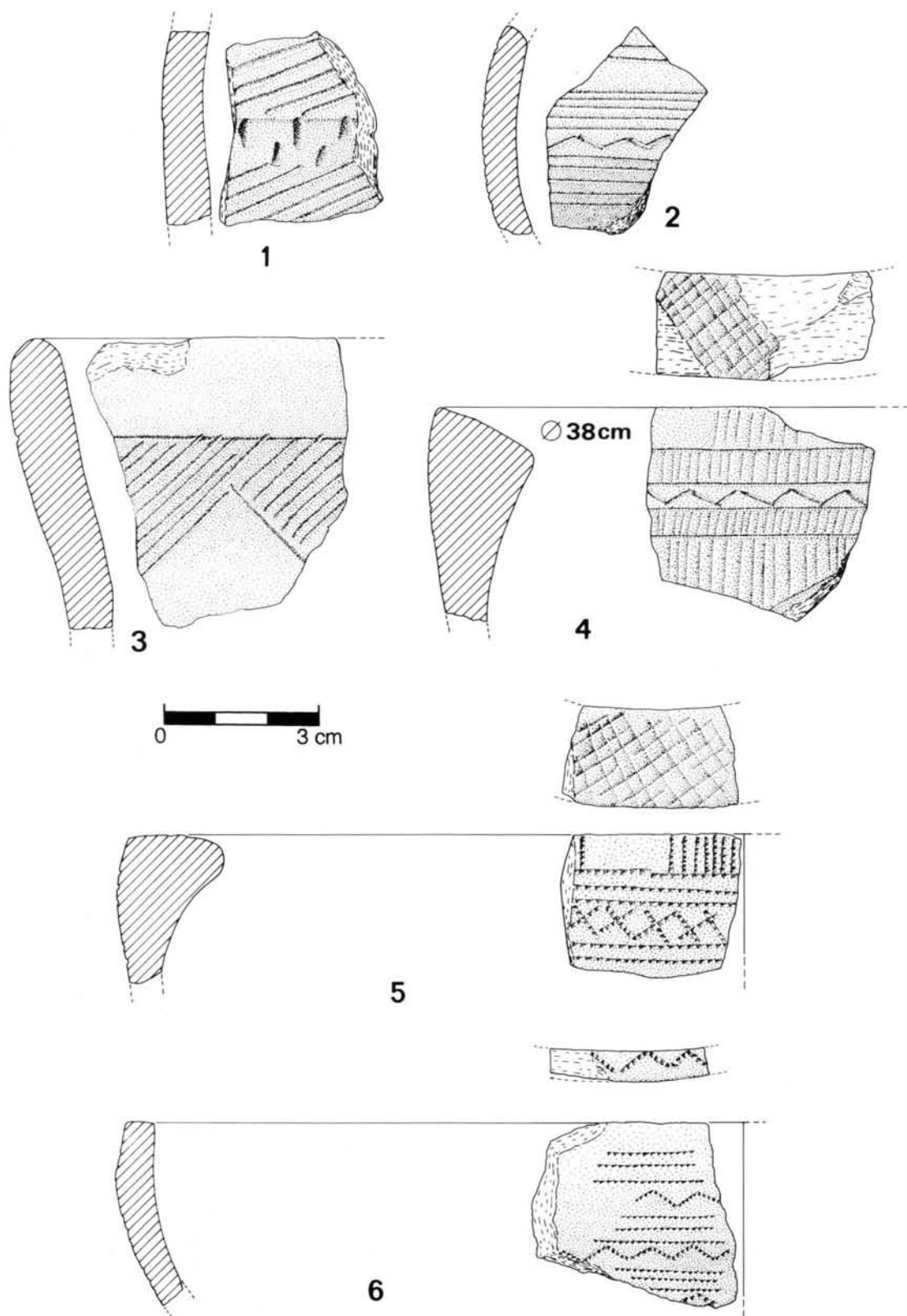


Fig. 4 – Alto do Montijo. Cerâmicas campaniformes.

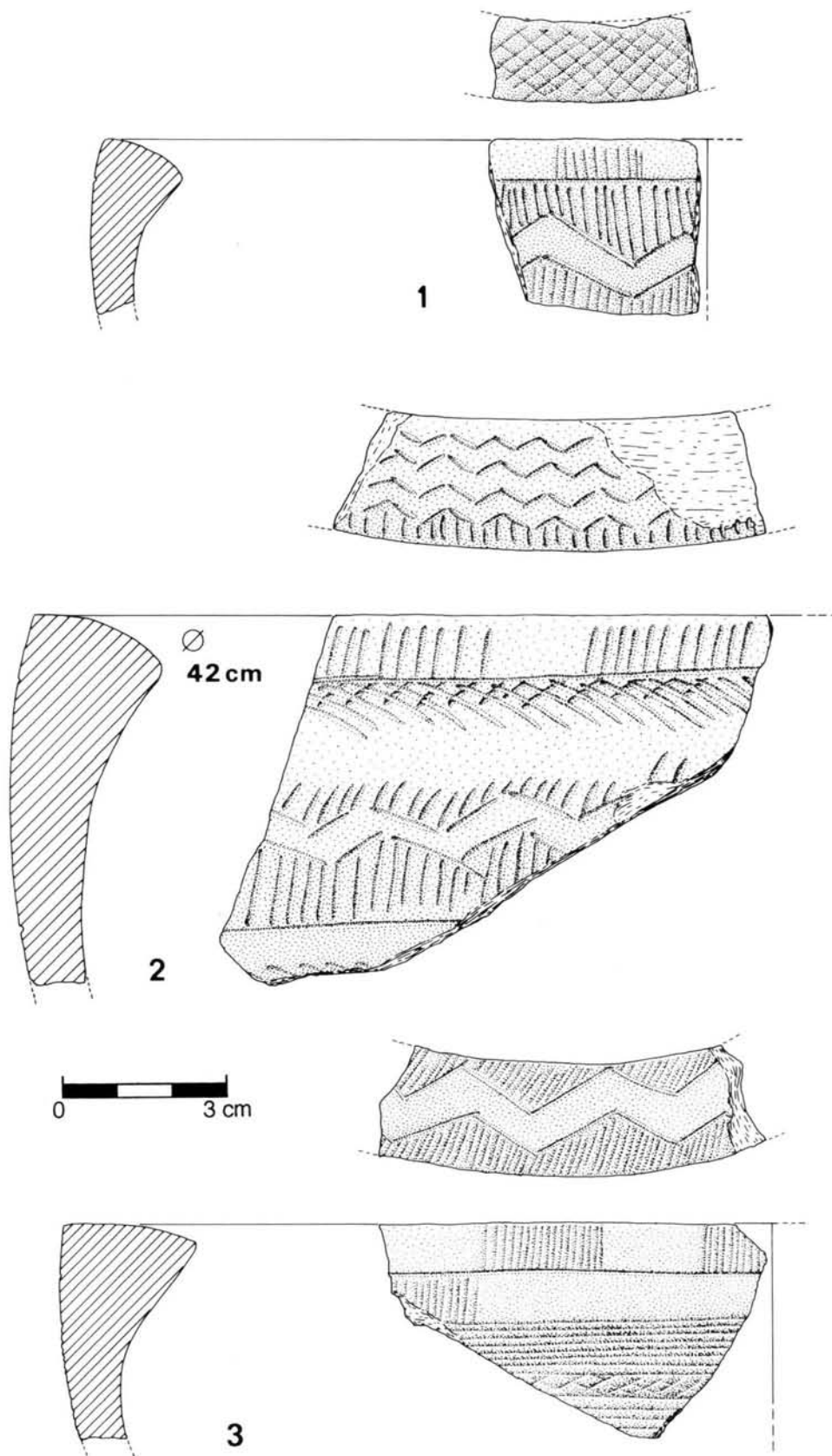


Fig. 5 – Alto do Montijo. Cerâmicas campaniformes.

Exclusivamente campaniformes, podem distribuir-se pelos seguintes grupos:

- Vasos campaniformes de perfil suave: um exemplar, com decoração “internacional” incisa (Fig. 3, nº. 6);
- Vasos hemisféricos: um exemplar, com decoração incisa de bandas horizontais preenchidas interiormente por linhas verticais (Fig. 3, nº. 2);
- Caçoilas, conservando-se apenas o bordo e a parte superior do colo: cinco exemplares, todos com decoração incisa (Fig. 3, nº. 1, 3, 4 e 7; Fig. 4, nº. 3); de salientar a existência de decoração no lábio de um deles (Fig. 3, nº. 3);
- Taças tipo Estoril: trata-se de forma definida por HARRISON (1977, p. 17), caracterizada por possuir bordo não espessado com lábio decorado e aplanado, e decoração simples, em geral a pontilhado na parte superior do bojo; está representada por dois exemplares (Fig. 3, nº. 5; Fig. 4, nº. 6), ambos decorados a pontilhado;
- Taças tipo Palmela: é a forma mais comum no conjunto, estando representada por oito exemplares de tamanhos e temáticas decorativas muito diversas (Fig. 3, nº. 8; Fig. 4, nº. 4 e 5; Fig. 5, nº. 3; Fig. 6, nº. 1 e 2). Sete exemplares ostentam a técnica incisa, embora um deles tenha a particularidade de evidenciar a associação desta técnica com a pontilhada (Fig. 4, nº. 5); a largura dos lábios dos recipientes é em geral apreciável, ultrapassando em três deles 2,5 cm. De salientar os exemplares da Fig. 5, nº. 3 e da Fig. 6, nº. 2, pelo pormenor da decoração, provavelmente obtida por lâminas metálicas, atendendo à densidade e finura dos incisões produzidas;
- Formas indeterminadas - representados por dois fragmentos incisos que, pela pequenez e ausência de elementos morfológicos relevantes (bordo, carena), se integram nesta categoria (Fig. 4, nº. 1 e 2). De destacar o primeiro, pela sua decoração pseudo-excisa, produzida por impressões alternantes, com paralelos em diversos povoados da região de Lisboa, até ao Norte do país, inventariados por um de nós (CARREIRA, 1994, p. 65).

2.2 - Casal dos Pianos

Sob esta designação, CARNEIRO (1991, p. 233) refere dois locais, onde teriam sido recolhidos materiais cerâmicos campaniformes. Um (Casal dos Pianos I) trata-se de sítio romano escavado por J. Cardim Ribeiro; o outro (Casal dos Pianos II) corresponde a achados de superfície. No Museu Regional de Sintra, os materiais da zona de Casal dos Pianos encontram-se referenciados por dois topónimos:

- Pombal - Casal dos Pianos;
- Fetal - Casal dos Pianos.

A localização geográfica de ambos os topónimos foi apresentada já por diversos autores. No presente estudo, seguiu-se a de PIMENTA (1982/83, Carta 1). Trata-se de locais situados na orla da plataforma litoral, sobre coberturas arenosas de origem eólica (Fig. 1 e 7).

2.2.1 - Fetal

Quatro fragmentos campaniformes, distribuídos pelas seguintes formas:

- Caçoila - um exemplar com decoração incisa na parte superior do bojo (Fig. 8, nº. 1) de paredes consideravelmente espessas;
- Taça em calote - um exemplar com decoração de métopas incisivas (Fig. 8, nº. 2);
- Taças “tipo Palmela” - dois exemplares de lábios decorados tenuamente espessados, um com técnica incisa (Fig. 8, nº. 3) outro com decoração a pontilhado (Fig. 8, nº. 4).

2.2.2 - Pombal

Cerâmicas lisas calcolíticas:

- Esféricos - três exemplares (Fig. 9, nº. 1; Fig. 10, nº. 2; Fig. 13, nº. 1);
- Taças em calote - três exemplares, dos quais um (taça baixa) tem paredes muito espessas, e bordo de lábio aplanado (Fig. 9, nº. 2); os outros dois figuram-se na Fig. 10, nº. 4 e 5.
- Vaso de corpo cilíndrico - um exemplar, que não se confunde, pelas características da pasta, acabamento e espessura, com os clássicos “copos” do Calcolítico inicial (Fig. 10, nº. 1);

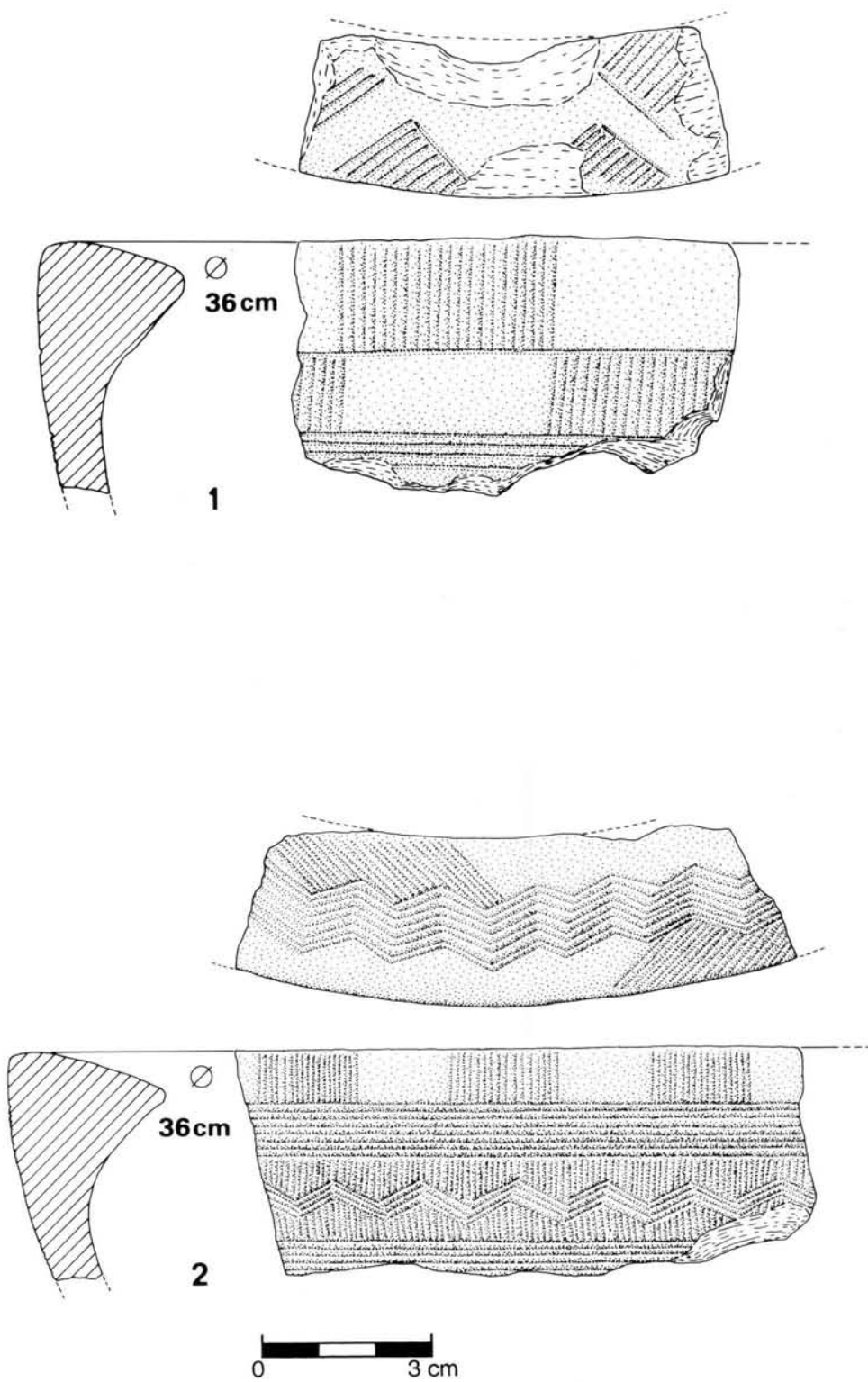


Fig. 6 – Alto do Montijo. Cerâmicas campaniformes.

- Taças de lábio aplanado - um exemplar susceptível de ser contemporâneo dos homólogos decorados, de época campaniforme (Fig. 10, nº. 3).

Cerâmicas decoradas calcolíticas:

Trata-se exclusivamente de materiais campaniformes, na larga maioria dos casos decorados pela técnica incisa; estão presentes as seguintes formas:

- Vasos campaniformes - um pequeno fragmento inciso (Fig. 10, nº. 9);
- Caçoilas de grandes dimensões - quatro exemplares incisos, três deles com o bordo ligeiramente espessado e lábio aplanado, embora não decorado (Fig. 10, nº. 7; Fig. 11, nº. 1; Fig. 12, nº. 6). Saliente-se a grande semelhança do exemplar da Fig. 11, nº. 1, com exemplar figurado por HARRISON (1977, Fig. 44, nº. 209) proveniente da gruta da Ponte da Lage, Oeiras. Um quinto exemplar tem bordo adelgado e é decorado a pontilhado (Fig. 12, nº. 5), tal como um dos exemplares incisos atrás referido (Fig. 12, nº. 8);
- Taças em calote - seis exemplares, todos com decoração incisa (Fig. 10, nº. 6, 8 e 10; Fig. 11, nº. 2 a 4). As decorações dos exemplares da Fig. 10 merecem destaque: o nº. 2 corresponde a uma associação da técnica incisa com a impressa (por impressões circulares), constituindo um raro motivo pseudo-exciso; o nº. 3 revela semelhanças com a decoração "marítima", pouco usual neste tipo de recipientes; por último, o nº. 4 exhibe decoração densa, constituída por finas linhas incisivas paralelas (decoração linear pura), também ela pouco frequente;
- Taças tipo Palmela - apenas representadas por um exemplar, de técnica incisa (Fig. 12, nº. 7);
- Formas indeterminadas - cinco exemplares, quatro incisos (Fig. 10, nº. 11; Fig. 12, nº. 1, 2 e 4) e um pontilhado (Fig. 12, nº. 3). Dois fragmentos, pertencentes provavelmente a caçoilas de grandes dimensões (Fig. 12, nº. 2 e 4) exibem decoração pseudo-excisa, idêntica à da taça já referida.

Cerâmicas da Idade do Bronze:

A este grupo pertencem seguramente, pela tipologia, os fragmentos da Fig. 13, nº. 2 e 3, se bem que alguns exemplares anteriormente atribuídos ao Calcolítico, designadamente os esféricos, possam larga diacronia, podendo em parte pertencerem à Idade do Bronze.

2.3 - Funchal

São dois os locais que, sob a designação Funchal I e Funchal II, forneceram cerâmicas campaniformes (CARNEIRO, 1991, p. 232). Os materiais de Funchal I não se encontram no Museu Regional de Sintra; em conformidade, os que agora se apresentam, pertencentes àquela Instituição, provêm de Funchal II.

Trata-se de encosta suave, adjacente à povoação do mesmo nome, desenvolvendo-se para Sudoeste; a área de recolha de materiais encontra-se limitada por estrada, do lado ocidental.

Cerâmicas decoradas campaniformes:

- Vasos campaniformes - três exemplares, todos eles com decoração "marítima" incisa (Fig. 14, nº. 5, 6 e 11);
- Caçoilas de ombro - representadas por dois fragmentos, ambos incisos (Fig. 14, nº. 1 e 3);
- Caçoilas carenadas - um exemplar inciso (Fig. 14, nº. 2);
- Taças em calote - um exemplar inciso (Fig. 14, nº. 4);
- Taças tipo Palmela - um exemplar decorado a pontilhado (Fig. 14, nº. 10);
- Taças tipo Estoril - um exemplar decorado a pontilhado, com temática característica deste tipo de recipientes, correspondendo à associação de linhas horizontais e quebradas (Fig. 15, nº. 8);
- Formas indeterminadas - integram-se neste grupo diversos fragmentos que não permitem identificação das respectivas formas. Todos se apresentam com decoração incisa (Fig. 14, nº. 7, 8, 9 e 12; Fig. 15, nº. 7).

Cerâmicas lisas da Idade do Bronze:

Representadas por formas características, tanto abertas como fechadas, a saber:

- Taças carenadas (Fig. 15, nº. 3, 4, 5 e 10; Fig. 16, nº. 7); um exemplar diferencia-se dos restantes pela geometria da carena, confundindo-se com exemplares do Neolítico final (Fig. 15, nº. 10);
- Potes carenados (Fig. 16, nº. 5);



Fig. 7 – Casal dos Pianos - Fetal. Vista parcial, do lado direito da estrada, do provável local de recolha dos materiais estudados (fot. de J. L. Cardoso).

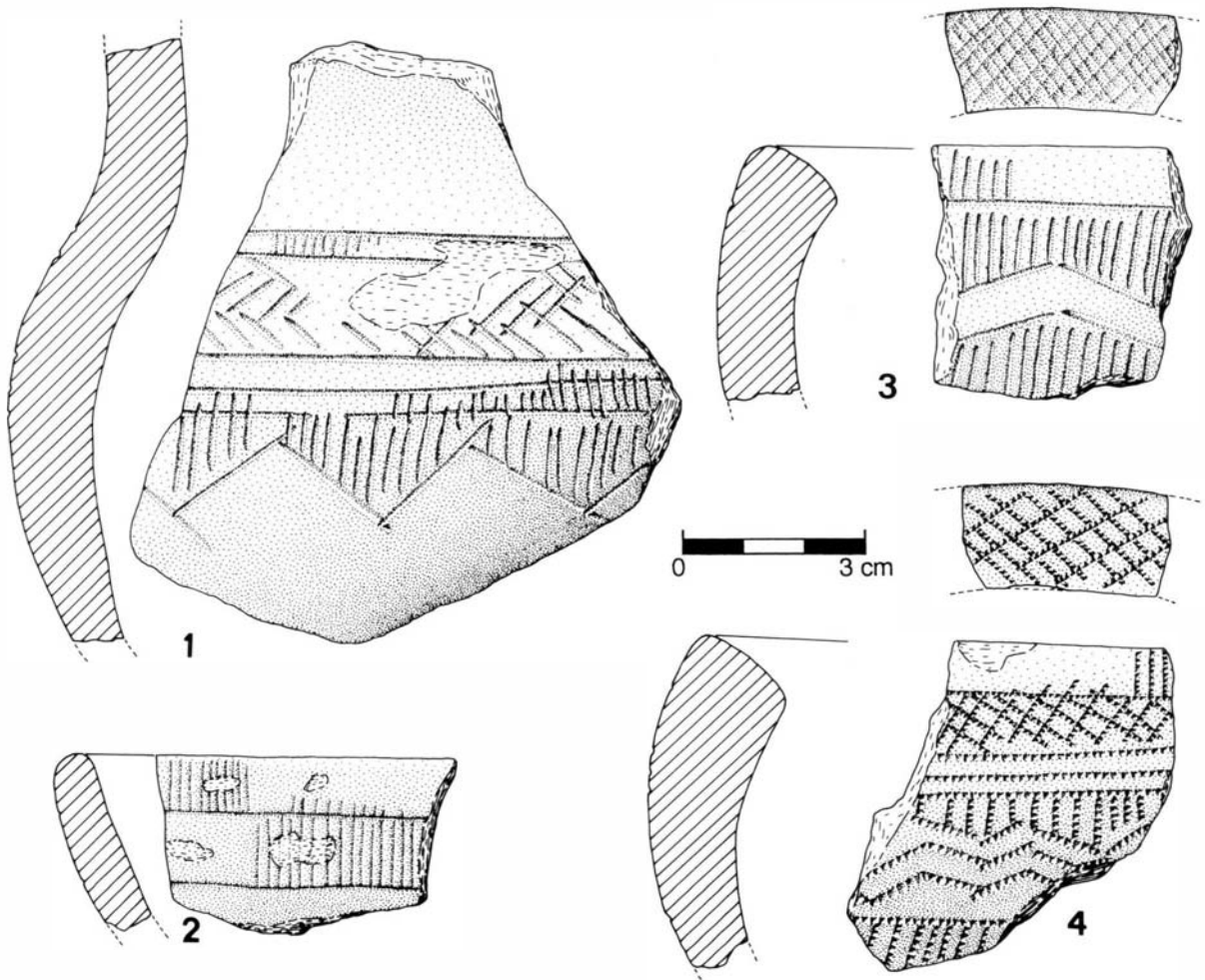


Fig. 8 – Casal dos Pianos. Cerâmicas campaniformes.

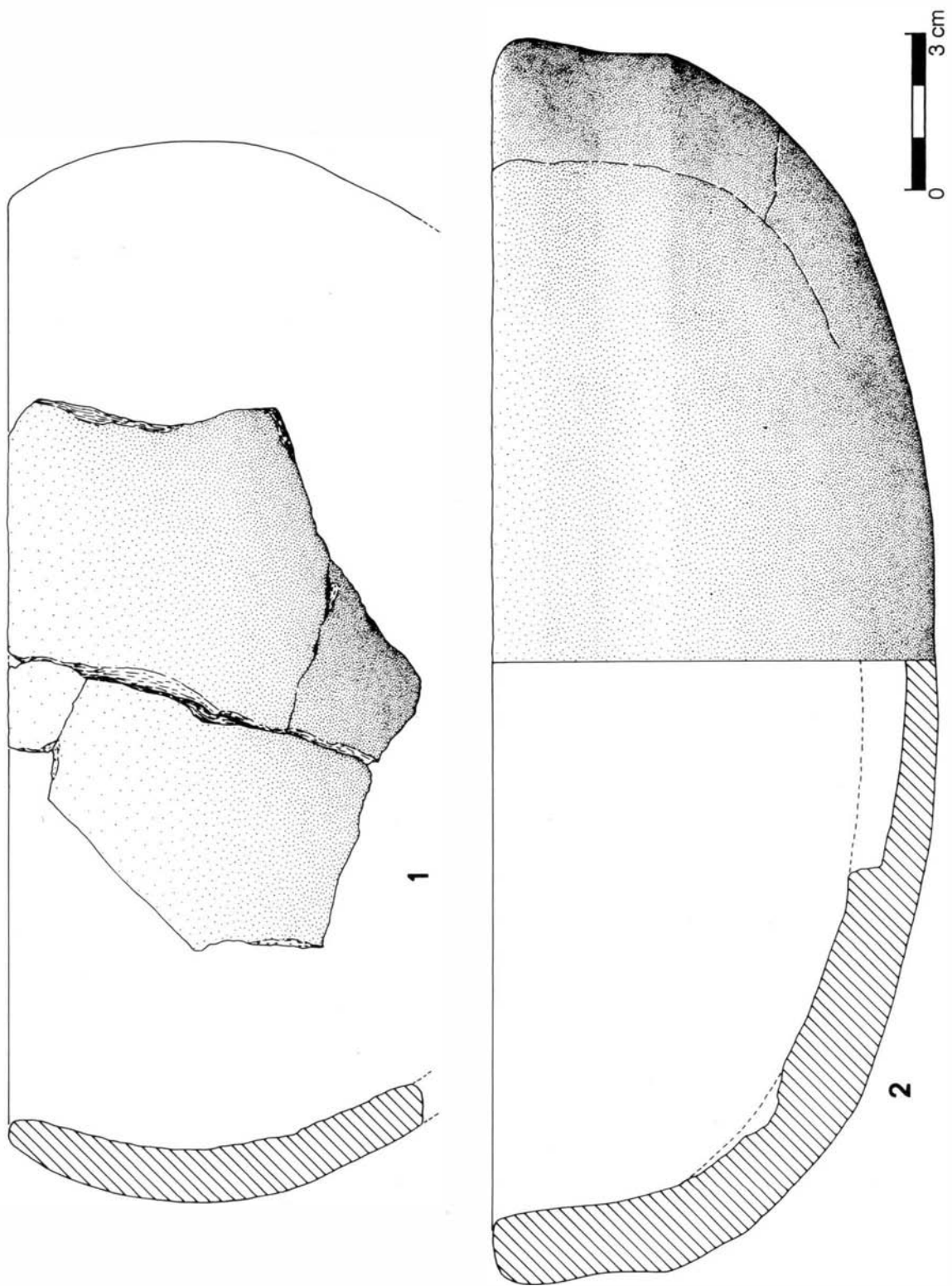


Fig. 9 – Casal dos Pianos - Pombal. Cerâmicas lisas, provavelmente de época campaniforme.

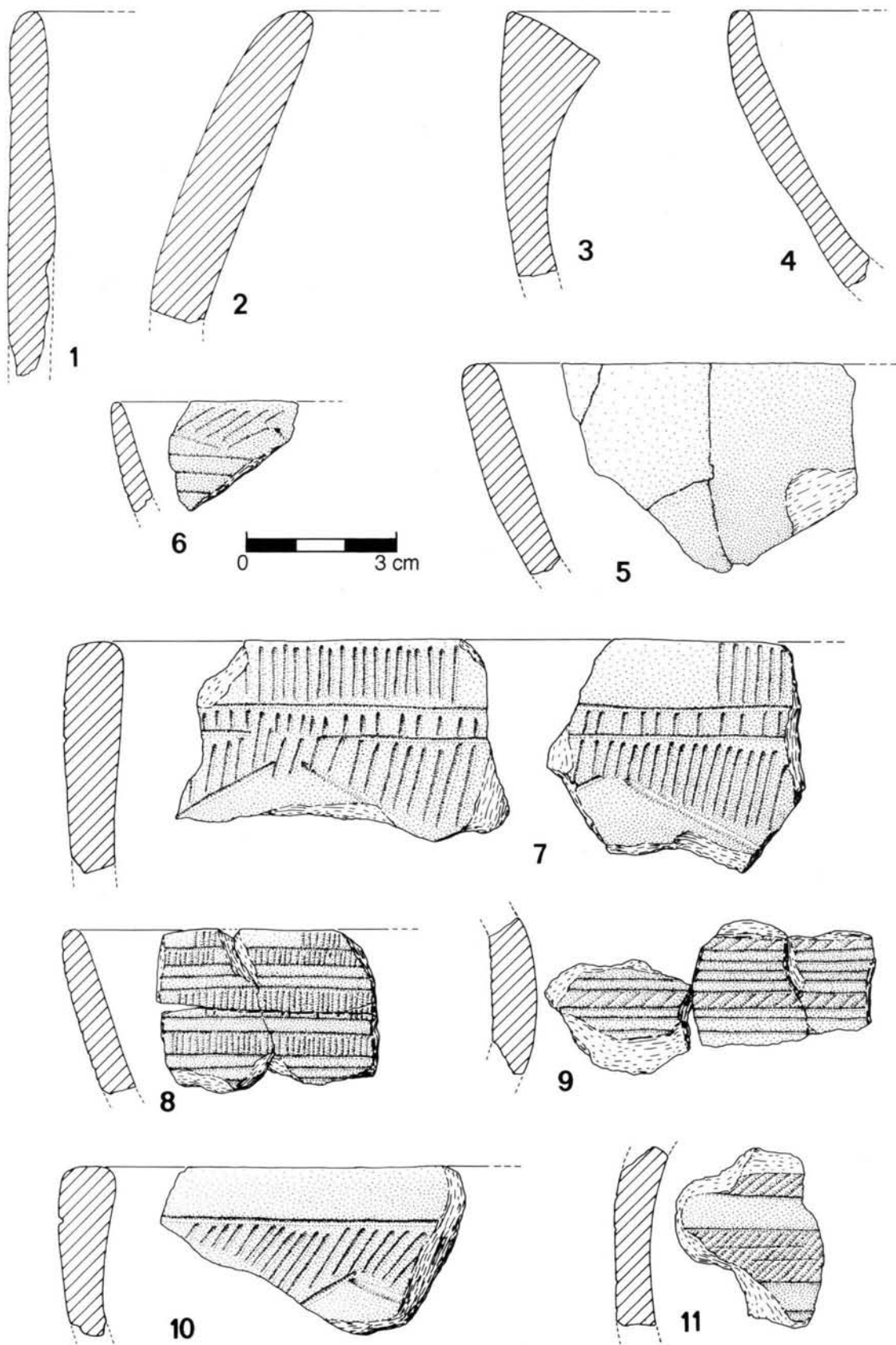


Fig. 10 – Casal dos Pianos - Pombal. Cerâmicas lisas e decoradas, campaniformes.

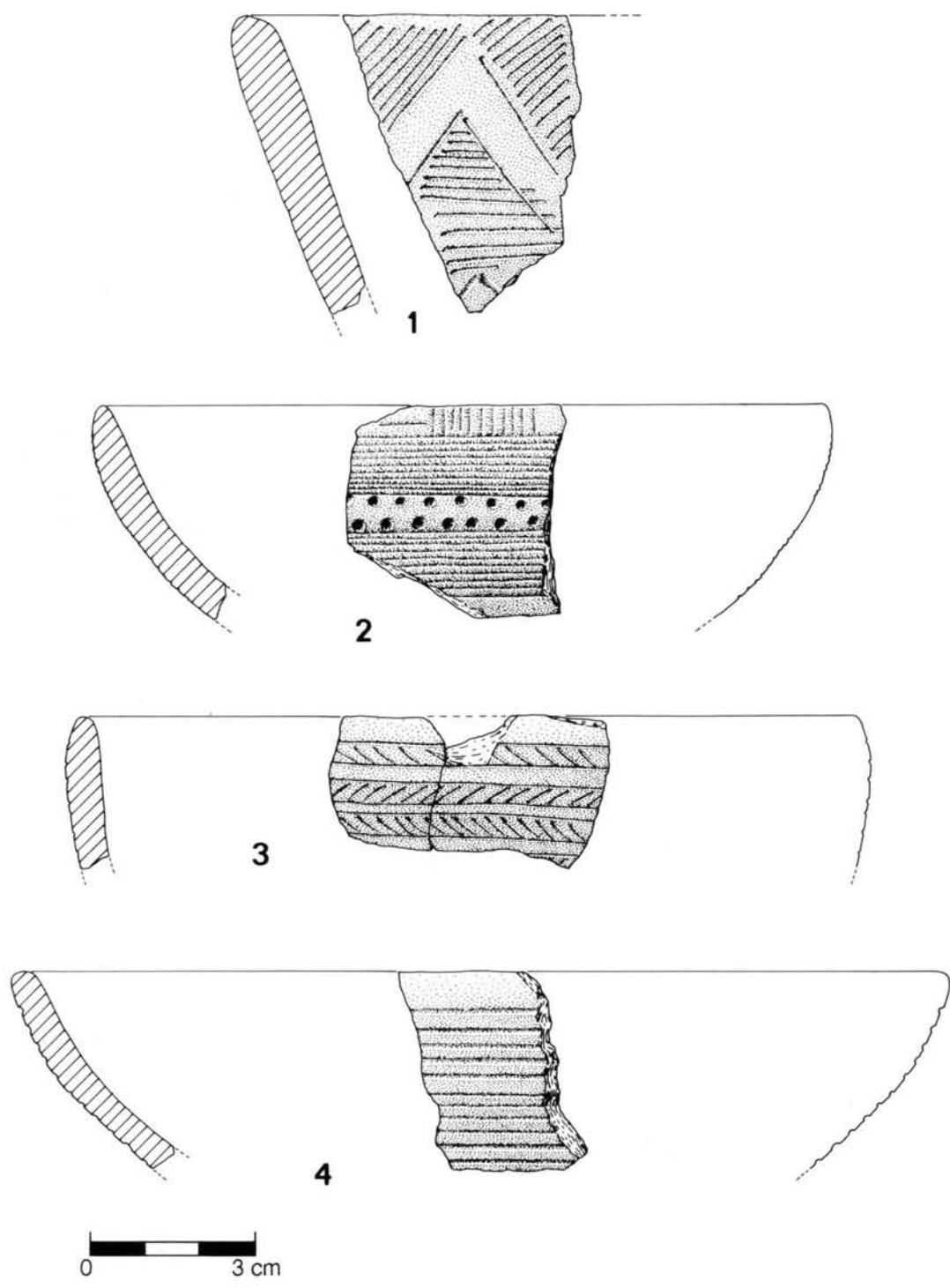


Fig. 11 – Casal dos Pianos - Pombal. Cerâmicas campaniformes.

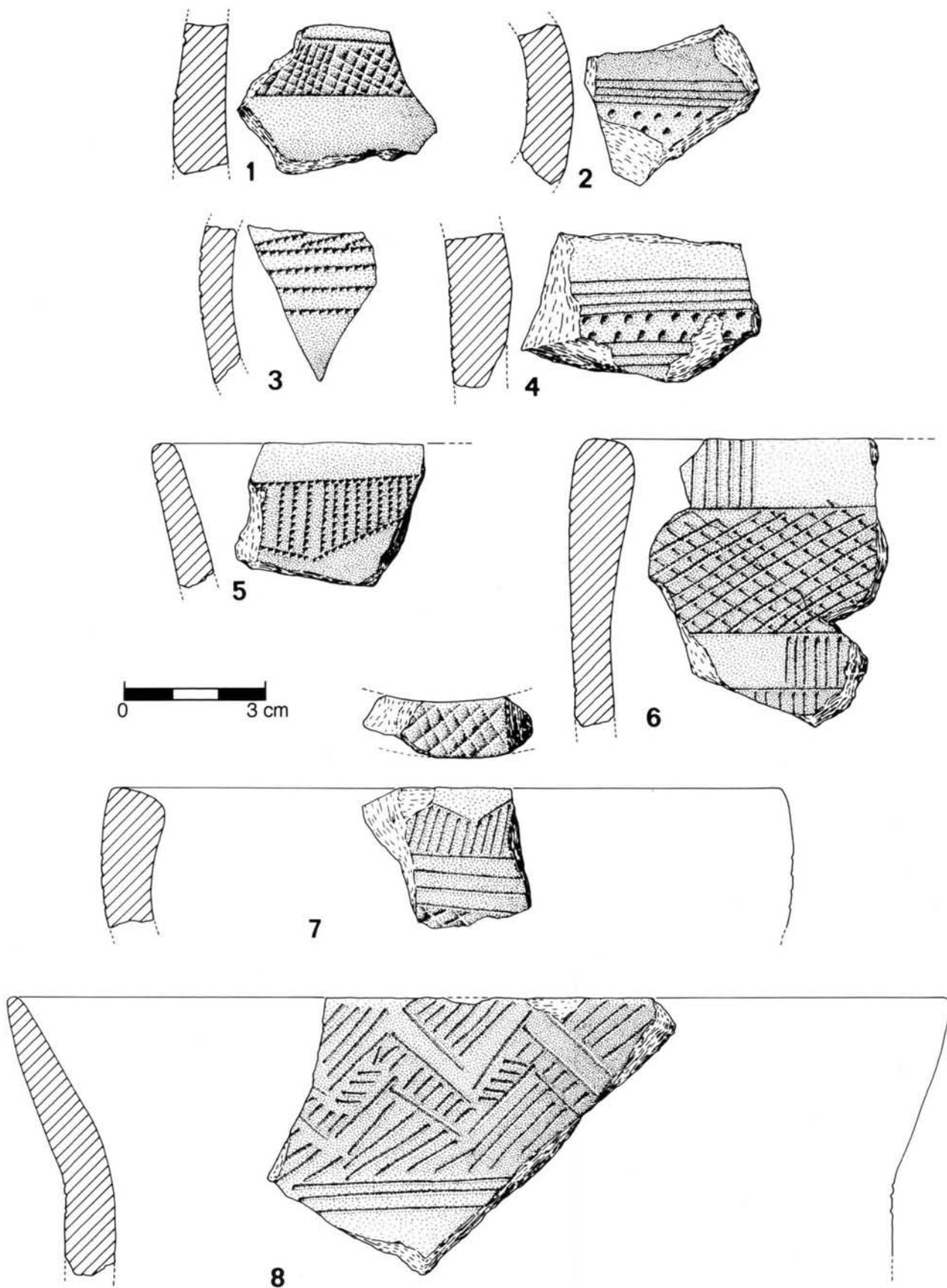


Fig. 12 – Casal dos Pianos - Pombal. Cerâmicas campaniformes.

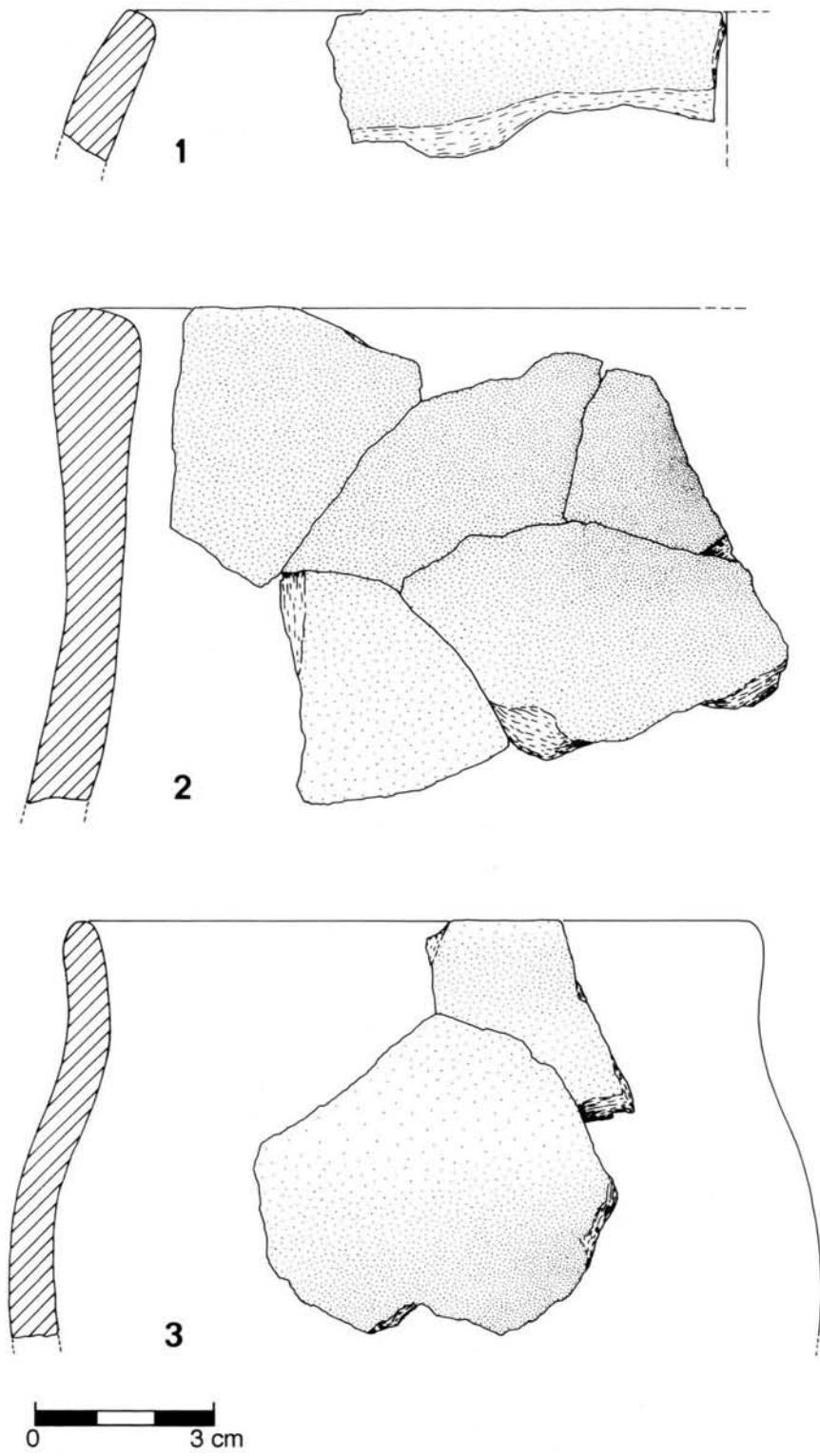


Fig. 13 – Casal dos Planos - Pombal. Cerâmicas da Idade do Bronze.

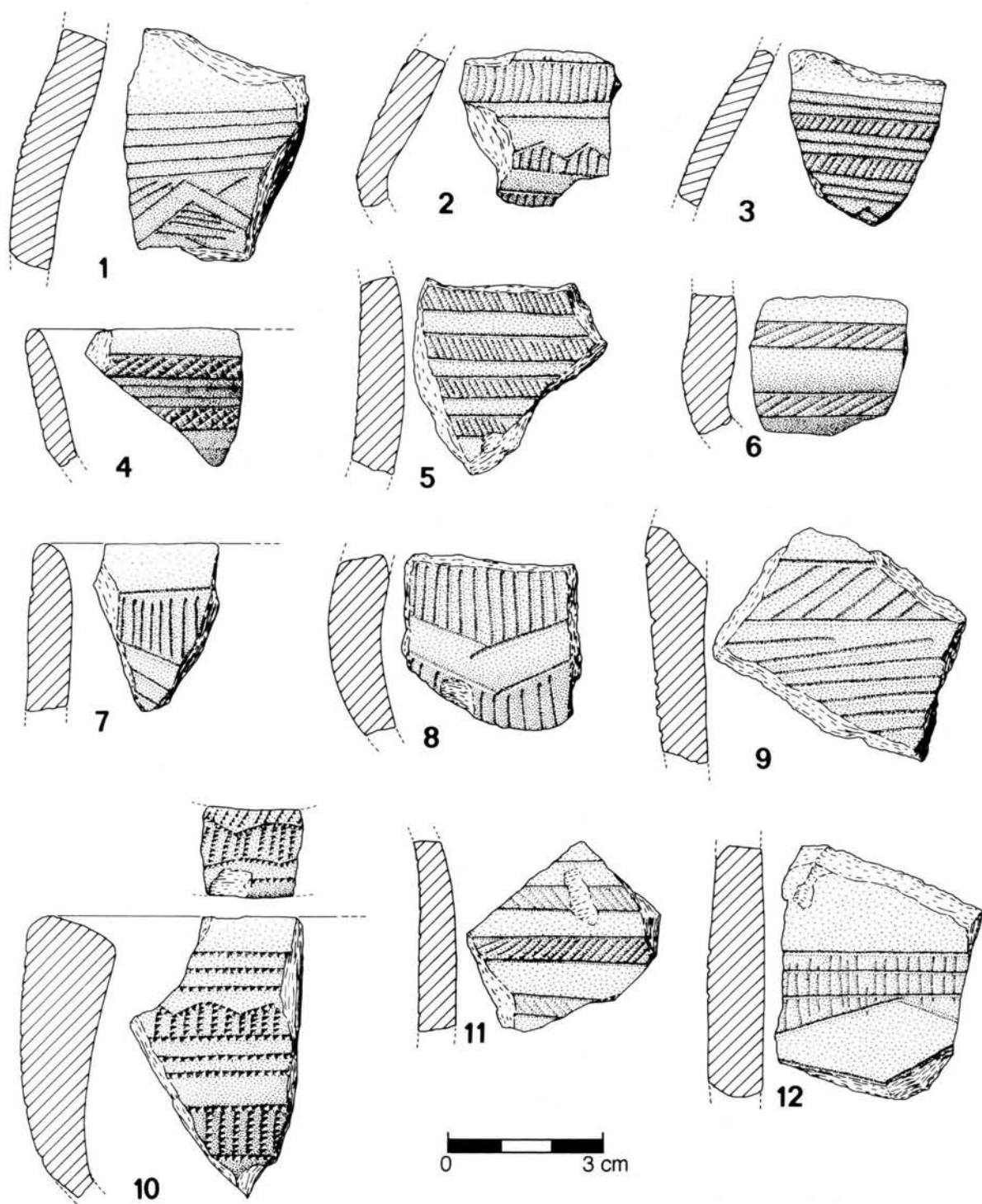


Fig. 14 – Funchal. Cerâmicas campaniformes.

- Pratos de bordo simples (Fig. 15, nº. 2) ou “almendrado” (Fig. 15, nº. 6);
- Vasos esféricos, um deles com pega horizontal no bordo (Fig. 16, nº. 1, 2 e 4);
- Globulares (Fig. 16, nº. 3);
- “Urnas” de colo tronco-cônico (Fig. 16, nº. 6);
- Potes de colo cilíndrico (Fig. 15, nº. 1);
- Taça de bordo ligeiramente extrovertido (Fig. 15, nº. 9).

2.4 - Anços

Trata-se de lugar de características geomorfológicas peculiares: os materiais dispersam-se por suave encosta, coroada por elevação com afloramentos de rochas ígneas cuja forma sugere nalguns casos aproveitamento como menires, constituindo recinto megalítico natural (Fig. 17).

Tal como em outras estações já referidas, ocorrem nesta estação materiais campaniformes e da Idade do Bronze; entre estes, pela primeira vez, estão presentes cerâmicas decoradas. De registar diversos elementos de foice denticulados, sobre lascas de sílex, tão frequentes em estações homólogas da Idade do Bronze da região (Fig. 20, nº. 1 a 3).

Cerâmicas campaniformes:

- Caçoilas de ombro - representadas por um fragmento com decoração correspondente a faixa pontilhada (Fig. 19, nº. 3);
- Caçoilas carenadas - um exemplar decorado a pontilhado correspondente a faixa monótona abaixo do bordo (Fig. 18, nº. 6);
- Taças em calote - dois exemplares, um com decoração incisa (Fig. 19, nº. 4), outro a pontilhado, organizada em linhas horizontais rectilíneas (Fig. 19, nº. 7); a este grupo formal pertencerá também exemplar com decoração incisa, de lábio ligeiramente aplanado, correspondente a forma pouco usual (Fig. 18, nº. 2);
- Taças tipo Palmela - representadas por quatro exemplares, todas com decoração incisa (Fig. 18, nº. 3, 5, 12; Fig. 19, nº. 8).
- Fundos - um fundo onfalóide, com decoração incisa, pertencente talvez a uma taça (Fig. 18, nº. 8).
- Formas indeterminadas - trata-se de fragmentos de recipientes em geral grandes que na maioria se apresentam decorados por incisões (Fig. 18, nº. 1, 4, 9 e 10; Fig. 19, nº. 1, 5 e 6). É possível que, pelo menos, o exemplar da Fig. 19, nº. 5 pertencesse a uma grande caçoila. Os restantes fragmentos apresentam decorações pontilhadas (Fig. 18, nº. 7, 11 e 13; Fig. 19, nº. 2). Saliencia-se o motivo do exemplar da Fig. 18, nº. 11 que poderia corresponder a representação de cervídeo, hipótese sugerida pelo seu aspecto “flutuante”.

Cerâmicas da Idade do Bronze:

Entre numerosos fragmentos lisos, recolheram-se três com formas e decorações características do Bronze Final, assinalavelmente raros em contextos estremenhos (Fig. 20, nº. 3 a 5). Com efeito, até ao presente ainda não tinham sido registados na região recipientes com a face interna do lábio com decoração golpeada em “zig-zag” (Fig. 20, nº. 5), com decoração impressa de folículos abaixo do bordo (Fig. 20, nº. 4), ou ainda com o lábio interrompido por impressões, decoração que se encontra associada a incisões aos pares, sobre cordão em relevo horizontal, situado abaixo do bordo (Fig. 20, nº. 6).

As pastas apresentam-se finas e médias, com colorações castanhas ou acinzentadas a anegradas. Como elementos não plásticos, dois fragmentos exibem numerosos minerais ferromagnesianos (Fig. 20, nº. 4 e 6), enquanto que nos restantes predominam grãos de feldspato.

3 - ANÁLISE COMPARATIVA

No QUADRO I correlacionam-se os diversos tipos de recipientes e técnicas decorativas campaniformes identificadas nas estações em apreço.

QUADRO 1 - Distribuição tipológica das cerâmicas campaniformes pelas estações estudadas

	Alto do Montijo	Fetal (Casal dos Pianos)	Pombal (Casal dos Pianos)	Funchal	Anços	Totais
Vasos campaniformes						
- Incisos	1		1	3		5
- Pontilhados						
Caçoilas de ombro						
- Incisos				2		2
- Pontilhadas					1	1
Caçoilas carenadas						
- Incisos				1		1
- Pontilhadas					1	1
Caçoilas de grandes dimensões						
- Incisos	5	1	4			10
- Pontilhadas			1			1
Taças em calote						
- Incisas	1	1	6	1	1	10
- Pontilhadas					1	1
Taças tipo Palmela						
- Incisas	6	1	1		4	12
- Pontilhadas	2*	1		1		4
Taças tipo Estoril						
- Incisas						
- Pontilhadas	2				1	3
Rec. indeterminados						
- Incisos	2		4	5	8	19
- Pontilhados			1		4	5
Totais incisos	15	3	16	12	13	59
Totais pontilhados	4	1	2	2	7	16

* 1 de técnica mista

Os resultados obtidos justificam as seguintes observações:

- O conjunto do Alto do Montijo (correspondente sobretudo a recolhas em sondagens limitadas) evidencia a predominância das taças Palmela, avultando as de lábio largo e decoração incisa (de grande barroquismo); trata-se do conjunto mais importante deste tipo de recipientes de entre as cinco estações em apreço;

- Dos dezasseis exemplares de taças tipo Palmela identificadas, apenas quatro possuem decoração pontilhada; a predominância da técnica incisa face à pontilhada, parece sugerir época tardia para os conjuntos domésticos do aro sintrense estudados, adentro o fenómeno campaniforme, segundo o que tem sido admitido por diferentes autores (CARNEIRO, 1991) no respeitante a algumas das estações em causa; outra hipótese, ainda não suficientemente investigada, explicaria a predominância da técnica pontilhada sobre a incisa, e vice-versa, por factores de carácter geográfico, dominando a primeira nas estações do baixo Sado e a segunda na península de Lisboa;

- As taças em calote com decorações campaniformes estão presentes em todas as estações, e em especial no Pombal, onde se recolheram seis dos onze exemplares estudados, todos com decoração incisa. O domínio desta técnica sobre a pontilhada é, com efeito, ainda mais evidente neste grupo de recipientes do que no anterior: em onze exemplares, apenas um se apresenta decorado a pontilhado;

- As caçoilas de grandes dimensões são tradicionalmente consideradas como formas tardias nos conjuntos campaniformes; dos onze exemplares recolhidos, à semelhança do verificado no grupo anterior, apenas um exhibe decoração a pontilhado, o que reforça o largo domínio da técnica incisa neste tipo de recipientes. A distribuição que lhe corresponde não parece aleatória; com efeito, dos dezanove fragmentos exumados no Alto do Montijo, cinco pertencem-lhe; percentagem próxima se observou no Pombal (5 em 18 exemplares), contrastando com o facto de os catorze ou dezanove fragmentos oriundos, respectivamente, do Funchal ou de Anços, pertencerem a outras formas;

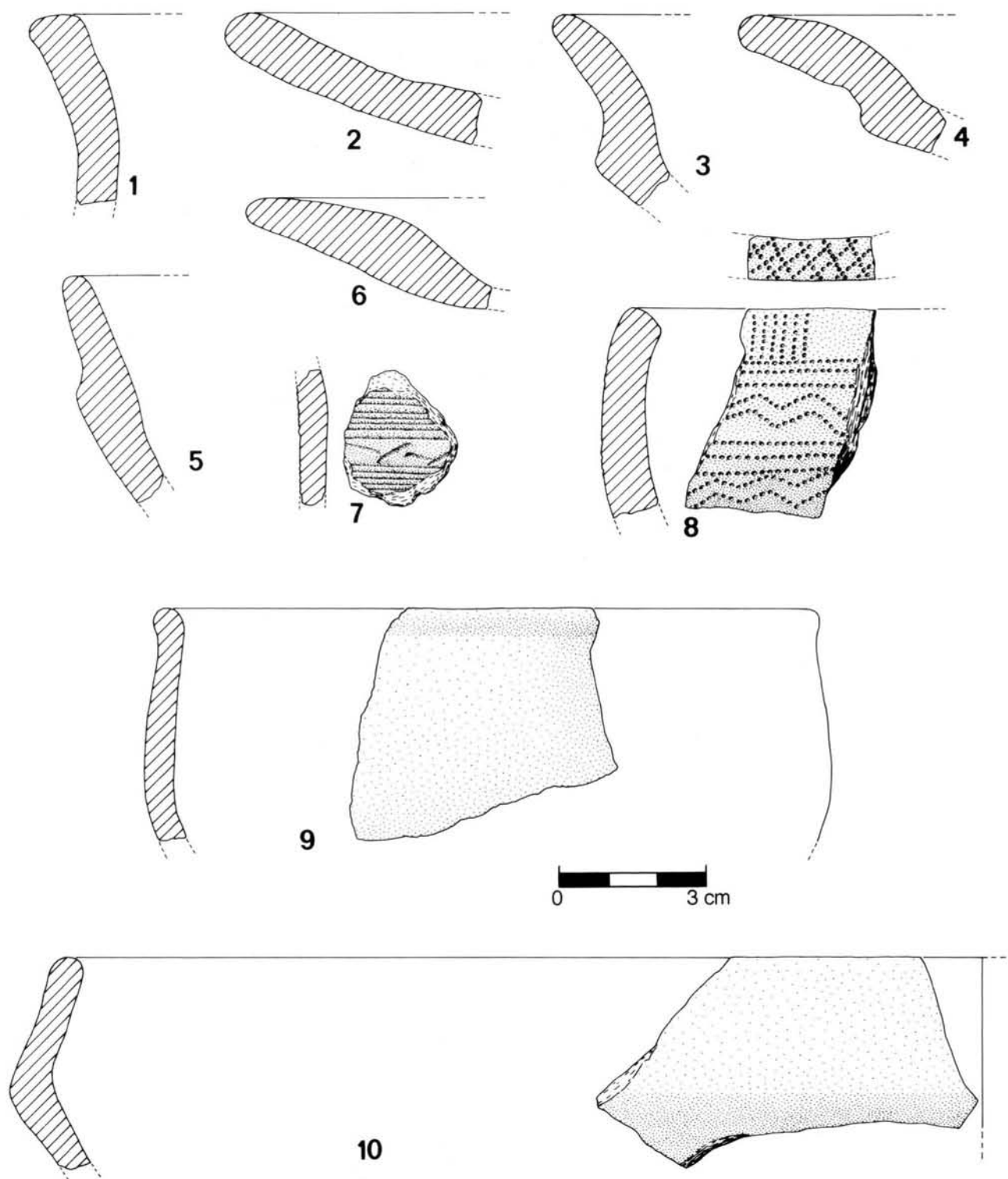


Fig. 15 – Funchal. Cerâmicas campaniformes decoradas e lisas, da Idade do Bronze. •

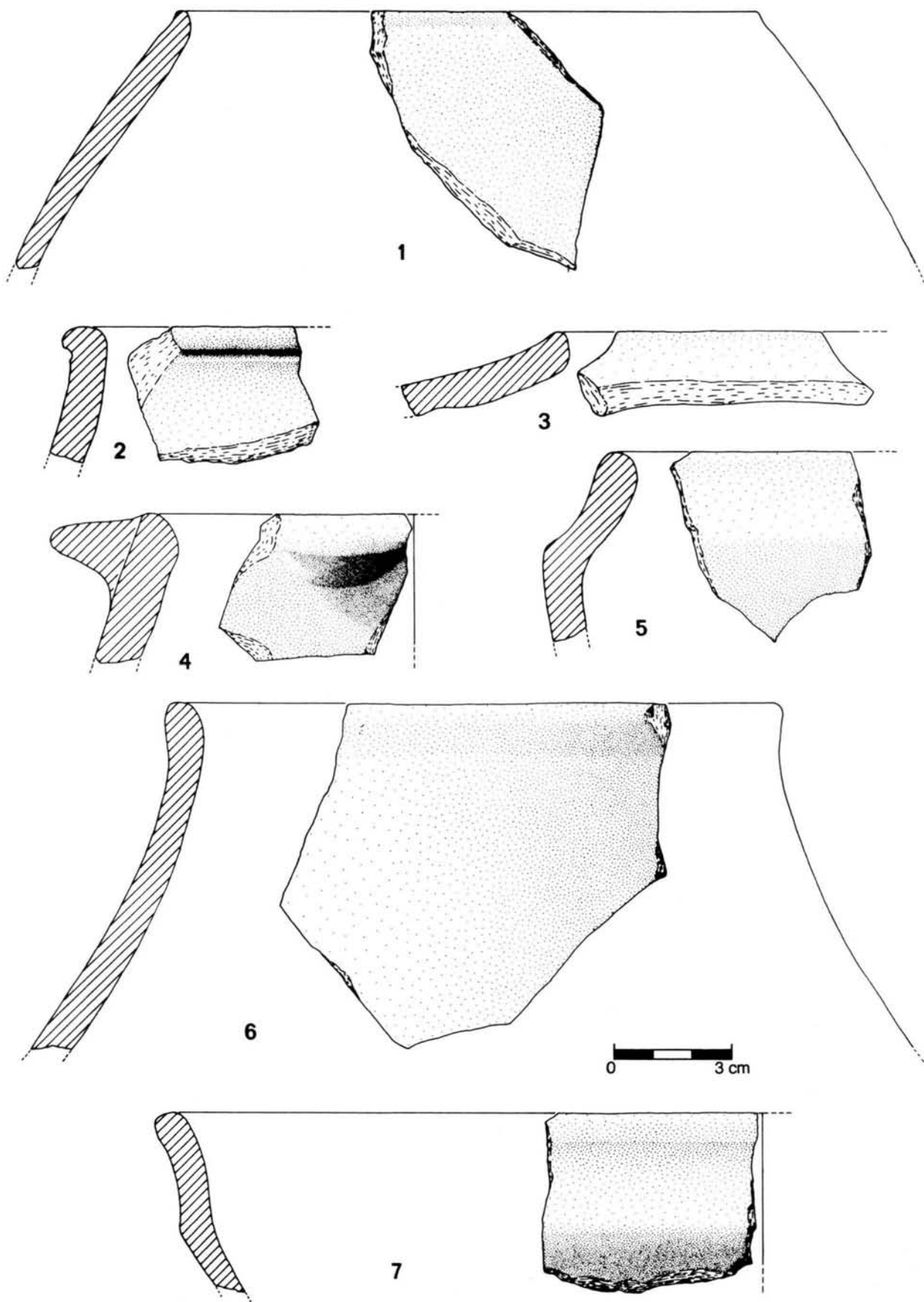


Fig. 16 – Funchal. Cerâmicas lisas, da Idade do Bronze.



Fig. 17 – Vista parcial da colina de Anços, pontuada por afloramentos de rochas ígneas. Em primeiro plano, a encosta onde se recolheram materiais campaniformes e do Bronze Final (fot. de J. L. Cardoso).

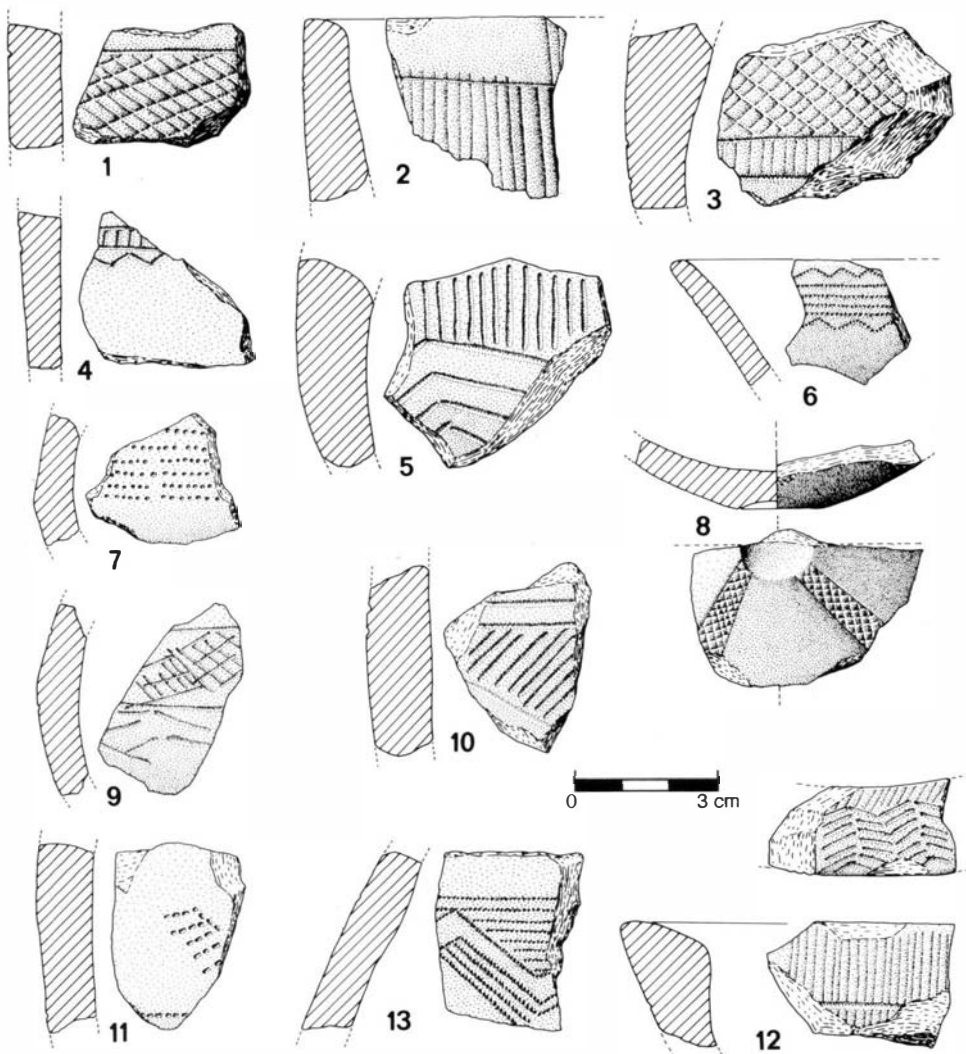


Fig. 18 – Anços. Cerâmicas campaniformes.

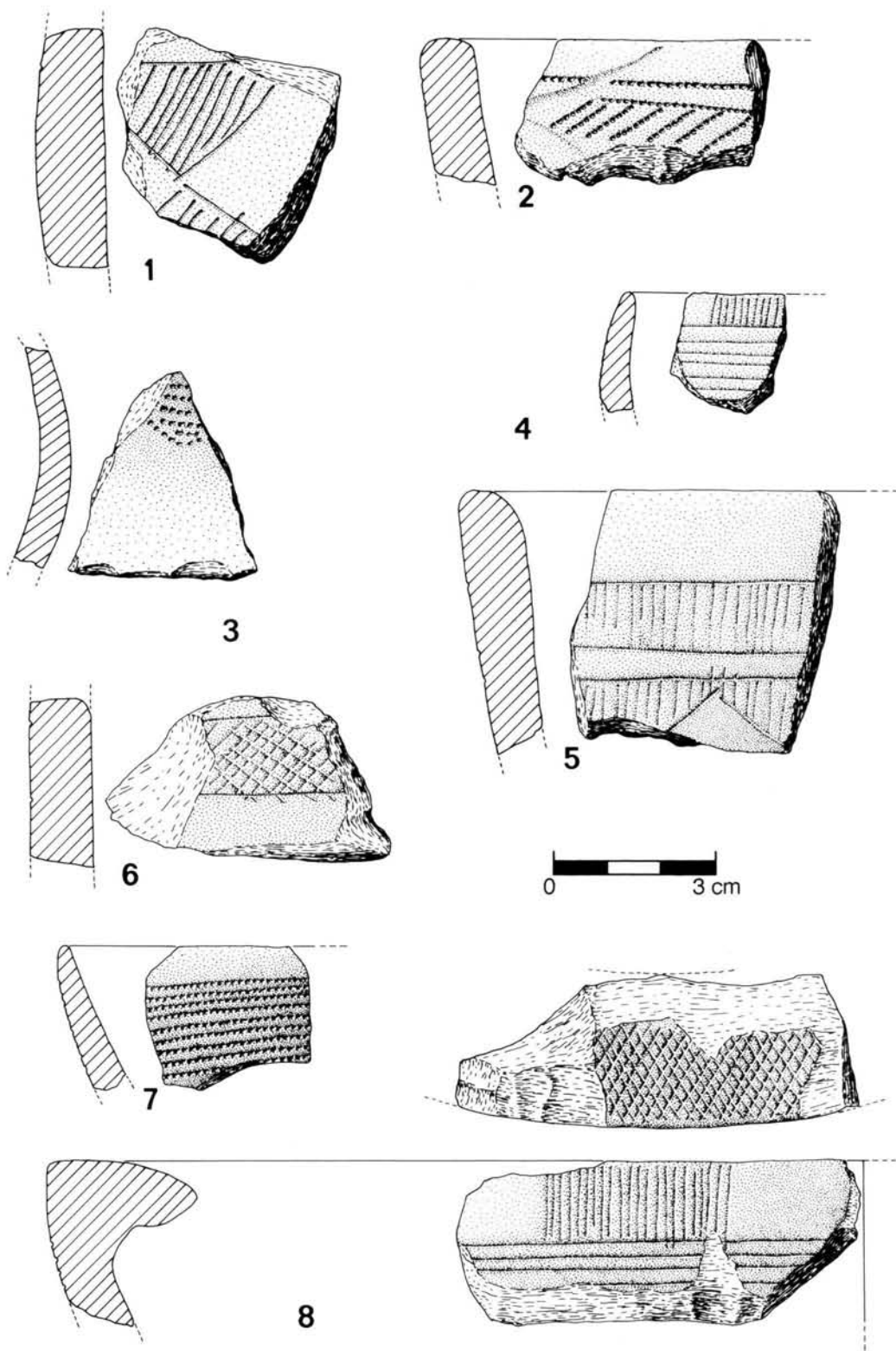


Fig. 19 – Anços. Cerâmicas campaniformes.

- As caçoilas de ombro ou carenadas são formas apenas presentes no Funchal e em Anços, ainda que em percentagens muito baixas; é interessante referir que correspondem aos únicos “habitats” que revelaram ocupações da Idade do Bronze. Por outro lado, são estes os tipos de recipientes – pese embora a reduzida representatividade da amostra – que evidenciaram distribuição mais equilibrada das duas técnicas decorativas em causa;

- Recolheram-se cinco fragmentos de vasos campaniformes, todos com decorações incisais; a nítida dominância desta técnica, em tais recipientes, consubstancia a hipótese de sobrevivência até época tardia daquela forma;

- As taças tipo Estoril encontram-se representadas por apenas três exemplares, todos eles decorados a pontilhado, tal como se verifica noutras estações onde se apresentam mais numerosos;

- Em conclusão, a distribuição das técnicas decorativas observadas nas cerâmicas campaniformes dos cinco sítios estudados, evidencia a predominância da técnica incisa sobre a pontilhada, facto que foi anteriormente discutido; no que concerne às formas, verifica-se, no entanto, assinaláveis diferenças entre os conjuntos campaniformes diversos sítios, situação que se deverá, talvez, mais as diferenças funcionais, resultantes de actividades específicas desenvolvidas em cada um deles, do que a razões de ordem cronológica ou cultural; seja como for, a escassez de vasos campaniformes (todas com decoração incisa), milita a favor de cronologia campaniforme tardia para o conjunto destas ocupações.

4 - CONCLUSÕES

O presente estudo sobre cinco estações com materiais cerâmicos campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra conduziu às seguintes conclusões gerais:

1 - As presenças campaniformes revelam carácter doméstico; duas correspondem a ocupações de curta duração (Fetal e Pombal), em zonas planas e arenosas, conforme sugere o escasso material, recolhido em área circunscrita. A mesma constatação é extensível ao Funchal, embora aqui se trate de encosta desprovida de depósitos de cobertura eólicos.

Anços situa-se na adjacência de pequena elevação pontuada por blocos de rochas ígneas, correspondendo a encosta suave; é admissível aceitar conexão daqueles singulares afloramentos – constituindo aparente recinto megalítico – e o estacionamento, ainda que esporádico, de pequenas comunidades na época campaniforme, documentado pelos materiais obtidos.

O último local – Alto do Montijo – é o único que se situa em elevação com algumas condições naturais de defesa. Poderá corresponder a presença mais demorada, como sugere a maior abundância de materiais.

2 - As numerosas estações da baixa península de Lisboa – como as cinco ora estudadas – de época campaniforme, implantam-se zonas planas, desprovidas de condições naturais de defesa e correspondem a estacionamentos episódicos e circunstanciais de pequenos grupos humanos; documentam, face às do Calcolítico inicial e pleno, uma nova estratégia da ocupação do território. Tal estratégia, caracterizar-se-ia por uma maior dispersão demográfica da população, contrastando com a preferência, no período anterior, pelos grandes povoados fortificados, agora na maioria dos casos apenas esporadicamente ocupados ou já totalmente abandonados.

3 - O espólio cerâmico campaniforme revela uma nítida dominância da técnica incisa sobre a pontilhada (59 e 16 exemplares, respectivamente) estando, porém, esta última presente em todas as estações. Atendendo à “vida curta” destas ocupações, conclui-se que as duas técnicas coexistiram necessariamente, em todos os locais em apreço; sendo indiscutível que os primeiros momentos da divulgação do campaniforme nesta região foram caracterizados nalguns casos pela presença do vaso em forma de campânula invertida com decoração de tipo “marítimo” a pontilhado, conclui-se que a época das ocupações campaniformes estudadas é tardia atendendo à escassez de tais recipientes: apenas se identificaram fragmentos de cinco vasos campaniformes, porém com decoração incisa. A nítida predominância da decoração pontilhada

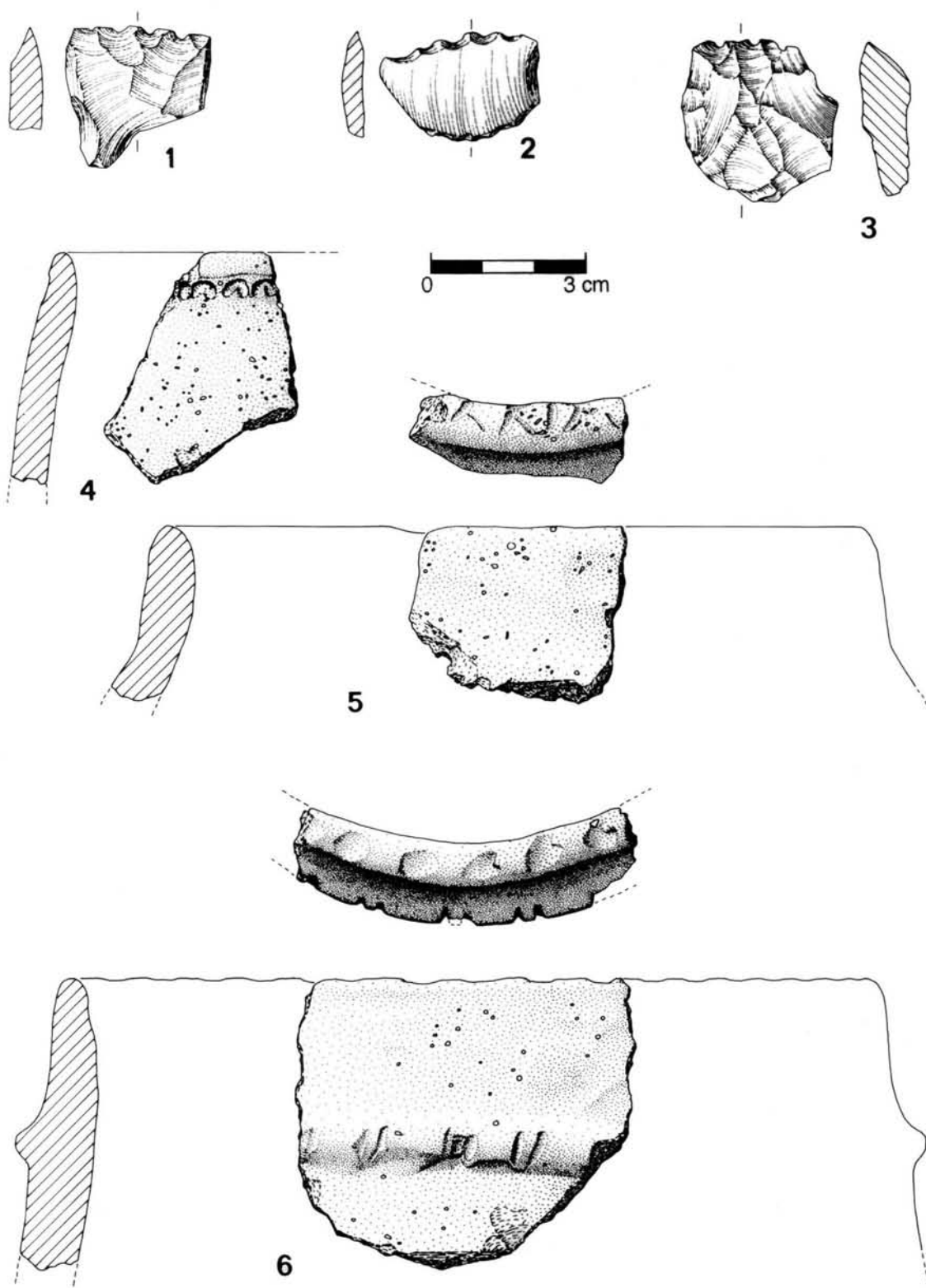


Fig. 20 – Anços. Elementos de foice denticulados sobre lascas de sílex e cerâmicas decoradas, da Idade do Bronze.

sobre a incisa, na região do baixo Sado, parece ilustrar uma tendência regional já numa fase de plena afirmação destas cerâmicas, diferenciada da observada da região do baixo Tejo onde, na mesma época, predominava o estilo inciso. Esta hipótese recolhe apoio nos resultados agora obtidos.

4 - Em três dos locais estudados - Pombal, Funchal e Anços - recolheram-se materiais cerâmicos integráveis na Idade do Bronze. A ocorrência destes materiais corporiza a ocupação do mesmo espaço geográfico, por pequenas comunidades de raiz familiar, aproximando-se, nesta particular, das suas antecedentes campaniformes, se bem que na maioria dos casos, não em continuidade cronológico-cultural com estas. Com efeito, em Funchal e em Anços a tipologia dos materiais não campaniformes sugere já o Bronze Final; apenas em Pombal tais cerâmicas poderiam ascender ao Bronze médio e assim corporizarem continuidade na ocupação do local, se atribuirmos os materiais campaniformes tardios ali recolhidos já a fase inicial da Idade do Bronze. Veremos no futuro a confirmação, ou não, desta hipótese, que só escavações estratigráficas poderão ajudar a esclarecer.

AGRADECIMENTOS

Ao Arq. Gustavo Marques, recentemente falecido, que facultou para o estudo materiais por si recolhidos no Alto do Montijo. Ao Museu Regional de Sintra, na pessoa do Dr. J. Cardim Ribeiro, por ter autorizado o estudo dos espólios do Fetal, Pombal e Funchal. À família Medeiros, ao permitir o acesso ao material de Anços.

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, A. (1991) - Contribuição para o estudo do Calcolítico e do Bronze inicial na região de Sintra. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 227-236.

FRANÇA, J. Camarate & FERREIRA, O. da Veiga (1951) - A estação pré-histórica do Alto do Montijo (Sintra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 13 (1/2), p. 34-35.

HARRISON, R. (1977) - *The Bell-Beaker Cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research. Peabody Museum. Harvard University.

MATERIAIS CERÂMICOS DA IDADE DO BRONZE DA GRUTA DA PONTE DA LAGE (OEIRAS)

João Luís Cardoso ⁽¹⁾ & Júlio Roque Carreira ⁽²⁾

1 - INTRODUÇÃO

Na continuação da revisão dos materiais arqueológicos da gruta da Ponte da Lage (Fig. 1 a 3), de que já foi publicado estudo do espólio paleolítico (CARDOSO, 1995 a), apresentam-se os materiais cerâmicos da Idade do Bronze exumados por Carlos Ribeiro, na intervenção de 1879 (conforme consta da etiqueta a aposta em uma das peças líticas) e por O. da Veiga Ferreira e colaboradores, nas escavações realizadas em 1958 (VAULTIER *et al.*, 1959).

Os materiais conservam-se no Museu do Instituto Geológico e Mineiro ⁽³⁾ em Lisboa. Dada a falta de indicações apostas nas peças, não é possível diferenciar as exumadas em cada uma das referidas intervenções, sendo provável que em ambas se recolheram peças agora estudadas. A ausência de elementos estratigráficos limita a análise às respectivas características tipológicas. De qualquer modo, a publicação dedicada à estação, conclui-se que o nível superior do enchimento se encontrava remexido, jazendo as cerâmicas da Idade do Bronze de mistura com materiais campaniformes (VAULTIER, 1959, p. 113).

2 - OS MATERIAIS

As cerâmicas agora estudadas - desenhadas na sua totalidade - são todas lisas, exceptuando-se pequeno fragmento decorado. Podem considerar-se as seguintes categorias:

2.1 - Taças

Dois recipientes, um hemisférico de pequenas dimensões e provido de pegas alongadas, de pasta média a grosseira e coloração anegrada (Fig. 4, n.º. 1); outro, de maiores dimensões e fundo ligeiramente convexo (Fig. 5, n.º. 2).

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar, 1500 Lisboa.*

⁽³⁾ *Agradece-se ao Prof. M. M. Ramalho as facilidades concedidas para o respectivo estudo.*



Fig. 1 – Gruta da Ponte da Laje. Localização na Península Ibérica e na região ribeirinha do estuário do Tejo.



Fig. 2 – A entrada da gruta na actualidade (Setembro de 1993). Foto de B. Ferreira.



Fig. 3 – Aspecto da zona circundante da entrada da gruta, tapada pelas duas pessoas do centro. Fot. de meados da década de 1940, de G. Zbyszewski.

2.2 - Vasos de paredes sub-verticais

Um fragmento de bordo estirado em parte do seu perímetro, podendo constituir ornamentação plástica, bem assim como mamilo, situado abaixo do bordo e que, pelas pequenas dimensões terá significado decorativo (Fig. 4, nº. 2).

2.3 - Vasos de lábio aplanado e bordo extrovertido

Um fragmento de recipiente de grandes dimensões, caracterizado pela marcada curvatura do bordo, que se projecta para o exterior, sem espessamento. A face externa encontra-se grosseiramente estriada, recordando as decorações “a cepillo”, das Idades do Bronze e do Ferro (Fig. 1, nº. 4).

2.4 - Vasos de colo alto com ligeiro estrangulamento

Dois fragmentos, de lábio afilado, ligeiramente extrovertido, pertencentes a recipientes de grandes dimensões (Fig. 4, nº. 3 e Fig. 5, nº. 2) e outro, de perfil mais suave e bordo de lábio ligeiramente aplanado (Fig. 5, nº. 3).

2.5 - Vasos de colo curto, cilindróide, bem marcado

Dois exemplares com bordos ligeiramente espessados e lábios aplanados (Fig. 6, nº. 5) ou convexos (Fig. 6 nº. 4).

2.6 - Taças de pé alto

Trata-se de um fragmento cerâmico susceptível de ser confundido com “bobine”, ou carrinho de barro para dobar, no dizer de VASCONCELLOS (1915, p. 27).

Tais exemplares caracterizam-se, com efeito, por possuírem, como este, formato circular achatado e uma depressão mediana, ao longo de toda a geratriz; em Portugal, conhecem-se exemplares de uma anta da Beira Baixa (VASCONCELLOS, 1915, p. 27, 137), e de outra do Alentejo (VASCONCELLOS, 1922, p. 120, Fig. 5), bem como do povoado calcolítico de Pavia (CORREIA, 1921 Fig. 18). O primeiro e o último dos exemplares referidos exibem, pelo menos, uma das faces maiores convexas, sendo o de Pavia, aparentemente, plano. Igualmente com ambas as faces maiores convexas é a única “bobine” seguramente atribuível à Idade do Bronze do território português, recolhida no povoado do Pessegueiro, Sines (SILVA & SOARES, 1979, Fig. 154, nº. 13). De registar ainda a bobine calcolítica do povoado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, Lam. XXV, nº. 21) e a da gruta da nascente do Almonda, considerada como “carrinho de dobrar” (PAÇO *et al.*, 1947, Est. III, nº. 9), provavelmente da Idade do Bronze e idêntica ao exemplar do Pessegueiro.

Apesar de se poder confundir com algumas das peças referidas, o exemplar da Ponte da Lage, considerado por ZBYSZEWSKI *et al.*, (1957, p. 398) como peso de rede de idade indeterminada corresponderá possivelmente ao colo de uma taça de pé (Fig. 6, nº. 1). Trata-se de artefacto de pasta grosseira, com e.n.p. onde predominam cristais de piroxenas - indicando a origem local, da matéria-prima oriunda dos terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa, adjacentes à gruta, ou, ao menos, de tais elementos desengordurantes.

As características apontadas correspondem às frequentemente observadas nas cerâmicas da Idade do Bronze da região de Lisboa, ao contrário do verificado no Calcolítico, onde aquele grupo de minerais não foi em geral reconhecido nas pastas cerâmicas.

A sua atribuição a colo de vaso de pé alto justifica-se pelos seguintes elementos de observação:

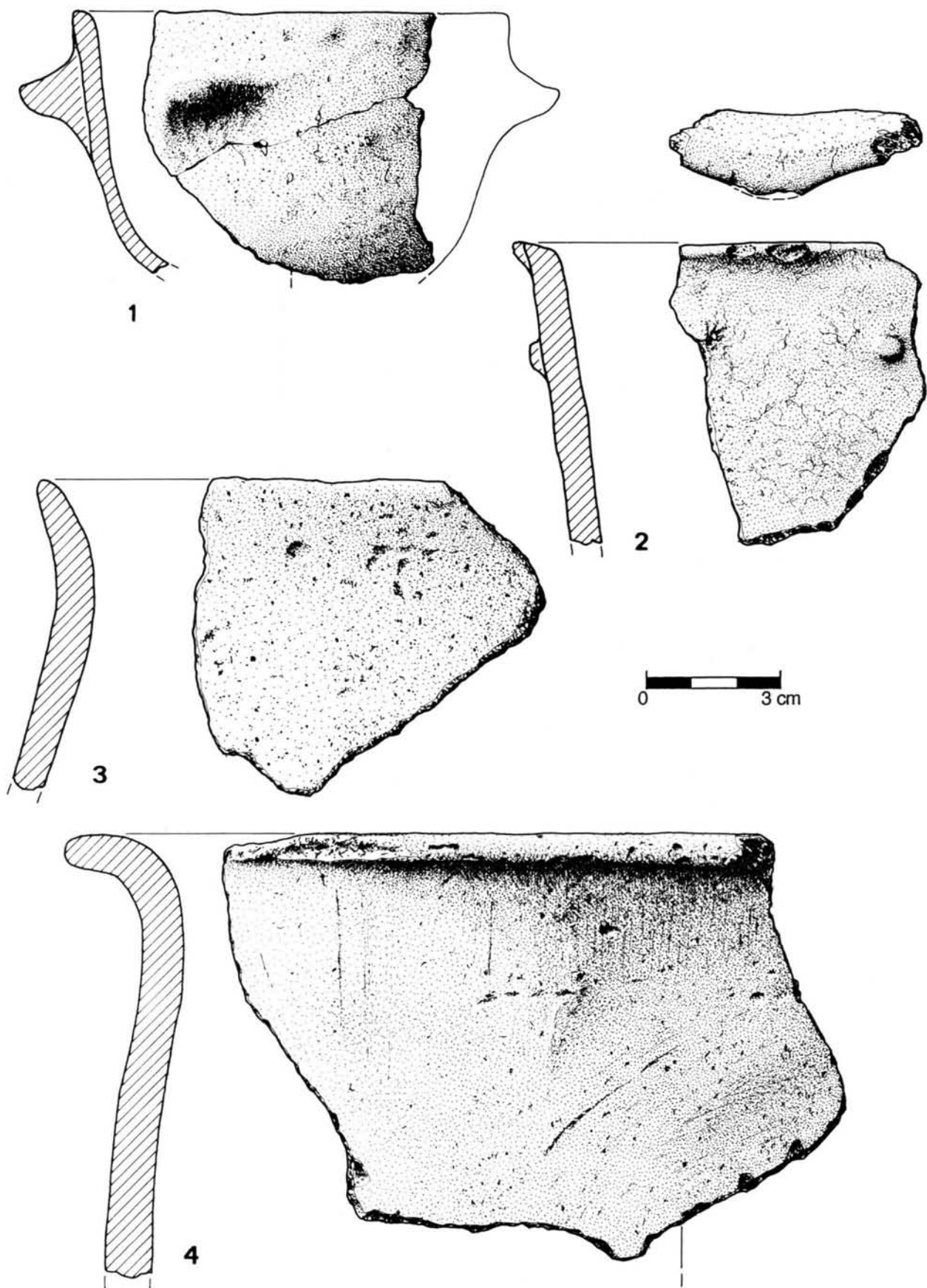


Fig. 4 – Gruta da Ponte da Lage. Cerâmicas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

1 - existência de arranque das paredes laterais de ambos os lados, definindo um corpo maciço, em forma de anel, com estrangulamento periférico;

2 - existência de duas depressões côncavas e dissimétricas, ocupando as faces maiores. A mais regular (Fig. 6, nº. 1) corresponderia ao fundo do recipiente original.

A confirmar-se a hipótese de se tratar de um recipiente de pé, seria o segundo exemplar da Idade do Bronze encontrado em Portugal, de morfologia muito diferente dos bem conhecidos homólogos campaniformes. O primeiro exemplar, quase completo, foi exumado na gruta dos Refugidos, Alenquer e encontra-se exposto no Museu Municipal Hipólito Cabaço, de Alenquer. Foi recentemente estudado por BÜBNER (1994, Est. 8, a, b, c). O desenho publicado, evidencia estreita semelhança com o fragmento da Ponte da Lage.

2.7 - Cerâmicas decoradas

Um pequeno fragmento de vaso de forma indeterminada, ostenta na face externa ornatos brunidos (Fig. 6, nº. 3). Integra-se, deste modo, na fase última do Bronze Final estremenho (CARDOSO, 1990, 1995 c; GOMES, 1992). Este fragmento foi primeiramente referido por SPINDLER *et al.*, (1973, p. 143) e, depois, por SPINDLER (1981, p. 272).

2.8 - Cerâmicas industriais

Um pequeno cossoiro, de forma aplanada com furo cilíndrico feito no barro fresco (Fig. 6, nº. 2) integra-se na Idade do Bronze; com efeito, no Calcolítico da Baixa Estremadura, tal tipo de artefacto é desconhecido, e os da Idade do Ferro têm morfologia em geral diferente.

3 - COMPARAÇÕES, CRONOLOGIA, CONCLUSÕES

O estudo das cerâmicas lisas da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage, que se descreveram anteriormente, conduziu às seguintes considerações:

1 - Admite-se a existência de um momento anterior ao Bronze Final materializado por recipientes como os representados nas Fig. 6, nº. 1 e 2 e Fig. 5, nº. 1.

As duas primeiras peças têm paralelo, respectivamente no povoado de altura de Catujal, Loures (CARDOSO & CARREIRA, 1993, Fig. 2, nº. 3) e nas grutas do Poço Velho, Cascais. A última, embora constitua forma recorrente desde o Neolítico, é escassa no Bronze Final estando, outrossim, bem representada em contexto do Bronze médio: o da Lapa da Furada, Sesimbra (CARDOSO, 1995 b, Fig. 12, nº. 1).

2 - A maioria das cerâmicas lisas inscrevem-se no Bronze Final, tendo no único fragmento decorado, de ornatos brunidos, paralelo coerente. Estão representados, sobretudo, grandes recipientes de aprovisionamento, que em contextos funerários foram designados por urnas, como em Alpiarça. Ali, encontra-se presente a “urna de carena média” da necrópole do Meijão (MARQUES, 1972, p. 30, Est. 3; KALB & HÖCK, 1985, Fig. 11), representada na gruta da Ponte da Lage (Fig. 6, nº. 4), bem como no Cabeço da Bruxa (KALB & HÖCK, 1985, p. 54).

3 - Uma forma merece especial atenção: trata-se, provavelmente, da ligação de uma taça de pé à sua base, a segunda a ser identificada em Portugal, a par da taça completa da gruta dos Refugidos, anteriormente atribuída ao Calcolítico (BÜBNER, 1992). Em Espanha, formas idênticas ocorrem na Cultura de El Argar (ARTEAGA & SCHUBART, 1981, Fig. 4, b), como em Fuente Alamo, Cartagena.

A confirmar-se esta hipótese, trata-se de exemplar que documenta, pela primeira vez na região, o Bronze Antigo.

4 - Salienta-se a ausência de taças carenadas, tão frequentes em outros contextos do Bronze Final estremenho, coevos do representado nesta gruta, por oposição aos grandes recipientes, largamente dominantes. Tal situação configura

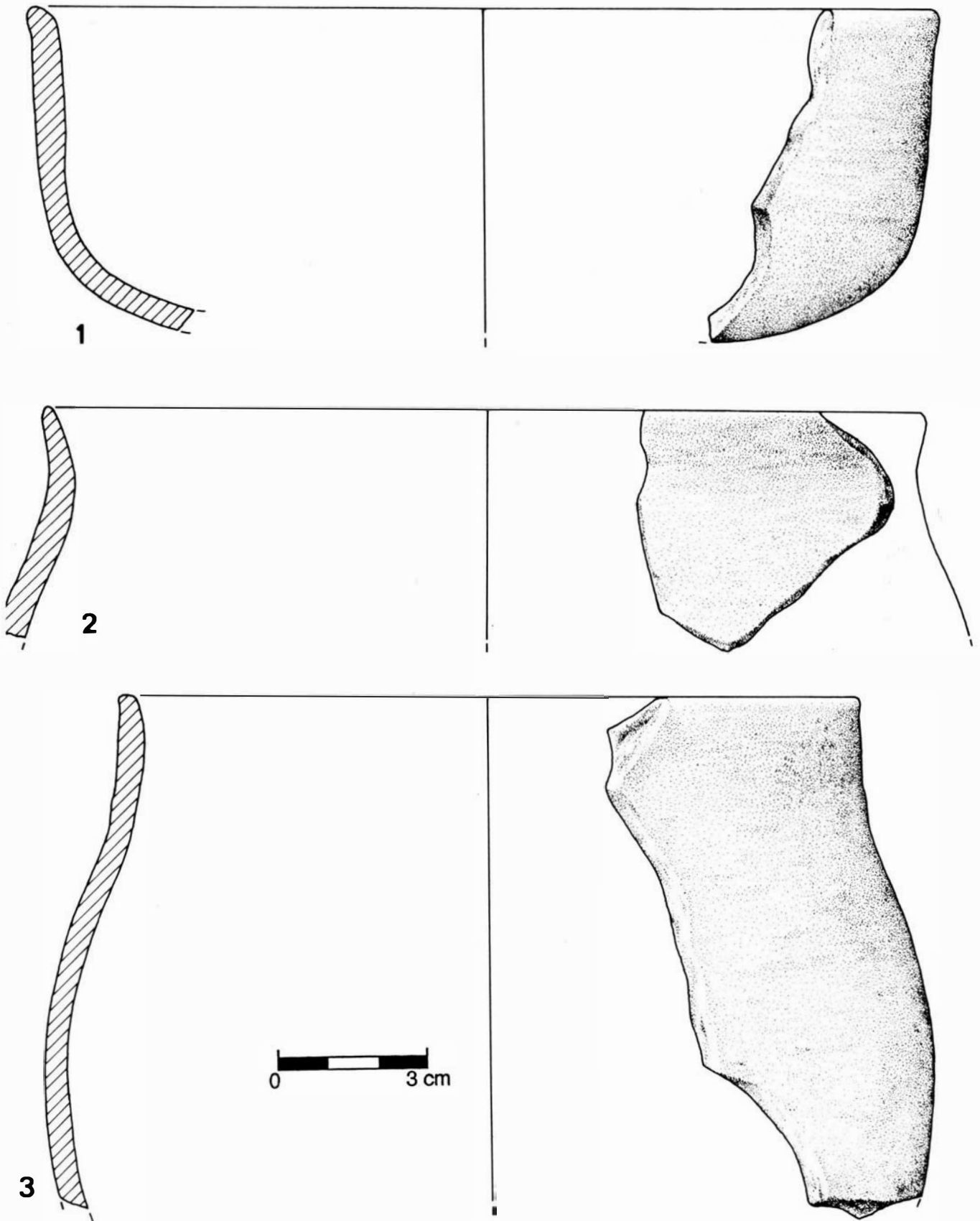


Fig. 5 – Gruta da Ponte da Lage. Cerâmicas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

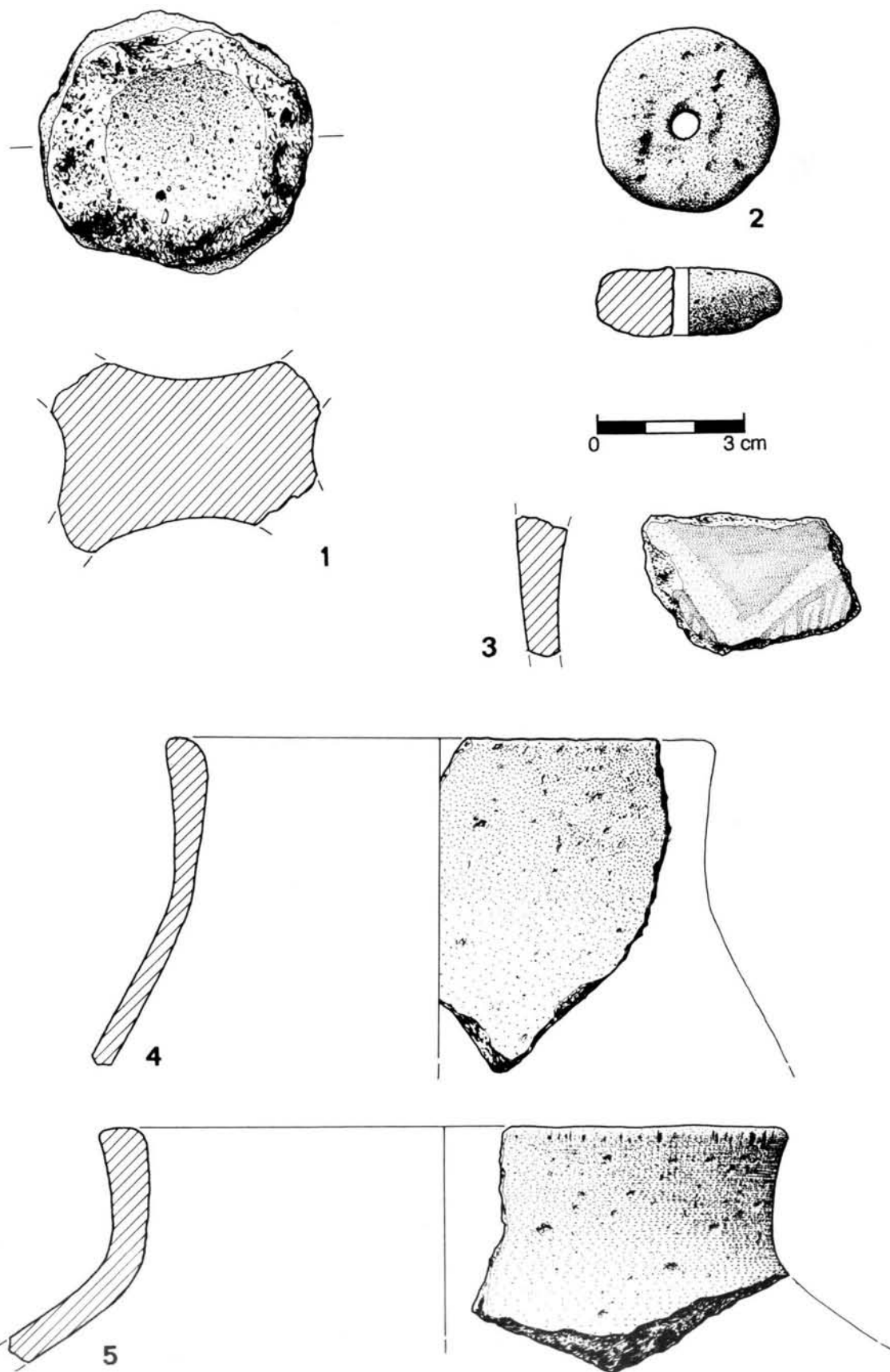


Fig. 6 – Gruta da Ponte da Lage. Cerâmicas da Idade do Bronze (desenhos de Carlos Lemos).

uma funcionalidade específica para a cavidade, talvez local de armazenamento e conservação de produtos alimentares, como parece indicar a predominância dos grandes recipientes (“vasos de provisões”).

5 - O conjunto estudado afigura-se incompleto; terão sido desprezados fragmentos sem bordo, indispensáveis para a caracterização da tipologia dos grandes recipientes. Com efeito, tão escasso número de fragmentos corresponde marcada diacronia, do Bronze Antigo ao Bronze Final, passando talvez pelo Bronze Médio, sem se poder excluir, ainda, que alguns deles pertençam à Idade do Ferro.

BIBLIOGRAFIA

ARTEAGA, O. & SCHUBART, H. (1981) - Fuente Alamo. Campaña de 1979. *Noticiario Arqueologico Hispanico*, 11, Separata, 32 p.

BÜBNER, T. (1994) - A Cultura do Vaso Campaniforme no concelho de Alenquer. *Anais. Série Histórica*, 1, p. 17-44. Universidade Autónoma de Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119-134.

CARDOSO, J. L. (1995a) - Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). Revisão dos materiais paleolíticos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 49-66.

CARDOSO, J. L. (1995b) - *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e de 1994*. Câmara Municipal de Sesimbra.

CARDOSO, J. L. (1995c) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Mediterrâneo*, 2, p. 193-206.

CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Museo Nacional de Ciencias Naturales, Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas. Memoria 27. Madrid.

GOMES, M. Varela (1992) - A Idade do Bronze Final. In *Proto-história de Portugal*, Universidade Aberta, 36, p. 103-125.

JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) - El Castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 20, p. 55-141.

KALB, P. & HÖCK, M. (1985) - *Cerâmica de Alpiarça*. Exposição temporária na galeria dos Patudos, Alpiarça, 15 de Junho a 7 de Julho.

MARQUES, G. (1972) - *Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*. Trab. Inst. Antr. Doutor Mendes Corrêa, 13. Porto.

PAÇO, A. do; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) - Gruta da nascente do rio Almonda. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11 (1/2), p. 171-187.

- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1979) - *Pré-história da área de Sines*. Gabinete da Área de Sines. Lisboa.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals von Neolithikum bis an der Bronzezeit*. Madrider Beiträge, 7. Mainz.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1973/74) - Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final de la Roça do Meio (Calhariz). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 57, p. 91-153.
- VAULTIER, H.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) - Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 111-115.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1915) - *De Campolide a Melrose*. Imprensa Nacional. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1922) - Notícias arqueológicas do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*, 25, p. 118-123.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957) - A gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 38 (2), p. 389-400.

O POVOADO DO BRONZE FINAL DO ALTO DAS CABEÇAS (LEIÃO, OEIRAS)

João Luís Cardoso ⁽¹⁾ & Guilherme Cardoso ⁽²⁾

1 - INTRODUÇÃO

O povoado da Idade do Bronze do Alto das Cabeças foi por nós identificado em 9 de Dezembro de 1973, tendo, desde então, e até o seu completo desaparecimento, em Dezembro de 1993, sido objecto de sucessivas prospecções, que proporcionaram a recolha de numerosos materiais líticos e cerâmicos. A sua implantação é idêntica à de outros povoados do Bronze Final da região de Lisboa: trata-se de encosta suave, voltada a nascente, nas imediações de linha de água, constituída por solos muito férteis, resultantes da alteração de tufo e rochas do Complexo Basáltico de Lisboa. As suas coordenadas eram as seguintes: Q 985 974 (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, Folha 430 - Oeiras, Lisboa, 1970). Encontra-se inventariado com o número 15 na carta arqueológica do concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993); terá sido também referido por MARQUES & ANDRADE (1974, p. 133), a tratar-se do local agora em apreço (Fig. 1).

2 – DISTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS

A área de recolha de materiais arqueológicos correspondia, aproximadamente, a uma faixa com cerca de 50 m de comprimento, paralela às curvas de nível e a outra faixa, com orientação perpendicular à anterior e comprimento idêntico, situada a norte daquela, e dela separada por talude moderno, relacionado com a preparação de terrenos agrícolas (Fig. 2). Actualmente tais terrenos integram-se na área do TAGUSPARK.

A distribuição dos materiais arqueológicos (com baixa densidade) não se apresentava aleatória. Da primeira das referidas faixas, provém a quase totalidade da cerâmica recolhida, enquanto a segunda se caracterizava pela abundância do material lítico. Desta forma, parece configurar-se, no seio da área ocupada por este povoado, diferenças funcionais, talvez relacionadas com diversas actividades domésticas, apesar dos remeximentos devidos às lavouras, com a conseqüente dispersão dos materiais arqueológicos.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Associação Cultural de Cascais.*

3 – ESPÓLIO

3.1 - Materiais cerâmicos

Os materiais cerâmicos são pouco abundantes e muito fragmentados, como seria de esperar, tratando-se de recolhas superficiais. Predominam restos de grandes recipientes de colo alto, cilíndrico e bojos pouco pronunciados (“vasos de provisões”), de fundos planos, providos de pegas horizontais (Fig. 3, n.ºs 1 a 4; Fig. 4, n.ºs 5 a 11; Fig. 5, n.ºs 3, 6 e 7); trata-se de formas em tudo idênticas às exumadas em outros povoados da mesma época, como o Casal do Serigato (CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig. 10) ou a Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986). Ocorrem, igualmente, taças carenadas (em geral de carena baixa) de menores dimensões (Fig. 4, n.ºs 1 a 3; Fig. 5, n.ºs 1, 2, 4 e 5). Registe-se, ainda, a ocorrência de uma asa em fita (Fig. 4, n.º 4). É de salientar, como em outros contextos habitacionais da mesma época e de características idênticas, a ausência da cerâmica com ornatos brunidos, conhecida no entanto em povoados de altura desta região, como o Cabeço dos Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971), o Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, em preparação) e o Cabeço do Mouro, Cascais (CARDOSO, 1991, p. 80, 81), para só citarmos três estações de diferentes concelhos desta região.

As decorações são excepcionais. Estão representadas por sulcos horizontais, em recipientes globulares; são idênticas às que ocorrem no mesmo tipo de recipientes da Idade do Ferro da região, embora estes já sejam produzidos ao torno rápido. As pastas são de textura média e grosseira, especialmente nos exemplares de maiores dimensões. Os elementos não plásticos estão representados sobretudo por grãos de quartzo e de feldspato ocorrendo, porém, em reduzido número de fragmentos, abundantes minerais ferromagnesianos (piroxenas), que documentam uma produção local, recorrendo a matérias-primas argilosas resultantes da alteração das rochas do Complexo Basáltico de Lisboa, aflorantes no local da estação. Excepcionalmente, ocorrem pastas mais finas, de coloração cinzento-anegrada, onde se evidenciam numerosas palhetas micáceas, as quais denotam produções francamente exógenas. A ocorrência de grãos de quartzo e, sobretudo, de feldspato, mais do que indicarem fabricos exógenos, a partir de um importante centro de produções à escala regional, poderão sugerir (CARDOSO & CUNHA, 1995) comércio específico de tais elementos desengordurantes, a partir de uma determinada área de produção, que, na região, forçosamente corresponderá à serra de Sintra.

3.2 – Indústrias líticas

A exclusiva recolha superficial do espólio ora estudado impede que artefactos líticos de comprovada longevidade, como os raspadores e as lâminas, de que se recolheram alguns exemplares, sejam seguramente atribuídos à Idade do Bronze, apesar da ausência de materiais cerâmicos característicos de épocas anteriores; deste modo, os únicos elementos líticos da Idade do Bronze correspondem a numerosos elementos de foice sobre lasca, com um dos bordos denticulado, além de lascas resultantes provavelmente ao seu fabrico (Fig. 6). Em trabalho anterior (CARDOSO *et al.*, 1980/81) procedeu-se a uma classificação topográfica deste grupo de artefactos; entre os tipos então definidos, salienta-se os exemplares de contorno sub-triangular, atribuíveis às extremidades da série de elementos que, encastrados em suporte de madeira, constituiriam a parte cortante das respectivas foices.

3.3 – Objectos de adorno

Apenas se recolheu, na zona mais elevada e meridional da estação, metade de uma conta circular de cornalina translúcida avermelhada, com perfuração bicônica (Fig. 3, n.º 5). Trata-se de exemplar em tudo idêntico aos exumados no povoado da altura do Bronze Final da Coroa do Frade, Évora (ARNAUD, 1995, p. 44 e 45); com efeito, tanto no Neolítico como no Calcolítico, desconhecemos contas nesta matéria-prima.

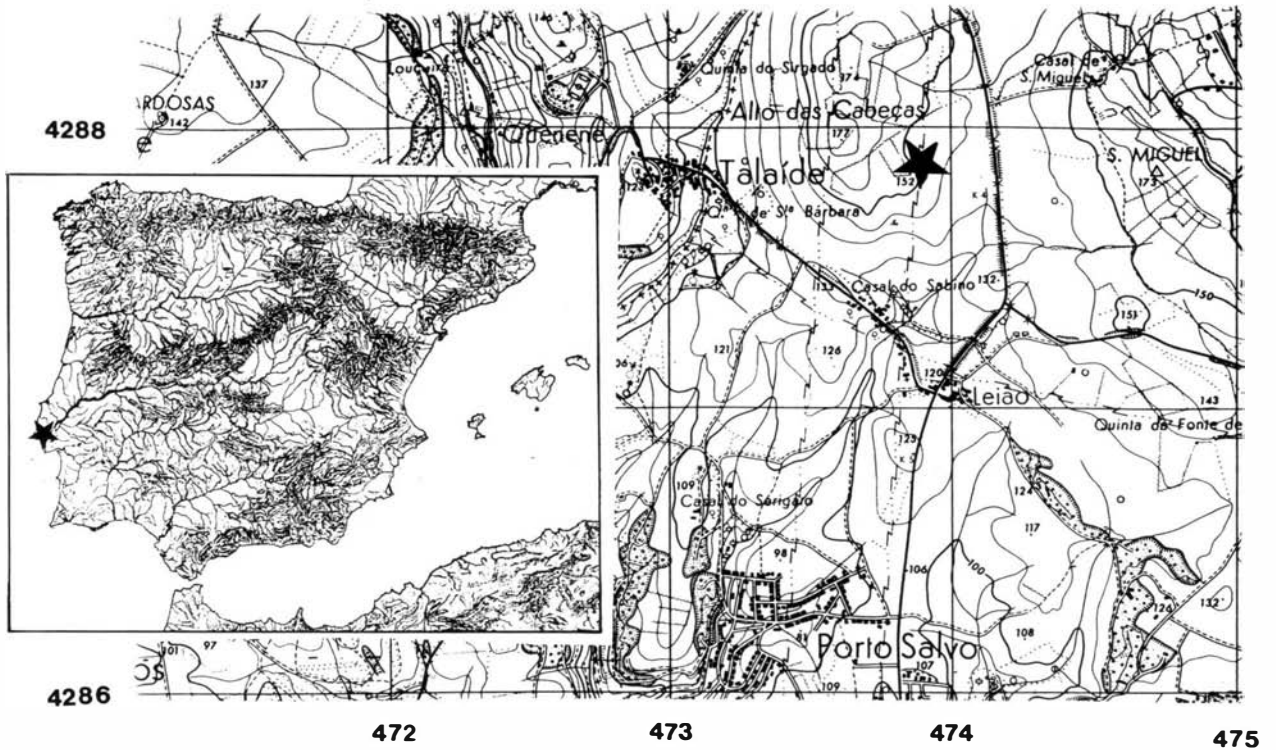


Fig. 1 – Implantação da estação do Alto das Cabeças na Península Ibérica e na carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha nº. 430 - Oeiras, S.C.E., Lisboa, 1970).



Fig. 2 – Visita da encosta do Alto das Cabeças, correspondente ao povoado do Bronze Final, em primeiro plano. Em segundo plano, separado pela estrada do Porto Salvo para Cacém, o Alto de São Miguel (fot. de G. Cardoso).

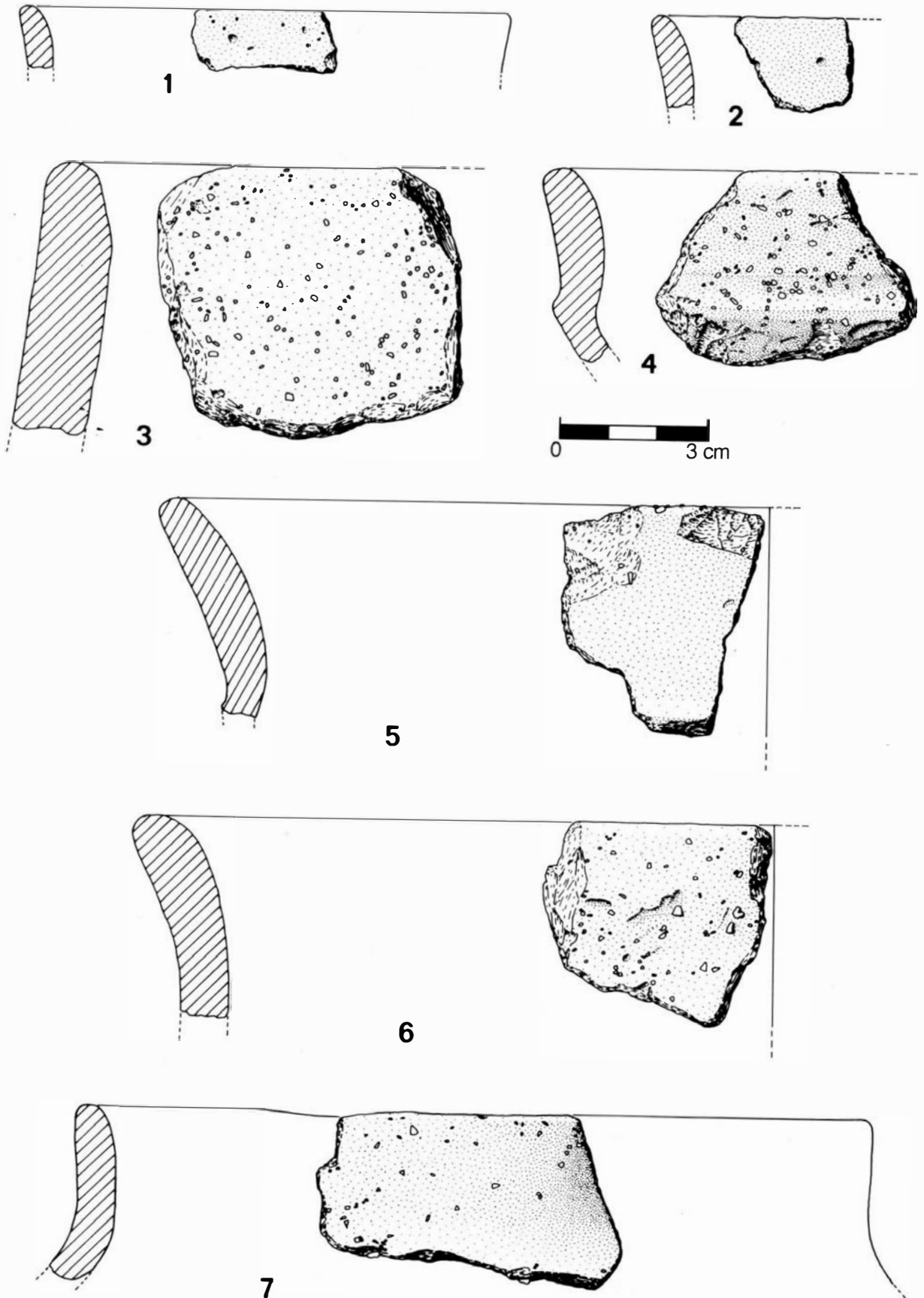


Fig. 3 – Alto das Cabeças. Grandes recipientes e taças carenadas.

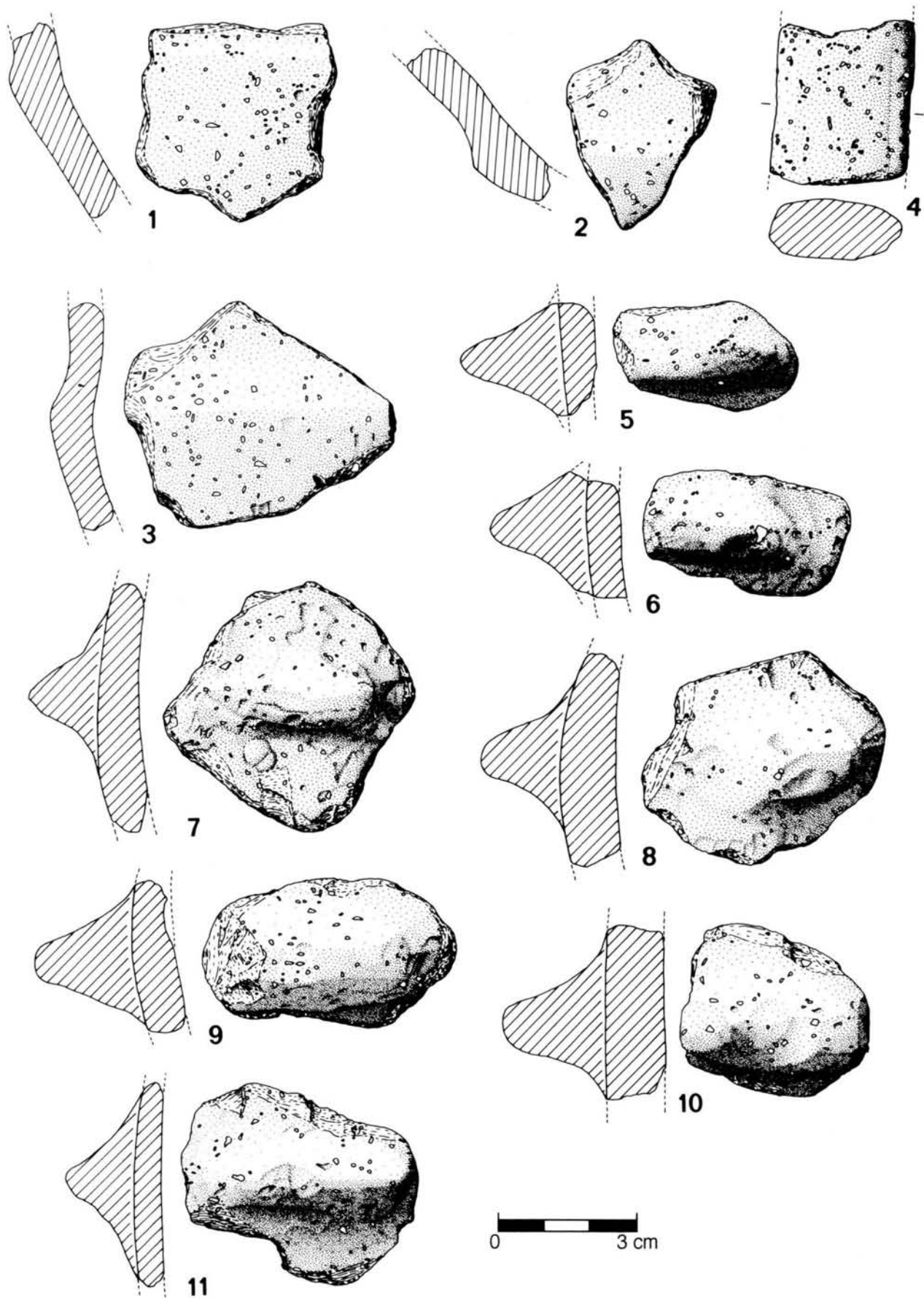


Fig. 4 – Alto das Cabeças. Taças carenadas, asa, pegas de grandes recipientes.

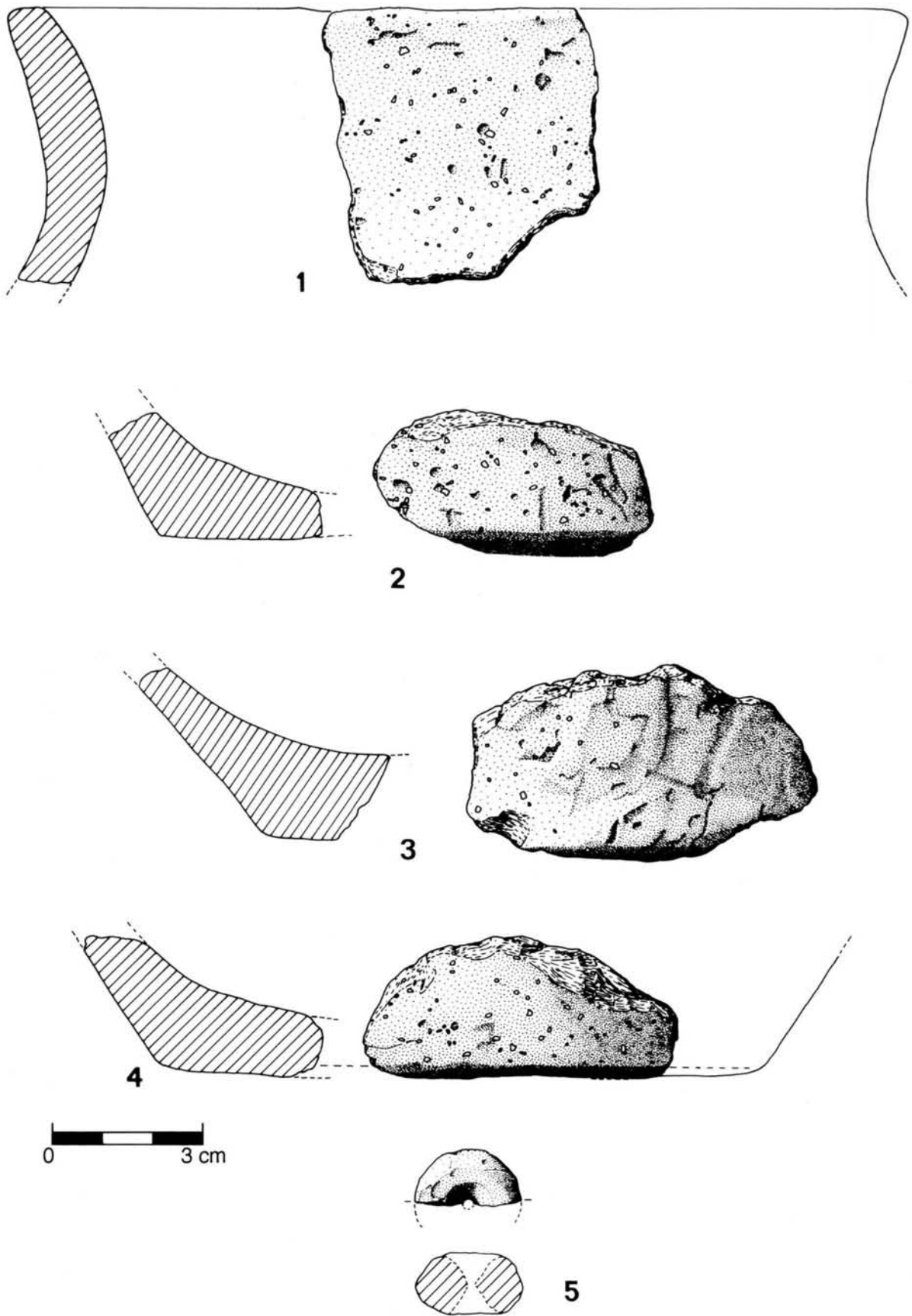


Fig. 5 – Alto das Cabeças. Grandes recipientes e conta incompleta de cornalina.

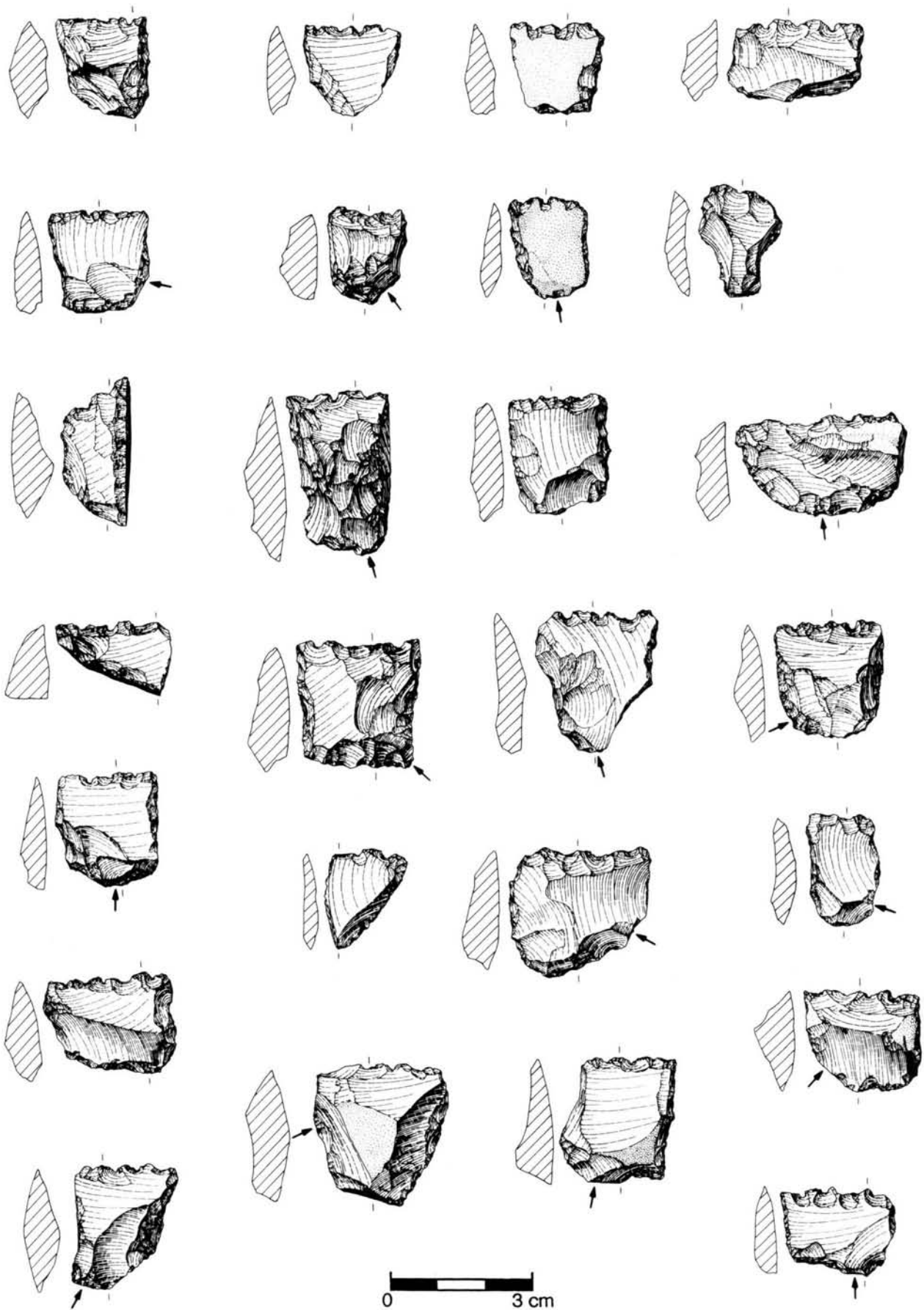


Fig. 6 – Alto das Cabeças. Elementos denticulados de foice de sílex, sobre lasca.

4 – ECONOMIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

O povoado aberto do Alto das Cabeças insere-se em um contexto regional, correspondente à baixa península de Lisboa, caracterizado pela abundância de estações homólogas, designadas expressivamente por “casais agrícolas” (MARQUES & ANDRADE, 1974); com efeito, a actividade dominante destas comunidades, pacíficas e sedentárias, de raiz familiar (CARDOSO, 1995a), instaladas em pequenas unidades habitacionais, que raramente atingiriam a dimensão de verdadeiros povoados, como o da Tapada da Ajuda, correspondia à produção intensiva de culturas cerealíferas, como é demonstrado pela abundância dos elementos de foice recolhidos, em quantidades por certo muito superiores às suas próprias necessidades.

Tal situação configura um comércio transregional, no qual os produtos agrícolas, para cuja produção esta região se encontrava particularmente vocacionada, seriam permutados por matérias-primas e por artefactos metálicos exógenos, cuja existência é bem conhecida na região (KALB, 1980). O acréscimo do comércio dos produtos metálicos manufacturados ou das respectivas matérias-primas, encontra-se expressivamente documentado pelo molde de fundição de foices do Casal de Rocanes, Cacém, Sintra (FONTES, 1916), ilustrando a produção local do tipo designado “de Rocanes”, o qual substituiu, no final da Idade do Bronze, os modelos mais antigos recorrendo a elementos líticos como os representados no Alto das Cabeças. Conhecem-se exemplares metálicos daquele tipo de foices na região de Sesimbra (SERRÃO, 1966). A aludida actividade comercial explica, para além de obectos do quotidiano, artefactos de prestígio (armas, adereços, jóias), não destinados aos habitantes de tais “casais agrícolas”; estes elementos destinavam-se a elites, que progressivamente se afirmam no decurso do Bronze Final, sediadas em povoados de altura, de que se conhecem alguns na região, como o Cabeço de Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971), o Cabeço do Mouro, Cascais (CARDOSO, 1991) ou o Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, em preparação) a partir dos quais administrariam determinados territórios bem definidos, controlando as respectivas vias de circulação nelas existentes (CARDOSO, 1995b, p. 126; CARDOSO, 1995c): assim se teria crescentemente afirmado um processo de estratificação social documentado pela multiplicação de povoados de altura, no final do Bronze Final. As cerâmicas finas com “ornatos brunidos”, de produção tardia adentro do Bronze Final, que ali ocorrem, permitem situar cultural e cronologicamente o culminar de tal processo social.

A ser assim, as comunidades - como a do Alto das Cabeças - que se dispersavam pelos territórios correspondentes a cada um daqueles povoados, integrariam a base de um sistema económico-social no qual constituíam, fundamentalmente, o elemento produtivo.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1995) – Coroa do Frade: uma fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. *In a Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, p. 43-45. Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia. Instituto Português de Museus. Lisboa.

CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais, 111 p.

CARDOSO, J. L. (1995a) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 87-96.

CARDOSO, J. L. (1995b) – Os povoados do Bronze Final a norte do estuário do Tejo. *In a Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, p. 126. Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia. Instituto Português de Museus. Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1995c) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34 p. 33-74.

- CARDOSO, J. L. (em preparação) – A ocupação do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra).
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p.
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (1995d) – *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Câmara Municipal de Sesimbra, 59 p.
- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) – Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-138.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. L.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*, S. II, 15, p. 13-18.
- FONTES, J. (1915) – Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*, 21, p. 337-347.
- KALB, P. (1980) – O “Bronze Atlântico” em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1, p. 112-138. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G. M. (1974) – Aspectos da Proto-história do território português. 1 - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, p. 125-148.
- SERRÃO, E. da Cunha (1966) – Bronzes de Alfarim e de Pedreiras, Sesimbra. Subsídios para o estudo do Bronze Atlântico. *In Memoriam do Abade Henri Breuil*, 2, p. 303-330. Faculdade de Letras de Lisboa.
- VICENTE, E. P. & ANDRADE, G. M. (1971) – A estação arqueológica do Cabeço de Moinhos. Breve notícia. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, p. 223-238.

O FINAL DA IDADE DO FERRO NO CONCELHO DE OEIRAS: UM CONTRIBUTO

João Luís Cardoso ⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

No decurso da revisão e estudo sistemáticos dos materiais arqueológicos provenientes do concelho de Oeiras e pertencentes às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, de que nos temos vindo a ocupar desde 1990, deparamos com três fragmentos cerâmicos de tipologia sidérica, de mistura com materiais posteriores, especialmente romanos. O interesse que tais fragmentos detinham, do ponto de vista arqueológico, era grande, pois vinham colmatar uma lacuna da ocupação humana daquela área concelhia, correspondente ao final da Idade do Ferro (CARDOSO, 1995 a). Tal razão, que não a raridade ou o especial interesse intrínseco das peças, justificou o presente estudo.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

Desconhecem-se as condições de jazida dos materiais em pormenor a não ser a informação de terem sido recolhidos no “Cemitério de Oeiras”, conjuntamente com espólio de época romana e de carácter doméstico. Trata-se de estação que permaneceu, até ao presente, inédita; apenas CORREIA (1913, p. 93) declara que “À saída da vila, para o norte, sabe-se de um cemitério da mesma época, na Quinta da Costa” (referia-se o A. à época romana).

Investigações recentes, nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia, permitiram recuperar importante documentação manuscrita, de José Leite de Vasconcellos, sobre as explorações realizadas, bem como a sua rigorosa localização no terreno (CARDOSO & CARREIRA, 1996).

O cemitério, que era de inumação, desenvolvia-se em encosta contígua à área de implantação de importante mosaico, o qual indica a presença de uma *villa urbana* (Fig. 1). Com efeito, Leite de Vasconcellos declara, em nota manuscrita: “Este quintal é contíguo à propriedade do Mendes onde apareceu o cemitério” (trata-se do quintal, situado do lado sul da necrópole romana, adjacente à casa cuja cave continha o mosaico). Em outra pequena folha, Leite de Vasconcellos escreveu:

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

“Cemiterio de Oeiras
Apareceu nos entulhos de um poço da mesma propriedade:
uma figura de bronze.
Pelo campo: um rebolo comprido, de mó;
3 pesos de barro (*pondera*);
1 peso de pedra natural, como os da Serra de Pragança;
1 conta canellada verde;
potes quebrados;
asas como de amphoras (mas não fundos).”

Verifica-se, pois, que os testemunhos da *villa* representados, designadamente, pelos pesos de tear e pelos fragmentos de ânforas, atingiam a zona ocupada pela necrópole; a maioria dos objectos descritos correspondem ao conjunto actualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia, e no qual se integra o espólio sidérico agora estudado (“potes quebrados”, “asas como de amphoras”), que documentam a ocupação do local em época anterior ao estabelecimento da referida *villa* romana, por seu turno mais antiga que a necrópole; com efeito, o mosaico é datável do século II d.C. (GOMES *et al.*, 1996), enquanto o cemitério é já tardo-romano ou mesmo alto-medieval (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Os materiais romanos listados por Leite de Vasconcellos foram recentemente estudados (GOMES *et al.*, 1996), numa perspectiva integrada com o estudo do mosaico.

Do ponto de vista geo-ambiental, trata-se de uma superfície regular, com declive suave e voltada para sul-poente, com excelente exposição solar, correspondente a trecho da encosta esquerda do vale da ribeira da Lage, a qual corre a cerca de 150 m do local, distante 1 Km da embocadura com o estuário do Tejo, na praia de Santo Amaro de Oeiras (Fig. 1). Na carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, ao cemitério corresponde o n.º. de inventário 59, enquanto à *villa* foi atribuído o n.º. 62 (CARDOSO & CARDOSO, 1993).

3 - OS MATERIAIS

Todas as peças possuem etiquetas de papel, antigas, nalguns casos muito carcomidas, com a indicação “Cemiterio de Oeiras”.

1 - Fragmento de asa de ânfora, de contorno anular e secção elipsoidal (Fig. 2, n.º. 1). Trata-se de exemplar de feição púnica, compatível com Mañá C2, embora a pasta, fina e de coloração rosa-avermelhada, lembre materiais mais antigos. Com efeito, as asas deste tipo de ânforas mantiveram-se inalteradas quanto ao formato e tipologia desde o século VIII a.C. até inícios do século I a.C. (PELLICER, 1978).

Deste modo, a única indicação fornecida pelo exemplar em causa é a de se tratar de produto de origem ou influência fenício-púnica (n.º. inv. MNA 16 126D - “asa curta e grossa, cilíndrica”);

2 - Fundo de ânfora cilíndroide, com ligeira protuberância terminal (Fig. 2, n.º. 2). Pasta fina, e com engobe de coloração esverdeada, ligeiramente pulverulento (HUE 10y8/2). Fractura de coloração idêntica. Elementos não plásticos inclassificáveis à vista desarmada, pela sua pequenez.

Exemplar de ânfora Mañá C2 (n.º. inv. MNA 16126 B - “ponta fundal de anfora”).

3 - Porção de bordo e de colo de grande vaso de cerâmica comum. Barro vermelho-rosado; núcleo castanho-escuro. Superfície externa alisada com nítidas marcas resultantes do movimento da roda; superfície interna rugosa. Pasta fina a média, com raros e.n.p., sobretudo de quartzo. Trata-se de um recipiente fechado, de colo estrangulado, com ressalto na separação entre este e o bojo, como nos *pythoi* e na tradição destes, tanto na forma como na pasta (n.º. inv. MNA 16 126 A).



Fig. 1 – Localização aproximada, a tracejado, dos materiais estudados no terreno, em encosta que futuramente viria a ser ocupada pela *pars rustica* de *villa* romana.

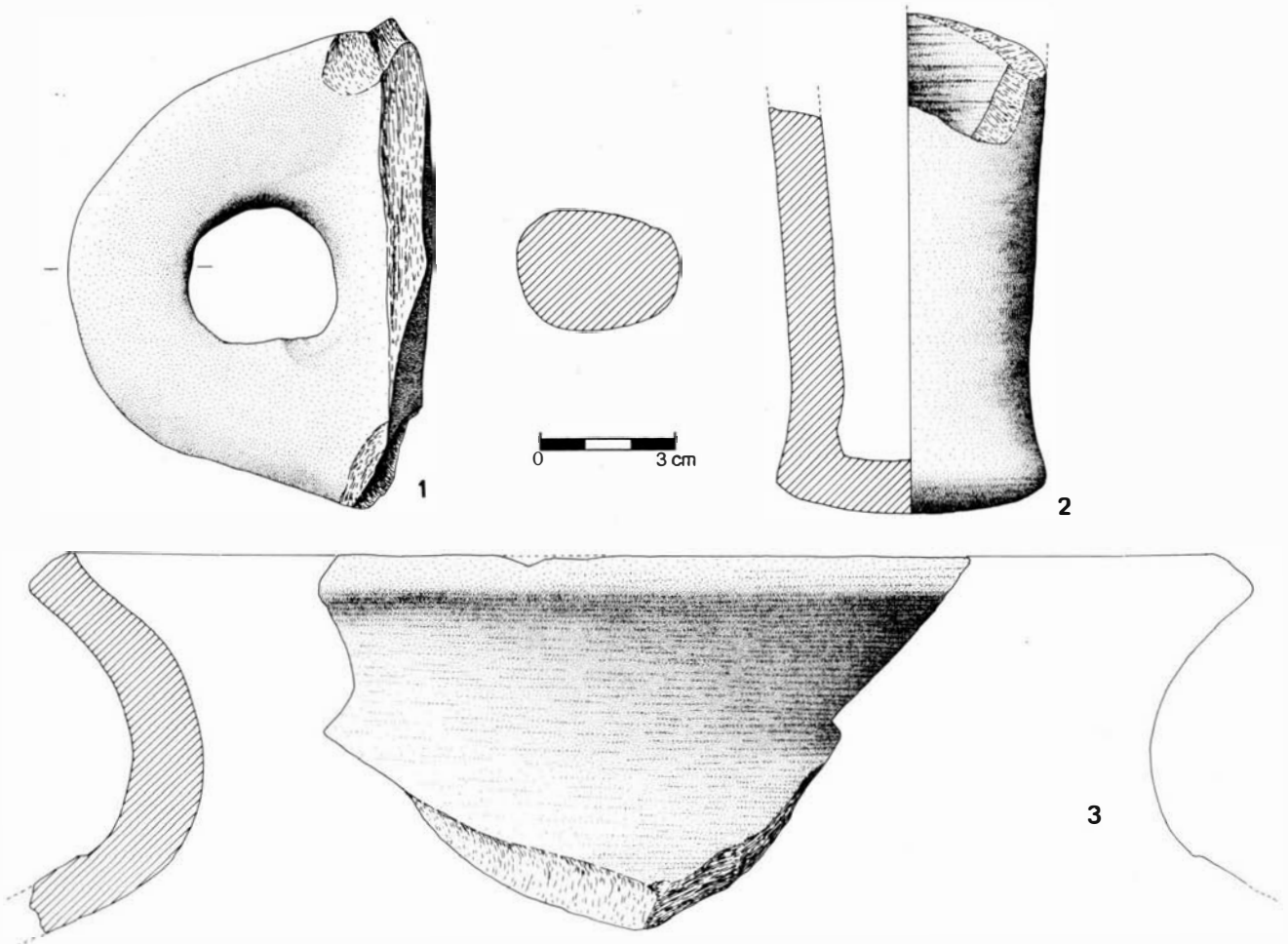


Fig. 2 – Materiais cerâmicos da Idade do Ferro de Oeiras.

4 - COMPARAÇÕES, CRONOLOGIA

O tipo de ânfora Mañá C-2 é uma forma de origem púnica. O prosseguimento das investigações conduziu à identificação de três sub-tipos: C-2a, C-2b e C-2c (GUERRERO AYUSO & ROLDAN BERNAL, 1992).

A C-2a diferencia-se essencialmente do sub-tipo 2b por ombro bem marcado que diferencia nitidamente o colo do resto do corpo (*idem*, p. 48). Não incluindo o conjunto ora estudado nenhum fragmento daquela porção, torna-se impossível levar a classificação àquele pormenor, se bem que o engobe esverdeado, seja característico do sub-tipo Mañá - C2a (*idem*, p. 48, 50). Esta forma corresponde, essencialmente, ao século II a.C., verificando-se o apogeu da sua utilização como contentor para a comercialização, provavelmente de vinho, no segundo quartel daquela centúria. O seu fabrico em Cartago encontra-se plenamente documentado; porém, a produção interrompeu-se após a destruição da cidade, em 146 a.C.; tomaram, então, lugar, as produções ocidentais, situadas de ambos os lados do Estreito, correspondentes já ao sub-tipo 2b, nos quais “desaparecem de forma radical los engobes verde-oliváceos típicos del área de Túnez” (*idem*, p. 50).

Aceitando tratar-se – como sugere a coloração da pasta e do engobe – de uma produção de Cartago, a ocorrência deste exemplar na região da embocadura do Tejo permite admitir a manutenção, por parte dos seus habitantes, de relações comerciais com o Norte de África no decurso daquele século; tal fragmento documentaria, assim, uma realidade económica regional, privilegiando as ligações ao mundo mediterrâneo, com carácter constante desde os séculos VIII-VII a.C., veiculados por comerciantes fenícios. Tais contactos atingiram a romanização, sem solução de continuidade, ao longo de toda a fachada ocidental do centro e do sul de Portugal, como documentam, primeiro, as produções púnicas e, depois, as homólogas itálicas, coexistindo, por vezes, em um mesmo local, como na vila de Odemira, em Alcácer do Sal e no Pedrão, Setúbal, materiais de ambas origens, em contextos bem datados dos séculos II-I a.C. (COELHO-SOARES, 1986).

Trata-se, pois, de um processo de contactos económicos e culturais, contínuo e prolongado, protagonizado pelas populações indígenas habitantes do referido espaço geográfico, pertencendo os materiais ora estudados ao final deste ciclo, designado por SILVA *et al.* (1980/81) por III Idade do Ferro mediterrânica.

Com efeito, nas regiões litorais do centro e sul do país, fortemente marcadas por estímulos culturais daquela área geográfica, veiculados por navegações costeiras de carácter comercial, as influências continentais jamais tiveram expressão significativa (CARDOSO, 1995 b). Saliente-se que o referido comércio atingiu domínios francamente setentrionais, como documenta o achado de ânforas Mañá C-2b na Galiza (GUERRERO AYUSO & ROLDAN BERNAL, 1992, p. 51-51) e de cerâmicas púnicas, a partir do século V a.C. em diversos castros do norte de Portugal (SILVA, 1986, 1992, p. 64).

A riqueza agrícola, e também pecuária, da região ribeirinha do estuário do Tejo, explicaria a existência de excedentes susceptíveis de serem permutados por produtos manufacturados, como o vinho ou os decorrentes da indústria de transformação de pescado; assim se compreende a presença do sub-tipo 2a, sobretudo destinado ao transporte vinário e do sub-tipo 2b, directamente relacionado com as fábricas de salga existentes na região do Estreito, tanto na Península como na costa africana.

Na área que interessa particularmente a este estudo, ânforas do tipo Mañá C-2 foram até ao presente identificadas em dois contextos domésticos: no provável “casal agrícola” de Cabanas - S. Marcos, Sintra (MAIA, 1978; PIMENTA, 1982/83) e no castro de Chibanes, Palmela (COSTA, 1910; MAIA, 1978). No primeiro, os fragmentos, pouco representativos, sugerem o sub-tipo-b pelas características da pasta e do engobe, que jamais se apresenta de coloração esverdeada; no segundo, tal conclusão é reforçada também pela tipologia dos exemplares, alguns dos quais completos.

O fabrico de ânforas púnicas no actual território português foi recentemente documentado em Alcácer do Sal (DIOGO *et al.*, 1993), ali provavelmente relacionado com a indústria piscícola.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Carlos Tavares da Silva pelas trocas de impressões havidas e as indicações bibliográficas. A Júlio Roque Carreira as indicações das notas manuscritas de José Leite de Vasconcellos, arquivadas no Museu Nacional de Arqueologia. Ao director deste Museu, pelas facilidades concedidas no estudo do espólio agora estudado.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1995 a) - Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 87-96.
- CARDOSO, J. L. (1995 b) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - *Carta arqueológica do concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) - A necrópole tardo-romana e alto medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 407-417.
- COELHO-SOARES, A (1986) - Achados arqueológicos na vila de Odemira. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, p. 87-92.
- COSTA, A. I. Marques da (1910) - Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. Appendice. Homo protohistorico. Idades do Bronze e do Ferro no castro de Chibanes. *O Arqueólogo Português*, 15, p. 55-83.
- DIOGO, A. M. DIAS; FARIA, J. C. & FERREIRA, M. A. (1993) - Notícia de uma olaria em Alcácer do Sal produtora de ânforas ibero-únicas. *Comunicação apresentada às V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993).
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) - O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, p.
- GUERRERO AYUSO, V. M. & ROLDAN BERNAL, B. (1992)- *Catalogo de las ánforas prerromanas*. Museo Nacional de Arqueología Marítima. Cartagena.
- MAIA, M. (1978) - Ânforas neopúnicas do sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1977), 1, p. 199-207.
- PELLICER, M. (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9, p. 365-400.
- PIMENTA, F. C. (1982/83) - Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra. *Sintria*, 1/2, p. 117-150.
- SILVA, A. Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja no noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A. Coelho Ferreira da (1992) - Proto-história do norte e do centro de Portugal. *In Proto-história de Portugal*, Universidade Aberta, 36, p. 31-97.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de Mello; DIAS, L. Ferrer & COELHO-SOARES, A. (1980/81) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 141-218.

O MOSAICO ROMANO DE OEIRAS. ESTUDO ICONOGRÁFICO, INTEGRAÇÃO FUNCIONAL E CRONOLOGIA

Mário Varela Gomes⁽¹⁾, João Luís Cardoso⁽²⁾ & Maria da Conceição André⁽³⁾

1 – ANTECEDENTES

No dia vinte e seis de Janeiro de 1903, era publicada no jornal “O Século” a seguinte notícia:

“Preciosidade archeologica

Oeiras, 25.—C. N’um desaterro da propriedade do Sr. José Joaquim Petrolim, foi encontrado um pavimento de mosaico de desenhos muito regulares em que predominam as cores preta, branca, magenta, amarella e azul. Parece ter pertencido a qualquer mesquita arabe e ser bastante ampla, pois que se prolonga por baixo dos alicerces do predio e ao longo do quintal, sendo de notar que o mesmo quintal entesta com a propriedade do nosso amigo Sr. Esteves Mendes, onde ha tempos appareceram as ossadas a que referi.

Bom será que alguns entendidos visitem o local do achado, para bem se poder avaliar que antes do burgo fundado pelo grande marquez de Pombal, já aqui existiu uma grande povoação pertencente a outras raças.”

Esta notícia despertou o interesse de José Leite de Vasconcellos, que no mês de Novembro de 1901 tinha procedido à exploração de quatro sepulturas na propriedade de Esteves Mendes, referida na notícia (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Verificando-se “*in loco*” o interesse da descoberta, nova notícia é publicada, a 5/2/1903 no mesmo jornal matutino, a qual se transcreve na íntegra:

“O achado archeologico

Oeiras, 4.—C. Em seguida á nossa primeira notícia, veiu aqui o Sr. dr. Leite de Vasconcellos, acompanhado do Sr. Carvalhaes, preparador do Museu Ethnologico, que tirou photographias dos quadros descobertos; Mandou-se depois proceder a nova escavação para o norte, vendo-se que apenas se prolongava 1m,5 para aquelle lado. O mosaico é, como dissêmos, polychromo e de origem luso-romana, com diferentes quadros de phantasia, sendo o principal o que consta d’um circulo dividido em quadrantes por uma cruz, estando em cada um dos ditos quadrantes embutido um passaro que poisa d’um ramo.

⁽¹⁾ Da Academia Portuguesa da História.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽³⁾ Técnica Superior do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.

Estão hoje aqui o sr. Carvalhaes e Guilherme Gameiro, desenhador, tirando “croquis” dos diferentes quadros.

Segundo nos consta, o dono do predio tenciona conservar esta preciosidade archeologica a descoberto até ulterior resolução. Espera-se novamente a vinda aqui do sr. dr. Leite de Vasconcellos para dar por findos os trabalhos de exploração.

A concorrência de visitantes tem sido numerosa para vêr esta maravilha d'arte.”

Com efeito, o significado real da descoberta justificou não só a deslocação de dois técnicos do então Museu Etnológico Português, acompanhados do seu Director, que se encarregaram do levantamento gráfico do mosaico – limitado apenas ao seu medalhão central – e fotográfico (Figs. 3 e 4). Foi ainda dirigido por Leite de Vasconcellos officio à Comissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionais, em 7/2/1903, cuja cópia manuscrita se conserva no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia (officio nº. 229). Crêmos que a sua transcrição integral se justifica, por confirmar a importância que aquele pioneiro da Arqueologia portuguesa atribuía ao achado (Fig. 5):

*“Presidente da Comm.ão Executiva
do Cons. dos Mon. Nac.*

Na villa de Oeiras, R. da Alcaçova, no quintal da casa de José Joaquim Petrolim appareceu um mosaico romano que, tanto pelo seu merito artistico, – embora o mosaico esteja em parte deteriorado – como por constituir valioso testemunho da historia dos arredores da nossa capital, que com relação á epocha de que se trata é ainda pouco conhecida, entendo que deve ser conservado: por isso, chamo a attenção de V. E. para o occorrido, e peço que, com a possivel brevidade, se digne tomar as providencias que julgar adequadas para que o referido monumento se salve da destruição imminente a que está sujeito, e o Estado o conserve in loco ou o adquira para qualquer Museu.

Por mim direi a V. E. que, por falta de espaço para convenientemente o collocar, não procuro comprá-lo para o Museu a meu cargo; mas caso o extraiam poderá elle ser, por exemplo, obtido para o Museu das Bellas Artes, ou para um dos varios museus municipaes do reino. O que importa é salvá-lo, para que não tenhamos de lamentar mais um desfalque na archeologia nacional

Lisboa 7. II. 903.”

Como tal officio não tivesse resposta e, entretanto, por ao Museu ter sido cedida a ala sul dos Jerónimos, ultrapassando-se a questão da aludida falta de espaço, procurou Leite de Vasconcellos negociá-lo directamente com o proprietário. Tendo acordado com ele a venda por 240#000 e prevendo que os custos com a sua remoção para o Museu ascenderiam a cerca de 300#000, solicitou e obteve, para o ano económico de 1902-1903, a concessão de 540#000 por parte do Governo, estabelecida por Portaria de 30 de Abril de 1903. Porém, o pagamento de tal montante jamais chegou a ser satisfeito, como Leite de Vasconcellos (1916, p. 144) declara. Perdida a esperança de aquisição pelo Governo, aquele arqueólogo oferece ao proprietário a quantia de 60#000, que retiraria do orçamento do Museu de que era director, conforme consta de carta de 25/7/1904, que o próprio mais tarde transcreve (VASCONCELLOS, 1916, 145), a qual vem no seguimento de correspondência trocada com o dono do mosaico. Com efeito, no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia conserva-se um postal deste último, datado de 10 de Junho de 1906 para Leite de Vasconcellos, do seguinte teor (inérito):

“Tenho a participar a V. E. que os intereçados falaram com o Sr. Dr. Pinto Coêlho e resolveu-se manter o preço que tinha dicto ao outro Sr. Dr. que cá esteve. Pedia a V. E. que se podesse me desse a resposta da sua resolução o mais breve possível. Sem mais, sou de V. E. att. Vn O.

João Pitrolim”

A esta missiva seguiu-se outra; trata-se de carta, não datada, igualmente conservada naquele arquivo e inédita, da qual se conclui estar o proprietário já informado da impossibilidade de se manter o preço anteriormente acordado de 240#000:

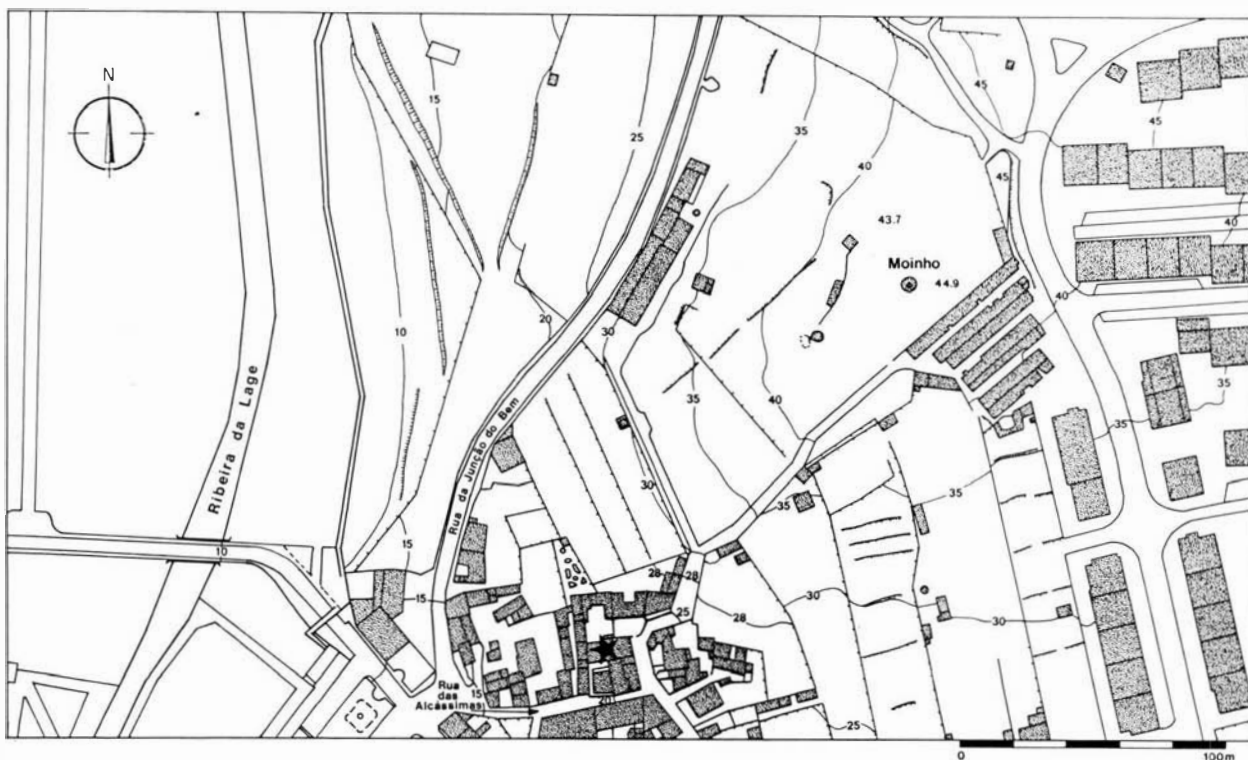


Fig. 1 – Localização do mosaico (assinalada com uma estrela); a Norte, desenvolvia-se a *pars rustica* da *villa*, ulteriormente ocupada por necrópole tardo-romana.



Fig. 2 – Localização do mosaico (círculo) na malha urbana do centro histórico da vila de Oeiras.

“Ill^o Exmo Sr. Dr.

Recebi a carta de V. Ex^a mas como não tenho estado em Oeiras só agora vou dar a resposta. Sinto muito que depois de se têr tratado um negocio com o Ex^o Sr. Dr. Francisco Pinto Coêlho venha V. Ex^a agora desfazelo. Pois tenho a dizer a V. Ex^a que em vista da sua carta nos achamos completamente desligados d'este negocio ficando nos o direito de o vendermos a quem o entendermos

Somos de V. E..., etc, Pelos Herdeiros João Pitrolim”

Um apontamento manuscrito aposto por Leite de Vasconcellos informa:

“O negocio não ficou tratado definitivamente. Ficou dependente de ulterior resolução, que foi a que indiquei. Offereci 60.000”.

Se Leite de Vasconcellos não conseguiu comprar o mosaico pela importância referida, também os proprietários, felizmente, não o lograram vender. O mosaico manteve-se *in situ* até à actualidade.

Em 1916 Leite de Vasconcellos redige um pequeno artigo onde descreve o mosaico, ilustrando-o com o desenho de um sector do mesmo, realizado em 1903 por Guilherme Gameiro (Fig. 4), e relata o processo burocrático que envolveu a tentativa da sua compra para o então Museu Etnológico.

Aquele arqueólogo (VASCONCELLOS, 1916, p.142) refere encontrar-se o mosaico em uma casa da “Rua da Alcáçova (vulgo da Alcácima)”. Ora, de facto, o topónimo antigo deve ser Alcácema que MACHADO (1958, p. 126, 127) faz remontar ao árabe *al-qasimā*, designando “a que divide, que reparte”. O mesmo autor menciona um topónimo próximo de Oeiras, a Alcácema, conhecida como a porção de mar entre a costa e o ilhote do Bugio, na barra do Tejo. Também é registado um Casal das Alcácimas, no concelho de Alcobaça.

Decorridas quatro décadas, Branca de Gonta Colaço e Maria Archer, num pequeno livro intitulado “*Memórias da Linha de Cascais*”, aludem ao mosaico de Oeiras nos seguintes termos: “Na casa que o Sr. João Vicente possui em Oeiras, no número 38 duma rua de nome mourisco, a das Alcássimas, descobriu-se recentemente um pavimento de mosaicos romanos” (COLAÇO & ARCHER, 1943, p. 169).

Em 23 de Novembro de 1959, o escultor Álvaro de Brée, na qualidade de delegado da Junta Nacional da Educação para o concelho de Oeiras, propõe a classificação do mosaico e sua ulterior aquisição pela Câmara Municipal de Oeiras. O processo teve seguimento, tendo sido nomeado relator o Prof. Joaquim Fontes. Este arqueólogo, em relatório de 9 de Dezembro de 1959 informa que o mosaico servia então de chão de galinheiro; porém, relativamente à proposta de Álvaro de Brée, é da seguinte opinião:

“Não pode esta sub-secção ter qualquer interferência na solução apresentada por Álvaro de Brée. Poderá perguntar, quando muito, à Câmara de Oeiras se está ou não interessada na aquisição dessa casa. Se a resposta for negativa, a 2^a. Sub-Secção da 6^a. Secção da Junta Nacional de Educação emite o parecer da recolha desse mosaico no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, solicitando a verba indispensável para tal fim, se isso fôr necessário...”.

Dando seguimento a tal parecer, homologado por despacho ministerial, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, em 22 de Janeiro de 1960 solicitou à Câmara Municipal de Oeiras informação sobre o interesse que detinha a aquisição do imóvel, insistindo-se a 14 de Março e a 8 de Julho do mesmo ano, por falta de resposta por parte da Câmara. Esta, em carta datada de 28 de Julho, informa que embora houvesse interesse na aquisição do imóvel, tal não seria possível por falta de disponibilidade financeira. Deste modo, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, baseada no parecer de Joaquim Fontes, oficia, em 11 de Agosto de 1960, o Director do Museu Etnológico no sentido de este promover a recolha do mosaico em causa. Em 23 de Outubro do ano seguinte, volta a ser o Director daquela instituição questionado por ofício da Direcção-Geral referida, sobre a situação do mosaico. A resposta de Manuel Heleno, datada de 28 de Outubro de 1961, é do seguinte teor:

“Em resposta ao ofício de V^a Ex^a (...), tenho a honra de informar que por falta de espaço e de verba para o levantamento, não foi possível instalar ainda neste Museu o Mosaico de Oeiras.

Não se podendo fazer o assentamento do mesmo, logo após o seu arranque, parece-nos preferível, para evitar a sua deterioração, conserva-lo no seu lugar.”



Fig. 3 – Fotografia do mosaico de Oeiras, aquando da sua descoberta, em 1903, Foto de J. de Almeida Carvalhaes (negativo do Museu Nacional de Arqueologia).

Parece verificar-se, assim, que não deveria haver qualquer pagamento ao proprietário do imóvel, não se tendo efectuado a remoção do mosaico, em 1960, apenas por falta de espaço disponível no museu dirigido por Manuel Heleno. Contudo, embora a decisão deste fosse correcta, o mosaico continuava a degradar-se. Em 1977 um de nós (J.L.C.) participou na sua limpeza, removendo entulhos que se acumulavam na cave do prédio onde se encontra. Era, então, notória a rápida desagregação da argamassa; as tesselas soltavam-se facilmente, devido sobretudo às infiltrações de água provenientes da canalização do primeiro andar do imóvel. Tal situação não se alterou na década de 1980. A deterioração prosseguiu, como se verifica pela comparação do estado, em 1903, da zona central do mosaico – a única então desenhada – com a situação actual.

Finalmente, em 25 de Julho de 1991, a Câmara Municipal de Oeiras adquiriu o imóvel que cobre o mosaico. Estavam, pois, reunidas as condições para se proceder ao desenho e estudo integral do que ainda restava daquele pavimento, tarefa que jamais se havia realizado. O evidente interesse iconográfico e artístico da obra justificavam plenamente tal acção, a qual, por outro lado, se inscreve no programa de recuperação geral e valorização do imóvel, em curso de concretização pela Câmara Municipal de Oeiras.

2 – TRABALHOS REALIZADOS

Conforme apontamento manuscrito, inédito, de J. Leite de Vasconcellos, o mosaico apareceu em 22 de Janeiro de 1903 à profundidade de 1.40 m, quando se procedia ao abaixamento do terreno da fundação do prédio urbano correspondendo aos números 32 a 38 da rua das Alcáçimas, situada no actual centro histórico da vila de Oeiras.

Uma fotografia, então obtida, ilustra bem tal situação (Fig. 3). Verificou-se, ainda, que o mosaico se prolongava sob os alicerces da referida construção, embora uma escritura de compra da casa, datada de 1744, o não refira, como indica Leite de Vasconcellos no apontamento mencionado.

Os trabalhos então efectuados, limitaram-se a desobstruir o mosaico dos entulhos que o cobriam até o limite do possível, o que, todavia, foi suficiente para o expor em boa parte da sua extensão original; para o efeito, procedeu-se à demolição parcial de uma das paredes da construção, visível na Fig. 2. Contudo, a limitada área posta a descoberto da sua zona central explica, a razão que levou Guilherme Gameiro a apresentar apenas o já referido desenho de um dos quadrantes que a integram (VASCONCELLOS, 1916, Fig. 1).

Não há registo da entrada de materiais no Museu Nacional de Arqueologia recolhidos no decurso de tal desaterro. Apenas no terreno contíguo, situado a norte, e onde se identificou um cemitério de inumação tardo-romano e alto medieval (CARDOSO & CARREIRA, 1996) se recolheram materiais que deverão estar relacionados com a *villa* representada pelo mosaico, os quais serão adiante estudados.

Apesar de este mosaico ser, até ao presente, apenas conhecido pela quarta parte do seu motivo central, não ultrapassando 1/10 da área actualmente conservada, foi, no decurso deste século, múltiplas vezes mencionado em trabalhos científicos (ALARCÃO, 1988, p. 123; CHAVES, 1936; FERREIRA & FERREIRA, 1962, p. 224-225; BORGES, 1986, p. 91-106, Figs. 37-55, Ests. XIX-XX) além do texto que noticiou a sua existência (VASCONCELLOS, 1916, p. 142-145). Na “*Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*” (CARDOSO & CARDOSO, 1993, p. 81, 82) corresponde-lhe o número de inventário 62, com as seguintes coordenadas (Fig. 1): Q 974 024 (Carta Militar de Portugal, folha 430 - Oeiras, na escala de 1/25.000, Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa, 1970).

Os trabalhos de campo tendo em vista o estudo do mosaico iniciaram-se em Agosto de 1991, logo após a aquisição do imóvel pela Câmara Municipal de Oeiras, tendo sido realizados por M.C.A., sob orientação de J.L.C. Após o desenho, tessela a tessela, à escala natural, sobre folhas de plástico polivinilo transparente, foi todo o conjunto reduzido para a escala de 1/20 e colorido, após o que foi novamente reduzido, à escala a que é representado nas figuras, tarefa que esteve a cargo de M.C.A. e de Bernardo Ferreira, desenhador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. A reconstituição gráfica das partes em falta, esteve a cargo da técnica de desenho arqueológico Cristina Gaspar, sob direcção de M.V.G. O texto do presente artigo é da autoria dos dois primeiros signatários, desenvolvendo considerações anteriores (CARDOSO *et al.*, 1996).



Fig. 4 – Desenho de Guilherme Gameiro do sector central do mosaico de Oeiras (VASCONCELLOS, 1916, Est. I).

3 – ESPÓLIO

Deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia materiais romanos recolhidos em terreno contíguo, a norte do local de implantação do mosaico. Correspondendo este à antiga *pars urbana* da *villa*, é crível que aqueles provenham da área ocupada pela *villa rustica* (Fig. 6 e 7). Com efeito, embora ali se tenha desenvolvido, ocupando parte da encosta, necrópole de inumação tardo-romana e alto-medieval, tanto a cronologia de tais materiais como, sobretudo, o seu carácter doméstico, somado à ausência de espólios funerários nos sepulcros escavados em 1901 por José Leite de Vasconcellos, sugere uma estreita relação de tal conjunto de peças com a *villa* e não com a estação funerária, cronologicamente ulterior (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Em apontamento manuscrito, inédito, de J. Leite de Vasconcellos, referem-se vários materiais que importa valorizar, no quadro deste trabalho:

“Cemiterio de Oeiras

Appareceu nos entulhos de um poço da mesma propriedade: uma figura de bronze.

Pelo campo: um rebolo comprido, de mó; 3 pesos de barro (pondera) (o autor fez o esboço de um deles). 1 peso de pedra natural, como os da Serra de Pragança, 1 conta canellada verde, potes quebrados, asas como de amphoras (mas não fundos)”.

Todos os materiais mencionados foram localizados nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia por J.L.C. e M.V.G., passando-se a fazer a sua descrição:

1 – A “*figura de bronze*” foi mencionada por MATOS (1966, p. 244, 245), “*figurinha de criança de Oeiras*”, com o número de inventário do Museu Nacional de Arqueologia 17885. Mede 0.065 m de altura e representa uma criança nua, segurando, com ambas mãos e junto ao peito, um objecto, talvez uma pomba com as asas abertas. O cabelo é longo, caindo sobre as costas e na face reconhecem-se os olhos, o nariz e a boca, embora toscamente representados, pelo que deve tratar-se de trabalho provincial, talvez de carácter votivo, como também a considerou o autor citado (Fig. 6).

2 – Três pesos de tear, conjunto a que se reuniu, em época ulterior à daquele escrito, um quarto exemplar, com os seguintes números de inventário: 16103; 16125; 16125A; 16125B. Conquanto sejam peças cuja cronologia é impossível de definir com precisão, a sua abundância no conjunto recolhido poderá reflectir a existência de uma zona industrial, no seio da *villa rustica*, dedicada à tecelagem. Representa-se um deles, com marca esgrafitada no topo (Fig. 7).

3 – Fragmento de conta canelada, ou galonada, de cor verde (Fig. 7). Produzida com pasta vítrea opaca, muito porosa e frágil, de cor verde-pálida. Tem o número de inventário 16131; segundo etiqueta manuscrita a lápis, “*estava junto com chapa de 1/2 bronze romano*”. Este numisma, que não é mencionado no manuscrito de Leite de Vasconcellos, não se localizou no conjunto dos seus homólogos da colecção do Museu Nacional de Arqueologia. A tipologia e a pasta desta conta mantiveram-se desde a Idade do Ferro até época tardo-romana, sendo conhecidos paralelos entre os povos germânicos do século VI. Um dos seus principais centros de produção situava-se no Egipto, mas foram sendo reproduzidas ulteriormente na Europa. Nas Ilhas Britânicas e Irlanda, as mais antigas integravam contextos das épocas Flávia e Antonina (GUIDO, 1978, p. 92, 100). Nestas circunstâncias, é difícil estabelecer uma cronologia para este exemplar, até porque também ocorrem no local materiais do final da Idade do Ferro, estudados noutra lugar (CARDOSO, 1996).

4 – Sob a designação de “*potes quebrados*” e “*asas como de amphoras*”, do citado manuscrito, incluem-se materiais da Idade do Ferro, supra mencionados, medievais e romanos. Nestes últimos, avultam duas peças (os autores agradecem a Carlos Fabião as úteis indicações fornecidas):

– Opérculo (n.º de inv. 16129), fabricado com pasta homogénea e compacta, de cor bege clara, amarelada (2.5Y 8/4)⁽¹⁾, contendo elementos não plásticos, heterogéneos, de grão fino e bem calibrados. Mede 0.080 m de diâmetro. A ser de ânfora, corresponderia a uma forma tardia, do século III ou posterior, compatível com as formas Almagro 51a, b ou c (Fig. 7).

⁽¹⁾ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, como tal, devem entender-se como aproximados.

– Fragmento de asa de ânfora (n.º de inv, 16126c), decorada com largo e regular sulco longitudinal, digitado, conferindo-lhe secção côncava/convexa. Pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, heterogéneos, de grão fino. O núcleo é de cor rosada (10R 6/6) e as superfícies oferecem cor bege amarelada (5 Y 8/4). Produção provavelmente do Guadalquivir, da forma Haltern 70, de meados do século I a.C. a meados – finais do século I d.C. (Fig. 7).

O escasso conjunto atribuível ao Período Romano e susceptível de se relacionar com a ocupação doméstica da zona sugere, pois, ocupação bastante recuada, com origem e, eventualmente, em continuidade com pequeno núcleo agrícola do final da Idade do Ferro.

Com efeito, e como já anteriormente havíamos assinalado (CARDOSO, 1995, p. 94), a economia do Período Romano, na área oirense, é caracterizada pela existência de diversas *villae*, essencialmente voltadas para o aproveitamento cerealífero dos terrenos, tal como na região se verificava desde o Bronze Final. Porém, parece que os solos de maior aptidão agrícola – correspondentes às manchas basálticas – teriam sido sub-aproveitados. Tal facto encontra-se sublinhado pela própria distribuição das estações, especialmente ao longo dos vales entalhados em afloramentos calcários ou margo-calcários do Cretácico inferior.

Talvez os Romanos se sentissem ainda pouco à vontade no decurso dos finais do século I a.C. ou inícios do I d.C. – época a que parecem remontar as principais *villae* da região – para trabalhar os difíceis solos basálticos, não obstante as suas potencialmente elevadas produtividades cerealíferas. A *villa urbana* de Oeiras, com a correspondente parte *rustica* e, possivelmente, zona *fructuaria* adjacente, corresponde a uma dessas situações. A sua implantação privilegiada, sobre a fértil várzea da ribeira de Oeiras, que domina da sua encosta esquerda, suave e com excelente exposição solar, a menos de 1 Km da sua confluência com o estuário do Tejo, justifica largamente a preferência que os Romanos lhe concederam e corresponde às características regionais dominantes da implantação das *villae*, melhor evidenciadas no vizinho concelho de Cascais.

4 – O MOSAICO

4.1. - Forma, dimensões e situação

Apesar de há muito mencionado na bibliografia arqueológica portuguesa, o denominado mosaico de Oeiras não foi objecto de qualquer estudo aprofundado. Em grande parte visível, *in situ*, aquele importante pavimento era apenas conhecido pelo pormenor que dele desenhou, em 1903, Guilherme Gameiro (VASCONCELLOS, 1916), correspondendo a um quadrante da sua decoração central.

O levantamento total dos fragmentos subsistentes do mosaico, separados por tabique moderno e apresentando grandes zonas desaparecidas, permitiu que se reconhecessem não só a verdadeira dimensão como a totalidade da sua decoração (Figs. 8 e 9).

De facto, descobriu-se nos lados nascente, sul e poente, restos da moldura que o limitava, cujo motivo decorativo é constituído por trança de dois cabos policromos e por faixa branca ou com triângulos dentados, como acontece no lado nascente, que fazia a ligação com as paredes.

A trança envolvia, ainda, um grande tapete central, de planta quadrangular, conforme se observa nos lados nascente, poente e norte.

Não é, pois, difícil, a partir dos vestígios indicados, reconstituir as dimensões originais deste mosaico e, portanto, da sala respectiva. Apenas no lado norte, onde desapareceu uma faixa a toda a largura e a moldura com trança de dois cabos, teremos de supor que aquela zona seria simétrica à do lado sul, conforme sugere o motivo central antes mencionado. Assim sendo, o mosaico mediria 7.11 m de comprimento, ou seja vinte e quatro pés romanos, por 4.74 m de largura (dezasseis pés romanos), correspondendo à relação 3 x 2. O tapete central, com cerca de 2.37 m x 2.37 m, visto que não é perfeitamente quadrado, corresponde à relação 1 x 1, ou seja, medindo oito pés de lado⁽¹⁾. (Fig. 9).

⁽¹⁾ O pé romano media 0.2963 m e era subdividido em dezasseis dedos, tendo cada um destes 0.0185 m.



Fig. 6 – Escultura romana de bronze de Oeiras, oriunda da área da *villa*, recolhida por J. Leite de Vasconcellos (Museu Nacional de Arqueologia). Foto de J. L. Cardoso.

O mosaico pavimentaria um grande compartimento, possivelmente o *triclinium* da *pars urbana* de abastada *villa*, de que os restantes testemunhos deverão fazer sob as construções que actualmente o rodeiam.

Vitrúvio (DALMAS, 1986, p. 156) recomenda que as salas de jantar devem ser, pelo menos, duas vezes mais compridas do que largas, o que acontece no presente caso. Conforme aquele autor descreveu (DALMAS, 1986, p. 177, 178), os mosaicos deveriam assentar sobre quatro camadas que repousavam sobre a terra batida e nivelada. A primeira seria constituída por calhaus (*statumen*), a segunda por espessa argamassa de pedra e cal, bem compactada e com nunca menos de 3/4 de pé de espessura (*rudus*), a terceira por camada de formigão, com telhas e tijolos triturados, ligados com cal e que não devia de ter menos de seis dedos de altura (*nucleus*) e, por fim, o cimento de cal e areia onde se fixavam as *tesselae* (Fig. 11).

Uma das zonas melhor preservadas do mosaico é a que se situa no lado nordeste, onde se conservava cerca de 2.50 m da parede original do compartimento romano, embora se desconheça a sua continuidade para sul (Fig. 10). Também o mesmo desaparece naquele local sob a construção atribuível ao século XVIII.

A parede que no lado sul delimita o mosaico, embora de construção moderna, pode sobrepor-se ou, até, reutilizar como alicerce a parede romana que ali existia. No exterior do edifício observa-se um pátio cuja largura se aproxima da do mosaico e que bem poderá corresponder a um *atrium*, com *compluvium*, em redor do qual se abriam *alae* e *cubicula*. Do *atrium* ter-se-ia acesso, através de porta, ao *triclinium* que constituiria um dos espaços mais importantes da *villa* (Fig. 12).

No lado poente do mosaico, observa-se situação semelhante, ali havendo uma parede que pode assentar em pré-existência romana, embora o espaço que lhe é exterior corresponda a estreito acesso entre o pátio antes mencionado e um outro, a cota mais alta, situado a norte. É nesta zona que o mosaico se encontra mais danificado e alterado. Tal ficou a dever-se à edificação de muro de sustentação de terras da encosta situada do lado norte do mosaico.

Um muro semelhante, foi levantado aquando da construção da *villa* de Abicada (Portimão), na ria de Alvor. É pois previsível que por detrás da estrutura de suporte que também sustenta o piso superior da casa ali existente, se encontre, a pouco mais de meio metro daquela direcção, a parede romana que delimitava o lado norte da sala respectiva.

Aqueles testemunhos permitem pensar em casa com plano axial, a que se tinha acesso através da actual rua das Alcáçimas, com entrada, vestíbulo e pátio central, rodeado por *cubicula* e *triclinium* ao centro.

Futuros trabalhos arqueológicos, que pretendemos levar a cabo, conduzirão a um melhor conhecimento não só deste mosaico, mas da *villa* onde se integrava e que, conforme observámos, sugere ter deixado algumas marcas no ordenamento do espaço edificado ulteriormente.

4.2. – Decoração

A ornamentação musiva reflecte, como não poderia deixar de ser, aspectos económicos, sociais, funcionais e técnicos.

O mosaico de Oeiras permitiu determinar a forma e as dimensões da sala respectiva, assim como as relações dimensionais da mesma, podendo nele reconhecer-se três unidades iconográficas a que alguns autores chamam tapetes, embora pertencentes a um mesmo programa e contexto: uma central, outra formada pelos lados nascente, sul e poente e a última, pelo lado norte, correspondendo à cabeceira da sala.

Aquela disposição do reportório iconográfico não terá apenas resultado de aspectos meramente ornamentais, mas da função particular inerente a cada uma das zonas decorativas, no interior de um único espaço.

O mosaico em apreço pode ser classificado no tipo denominado por *opus musivum* e não *opus vermiculatum*, contrariando a atribuição de VASCONCELLOS (1916, p. 142), dado que mostra linhas constituídas por *tesselae* serpenteando toda a superfície e não apenas no interior das figuras.

Trata-se de pavimento policromo, tendo-se utilizado *tesselae* com dimensões variáveis (101 a 170 por dm²) no motivo central, sob fundo branco, sobretudo de cor negra, a par de outras cinzentas, amarelas, cor-de-rosa e vermelhas, por vezes de tons algo distintos.

O tapete central apresenta *tesselae* de pequenas dimensões, tendo-se contado 146 por dm² em uma das pombas, enquanto outra, a que debica uma flor, possui 171 *tesselae* por dm². O entrançado cruzado perpendicularmente ao centro daquela área tem apenas 104 *tesselae* por dm².

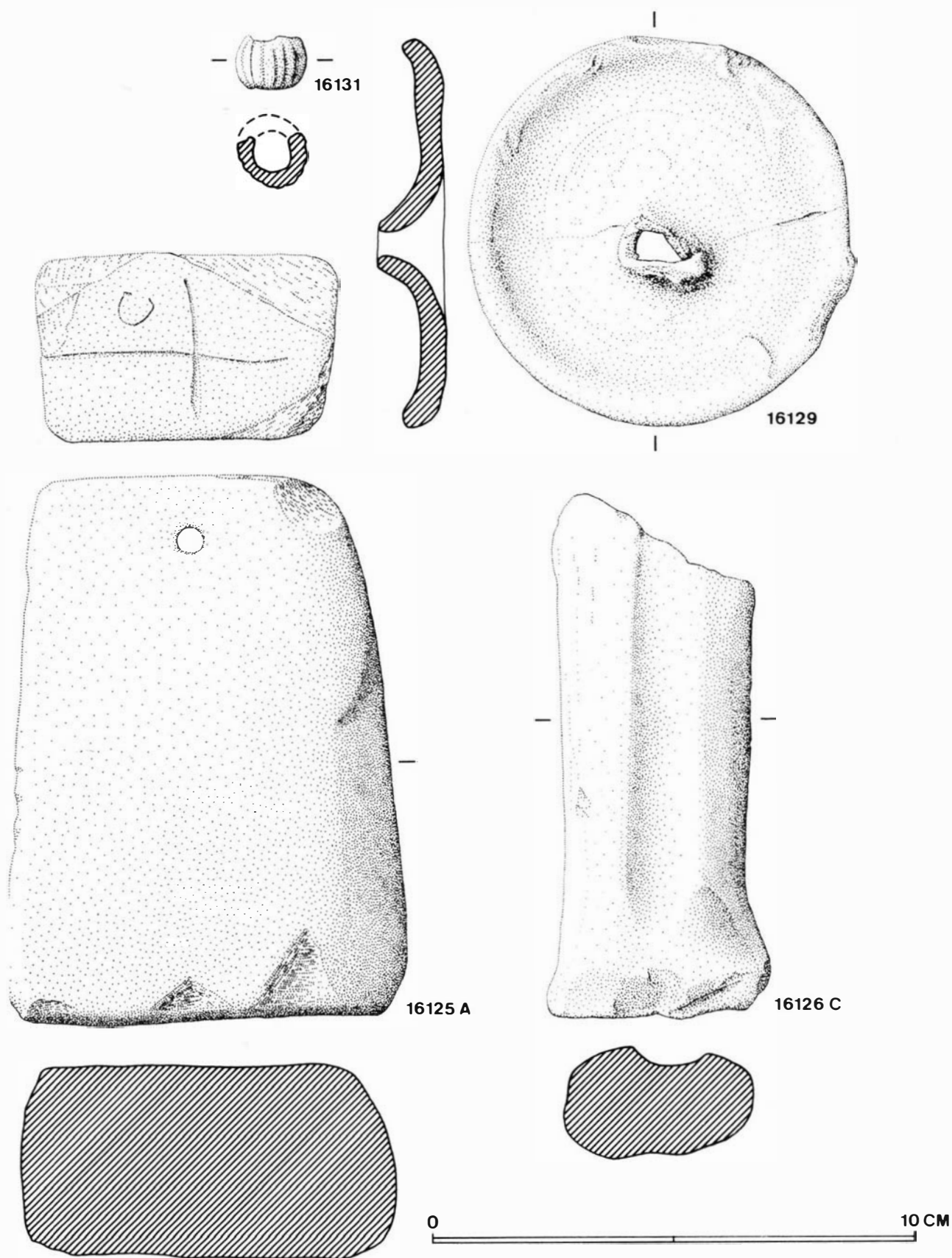


Fig. 7 – Espólio de época romana recolhido nos terrenos contíguos ao mosaico de Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia (desenho de Cristina Gaspar).

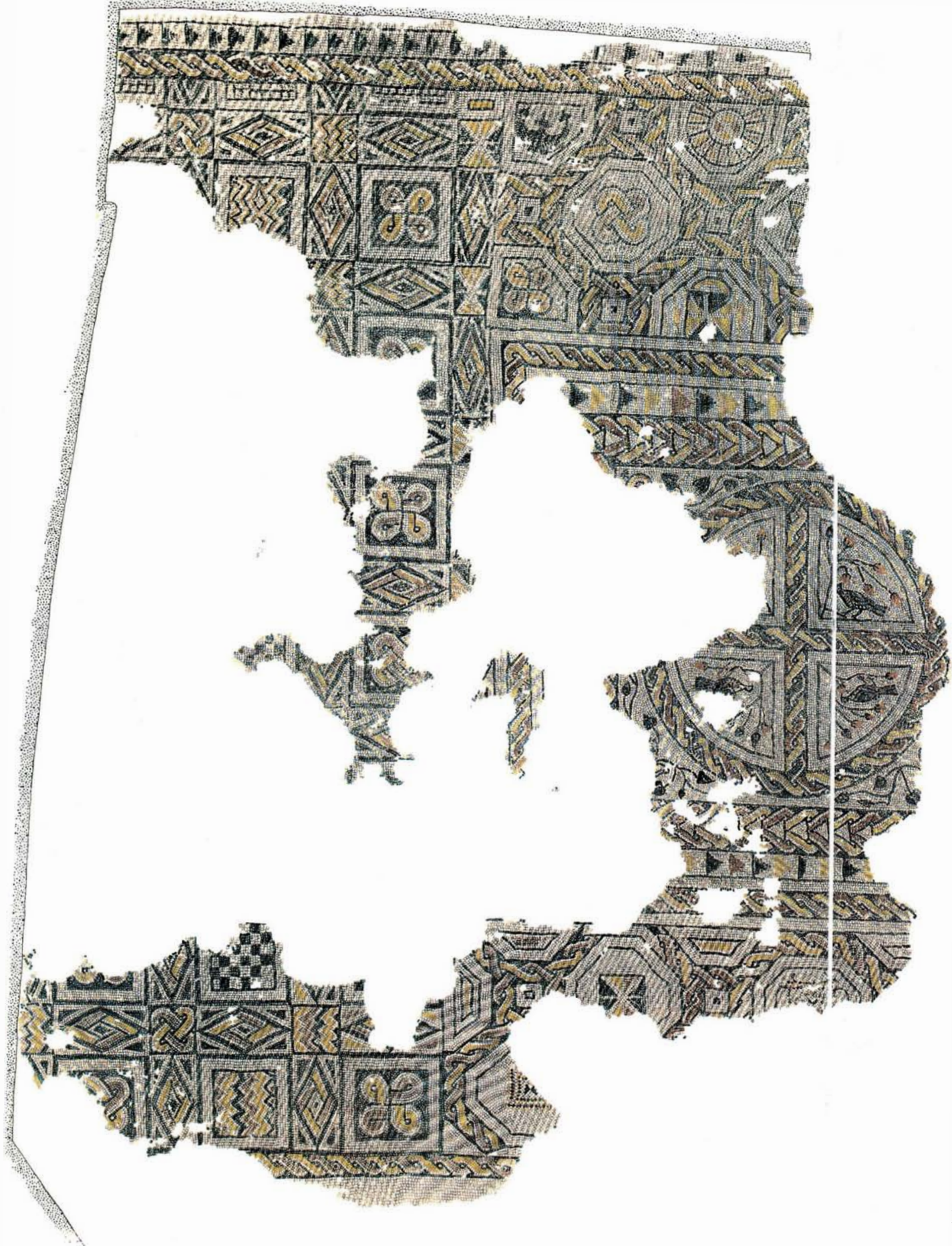


Fig. 8 – Levantamento gráfico do mosaico romano de Oeiras (desenho de C. André).

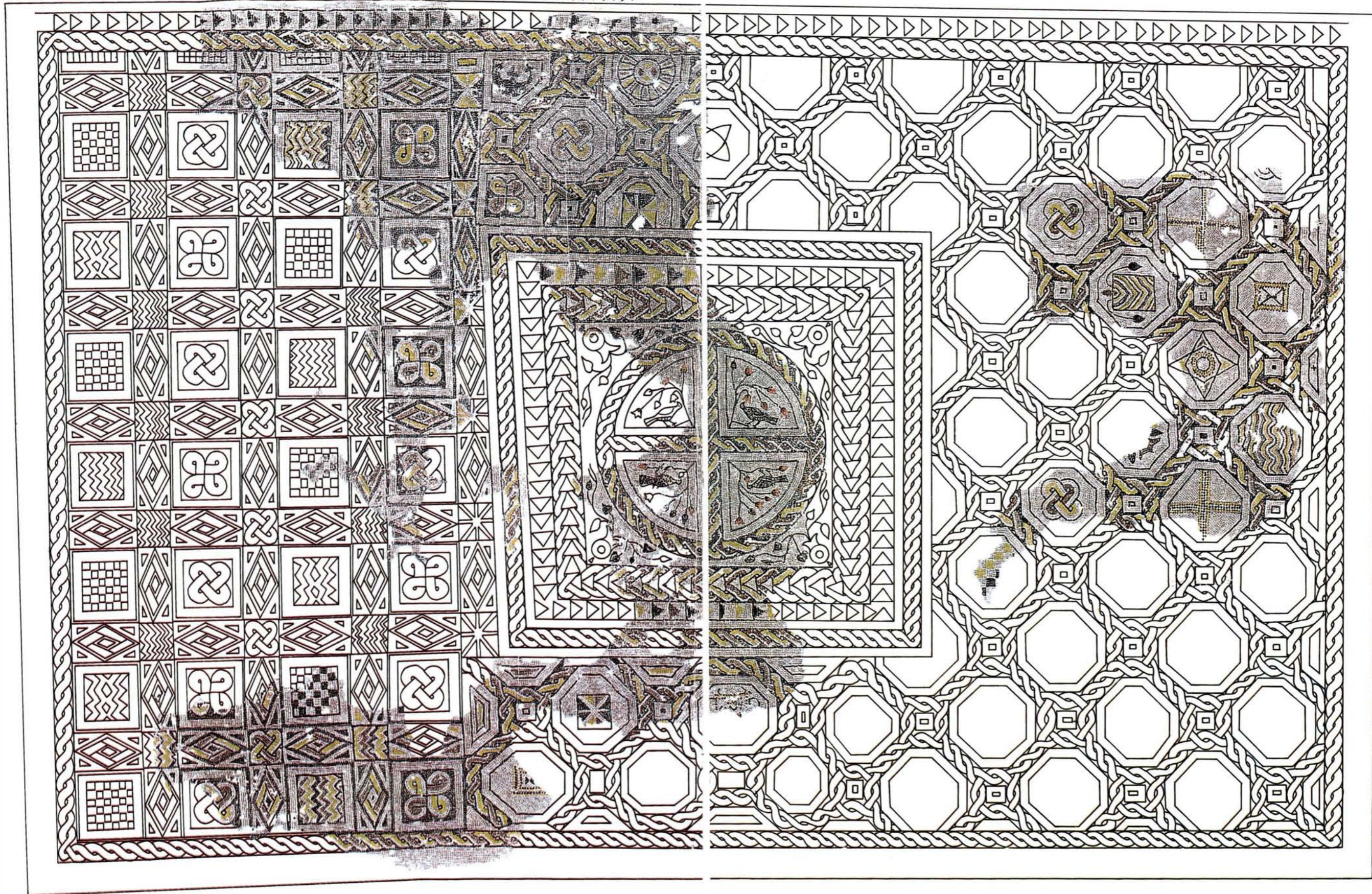


Fig. 9 – Mosaico romano de Oeiras. Reconstituição gráfica.

Os entrançados que delimitam o mosaico mostraram 109 e 122 *tesselae* por dm², enquanto que um motivo circular raiado e um outro losangular, ambos inscritos em octógonos, do lado nascente do pavimento tinham, respectivamente, 104 e 101 *tesselae* por dm². No lado oposto, contaram-se 112 e 108 *tesselae* por dm², num quadrado preenchido com linhas onduladas e em um outro com um “nó de Salomão”.

A grande maioria das *tesselae* foram talhadas em calcário, e apenas entre as de cor vermelha ou alaranjada se detectaram elementos cerâmicos. Estes totalizaram trinta e três entre noventa e nove *tesselae* vermelhas encontradas soltas, possuindo dimensões menores que as de calcário, obtidas sobretudo nas formações jurássicas da região, e, talvez, também nas cretácicas.

O centro da sala foi perfeitamente demarcado e valorizado, a partir do tapete central, quadrangular, cujos lados correspondem, como vimos, a 1/3 do comprimento total do compartimento.

A noção de centro foi acentuada pela inclusão de um motivo circular delimitado por trança com dois cabos entrelaçados com 0.09 m de largura, a que se ligam dois diâmetros perpendiculares, cruzados no interior, com aquela mesma decoração e igual dimensão (Fig. 13).

Cada um dos quadrantes assim definidos contém uma representação de ave, possivelmente uma pomba, pousada num ramo e debicando flores vermelhas que coroam as extremidades de caules. As aves encontram-se todas voltadas para o centro do mosaico, de onde também parte o caule principal que depois se sub-divide em ramos. O fundo de cada um destes quadrantes é de cor branca e uma linha de cor negra, paralela aos seus lados, estabelece uma espécie de cartela, onde se inscrevem as ramagens e as aves, naquela mesma cor, exceptuando as flores, a maioria das quais de cor vermelha viva. Apenas uma das aves mostra a cabeça voltada para trás, enquanto as restantes a têm dirigida para a frente, um pouco inclinada para baixo, apresentando-se o desenho das remiges sublinhado por finas linhas de *tesselae* de cor negra. Apenas uma das pombas tem as patas de cor vermelha, sendo as restantes de cor negra (Figs. 14 e 15).

As flores mostram-se fechadas, bolbiformes, ou abertas, por vezes reconhecendo-se três pétalas.

O grande círculo central encontra-se inscrito num quadrado, com fundo de cor branca, exibindo nas superfícies triangulares, correspondentes aos cantos, cântaros ou cálices de acanto, policromos, de onde saem, para cada um dos lados, ramos ondulantes de heras, que se desenvolvem de diferentes maneiras e terminam em folhas, desenhadas com *tesselae* de cor negra. Infelizmente não se conserva nenhum de tais elementos completos, reconhecendo-se, apenas, parte de um deles que o desenho de Guilherme Gameiro mostra ainda completo (Fig. 4) e se situava no quadrante noroeste do tapete central. Trata-se talvez, de recipientes campanulados, sem asas, assentes em pé triangular.

Em redor da área descrita, observam-se três teorias decorativas em fita, dispostas em molduras sucessivas, cujos cantos desapareceram mas que o desenho de Guilherme Gameiro ainda regista, sendo a primeira constituída por quatro cabos entrelaçados policromos, com 0.20 m de largura, a segunda mostrando linha contínua de triângulos, dentados, tangentes pela base-vértice, alternando nas cores negra, vermelha e amarela, medindo 0.11 m de largura, a que se segue um filete, liso, de cor branca, com 0.05 m de largura e depois uma trança com dois cabos, também policroma, idêntica à que define o círculo central, os quadrantes e o limite do mosaico e com 0.09 m de largura. Fechando o tapete central, observa-se outro filete de cor branca com 0.05 m de largura.

A segunda unidade iconográfica é constituída pelo revestimento em forma de U, que se desenvolve desde o topo superior do lado nascente do tapete central, abrange todo o terço do lado sul do mosaico e ultrapassa um pouco o topo do lado poente do elemento central.

A decoração, policroma, mostra grandes octógonos, por vezes não muito regulares, medindo cerca de 0.50 m de diâmetro, sempre com fundo de cor branca e pequeno filete interior, de cor negra, definindo uma moldura com 0.05 m de largura. Nos interiores encontram-se motivos policromos, contornados a negro, muito variados, sendo mais recorrentes os “nós de Salomão”, dispostos obliquamente, observando-se diâmetros cruzados na perpendicular, estrelas de quatro pontas, construídas a partir de dois losangos, com um círculo central, rosáceas, motivos rectangulares, alguns com diagonais interiores, um outro contendo linhas curvas e do qual saem dois caules de hera terminados em folhas, círculos com raios interiores, quadrados sub-divididos pelas diagonais e medianas, existindo, ainda, um hexágono totalmente preenchido por linhas onduladas e outro por axadrezado. Os meios octógonos e os quartos de octógono que ocupam cantos e zonas de menores dimensões entre os octógonos maiores, nomeadamente junto dos limites do mosaico, exibem decorações semelhantes, num deles reconhecendo-se, ainda, um motivo peltiforme de cor negra (Figs 16 a 23).

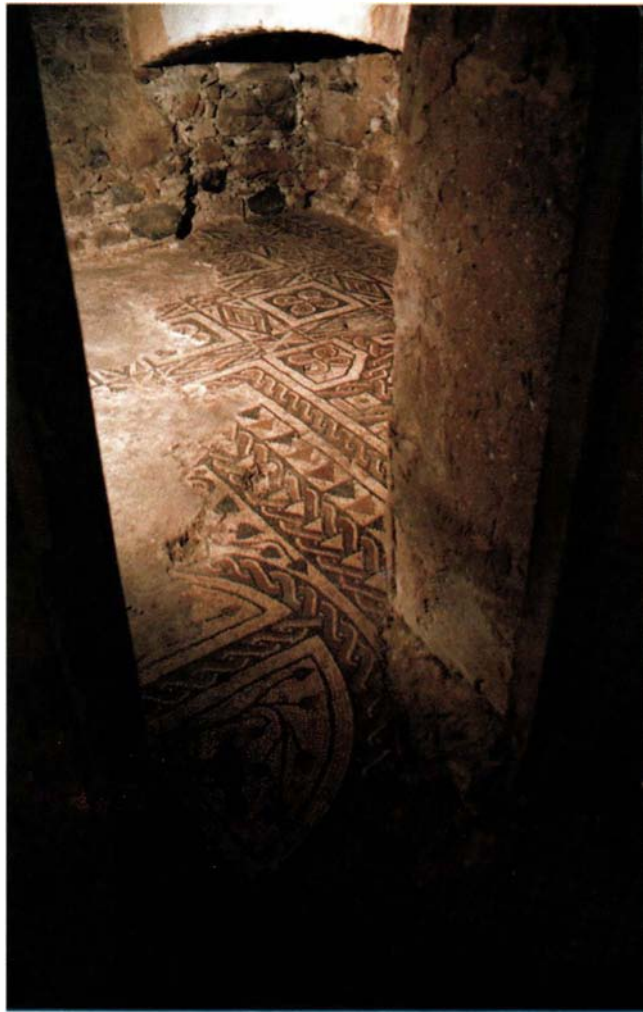


Fig. 10 – Mosaico de Oeiras. Vista do sector nordeste, com porção da parede original, ao fundo, do lado direito. Foto de B. Ferreira.



Fig. 11 – Mosaico de Oeiras. Aspecto do *nucleus* e da argamassa onde assentam as tesselas. Foto de B. Ferreira.

Entre os octógonos, e as porções das figuras referidas, corre uma moldura, formada por trança de dois cabos, policroma, com 0.09 m de largura, semelhante às molduras que rematam tanto as principais áreas decorativas do mosaico, como o seu contorno.

Nos cruzamentos das tranças que envolvem os octógonos, observam-se pequenos quadrados com fundo de cor branca, contornados por linha negra e com pequeno quadrado central na mesma cor.

Por fim, a terceira unidade decorativa considerada abrange toda a faixa correspondente ao terço norte do mosaico, ou seja ao topo da sala, mostrando, também, gramática decorativa diferente das restantes. Note-se, aliás, que este sector foi o último a ser revestido dado que apresenta certas desconexões na ligação com os restantes, designadamente com o que tratámos em segundo lugar. Neste tapete alternam faixas largas, com quadrados e rectângulos, com outras, mais estreitas, com os mesmos tipos de elementos, inscritos ou não em cartelas (Fig. 8).

Observa-se uma linha estreita com aqueles elementos, que regulariza o traçado do espaço, partindo da extremidade poente da segunda unidade considerada, adossada ao tapete central. Segue-se uma faixa de elementos largos que terá começado a ser construída do lado poente para nascente, onde alguns se encontram truncados, não tendo cabido no espaço disponível.

Reconheceram-se restos de sete faixas, alternando as largas com as estreitas, as primeiras com 0.37 m de largura e as segundas com metade daquela dimensão. Todos aqueles motivos têm fundo branco e foram limitados com *tesselae* de cor negra. No seu interior encontram-se algumas decorações policromas, semelhantes às reconhecidas nos octógonos da segunda unidade, como os “nós de Salomão”, dispostos na horizontal ou na oblíqua, teorias de zigues-zagues e ondulados, losangos e quadrados, subdivididos pelas diagonais e medianas, ou motivos em xadrez, de cor negra.

A partir do estudo dimensional deste mosaico e da correspondente sala, admite-se que se perdeu no topo norte uma faixa, incluída a moldura do seu limite com trança de dois cabos e a faixa de ligação à parede, medindo pouco mais de 0.50 m de largura.

Podemos concluir que os motivos decorativos do mosaico de Oeiras se repartem por trinta formas, que por vezes se repetem, tendo-se registado três tipos de molduras, duas delas com entrançados e a outra com triângulos dentados. Reconheceram-se nove tipos de elementos quadrangulares, quatro de pequenas dimensões, e dois elementos rectangulares, de diferentes dimensões. O catálogo das formas detectadas inclui também octógonos com nove tipos diferentes de decoração no interior, dois meios octógonos e dois quartos de octógonos, tendo-se identificado, ainda, um motivo trapezoidal, outro em quadrante de círculo e, por fim, um destinado a preencher os cantos deixados livres pela inscrição do medalhão central, circular, em um quadrado (Fig. 24).

4.3. – Paralelos

A organização em três tapetes observa-se em outros mosaicos, como o da sala 10 de El Hinojal (Mérida), onde a unidade central oferece uma cena de caça ao javali, por certo evocando Adónis, datado do século IV (FREIJEIRO, 1978, p. 52, Fig. 12).

Para além do exemplo indicado, muitos outros mosaicos, pavimentando salas rectangulares, oferecem composição tripartida, em tapetes, um deles ao centro, outro num dos topos e o terceiro envolvendo três dos lados do central.

Como já lembrou CHAVES (1938, p. 63) para a *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), o tapete central, em forma de quadrado, inserido em compartimentos de planta rectangular, é comum na época dos Antoninos.

Dada a grande diversidade das temáticas utilizadas e das variantes técnicas da arte musiva romana peninsular ao longo dos séculos, raramente se detectam dois mosaicos idênticos, muito embora se repitam alguns padrões e elementos decorativos, mas quase sempre interpretados de diferentes modos, em composições que se adaptam a espaços com dimensões muito díspares e funções particulares.

Não foi, pois, fácil detectar alguns paralelos que nos pudessem ajudar a interpretar, em termos crono-estilísticos e culturais, o mosaico de Oeiras. De facto, não observámos similitudes directas para os tapetes do topo e central, tanto entre as largas dezenas de exemplares que constituem o *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, como em outras obras compulsadas.

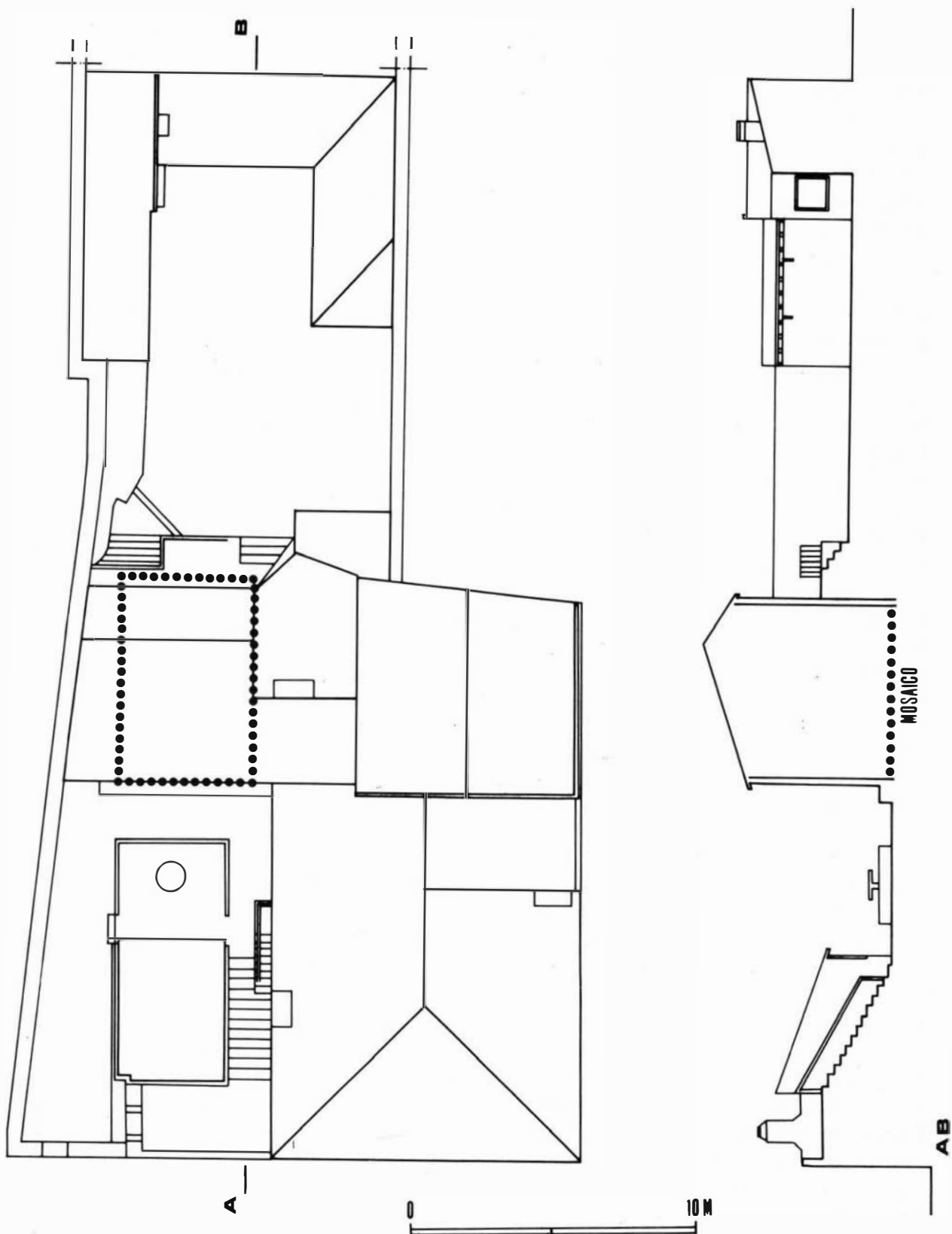


Fig. 12 – Mosaico de Oeiras. Sua implantação no conjunto das construções que actualmente o cobrem (planta da C.M.O., gentilmente cedida pelo Gabinete de Projectos Especiais / Sector dos Centros Históricos).

No entanto, já o grande tapete, em forma de U, composto por octógonos e hexágonos oblongos, emoldurados por trança com dois cabos, decoração muito comum, encontra paralelo num mosaico rectangular, da habitação N (“*mosaico de caçada*”) de Campo de Villavidel em Leão, onde se observam idênticas intercepções, delimitando pequenos quadrados com ponto central, tal como acontece no mosaico em apreço (Fig. 25). No interior dos octógonos vê-se a mesma moldura com fundo branco, formada por linha de cor negra, e, no interior, temas como o “nó de Salomão”, os quadrados axadrezados, peltas, e, ainda, elementos zoomórficos, tema que não observamos no pavimento de Oeiras. Aquela *villa* atingiu o século IV (BLÁZQUEZ *et al.*, 1993, p. 21-23, Ests. 4-6). Também o “compartimento do Sileno”, da denominada “Casa dos Repuxos” de Conímbriga, mostra dois tapetes com octógonos e pequenos quadrados; num deles, em alguns daqueles primeiros elementos observam-se “nós de Salomão”. Os mosaicos desta *domus* têm vindo a ser atribuídos ao último quartel do século II ou ao primeiro quartel da centúria seguinte. OLEIRO (1992, p. 95, 103, Ests. 34, 36) comparou, efectivamente, esta temática com a encontrada no mosaico de Oeiras.

Não são abundantes, na Península Ibérica, as decorações musivas contendo representações de aves, sendo mais recorrentes os restantes motivos iconográficos reconhecidas no mosaico em estudo.

Um mosaico da rua Santiago Crespo, em Astorga (Leão), datado nos finais do século III, mostra decoração de cor negra, sobre fundo branco, com cráteras de onde saem caules de videira, desenvolvendo-se com folhas e cachos de uvas que alguns pássaros, pousados sobre ramos, debicam (BLÁZQUEZ *et al.*, 1993, p. 18-20, Ests. 22, 23) (Fig. 26). Note-se que durante o século II se preferiram mosaicos com composições de cor negra, sendo as figurações recortadas em silhueta, sobre fundo branco, gosto que se desvaneceu na primeira metade do século III, momento a partir do qual muito se valorizaram as decorações policromas.

Outro mosaico, composto por diversos painéis ricamente policromados que pavimentavam grande sala (hab. XXXIII) de uma *villa* junto de complexo termal em Balazote (Albacete), oferece um medalhão contendo uma ave debicando flores vermelhas (Fig. 27). A cronologia desta estação arqueológica pode ser centrada nos séculos II e III, ali tendo sido, no entanto, descoberta *sigillata* sud-gálica, do atelier de Crestio II ou de Crucuro, dos reinados de Vespasiano ou Domiciano (BLÁZQUEZ *et al.*, 1989, p. 38, 67, Est. 27).

Na região de Lérida, em El Romeral, foi descoberto um mosaico com aves e ramagens, algumas terminando em folhas de hera, integrado em *villa* fundada no século II, mas que se manteve até ao século V (BLÁZQUEZ *et al.*, 1989, p. 17, Est. 22) (Fig. 28).

Na Lusitânia, a “Casa do Anfiteatro” de Mérida, datada do século III, mostra um painel policromo com cena de vindima e pisa das uvas, em cujos cantos se observam crateras, com aves afrontadas, pousadas sobre as asas daqueles recipientes, de onde saem caules (Fig. 30). Este painel está adossado ao de Vénus e Adónis, onde também se observam aves, sobre complexo jogo de caules, terminando em flores (FREIJEIRO, 1978, p. 44, Est. 74).

Na “Casa dos Repuxos”, de Conímbriga, o mosaico da “sala da caçada ao veado”, oferece quatro representações de galinhas de água, rodeadas por elementos vegetalistas (OLEIRO, 1992, p. 105, 109, Est. 38).

Também na “sala E” da *villa* de Santa Vitória do Ameixial, talvez o *triclinium*, se observam duas representações, muito estilizadas de aves, possivelmente pombas, pousadas sobre ramos. O espólio ali exumado permite datar a sua ocupação nos séculos II e III (CHAVES, 1983, p. 20, 79, 85). Enfim, o mosaico da sala 9 da *villa* de Pisões, Beja, cuja ocupação decorreu, pelo menos, do século I ao IV d.C. ostenta motivo constituído por duas aves afrontadas, provavelmente pombas, separadas por calciforme, suportado por ramos ondulantes, talvez de videira, onde se fixam as aves (Fig. 31). Tal como o mosaico de Oeiras, o de Pisões era constituído por três painéis, embora de diferentes dimensões. O principal situa-se ao centro do compartimento; o mais pequeno, ocupa a zona da entrada. O mosaico, policromo, possui algumas tesselas de vidro azul, verde, dourado e ainda de tijolo; a sua cronologia afigura-se como tardia, no âmbito da ocupação da *villa* (SARDICA, 1971/75).

O tema das pombas na decoração musiva remonta, em Itália, pelo menos, aos inícios do século II, como demonstra o célebre mosaico da *villa hadriana* (117-138), no Tivoli, onde uma daquelas aves bebe de um vaso, tendo a cabeça reflectida na água, enquanto que outras estão pousadas sobre o bordo do mesmo recipiente (GARCIA y BELLIDO, 1979, p. 523, Fig. 915). Mais tardio, do tempo de Marco Aurélio (161-188), é o túmulo de M. Clodius Hermes, na *via Appia*, cujo *loculus* se encontra pintado, entre outros motivos, com uma pomba, rodeada por ramos de videira (GARCIA y BELLIDO, 1979, p. 516, 519, Fig. 903). Todavia, na denominada *villa* de Lúvia, na Prima Porta, em Roma,



Fig. 13 – Mosaico de Oeiras. Medalhão central. Foto de B. Ferreira.



Fig. 14 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do quadrante nordeste do medalhão central. Foto de B. Ferreira.

da primeira metade do século I, uma pintura mural mostra pássaros, alguns debicando frutos (BANDINELLI, 1969, p. 125-127).

Figurações de aves, debicando flores ou frutos são, ainda, frequentes em mosaicos tunisinos, alguns associando crateras e evidenciando temática dionisiaca e báquica, que foi, durante o Baixo Império, nos finais do século III e na centúria seguinte, reinterpretada nos pavimentos, em revestimentos tumulares e em outras decorações paleo-cristãs. É um bom exemplo do uso deste reportório iconográfico o mosaico sepulcral de Maria Severa, de Itália, decorado com pombas e motivos fitomórficos com flores vermelhas, atribuído aos finais do século IV (FREIJEIRO, 1978a, p. 47, 48, Est. 56; BLÁZQUEZ *et al.*, 1993, p. 19) (Fig. 29).

A ara funerária de Calpúrnia Hegesístrate, procedente da Herdade da Defesa dos Barros, em Avis (ENCARNAÇÃO, 1984, IRCP 448), mostra na face lateral esquerda, uma pomba sobre os ramos de uma árvore, debicando os seus frutos, que ALMEIDA (1983, p. 345, 346) compara à decoração de ambas faces laterais do monumento funerário de Julia Victorina, hoje no Museu do Louvre mas proveniente do Latrão (Roma) e estudado por CUMONT (1966, p. 243, 244 Est. XXII). Segundo este último autor, as aves figuradas naquele cipo, do século I, debicariam bagas de loureiro, símbolo de Apolo, divindade solar. Nesta estrela habitariam, segundo então se acreditava, as almas dos mortos, cujos espíritos as pombas representariam.

Outro monumento congénere, procedente da Fazenda da Trindade, nos arredores de Tavira (Balsa), mostra na face principal um texto funerário em grego e na face lateral direita uma pomba, enquanto que na oposta se reconhece um cacho de uvas. Esta ara tem vindo a ser atribuída ao século I (MATOS, 1995, p. 90, 91). Também a urna cinerária de Publia Clodia Jovem, de Roma, dos inícios do século III (CIL II, n.º. 32* = CIL VI, n.º. 15748)¹⁾, oferece na superfície frontal, para além de uma cartela com o nome do defunto, um festão rodeado de aves, mais uma vez acentuando o carácter funerário daquelas representações (ALMEIDA, 1983, p. 343, 344).

Os signos dionisiacos ou báquicos, incluindo aves, encontram-se bem expressos no sarcófago de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira), datado no século III, cuja frente ostenta um medalhão com o retrato da menina defunta, assente sobre uma cratera, rodeado por profusa composição de ramos de videira, com parras e cachos de uvas, onde se reconhecem vários animais e cenas de vindima (MATOS, 1995, p. 100, 101).

Outro tema iconográfico, patente no tapete central do mosaico de Oeiras, é o da cratera ou cálice de acanto de onde saem caules de hera. O seu aspecto bolbiforme oferece semelhanças com os florões com volutas laterais terminadas por romãs, do tapete central de mosaico policromo do “Solar de los Blanes”, de que se conserva um fragmento na alcáçova de Mérida (Fig. 32). Este pavimento mostra *tesselae* de cores negra, amarela e vermelha, sobre fundo branco, exibindo uma zona com peltas e tem vindo a ser atribuído ao século III (FREIJEIRO, 1978, p. 27, Est. 2).

O motivo da cratera associado a caules de hera encontra-se patente no mosaico, de cor negra sobre fundo branco, da rua de Sagasta, em Mérida, decorando uma ábside de planta semicircular, datada de finais do século II. Outras quatro crateras, preenchendo os cantos deixados entre a inscrição de um motivo circular em uma moldura quadrangular, conforme acontece no mosaico de Oeiras, podem observar-se na já referida Casa do Anfiteatro, do século III, na mesma cidade e junto a padrão formado por peltas (FREIJEIRO, 1978, p. 32, 42, Ests. 20, 65) (Fig. 33).

Igualmente na “Casa dos Repuxos”, em Conímbriga, observa-se, nos cantos de uma composição circular de carácter geométrico integrada num quadrado, dois cântaros e “dois cálices de acanto, com folha lanceolada ao centro”, a que se associam ramos ondulantes. Esta composição é dada por OLEIRO (1992, p. 50, 57, Est. 13) como “típica dos finais do século II”. Como já se viu, a associação de ramos ondulantes a um vaso bolbiforme observa-se na sala 9 da *villa* de Pisões, Beja (Fig. 31).

Os “nós de Salomão” e as peltas são motivos recorrentes na arte musiva romana, sendo muitos os paralelos isolados que poderíamos indicar para aquele primeiro motivo. Grandes octógonos contendo “nós de Salomão” podem ser vistos, por exemplo nos restos de mosaico de Freiria (Cascais), *villa* com ocupação do século I em diante (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991).

¹⁾ Informação de J. d'Encarnação a um de nós (J. L. C.), que se agradece.



Fig. 15 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do quadrante sudoeste do medalhão central. Foto de B. Ferreira.



Fig. 16 – Mosaico de Oeiras. Canto noroeste. Foto de B. Ferreira.

Quanto às peltas, para além dos exemplares de Campo de Villavidel e da “Casa do Anfiteatro” de Mérida, antes mencionados, elas surgem no ângulo sudoeste do pátio porticado da “Casa dos Repuxos”, junto ao mosaico de “Perseu e da Medusa” e, ainda, constituindo teorias, desenvolvidas em área, no patamar das escadas das latrinas (mosaico 14) daquela mesma *domus*, cuja cronologia antes se referiu (OLEIRO, 1992, p. 36, 138, Est. 3).

As peltas, recordam os escudos com tal forma usados na Dácia, conforme documenta a denominada “Coluna de Trajano”, erguida no *forum*, de Roma, em 110-113, e aludindo às vitórias daquele imperador no Leste, tema decorativo que ulteriormente se divulgou (MICLEA & FLORESCU, 1980, Fig. 254; CONDURACHI, 1982).

A cratera, tal como as aves debicando bagos de uvas sugerem alusão a Dionísio, cujo culto foi aceite, entre as classes dominantes, durante o reinado de Trajano, alcançando o de Antonino Pio. Aquela divindade ingressa, com Adriano, oficialmente no panteão romano, mandando o mesmo imperador restaurar, em 130, o templo a ele dedicado em Téos.

A temática dionisíaca indica a crença na imortalidade celeste, revelando concepção homérica da morte, dado os defuntos encontrarem uma nova luz no além: daí a iconografia utilizada nos sarcófagos, demonstrando o entusiasmo frente à imortalidade onde aquela divindade seria o garante da renovação.

Também as aves simbolizam os estados espirituais ou superiores do ser, as almas dos defuntos que pousam sobre a árvore do Mundo. As pombas eram consideradas como símbolos do amor divino e da pureza, sendo as aves sagradas de Afrodite.

Por outro lado, as tranças e os nós que o mosaico patenteia são antigos símbolos de vida e de imortalidade, utilizados com função apotropaica, capazes de afastarem os maus olhados. E não será por acaso que o tapete central mostra três símbolos fundamentais: o círculo, o quadrado e a cruz, como que reforçando a ideia de centro, com carácter profilático, mas também indicando noções como a perfeição, o tempo e a mudança ou, ainda, evocando o Universo.

A iconografia patente no medalhão central de mosaico de Oeiras: o vaso, as aves, e os motivos vegetalistas (no caso ramos floridos), foram recorrentes na temática visigótica peninsular, em continuidade com o verificado no Baixo Império. Um dos exemplos mais sugestivos da referida associação é o fuste de coluna conservado no Museu Regional de Beja. Trata-se de peça de mármore branco, com 0.72 m de comprimento e 0.30 m de diâmetro, com decoração em alto-relevo, atribuída por CORREIA (1928, p. 383) ao século V d.C.. Segundo VIANA (1969) provém de Val de Aguiro, tendo feito parte da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo. De um dos lados ostenta um cântaro, com asas, sobreposto por duas aves (pombas?), enquanto do outro se desenvolvem ramos de videira entrelaçados, sobre os quais repousam aves idênticas (Fig. 34). Uma pequena pilastra, igualmente de Beja, de época mais tardia, visigótica, ostenta também pequenas pombas, associadas a uma videira com cachos de uvas (VIANA, 1949, Fig. 15), motivos que, exuberantemente, ocorrem em capitéis da igreja visigótica de San Pedro de la Nave, Zamora (CAZORLA, 1940, p. 363, Fig. 333) (Fig. 36), com paralelo no sarcófago da Sé de Braga (ALMEIDA, 1962, Est. XLVII, Fig. 287), no qual às pombas e cachos de uvas, se associa o cântaro. Enfim, um cântaro figura em placa de mármore, de Estoi, conservada no Museu Nacional de Arqueologia (E 6501), também sobreposto por duas pombas afrontadas, ao que parece debicando bagos de uva nele contidos (ALMEIDA, 1962, Est. XXIV, nº. 178) (Fig. 35).

Podemos, pois, concluir que os motivos figurados no mosaico de Oeiras foram intensamente usados, no período tardo-romano e visigótico, embora com significado simbólico - religioso muito mais acentuado e evidente do que anteriormente, desde o século II d.C.

5 – CONCLUSÕES

O estudo integrado do mosaico de Oeiras, viabilizado pelo seu registo gráfico rigoroso, agora realizado pela primeira vez, não obstante ser imóvel conhecido desde 1903, permitiu as seguintes conclusões gerais:

Trata-se de pavimento que revestia o chão de compartimento nobre de *pars urbana* de importante *villa*, possivelmente o *triclinium*.

A sua iconografia sugere temática dionisíaca, com funções apotropaicas e profiláticas, também ligada à *virtus* do proprietário da *villa*.



Fig. 17 – Mosaico de Oeiras. Vista geral do canto nordeste. Ao fundo, a parede coincide com o limite original do mosaico. Foto de B. Ferreira.



Fig. 18 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do canto nordeste. Foto de B. Ferreira.



Fig. 19 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do motivo peltiforme existente no canto nordeste. Foto de B. Ferreira.



Fig. 20 – Mosaico de Oeiras. Pormenor de octógono integrando motivo rectangular de onde pendem ramos de herá. Foto de B. Ferreira.



Fig. 21 – Mosaico de Oeiras. Octógono com motivo rectangular. Foto de B. Ferreira.



Fig. 22 – Mosaico de Oeiras. Octógono com “nó de Salomão” inscrito. Foto de B. Ferreira.



Fig. 23 – Mosaico de Oeiras. Meio octógono com motivo rectangular inscrito. Foto de B. Ferreira.

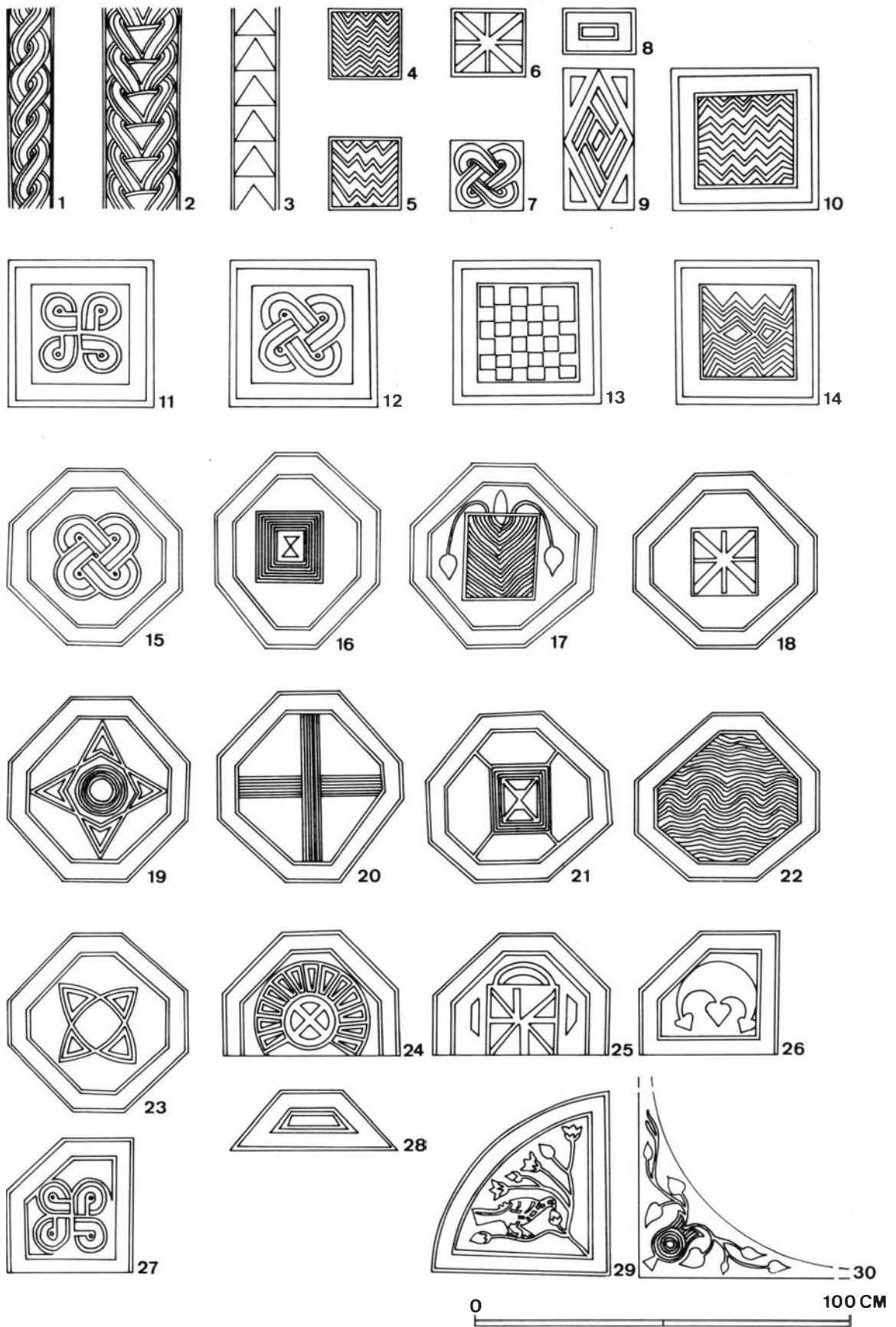


Fig. 24 – Mosaico de Oeiras. Catálogo dos motivos decorativos identificados.

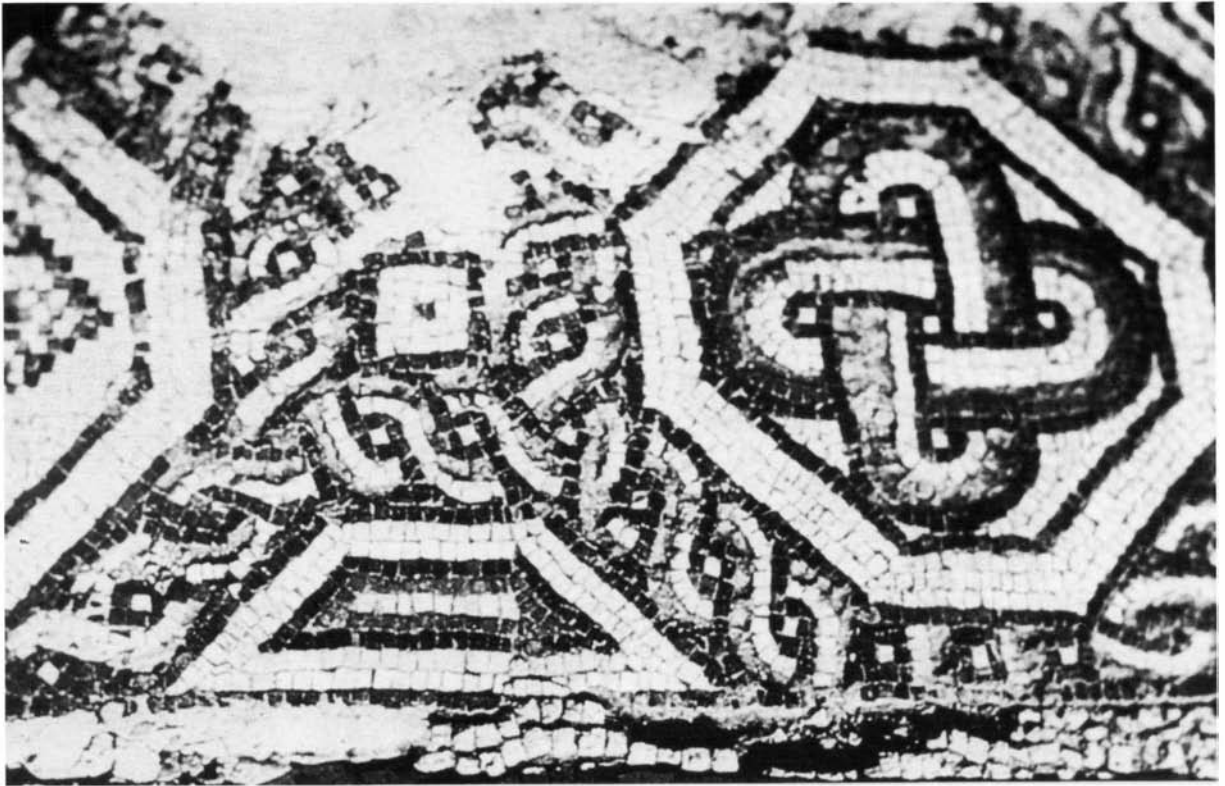


Fig. 25 – Mosaico de Campo de Villavidel, Leão. Pormenor de octógono com “nó de Salomão” e entrançados (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1993, Est. 5).



Fig. 26 – Mosaico da rua Santiago Crespo. em Astorga, Leão. Pormenor com aves debicando cachos de uvas (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1993, Est. 23).



Fig. 27 – Mosaico da Sala XXXIII de Balazote, Albacete. Pormenor com ave debicando flor (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1989, Est. 27).



Fig. 28 – Mosaico de El Romeral, Lérida. Pormenor com aves e motivos fitomórficos (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1989, Est. 22).



Fig. 29 – Mosaico sepulcral de Maria Severa, Itálica (FREIJEIRO, 1978, Est. 74).



Fig. 30 – Mosaico da “Casa do Anfiteatro”, Mérida. Pormenor com aves e cachos de uvas (FREIJEIRO, 1978, Est. 74).



Fig. 31 – Pormenor do mosaico da Sala 9 da *villa* de Pisões, Beja, com duas aves afrontadas, apoiadas em ramagens (talvez de videira), diante de vaso bolbiforme (SARDICA, 1972/75, Fig. 4).



Fig. 32 – Pormenor de mosaico do “Solar de Los Blanes”, Mérida, com cálice de acanto e entrançados (FREIJEIRO, 1978, Est. 2).



Fig. 33 – Mosaico da “Casa do Anfiteatro”, Mérida. Pormenor de um dos cantos, com vaso e volutas, entrançados e motivos peltiformes (FREIJEIRO, 1978, Est. 65).



Fig. 34 – Fuste de coluna de Val de Aguieiro, Beja. Planificação dos motivos em alto-relevo (ALMEIDA, 1962, Est. X, nº. 106). Período tardo-romano.

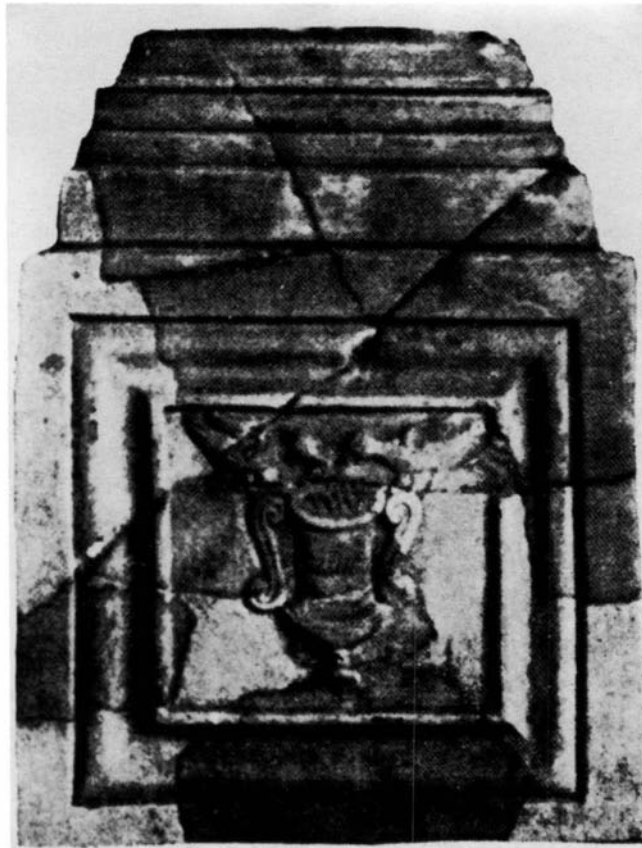


Fig. 35 – Placa de mármore de Estoi, Algarve. Vaso encimado por duas aves afrontadas, ao que parece debicando o conteúdo do recipiente (ALMEIDA, 1962, Est. XXIV, nº. 178).

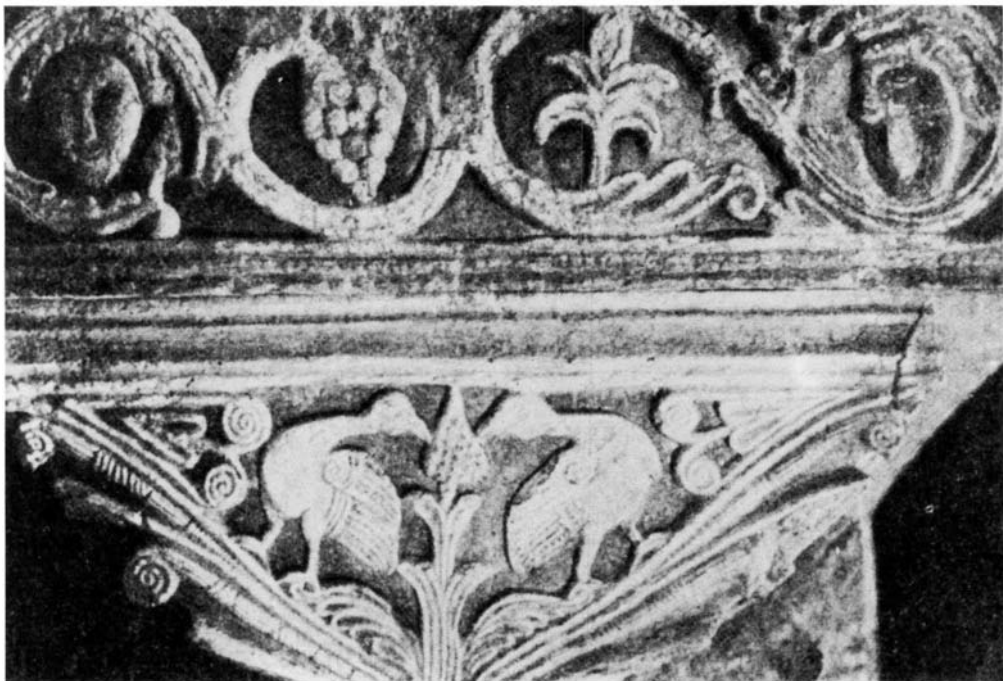


Fig. 36 – Capitel da igreja visigótica de San Pedro de la Nave, Zamora. Aves debicando flor (CAZORLA, 1940, Fig. 333).

Os paralelos iconográficos e técnicos a que recorremos permitem datar a obra nos finais do século II ou inícios da centúria seguinte, na transição da época dos Antoninos para a dos Severos, conforme acontece com a maioria dos mosaicos da “Casa dos Repuxos”, de Conímbriga, cujos paralelos valorizámos.

Os materiais arqueológicos exumados na zona indicam natureza doméstica e industrial, no caso dos pesos de tear, tratando-se, por certo, de *villa com pars urbana e pars rustica*, cujos vestígios se encontram na encosta a norte do local da implantação do mosaico.

A localização desta *villa*, em encosta suave e de boa exposição solar, de solos calcários, perto do estuário e dominando fértil várzea são características típicas das ocupações romanas da região.

Apesar do avançado estado de deterioração, o mosaico de Oeiras é, talvez, a mais importante obra musiva do distrito de Lisboa e a única conhecida no concelho. Recordemos, a propósito, que no vizinho concelho de Cascais apenas se reconheceram restos de dois mosaicos (Alto do Cidreira e Freiria) e igual número no de Lisboa, no casco urbano antigo da cidade (Casa dos Bicos e Rua dos Correeiros). No concelho de Alenquer somente se detectou restos de um daqueles pavimentos (Bairradinha), enquanto que o concelho mais rico em tais manifestações artísticas é o de Sintra, onde se identificaram, pelo menos, cinco locais com tais testemunhos (Almoçageme, Colares, Eira Pedrinha, Odrinhas e Vila Verde).

AGRADECIMENTOS

A Júlio Roque Carreira, que localizou no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia alguma da documentação inédita reproduzida, bem como ao Director do mesmo Museu, pelas facilidades concedidas.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*, 2 (2). Aris & Phillips Ltd., p. 89-142. Warminster.

ALMEIDA, F. de (1962) - Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*, S. II, p. 5-278.

ALMEIDA, J. Mendes de (1983) - A epigrafia na exposição de escultura romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, p. 337-346.

BANDINELLI, R. B. (1969) - *Rome. Le Centre du Pouvoir*, L'Univers des Formes, 437 p., 451 figs, 3 mapas. Gallimard. Paris.

BLÁZQUEZ, J. M., MONTEAGUDO, G. L., JIMENEZ, M. L. N., & PEDRAZ, M.S., S.N. (1989) - *Mosaicos Romanos de Lerida y Albacete*, *Corpus de Mosaicos de España*, fasc. VIII, 124 p., 19 figs, 44 ests. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.

BLÁZQUEZ, J. M., MONTEAGUDO, G. L., MANANES, T., & OCHOA, C. F. F., (1993) - *Mosaicos Romanos de Leon y Asturias*, *Corpus de Mosaicos de España*, fasc. X, 116 p., 19 figs, 35 ests. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.

BORGES, M. F. (1986) - *Mosaicos luso-romanos em zona de influência de Olissipo e Collipo*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 198 p., 38 ests. Lisboa. Não publicada.

- CARDOSO, J. L. (1995) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol .5, p. 87-96.
- CARDOSO, J. L., (1996) – O final da Idade do Ferro no Concelho de Oeiras: Um contributo, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 4, p. 361-365.
- CARDOSO, J. L., & CARDOSO, G. (1993) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p., 38 figs.
- CARDOSO, J. L., & CARREIRA, J. R. (1996) – A necrópole tardo-romana e alto-medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 407-417.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d' (1991) – Certezas e incertezas no estudo da *villa* romana de Freiria. *Arquivo de Cascais*, 10, p. 15-26, 23 Fot.
- CARDOSO, J. L.; GOMES M. Varela & ANDRÉ, M. C. (1996) – Mosaico de Oeiras. *Centros Históricos* (Revista da Associação dos Municípios com Centro Histórico, 5/6, p. 22-31.
- CAZORLA, E. Camps (1940) – El arte hispanovisigodo. *In Historia de España* (direcção de R. Menendes Pidal), 3, p. 435-608.
- CHAVES, L. (1936) – Antiquitates. IV. Mosaicos lusitano-romanos em Portugal. *Revista de Arqueologia*, 3, p. 83-87.
- CHAVES, L. (1938) – Estudos lusitano-romanos. I. A “*Villa*” de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz). Escavações de 1915-1916. *O Archeologo Português*, p. 14-117.
- COLAÇO, B. de G., & ARCHER, M. (1943) – *Memórias da Linha de Cascais*, Parceria António Maria Pereira, 370 p., Lisboa.
- CONDURACHI, E. (1982) – Riflessi della propaganda politica e della strategia militare sui rilievi della colonna di Traiano. *In L'Esauré Storico-Artistico della Columna Traiana*, p. 7-18, Accademia Nazionale dei Lincei. Roma.
- CORREIA, V. (1928) – Arte visigótica. *In História de Portugal* (direcção de Damião Peres), 1, p. 365-388. Portucalense Editora. Barcelos.
- CORTEZ, F. R. (1946) – Mosaicos romanos da Estremadura. *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, 13, p. 273-279 e 14, p. 55-71.
- CUMONT, F. (1966) – *Recherches sur le Symbolisme Funéraire des Romains*, Bibliothèque Archéologique et Historique, 543 p., 105 figs, XLVII ests. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.
- DALMAS, A. (1986) – *Vitruve – Les Dix Livres d'Architecture*, Editions Errance, 288 p. Paris.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. 2 vols. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. Coimbra.
- FERREIRA, O. da V., & FERREIRA, S. da V. (1962) – Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras. *Actas do XVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, p. 211-228. Porto.

FREJEIRO, A. B., (1978) - *Mosaicos Romanos de Merida*. Corpus de Mosaicos Romanos de España, I, 63 p., 12 figs, 108 ests. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Madrid.

FREJEIRO, A. B. (1978a) - *Mosaicos Romanos de Italica (I)*. Corpus de Mosaicos Romanos de España, fasc. II, 56 p., 11 figs, 77 ests. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Madrid.

GARCIA y BELLIDO, A. (1979) - *Arte Romano*, Enciclopedia Clasica, I, 836 p., 1409 figs. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Madrid.

GUIDO, M., (1978) - *The Glass Beads of the Prehistoric and Roman Periods in Britain and Ireland*, The Society of Antiquaries of London, 250 p., 38 figs, IV ests, London.

MACHADO, J. P., (1958) - *Influência Árábica no Vocabulário Português*, I, 339 p. Revista de Portugal. Lisboa.

MATOS, J. L. M. de (1966) - *Subsídios para um catálogo da escultura luso-romana*. Dissertação de Licenciatura em História. Faculdade de Letras de Lisboa, 336 p. Lisboa.

MATOS, J. L. M. de (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*. Instituto Português de Museus, 208 p. Lisboa.

MICLEA, I., & FLORESCU, R. (1980) - *Decebal si Traian*. Editura Meridiane, 94 p. 488 figs. Bucuresti.

OLEIRO, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, I Conímbriga – Casa dos Repuxos*. Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga, 226 pp., 16 figs, 82 ests. Conímbriga.

PINTO, R. de S. (1934) - Inventário dos mosaicos romanos em Portugal. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueologos*, I, p. 161-179. Madrid.

SARDICA, J. M. L. (1971/75) - Alguns subsídios para o estudo dos mosaicos de Pisões. *Arquivo de Beja*, 28/32, p. 63-70.

VASCONCELLOS, J. L. de (1916) - Mosaicos romanos de Portugal. 4. Mosaico de Oeiras. *O Archeologo Português*, 21, p. 142-145, I est.

VIANA, A. (1949) - Visigótico de Beja. *Arquivo de Beja*, 6 (3/4), p. 253-291.

A NECRÓPOLE TARDO-ROMANA E ALTO-MEDIEVAL DE OEIRAS

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Júlio Roque Carreira⁽²⁾

1 - INTRODUÇÃO

O presente estudo dá a conhecer um conjunto de apontamentos antigos, que se mantiveram inéditos, da autoria de J. Leite de Vasconcellos, e conservados no arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Respeitam à escavação de quatro sepulturas, dirigida pelo próprio, de um conjunto que ultrapassava as duas dezenas, constituindo importante necrópole situada em encosta suave da margem esquerda da ribeira da Lage, imediatamente a Norte do núcleo histórico da vila de Oeiras. Trata-se de área voltada a poente, distanciada cerca de 200 m da linha de água referida, a qual desagua na praia de Santo Amaro de Oeiras, cerca 1 km a jusante e então designada por “Quinta da Costa” (Fig. 1).

Do ponto de vista geológico, os terrenos são constituídos por bancadas de calcário interestratificadas em depósitos margosos facilmente escaváveis, do Cretácico inferior (Cenomaniano). Tais características poderão ter favorecido a escolha do local para mecrópole, não só pela fácil extracção de laçes usadas na estruturação das sepulturas, directamente recuperadas nas bancadas aludidas, mas também pelas condições de escavabilidade das passagens mais margosas, particularmente adequadas à abertura dos covachos.

O referido manuscrito refere que a exploração das quatro sepulturas para o efeito propositadamente conservadas pelo proprietário do terreno se efectou entre 24 de Novembro e 1 de Dezembro de 1901. Apesar do cuidado posto no registo de campo e da redacção de Leite de Vasconcellos se apresentar em condições de ser publicada, tal jamais se verificou, por razões que desconhecemos; tão-pouco, os resultados são mencionados em outras obras do autor ou dos seus contemporâneos; apenas CORREIA (1913), ao estudar uma sepultura romana de Freiria, já do vizinho concelho de Cascais, alude ao cemitério de Oeiras em palavras muito breves (p. 93): “À saída da vila, para o norte, sabe-se de um cemitério da mesma época, na Quinta da Costa”. A única referência que Leite de Vasconcellos faz do achado e das explorações que ali procedeu é circunstancial: inscreve-se no relatório de actividades do pessoal de então do Museu Etnológico Português (VASCONCELLOS, 1915, p. 322). relativamente ao ano de 1901: “Em Novembro, escavação de um cemiterio antigo na Costa (Oeiras), feita pelo Director, ajudado por José Angelo Rodrigues, empregado da Biblioteca Nacional”. A menção de “cemiterio antigo” e não de “cemiterio romano” explica-se pelas dúvidas que L. de Vasconcellos tinha sobre a cronologia do mesmo, conforme o próprio expressa, no manuscrito que esteve na origem deste estudo, que termina com a interrogativa “Qual a epocha?”.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar. 1500 Lisboa.*

O local, presentemente, é conhecido pelo nome de “Junção do Bem”, encontrando-se a área da necrópole referenciada por fotografia de época onde são visíveis duas das sepulturas, bem como o moinho, ainda hoje existente no alto da encosta, em último plano (Fig. 2) embora alteado, e transformado de há muito em miradouro. As suas coordenadas são as seguintes: Q 974, 925 (Carta Militar de Portugal, esc. 1/25000, folha 430 - Oeiras, 1970).

É provável que tenha sido este o local de onde provieram diversas lápides funerárias romanas estudadas por HÜBNER (1892, inscrições nº. 5009, 5011 e 5016). Na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, corresponde-lhe o número 59 (CARDOSO & CARDOSO, 1993).

A necrópole desenvolve-se em terrenos adjacentes aos ocupados por importante *villa urbana*, cujo elemento mais notável corresponde a mosaico policromo, descoberto em 1903 e atribuível ao século II d. C. (GOMES *et al.*, 1996; CARDOSO *et al.*, 1996. Assim se explica a ocorrência de materiais romanos de carácter doméstico na área da necrópole, como pesos de tear, um opérculo de ânfora ou, ainda, diversos fragmentos deste e de outros tipos de recipientes relacionados com actividades quotidianas desenvolvidas na área da referida *villa*.

A exploração do que restava da necrópole foi noticiada na imprensa diária da época:

O Século, de 24 de Novembro de 1901, insere a seguinte notícia, assinada por Costa Pinto, no mesmo dia em que se deu início à escavação:

“Vem amanhã aqui o Sr. Leite de Vasconcellos visitar as sepulturas e ossadas que se tem encontrado nas escavações da propriedade do nosso amigo Sr. Esteves Mendes, às quaes nos não temos referido por ser coisa muito trivial; assim, na construcção da escola Conde de Ferreira, appareceram ossadas, por ali ter sido o antigo cemiterio coberto da villa; na construcção da casa do fallecido Sr. José Florindo de Oliveira, appareceram tambem ossadas provenientes, segundo se disse, d’ali ter existido uma capella: na abertura do cano da rua de Alcacima appareceram egualmente algumas ossadas, ignorando-se a proveniencia; nas obras do Sr. Guimarães, na rua Ricardo Correira, appareceram tambem ossadas, por ali ter sido o antigo cemiterio. E, comtudo estas agora, appareceram encerradas em sarcophagos de pedra, e cobertos com lajões. Informaremos os leitores”.

Na sequência desta notícia, o mesmo jornal publica outras duas, não assinadas, em 28 de Novembro e 3 de Dezembro do mesmo ano, onde se descrevem, sucintamente, as principais características dos sepulcros, não inteiramente coincidentes com o manuscrito de Leite de Vasconcellos:

“Sob a direcção do sr. dr. Leite de Vasconcellos, procedeu-se hontem, pelas 10 horas da manhã, á abertura de 3 jazigos reservados na quinta do Costa para trabalhos de archeologia.

Encontraram-se no primeiro 4 craneos e varias ossadas grandes, pertencentes a esqueletos diversos; no segundo, 2 craneos e tambem diversas ossadas; e no terceiro, 4 craneos e bastantes ossos grandes.

Confrontando isto com as outras ossadas, já encontradas em outros jazigos, já dispersos pelo solo, sem se encontrar um esqueleto completo nem regularmente disposto, mostra ter-se ali constituido um ossario em tempos remotissimos, que podem remontar aos fins do imperio romano, isto em virtude da argamassa de que estão revestidos os ditos jazigos, e dos fragmentos d’uma amphora e dos grandes tijolos rectangulares que constituiam o fundo dos mesmos jazigos dos quaes o segundo tinha uma configuração diferente dos outros.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos volta aqui no domingo para ultimar os seus trabalhos, estando já apartados alguns craneos e tijolos para irem para Lisboa”.

A última notícia publicada no *O Seculo*, de 3 de Dezembro de 1901, imediatamente após o termo de intervenção arqueológica é do seguinte teor:

“Voltou aqui hontem o sr. dr. Leite de Vasconcellos, acompanhado do illustre archeologo sr. Mello e do distincto photographo sr. Rodrigues. Abriu um dos jazigos reservados, dentro do qual se encontraram tres craneos e ossos grandes e miudos, apparecendo entre estes muitas vertebraes, que até aqui não tinham apparecido.

Mediram-se os jazigos e tiraram-se photographias de todos, reservando-se a medida dos craneos e o seu transporte para Lisboa no proximo domingo.

Sendo, como dissémos, este ossario de tempos remotissimos, que sobem até ao imperio romano, do occidente, taes ossos, portanto, pertencem a pagãos, pelo que entendemos que à sua remoção deve apenas presidir a auctoridade administrativa, sem intervenção da ecclesiastica, que não deve querer converter à fé as ossadas dos barbaros do occidente”.

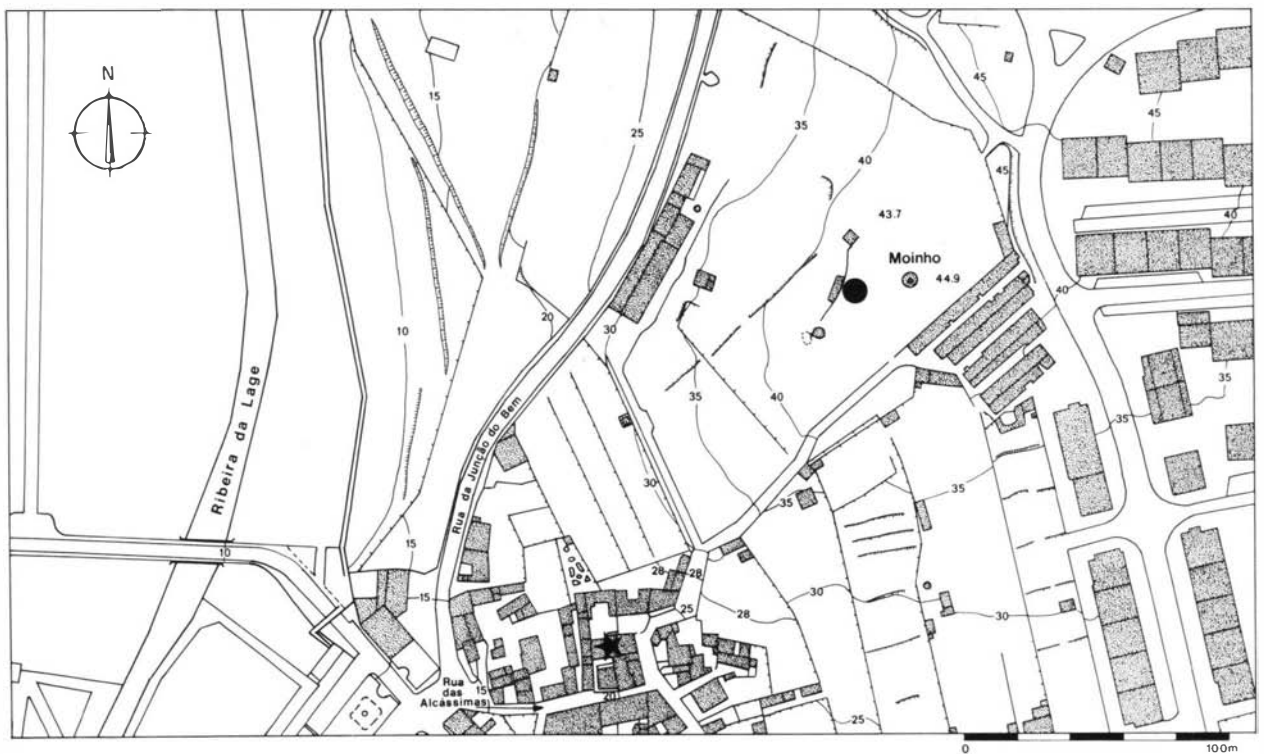
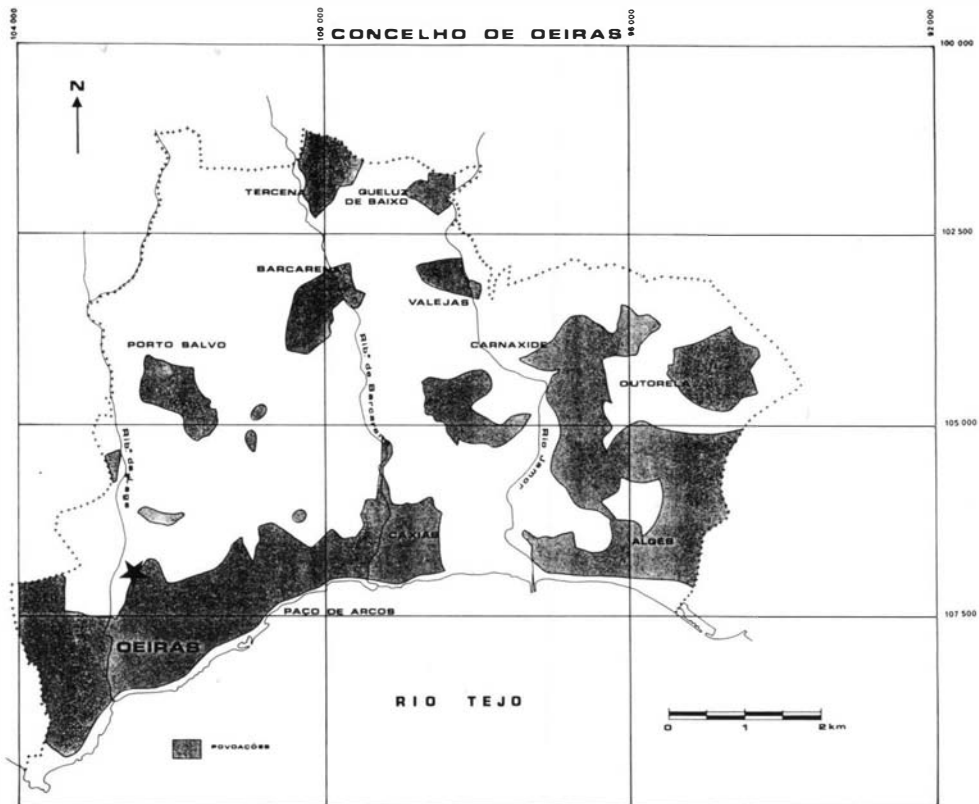


Fig. 1 – Em cima: localização da necrópole romano-medieval de Oeiras (estrela) no contexto das zonas urbanizadas do concelho de Oeiras. Em baixo: planta do limite setentrional da área urbana de Oeiras. O círculo negro assinala o local das sepulturas da Fig. 2, correspondente a encosta suave do vale da Ribeira da Lage; a estrela indica a implantação do mosaico romano de Oeiras, no núcleo histórico da vila.

Pode pois, concluir-se que a exploração se realizou em dois dias; no dia 24 de Novembro de 1901 foram abertas três sepulturas e no dia 1 de Dezembro a restante. Verifica-se igualmente, que todas as sepulturas foram fotografadas, embora tais chapas não se tivessem localizado no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, o mesmo se verificando quanto aos crânios que a última notícia refere terem sido transportados para Lisboa. A Fig. 2 reproduz uma das chapas localizadas nos arquivos daquele Museu, por certo da autoria do fotógrafo José Ângelo Rodrigues.

A importância que a exploração da necrópole adquiria, por via das notícias publicadas na imprensa nacional da época, reflectiu-se igualmente a nível da imprensa local, embora seja evidente a falta de interesse desta no tratamento da questão. Com efeito, a única notícia publicou-se no quizenário *O Echo*, editado em Paço de Arcos (n.º 53, de 15 de Dezembro de 1901), motivada não pelo objectivo de informar sobre os trabalhos realizados, mas tão-somente para publicitar, num tom jocoso, a existência de diferentes opiniões sobre a antiguidade das sepulturas; tal facto é revelador de algum impacto que aquelas explorações tiveram na edibilidade e na população oeirense da época. Pelo seu interesse documental, expressivo dos acontecimentos pitorescos que pontuavam o quotidiano de uma pequena vila dos arredores de Lisboa, no início deste século, é transcrita na íntegra (cópia obtida, a nosso pedido, por M. C. André, na Biblioteca Nacional de Lisboa):

“Caso grave

Vae tomando incremento o conflicto entre o secretario da camara, e um distincto archeologo por causa dos esqueletos encontrados, em umas excavações a que se esta procedendo em Oeiras.

O archeologo, quer levar o achado para um museu, e exhibindo uns cacos, diz que os esqueletos devem ter pertencido a romanos que tivessem vindo provar a agua-pé do João de Santarem.

O sr. secretario diz que o romano será elle, (o archeologo) e que os esqueletos são eleitores, devidamente recenseados, e que nas occasiões criticas se enfarpelam, para virem perante a urna exercer o sagrado direito de voto.

Os esqueletos, não dizem, *tus* nem *bus*, mas puxados d’um lado pelo sr. secretario, do outro pelo sr. archeologo já começam a manifestar-se (por gestos é claro), massados por tanta discussão. No proximo numero daremos noticia do que se passar”.

Ao contrário do referido na notícia, o número seguinte, datado de 15 Janeiro de 1902 – o último que do Jornal terá sido publicado – não refere quaisquer desenvolvimentos da polémica, entretanto esmorecida após a conclusão dos trabalhos.

Apesar de não ter seguramente passado despercebida da população local, a exploração rapidamente caiu no esquecimento; com efeito, FERREIRA & FERREIRA (1962; p. 224) declaram: “Sobre o cemitério da Quinta da Costa não nos foi possível adquirir mais pormenores sem fazer escavações e sondagens. É difícil saber ao certo onde ficava. A gente da região não adianta nada”.

2 - O MANUSCRITO DE J. LEITE DE VASCONCELLOS

O documento apresenta-se transcrito na íntegra; manteve-se a redacção da época. Na Fig. 3, reproduz-se em *fac-simile* uma das páginas do manuscrito de J. Leite de Vasconcellos e, na Fig. 4, a disposição relativa que, no terreno, conservavam os quatro sepulcros entre si.

Necropole de Oeiras

Andando o Sr. Casimiro Esteves Mendes, residente em Oeiras, a proceder a trabalhos agricolas na sua propriedade da Costa, junto àquella villa, encontrou grande número de sepulturas com ossadas. Na ideia de que o estudo d’estas sepulturas teria alguma importancia archeologica, communicou-me o achado, só porém um pouco tardiamente, p[or]que suppôs que eu estava fóra de Lisboa. Reservou-me ainda assim quatro sepulturas intactas, que foram exploradas na minha presença nos dias 24 de Nov. a 1 de Dez. de 1901, e guardou-me tudo o que nas outras e no terr[eno] em volta tinha apparecido.

As quatro sepulturas que explorei estavam na disposição indicada na planta junta, isto é, parallelas entre si, e orientadas de Este para Oeste (Figs. 4 e 5). Eis a descripção de cada uma e do respectivo conteúdo.



Fig. 2 – Necrópole romano-medieval de Oeiras. Em primeiro plano, duas sepulturas de planta rectangular, de mistura com ossos e lajes que integravam a sua estrutura. Em segundo plano, à esquerda numerosas tijoleiras rectangulares de outras sepulturas destruídas; ao centro, o moinho ainda existente. Foto de 1901, de José Ângelo Rodrigues (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

1ª. sepultura (Fig. 5, nº. 1)

Está aberta no chão, tendo do lado do N., uma serie de pedras postas de cutello e em forma de parede; sobre esta parede estava horizontal uma fiada de tijolos vermelhos, rectangulares e estreitos. Tinha tampa de grandes lages. Tanto estas lages como as pedras da parede não apresentavam trabalho, eram toscas. Mandeí cavar a sepultura até ao chão natural e appareceu o seguinte:

No sitio indicado p[or]a dois crânios; no sitio indicado p[or]b fragmentos de crânio; no sitio indicado p[or]c fragm. de osso iliaco, e de maxillares inferiores e ossos compridos; no sitio indicado p[or]d tres crânios, e ossos compridos (postos atravessados). Muitos d'estes ossos estavam uns sobre os outros. Nada mais se encontrou. Depois de esvasiada a sepultura, foi medida, e viu-se que tinha pouco mais ou menos as sgt. dimensões: comprimento 1,35 m; largura 0,37 m; altura 0,43 m. A tampa estava abaixo do solo natural uns 5 decímetros. Os vestígios hum[anos] foram pois de uns 5 ou 6 esqueletos.

2ª. sepultura (Fig. 5, nº. 2)

Revelou-se pelo apparecimento de 5 pedras toscas postas em fôrma de tampa. Mandeí levantar a pedra e cavar até o salão. A sepultura era aberta no solo natural, sem revestimento alg[um] de pedra. No sitio indicado p[or]a estavam, dentro da sepultura, varios ossos compridos (de perna e do braço), tres crânios quasi inteiros, e fragmentos de outros, e além d'isso um torrão com duas calotes cranianas com as convexidades oppostas uma á outra. Havia pois vestígios de 4 ou 5 esqueletos.

3ª. sepultura (Fig. 4, nº. 3)

Aberta no chão natural, sendo do lado do Poente revestida internamente p[or] duas pedras e do lado do Sul por outras duas. Metade, pouco mais ou menos, da sepultura estava coberta por toska lage em fôrma de tampa, de uns 0,53 m de largura. Na parte da sepultura sem tampa só encontrei esquirolas osseas, ou ossos muito delidos. Na parte que estava tapada encontrei os seguintes ossos:

em a: fragmento de crânio

b: costellas, ossos longos e frag[mentos] de varios ossos

c: dentes

d: ossos da perna, cabeça de tibia, ossos do pé

e: ossos do crânio; duas metades inferiores de femures

f: vertebra dorsal, crânio

g: sacro; ossos do pé

h: omoplatas, vertebra dorsal, cabeça de umerus, p[ar]t[e] de femur, crânio quasi inteiro

i: frag[mento] de crânio

j: vertebrae lombares

k: cabeça de tibia

l: muitos ossos: duas tibias, vertebra lombar, meio femur, umerus, outra tibia, cabeça de umerus, p[ar]t[e] superior de um radio, cubito, calcaneo, varios ossos do metatarso, crânio quasi inteiro

m: maxillar inferior

n: 2 vertebrae lombares, duas claviculas, cubito, p[ar]t[e] superior do femur, ossos do metatarso, osso do ante-braço, costellas, maxill[ar] inferior

Dimensões d'esta sepultura: comprimento 1,94 m; largura 0,50 m; altura de um dos esteios 0,38 m. Havia vestígios de, pelo menos, 3 esqueletos.

4ª. sepultura (Fig. 4, nº. 4)

Tem fôrma triangular, com vertice do lado Nascente. A estreiteza desse lado não era devido ao apêrto da terra, mas data da primitiva pois as pedras estavam solidas e verticaes. Em parte coberta p[or] lages atravessadas, em p[ar]t[e] descoberta. Em a encontrou-se um crânio, entalado entre as pedras, p[or] baixo d'elle uma tibia. Ao meio da sepultura: um maxillar inferior e vertebrae cervicaes. Noutro ponto encontrou-se muitos ossos, sendo alguns

de criança. Também se encontrou uma concha bivalve. Dimensões: comprimento 1,70 m; largura na p[ar]t[e] mais estreita 0,14 m e na p[ar]t[e] mais larga 0,45 m; altura 0,32 m. A tampa da sepultura fica a 0,45 m da superfície do solo.

Vestígios de 2 ou 3 esqueletos. O Sr. Mendes informou-me que tinha encontrado m[ui]t[as] sepulturas com esta forma triangular. Toda a pedra: calcareo.

O Sr. Mendes informou-me que as outras sepulturas, já desfeitas pelas necessidades do trabalho agrícola seriam umas 20, e que, á parte alg[umas], em que os ossos estavam reduzidos a pó ou m[ui]t[o] delidos, continham geralmente vestígios de mais de um esqueleto. Orientadas também de E. a O.

Como em tão limitado espaço, qual é o de cada sepultura, não cabia o n.º. de cadáveres que os esqueletos revelaram; e como os ossos não estão em posição natural: vê-se que estas sepulturas representavam, – pelo menos as que explorei, – outros tantos ossuários. Isto explica que com os esqueletos não se encontrassem objectos nenh[uns] (a concl[usão] seria causal, pois tamb[em] apparem fóra).

No terreno em volta: frag. de opus Signinum, uma asa que creio de amphora e varios tijolos certam[en]t[e] romanos. O Sr. Mendes informou que uma das sepulturas, pelo menos, tinha chão forrado p[or] alg[umas] partes por tijolos, que supponho romanos:

(dá o desenho de um tijolo rectangular, com as seguintes dimensões):

$$ab = 0,29$$

$$bc = 0,41$$

sulcos digitaes. Cór desmaiada.

Escolhi alg[uns] tijolos, e frag[mentos] de opus Signinum e asa de amphora; os cranios e a calote craniana e todos os ossos que me pareceram bons para o Museu.

Se todos fizessem, como o Sr. Mendes, que communicou o achado oportunamente com tanta liberalidade me permittiu as excavações no seu terreno, me reservou a[s] sepultura[s] e os objectos, não se perderia tanta coisa.

Qual a epoch[a] ?

3 - MATERIAIS EXUMADOS

O relato de Leite de Vasconcellos e as notícias publicadas no *O Século* são concordantes na escassez de materiais arqueológicos achados no decurso dos revolvimentos que antecederam a intervenção daquele arqueólogo. Trata-se, apenas, de uma asa de ânfora, além das grandes tijoleiras que integram diversas sepulturas destruídas. A asa não se poderá relacionar seguramente com a necrópole. De facto, é peça mais antiga (ânfore HALTERN 70, da segunda metade do século I a.C. à primeira metade do século I d.C., segundo informação do Dr. Carlos Fabião, que agradecemos), à semelhança de outros materiais na altura encontradas na mesma propriedade, acidentalmente junto das sepulturas; com a menção “Cemiterio de Oeiras”, conservam-se diversos materiais no Museu Nacional de Arqueologia do final da Idade do Ferro (CARDOSO, 1996) ou da plena romanização, relacionando-se estes últimos com a já aludida *villa* (GOMES *et al.*, 1996), cuja parte *rustica* ou *fructuaria* se estenderia aos terrenos ulteriormente ocupados pela necrópole.

4 - DISCUSSÃO E COMPARAÇÕES

O manuscrito de Leite de Vasconcellos documenta o cuidado por este dispensado à exploração de quatro das sepulturas de inumação que constituíam a necrópole. Pouco usual para época, é a preocupação de localizar e registar

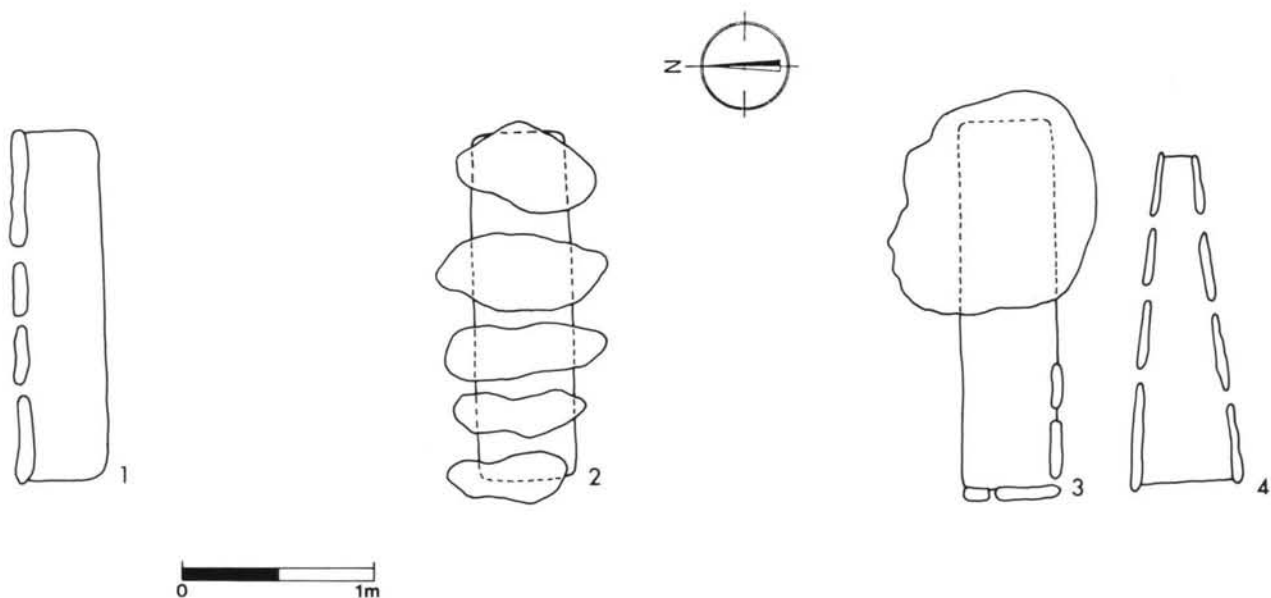


Fig. 4 – Necrópole romano-medieval de Oeiras. Implantação no terreno das quatro sepulturas escavadas por J. Leite de Vasconcellos, segundo esboço de sua autoria, modificado (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

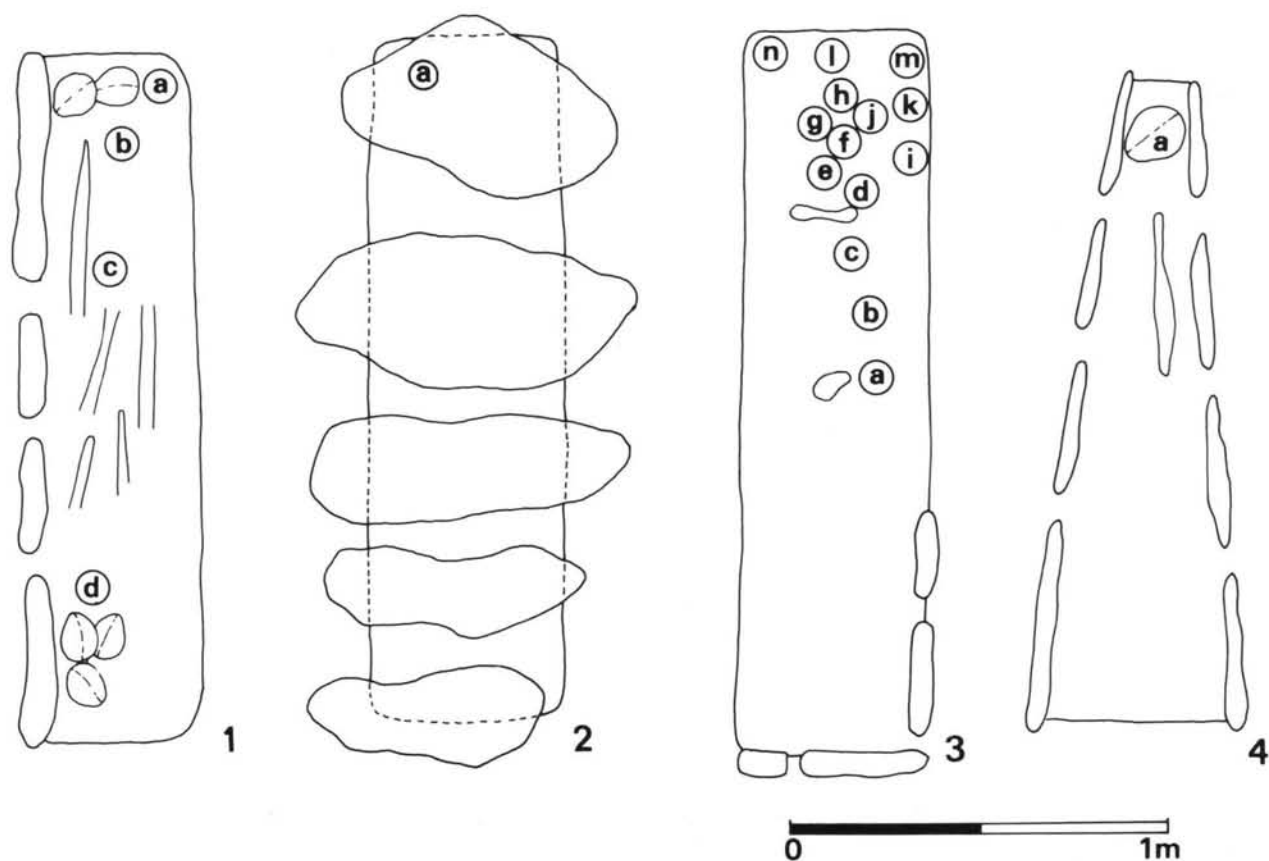


Fig. 5 – Necrópole romano-medieval de Oeiras. Planta das sepulturas exploradas por J. Leite de Vasconcellos e localização do espólio exumado, segundo original do autor, modificado (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

graficamente, de forma rigorosa, em cada caixa tumular, os diversos ossos do esqueleto, cuidado muito pouco frequente na época, apenas tornado possível pela formação médica do autor. Tal cuidado permitiu identificar diversas inumações, utilizando sucessivamente a mesma sepultura estando, aparentemente os corpos colocados em decúbito dorsal (cf. sepultura 1, Fig. 5, nº. 1); por vezes, os crânios encontravam-se concentrados em uma ou em ambas as extremidades da sepultura, como se observa, respectivamente na sepultura 4 (Fig. 5, nº. 4) e na sepultura 1 (Fig. 5, nº. 1). Os restantes ossos das inumações anteriores seriam parcial ou totalmente removidos de cada vez que se procedia a nova tumulação; apenas se conservariam, nas caixas tumulares os respectivos crâneos; daí o aspecto desordenado em que tais materiais jaziam, aquando da abertura das sepulturas, facto que sugeria a Leite de Vasconcellos a hipótese de se tratarem de ossuários. Tal situação encontra paralelo próximo na necrópole de Talaíde, Cascais, explorada em 1975 (CARDOSO *et al.*, 1995), onde os crânios se acumulavam aos pés das sepulturas, ou lateralmente, formando verdadeiros “ninhos”, como se observou nas sepulturas 1 e 2 da necrópole em apreço. Há que considerar, complementarmente, perturbações e remeximentos naturais dos depósitos mortuários, resultantes de infiltração de águas pluviais no interior das sepulturas que, tal como se verificou em Talaíde, não eram preenchidas interiormente por terra.

No que concerne à tipologia das sepulturas, da sua representação em planta, evidenciam-se três tipos principais:

Tipo 1 - Sepulturas definidas por lajes colocadas verticalmente em quase toda a periferia, definindo recintos de contorno sub-rectangular ou sub-trapezoidal - sepultura 4 (Fig. 5, nº. 4);

Tipo 2 - Sepulturas de contorno sub-rectangular, definidas apenas em parte da sua periferia por lajes calcárias colocadas verticalmente, correspondendo a parte restante à parede natural do covacho - sepultura 1 (Fig. 5, nº. 1) e sepultura 3 (Fig. 5, nº. 3). Na primeira das referidas sepulturas, observa-se o aproveitamento de tijolos colocados horizontalmente sobre os topos das lajes calcárias, provavelmente com o intuito de os regularizar;

Tipo 3 - Sepulturas correspondentes a covachos de contorno sub-rectangular, abertos nas margas cretácicas, tapados por lajes dispostas transversalmente, na horizontal - sepultura 2, Fig. 5, nº. 2).

As sepulturas dos tipos 1 e 2 encontravam-se total ou parcialmente cobertas por lajes calcárias, toscamente afeiçãoadas, à semelhança do verificado na única sepultura do tipo 3. Correspondem ao modelo mais frequente da necrópole de Talaíde; nalguns casos, segundo o testemunho do proprietário do terreno, comunicado a J. Leite de Vasconcellos, corroborado pela notícia de *O Século* de 28/11/1901, o fundo das caixas tumulares encontrava-se forrado de grandes tijolos rectangulares os quais são visíveis, constituindo amontoado caótico, em último plano da Fig. 2. Quanto ao tipo 3, tem paralelo em apenas uma das vinte e oito sepulturas de Talaíde, a nº. 27 (CARDOSO *et al.*, 1995, Fig. 5).

As quatro sepulturas escavadas, todas com direcção Este-Oeste, dispõem-se em estreita faixa com orientação Norte-Sul (Fig. 4). A direcção referida é, aproximadamente, a que se observa em geral na necrópole de Talaíde, exceptuando-se, apenas, a sepultura 27, idêntica à sepultura 2 da presente necrópole.

A tipologia e organização das sepulturas de Talaíde e de Oeiras apresentam assinaláveis semelhanças, sugerindo cronologia próxima. Para o primeiro daqueles arqueossítios, obteve-se três datas de radiocarbono que sugerem utilização prolongada da necrópole, entre os meados do século II d.C. e os meados do século XI d.C. Por outro lado, em Talaíde, as sepulturas mais recentes eram totalmente desprovidas de espólio; tendo tal facto em consideração poderemos concluir que as quatro sepulturas escavadas da necrópole de Oeiras por J. Leite de Vasconcellos serão coevas das mais recentes de Talaíde, conclusão que pode estender-se à parte da necrópole anteriormente destruída, que também não parece ter oferecido espólio. A única oferenda funerária resume-se a uma concha não classificada em pormenor, recolhida por Leite de Vasconcellos na sepultura 4, a qual poderá considerar-se como oferenda fúnebre da comunidade cristã a um dos seus mortos. Neste contexto, as lápides romanas estudadas por HÜBNER (1892), a provirem do mesmo local, documentariam uma necrópole mais antiga, talvez coeva da ocupação da *villa urbana* situada actualmente no perímetro antigo de Oeiras e cujo elemento mais expressivo é constituído por mosaico atribuível ao século II d.C., recentemente estudado (CARDOSO *et al.*, 1996; GOMES *et al.*, 1996).

AGRADECIMENTOS

Ao Director do Museu Nacional de Arqueologia pelas facilidades concedidas a um de nós (J. R. C.) no acesso ao Arquivo documental do referido Museu.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1996) - O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 361-365.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - *Carta arqueológica do concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & GUERRA, M. F. (1995) - A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 315-339.
- CARDOSO, J. L.; GOMES, M. Varela & ANDRÉ M. C. (1996) - Mosaico de Oeiras. *Centros Históricos*, 5/6, p. 22-31.
- CORREIA, V. (1913) - Sepultura romana nos arredores de Oeiras. *O Arqueólogo Português*, 18, p. 93-95.
- FERREIRA, O. da Veiga & FERREIRA, S. da Veiga (1962) - Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras. *Actas do 26º. Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. (Porto, 1962), p. 221-228.
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) - O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 367-406.
- HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 2 (Suplemento). Berlin.
- VASCONCELLOS, J. de Leite (1915) - *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Imprensa Nacional. Lisboa.

O COMPLEXO FABRIL DE PRODUÇÃO DE CAL DE PAÇO DE ARCOS. RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS EM UM DOS SEUS FORNOS

João Luís Cardoso ⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

Qualquer intervenção, visando a recuperação ou reabilitação funcional de dado edifício ou conjunto patrimonial, esteja este inserido ou não em espaço urbano, reveste-se, cada vez mais, de tarefa de carácter multidisciplinar, envolvendo especialistas de formação diversa, entre os quais, naturalmente, o arqueólogo pode ser chamado a colaborar.

Estava neste caso o projecto de musealização do complexo de produção de cal de Paço de Arcos constituído por cinco fornos monumentais, um dos quais foi adquirido pela Câmara Municipal de Oeiras em 1989.

Importava, antes de mais, proceder aos trabalhos conducentes à identificação e salvaguarda de elementos estruturais ainda desconhecidos – para o que poderia contribuir a presente intervenção arqueológica – além de proceder à caracterização estrutural e funcional do forno já em posse do Município, numa perspectiva tecnológica. Tal objectivo permitiria a selecção dos elementos susceptíveis de tratamento ou valorização, desde a intervenção em obra, correspondente à consolidação ou mesmo reconstrução de elementos estruturais em falta, até à definição dos equipamentos adicionais a instalar.

Deste modo, a equipa encarregada dos trabalhos preparatórios conducentes ao programa preliminar do referido projecto de musealização (GOUVEIA & CARVALHO, 1994) solicitou ao signatário, na qualidade de Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, uma intervenção arqueológica interessando o forno de cal mencionado, por forma a dar resposta a diversas questões indispensáveis para a cabal compreensão do seu funcionamento.

Obtida a autorização, por parte do IPPAR, foram agendados os trabalhos de campo para a última semana de Setembro de 1994, os quais decorreram sob orientação directa (CARDOSO, 1995).

No que respeitou à definição dos objectivos e da área a escavar, foi decisiva a opinião da equipa do Instituto Rainha Dona Leonor, dirigida pelo Prof. H. Coutinho Gouveia, acompanhada pelo Arq. F. Vaz do Carmo, do Gabinete de Projectos Especiais da C. M. O. – Sector dos Centros Históricos, a quem foi encomendado o estudo da musealização do sítio.

Os trabalhos de campo contaram com diversos apoios, técnicos e logísticos, fornecidos por outros sectores camarários; além do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (colaborações da Dr.^a Conceição André e do desenhador Bernardo Ferreira) é de referir a Divisão de Espaços Verdes e Higiene Pública, a quem cabe agradecer,

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

na pessoa do Eng. Leite Pereira, a cedência de três operários que se revelaram indispensáveis ao bom andamento dos trabalhos.

O interesse dos resultados obtidos como fonte informativa do trabalho de musealização preparatório, já realizado e a realizar, foi já reconhecido no respectivo relatório, apresentado à C. M. O. (GOUVEIA & CARVALHO, 1994).

2 - CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DA ESTRUTURA

O complexo industrial de produção de cal de Paço de Arcos é constituído por cinco fornos, articulados funcionalmente entre si. Presentemente, encontra-se em aberto a opção de base, no respeitante aos elementos arquitectónicos a integrar no programa de musealização. A opção minimalista circunscreve-se apenas ao forno adquirido pela Câmara. Foi nesta estrutura que se centraram os trabalhos realizados, sem prejuízo de, ulteriormente, se estenderem ao forno contíguo, na hipótese de este vir também a ser recuperado, o que deverá decidir-se antes da passagem à fase seguinte do estudo, correspondente à elaboração do programa preliminar de musealização do sítio.

A estrutura objecto da intervenção arqueológica tem o número 1 na Fig. 1, fazendo gaveto entre a rua do forte de S. Pedro, a nascente, e a rua dos Fornos, a Sul (Fig. 3). Algumas construções anexas à estrutura, marginais às duas referidas vias, foram demolidas pouco antes da compra do forno. Em consequência das referidas demolições, a zona envolvente corresponde, presentemente, a espaçosa área a céu aberto, que importava igualmente investigar, numa perspectiva integrada.

O forno em causa, de estrutura idêntica à dos demais, possui planta aproximadamente circular, com 7 a 8 m de diâmetro externo na base, e uma altura que atingiria cerca de 8 m, a que corresponde alçado tronco-cónico (Fig. 2).

Como sempre acontece com este tipo de fornos (GOUVEIA *et al.*, 1993), encontra-se parcialmente escavado no sopé de encosta natural, de tal forma que o sector setentrional da estrutura se encontra enterrado. Conseguia-se, deste modo, “um isolamento natural que ajudava a conservar o calor necessário” (*op. cit.*, p. 15). A existência deste suporte natural, de assegurada estabilidade, seria igualmente indispensável para a estrutura poder suportar as elevadas tensões transmitidas pelas cerca de cento e cinquenta toneladas de pedra que em cada fornada eram cozidas, aumentadas pela respectiva dilatação produzida pelas altas temperaturas atingidas no decurso dos vinte a trinta dias que durava a operação. Do mesmo modo se explica a grande espessura da parede da câmara, superior a 3 m, na base, bem como a presença de grossas paredes exteriores radiais de alvenaria que, mais do que septos entre os diversos fornos, funcionariam como elementos estabilizadores adicionais.

3 - TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

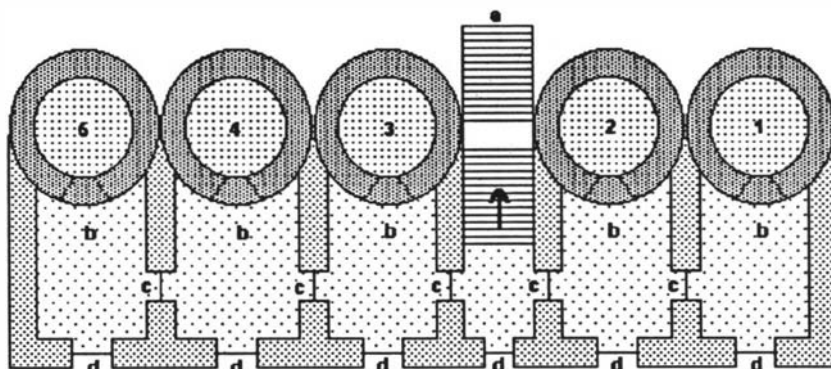
A equipa encarregue dos estudos conducentes à musealização do sítio pretendia averiguar, por um lado, a geometria da parte ainda enterrada da caldeira do forno, que permanecia desconhecida, bem como a identificação, no terreno a céu aberto que se desenvolve no exterior, de eventuais vestígios da preparação ou manipulação da cal, que aí tivessem tido lugar. De facto, ambos os locais referidos se encontravam recobertos por camada de gravilha, sobreposta a outras, mais profundas e antigas, de entulhos diversos, que requeriam caracterização.

Tendo presentes os objectivos apontados, os trabalhos de escavação decorreram em duas áreas bem diferenciadas, a saber:

- a caldeira do forno;
- a área exterior ao forno, situada do lado esquerdo da entrada deste, a céu aberto.

3.1 - A caldeira do forno

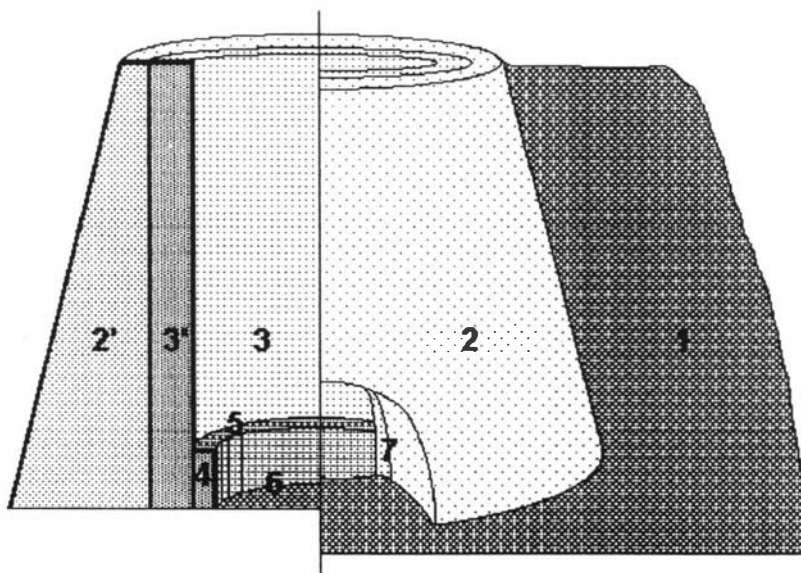
Com o objectivo de determinar a geometria da caldeira, bem como a natureza e estratigrafia do respectivo enchimento e cronologia do mesmo – em conformidade com tipologia dos materiais exumados – procedeu-se à marcação



1-5 Fornos

- a Escadas de acesso ao plano superior**
- b Telheiros**
- c Portas de comunicação interna**
- d Portas exteriores**

Fig. 1 – O complexo de produção de cal de Paço de Arcos, constituído por cinco fornos e respectivas estruturas (in GOUVEIA & CARVALHO, 1994).



Desenho esquemático de um Forno de Caldeira

- 1 - Elevação onde o forno está semi-enterrado; 2 - Parede exterior; 2' - Parede exterior (corte);**
- 3 - Parede interior; 3' - Parede interior (corte); 4 - Parede que delimita a caldeira (corte);**
- 5 - "Sapata"; 6 - Caldeira; 7 - Boca do forno ●**

Fig. 2 – Desenho esquemático de um forno de caldeira (in GOUVEIA *et al.*, 1993).

no terreno dos quatro quadrantes em que ficou dividida a superfície da caldeira, segundo duas linhas ortogonais orientadas respectivamente Nordeste - Sudoeste e Noroeste - Sudeste, tendo-se procedido à escavação completa do quadrante de Noroeste e parcial do de Nordeste, por forma a continuar a ser possível o acesso ao interior da caldeira. No conjunto, escavou-se cerca de 1/4 do volume dos depósitos que preenchia o seu interior.

Os resultados obtidos foram de vária ordem (Fig. 4 a 7):

- *ao nível da caracterização da geometria e da estrutura da caldeira*: identificou-se, a cerca de 1 m de profundidade, uma sapata com a largura média de 0,5 m, constituindo um anel circular a toda a volta da câmara, com cerca de 1,0 m de altura, a contar do chão daquela (Fig. 6 e 7). Este elemento estrutural - de que anteriormente não se conhecia qualquer vestígio - faz usualmente parte dos "fornos de caldeira", grupo a que este pertence (GOUVEIA *et al.*, 1993). O muro deste elemento, de alvenaria, integrava diversos tipos petrográficos, argamassados por cal e areia. Observaram-se calcários e basaltos, de tal forma alterados pelo calor, que parecia constituírem massa homogénea de aspecto calcinado. Só o reavivamento de tal superfície permitiu verificar que se tratava de um muro.

- *ao nível da estratigrafia e características do enchimento da caldeira*: observou-se uma sequência deposicional, marcadamente heterogénea, que ilustra as vicissitudes sofridas pela estrutura logo após esta ter cessado de funcionar. Tal sucessão foi registada graficamente em dois cortes: o Corte 1, executado do centro da caldeira para Sudoeste (Fig. 4); e o Corte 2, contíguo e ortogonal àquele (Fig. 5).

A caracterização da evolução do enchimento da caldeira pode fazer-se com base na natureza das sucessivas camadas que ali se acumularam e que são, de baixo para cima, as seguintes (Fig. 4 e 5):

Camada 8 - constituída por finos leitos de cinzas e de carvões, inter-estratificados com leitos arenosos mais claros. Correspondem aos restos da combustão relacionada com a última fornada de cal ali produzida.

Camada 7 - areia cinzenta, fina e homogénea, com alguns blocos de calcário dispersos, de pequenas dimensões.

Camada 6 - areia de granulometria idêntica à da camada anterior, mais solta e clara, embalando blocos de maiores dimensões.

Camada 5 - nível quase exclusivamente constituído por fragmentos de telhas de canudo, fino mas muito regular e contínuo.

Camada 4 - areia mais escura que a da Camada 6, com escassos blocos de calcário, irregulares dispersos.

As camadas seguintes (mais recentes) foram apenas observadas no Corte 2, correspondente a zona que não sofreu rebaixamento recente do nível primitivo do solo:

Camada 3 - fina acumulação de cinzas e de carvões, cuja base possui delgado leito constituído, como a Camada 5, por acumulação de fragmentos de telhas de canudo.

Camada 2 - areia fina e solta, de coloração esbranquiçada.

Camada 1 - camada terrosa, com abundantes materiais modernos, com acumulação difusa de cinzas junto à base.

As espessuras das camadas descritas podem deduzir-se directamente de duas figuras referidas, razão por que não foram explicitadas.

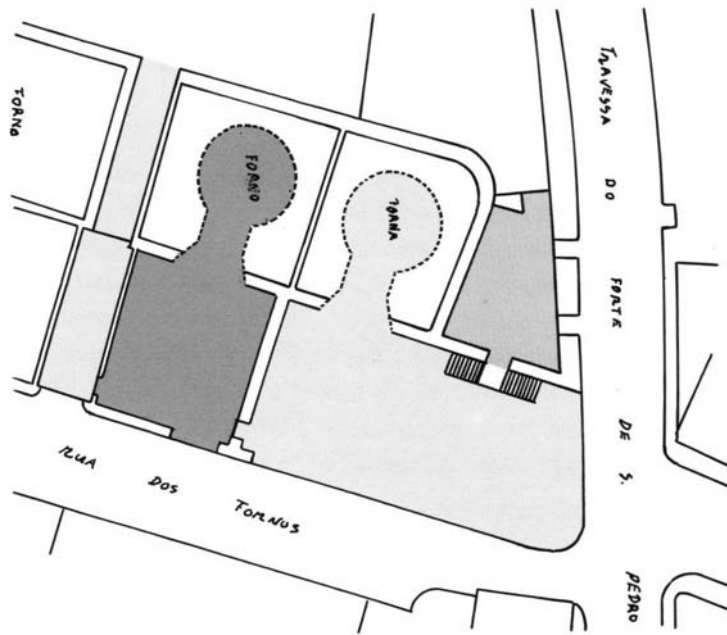


Fig. 3 – Planta da área do forno 1, com a implantação dos trabalhos arqueológicos realizados.

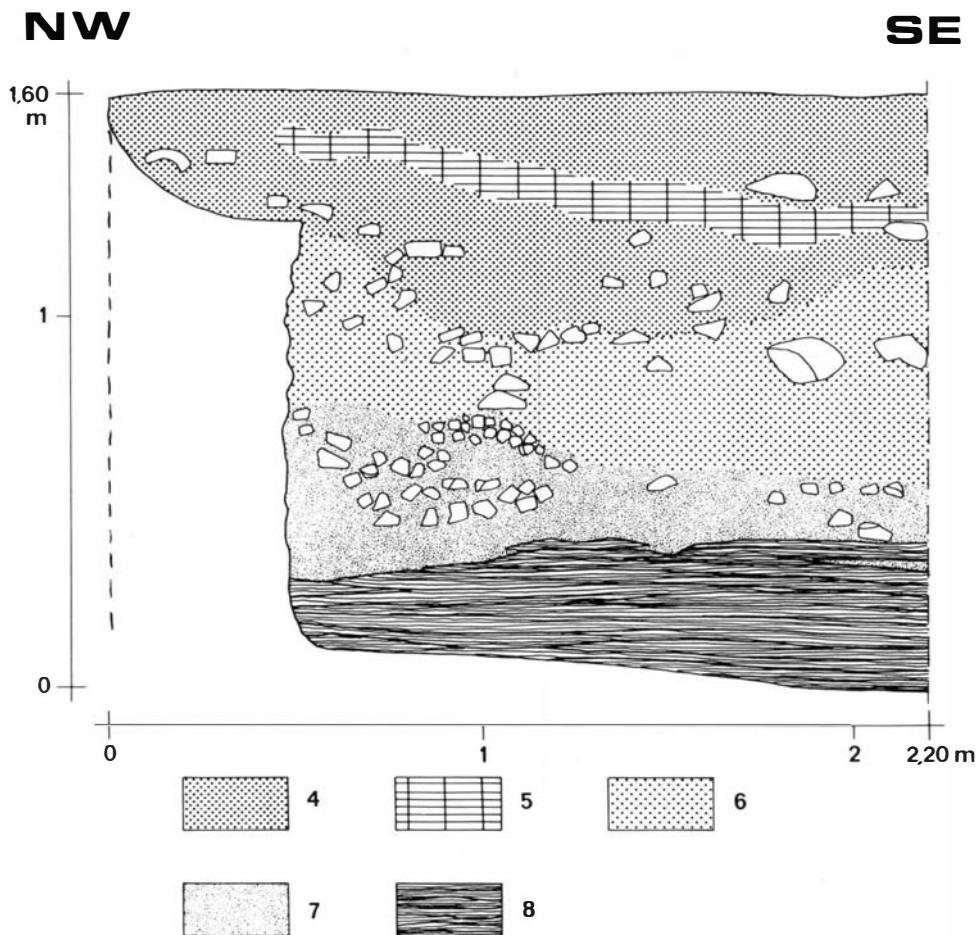


Fig. 4 – Corte estratigráfico executado segundo a direcção de NW (corte 1), a partir do centro da caldeira.

Ao se atingir o chão primitivo da caldeira, verificou-se que este era constituído por calcários duros do Cenomaniano, parcialmente calcinados pelas operações de aquecimento a que foram sujeitos. Tal superfície ostentava pequeno rebordo afeiçoado, a toda a volta, na junção com a base da sapata.

No conjunto, o enchimento descrito documenta entulhamento intencional e, por certo, processado em um curto lapso de tempo, da cavidade constituída pela caldeira, logo após o abandono da produção de cal no local. Prova do rápido recobrimento do fundo da estrutura, é o facto de se terem ali conservado finas partículas de cinza, em delgados leitos inter-estratificados; caso se tivesse verificado um prolongado abandono, sem recobrimento, aqueles depósitos teriam sido naturalmente removidos e destruídos. Outra evidência consiste nas espessas camadas de areia solta, por certo recolhida na praia adjacente, então mais perto do local dos fornos. Acessoriamente, recorreu-se ao despejo de entulhos, provenientes de demolição então em curso nas proximidades, para completar o entulhamento da cavidade constituída pela caldeira abandonada. A regularidade das camadas assim constituídas contradiz também a hipótese de estas se terem ali acumulado no decurso de longo intervalo de tempo; neste caso, evidenciariam lacunas e irregularidades devidas à erosão provocada pelos agentes naturais, pelos animais e mesmo por causas antrópicas.

Concluindo, o enchimento da grande cavidade representada pela caldeira do forno, logo após a sua desactivação, ter-se-ia processado deliberada e rapidamente, recorrendo-se sobretudo a materiais arenosos recolhidos em praia próxima.

Na sucessão descrita, apenas a Camada 3 poderá corresponder a presença humana mais intensa no local, após o abandono dos fornos. Tal é sugerido pela abundância do espólio exumado, entre o qual se contam fragmentos de recipientes de vidro, modernos, deformados pelo calor, compatíveis com a existência de uma carvoaria no local, de que ainda há memória nos habitantes mais idosos, onde a preparação de “briquetes”, poderia encontrar-se associada a pequena forja: daí o calor, denunciado pelos vidros deformados.

– *ao nível do espólio exumado*: os materiais recolhidos na escavação reforçam a conclusão, anteriormente apresentada, da rapidez com que se processou o entulhamento. Com efeito, não obstante a diversidade tipológica e heterogeneidade dos materiais recolhidos – de vidro, metal, faianças, azulejos, telhas, e barros vidrados – a sua cronologia é uniforme, qualquer que seja o local de recolha na sucessão estratigráfica, correspondendo invariavelmente a materiais produzidos no decurso da segunda metade do século XIX. Alguns fragmentos de azulejos policromos de tradição pombalina (talvez os testemunhos mais antigos, remontando à primeira metade do século XIX), apresentavam-se associados estratigraficamente a faianças nacionais das fábricas de Sacavém (louças de “cavalinho” e “estátua”) e de Alcântara, com motivos estampilhados; constituem elementos relevantes para atribuir o entulhamento ao último quartel daquele século, ou inícios do actual, considerando o natural prolongamento da utilização de tais louças.

Uma grande pia de calcário foi recolhida na parte média do enchimento, em posição invertida, ilustrando expressivamente o modo desordenado como foi processado o despejo de tais materiais, a que não faltam peças mais curiosas, como uma metade de bala de canhão, de ferro fundido maciço.

3.2 - Zona exterior do forno

Em zona situada a Sudeste da boca do forno e a ela adjacente, abriu-se um quadrado de 2,5 m de lado (Figs. 8 e 9). Ali, a escavação foi aprofundada até se atingir o substrato geológico, em toda a área correspondente ao quadrado aludido. A cerca de 0,60 m de profundidade, deparou-se com uma extensa, regular e inclinada lage calcária, correspondente a um plano de estratificação natural dos calcários duros do Cenomaniano.

Acima do substrato geológico, a sucessão estratigráfica correspondia a depósito grosseiro, de origem antrópica, constituído sobretudo por blocos irregulares de calcário, de mistura com fragmentos de telhas e de azulejos; trata-se de entulhos, diferindo porém dos que se reconheceram na zona da caldeira por se encontrarem quase ausentes as camadas arenosas, que ali predominavam. Apenas na parte superior do corte se observou camada escura, com aquelas características, equivalente da Camada 3 e correspondente à instalação de carvoaria, ocorrendo, igualmente, fragmentos de vidros modernos deformados pelo calor (já identificadas na zona da caldeira).

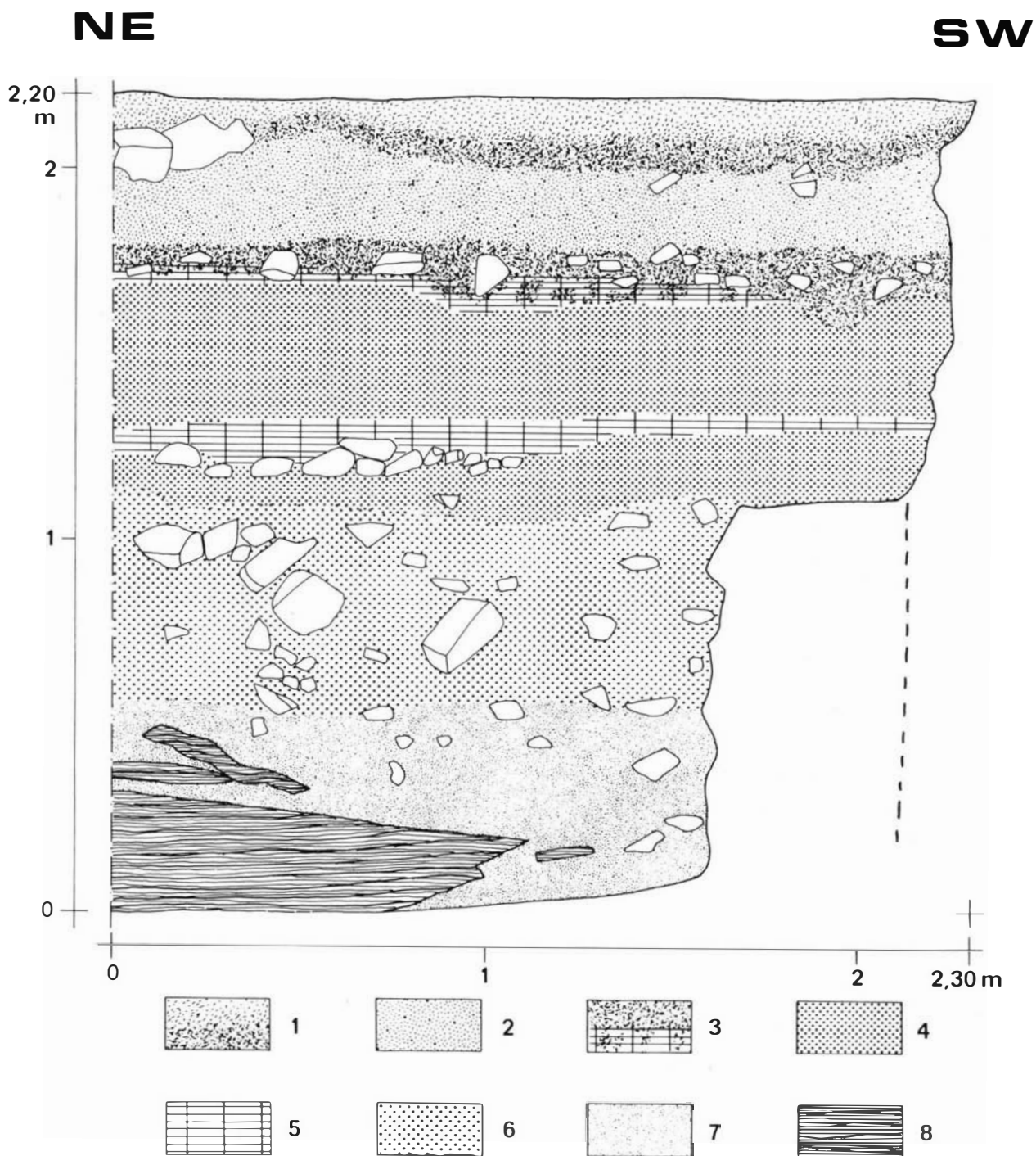


Fig. 5 – Corte estratigráfico executado segundo a direcção de SW (corte 2), a partir do centro da caldeira (mesmas convenções da figura anterior).

A diferença na natureza e características dos entulhos subjacentes poderá sugerir uma idade diferente para a respectiva acumulação; de facto, não se recolheram quaisquer elementos característicos da segunda metade do século XIX; os azulejos identificados, de tradição pombalina, como os anteriormente referidos, são atribuíveis à primeira metade daquele século.

A sequência estratigráfica mostra ainda uma particularidade que deve ser realçada: trata-se da existência de finas películas esbranquiçadas, irregulares e descontínuas, embora com assinalável extensão lateral (Fig. 9). Correspondem a depósitos de precipitados de cal. Pode, pois, concluir-se, que tais películas documentam operações de manipulação ou de preparação da cal, no exterior do forno, já sugerida pela existência de um poço na área em causa. A época em que tais operações ali decorreram pode ser determinada pelos materiais de construção recolhidos nos depósitos onde aquelas películas se encontram inter-estratificadas, e que não são, como se disse, posteriores aos meados do século XIX; a ser assim, teríamos nessa época o “terminus” das operações de preparação da cal no local em causa.

4 - CONCLUSÕES

Os trabalhos arqueológicos realizados em 1994 no primeiro de um complexo de cinco fornos de cal existentes na área urbana de Paço de Arcos, motivados por necessidade de se obterem elementos necessários ao projecto de musealização em curso, conduziram às seguintes conclusões gerais:

1 - A estrutura da caldeira do forno investigado possui, na sua parte inferior e em todo o seu perímetro, uma sapata de alvenaria argamassada, constituída por rochas calcárias e basálticas, obtidas nas proximidades, cuja superfície interna evidencia intensa acção do calor. Tal dispositivo, frequente neste tipo de fornos, não se encontrava, todavia, reconhecido, no caso em apreço.

2 - O chão da caldeira é constituído pelo substrato geológico afeiçoado, com pequeno rebordo saliente na junção com a sapata referida em 1. Trata-se de calcários duros, sub-cristalinos, do Cenomaniano, intensamente alterados pelo calor.

3 - O enchimento da caldeira foi intencional e processado em curto intervalo de tempo, logo após a suspensão da actividade do forno. Para o efeito, recorreu-se, sobretudo, a areias soltas, obtidas na praia adjacente, então mais acessível. Acessoriamente, aproveitaram-se entulhos de demolições, então em curso nas proximidades.

4 - A parte superior do enchimento da caldeira pode relacionar-se com a instalação de uma carvoaria no local, nos inícios deste século, tendo em consideração os testemunhos dos mais idosos habitantes da zona. Esta carvoaria dispunha, secundariamente, de uma forja, como sugerem os diversos fragmentos de recipientes vitreos deformados pelo calor. Ulteriormente, o local foi aproveitado como depósito de apetrechos dos pescadores.

5 - A cronologia atribuída, por tradição oral, à instalação da carvoaria, nos inícios deste século, encontra-se reforçada pelas informações fornecidas pela tipologia dos materiais exumados nos níveis subjacentes; a homogeneidade cronológica dos mais recentes, situáveis no último quartel do século XIX documenta a rapidez com que se processou a colmatação da cavidade.

6 - A sondagem realizada no exterior do forno, permitiu chegar a duas conclusões principais:

- que a extinta carvoaria se estendeu por aquela área;
- que o caldeamento e manipulação da cal foi ali efectuado, tendo atingido os meados do século XIX.

7 - Tendo presentes as considerações apresentadas em 5 e 6, pode concluir-se que a cessação da produção de cal neste forno se poderá situar - com as reservas devidas ao facto de tal conclusão se basear em critérios indirectos - entre os meados e o último quartel do século XIX; o forno teria, então, sido rapidamente entulhado, sucedendo-se, a curto intervalo de tempo, no mesmo local, a instalação de carvoaria.

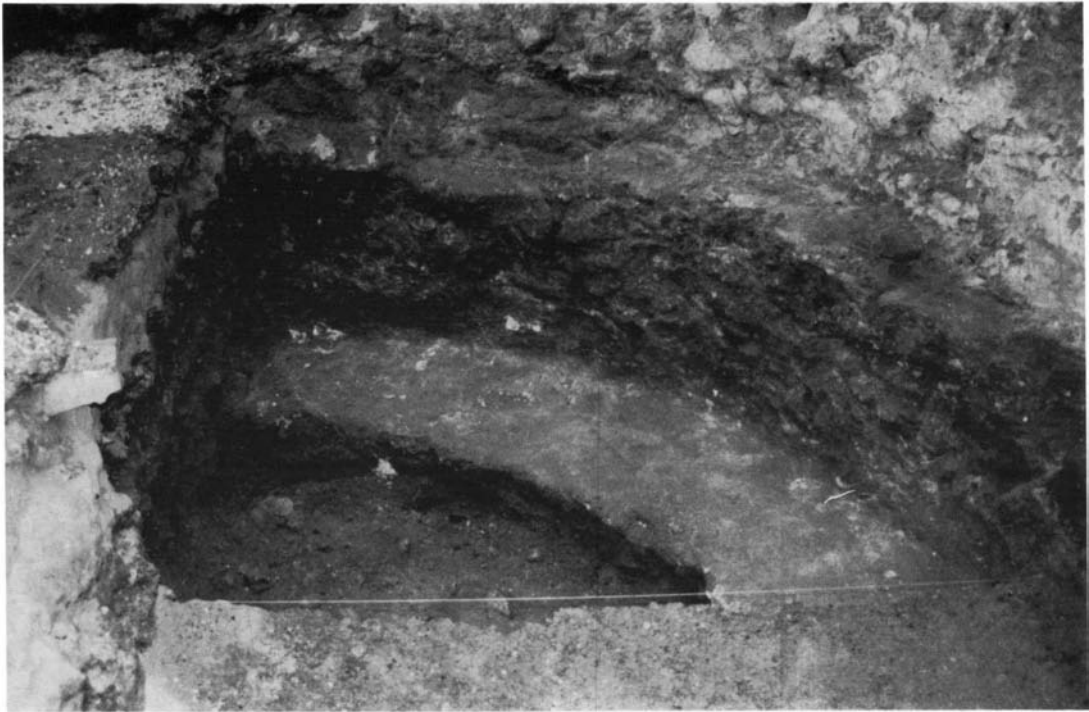


Fig. 6 – Vista do quadrante NW da caldeira no decurso da escavação. Notar a ocorrência de sapata, em redor da parede lateral daquela. Foto de R. Almeida, GRP/CMO.



Fig. 7 – Vista da escavação no interior da caldeira, no decurso do aprofundamento do sector norte (quadrante NW em particular). Foto de R. Almeida, GRP/CMO.



Fig. 8 – Vista parcial da implantação da sondagem realizada no exterior do forno. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 9 – Vista da sondagem realizada no exterior do forno. Observe-se o chão, correspondente a lage natural de calcário, bem como a sucessão estratigráfica, essencialmente de entulhos grosseiros, com intercalações de finos leitos de cal, esbranquiçados. Foto de J. L. Cardoso.

8 - Recomenda-se que os testemunhos exumados, tanto os cortes estratigráficos, como os próprios materiais - na medida em que constituem documentos importantes de caracterização da estrutura e da sua própria história - sejam, dentro do possível, conservados e integrados no projecto de musealização em curso de preparação.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. (1995) - Fornos da cal de Paço de Arcos. Resumo do relatório das escavações efectuadas em Setembro do ano transacto. *Oeiras Municipal*, 48, p. 45-46.

GOUVEIA, H. Coutinho & CARVALHO, M. Chorão de (1994) - *Musealização dos fornos de cal de Paço de Arcos. Bases para a elaboração do programa preliminar*. Relatório apresentado à Câmara Municipal de Oeiras. Lisboa, Instituto Rainha Dona Leonor. Inédito.

GOUVEIA, H. Coutinho; FIGUEIREDO, J. Valle & CARVALHO, M. Chorão de (1993) - Os fornos de cal de Paço de Arcos. Memória justificativa da sua importância patrimonológica. *Património & Museus*, Série II, 3, 21 p.

ENTRE SOSSEGOS E ANGÚSTIAS: A NATUREZA DAS PERIODIZAÇÕES ARQUEOLÓGICAS⁽¹⁾

Luís Raposo⁽²⁾

Se os Antigos tivessem vivido mais tempo, ou possuído maior imaginação, talvez acrescentassem mais um aos seus reputados paradoxos. Talvez possuísemos agora algum outro Sísifo, algum outro Cronos, alguma outra Penélope. Mas não. E desde aí nada interessante se passou debaixo do Mundo. Pois se até o grande Carrol, mais não fez do que inventar o dilema do caminho, quando imaginou as angústias de Alice, no seu diálogo com o Gato? Sendo assim, porque a tanto nos obrigam, permita-se que tomemos a iniciativa de criarmos nós próprios um novo paradoxo, “o mito do jardineiro coca-bichinhos”, se desta guisa o quiserem chamar.

Então é assim: certo jardineiro, cioso da sua argúcia e superior mestria, desejava ardentemente saber como, no subsolo, se entrecruzavam as estruturas radiculares das diversas flores. Estas, vistas à superfície, pareciam diferentes. Mas sê-lo-iam de facto, em profundidade? Quem garantiria que a sua distribuição, agrupadas em canteiros, correspondia realmente à sua identidade de origem, à sua mais profunda essência? No limite, lembrando-se das angústias que lhe tinham sido inculcadas por certo professor liceal de filosofia, o jardineiro punha-se a ele próprio a questão: rosas e cravos existiam de facto? Vivia obcecado. Resolveu então meter mãos à obra: investigar os vazios entre canteiros. Fê-lo, porém, segundo uma lógica muito própria. Temia que, escavando os vazios, pudesse construir novos canteiros, tão artificiais como os anteriores. Horrorizava-o tal hipótese. Cansado da sujidade, da enxada e da escavação; cultor da limpeza, das últimas novidades produzidas em estufas; seduzido pela ideia do nirvana poder não ser atingido através de novas descobertas, mas pela mera reclassificação das anteriores, o jardineiro resolveu que o melhor seria atacar os canteiros existentes, destruindo os muretes que os delimitavam e deitando para o lado a terra excedente. Fazendo-o, mais se comprazia da sua arguta decisão: dia após dia via surgir, debaixo dos muretes, raízes que iam na direcção dos espaços vazios. Estes, oxigenados e adubados por terra fresca, preenchiam-se a olhos vistos. Arregalado, o jardineiro via neles crescer espécies híbridas, que baptizava à sua maneira. Ao sétimo dia parou para descansar. E olhou à volta: percebeu então que no afã de preencher os vazios, tinha retirado quase toda a terra dos velhos canteiros, abrindo neles outros tantos buracos, outros tantos vazios, que inadvertidamente já ia contornando com os restos dos anteriores

⁽¹⁾ O presente texto foi elaborado tendo por base as ideias expressas em duas crónicas de imprensa do autor (“A propósito de periodizações: o difícil equilíbrio entre sossegos e angústias”, de 15/2/1996; “O ‘presente’ há 100 mil anos”, de 19/5/1994), ambas publicadas no “Diário de Notícias - Cultura” (a segunda incluída também no volume de co-autoria com António Carlos Silva, *A linguagem das coisas*, ed. Publ. Europa-América, col. “Forum da História”, Lisboa, 1996). Esta circunstância explica em grande medida as liberdades estilísticas que nele se detectarão, as quais resolvemos manter no essencial, embora tenhamos feito a revisão de algumas passagens e sobretudo procedido a uma explanação muito mais desenvolvida das nossas ideias, acrescentando-lhes as necessárias referências bibliográficas, que nos textos originais se consideravam descabidas.

⁽²⁾ Arqueólogo. Director do Museu Nacional de Arqueologia e Professor Auxiliar Convidado da Universidade Lusíada (Lisboa).

muretes. Não, não era isso que queria. Começou tudo de novo, atormentado. Sempre que num sítio deitava terra, abria um buraco noutra. Mas insistia em obter um terreno liso, sem canteiros. Queria um espaço aberto, sempre igual a si próprio, imune ao tempo, assim à maneira do que lhe diziam serem certos relevados americanos, cuja vocação nomotética tanto o atraía. Não aceitava, ou nem sequer considerava, o que alguém lhe dissesse um dia: relevados, embora apetecíveis, não são jardins; são tão diferentes destes como o futebol americano do europeu; como a Antropologia da História. Ora, todo o jardim vive no e do tempo, possuindo, pela sua própria índole, canteiros e vazios. Assim é que ele é bonito. Caso contrário não será sequer relevado, mas simplesmente mato. E não consta que mato precise de jardineiros.

Quem não foi o arqueólogo que já um dia não se reviu na figura do jardineiro? Haverá porventura os alheados, aqueles para quem as flores, como as culturas e os períodos históricos, sempre existiram nos seus respectivos canteiros, bem arrumados para a eternidade. São piores que o nosso jardineiro, pois dele nem sequer possuem a inquietação que está na base de todo o progresso. Afirmam-se sensatos – e afinal são pueris. Positivistas em extremo, vivem o sossego dos cemitérios e são capazes de “puxar da pistola” quando ouvem falar em teoria. No lado oposto estão os prosélitos da jardinagem, aqueles que se revêem nas angústias do jardineiro. Para eles, flores, períodos e culturas, todos são construções arbitrárias, motivados por visões subjectivas. Idealistas contumazes, chegam a duvidar que exista uma realidade objectiva, independente do observador. Olhando para as profundezas, redescobrem com frequência a pólvora. Não se cansam de dizer que todo o passado é fruto do presente (quem foi que já há meio século disse também que “toda a história, é história do presente”?) e lançam olhares altivos, por vezes complacentes, ao comum dos mortais. Procuram processos, afirmam-se reflexivos, complexos – e afinal são senis. Possuídos de deletéria angústia, encontram-se atacados pelos sintomas hipocondríacos que fazem gente sã converter-se, também ela, em cadáver-adiado. Ambos, positivistas e processualistas, dão origem a uma espécie de “zombies”: mortos que se julgam vivos, no primeiro caso; vivos que na verdade estão mortos, no segundo.

E, bem vistas as coisas, podia ser tão simples encontrarem a cura. Bastaria que regressassem às fontes e procurassem nas origens da Arqueologia quem, reflectindo nas mesmas questões, mas provido do bom senso dos simples, pudesse já ter dado as devidas e salutares respostas. Pelo nosso lado, contentámo-nos, em pesquisa sumária, com a ingenuidade desse perigoso evolucionista e autor de boa parte da terrífica nomenclatura que ainda hoje nos apoquentam, esse “pai fundador” do século passado, que dá pelo nome de Gabriel de Mortillet. A propósito da problemática da divisão do tempo em unidades discretas e realizando a defesa da “paletnologia” (na realidade, da Arqueológica pré-histórica, diríamos hoje), ele escrevia nomeadamente: “Quando nos ocupamos de minerais, de plantas e de animais, não vamos buscar os elementos de classificação fora deles. Não temos razões válidas para agir de outro modo quando se trata do homem. A paletnologia ocupa-se da origem da humanidade. É sobre os produtos desta humanidade que é preciso assentar as divisões de que necessita a ciência. Os adversários da paletnologia contestam a sua possibilidade de estabelecer uma classificação assente sobre uma base sólida. Segundo eles, não existem divisões sérias. Não somente há passagens e transições entre todas as divisões, mas ainda e sobretudo elas sobrepõem-se; elas não são sincrónicas nos diversos países; elas são mais ou menos longas, segundo as regiões. Tudo isso é verdade, mas estas objecções não adquirem por isso mais valor. Para o demonstrar, bastaria um exemplo. O que existe de mais diferente, de mais distinto, de mais fácil a caracterizar e a reconhecer do que o dia e a noite? Pois bem, a argumentação dos adversários da classificação pré-histórica, se ela tivesse algum valor, conduziria a estabelecer que dia e noite não existem!... Com efeito, entre o dia e a noite existem transições, passagens mais ou menos longas, o crepúsculo e a aurora. O dia e a noite, em vez de serem sincrónicos, sobrepõem-se segundo as regiões e chegam mesmo a ser diametralmente opostos. A sua duração é variável: enquanto é em média de 12 horas entre nós, ela é de vários meses nas regiões polares. E no entanto a divisão do tempo em dias e noites é muito nítida, muito precisa, muito prática. Passa-se exactamente o mesmo com a divisão da paletnologia, em idades, períodos e épocas” (MORTILLET, 1883: 20-22; sobre o processo de edificação de um “tempo pré-histórico” no séc. XIX, por oposição ou em complemento do “tempo geológico”, v. também COYE, 1990).

Embora longa, a citação de Mortillet merece bem ser recordada. Em primeiro lugar, importa nela reter a referência à necessidade de fundar todo o sistema de periodização do tempo histórico em critérios... históricos. Não se

trata de mera lapalissada. Em Pré-história Antiga especialmente, é constante a rendição, ou o refúgio, dos arqueólogos na pretensa segurança das periodizações geo-climáticas: o sistema glaciário alpino, no passado; a sequência das paleotemperaturas oceânicas, no presente. Julgam talvez que pelo facto de atribuírem tal ou tal horizonte de ocupação ao “Riss/Würm”, tal ou tal sítio ao “estádio isotópico 5e”, tal ou tal indústria ao “Pleistocénico Superior Inicial”, têm cumprida a sua missão, quando afinal apenas se demitem dela. Piores ainda são aqueles que, sem se darem conta, confundem datação com periodização. Reverentemente, abraçam os diferentes métodos de datação absoluta com avidez e deslumbramento semelhantes aos de bois perante palácios. Radiocarbonam-se todos os dias (mesmo quando nem sequer sabem utilizar devidamente os resultados que obtêm, tanto por desconhecimento dos limites da sua validade estatística, como por lhes fazer confusão a diferença entre “datas convencionais” e “datas reais”, usando indiferenciadamente umas e outras). Ora, cumpre dizer que, sendo embora interessante supor, com elevadíssimo grau de probabilidade, a partir de uma sequência de datações radiométricas, que o período de utilização de certo espaço sepulcral foi de três séculos, em finais do 4º. milénio a.C., muito mais decisivo é ter a coragem de afirmar quais as suas características histórico-arqueológicas e qual a sua integração cultural. E aqui entramos na segunda parte do argumento de Mortillet. Para fazer história, isto é, para que o passado humano se torne inteligível e útil, não basta que situemos no tempo o maior número possível de acontecimentos; forçoso é que os agrupemos em unidades discretas de significado cultural, chamemos-lhes períodos, épocas, culturas ou qualquer outra coisa. Até certo ponto, pouco interessa se elas existiram mesmo (se têm um valor “emics”, para usar o jargão anglo-saxónico), ou resultam somente da conveniência analítica do observador (se têm um valor “etics”). O importante, insistimos, é que nos permitam entender o passado, ou, se quisermos ser ainda mais crus, nos forneçam imagens plausíveis, úteis como guias de acção no presente. Plausíveis e úteis - o que significa que, pela sua própria natureza, estarão sempre sujeitas ao escrutínio dos utilizadores e, na verdade, tenderão a repetir ciclos semelhantes ao que o jardineiro da nossa história angustiadamente ia produzindo: o jardim encontra-se em arranjo constante, abrindo alternadamente vazios e canteiros.

Para quem disto duvide, singelamente perguntamos: o canteiro do “Paleolítico” é mesmo só um? Dentro dele, existem as três variedades tradicionais (“Inferior”, “Médio” e “Superior”)? Ou somente duas (“Arcaico” e “Recente”)? Ou quatro (“Arcaico”, “Inferior”, “Médio” e “Recente”)? As plantas desse ambíguo subcanteiro “Médio” podem juntar-se a qualquer dos outros dois? Ao “Inferior”, retirando deste algumas flores, que passariam a ser designadas por “Paleolítico Médio Inicial”? Ou ao “Superior”, fazendo um harmonioso arranjo com as variedades mais temporãs da sua fase “Inicial”? Quanto às espécies florais pertencentes à família do “Mesolítico”, existem elas de facto, ou não seria melhor separá-las, de modo a que a subfamília do “Epipaleolítico” se juntasse mais ao canteiro do “Paleolítico Superior” e a subfamília do “Mesolítico Evoluído”, se incluísse na do “Neolítico”? Este último canteiro, aliás, parece hoje quebrar-se a olhos vistos: à força de tanto lhe arrancarem as flores da fase média, as quais se pretendeu estarem infestadas de ervas daninhas, ele parece destinado a separar-se em dois, juntando-se as suas variedades antigas ao sobredito “Mesolítico” e as finais, ao “Calcolítico”. O que nem sequer é de estranhar, porque exactamente o mesmo se passa com todos os subsequentes canteiros: cava-se cada vez mais o vazio que separa o “Calcolítico Inicial” do “Calcolítico Final”, o “Bronze Antigo” do “Bronze Final”, a “1ª. Idade do Ferro” da “2ª. Idade do Ferro”... E quem, após anos rodeado dos mesmos canteiros, dos mesmos muretes, das mesmas cores, não sente a vontade da mudança? Sobejam, aliás, as razões para o fazer: pois se as espécies do “Neolítico Antigo”, nem sequer eram domésticas, na sua esmagadora maioria? Pois se na verdura do “Calcolítico Inicial”, não se vislumbram quaisquer sinais da cor de cobre? Pois se as lindas flores em forma de campânula invertida tanto aparecem no canteiro do “Calcolítico Final”, como no do “Bronze Antigo”? Etc. etc. Não se iludam, porém, os jardineiros: por cada canteiro que destróiem, criam muretes nalgum outro. Quando se convencerem que as espécies do “Paleolítico Superior” vão melhor com as do “Epipaleolítico”, ou as do “Neolítico Final” com as do “Calcolítico Inicial”, terão criado novo vazio, novo rêgo de passagem - o qual se encarregarão mais tarde de preencher.

Aquilo que se passa ao nível dos canteiros maiores, os das grandes famílias florísticas (chamem-lhe períodos históricos, se quiserem), sucede também em planos inferiores: o das espécies (culturas) e variedades (sítios e camadas). Também aqui os jardineiros angustiados encontrarão basto motivo de exercitação mental. No plano das “culturas”, começarão por negar todo e qualquer significado a velhos canteiros, a que chamarão normativistas, por deles reterem somente as utilizações que em tempos lhes foram dadas, quando as suas flores eram colhidas para enfiar nas jarras

das “raças”, dos “povos” e das “línguas”. Dirão, com inegável razão, que nunca viram um “povo” solutrense, uma “raça” megalítica ou uma “língua” campaniforme. E daí concluirão que todos aqueles epítetos se tornaram inúteis. Que diriam então de chapéus ainda maiores, como o do “Acheulense”, que durou centenas de milhares de anos e quase atravessou três continentes? Ora, são precisamente os cavadores que cuidam deste último tipo de flores, e delas não podem fugir, que talvez melhor se encontrem habilitados a compreender quer as limitações, quer a utilidade daquelas outras, mais vistosas. Sabem que neste debate existe alguma da ingenuidade que na adolescência sempre leva a procurar para tudo na vida “definições puras”; compreendem que nele perpassa também a universal oposição entre “tipologismo” e “populacionismo”, tão conhecida das ciências naturais; e reduzem o problema às suas devidas dimensões: “do ponto de vista do observador (e não temos outro...), é indispensável procurar unidades discretas, descontinuidades de sentido histórico-cultural; é essa a obrigação primeira do arqueólogo, enquanto historiador...” (RAPOSO, 1989). Nesta óptica, a das unidades de significado espaço-temporal, até no caso desse vastíssimo canteiro a que chamamos “Acheulense” existe alguma utilidade: “permite distinguir áreas muito amplas onde os bifaces e os ‘hachereaux’ estão presentes e outras onde não ocorrem; assim como permite, no interior de cada região considerada, individualizar faixas temporais dentro das quais surgem indústrias daquele tipo”. Ora, “sempre que uma determinada entidade arqueológica, por mais ampla e elementar que seja, tenha algum significado espaço-temporal, ela deve, *ipso facto*, ser retida – ainda que se discuta, depois, o seu verdadeiro significado histórico e/ou antropológico” (*id., ibid.*).

Aprofundemos, porém, o nosso nível de análise. Deixemos a centenas de milhares de anos do “Acheulense” e caminhemos na direcção das mínimas unidades espaço-temporais que possamos observar. Aproximamo-nos aqui da quimera, do alfa e do ómega, do nosso “jardineiro coca-bichinhos”. O seu grande sonho será a possibilidade de “ver” o passado, com a riqueza de cores e a resolução cronológica do presente, esquecendo-se todavia de uma coisa bem simples, mas porventura fora de moda: o incontornável facto de que nunca o “presente” arqueológico (ou histórico) se pode reduzir ao presente etnográfico. Onde tal é mais visível é na Pré-história. Após anos de aperfeiçoamento metodológico, a Arqueologia pré-histórica encontra-se hoje em condições de determinar com um erro de dias, semanas ou poucos meses na pior das hipóteses, qual o período de ocupação de uma determinada gruta por parte de um grupo de caçadores-recolectores há 100 mil anos; ou qual a época da construção de um dólmen, há 5 mil anos. O estudo arqueozoológico da fauna (dentes, hastes, composição etária, etc.) dirá em que época do ano viviam os animais caçados; o estudo arqueobotânico dos polénes, carvões e macro-restos vegetais informará sobre a estação do ano em que se construiu a mamoa megalítica. O quadro de paisagem realista espregueada e, no limite, até o próprio homem pode aí ser incluído, começando já a desenvolver-se métodos que permitem aceder à acção do indivíduo: em Étioilles, acampamento paleolítico próximo de Paris, cujo estudo se encontra na tradição metodológica de Leroi-Gourhan, iniciada com uma escavação que foi escola de toda uma geração (Pincevent), pôde, por exemplo, sugerir-se o lugar onde se sentavam os aprendizes e os mestres do talhe da pedra, determinando em relação a estes certos jeitos caracteristicamente pessoais (v., por exemplo, PIGEOT *et al.*, 1991). Mas jamais estas “cenas de vida quotidiana” poderão corresponder ao presente etnográfico, pela simples razão de que, se é possível efectivamente dizer que determinado sítio foi ocupado “entre finais de Maio e começos de Junho”, há cerca de 100 mil anos... forçoso é, acto-contínuo, acrescentar que esse “cerca” pode ter a duração de 10, 20 ou 50 mil anos mais ou menos. Por outras palavras: afirmar, há 100 mil anos, que dois acontecimentos são contemporâneos, pode querer dizer, na melhor das hipóteses, que entre ambos não mediam mais de 10 a 20 mil anos! Há 20 mil anos, poderá significar um intervalo de mil anos; há 10 mil anos, pelo menos alguns séculos; e só muito próximo da nossa era se atingirão precisões inferiores a cem anos.

François Bordes, com a ironia e a argúcia intelectual que todos lhe reconheciam, foi dos primeiros a chamar a atenção para estas limitações do chamado “registo” arqueológico (limitações que podem, aliás e como veremos, ser também virtualidades, quando observadas pela óptica própria da pesquisa histórica). Combatendo uma certa “moda” de fazer estudos de repartição espacial dos objectos, falando a torto e a direito em “solos de *habitat*” (moda renovada anos depois, com nova contra-argumentação de Bordes, a propósito da capacidade informativa das chamadas remontagens de artefactos líticos: v. BORDES, 1980) e levando a sua argumentação a um extremo porventura excessivo, mas necessário à justa avaliação das questões em debate, ele escrevia em 1975: “Desde que o depósito arqueológico seja mais espesso do que a espessura de um utensílio, existe a possibilidade e mesmo a probabilidade da ocorrência de formações lenticulares

frequentemente não visíveis na escavação, e dois objectos situados à mesma altura em relação à base ou ao topo da camada podem pertencer na realidade e duas lenticulas diferentes, formadas em momentos diferentes. Não se pode portanto deduzir nada, de um ponto de vista paleontológico, das suas relações recíprocas ou com tal ou tal estrutura (lareira por exemplo) situada ela também à 'mesma altura'. Isto pode ser verdade, ainda que os objectos se encontrem mesmo na base da camada. Um estudo da repartição horizontal dos utensílios numa camada a uma dada altura conduzirá frequentemente a estruturas de repartição completamente artificiais, dado que elas associarão objectos que não são contemporâneos. Em vista da imprecisão dos métodos físicos de datação actuais, não se poderá dizer se esses objectos têm uma distância-tempo de 15 dias, 15 meses, 15 anos ou 150 anos! E o pior é que, se por acaso tivéssemos exumado um verdadeiro solo, não o poderíamos saber!" (BORDES, 1975, p. 139-140).

É certo que este tipo de limitações são tanto maiores quanto mais recuamos no tempo. Nicola Stern assinala-as bem. Mas dá-lhes o devido enquadramento epistemológico mais global. A propósito dos sítios quenianos da formação de Koobi Fora, esta autora realiza uma sugestiva reflexão acerca das capacidades informativas e estatuto próprio dos dados arqueológicos do Plistocénico Inferior. Nas suas linhas gerais, que subscrevemos gostosamente, o seu raciocínio começa por assinalar que "o factor que mais influenciou na definição das fronteiras intelectuais da Arqueologia até ao presente é o desejo longamente sentido de compreender o passado nos mesmo termos que o presente e, em particular, fornecer uma face humana aos ossos e pedras secas dos períodos remotos... o facto de a maior parte das ocorrências arqueológicas serem acumulações de restos reduzidas a um tempo-médio é visto como um inconveniente conceptual, o qual tem continuamente sido afastado na tentativa de fornecer relatos plausíveis do passado" (STERN, 1993, p. 215). Continuando, observa que "os arqueólogos têm relutância em discutir as implicações substantivas dos dados materiais acumulados no decorrer de longos períodos de tempo, a partir de origens diversas. Persistentes concepções defeituosas acerca da aplicação dos princípios uniformistas ao registo material do passado e acerca do uso da analogia na interpretação arqueológica, contribuíram para esta inibição". Para estes arqueólogos-jardineiros "os dados arqueológicos podem ser 'limpos' de modo a parecerem séries de mini-Pompeias ou fornecerem um conjunto de imagens encadeadas do passado" e a "rejeição da teoria social e ecológica contemporâneas, como o *modus operandi* da disciplina, é amplamente entendida como uma via para a sua destruição". Ora, longe de ser destrutiva, uma tal reserva epistemológica é porventura a chave que, nas palavras de Gary Haynes, ao comentar o citado artigo, poderá abrir a porta para "uma discussão do século XXI acerca das questões improdutivas que temos vindo a fazer acerca do comportamento humano passado". Isto na condição de que estejamos possuídos do optimismo com que Nicola Stern também encerra a sua reflexão: "há trinta anos havia uma crença geral em que o domínio intelectual da Arqueologia era determinado unicamente pela ingenuidade dos seus praticantes, nos anos 90 é finalmente aceitável reconhecer que o registo arqueológico tem uma estrutura empírica própria e por isso é possível também explorar a perspectiva potencial única que ele pode oferecer da acção humana no decorrer de longos períodos de tempo" (*id.*, *ibid.*: 222) ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ A ideia de que, na apreensão do "registo" arqueológico, as metodologias uniformistas, especialmente o actualismo e a analogia, devem ser restringidas, ou até abandonadas, começa hoje a fazer o seu caminho, havendo quem fale na necessidade da edificação de todo um novo aparelho epistemológico, já baptizado de "metamorfologia" (BEDNARIK, 1995). Este tipo de concepções mereceria uma análise mais detalhada, que seria extemporânea nesta ocasião. Fique todavia uma certa desconfiança relativamente aos excessos contidos em textos como o citado, quando convertem em dilema gnoseológico aquilo que deveria "somente" ser aparato metodológico e construção epistemológica. Com efeito, ao conferirem aos "princípios da lógica tafonómica" (utilizando, aliás, o termo "tafonomia" numa extensão de que discordamos, porque, pela tradição e pelo bom senso, ele deveria restringir-se a determinados "blocos de dados", a fauna por exemplo, e não à totalidade do vestígios arqueológicos, opção que infelizmente muitos autores, inclusive no nosso país, vêm descuidadamente promovendo) o valor de elemento iluminador "do inteiro fosso existente entre a realidade do que aconteceu na prehistória e o registo desses eventos tal como apreendidos e interpretados pelos arqueólogos individualmente", estas perspectivas acabam por conduzir à total separação conceptual entre "passado" e "presente", caindo na ingénuo demanda de um passado "tal como existiu" e convertendo-se assim num inesperado regresso ao positivismo histórico oitocentista (v. as considerações que adiante fazemos, citando um texto de Ian Hodder, que nos parece particularmente feliz, neste contexto).

Na realidade, o que está em causa não é especificamente este ou aquele período, mas a própria natureza dos dados arqueológicos, sobretudo na delicada procura de relações contextuais, medidas à escala etnográfica, e na sua utilização como fundamento da reconstrução histórica. Concretizemos ainda um pouco mais o nosso ponto de vista, através do recurso a local de cujo estudo somos responsáveis, o sítio da Foz do Enxarrique, em Vila Velha de Ródão. Descoberta em 1982 (RAPOSO *et al.*, 1985) e escavada até hoje em cerca de 150 m², esta estação arqueológica, datada de há 33600 ±500 anos BP, e correspondente ao canteiro do “Paleolítico Médio”, apresenta-se como protótipo acabado de sítio arqueológico de “horizonte único” e fossilização rápida. Cerca de uma dezena de milhar de artefactos líticos e quase um milhar de restos faunísticos, distribuem-se ali em estrita associação estratigráfica, espacial e topográfica. Certos detalhes permitiam à partida reconhecer a existência de alguns fenómenos de alteração pós-deposicional, mas diversos outros (estado físico, morfometria, percentagem de ocorrência das diferentes classes tecno-tipológicas e remontagens líticas, conexões anatómicas de ossos de animais, etc.) garantiam o bom estado de conservação do conjunto. Neste quadro, o estudo preliminar da fauna (BRUGAL & RAPOSO 1995), veio trazer elementos senão imprevisíveis, pelo menos insuspeitados: nem as espécies documentadas correspondem a um único e mesmo processo tafonómico, nem em cada uma delas é muito marcada a acção antrópica. Assim, alguns animais (elefante, rinoceronte, hiena, raposa...) poderão encontrar-se ali apenas “por acaso”, fazendo parte do “fundo comum” que sempre existe nas margens dos rios e dos lagos; outros, corresponderão a tanatocenoses naturais, algo afastadas do local escavado (caso do auroque), ou muito próximas dele (veado); apenas no caso do cavalo, para além de uma tanacenose local, é por agora legítimo admitir alguma intervenção humana, mas sem poder precisar se ela é devida a acções de caça ou de mera recolocação necrofágica, sobre animais mortos naturalmente. Com a resolução cronológica que nos é possível neste local (aliás especialmente circunscrita, para aquilo que é usual no período a que pertence), estes processos tanto podem ter sido contemporâneos à escala dos dias, dos meses, dos anos, dos séculos e até dos poucos milénios. Mais ainda: não apenas o bloco faunístico pode não corresponder a um só momento, como os seus diversos “presentes” podem quase não cruzar-se com a passagem humana no sítio. Esta presença, aliás, tão bem documentada pela abundante indústria lítica produzida localmente, também nada nos garante corresponder realmente a um só “presente”, pelas razões já assinaladas na anterior citação dos textos clássicos de François Bordes. E se assim é em local de fossilização rápida e estrato único como este, cabe logicamente perguntar qual a realidade paleontológica da generalidade dos horizontes registados em grutas, os quais correspondem a processos de sedimentação bastante mais lentos, traduzidos em palimpsestos de duração muito superior. Tudo somado, a conclusão continua hoje a ser a que já extraímos noutra ocasião: “o estudo do Paleolítico Médio não pode basear-se num conceito, o de ‘presente etnográfico’, que na realidade não existe, já que inevitavelmente a nossa base de dados nos remete para os dois extremos opostos do *continuum* temporal: os breves minutos, segundos incluso, encerrados num acto de talhe recuperado por via das remontagens, e os séculos ou milénios que podem estar contidos no processo de acumulação daquilo a que, por falta de melhores instrumentos de análise, consideramos um só ‘horizonte’ arqueológico” (RAPOSO, 1995, p. 74-75).

Não se julgue que os constrangimentos indicados se situam apenas ao nível dos sítios e da relação entre sítios, pondo em causa somente os princípios actualistas subjacentes a uma das modas mais queridas dos últimos anos: a determinação de funcionalidades particulares para cada sítio arqueológico e a sua inclusão em redes de sítios, articulados local ou regionalmente (a chamada análise espacial). É certo que têm profundas implicações neste plano: conjugados com o conhecimento mais detalhado das inúmeras e importantes flutuações climáticas ocorridas à escala das décadas ou dos séculos⁽¹⁾, eles tornam legítimas todas as dúvidas quanto às possibilidades de correlação funcional entre sítios

⁽¹⁾ Sobre o assunto tenha-se em conta a esmagadora discrepância das escalas de resolução cronológica manipuladas pela Arqueologia pré-histórica e pela Paleoclimatologia. Se há pouco mais de uma década, era ainda a Arqueologia que “ia à frente”, podendo obter resoluções cronológicas da ordem dos milénios, hoje, mercê dos dados obtidos pelo recurso às colunas oceânicas e polares, medidos já há escala da década, para antiguidades da ordem dos 100 mil anos, passa-se exactamente o contrário - e está ainda por fazer toda a adequação conceptual entre as imagens fornecidas por ambas as escalas (v., por exemplo, o nosso texto de divulgação “A revolução da colunas oceânicas e polares”, *Diário de Notícias - Cultura*, 10/11/1994; também incluído no volume *A linguagem das coisas*, ed. Publ. Europa-América, Lisboa, 1996).

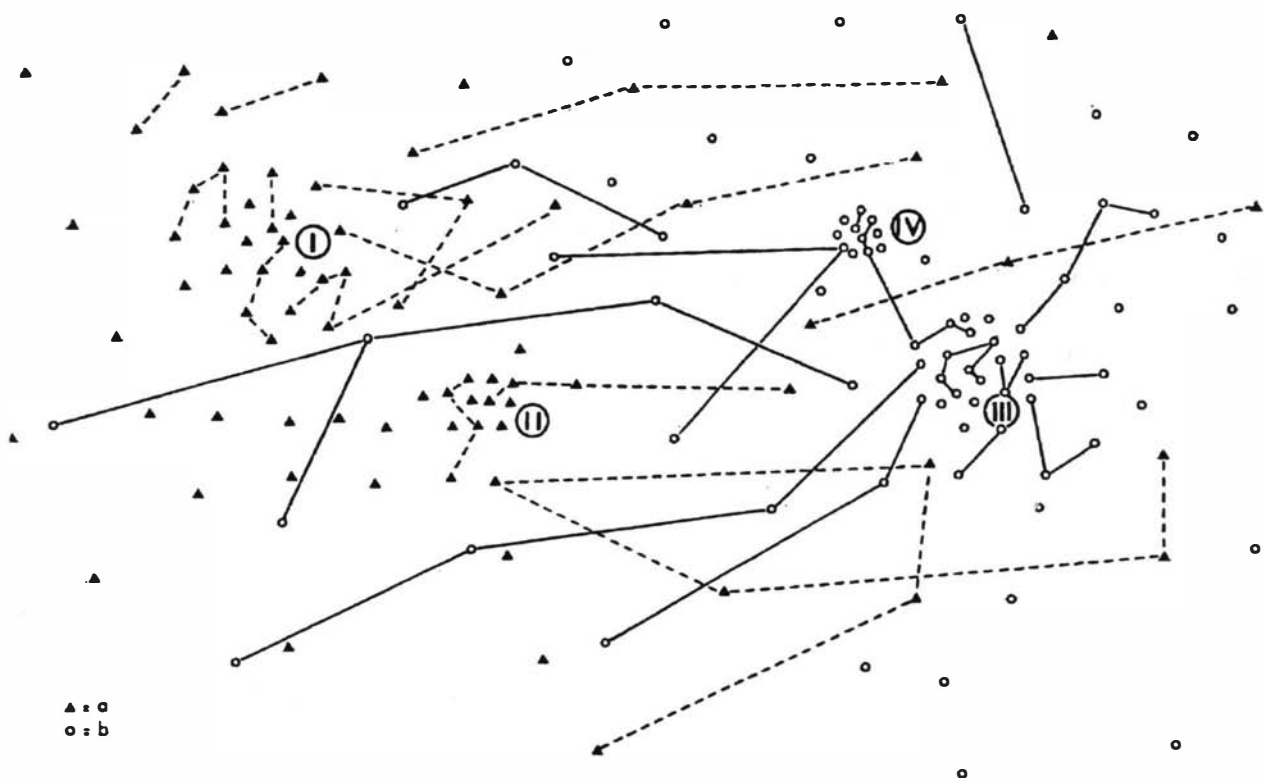


Fig. 1 – “A ilusão das Remontagens”. Segundo o exemplo imaginado por François Bordes (BORDES 1980: 133), duas ocupações humanas (ocupação A, simbolizada por triângulos; ocupação B, simbolizada por círculos) diferenciadas entre si em cerca de 50 anos, dariam ao nível do padrão espacial emergente de uma escavação arqueológica, mesmo em condições excepcionais, uma falsa ideia de “presente etnográfico”, sem que as respectivas remontagens pudessem determinar a que factor (função, filiação cultural ou... tempo, medido este quer à escala das flutuações sazonais, quer ao ritmo das “crises climáticas” plurianuais) corresponderiam as características observáveis em cada um dos quatro núcleos de concentração de achados. A esta escala (ou mesmo, em certos casos e períodos, a outras mais amplas, séculos e milénios) é duvidoso que os instrumentos de diagnose cultural de que a Arqueologia pré-histórica dispõe (tecnologia, tipologia, traceologia...) estivessem em condições de proceder à decomposição e interpretação satisfatórias do palimpsesto arqueológico assim constituído.

cuja distância-tempo pode ser da ordem do milénio ou milénios (isto já para não falar naqueles outros em que pode a mesma distância-tempo atingir as dezenas e centenas de milhares de anos). Não obstante, a questão é bem mais funda. No limite, atinge potencialmente todos os exercícios de contextualização, por mais singulares que sejam. Tomemos, do arsenal que melhor conhecemos, dois ou três exemplos paradigmáticos. Primeiro e mais rudimentar: quando Louis e Mary Leakey descobriram o *“Zinjanthropus boisei”* e, logo depois, alguns artefactos líticos talhados, foram levados a duvidar que tão robusta criatura pudesse estar na sua origem; receberam por isso de braços abertos a ulterior descoberta na mesma camada dos fósseis de criatura grácil, com maior capacidade craniana, a que chamaram *Homo e... habilis*, porque “obviamente” teria sido ele o autor dos ditos utensílios de pedra lascada. Mas a verdade é que *boisei* e *habilis* coexistem na mesma camada de Olduvai, sem que nenhum tenha vivido o suficiente para se reclamar autor dos ditos utensílios líticos. Segundo e um pouco mais sofisticado: não obstante a polémica que prossegue sobre o estatuto cultural do Castelperronense e a raridade dos sítios em que lhe surgem associados vestígios humanos, quase ninguém até hoje, nem mesmo os mais extremistas defensores de continuidades biológicas entre o *Homo sapiens neanderthalensis* e o *Homo sapiens sapiens*, pôs claramente a hipótese de que o esqueleto néandertal descoberto em 1979 no abrigo da “Roche à Pierrot”, próximo da aldeia de Saint-Cézaire, em camada atribuída àquela “cultura”, pudesse na realidade não estar-lhe associado, correspondendo tão-somente a indivíduo “mustierense” que, na escala do palimpsesto temporal próprio daquela camada (os vários séculos, quase o milénio), ali tivesse passado, sem ser o autor dos resíduos líticos antes ou depois deixados no solo. Mas no entanto nada impede que um tal cenário (que também consideramos pouco plausível) ou outros ainda mais “exóticos” existissem de facto¹¹. Terceiro e agora inversamente, no sentido da reclamação de extremo rigor: na sua militante cruzada contra a existência de práticas funerárias por parte dos néandertais, Robert Gargett chega ao ponto de negar a relação de contexto entre o esqueleto de La Chapelle-aux-Saints e a fossa onde foi encontrado, sugerindo que simplesmente “o ‘velho homem’ tenha caído no sono, ou talvez fugido do frio ou dos predadores, pouco antes do pequeno buraco ter sido aberto e aí morreu, tendo a protecção dada por esse espaço confinado e por um possível enterramento rápido no ambiente da gruta permitido que o esqueleto se preservasse” (GARGETT, 1989, p. 163). Ou seja: um esqueleto humano é encontrado em posição fetal dentro de uma fossa (natural ou não, pouco importa para o caso), mas nem esta associação pode ser tida por prova indiscutível da existência de enterramento, porque simplesmente o indivíduo pode ter ali adormecido e acabado por morrer naturalmente, apenas de velhice. Moral da história: o que estes três exemplos nos revelam, cada um à sua maneira, é a verdade elementar de que qualquer associação arqueológica está marcada pelos pressupostos de plausibilidade (há quem lhe chame “parcimónia”, manipulando com elegância, mas propósito discutível, um velho princípio das ciências biológicas) pré-existentes na cabeça do observador. Este será mais ou menos “exigente”, mais ou menos “condescendente” com os dados que manipula, na exacta medida em que os mesmos encaixem melhor ou pior nas suas expectativas, na sua “visão do mundo”.

Insistimos em que não se trata somente de uma questão de épocas. Claro que lá onde o posicionamento temporal de um qualquer acontecimento sofre de vícios de milénios ou séculos, mais se exerce uma espécie de rolo compressor, de tal forma que quanto mais recuamos no tempo, mais os comportamentos humanos nos parecem nebulosos. Não será

¹¹ Que seja do nosso conhecimento somente os originais descobridores (v., por exemplo, LÉVÊQUE & VANDERMEERSCH 1981), e pouco depois François Bordes (BORDES, 1981) colocaram até hoje a hipótese do néandertal de Saint-Cézaire poder não corresponder ao artesão responsável pela indústria da camada onde surge. Os primeiros perguntam-se, de forma muito passageira, se “ele não podia representar a vítima, mais do que o artesão desta indústria?”, reconhecendo que “com efeito, os dados actuais da cronologia absoluta não permitem afirmar que não tenha havido, em alguns pontos, contemporaneidade do Mustierense e do Castelperronense” (observação que hoje se encontra ainda mais ampliada). Bordes, na sua obstinação em negar o carácter autónomo do Castelperronense (designação que começava logo por contestar, dado não corresponder a nenhum estratotipo credível, na original “grotte des Fées”, em Châtelperron), assim como a sua autoria pelos néandertais, foi muito mais longe, colocando um conjunto de hipóteses pelo menos desconcertantes: a) corresponder o esqueleto a indivíduo aí introduzido na qualidade de caça obtida pelos ocupantes da gruta, praticantes do canibalismo; b) tratando-se de mulher, resultar de uma troca ou captura; c) poder não passar de indivíduo sapiens sapiens atávico, resultante da metissagem com os néandertais; d) ser finalmente apenas um caso esporádico em que um néandertal tinha aprendido a fazer aquele tipo de instrumentos, sem daí se poder concluir que toda a “cultura” castelperronense (ou Perigordense Antigo, como Bordes preferia) fosse atribuída àquela subespécie humana.

toda a teorização acerca da ausência de capacidades mapeadoras perceptivas e de comportamentos “logisticamente organizados” durante as fases iniciais do Paleolítico, de não diferenciação territorial e não discriminação funcional de espaços ocupados, apenas o resultado da fortíssima compressão que os seus milhares de “presentes” sofrem, quando os observamos através da nossa elevadíssima miopia? Mas o argumento é válido, em maior ou menor grau, para praticamente todos os períodos históricos. E isto sugere-nos enfim a suprema interrogação que o “jardineiro cocabichinhos” não deixaria de fazer: não será o passado insondável, em última análise?

Possuídos do optimismo histórico childeano (bem diverso, até oposto, ao optimismo antropológico binfordiano), cremos que não. Temos por saudável o cepticismo⁽¹⁾ em que já nos incluímos a nós próprios, no âmbito de toda uma reflexão geracional (a “geração de descrentes” - RAPOSO, 1994, p. 153), e outros retomaram, distinguindo-se assim da postura “possibilista” atribuída aos prosélitos das reconstituições etnográficas. Mas, perdoem-nos o materialismo positivista, acreditamos que, na nossa racionalização do Mundo, podemos pretender realizar uma crescente aproximação a realidades objectivas. Julgamos, por exemplo, estar fora de causa assimilar tipológica, cultural e cronologicamente “copos canelados” a vasos cardiais, meter do mesmo saco o chamado “conjunto campaniforme” e os micrólitos geométricos mesolíticos, sob pretexto de que ambos correspondem a sociedades de arqueiros, enfim, regressar à velha “batalha do Aurinhacense”, reclamando nova inversão na sequência das “culturas” do Paleolítico Superior. Entendemos que a construção do conhecimento científico se aproxima mais da imagem da espiral, em permanente crescimento para um nunca alcançado Céu (quando um dia a Ciência alcançar o Céu, converter-se-á em Religião...), do que da figura do ciclo vicioso, reduzido a intransponível labirinto, no qual o viandante mal se eleva acima do nível do solo. Ou seja: o passado é cognoscível... à sua maneira. Somos cépticos, é certo; sentimo-nos até frustrados com alguns dos desenvolvimentos teóricos muito em voga na Arqueologia contemporânea. Mas, para citar novamente Nicola Stern, achamos que “só aqueles que partilham uma frustração acerca das estratégias existentes na disciplina (leia-se, na Arqueologia) visando a interpretação dos registos arqueológicos deste tipo (leia-se, palimpsestos de longa duração), mas acreditam que esta base de dados tem o potencial de fornecer uma perspectiva alternativa do comportamento humano, abandonarão o colete de forças da segurança em favor da liberdade criativa” (STERN 1993: 222). Para nós as grandes limitações do chamado registo arqueológico, são igualmente as suas grandes virtualidades, na condição que as saibamos integrar numa teoria unificadora de História, de interrogação do passado. Tal como Ian Hodder (de quem não somos especiais consumidores, esclareça-se), também nós consideramos “perigoso pretender que o passado apenas é construído no presente... (que) os restos materiais do passado são apenas redes de resistência às nossas teorias” (HODDER 1992: 164). Assim como rejeitamos a visão ingénua de uma “História para a eternidade”, também nos repugna por igual a ideia de fazer do passado um mero “espelho ideológico de nós mesmos”. Ainda com Hodder, diríamos que “isto não serve para defender que passado e presente possam ser absolutamente separados, ou que o passado arqueológico possa ser objectivamente descrito como puro, livre de interesses contemporâneos. Mas serve para afirmar que passado e presente são construídos em relação um com o outro. Eles contribuem-se mutuamente de modos objectivos, pelos quais eu quero dizer que o presente teria sido diferente se derivado de um passado diferente, tal como o passado seria diferente se construído num presente diferente. Os contextos passados e presentes movem-se dialecticamente em relação um ao outro” (*id.*, *ibid.*).

Cépticos, pois. Mas não pessimistas. Muito menos angustiados. Longe de sermos pessimistas ao analisar as nossas bases documentais, pretendemos extrair delas aquilo que elas têm de melhor - e insubstituível. O nosso terreno, enquanto arqueólogos pré-historiadores, com base nos dados de que dispomos e na resolução cronológica a que acedemos, é o da História de longa duração, radicalmente distinto quer do relato etnográfico, quer da “História-batalha”. Distinto, mas não oposto: afinal também nós gostamos de ler as aventuras do clã que Brun tinha sob protecção do Urso das Cavernas, de observar dioramas em museus, de saber onde os Nunamiut escondem as suas reservas de carne, de sonhar com as descrições sobre o modo como se passou a noite em determinada gruta, enfim, de consumir relatos sobre “santos e heróis”... mas desde que tudo isso não limite, nem confunda, o cerne da nossa autenticidade disciplinar.

⁽¹⁾ “Cépticas” e “possibilistas”, assim foram apodadas por Wil Roebroeks as duas atitudes de espírito que hoje se evidenciam nos estudos da relação do Homem com o animal durante o Paleolítico. V. GAUDZINSKI & TURNER, 1996.

Afinal nem sequer divergimos muito, neste particular, daquilo que Lewis Binford, por exemplo, observou, na sua denúncia da pomposamente chamada “Arqueologia comportamental” (SCHIFFER, 1976), uma espécie de “terceira via” inventada por alguns dos “jovens dos anos 70” (FLANNERY, 1982), baseada no princípio de que pela recuperação de mini-pompeias os arqueólogos seriam um dia capazes de fotografar o passado com o mesmo colorido de etnólogos que entrevistam bosquímanos: “Eu nunca vi a reconstrução dos modos de vida pré-históricos na modalidade de etnografias pré-históricas como sendo um objectivo apropriado para a Arqueologia em geral. Era claro para mim que o enquadramento temporal da Etnografia é largamente inapropriado para a pesquisa arqueológica. As taxas de deposição são muito mais lentas do que a sequência rápida de eventos que caracteriza a vida diária dos povos vivos; mesmo nas melhores circunstâncias, o registo arqueológico representa um palimpsesto massivo de elementos derivados de bastantes episódios separados” (BINFORD, 1981, p. 231). Concordamos. Mas vamos mais longe, reconhecendo-nos totalmente nas já antigas, mas sempre actuais, advertências de Bruce Trigger: “a fraqueza de muita da teorização corrente em Arqueologia pode ser traçada como a tendência de alguns arqueólogos para tratarem a sua disciplina como um mero ‘tempo pretérito da etnologia’ ou uma espécie de ‘paleantropologia’, em vez de definirem os seus objectivos nos termos das potencialidades dos seus dados e perguntaram que tipo de questões eles se encontram melhores equipados para tratarem” (TRIGGER, 1973, p. 109). E tal como não somos partidários do optimismo sistémico que leva a considerar possível reconstituir o passado a partir de instantâneos fotográficos fixados em mini-pompeias criteriosamente seleccionadas e depuradas de ruídos pós-deposicionais, encaramos também com grande circunspecção a ideia de que as nossas dificuldades poderiam ser superadas pelo recurso a colecções de cromos obtidas no presente. Pelo contrário: na dialéctica inevitável que passado e presente estabelecem entre si, deixamos a outros a pretensão de atingirem o primeiro baseados na manipulação do segundo e tomamos sobre nós, de bom grado, a tarefa de explorar vias de entendimento centradas principalmente (mas não exclusivamente, note-se) em cacos e pedras, mantendo com eles as cumplicidades próprias de historiadores. Achamos que a nossa aproximação do passado não deve depender excessivamente do colorido actualista, que depressa pode converter-se, para usar uma expressão de Martin Wobst (1978), autor tão sacrificado pela utilização mecanicista abusiva que se tem feito das suas simulações sobre territórios e densidades populacionais de caçadores-recolectores, numa espécie de “tiranização etnográfica” dos dados arqueológicos. Como com bonomia observa Robert Kelly, “a Arqueologia é um caminho difícil no conhecimento do passado e por isso é talvez desculpável que muitos antropólogos sociais deixem de lado a Arqueologia quase por completo e se voltem em vez dela para a tão familiar falácia da analogia” (KELLY, 1995, p. 334-335). Ora, nós não apenas não somos, nem procuramos ser, antropólogos sociais como também não vibramos excessivamente com a “piscina” de exemplos etnográficos a que sabemos poder ir buscar quase tudo aquilo que desejamos comprovar. Somos historiadores e confiamos nas fontes documentais que manipulamos, enquanto arqueólogos. A nossa vantagem, a nossa irreduzível originalidade encontra-se naquilo que nos atreveríamos a chamar o “paradoxo das sepulturas neandertais”, utilizando o mais extremo exemplo de contextualização a que acima fizemos referência: mesmo se, vistos um a um, podem no limite pôr-se em causa todos os “presentes” etnográficos que as ditas sepulturas parecem sugerir, a ponto de nos sentirmos empurrados para becos sem saída, para angústias intransponíveis, nem por isso lhes deixamos de aceder através de outro tipo de interrogações, dirigidas a outro tipo de “evidências”. Afinal, e como salientam Catherine Farizy, Clive Gamble e Erik Trinkaus, entre outros, nos seus comentários ao artigo de Robert Gargett acima citado (1989: v. discussão, págs. 177-184), que outros comportamentos, senão o do enterramento e dos rituais funerários, poderiam explicar que, em período de tempo “tão curto”, algumas dezenas de milhares de anos, se tivessem: a) acumulado tantos cadáveres humanos, por vezes vários no mesmo espaço fechado, com os esqueletos mais ou menos completos, mantendo os ossos as respectivas posições e conexões anatómicas, ocorrência sem paralelo nas muitas centenas de milhares, mesmo milhões, de anos precedentes?; b) conservado, nesse total, mais de 1/4 de crianças, contrariamente ao que seria de esperar pela distribuição etária natural e a própria maior fragilidade (logo maior destruição potencial) de tais restos esqueléticos?

Nestes termos, compreende-se facilmente que o fundamento da reconstituição histórico-arqueológica não resida na maior ou menor quantidade e colorido das “cenas quotidianas”, as quais apenas interessarão pela sua “excepcionalidade” (pela sua exemplaridade histórica, não pela sua realidade etnográfica), mas na capacidade em interrogarmos as fontes pelo ângulo da longa duração. Enquanto pré-historiadores (termos que utilizaremos com a devida ênfase), não nos penalizemos, nem nos diminuamos, julgando-nos irremediavelmente perdidos entre “cacos e pedras”. Tenhamos até orgulho no contrário: da forma de sondar o passado que há muito fizemos nossa, acedendo à “longa duração”

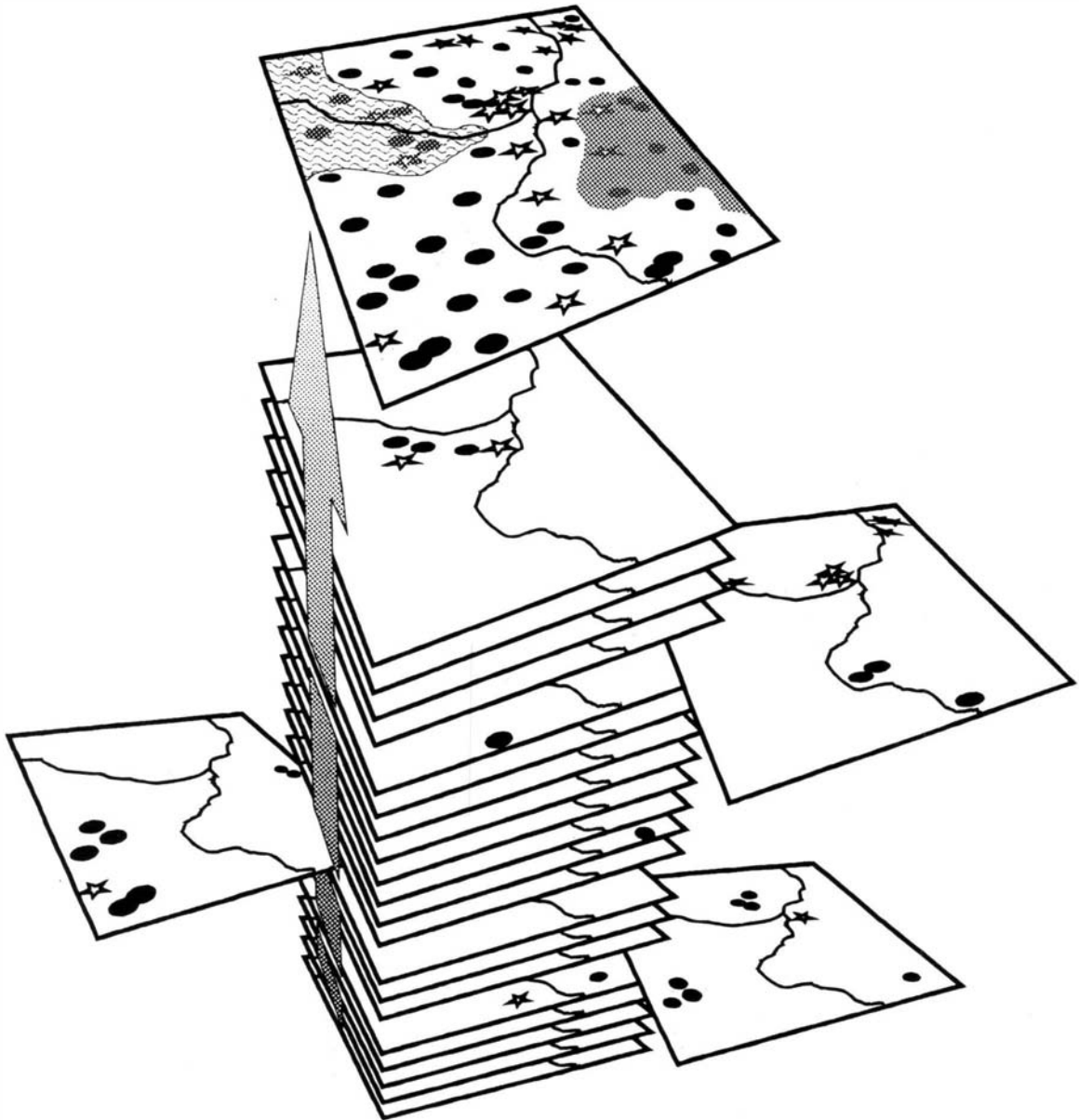


Fig. 2 – O “rolo compressor” do tempo. No esquema apresentado, que pode corresponder a um período da ordem dos séculos ou milénios, bem como das dezenas ou das centenas de milénios, sucessivos “presentes”, correspondentes a estratégias de fixação territorial diferenciadas, são objecto, à escala da resolução arqueológica aplicável, de uma “compressão” tal, que necessariamente produzirão imagens distorcidas do passado. Nestas condições, os vazios de informação podem muito mais ser devidos a factores relacionados com a evolução de geoesfera (variação dos níveis dos mares, alteração dos cursos dos rios, sedimentação das bacias flúvio-lacustres, erosão das superfícies culminantes, etc.) do que a reais padrões de ocupação humana. Por outro lado, as presenças inventariadas (sítios arqueológicos) aproximam-se, em função da maior ou menor amplitude de um tal palimpsesto, de um modelo em que os factores estatísticos puramente aleatórios se tornam indiscerníveis das distribuições humanas originais.

de Braudel (v. por exemplo, BRAUDEL, 1958) através dos “actos quotidianos excepcionais” de Gourhan (v., por exemplo, LEROI-GOURHAN, 1982, p. 181), deriva o carácter pioneiro e impulsionador da Arqueologia em relação à historiografia da segunda metade deste século, como já faziam notar os homens dos “Annales” e tem repetidamente sido salientado por autores como François Furet (v., por exemplo, FURET s/data: 106) ou Jacques Le Goff (v., por exemplo, LE GOFF, 1984, p. 219-220; 1986: 74), na defesa que fazem de uma “etno-história”⁽¹⁾ ou, mais poeticamente, daquilo que consideram ser uma espécie de “regresso a Heródoto”. Insistimos: o carácter pioneiro e impulsionador da Arqueologia, de toda a Arqueologia. Sim, porque iluminando-o embora pela dimensão radical que só ela possui, a Pré-história mais não faz do que chamar a atenção para o estatuto específico, múltiplo e contraditório, do tempo histórico: um tempo longo, muito longo, que resulta de escalas inteiramente estranhas tanto ao nosso posicionamento heurístico hodierno (muito fixado numa bitola, o século, que verdadeiramente apenas existe desde há 300 anos), como à própria percepção temporal das sociedades antigas (que nem no período romano chegaram a conceptualizar o milénio); e, simultaneamente, um tempo curto, tão curto que nele podemos chegar a ter a pretensão de contar minutos e segundos.

Bem vistas as coisas e para regressar ao nosso quase esquecido jardineiro, aquilo que realmente está na raiz da sua doença é o facto de, na sua atracção pelo presente, ter olvidado a natureza do passado. Há mesmo quem vá mais longe e diga que a sua angústia resulta tão-somente de ter acabado por descrever na capacidade informativa do passado, reduzindo-o a cacos e pedras dos quais pensa não poder extrair o reconhecimento mundano a que julga ter direito. Vista a esta luz, a crise do “jardineiro coca-bichinhos” é sobretudo uma crise vocacional, traduzida em tremendo sentimento de inferioridade. É um padecimento que radica na falta de entendimento do ofício de historiador, designadamente naquilo que ele tem de mais essencial: a percepção dos diferentes tempos vividos e a sua conversão em tempos de um discurso a que se chama histórico. Não se trata de maleita nova, daquelas para as quais os simpósios ainda não compendiam remédios. Nada disso. Em 1958, já Fernand Braudel a diagnosticava, num dos mais notáveis textos fundadores da chamada “Nova História”: “da crise que a nossa disciplina atravessou no decurso destes vinte ou trinta últimos anos, as outras ciências sociais estão bastante mal informadas e a sua tendência é a de conhecer mal, ao mesmo tempo do trabalho dos historiadores, um aspecto da realidade social de que o historiador é servidor, senão sempre um hábil vendedor: esta duração social, estes tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens, que não são apenas a substância do passado, mas também a tecitura da vida social actual” (BRAUDEL, *op. cit.*, p. 43).

Ora, nem o tempo presentista do inquérito sociológico ou etnográfico, que motivou os combates vigorosos dos homens dos “Annales”, nem muito menos o tempo “contínuo, uniforme, linear, divisível à vontade”, como se lhe refere Émile Benveniste, irmão-gémeo do tempo “absoluto, verdadeiro, matemático” newtoniano, que na realidade não existe e seria incognoscível, constituem ferramentas privilegiadas dos jardineiros arqueólogos, enquanto historiadores. São outros os seus tempos (sobre a pluralidade dos tempos históricos, tal como observados pela Arqueologia, v. o ensaio de Jorge Alarcão (ALARCÃO, 1994). Múltiplos, de ritmos diferentes, necessariamente reduzidos a sistemas de segmentação artificiais, mas nem por isso menos imprescindíveis, de menor interesse ou até maior irrealidade. Aparentemente, como dizia Benedetto Croce, “as épocas apenas têm um interesse mnemotécnico”. O que é certo, mas perigosamente insuficiente. “As periodizações servem para tornar pensáveis os factos” – essa é a sua maior e incontornável utilidade, como muito bem salienta Krzysztof POMIAN (1993), em excelente ensaio sobre a matéria. Pensáveis, mesmo como guias de explicação do presente e de acção futura: (as periodizações) “tentam apoderar-se dos imaginários para os desviar em sua vantagem, tornar o presente aceitável e legítimo não só em nome dum passado onde este pretende ter as suas origens mas também - sobretudo nos nossos dias - em nome do futuro...” (*id.*, *ibid.*: 209-210). É neste sentido que Maria Isabel Navarrete, pelo lado dos arqueólogos, teve a frontalidade de afirmar que toda a periodização deve ser, na sua essência, antimetodológica, isto é, anti-instrumental: “a periodização não é um instrumento de investigação, mas sim um dos seus

⁽¹⁾ Conceito que afinal incorpora numa longa tradição arqueológica, que vai da perspectiva inicial oitocentista dos fundadores da Pré-história, que assim designavam um tipo de estudo (mais do que um período) considerado diferente da pesquisa histórica (então confinada ao uso do documento escrito), mas que na realidade dela constitui parte integrante, até à obra capital de Leroi-Gourhan, que regressa ao velho conceito de “paletnologia”, no quadro da sua construção transdisciplinar de uma “etnologia histórica” (v., por exemplo, LEROI-GOURHAN, 1952, p. 84).

fins” (NAVARRETE, 1989, p. 139). Nada existe de mais acabado na forma como o arqueólogo reconstrói o passado, do que chamar por exemplo “Idade do Bronze” a determinado segmento de tempo. É uma síntese que vale pelo seu conteúdo, não pelo rótulo. O recurso a perífrases (do estilo “complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios”) em nada permitirá alcançar, por si só, plataformas superiores de entendimento. Nem muito menos a dúvida existencial quanto à realidade das unidades espaço-temporais que manipulamos. Perguntar se “existe uma Idade do Cobre” ou uma “cultura curgânica” é, sob certos aspectos, o mesmo que perguntar se “existe uma cultura portuguesa”. Todas existem – e não existem ao mesmo tempo, porque seguramente as realidades que recobrem poderiam ser reorganizadas em diferentes canteiros. Qual o drama? Não será nisto, na permanente reconfiguração de canteiros e vazios, que consistem os ofícios de arqueólogo-historiador e jardineiro?

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1994) - A Arqueologia e o tempo, *Conímbriga*, 32-33, p. 9-56.
- BEDNARIK, R. G. (1995) - “Metamorphology: in lieu of uniformitarianism”, *Oxford Journal of Archaeology*, 14, nº. 2, Oxford, p. 117-122.
- BINFORD, L. (1981) - Behavioral Archaeology and the ‘Pompeii Premise’ *Journal of Anthropological Research*, 33, nº. 3, p. 195-208. Volume consultado: *Working at Archaeology*, Academic Press, Nova York, 1983, p. 229-241.
- BORDES, F. (1975) - Sur la notion de sol d’habitat en préhistoire paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 72, nº. 5, p. 139-144.
- BORDES, F. (1980) - Question de contemporanéité: l’illusion des remontages. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo 77, nº. 5, p. 132-133.
- BORDES, F. (1981) - Un néandertalien encombrant. *La Recherche*, nº. 122, p. 644-645.
- BRAUDEL, F. (1958) - Histoire et Sciences Sociales. La longue durée. *Annales*, nº. 4, p. 725-753. Volume consultado: *Écrits sur l’Histoire*, ed. Flammarion, Paris, 1969, p. 41-83.
- BRUGAL, J.-Ph. & RAPOSO, L. (1995) - Foz do Enxarrique (Ródão, Portugal): first results of a bone assemblage from an open-air Middle Palaeolithic site. *Romisch-Germanisches Zentralmuseum*, Neuwied (no prelo).
- COYE, N. (1990) - Âges, époques et dates en Archéologie préhistorique, *Travaux du Laboratoire d’Anthropologie et de Préhistoire des Pays de la Méditerranée Occidentale*, Aix-en-Provence, p. 7-20.
- FLANNERY, K. (1982) - The Golden Marshalltown: a parable for the Archaeology of the 1980s. *American Anthropologist*. 84, p. 265-278.
- FURET, F. (s/data) - *Oficina de História*. Gradiva. Lisboa.
- GARGETT, R. H. (1989) - Grave shortcomings. The evidence for Neandertal burial. *Current Anthropology*, 30, nº. 2, p. 157-190.
- GAUDZINSKI, S. & TURNER, E. (1996) - The role of early humans in the accumulation of european Lower and Middle Palaeolithic bone assemblages. *Current Anthropology*, 37, nº 1, p. 153-156.
- HODDER, I. (1992) - The post-processual reaction. *Theory and practice in Archaeology*. Routledge, Londres.

- KELLY, R. L. (1995) - *The foraging spectrum: Diversity in hunter-gatherers lifeways*. Smithsonian Institution Press. Washington.
- LE GOFF, J. (1984) - História. *Enciclopédia EINAUDI*, vol. 1, ed. INCM, p. 158-259. Lisboa.
- LE GOFF, J. (1986) - A História do quotidiano. *História e Nova História*. Teorema. Lisboa, p. 73-82.
- LEROI-GOURHAN, A. (1952) - Sur la position scientifique de l'ethnologie. Volume consultado: *Le fils du temps*. Fayard. Paris, 1983.
- LEROI-GOURHAN, A. (1982) - *Les Racines du Monde*. Belfond. Paris.
- LÉVÊQUE, F. & VANDERMEERSCH, B. (1981) - Le néandertalien de Saint-Cézaire. *La Recherche*, nº 119, p. 242-244
- MORTILLET, G. de (1883) - *Le Préhistorique - origine et antiquité de l'homme*, 2ª. edição, 1885, C. Rienwald, Paris.
- NAVARRETE, M. I. (1989) - *Una revisión crítica de la prehistoria española: la Edad del Bronce como paradigma*. Siglo XXI, Madrid.
- PIGEOT, N.; PHILIPPE, M.; Le LICON, G. & MORGENSTERN, M. (1991) - Systèmes techniques et essai de technologie culturelle à Étioilles: nouvelles perspectives. *25 Ans d'Études Technologiques en Préhistoire. Bilan et Perspectives*, ed. C.R.A. do C.N.R.S., Ville d'Antibes, p. 169-185.
- POMIAN, K. (1993) - Periodização. *Enciclopédia EINAUDI*, 29, ed. INCM, p. 164-213.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. & SALVADOR, M. (1985) - Notícia da descoberta da estação mustierense da Foz do Enxarrique. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, p. 79-89.
- RAPOSO, L. (1989) - Sobre el concepto de Achelense. *Raña*, nº 8, p. I-VI.
- RAPOSO, L. (1994) - Últimas descobertas sobre a primeira ocupação humana da Ásia e da Europa. *Al-madan*. 2ª. série, nº. 3, p. 152-154.
- RAPOSO, L. (1995) - Ambientes, Territórios y Subsistencia en el Paleolítico Medio de Portugal. *Complutum*, p. 57-77.
- RAPOSO, L. & SILVA, A. C. (1996) - *A linguagem das coisas - ensaios e crónicas de Arqueologia* ed. Publ. Europa-América. "Forum da História". Lisboa.
- SCHIFFER, M. B. (1976) - *Behavioural Archaeology*. Academic Press. Nova York.
- STERN, N. (1993) - The Structure of the Lower Pleistocene Archaeological Record. *Current Anthropology*, 34, nº 3, p. 201-225.
- TRIGGER, B. (1973) - The Future of Archaeology is the Past. *Research and Theory in Current Archaeology*, ed. Ch. L. Redman. Robert E. Krieger Publ. Comp., p. 95-111.
- WOBST, H. M. (1978) - The Archaeo-Ethnology of Hunter-Gatherers or the tyranny of the ethnographic record in Archaeology. *American Antiquity*, 43, p. 303-309.

**ENTREGA DO PRÉMIO PROFESSOR CARLOS TEIXEIRA,
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA**

palavras proferidas pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso
na sessão pública da entrega do prémio (4 de Junho de 1996)

Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia
Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa
Ilustres Académicos
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Caros Colegas

Apenas umas breves palavras, aproveitando a oportunidade que me foi concedida.

Em primeiro lugar, para agradecer aos ilustres membros desta Academia a distinção recebida.

Em segundo lugar, para testemunhar o meu profundo reconhecimento a todas as entidades que viabilizaram a execução e apresentação pública do trabalho premiado. Constituindo dissertação de doutoramento, apresentada em Outubro de 1992 à Universidade Nova de Lisboa, cumpre-me, antes de mais, testemunhar publicamente ao orientador, o Prof. Doutor M. Telles Antunes, o muito que este trabalho lhe fica a dever, a começar pela iniciativa da sua realização.

Porém, este estudo jamais seria adequadamente divulgado no País e no Estrangeiro, conforme tem sido, se não fosse o empenho com que o Dr. Isaltino de Moraes, Ilustre Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, promoveu a sua publicação, sob a égide daquela Autarquia. A edição de tão volumosa obra - excepcional, no panorama autárquico do nosso País - ilustra, não apenas a confiança por ele depositada no trabalho e no Autor mas, sobretudo, a rara acuidade de uma consciência cívica, permanentemente atenta à divulgação dos mais diversos valores científicos e culturais, sem bairrismos desusados, desde que de qualidade.

A terminar, é com emoção que evoco a memória do Professor Carlos Teixeira. Tive o privilégio de com ele privar, quase diariamente, na derradeira fase da sua vida. Aprendi com ele que a crença no trabalho persistente e uma grande força de vontade são ingredientes indispensáveis a quem se abalança a uma carreira científica. Devo-lhe, sobretudo, o ter-me desvendado o prazer da procura do conhecimento científico. É, por isso, um privilégio ter sido distinguido com tal prémio, na ocasião em que ele é pela primeira vez atribuído.

A todos, muito obrigado.



Fig. 1 – Sob a presidência do Prof. Doutor José Pinto Peixoto, Sua Excelência o Ministro da Ciência e Tecnologia procede à entrega da medalha ao premiado.



Fig. 2 – O premiado, no uso da palavra, agradecendo a distinção recebida.

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE CONCELHO DE OEIRAS

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 1996

1 - INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) no ano de 1996.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Inventariação e Investigação do Património Arqueológico;
- Acções de Divulgação e de Valorização do Património Arqueológico.

2 - ACÇÕES DE INVENTARIAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1 - Inventariação

Realizou-se o inventário, incluindo lavagem, marcação e arquivo de cerca de mil peças recolhidas nas campanhas de escavação do povoado pré-histórico de Leceia nos anos de 1995 e 1996.

Deu-se, deste modo, seguimento, ao inventário sistemático dos materiais ali recolhidos, indispensável aos estudos que ulteriormente serão efectuados. É de salientar que se encontra concluído o inventário de todas as peças recolhidas naquele povoado desde o início das escavações sistemáticas do mesmo, em 1983, incluindo a inventariação das peças obtidas na última campanha de escavações, que teve lugar em Agosto do corrente ano.

De igual modo foi realizado o inventário das peças recolhidas nas escavações dirigidas pelo signatário nas estações da Idade do Ferro de Outurela I e Outurela II (Idade do Ferro), depositadas no CEACO, num total de cerca de mil e oitocentos espécimes.

Semelhante tratamento teve ainda o material obtido em escavações dirigidas pelo signatário de 1983 a 1987 no povoado da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda (Concelho de Lisboa), depositado no CEACO, perfazendo o total de cerca de duas mil peças.

2.2 - Investigação

2.2.1 - Escavações Arqueológicas

- Prosseguiu em Agosto a escavação sistemática do povoado pré-histórico de Leceia, com a realização da décima-quarta campanha de escavações, tal como as anteriores dirigida pelo signatário. No final desta última campanha, cerca de 8/10 da área primitivamente ocupada pela estação encontrava-se escavada, correspondendo a, aproximadamente, 8000 m². Tal área faz de Leceia o povoado pré-histórico existente no território português até ao presente escavado em maior extensão, conferindo-lhe importância ímpar, no contexto da pré-história europeia, como vem sendo reconhecido internacionalmente.

2.2.2 - Prospecções Arqueológicas

O signatário realizou, em Julho e Setembro, prospecções no leito da ribeira de Barcarena, com o objectivo de confirmar a localização de antigos almofarizes da antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena, tendo em vista a sua recuperação para o futuro Museu de Pólvora Negra, a instalar no núcleo antigo da referida Fábrica.

Em Dezembro, o único desses almofarizes que foi possível localizar, foi removido do leito da ribeira e transportado para o local do futuro Museu.

Procedeu também o signatário no decurso de 1996 ao acompanhamento preventivo de grandes obras que requereram movimentações significativas de terras, então em curso em diversos locais do Concelho.

2.2.3 - Projectos de Investigação

As acções de escavação descritas anteriormente foram, até 1995, apoiadas por um Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo então IPPC, em 1983, dirigido pelo signatário. Porém, a diversidade das estações a que, no âmbito da sua actividade, o CEACO é, cada vez mais, chamado a intervir, levou o signatário à elaboração de novo Projecto de Investigação, melhor adaptado à realidade referida, o qual foi enviado pelo Senhor Presidente da CMO ao Presidente do IPPAR em 21 de Julho de 1994 e mereceu superior aprovação desta entidade em 12/4/95 (ofício n.º DA 94/1 (174). Ficou desta forma salvaguardado um dos requisitos legais que deverão presidir à solicitação de autorização para a realização de escavações arqueológicas. Foi ao abrigo deste Projecto que se executou a campanha de escavações no povoado pré-histórico de Leceia, em Agosto do corrente ano.

2.2.3.1 - Trabalhos Laboratoriais e de Gabinete

Prosseguiu em 1996 a triagem de sedimentos obtidos no povoado pré-histórico de Leceia à lupa binocular, tendo em vista a obtenção de restos de pequenos mamíferos (especialmente roedores e insectívoros) que permitiram, pela primeira vez, a sua identificação específica, objecto de publicação no Vol. 6 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras. De igual modo foi realizada a triagem de grãos de quartzo para estudos morfoscópicos. Estes trabalhos têm sido em grande parte desenvolvidos por jovens do Programa OTL, coordenado pelo Gabinete da Juventude/CMO, os quais têm prestado excelente colaboração.

No âmbito desta rubrica, avultam ainda os estudos laboratoriais realizados sobre materiais arqueológicos de diferentes épocas e proveniências, os quais deram ou darão origem a publicações de co-autoria, patrocinadas por entidades ou investigadores que ao coordenador do CEACO solicitaram colaboração científica:

– Estudo sedimentológico de depósitos arqueológicos do século V a.C. coevos da ocupação fenícia identificada na Baixa Pombalina (Estudo solicitado pelo Dr. Clementino Amaro, Chefe de Divisão do IPPAR e coordenador dos respectivos trabalhos arqueológicos);

– Estudo sedimentológico de depósitos arqueológicos do povoado do Neolítico antigo da Moita, solicitado pela Dr^a. Joaquina Soares, Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Prosseguiu ininterruptamente durante o ano de 1996 o desenho de materiais arqueológicos, destinados a ilustrar trabalhos de investigação ou de divulgação, realizados no CEACO por desenhador especialista de Arqueologia.

Em 1996 foi executada a versão definitiva da planta do mosaico romano da Rua das Alcássimas, publicada no Vol. 6 dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”.

3 - ACCÇÕES DE DIVULGAÇÃO E DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

3.1 - Publicações

3.1.1 - *Permutas*

Manteve-se a permuta com diversas Instituições, Universidades e Museus, nacionais e estrangeiros. Em Dezembro do corrente ano, a revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras” permutava com 23 revistas periódicas nacionais e 68 internacionais todas de carácter arqueológico, assim distribuídas por Países:

Alemanha - 4; Espanha - 53; França - 5; Inglaterra - 2; Itália - 2; Marrocos - 1; Mónaco - 1.

De salientar a importância do acervo documental, de carácter especializado, assim reunido, viabilizando o adequado reconhecimento de realidades arqueológicas de outros Países e regiões.

Julga-se que, ao fazer chegar a Instituições numerosas de diversos Países, além das nacionais, a actividade que, no domínio da Arqueologia, a Câmara Municipal de Oeiras vem desenvolvendo através deste Centro de Estudos Arqueológicos, se está a contribuir, poderosamente, para a divulgação das actividades que, neste domínio vêm sendo exemplarmente desenvolvidas pela Autarquia cuja qualidade e importância, reconhecida internacionalmente, se pode aferir pelo nível científico das permutas estabelecidas.

Conforme despacho presidencial, estas publicações, pelo seu carácter especializado, conservam-se no CEACO, podendo, porém, qualquer artigo delas constante, ser fornecido por fotocópia, mediante solicitação de eventuais interessados.

3.1.2 - *Revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras”*

A apresentação pública do volume 5 dos E. A. O. foi efectuada em 25 de Abril do corrente ano, por ocasião da inauguração da nova Biblioteca Municipal, onde constituiu o “Livro do Mês” de Maio.

Encontra-se no prelo o vol. 6, contendo, tal como o anterior, dezanove artigos de Arqueologia, de índole diversa, interessando, para além do território oeirense, a região da Grande Lisboa e Vale do Tejo, área natural onde o Concelho de Oeiras se insere.

3.1.3 - *Outras Publicações*

A acção do CEACO tem-se projectado muito para além dos limites geográficos do Concelho de Oeiras, através de trabalhos científicos de que o signatário foi autor ou co-autor. Citam-se apenas aqueles em que foi expressa a sua qualidade de Coordenador do CEACO, publicados no decurso do ano de 1996:

- A necrópole tardo - romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar. *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1992), p. 407-414. Barcelona, Institut d'Étudies Catalans. De col. com G. Cardoso.
- O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.
- Barragens romanas do distrito de Castelo Branco e barragem de Alferrarede. *Conimbriga*, 34, p. 75-127. De col. com A. de Carvalho Quintela e J. M. Mascarenhas.
- O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. *In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (Coord. de J. de Alarcão). Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia, p. 73-81. Lisboa, Instituto Português de Museus.
- Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português: o testemunho dos mamíferos. *In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (Coord. de J. de Alarcão). Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia, p. 160-170. Lisboa, Instituto Português de Museus.
- Contribution d'une série de datations ¹⁴C provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Extremadura Portugaise. *Actas du Colloque de Périgueux* (1995). Supplément à la Revue d'Archéometrie (1996), p. 45-50. De col. com A. M. Monge Soares.
- As praias calabrianas da Estremadura Portuguesa e as primeiras comunidades peninsulares: o estado da questão. *Actas dos 2.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (1995), 1, p. 213-254. Cascais, Câmara Municipal / Faculdade de Letras de Lisboa.
- Povoado pré-histórico de Leceia. *Ecoambiente*, 1, p. 16.
- A Geoarqueologia. Fundamentos e métodos. *Al-Madan*, s. II, 5, p. 70-77. Almada, Centro de Arqueologia de Almada.
- Objectivos e princípios metodológicos da Arqueozoologia. Estado da questão em Portugal. *Al-Madan*, s. II, 5, p. 78-88. Almada, Centro de Arqueologia de Almada.
- Mosaico de Oeiras. *Centros Históricos*, 5/6, p. 22-31. Revista da Associação dos Municípios com Centro Histórico. De col. com M. Varela Gomes e M. C. André.
- Aspectos do quotidiano numa casa de Silves durante o século XV. *XELB*, 3, p. 37-82. Revista do Museu Municipal de Arqueologia de Silves. De col. com M. Varela Gomes e R. Varela Gomes.

3.2 - Palestras

No ano de 1996, o signatário proferiu as seguintes palestras no âmbito da arqueologia concelhia:

- Integradas em visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia:
 - a alunos da Licenciatura em História da Universidade Lusíada;
 - a participantes no Encontro sobre Imprensa Regional, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras;
 - a alunos da Escola Secundária da Amadora;
 - a alunos da Licenciatura em Antropologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa;
 - a membros do Centro Português de Geo-História e Pré-História;
 - a membros do GEOTA - Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente;
 - a visitantes do 1.º Fórum da Sustentabilidade de Oeiras - Oeiras XXI;
 - a participantes do IV Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico;
 - a participantes no 1.º Ciclo de Estudos Oeirenses;

- Outras palestras:

- Trabalhos do Doutor Georges Zbyszewski em Portugal. Palestra proferida no Gabinete de Estudos Olisiponenses (Câmara Municipal de Lisboa);

- Do Paleolítico inferior à Idade do Ferro no Concelho de Oeiras: percursos da presença humana. Arqueologia urbana em Oeiras: três casos paradigmáticos. Palestra proferida no 1.º Ciclo de Estudos Oeirenses, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras;

- O Ambiente e a Sociedade: o povoado pré-histórico de Leceia como exemplo de interação desarmoniosa no IV e III milénios a.C.. Intervenção apresentada no 1.º Fórum da Sustentabilidade de Oeiras - Oeiras XXI.

3.3 - Visitas Guiadas

Durante o ano de 1996 realizaram-se 25 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da Grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município. Ascendeu a cerca de mil o número total aproximado de visitantes, assim distribuídos:

Janeiro

- visita de grupo de alunos do 3.º ano do Externato “As Descobertas”, do Restelo (cerca de 20 alunos).

Fevereiro

- visita de grupo de alunos do 3.º ano da Escola Primária nº. 4 de Oeiras (cerca de 40 alunos).

Março

- visita de grupo de alunos de Arqueologia da licenciatura em História da Universidade Lusíada de Lisboa (cerca de 50 alunos).

Abril

- visita de membros do Grupo “Reencontro com o Concelho” no âmbito do programa organizado pelo Sector de Acção Social / DESAS / CMO (cerca de 35 pessoas);

- visita de grupo de alunos do 7.º ano da Escola Secundária de Freixianda, Concelho de Ourém (cerca de 60 alunos);

- visita de grupo de jovens, estudantes do 12.º ano, do Centro Escolar Cultural Português de Lyon - França, no âmbito de programa de intercâmbio com o Gabinete de Apoio à Juventude/CMO (cerca de 10 alunos);

- visita de participantes no Encontro sobre Imprensa Regional do Continente e Ilhas, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras (cerca de 30 pessoas).

Mai

- visita de alunos da Escola Secundária da Amadora (cerca de 30 alunos);

- visita de alunos da Licenciatura em Antropologia, disciplina de Antropobiologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (cerca de 25 alunos);

- visita de grupo de alunos do Clube de Arqueologia da Escola Secundária Camilo Castelo Branco de Carnaxide (cerca de 20 alunos);

- visita de alunos do 4.º ano da Escola Primária nº. 4 de Oeiras (cerca de 40 alunos);

- visita de membros da Associação “Olho Vivo”, de Queluz (cerca de 10 pessoas).

Junho

- visita de membros da Associação Nacional de Professores - Secção de Pombal (cerca de 50 pessoas);
- visita de grupo de alunos do 8º. ano da Escola Secundária do Bombarral (cerca de 25 alunos).

Julho

- visita de grupo de jovens dos 10 aos 13 anos, no âmbito do programa do GAJ/CMO: “Quero Conhecer o Concelho de Oeiras” (cerca de 70 jovens).

Outubro

- visita de membros do Centro Português de Geo-História e Pré-História (cerca de 15 pessoas).

Novembro

- visita de grupo de alunos do 7º. ano da Escola Secundária de Porto Salvo (cerca de 100 alunos);
- visita de membros do GEOTA - Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente (cerca de 20 pessoas);
- visita de alunos do 7º. ano da Escola Secundária de Mafra (cerca de 50 alunos);
- visita de participantes do IV Encontro Nacional dos Municípios com Centro Histórico (cerca de 40 pessoas);
- duas visitas no âmbito da Exposição “Preparar Oeiras para o século XXI” (cerca de 100 pessoas).

Dezembro

- visita de membros da Academia Cultural para a Terceira Idade, de Oeiras (cerca de 30 pessoas);
- visita de grupo de alunos do 3º. ano do Externato “As Descobertas”, do Restelo (cerca de 20 pessoas);
- visita de participantes no 1º. Ciclo de Estudos Oeirenses, promovido pela C.M.O. (cerca de 50 pessoas);
- visita de membros da Associação “Olho Vivo” com um grupo de jovens da Outurela.

3.4 - Exposições

Janeiro a Março

Prolongamento da Exposição: “A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder” que decorreu no Museu Nacional de Arqueologia; nela o CEACO foi solicitado a colaborar mediante a cedência de peças provenientes do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, obtidas em escavações dirigidas pelo signatário, as quais se encontram depositadas nas instalações deste Centro.

Março

Participação na Exposição “A Idade do Ferro em Portugal”, realizada no Museu Nacional de Arqueologia, mediante a cedência de peças recolhidas na estação arqueológica da Tapada da Ajuda, as quais transitaram em continuidade da Exposição precedente.

Abril

Participação na Exposição Inaugural da Biblioteca Municipal de Oeiras, a 25 de Abril, mediante a cedência de fotografias relativas às escavações arqueológicas do povoado pré-histórico de Leceia.

Junho

Participação na Exposição de Autores Caxienses “De Domingos António Sequeira aos nossos dias”, organizada pelo Centro Comunitário Paroquial de Nossa Senhora das Dores, em Caxias.

Outubro

Participação na Exposição “Preparar Oeiras para o século XXI” promovida pela Câmara Municipal de Oeiras no Tagus Park, integrada no 1º Fórum da Sustentabilidade de Oeiras; foi consubstanciada pela cedência de materiais gráficos ilustrativos de intervenções arqueológicas na área concelhia, conduzidas pelo signatário.

3.5 - Outras Colaborações

Fevereiro

Ofício - resposta à Assembleia Distrital de Lisboa sobre colaboração na área da Arqueologia.

Março

Participação em mesa - redonda promovida pela Câmara Municipal do Seixal no âmbito das “1.ªs Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado”, em representação da Câmara Municipal de Oeiras.

Apoio ao Sr. Filipe Dias de Oliveira, aluno finalista de Arquitectura da Universidade Lusíada na elaboração de trabalho académico sobre a musealização do povoado pré-histórico de Leceia, integrado na disciplina Projecto V.

Setembro

Resposta ao inquérito promovido pela Associação Nacional de Municípios Portugueses “Municípios e Arqueologia”.

Outubro

Reunião com a Associação “Olho Vivo” com vista à realização de visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e à elaboração de um folheto explicativo, para o qual foi cedido material gráfico.

3.6 - Museu de Sítio do Povoado Pré-Histórico de Leceia

As escavações arqueológicas efectuadas no corrente ano no povoado pré-histórico de Leceia, dirigidas pelo signatário, puseram a descoberto o prolongamento, para nordeste, da primeira linha defensiva do povoado, que se julgava totalmente destruída pela lavra de pequena pedreira antiga, existente no local.

Verifica-se que o sector da muralha identificado em 1996 atinge em toda a extensão a área reservada para a implantação do Museu de Sítio. O respectivo projecto de arquitectura, executado pelo G. P. E. - Sector dos Centros Históricos e aprovado por esta Câmara Municipal, aguardava parecer do IPPAR, a cujo Departamento de Arqueologia foi enviado, em Novembro de 1995, pela Presidência, para apreciação, como a Lei impõe. Tal situação, que inviabiliza a construção daquela unidade museológica no local previsto, motivou as seguintes acções por parte do signatário:

- comunicação verbal ao Director do Departamento de Arqueologia do IPPAR, tendo ficado acordado a suspensão do processo;

- reunião no local com os Srs. Arqs. Vaz do Carmo e E. Lisboa, em Outubro p. p., tendo em vista a selecção de local alternativo, o que foi conseguido.

O troço da estrutura arqueológica referida encontrava-se totalmente enterrado, à superfície. Por outro lado, a sua inflexão anómala, face ao desenvolvimento que evidencia o sector da mesma muralha já escavado, a qual propiciou a sua própria conservação, afigurava-se totalmente impossível de prever *a priori*, ao menos à luz dos critérios de que dispomos para a interpretação da realidade arqueológica.

Face ao exposto, foi proposto pelo signatário que se promovesse a adaptação do projecto museológico existente às condicionantes do novo local seleccionado, o que mereceu despacho favorável do Senhor Presidente, que decidiu dar conhecimento à Câmara Municipal dos desenvolvimentos da situação (despacho de 12/12/96).

4 - CIRCUITOS DE VISITA AO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA

Foi elaborado no CEACO o projecto dos circuitos de visita previstos para a estação em epígrafe, em coordenação com a D.A.D. - Divisão de Administração Directa da C.M.O., constando de planta e de pormenores construtivos das estruturas de madeira a serem implantadas.

O concurso de adjudicação da primeira fase já decorreu, prevendo-se que os trabalhos se iniciem ainda em 1996. Esta obra permitirá uma adequada circulação de visitantes pela área escavada, evitando a destruição, ainda que involuntária, das estruturas postas a descoberto, ao mesmo tempo que viabilizará uma melhor compreensão das mesmas, por parte dos visitantes, através de sinalização complementar, a instalar oportunamente.

5 - PRÉMIOS E DISTINÇÕES

- A obra “Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal”, que constituiu dissertação de doutoramento do signatário, editada pela Câmara Municipal de Oeiras em 1993, obteve o prémio Professor Carlos Teixeira, da Academia das Ciências de Lisboa. Trata-se da primeira vez que tal prémio foi concedido. A entrega do mesmo, por Sua Excelência o Ministro da Ciência e Tecnologia, efectuou-se no dia 4 de Junho do corrente ano, tendo comparecido à cerimónia, em representação do Senhor Presidente da C. M. O., o Dr. Armindo de Azevedo, Assessor da Presidência.

- Pelos seus trabalhos e *Curriculum Vitae*, o signatário foi eleito Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História, em sessão de 18 de Dezembro de 1996. Embora tratando-se de distinção pessoal, a tal deliberação não foi seguramente alheia a produção científica que tem sido directamente patrocinada pela Câmara Municipal de Oeiras, através deste Centro de Estudos Arqueológicos. Nesta medida, tal distinção deverá ser estendida à Autarquia, que a tornou possível e, muito especialmente, ao Dr. Isaltino de Moraes, que tem firmemente apoiado as actividades referidas.

6 - CONCLUSÃO

Os trabalhos de índole arqueológica desenvolvidos em 1996 no CEACO deram continuidade aos objectivos estratégicos e programáticos anteriormente definidos. Verificou-se uma estabilização do número de visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, denunciando o hábito, já adquirido, especialmente pelos estabelecimentos escolares concelhios, de promoverem deslocações de estudo àquela estação arqueológica.

Por outro lado, a actividade de edição de trabalhos arqueológicos prosseguiu com o ritmo idêntico ao atingido em 1995: disso é prova o volume 6 dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, actualmente no prelo, contendo vinte e dois artigos científicos, igual número dos publicados no volume 5, lançado em Abril do corrente ano. Pode afirmar-se que,

com tal volume de publicações, a Câmara Municipal de Oeiras tem constituído exemplo e estímulo para outras Autarquias, que, no País, vêm procurando, de forma crescente, desenvolver esta área, nos seus territórios.

Deu-se continuidade, com idêntico empenho, a colaborações estabelecidas com diversos arqueólogos, ou instituições, projectando-se, deste modo, a actuação do CEACO muito para além dos limites administrativos do Concelho.

Porém, onde as actividades de investigação e divulgação do Património Arqueológico concelhio se encontram mais expressivamente espelhadas, é no amplo conjunto de revistas de índole arqueológica com as quais os “Estudos Arqueológicos de Oeiras” mantêm ou estabeleceram permuta, no decurso de 1996. Verifica-se, com efeito, que no final de 1995 se recebiam por permuta 18 revistas periódicas nacionais e 17 internacionais, tendo, em 1996, tais valores subido para 23 revistas nacionais e 68 internacionais, todas de carácter arqueológico, facto bem demonstrativo da qualidade da investigação desenvolvida neste domínio pelo CEACO, constituindo exemplo ímpar no panorama arqueológico nacional.

Crê-se que o sucesso das iniciativas protagonizadas pelo CEACO - já reconhecido em 1995 pela Câmara Municipal de Oeiras, ao atribuir ao signatário a Medalha de Ouro de Mérito Municipal - foi, em 1996, publicamente confirmado, pela entrega do Prémio Professor Carlos Teixeira, da Academia das Ciências de Lisboa, por Sua Excelência o Ministro da Ciência e Tecnologia, em cerimónia havida em 4 de Junho de 1996 e ainda pela sua eleição, em 18 de Dezembro do corrente ano, como Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História. Embora tratando-se de distinção pessoal, para ela terão contribuído seguramente os estudos que o signatário vem desenvolvendo no Concelho de Oeiras desde o início da década de 1970, de forma mais consequente e profícua após a criação deste Centro de Estudos Arqueológicos.

Se ambas as distinções aludidas representam o reconhecimento oficial, ao nível das mais altas instâncias, da valia do trabalho desenvolvido no CEACO, constituirão, decerto, por outro lado, estímulo para prosseguir, com vontade e empenho acrescidos.

Paço de Arcos, 23 de Dezembro de 1996

O Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Prof. Doutor João Luís Cardoso